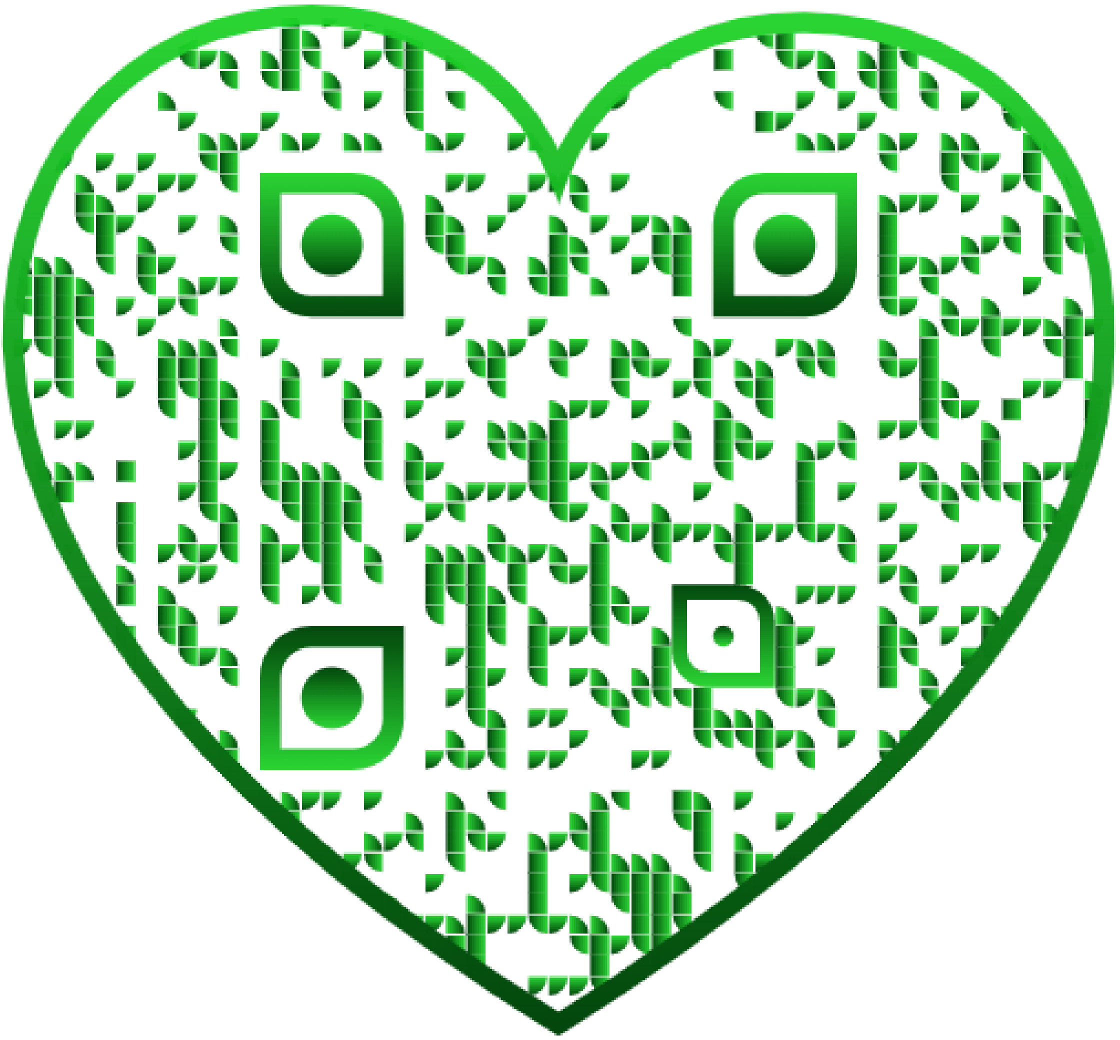
OBRA POÉTICA de FERNANDO PESSOA

EDITORA NOVA FRONTEIRA



OBRA POÉTICA de FERNANDO PESSOA

VOLUMES 1 E 2

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

Direitos de edição da obra em língua portuguesa no Brasil adquiridos pela EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A. Todos os direitos reservados. Nenhuma parte desta obra pode ser apropriada e estocada em sistema de banco de dados ou processo similar, em qualquer forma ou meio, seja eletrônico, de fotocópia, gravação etc., sem a permissão do detentor do copirraite.

EDITORA NOVA FRONTEIRA PARTICIPAÇÕES S.A.
Rua Nova Jerusalém, 345 – Bonsucesso – 21042-235
Rio de Janeiro – RJ – Brasil
Tel.: (21) 3882-8200 – Fax: (21) 3882-8212/8313

CIP-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

P5670 Pessoa, Fernando 1988-1935
Obra poética de Fernando Pessoa : volume 1 / Fernando Pessoa. - 2. ed. - Rio de Janeiro : Nova Fronteira, 2016.

Formato: ebook
Requisitos do sitema:
Modo de acesso: world wide web
ISBN 9788520941157 (recurso eletrônico)

1. Poesia portuguesa. I. Título.

CDD: 869.1
CDU: 821.134.3-1

Edição digital: março 2017

Arquivo ePub produzido pela **Simplíssimo Livros**

OBRA POÉTICA de FERNANDO PESSOA

VOLUME 1

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

SUMÁRIO

NOTA DO EDITOR

POESIA DE FERNANDO PESSOA

MENSAGEM

PRIMEIRA PARTE, BRASÃO

I. Os campos: O dos Castellos; O das quinas; II. Os castellos: Ulysses; Viriato; O conde D. Henrique; D. Tareja; D. Affonso Henriques; D. Diniz; D. João, o Primeiro; D. Philippa de Lencastre; III. As quinas: D. Duarte, rei de Portugal; D. Fernando, rei de Portugal; D. Pedro, Regente de Portugal; D. João, infante de Portugal; D. Sebastião, rei de Portugal; IV. A coroa: Nunalvares Pereira; V. O timbre: A cabeça do Grypho / O infante D. Henrique; Uma asa do Grifo / D. João, o segundo; A outra asa do Grypho / Affonso de Albuquerque

SEGUNDA PARTE, MAR PORTUGUEZ

I. O infante; II. Horizonte; III. Padrão; IV. O mostrengo; V. Epitaphio de Bartolomeu Dias; VI. Os Colombos; VII. Occidente; VIII. Fernão de Magalhães; IX. Ascensão de Vasco da Gama; X. Mar portuguez; XI. A última Nau; XII. Prece

TERCEIRA PARTE, O ENCOBERTO

I. Os symbolos: D. Sebastião; O Quinto Império; O desejado; As ilhas afortunadas; O encoberto; II. Os avisos: O Bandarra; Antonio Vieira; *Screvo meu livro à beira-magua*.; III. Os tempos: Noite; Tormenta; Calma; Antemanhã; Nevoeiro

À MEMÓRIA DO PRESIDENTE-REI SIDÓNIO PAES

QUINTO IMPÉRIO

CANCIONEIRO

À guisa de prefácio; Quando ela passa; Em busca da beleza; Mar. Manhã; Visão; Análise; *Ó naus felizes, que do mar vago*; Hora morta; *Que morta esta hora!*; Impressões do crepúsculo; Hora absurda; Dobre;

Além-Deus; Chuva oblíqua; *As tuas mãos terminam em segredo*.; Canção; *Serena voz imperfeita, eleita*; Uns versos quaisquer; *Como a noite é longa!*; *Bate a luz no cimo*; *Saber? Que sei eu?*; *Vai redonda e alta*; *Sopra demais o vento*; *Chove? Nenhuma chuva cai…*; *Ameaçou chuva. E a negra*; *Meu pensamento é um rio subterrâneo*.; *Não sei, ama, onde era*.; Passos da cruz; *Há no firmamento*; *Súbita mão de algum fantasma oculto*; *Para onde vai a minha vida, e quem a leva?*; Intervalo; Episódios / A múmia; Ficções do interlúdio; *O sol às casas, como a montes*,; *Ah! A angústia, a raiva vil, o desespero*; *Onde pus a esperança, as rosas*; Abdicação; *Ah, quanta vez, na hora suave*; *Feliz dia para quem* é; Natal; *No entardecer da terra*; *Ó sino da minha aldeia*,; *Leve, breve, suave*,; *Pobre velha música!*; *Dorme enquanto eu velo…*; *Sol nulo dos dias vãos*,; *Trila na noite uma flauta. É de algum*; *Põe-me as mãos nos ombros…*; *Manhã dos outros! Ó sol que dás confiança*; *Treme em luz a água*; *Dorme sobre o meu seio*,; *Ao longe, ao luar*,; *Em toda a noite o sono não veio. Agora*; *Ela canta, pobre ceifeira*,; *Sonho. Não sei quem sou neste momento*.; *Nada sou, nada posso, nada sigo*.; *Não é ainda a noite*; *Pouco importa de onde a brisa*; O menino da sua mãe; Marinha; *Paira à tona de água*; Qualquer música; Depois da feira; *Natal… Na província neva*.; *Tenho dó das estrelas*; Abat-jour; *Um muro de nuvens densas*; *Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar*,; *Como inútil taça cheia*; Gomes Leal; *Boiam leves, desatentos*; *Contemplo o lago mudo*; *Às vezes entre a tormenta*,; *Dá a surpresa de ser*.; *Tenho dito tantas vezes*; *Lenta e quieta a sombra vasta*; *Chove. É dia de Natal*; *Por trás daquela janela*; O último sortilégio; *Gato que brincas na rua*; *Não: não digas nada!*; *De onde é quase o horizonte*; *Vaga, no azul amplo solta*,; O andaime; *Hoje que a tarde é calma e o céu tranquilo*,; *Guia-me a só a razão*.; *Há quase um ano não 'screvo*.; *Furia nas trevas o vento*; *A morte é a curva da estrada*,; *Quem bate à minha porta*; Iniciação; *Na sombra do Monte Abiegno*; *Do vale à montanha*; *Cansa sentir quando se pensa*.; *Não meu, não meu é quanto escrevo*.; *Sorriso audível das folhas*,; Autopsicografia; Isto; *Passa uma nuvem pelo sol*.; *É brando o dia, brando o vento*.; *Entre o luar e a folhagem*,; *Ouço, como se o cheiro*; *Nuvens sobre a floresta…*; *Não sei se é sonho, se realidade*,; *Aqui onde se espera*; *Redemoinha o vento*,; *Momento imperceptível*,; *Vai alto pela folhagem*; *Quando as crianças brincam*; *Passos tardam na relva*; *O que me dói não é*; *Por que é que um sono agita*; *Contemplo o que não vejo*.; *Entre o sono e sonho*,; *A morte chega cedo*,; *Repousa sobre o trigo*; *Tudo que faço ou medito*; *Se eu, ainda que ninguém*,; *Tenho tanto sentimento*; *Durmo. Se sonho, ao despertar não sei*; *Viajar! Perder países!*; *Que coisa distante; Na ribeira deste rio*; *No mal-estar em que vivo*,; *Quando era criança*; *Chove. Há silêncio, porque a mesma chuva*; *Grandes mistérios habitam*; *Dorme, que a vida é nada!*; *Não sei que sonho me não descansa*; Fresta; *Onda que, enrolada, tornas*; *Montes, e a paz que há neles, pois são longe…*; *Neste mundo em que esquecemos*; *Foi um momento*; *Cessa o teu canto!*; Eros e Psique; *Houve um ritmo no meu sono*.; *Azul, ou verde, ou roxo quando o sol*; *Começa a ir ser dia*,; A Outra; *Não me digas mais nada. O resto é a vida*.; *Teus olhos entristecem.; Há doenças piores que as doenças*,; *No ouro sem fim da tarde morta*,; *Sonhos, sistemas, mitos, ideais…*; *Na quinta entre ciprestes*; *Dizem?*; Conselho; Liberdade; Poema; Tomamos a vila depois de um intenso bombardeamento; No túmulo de Christian Rosenkreutz; Glosa; *Assim, sem nada feito e o por fazer; Esta espécie de loucura*; *Entre o bater rasgado dos pendões*; *A minha vida é um barco abandonado*; *Os Deuses vão-se como forasteiros*.; *Se já não torna a eterna primavera*.

QUADRAS

QUADRAS AO GOSTO POPULAR

325 Quadras

OUTRAS QUADRAS

97 Quadras

Poemas para Lili; Poema Pial

OUTROS POEMAS

Dolora; Nova ilusão; *Às vezes, em sonho triste*; Estado de alma; Tédio; *Não sei o quê desgosta*; *Eis-me em mim absorto*; Deus; *Sou o fantasma de um rei*; *Meus gestos não sou eu*.; *Oca de conter-me*; *Dentro em meu coração faz dor*.; *Que vinda sombra*; *Saque da cidade…*; *Cada coisa é uma morte vivendo*,; *Quando olho para a terra*; *Com tuas mãos piedosas*; *É interior à minha mágoa*; Asas; *Escrevo, e sei que a minha obra é má*.; Dia de verão; *Fecho os olhos, medito*; *Num país sem nome*; *A noite vai alta*.; *Tange a tua flauta, pastor. Esta tarde*; *O mar*.; *Nada nos faça dor*,; Alga; *Há uma vaga mágoa*; *Ó mera brancura*; *Mas a Noite e o Silêncio continuaram*; Scheherazade; *Impossível visão*; *Não tenho nada pra te dizer*; *Passam as nuvens, murmura o vento*; *Levai-me para longe em sonho*; *Ó altas serras do horizonte*; *Traze, a hora pesa, os perfumes dum Oriente*; *Pobre criança que qu'ria ter*; *Alastor, espírito da solidão*,; *Ama, canta-me. Eu nada quero*; L'Inconnue; *Nesta hora tu liberta e tu consola*,; *Por cima das revoltas, das cobiças*,; *Mas tu, Athena, nossas almas livra*; *A alma de meu ser se perde no teu amar*; *Nas turbas densas entre quem seguia*; *Por que vivo, quem sou eu, o que sou, quem me leva?*; *Ah, viver em cenário e ficção!*; *Na estalagem a meio-caminho*; *No circo onde a ver fui criança*; *Um, dois, três…*; *Inútil dessossego*; *Na altura, de onde vejo, toda a rasa*; *Na fuga inútil dos penosos dias*; *No alto da tua sombra, a prumo sobre*; À noite; Non necesse est; *A criança que mora à beira do cais*; Sonus desilientes aquae; *De onde é a ideia do mal? Senhor!*; *Sobrinhos de Caim ou Abel*; Vendaval; *A noite é escura, e a cidade alheia*; *Cai do firmamento*; *Onde é que a maldade mora?*; *Pousa um momento*,; *Meu ser vive na Noite e no Desejo*.; *E na noite do Medo por onde tateio*; *Hoje em que nada é português*; *Clarim! Os mortos!*; *Era dez reis por cada homem*; *A lembrada canção*,; *Longe de mim em mim existo*; *Outros terão*; Poema incompleto; *No limiar que não é meu*; *Os deuses dão a quem sofre*; *Onde pus a esperança, as rosas*; *Mataram à machadada*; *Meu coração caiu no chão*.; *Revive ainda um momento*; *Os deuses são felizes*.; *Cansado até dos deuses que não são…*; *Os deuses são felizes*.; *Se o teu palácio chega até ao céu*,; Horário; *Tudo quanto sonhei tenho perdido*; *Eu tenho um Bebé*; *Bombom é um doce*; *Ah, sempre no curso leve do tempo pesado*; *Cansa ser, sentir dói, pensar destrói*.; Ligia; *Que é feito do luar de outrora*; *Como quem bate à porta*; *Tornar-te-ás só quem tu sempre foste*.; *Qualquer caminho leva a toda parte*,; *Ó curva do horizonte, quem te passa*,; *Um calor morto e mole move*; *Antes que a hora fane*; *Aquela tristeza antiga*; *No fundo do pensamento*; *Cresce a planta, floresce*,; *Vento que passas*; *Nos meus desejos existe*; *Quando era jovem, eu a mim dizia:*; *Sepulto vive quem é a outrem dado*.; *A parte do indolente é a abstrata vida*.; Ironia em intenção a Cristobal Colon; *O louco sente-se imperador ou deus e crê-se, crê com firmeza e certeza absoluta*.; *Adeus, Maria! Há um só momento*; *É uma brisa leve*; *Não tragas flores, que eu sofro*.; *Os deuses, não os reis, são os tiranos*.; Anteus; *Ah, já está tudo lido*,; Nada; *Hoje, neste ócio incerto*; *Depois de me ver ao espelho*,; *Ah, como o sono é a verdade, e a única*; *Ouço passar o vento na noite*.; *Que milagre de Lourdes, meu amigo!*; Eu; Morte do príncipe; *Ver as coisas até ao fundo…*; Enigma; *Dorme, sonhando! 'Sparsa luz te alumbre*,; *Eu olho com saudade esse futuro*; *Dormir! Não ter desejos nem 'speranças*; *Trêmula chama*,; *Súbita ária leve*; *Ah quanta melancolia!*; *Maravilhosa paz*; *Sim, poderia ser…*; *Pia, pia, pia*; *A Teca faz anos*; *Converso às vezes comigo*; *Meus dias passam, minha fé também*.; *Flor que não dura*; *Aqui neste profundo apartamento*; Ligeia; *Nas entressombras de arvoredo*; Glosas; *E o rei disse, "Memora estes meus lemas:*; *Sinto-me forte contra a vida inteira*; *O merecer e o receber não têm*; *Ouço dizer a verdade*; *Estio. Uma brisa ardida*; *Como a nevoa que o realço*; Amiel; *Como às num dia azul e manso*; O contra-símbolo; *Não haver deus é um deus também*.; *Saudade eterna, que pouco duras!*; *Em torno a mim, em maré cheia*,; *Não há verdade inteiramente falsa*; O catavento; *Tudo dorme. Pela erva*; Presságio; *Já não vivi em vão*; Horas; *Já me não lembra o sonho que não tive…*; *Quem com meu nome é obsceno nas paredes?*; *Não venhas sentar-te à minha frente, nem a meu lado;*; *Velo, na noite em mim*,; *A levíssima brisa*; *Correm-me menos tristonhos*; Post-scriptum; *No fim do outono que finda*,; *É um rio entre arvoredo*; *Não: não pedi amor nem amizade*; *Ó curva do horizonte, quem te passa*,; *Música, sim, popular…*; Xadrez; *Sopra lá fora o vento*; *Há luz no tojo e no brejo*; *Não tenho razão*; *Brincava a criança*; *O que eu fui o que é?*; *A água da chuva desce a ladeira*.; *Há música. Tenho sono*.; *Hoje 'stou triste, 'stou triste*.; *Passava eu na estrada pensando impreciso*,; *O sonho que se opôs a que eu vivesse*; *O amor, quando se revela*,; *…Vaga história comezinha*; *É inda quente o fim do dia…*; *E, ó vento vago*; *O meu coração quebrou-se*; *No fim da chuva e do vento*; O louco; *Caminho a teu lado mudo*; *Há uma música do povo*,; *A 'sperança, como um fósforo inda aceso*,; *E a extensa e vária natureza e triste*; *A pálida*

luz da manhã de inverno,; *Sim, tudo é certo logo que o não seja.*; *A tua voz fala amorosa…*; *Qual é a tarde por achar*; *Vou com um passo como de ir parar*; *Parece que estou sossegando*; *Aqui está-se sossegado,*; *O céu de todos os invernos*; *Mas o hóspede inconvidado*; *Mas eu, alheio sempre, sempre entrando*; *Pela rua já serena*; *Tenho pena até… nem sei…*; *O som do relógio*; Epitáfio desconhecido; *Nas grandes horas em que a insônia avulta*; *O abismo é o muro que tenho*; *Relógio, morre —*; *Quem vende a verdade, e a que esquina?*; *Na noite que me desconhece*; *Mais triste do que o que acontece*; *Ó ervas frescas que cobris*; *Há quanto tempo não canto*; *Ó sorte de olhar mesquinho*; *Dormi. Sonhei. No informe labirinto*; *Dói-me quem sou. E em meio da emoção*; *Depois que todos foram; Sombra…*; *Árvore verde,*; *Eu tinha um sonho*; *Vou em mim como entre bosques,*; *Meus versos são meu sonho dado.*; *Deixa-me ouvir o que não ouço…*; *A tua carne calma*; *Teu corpo real que dorme*; *Ah, a esta alma que não arde*; *Fito-me frente a frente.*; *Que coisa é que na tarde*; *Sei bem que não consigo*; *Se eu pudesse não ter o ser que tenho*; *Não quero mais que um som de água*; *Deve chamar-se tristeza*; *Quem me roubou quem nunca fui e a vida?*; *Se sou alegre ou sou triste?…*; *O grande sol na eira*; *Grande sol a entreter*; *Maravilha-te, memória!*; *Não sei quantas almas tenho.*; *Vem do fundo do campo, da hora,*; *Deus não tem unidade,*; *Entre o luar e o arvoredo,*; *Deixo ao cego e ao surdo*; *Passam na rua os cortejos*; *Tenho pena e não respondo.*; *Olha-me rindo uma criança*; *Quero ser livre insincero*; *Meu ruído de alma cala.*; *Gnomos do luar que faz selvas*; *Minha mulher, a solidão.*; *Na margem verde da estrada*; *Quando nas pausas solenes*; *A estrada, como uma senhora,*; *Tão vago é o vento que parece*; *De aqui a pouco acaba o dia.*; *É boa! Se fossem malmequeres!*; *Enfia a agulha,*; *Parece estar calor, mas nasce*; *Gradual, desde que o calor*; *Como um vento na floresta,*; *Quando fui peregrino*; *Do meio da rua*; *Por quem foi que me trocaram*; *Leve no cimo das ervas*; *Se tudo o que há é mentira.*; *Cai chuva do céu cinzento*; *Passa entre as sombras de arvoredo*; *Há um grande som no arvoredo*; *Na orla do vento movem*; *Cai amplo o frio e eu durmo na tardança*; *Andavam de noite aos segredos*; *Parece às vezes que desperto*; *O ruído vário da rua*; *Cheguei à janela,*; *Eu amo tudo o que foi,*; *Há um murmúrio na floresta,*; *O vento tem variedade*; *Já ouvi doze vezes dar a hora*; *Paisagens, quero-as comigo.*; *Sonhei. Desperto. Um tédio doloroso*; *Quando é que o cativeiro*; *No fundo do pensamento*; *O mau aroma álacre*; *Vão breves passando*; *Não tenho quinta nenhuma.*; *Fito-me frente a frente*; *Em plena vida e violência*; *Não sei ser triste a valer*; *Tenho sono em pleno dia:*; *Sou um evadido.*; *As nuvens são sombrias*; *Guardo ainda, como um pasmo*; *Se penso mais que um momento*; *Não digas que, sepulto, já não sente*; *Desfaze a mala feita pra a partida!*; *Se estou só, quero não 'star,*; *Bem, hoje que estou só e posso ver*; *No céu da noite que começa*; Incidente; *Não fiz nada, bem sei, nem o farei.*; *Quando estou só reconheço*; *Vê-la faz pena de 'sperança.*; *Uma maior solidão*; *Chove. Que fiz eu da vida?*; *Vem dos lados da montanha*; *Desperto sempre antes que raie o dia*; *Clareia cinzenta a noite de chuva,*; *A lua (dizem os ingleses)*; *As lentas nuvens fazem sono,*; Segundo grau; *E toda a noite a chuva veio*; *Eu tenho ideias e razões.*; *Não, não é nesse lago entre rochedos,*; *Tenho principalmente não ter nada.*; *Pálida sombra esvoaça*; *Lembro-me ou não? Ou sonhei?*; *Basta pensar em sentir*; *Como nuvens pelo céu*; *Porque sou tão triste ignoro*; *O que o seu jeito revela*; *Nos jardins municipais*; *Por que, ó sagrado, sobre a minha vida*; *Quando já nada nos resta*; *Aquele peso em mim — meu coração.*; *O sol dourava-te a cabeça loura.*; *A aranha do meu destino*; *No meu sonho estiolaram*; *Lâmpada deserta,*; *Ah, como incerta, na noite em frente,*; *Vinha elegante, depressa,*; *Lá fora onde árvores são*; *Ah, só eu sei*; *Nada que sou me interessa.*; *O ponteiro dos segundos*; *Em outro mundo, onde a vontade é lei,*; *Minhas mesmas emoções*; *Depois que o som da terra, que é não tê-lo,*; *Rala cai chuva. O ar não é escuro. A hora*; *Eh, como outrora era outra a que eu não tinha!*; *Oscila o incensório antigo*; *Ouço sem ver, e assim, entre o arvoredo,*; *Por que esqueci quem fui quando criança?*; *Ser consciente é talvez um esquecimento.*; *Quanto fui jaz. Quanto serei não sou*; *Uma névoa de outono o ar raro vela,*; *Que suave é o ar! Como parece*; *Do seu longínquo reino cor-de-rosa,*; *Entre o sossego e o arvoredo,*; Ligéa; *Nesta vida, em que sou meu sono,*; *Vai pela estrada que na colina*; *Vi passar, num mistério concedido,*; *Ladram uns cães a distância*; *Leves véus velam, nuvens vãs, a lua.*; *Quero, terei —*; *Olhando o mar, sonho sem ter de quê.*; *É um campo verde e vasto,*; *Falhei. Os astros seguem seu caminho.*; *Deixei de ser aquele que esperava,*; *Quando, com razão ou sem,*; *Tudo foi dito antes que se dissesse.*; *Na noite em que não durmo*; *Vai alta a nuvem que passa.*; *A novela inacabada*; *Sim, farei…; e hora a hora passa o dia…*; *Todas as coisas que há neste mundo*; *De além das montanhas,*; *A lavadeira no tanque*; *Talhei, artífice de um morto rit,*; *Há em tudo que fazemos*; *Meu coração tardou. Meu coração*; *A miséria do meu ser,*; *Vão na onda militar*; *A criança que fui chora na estrada.*; (DREAM); *Sonhei, confuso, e o sono foi disperso,*; *Se acaso,*

alheado até do que sonhei,; *Durmo ou não? Passam juntas em minha alma*; *Nada. Passaram nuvens e eu fiquei*.; *Eu me resigno. Há no alto da montanha*; *A minha camisa rota*; *Onde o sossego dorme*; *Servo sem dor de um desolado intuito*,; *Canta onde nada existe*; *Durmo, cheio de nada, e amanhã*; *Tenho esperança? Não tenho*.; *Náusea. Vontade de nada*.; *O vento sopra lá fora*.; *Sopra o vento, sopra o vento*,; *Vai lá longe, na floresta*,; *Pálida, a Lua permanece*; *Nesta grande oscilação*; *Dorme, criança, dorme*,; *Boiam farrapos de sombra*; *Verdadeiramente*; *O que é vida e o que é morte*; *Sabes quem sou? Eu não sei*.; *Tenho escrito muitos versos*,; *Se eu me sentir sono*,; *Tudo que sou não é mais do que abismo*; *Sangra-me o coração. Tudo que penso*; *Flui, indeciso na bruma*,; *Renego lápis partido*; *Tudo que sinto, tudo quanto penso*,; *Quem me amarrou a ser eu*; *Sonho sem fim nem fundo*.; *Eram varões todos*,; *Já me não pesa tanto o vir da morte*.; *Não digas nada! Que hás me de dizer?*; *Do fundo do fim do mundo*; *Tenho em mim como uma bruma*; Canto a Leopardi; *Teu perfil, teu olhar real ou feito*,; *Como é por dentro outra pessoa*; *A lâmpada nova*; *Vaga saudade, tanto*; *Onde quer que o arado o seu traço consiga*; *As coisas que errei na vida*; *O sol que doura as neves afastadas*; *Ah quero as relvas e as crianças!*; *Deixem-me o sono! Sei que é já manhã*.; *Deixei atrás os erros do que fui*,; *Não digas nada!*; *Quero dormir. Não sei se quero a morte*,; *Ah, verdadeiramente a deusa! —*; *Se alguém bater um dia à tua porta*,; *Sim, vem um canto na noite*.; *Tudo que amei, se é que o amei, ignoro*,; *Tudo, menos o tédio, me faz tédio*.; *A nuvem veio e o sol passou*.; *Divido o que conheço*.; *Começa, no ar da antemanhã*; *Deslembro incertamente. Meu passado*; *Se há arte ou ciência para ler a sina*; *Bem sei que estou endoidecendo*.; *Bem sei que há ilhas lá ao Sul de tudo*; *A montanha por achar*; *A ciência, a ciência, a ciência…*; *Era isso mesmo —*; *Bem sei que todas as mágoas*; *Sim, já sei…*; *O som contínuo da chuva*; *Na véspera de nada*; *Sob olhos que não olham — os meus olhos —*; *Não tenho que sonhar que possam dar-me*; *Exígua lâmpada tranquila*,; *Na paz da noite, cheia de tanto durar*,; *Criança, era outro…*; *Onde, em jardins exaustos*; Sá-Carneiro; *Música… Que sei eu de mim?*; *A mão posta sobre a mesa*,; *Não quero rosas, desde que haja rosas*.; *Sim, está tudo certo*.; *Tudo quanto penso*.; *Um dia baço mas não frio…*; *O amor é que é essencial*.; Elegia na sombra; *Desce a névoa da montanha*,; *Já não me importo*; *O véu das lágrimas não cega*.; *Ouvi os sábios todos discutir*,; *Ah, como o sono é a verdade, e a única*; *Aquilo que a gente lembra*; *Sou o Espírito da treva*,; *Um cansaço feliz, uma tristeza informe*; *Dormi, sonhei. No informe labirinto*; *Meu pensamento, dito, já não é*; Sono

NOTA DO EDITOR

Esta obra poética de Fernando Pessoa que ora publicamos compreende grande parte da extensa produção do vate português voltada para esse gênero literário, e abarca ainda os poemas de seus conhecidíssimos heterônimos: Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, além de uma pequena amostra dos poemas escritos por Pessoa em língua estrangeira e das suas traduções.

Este primeiro volume, dedicado exclusivamente ao que Pessoa escreveu em português como ele mesmo, inicia-se com o livro *Mensagem*, único publicado em vida do autor, seguido de *À memória do presidente-rei Sidónio Paes* e *Quinto Império*. Os poemas subsequentes vêm divididos em três grandes seções, nomeadas, respectivamente, de *Cancioneiro*, *Quadras* e *Outros poemas*. Tal divisão é, em parte, tributária da tradicional e já canônica recolha de Maria Aliete Galhoz, que durante anos foi uma das maiores referências na publicação da poesia pessoana. Preferimos manter uma estrutura parecida com a estabelecida por Galhoz porque já conhecida do público brasileiro, fazendo apenas alguns ajustes que a passagem do tempo tornou necessários. Entre esses ajustes estão a reunião de todas as quadras, de cunho popular ou não, numa só seção, e o agrupamento dos poemas considerados inéditos outrora, hoje mais que assimilados ao *corpus* da obra poética do autor, com composições descobertas recentemente.

Nossa equipe editorial recorreu também às edições críticas que vêm sendo publicadas pela Equipa Pessoa e dadas a público pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM) para dirimir dúvidas, corrigir passagens, assimilar versos. Quanto às lacunas, mantivemos a indicação tradicional de ausência de versos ou estrofes com linhas pontilhadas e, para a falta de palavras, os colchetes vazios. Também usamos a interrogação dentro dos colchetes para indicar dúvida quanto à fixação de um ou outro termo. Para facilitar a consulta, todos os poemas vêm numerados. Além disso, mesmo os que não possuem título estão arrolados no

sumário à exceção das quadras.

Feitas essas breves considerações, só nos resta declarar o desejo de que esta edição acompanhe o leitor pela vida afora, inspirando-o ou motivando-o, pois, como diria o poeta, “[…] quer num quer noutro caso,/ Como o malfeito está feito,/ Restam os versos que deito,/ Vinho no copo do acaso.”

POESIA DE FERNANDO PESSOA

MENSAGEM*

Benedictus Dominus Deus noster
qui dedit nobis signum.

* Por seu valor simbólico, a ortografia original deste livro foi mantida.

À GUISA DE PREFÁCIO

O meu livro *Mensagem* chamava-se primitivamente *Portugal*. Alterei o título porque o meu velho amigo Da Cunha Dias me fez notar — a observação era por igual patriótica e publicitária — que o nome da nossa Pátria estava hoje prostituído a sapatos, como a hotéis a sua maior Dinastia. “Quer V. pôr o título do seu livro em analogia com ‘portugalize os seus pés?’” Concordei e cedi, como concordo e cedo sempre que me falam com argumentos. Tenho prazer em ser vencido quando quem me vence é a Razão, seja quem for o seu procurador.

Pus-lhe instintivamente esse título abstrato. Substituí-o por um título concreto por uma razão…

E o curioso é que o título *Mensagem* está mais certo — à parte a razão que me levou a pô-lo — de que o título primitivo.

Deus fala todas as línguas, e sabe bem que o melhor modo de fazer-se entender de um selvagem é um manipanso e não a metafísica de Platão, base intelectual do cristianismo. Reservo-me porém o direito de pensar que tal forma da religião é uma forma inferior. É sem dúvida necessário que haja quem descasque batatas, mas, reconhecendo a necessidade e a utilidade do ato descascador, dispenso-me de o considerar comparável ao de escrever a *Ilíada*. Não me dispenso porém de me abster de dizer ao descascador que abandone a sua tarefa em proveito da de escrever hexâmetros gregos.

FERNANDO PESSOA
(apontamento sem data)

PRIMEIRA PARTE / *BRASÃO*

Bellum sine bello.

I. OS CAMPOS

PRIMEIRO / *O DOS CASTELLOS*

[1] 8-12-1928

A Europa jaz, posta nos cotovellos:
De Oriente a Occidente jaz, fitando,
E toldam-lhe romanticos cabellos
Olhos gregos, lembrando.

O cotovello esquerdo é recuado;
O direito é em angulo disposto.
Aquelle diz Italia onde é pousado;
Este diz Inglaterra onde, afastado,
A mão sustenta, em que se appoia o rosto.

Fita, com olhar sphyngico e fatal,
O Occidente, futuro do passado.

O rosto com que fita é Portugal.

SEGUNDO / *O DAS QUINAS*

[2] 8-12-1928

Os deuses vendem quando dão.
Compra-se a glória com desgraça.

Ai dos felizes, porque são
Só o que passa!

Baste a quem baste o que lhe basta
O bastante de lhe bastar!
A vida é breve, a alma é vasta:
Ter é tardar.

Foi com desgraça e com vileza
Que Deus ao Christo definiu:
Assim o oppoz à Natureza
E Filho o ungiu.

II. OS CASTELLOS

PRIMEIRO / *ULYSSES*

[3]

O mytho é o nada que é tudo.
O mesmo sol que abre os céus
É um mytho brilhante e mudo —
O corpo morto de Deus,
Vivo e desnudo.

Este, que aqui aportou,
Foi por não ser existindo.
Sem existir nos bastou.
Por não ter vindo foi vindo
E nos creou.

Assim a lenda se escorre
A entrar na realidade.
E a fecundal-a decorre.
Em baixo, a vida, metade
De nada, morre.

SEGUNDO / *VIRIATO*

[4] 22-1-1934

Se a alma que sente e faz conhece
Só porque lembra o que esqueceu,
Vivemos, raça, porque houvesse
Memoria em nós do instincto teu.

Nação porque reincarnaste,
Povo porque ressuscitou
Ou tu, ou o de que eras a haste —
Assim se Portugal formou.

Teu ser é como aquella fria
Luz que precede a madrugada,
E é já o ir a haver o dia
Na antemanhã, confuso nada.

TERCEIRO / *O CONDE D. HENRIQUE*

[5]

Todo começo é involuntario.
Deus é o agente.
O heroe a si assiste, vario
E inconsciente.

À espada em tuas mãos achada
Teu olhar desce.
“Que farei eu com esta espada?”

Ergueste-a, e fez-se.

QUARTO / *D. TAREJA*

[6] 24-9-1928

As nações todas são mysterios.
Cada uma é todo o mundo a sós.
Ó mãe de reis e avó de imperios,
Vella por nós!

Teu seio augusto amamentou
Com bruta e natural certeza
O que, imprevisto, Deus fadou.
Por elle resa!

Dê tua prece outro destino
A quem fadou o instincto teu!
O homem que foi o teu menino
Envelheceu.

Mas todo vivo é eterno infante
Onde estás e não ha o dia.
No antigo seio, vigilante,
De novo o cria!

QUINTO / *D. AFFONSO HENRIQUES*

[7]

Pae, foste cavalleiro.
Hoje a vigilia é nossa.
Dá-nos o exemplo inteiro
E a tua inteira força!

Dá, contra a hora em que, errada,
Novos infieis vençam,
A benção como espada,
A espada como benção!

SEXTO / *D. DINIZ*

[8] 9-2-1934

Na noite escreve um seu Cantar de Amigo
O plantador de naus a haver,
E ouve um silencio murmuro comsigo:
É o rumor dos pinhaes que, como um trigo
De Imperio, ondulam sem se poder ver.

Arroio, esse cantar, jovem e puro,
Busca o oceano por achar;
E a falla dos pinhaes, marulho obscuro,
É o som presente d'esse mar futuro,
É a voz da terra anciando pelo mar.

SÉPTIMO (I) / *D. JOÃO, O PRIMEIRO*

[9] 12-2-1934

O homem e a hora são um só
Quando Deus faz e a história é feita.
O mais é carne, cujo pó
A terra espreita.

Mestre, sem o saber, do Templo
Que Portugal foi feito ser.
Que houveste a gloria e deste o exemplo
De o defender.

Teu nome, eleito em sua fama,
É, na ara da nossa alma interna,
A que repelle, eterna chamma,
A sombra eterna.

SÉPTIMO (II) / *D. PHILIPPA DE LENCASTRE*

[10] 26-9-1928

Que enigma havia em teu seio
Que só genios concebia?

Que archanjo teus sonhos veio
Vellar, maternos, um dia?

Volve a sós teu rosto serio,
Princeza do Santo Gral,
Humano ventre do Imperio,
Madrinha de Portugal!

III. AS QUINAS

PRIMEIRA / *D. DUARTE, REI DE PORTUGAL*

[11] 26-9-1928

Meu dever fez-me, como Deus ao mundo.
A regra de ser Rei almou meu ser,
Em dia e letra escrupuloso e fundo.

Firme em minha tristeza, tal vivi.
Cumpri contra o Destino o meu dever.
Inutilmente? Não, porque o cumpri.

SEGUNDA / *D. FERNANDO, INFANTE DE PORTUGAL*

[12] 21-7-1913

Deu-me Deus o seu gladio, porque eu faça
A sua santa guerra.
Sagrou-me seu em honra e em desgraça,
Às horas em que um frio vento passa
Por sobre a fria terra.

Poz-me as mãos sobre os hombros e doirou-me
A fronte com o olhar;
E esta febre de Além, que me consome,
E este querer grandeza são seu nome

Dentro em mim a vibrar.

E eu vou, e a luz do gladio erguido dá
Em minha face calma.
Cheio de Deus, não temo o que virá,
Pois, venha o que vier, nunca será
Maior do que a minha alma.

TERCEIRA / *D. PEDRO, REGENTE DE PORTUGAL*

[13] 15-2-1934

Claro em pensar, e claro no sentir,
É claro no querer;
Indifferente ao que ha em conseguir
Que seja só obter;
Duplice dono, sem me dividir,
De dever e de ser —

Não me podia a Sorte dar guarida
Por não ser eu dos seus.
Assim vivi, assim morri, a vida,
Calmo sob mudos céus,
Fiel à palavra dada e à idéia tida.
Tudo mais é com Deus!

QUARTA / *D. JOÃO, INFANTE DE PORTUGAL*

[14] 28-3-1930

Não fui alguem. Minha alma estava estreita
Entre tam grandes almas minhas pares,
Inutilmente eleita,
Virgemmente parada;

Porque é do portuguez, pae de amplos mares,
Querer, poder só isto:

O inteiro mar, ou a orla vã desfeita —
O todo, ou o seu nada.

QUINTA / *D. SEBASTIÃO, REI DE PORTUGAL*

[15] 20-2-1933

Louco, sim, louco, porque quiz grandeza
Qual a Sorte a não dá.
Não coube em mim minha certeza;
Porisso onde o areal está
Ficou meu ser que houve, não o que ha.
Minha loucura, outros que me a tomem
Com o que nella ia.
Sem a loucura que é o homem
Mais que a besta sadia,
Cadaver addiado que procria?

IV. A COROA

NUNALVARES PEREIRA

[16] 8-12-1928

Que aureola te cerca?
É a espada que, volteando,
Faz que o ar alto perca
Seu azul negro e brando.

Mas que espada é que, erguida,
Faz esse halo no céu?
É Excalibur, a ungida,
Que o Rei Arthur te deu.

Sperança consumada,
S. Portugal em ser,

Ergue a luz da tua espada
Para a estrada se ver!

V. O TIMBRE

A CABEÇA DO GRYPHO / *O INFANTE D. HENRIQUE*

[17] 26-9-1928

Em seu throno entre o brilho das espheras,
Com seu manto de noite e solidão,
Tem aos pés o mar novo e as mortas eras —
O unico imperador que tem, deveras,
O globo mundo em sua mão.

UMA ASA DO GRYPHO / *D. JOÃO, O SEGUNDO*

[18] 26-9-1928

Braços cruzados, fita além do mar.
Parece em promontório uma alta serra —
O limite da terra a dominar
O mar que possa haver além da terra.

Seu formidável vulto solitario
Enche de estar presente o mar e o céu,
E parece temer o mundo vario
Que elle abra os braços e lhe rasgue o véu.

A OUTRA ASA DO GRYPHO / *AFFONSO DE ALBUQUERQUE*

[19] 26-9-1928

De pé, sobre os paizes conquistados
Desce os olhos cansados
De ver o mundo e a injustiça e a sorte.

Não pensa em vida ou morte,
Tam poderoso que não quere o quanto
Póde, que o querer tanto
Calcára mais do que o submisso mundo
Sob o seu passo fundo.
Trez imperios do chão lhe a Sorte apanha.
Creou-os como quem desdenha.

SEGUNDA PARTE / *MAR PORTUGUEZ*

Possessio maris.

I. O INFANTE

[20]

Deus quere, o homem sonha, a obra nasce.
Deus quiz que a terra fosse toda uma,
Que o mar unisse, já não separasse.
Sagrou-te, e fôste desvendando a espuma,

E a orla branca foi de ilha em continente,
Clareou, correndo, até ao fim do mundo,
E viu-se a terra inteira, de repente,
Surgir, redonda, do azul profundo.

Quem te sagrou creou-te portuguez.
Do mar e nós em ti nos deu signal.
Cumpriu-se o Mar, e o Imperio se desfez.
Senhor, falta cumprir-se Portugal!

II. HORIZONTE

[21]

Ó mar anterior a nós, teus medos
Tinham coral e praias e arvoredos.
Desvendadas a noite e a cerração,
As tormentas passadas e o mysterio,
Abria em flor o Longe, e o Sul siderio

Splendia sobre as naus da iniciação.

Linha severa da longinqua costa —
Quando a nau se approxima ergue-se a encosta
Em árvores onde o Longe nada tinha;
Mais perto, abre-se a terra em sons e cores:
E, no desembarcar, ha aves, flores,
Onde era só, de longe a abstracta linha.

O sonho é ver as fórmas invisíveis
Da distancia imprecisa, e, com sensiveis
Movimentos da esprança e da vontade,
Buscar na linha fria do horizonte
A arvore, a praia, a flor, a ave, a fonte —
Os beijos merecidos da Verdade.

III. PADRÃO

[22] 13-9-1918

O esforço é grande e o homem é pequeno.
Eu, Diogo Cão, navegador, deixei
Este padrão ao pé do areal moreno
E para deante naveguei.

A alma é divina e a obra é imperfeita.
Este padrão signala ao vento e aos céus
Que, da obra ousada, é minha a parte feita:
O por-fazer é só com Deus.

E ao imenso e possivel oceano
Ensinam estas Quinas, que aqui vês,
Que o mar com fim será grego ou romano:
O mar sem fim é portuguez.

E a cruz ao alto diz que o que me ha na alma
E faz a febre em mim de navegar

Só encontrará de Deus na eterna calma
O porto sempre por achar.

IV. O MOSTRENGO

[23] 9-9-1918

O mostrengo que está no fim do mar
Na noite de breu ergueu-se a voar;
À roda da nau voou trez vezes,
Voou trez vezes a chiar,
E disse, “Quem é que ousou entrar
Nas minhas cavernas que não desvendo,
Meus tectos negros do fim do mundo?”
E o homem do leme disse, tremendo,
“El-Rei D. João Segundo!”

“De quem são as velas onde me roço?
De quem as quilhas que vejo e ouço?”
Disse o mostrengo, e rodou trez vezes,
Trez vezes rodou immundo e grosso,
“Quem vem poder o que só eu posso,
Que moro onde nunca ninguem me visse
E escorro os medos do mar sem fundo?”
E o homem do leme tremeu, e disse,
“El-Rei D. João Segundo!”

Trez vezes do leme as mãos ergueu,
Trez vezes ao leme as reprendeu,
E disse no fim de tremer trez vezes,
“Aqui ao leme sou mais do que eu:
Sou um Povo que quere o mar que é teu;
E mais que o mostrengo, que me a alma teme
E roda nas trevas do fim do mundo,
Manda a vontade, que me ata ao leme,
De El-Rei D. João Segundo!”

V. EPITAPHIO DE BARTOLOMEU DIAS

[24]

Jaz aqui, na pequena praia extrema,
O Capitão do Fim. Dobrado o Assombro,
O mar é o mesmo: já ninguem o tema!
Atlas, mostra alto o mundo no seu ombro.

VI. OS COLOMBOS

[25] 2-4-1934

Outros haverão de ter
O que houvermos de perder.
Outros poderão achar
O que, no nosso escontrar,
Foi achado, ou não achado,
Segundo o destino dado.

Mas o que a elles não toca
É a Magia que evoca
O Longe e faz d’elle historia.
E porisso a sua gloria
É justa aureola dada
Por uma luz emprestada.

VII. OCCIDENTE

[26]

Com duas mãos — o Acto e o Destino —
Desvendámos. No mesmo gesto, ao céu
Uma ergue o facho tremulo e divino
E a outra afasta o véu.

Fosse a hora que haver ou a que havia

A mão que ao Occidente o véu rasgou,
Foi alma a Sciencia e corpo a Ousadia
Da mão que desvendou.

Fosse Acaso, ou Vontade, ou Temporal
A mão que ergueu o facho que luziu,
Foi Deus a alma e o corpo Portugal
Da mão que o conduziu.

VIII. FERNÃO DE MAGALHÃES

[27]

No valle clareia uma fogueira.
Uma dança sacode a terra inteira.
E sombras disformes e descompostas
Em clarões negros do valle vão
Subitamente pelas encostas,
Indo perder-se na escuridão.

De quem é a dança que a noite aterra?
São os Titans, os filhos da Terra,
Que dançam da morte do marinheiro
Que quiz cingir o materno vulto —
Cingil-o, dos homens, o primeiro —,
Na praia ao longe por fim sepulto.

Dançam, nem sabem que a alma ousada
Do morto ainda commanda a armada,
Pulso sem corpo ao leme a guiar
As naus no resto do fim do espaço:
Que até ausente soube cercar
A terra inteira com seu abraço.

Violou a Terra. Mas elles não
O sabem, e dançam na solidão;

E sombras disformes e descompostas,
Indo perder-se nos horizontes,
Galgam do valle pelas encostas
Dos mudos montes.

IX. ASCENSÃO DE VASCO DA GAMA

[28] 10-1-1922

Os deuses da tormenta e os gigantes da terra
Suspendem de repente o odio da sua guerra
E pasmam. Pelo valle onde se ascende aos céus
Surge um silencio, e vae, da nevoa ondeando os véus,
Primeiro um movimento e depois um assombro.
Ladeiam-o, ao durar, os medos, hombro a hombro,
E ao longe o rastro ruge em nuvens e clarões

Em baixo, onde a terra é, o pastor gela, e a flauta
Cahe-lhe, e em extase vê, à luz de mil trovões,
O céu abrir o abysmo à alma do Argonauta.

X. MAR PORTUGUEZ

[29]

Ó mar salgado, quanto do teu sal
São lagrimas de Portugal!
Por te cruzarmos, quantas mães choraram,
Quantos filhos em vão resaram!
Quantas noivas ficaram por casar
Para que fosses nosso, ó mar!

Valeu a pena? Tudo vale a pena
Se a alma não é pequena.
Quem quere passar além do Bojador
Tem que passar além da dor.
Deus ao mar o perigo e o abysmo deu,

Mas nelle é que espelhou o céu.

XI. A ULTIMA NAU

[30]

Levando a bordo El-Rei D. Sebastião,
E erguendo, como um nome, alto o pendão
Do Imperio,
Foi-se a ultima nau, ao sol aziago
Erma, e entre choros de ancia e de presago
Mysterio.

Não voltou mais. A que ilha indescoberta
Aportou? Voltará da sorte incerta
Que teve?
Deus guarda o corpo e a fórma do futuro,
Mas Sua luz projecta-o, sonho escuro
E breve.

Ah, quanto mais ao povo a alma falta,
Mais a minha alma atlantica se exalta
E entorna,
E em mim, num mar que não tem tempo ou spaço,
Vejo entre a cerração teu vulto baço
Que torna.

Não sei a hora, mas sei que ha a hora,
Demore-a Deus, chame-lhe a alma embora
Mysterio.
Surges ao sol em mim, e a nevoa finda
A mesma, e trazes o pendão ainda
Do Imperio.

XII. PRECE

[31] 31-12-1921 / 1-1-1922

Senhor, a noite veio e a alma é vil.
Tanta foi a tormenta e a vontade!
Restam-nos hoje, no silêncio hostil,
O mar universal e a saüdade.

Mas a chamma, que a vida em nós creou,
Se ainda ha vida ainda não é finda.
O frio morto em cinzas a ocultou:
A mão do vento pode erguel-a ainda.

Dá o sopro, a aragem, — ou desgraça ou ancia —,
Com que a chamma do esforço se remoça,
E outra vez conquistemos a Distância —
Do mar ou outra, mas que seja nossa!

TERCEIRA PARTE / *O ENCOBERTO*
Paz in Excelsis.

I. OS SYMBOLOS

PRIMEIRO / *D. SEBASTIÃO*

[32]

Sperae! Cahi no areal e na hora adversa
Que Deus concede aos seus
Para o intervallo em que esteja a alma immersa
Em sonhos que são Deus.

Que importa o areal e a morte e a desventura
Se com Deus me guardei?
É O que eu me sonhei que eterno dura,
É Esse que regressarei.

SEGUNDO / *O QUINTO IMPÉRIO*

[33] 21-2-1933

Triste de quem vive em casa,
Contente com o seu lar,
Sem que um sonho, no erguer de asa,
Faça até mais rubra a brasa
Da lareira a abandonar!

Triste de quem é feliz!
Vive porque a vida dura.

Nada na alma lhe diz
Mais que a lição da raiz —
Ter por vida a sepultura.

Eras sobre eras se somem
No tempo que em eras vem.
Ser descontente é ser homem.
Que as forças cegas se domem
Pela visão que a alma tem!

E assim, passados os quatro
Tempos do ser que sonhou,
A terra será theatro
Do dia claro, que no atro
Da erma noite começou.

Grecia, Roma, Cristandade,
Europa — os quatro se vão
Para onde vae toda edade.
Quem vem viver a verdade
Que morreu D. Sebastião?

TERCEIRO / *O DESEJADO*

[34] 18-1-1934

Onde quer que, entre sombras e dizeres,
Jazas, remoto, sente-te sonhado,
E ergue-te do fundo de não-seres
Para teu novo fado!

Vem, Galaaz com patria, erguer de novo,
Mas já no auge da suprema prova,
A alma penitente do teu povo
À Eucharistia Nova.

Mestre da Paz, ergue teu gladio ungido.

Excalibur do Fim, em geito tal
Que sua Luz ao mundo dividido
Revele o Santo Gral!

QUARTO / *AS ILHAS AFORTUNADAS*

[35] 26-3-1934

Que voz vem no som das ondas
Que não é a voz do mar?
É a voz de alguem que nos falla,
Mas que, se escutarmos, cala,
Por ter havido escutar.

E só se, meio dormindo,
Sem saber de ouvir ouvimos,
Que ella nos diz a esperança
A que, como uma criança
Dormente, a dormir sorrimos.

São ilhas afortunadas,
São terras sem ter logar.
Onde o Rei mora esperando.
Mas, se vamos dispertando,
Cala a voz, e ha só o mar.

QUINTO / *O ENCOBERTO*

[36] 21-2-1933 / 11-2-1934

Que symbolo fecundo
Vem na aurora anciosa?
Na Cruz Morta do Mundo
A Vida, que é a Rosa.

Que symbolo divino
Traz o dia já visto?

Na Cruz, que é o Destino,
A Rosa, que é o Christo.

Que symbolo final
Mostra o sol já disperto?
Na Cruz morta e fatal
A Rosa do Encoberto.

II. OS AVISOS

PRIMEIRO / *O BANDARRA*

[37] 28-3-1930

Sonhava, anonymo e disperso,
O Imperio por Deus mesmo visto,
Confuso como o Universo
E plebeu como Jesus Christo
Não foi nem santo nem heroe,
Mas Deus sagrou com Seu signal
Este, cujo coração foi
Não portuguez mas Portugal.

SEGUNDO / *ANTONIO VIEIRA*

[38] 31-7-1929

O céu strella o azul e tem grandeza.
Este, que teve a fama e à glória tem,
Imperador da lingua portuguesa,
Foi-nos um céu tambem.

No immenso espaço seu de meditar,
Constellado de fórma e de visão,
Surge, prenuncio claro do luar,
El-Rei D. Sebastião.

Mas não, não é luar: é luz e ethereo.
É um dia; e, no céu amplo de desejo,
A madrugada irreal do Quinto Imperio
Doiro as margens do Tejo.

TERCEIRO

[39] 10-12-1928

Screvo meu livro à beira-magua.
Meu coração não tem que ter.
Tenho meus olhos quentes de água.
Só tu, Senhor, me dás viver.

Só te sentir e te pensar
Meus dias vacuos enche e doura.
Mas quando quererás voltar?
Quando é o Rei? Quando é a Hora?

Quando virás a ser o Christo
De a quem morreu o falso Deus,
E a dispertar do mal que existo
A Nova Terra e os Novos Céus?

Quando virás, ó Encoberto,
Sonho das eras portuguez,
Tornar-me mais que o sopro incerto
De um grande anceio que Deus fez?

Ah, quando quererás, voltando,
Fazer minha esperança amor?
Da nevoa e da saudade quando?
Quando, meu Sonho e meu Senhor?

III. OS TEMPOS

A nau de um d'elles tinha-se perdido
No mar indefinido.
O segundo pediu licença ao Rei
De, na fé e na lei
Da descoberta, ir em procura
Do irmão no mar sem fim e a nevoa escura.

Tempo foi. Nem primeiro nem segundo
Volveu do fim profundo
Do mar ignoto à patria por quem dera
O enigma que fizera.
Então o terceiro a El-Rei rogou
Licença de os buscar, e El-Rei negou.

*

Como a um captivo, o ouvem a passar
Os servos do solar.
E, quando o vêem, vêem a figura
Da febre e da amargura,
Com fixos olhos rasos de ancia
Fitando a prohibida azul distancia.

*

Senhor, os dois irmãos do nosso Nome
O Poder e o Renome —

Ambos se foram pelo mar da edade
À tua eternidade;
E com elles de nós se foi
O que faz a alma poder ser de heroe,
Queremos ir buscal-os, d'esta vil
Nossa prisão servil:

É a busca de quem somos, na distancia
De nós; e, em febre de ancia,
A Deus as mãos alçamos.

Mas Deus não dá licença que partamos.

SEGUNDO / *TORMENTA*

[41] 26-2-1934

Que jaz no abysmo sob o mar que se ergue?
Nós, Portugal, o poder ser.
Que inquietação do fundo nos soergue?
O desejar poder querer.

Isto, e o mysterio de que a noite é o fausto…
Mas subito, onde o vento ruge,
O relampago, pharol de Deus, um hausto
Brilha, e o mar scuro struge.

TERCEIRO / *CALMA*

[42] 15-2-1934

Que costa é que as ondas contam
E se não pode encontrar
Por mais naus que haja no mar?
O que é que as ondas encontram
E nunca se vê surgindo?
Este som de o mar praiar
Onde é que está existindo?

Ilha proxima e remota,
Que nos ouvidos persiste.
Para a vista não existe.
Que nau, que armada, que frota
Pode encontrar o caminho

À praia onde o mar insiste,
Se à vista o mar é sósinho?

Haverá rasgões no espaço
Que dêem para outro lado,
E que, um d'elles encontrado,
Aqui, onde ha só sargaço,
Surja uma ilha velada,
O paiz afortunado
Que guarda o Rei desterrado
Em sua vida encantada?

QUARTO / ANTEMANHÃ

[43] 8-7-1933

O mostrengo que está no fim do mar
Veio das trevas a procurar
A madrugada do novo dia,
Do novo dia sem acabar;
E disse, "Quem é que dorme a lembrar
Que desvendou o Segundo Mundo,
Nem o Terceiro quere desvendar?"

E o som na treva de elle rodar
Faz mau o somno, triste o sonhar,
Rodou e foi-se o mostrengo servo
Que seu senhor veio aqui buscar.
Que veio aqui seu senhor chamar —
Chamar Aquelle que está dormindo
E foi outrora Senhor do Mar.

QUINTO / *NEVOEIRO*

[44] 10-12-1928

Nem rei nem lei, nem paz nem guerra,

Define com perfil e ser
Este fulgor baço da terra
Que é Portugal a entristecer —
Brilho sem luz e sem arder,
Como o que o fogo-fatuo encerra.

Ninguem sabe que coisa quere.
Ninguem conhece que alma tem,
Nem o que é mal nem o que é bem.
(Que ancia distante perto chora?)
Tudo é incerto e derradeiro.
Tudo é disperso, nada é inteiro.
Ó Portugal, hoje és nevoeiro…

É a Hora!

Valete, Fratres.

À MEMÓRIA DO PRESIDENTE-REI SIDÓNIO PAES

À MEMÓRIA DO PRESIDENTE-REI SIDÓNIO PAES

[45] 27-2-1920

Longe da fama e das espadas,
Alheio às turbas ele dorme.
Em torno há claustros ou arcadas?
Só a noite enorme.

Porque para ele, já virado
Para o lado onde está só Deus,
São mais que Sombra e que Passado
A terra e os céus.

Ali o gesto, a astúcia, a lida,
São já para ele, sem as ver,
Vácuo de ação, sombra perdida,
Sopro sem ser.

Só com sua alma e com a treva,
A alma gentil que nos amou
Inda esse amor e ardor conserva?
Tudo acabou?

No mistério onde a Morte some
Aquilo a que a alma chama a vida,
Que resta dele a nós — só o nome
E a fé perdida?

Se Deus o havia de levar,
Para que foi que no-lo trouxe —
Cavaleiro leal, do olhar
Altivo e doce?
Soldado-rei que oculta sorte

Como em braços da Pátria ergueu,
E passou como o vento norte
Sob o ermo céu.

Mas a alma acesa não aceita
Essa morte absoluta, o nada
De quem foi Pátria, e fé eleita,
E ungida espada.

Se o amor crê que a Morte mente
Quando a quem quer leva de novo,
Quão mais crê o Rei ainda existente
O amor de um povo!

Quem ele foi sabe-o a Sorte,
Sabe-o o Mistério e a sua lei.
A Vida fê-lo herói, e a Morte
O sagrou Rei!

Não é com fé que nós não cremos
Que ele não morra inteiramente.
Ah, sobrevive! Inda o teremos
Em nossa frente.

No oculto para o nosso olhar,
No visível à nossa alma,
Inda sorri com o antigo ar
De força calma.

Ainda de longe nos anima,
Inda na alma nos conduz —
Gládio de fé erguido acima
Da nossa cruz!
Nada sabemos do que oculta
O véu igual de noite e dia.
Mesmo ante a Morte a Fé exulta:

Chora e confia.

Apraz ao que em nós quer que seja
Qual Deus quis nosso querer tosco,
Crer que ele vela, benfazeja
Sombra conosco.

Não sai da nossa alma a fé
De que, alhures que o mundo e o fado,
Ele inda pensa em nós e é
O bem-amado.

Tenhamos fé, porque ele foi.
Deus não quer mal a quem o deu.
Não passa como o vento o herói
Sob o ermo céu.

E amanhã, quando queira a Sorte,
Quando findar a expiação,
Ressurrecto da falsa morte,
Ele já não.

Mas a ânsia nossa que encarnara,
A alma de nós de que foi braço,
Tornará, nova forma clara,
Ao tempo e ao espaço.

Tornará feito qualquer outro,
Qualquer coisa de nós com ele;
Porque o nome do herói morto
Inda compele;
Inda comanda, e a armada ida
Para os campos da Redenção,
Às vezes leva à frente, erguida
’Spada, a Ilusão.

E um raio só do ardente amor,
Que emana só do nome seu,
Dê sangue a um braço vingador,
Se esmoreceu.

Com mais armas que com Verdade
Combate a alma por quem ama.
É lenha só a Realidade:
A fé é a chama.

Mas ai, que a fé já não tem forma
Na matéria e na cor da Vida,
E, pensada, em dor se transforma
E a fé perdida!

Pra que deu Deus a confiança
A quem não ia dar o bem?
Morgado da nossa esperança,
A Morte o tem!

Mas basta o nome e basta a glória
Para ele estar conosco, e ser
Carnal presença de memória
A amanhecer;

’Spectro real feito de nós,
Da nossa saudade e ânsia,
Que fala com oculta voz
Na alma, a distância;
E a nossa própria dor se torna
Uma vaga ânsia, um ’sperar vago,
Como a erma brisa que transtorna
Um ermo lago.

Não mente a alma ao coração.
Se Deus o deu, Deus nos amou.

Porque ele pôde ser, Deus não
Nos desprezou

Rei-nato, a sua realeza,
Por não podê-la herdar dos seus
Avós, com mística inteireza
A herdou de Deus;

E, por direta consonância
Com a divina intervenção,
Uma hora ergueu-nos alta a ânsia
De salvação.

Toldou-o a Sorte que o trouxera
Outra vez com noturno véu.
Deus p’ra que no-lo deu, se era
P’ra o tornar seu?

Ah, tenhamos mais fé que a esp’rança!
Mais vivo que nós somos, fita
Do Abismo onde não há mudança
A terra aflita.

E se assim é; se, desde o Assombro
Aonde a Morte as vidas leva,
Vê esta pátria, escombro a escombro,
Cair na treva;
Se algum poder do que tivera
Sua alma, que não vemos, tem,
De longe ou perto — por que espera?
Por que não vem?

Em nova forma ou novo alento,
Que alheio pulso ou alma tome,
Regresse como um pensamento,
Alma de um nome!

Regresse sem que a gente o veja,
Regresse só que a gente o sinta —
Impulso, luz, visão que reja
E a alma pressinta!

E qualquer gládio adormecido,
Servo do oculto impulso, acorde,
E um novo herói se sinta erguido
Porque o recorde!

Governa o servo e o jogral.
O que íamos a ser morreu.
Não teve aurora a matinal
’Strela do céu.

Vivemos só de recordar.
Na nossa alma entristecida
Há um som de reza a invocar
A morta vida;

E um místico vislumbre chama
O que, no plaino trespassado,
Vive ainda em nós, longínqua chama —
O DESEJADO.

Sim, só há a esp’rança, como aquela
— E quem sabe se a mesma? — quando
Se foi de Aviz a última estrela
No campo infando.

Novo Alcacer-Kibir na noite!
Novo castigo e mal do Fado!
Por que pecado novo o açoite
Assim é dado?

Só resta a fé, que a sua memória

Nos nossos corações gravou,
Que Deus não dá paga ilusória
A quem amou.

Flor alta do paul da grei,
Antemanhã da Redenção,
Nele uma hora encarnou el-rei
Dom Sebastião.

O sopro de ânsia que nos leva
A querer ser o que já fomos,
E em nós vem como em uma treva,
Em vãos assomos.

Bater à porta ao nosso gesto,
Fazer apelo ao nosso braço,
Lembrar ao sangue nosso o doesto
E o vil cansaço,
Nele um momento clareou,
A noite antiga se seguiu,
Mas que segredo é que ficou
No escuro frio?
Que memória, que luz passada
Projeta, sombra, no futuro,
Dá na alma? Que longínqua espada
Brilha no escuro?

Que nova luz virá raiar
Da noite em que jazemos vis?
Ó sombra amada, vem tornar
A ânsia feliz.

Quem quer que sejas, lá no abismo
Onde a morte a vida conduz,
Sê para nós um misticismo
A vaga luz

Com que a noite erma inda vazia
No frio alvor da antemanhã
Sente, da esp’rança que há no dia,
Que não é vã.

E amanhã, quando houver a Hora,
Sendo Deus pago, Deus dirá
Nova palavra redentora
Ao mal que há,

E um novo verbo ocidental
Encarnado em heroísmo e glória,
Traga por seu broquel real
Tua memória!

Precursor do que não sabemos,
Passado de um futuro a abrir
No assombro de portais extremos
Por descobrir,
Sê estrada, gládio, fé, fanal,
Pendão de glória em glória erguido!
Tornas possível Portugal
Por teres sido!

Não era extinta a antiga chama
Se tu e o amor puderam ser.
Entre clarins te a glória aclama,
Morto a vencer!

E, porque foste, confiando
Em QUEM SERÁ porque tu foste,
Ergamos a alma, e com o infando
Sorrindo arroste,

Até que Deus o laço solte
Que prende à terra a asa que somos,

E a curva novamente volte
Ao que já fomos,

E no ar de bruma que estremece
(Clarim longínquo matinal!)
O DESEJADO enfim regresse
A Portugal!

QUINTO IMPÉRIO

QUINTO IMPÉRIO

[46] 1923-1935

Vibra, clarim, cuja voz diz.
Que outrora ergueste o grito real
Por D. João, Mestre de Aviz,
E Portugal!

Vibra, grita aquele hausto fundo
Com que impeliste, como um remo,
Em El-Rei D. João Segundo
O Império extremo!

Vibra, sem lei ou com lei,
Como aclamaste outrora em vão
O morto que hoje é vivo — El-Rei
D. Sebastião!

Vibra chamando, e aqui convoca
O inteiro exército fadado
Cuja extensão os polos toca
Do mundo dado!

Aquele exército que é feito
Do quanto em Portugal é o mundo
E enche este mundo vasto e estreito
De ser profundo.

Para a obra que há que prometer
Ao nosso esforço alado em si,
Convoco todos sem saber
(É a Hora!) aqui!

Os que, soldados da alta glória,
Deram batalhas com um nome,
E de cuja alma a voz da história
Tem sede e fome.

E os que, pequenos e mesquinhos,
No ver e crer da externa sorte,
Calçaram imperiais caminhos
Com vida e morte.

Sim, estes, os plebeus do Império,
Heróis sem ter para quem o ser,
Chama-os aqui, ó som etéreo
Que vibra a arder!

E os que sonharam, enlevados,
No Outro Império que sorri
Além do mundo e os céus fechados
Aqui! Aqui!

E, se o futuro é já presente
Na visão de quem sabe ver,
Convoca aqui eternamente
Os que hão de ser!

Todos, todos! A hora passa,
O gênio colhe-a quando vai.
Vibra! Forma outra e a mesma raça
Da que se esvai.

A todos, todos, feitos num
Que é Portugal, sem lei nem fim,
Convoca, e, erguendo-os um a um,
Vibra, clarim!
E outros, e outros, gente vária,
Oculta neste mundo misto.

Seu peito atrai, rubra e templária,
A Cruz de Cristo.

Glosam, secretos, altos motes,
Dados no idioma do Mistério —
Soldados não, mas sacerdotes,
Do Quinto Império.

Aqui! Aqui! Todos que são
O Portugal que é tudo em si,
Venham do abismo ou da ilusão,
Todos aqui!

Armada intérmina surgindo,
Sobre ondas de uma vida estranha.
Do que por haver ou do que é findo —
É o mesmo: venha!

Vós não soubestes o que havia
No fundo incógnito da raça,
Nem como a Mão, que tudo guia,
Seus planos traça.

Mas um instinto involuntário,
Um ímpeto de Portugal,
Encheu vosso destino vário
De um dom fatal.

De um rasgo de ir além de tudo,
De passar para além de Deus,
E, abandonando o Gládio e o escudo,
Galgar os céus.

Titãs de Cristo! Cavaleiros
De uma cruzada além dos astros,
De que esses astros, aos milheiros,

São só os rastros.

Vibra, estandarte feito som,
No ar do mundo que há de ser.
Nada pequeno é justo e bom.
Vibra a vencer!

Transcende a Grécia e a sua história
Que em nosso sangue continua!
Deixa atrás Roma e a sua glória
E a Igreja sua!

Depois transcende esse furor
E a todos chama ao mundo visto,
Hereges por um Deus maior
E um novo Cristo!

Vinde aqui todos os que sois,
Sabendo-o bem, sabendo-o mal,
Poetas, ou Santos ou Heróis
De Portugal.

Não foi para servos que nascemos
De Grécia ou Roma ou de ninguém.
Tudo negamos e esquecemos:
Fomos para além.

Vibra, clarim, mais alto! Vibra!
Grita a nossa ânsia já ciente
Que o seu inteiro voo libra
De poente a oriente.

Vibra, clarim! A todos chama!
Vibra! E tu mesmo, voz a arder,
O Portugal de Deus proclama
Com o fazer!

O Portugal feito Universo,
Que reúne, sob amplos céus,
O corpo anônimo e disperso
De Osíris, Deus.

O Portugal que se levanta
Do fundo surdo do Destino,
E, como a Grécia, obscuro canta
Baco divino.

Aquele inteiro Portugal,
Que, universal perante a Luz,
Reza, ante a Cruz universal,
Do Deus Jesus.

CANCIONEIRO

À GUISA DE PREFÁCIO

São três os elementos essenciais da poesia: Sentimento, Cor e Forma.

O sentimento poético, e, em certo grau, a cor poética podem ser usados na prosa; o que distingue especialmente a poesia é a forma poética. — Assim na prosa de Carlyle ou de Ruskin ou de Jenny Taylor há belas passagens de poesia poeticamente coloridas.

(1906?)

A poesia é a emoção expressa em ritmo através do pensamento, como a música é essa mesma expressão, mas direta, sem o intermédio da ideia.

[…]

(1913?)

A composição de um poema lírico deve ser feita não no momento da emoção, mas no momento da recordação dela. Um poema é um produto intelectual, e uma emoção, para ser intelectual, tem, evidentemente, porque não é, de si, intelectual, que existir intelectualmente. Ora a existência intelectual de uma emoção é a sua existência na inteligência — isto é, na recordação, única parte da inteligência, a propriamente tal, que pode conservar uma emoção.

(1928?)

1 — Em todo o momento de atividade mental acontece em nós um duplo fenômeno de percepção: ao mesmo tempo que temos consciência dum estado de alma, temos diante de nós, impressionando-nos os sentidos que estão virados para o exterior, uma paisagem qualquer, entendendo por paisagem, para conveniência de frases, tudo o que forma o mundo exterior num determinado momento da nossa percepção.

2 — Todo o estado de alma é uma paisagem. Isto é, todo o estado de alma é não só representável por uma paisagem, mas verdadeiramente uma paisagem. Há em nós um espaço interior onde a matéria da nossa vida física se agita. Assim

uma tristeza é um lago morto dentro de nós, uma alegria, um dia de sol no nosso espírito. E — mesmo que se não queira admitir que todo o estado de alma é uma paisagem — pode ao menos admitir-se que todo o estado de alma se pode representar por uma paisagem. Se eu disser “Há sol nos meus pensamentos”, ninguém compreenderá que os meus pensamentos estão tristes.

3 — Assim, tendo nós, ao mesmo tempo, consciência do exterior e do nosso espírito, e sendo o nosso espírito uma paisagem, temos ao mesmo tempo consciência de duas paisagens. Ora, essas paisagens fundem-se, interpenetram-se, de modo que o nosso estado de alma, seja ele qual for, sofre um pouco da paisagem que estamos vendo — num dia de sol uma alma triste não pode estar tão triste como num dia de chuva — e, também, a paisagem exterior sofre do nosso estado de alma — é de todos os tempos dizer-se, sobretudo em verso, coisas como que “na ausência da amada o sol não brilha”, e outras coisas assim. De maneira que a arte que queira representar bem a realidade terá de a dar através duma representação simultânea da paisagem interior e da paisagem exterior. Resulta que terá de tentar dar uma interseção de duas paisagens. Tem de ser duas paisagens, mas pode ser — não se querendo admitir que um estado de alma é uma paisagem — que se queira simplesmente intersecionar um estado de alma (puro e simples sentimento) com a paisagem exterior. […]

(sem data)

FERNANDO PESSOA

QUANDO ELA PASSA

[47] 5-5-1902

Quando eu me sento à janela
P’los vidros qu’a neve embaça
Vejo a doce imagem dela
Quando passa… passa…. passa…

Lançou-me a mágoa seu véu: —
Menos um ser neste mundo
E mais um anjo no céu.

Quando eu me sento à janela,
P’los vidros qu’a neve embaça
Julgo ver a imagem dela
Que já não passa… não passa…

EM BUSCA DA BELEZA

[48] 27-2-1909

I

Soam vãos, dolorido epicurista,
Os versos teus, que a minha dor despreza;
Já tive a alma sem descrença presa
Desse teu sonho, que perturba a vista.

Da Perfeição segui em vã conquista,
Mas vi depressa, já sem a alma acesa,
Que a própria ideia em nós dessa beleza
Um infinito de nós mesmos dista.
Nem à nossa alma definir podemos

A Perfeição em cuja estrada a vida,
Achando-a intérmina, a chorar perdemos.

O mar tem fim, o céu talvez o tenha,
Mas não a ânsia de Coisa indefinida
Que o ser indefinida faz tamanha.

II

Nem defini-la, nem achá-la, a ela —
A Beleza. No mundo não existe.
Ai de quem com a alma inda mais triste
Nos seres transitórios quer colhê-la!

Acanhe-se a alma porque não conquiste
Mais que o banal de cada coisa bela,
Ou saiba que ao ardor de querer havê-la —
À Perfeição — só a desgraça assiste.

Só quem da vida bebeu todo o vinho,
Dum trago ou não, mas sendo até o fundo,
Sabe (mas sem remédio) o bom caminho;

Conhece o tédio extremo da desgraça,
Que olha estupidamente o nauseabundo
Cristal inútil da vazia taça.

III

Só quem puder obter a estupidez
Ou a loucura pode ser feliz.
Buscar, querer, amar… tudo isto diz
Perder, chorar, sofrer, vez após vez.
A estupidez achou sempre o que quis
Do círculo banal da sua avidez;
Nunca aos loucos o engano se desfez
Com quem um falso mundo seu condiz.

Há dois males: verdade e aspiração,
E há uma forma só de os saber males:
É conhecê-los bem, saber que são
Um o horror real, o outro o vazio —
Horror não menos — dois como que vales
Duma montanha que ninguém subiu.

IV

Leva-me longe, meu suspiro fundo,
Além do que deseja e que começa,
Lá muito longe, onde o viver se esqueça
Das formas metafísicas do mundo.

Aí que o meu sentir vago e profundo
O seu lugar exterior conheça,
Aí durma em fim, aí enfim faleça
O cintilar do espírito fecundo.

Aí… mas de que serve imaginar
Regiões onde o sonho é verdadeiro
Ou terras para o ser atormentar?

É elevar demais a aspiração,
E, falhado esse sonho derradeiro,
Encontrar mais vazio o coração.

V

Braços cruzados, sem pensar nem crer,
Fiquemos pois sem mágoas nem desejos.
Deixemos beijos, pois o que são beijos?
A vida é só o esperar morrer.

Longe da dor e longe do prazer,
Conheçamos no sono os benfazejos
Poderes únicos; sem urzes, brejos,

A sua estrada sabe apetecer.

C’roado de papoilas e trazendo
Artes porque com sono tira sonhos,
Venha Morfeu, que as almas envolvendo,
Faça a felicidade ao mundo vir
Num nada onde sentimo-nos risonhos
Só de sentirmos nada já sentir.

VI

O sono — Oh, ilusão! — o sono? quem
Logrará esse vácuo ao qual aspira
A alma que de aspirar em vão delira
E já nem força para querer tem?

Que sono apetecemos? O d’alguém
Adormecido na feliz mentira
Da sonolência vaga que nos tira
Todo o sentir na qual a dor nos vem?

Ilusão tudo! Querer um sono eterno,
Um descanso, uma paz, não é senão
O último anseio desesperado e vão.
Perdido, resta o derradeiro inferno
Do tédio intérmino, esse de já não
Nem aspirar a ter aspiração.

MAR. MANHÃ

[49] 16-11-1909

Suavemente grande avança
Cheia de sol a onda do mar;
Pausadamente se balança,
E desce como a descansar.

Tão lenta e longa que parece
De uma criança de Titã
O glauco seio que adormece,
Arfando à brisa da manhã.

Parece ser um ente apenas
Este correr da onda do mar,
Como uma cobra que em serenas
Dobras se alongue a colear.

Unido e vasto e interminável
No são sossego azul do sol,
Arfa com um mover-se estável
O oceano ébrio de arrebol.

E a minha sensação é nula,
Quer de prazer, quer de pesar…
Ébria de alheia a mim ondula
Na onda lúcida do mar.

VISÃO

[50] 5-3-1910

Há um país imenso mais real
Do que a vida que o mundo mostra ter
Mais do que a Natureza natural
À verdade tremendo de viver.

Sob um céu uno e plácido e normal
Onde nada se mostra haver ou ser
Onde nem vento geme, nem fatal
A ideia de uma nuvem se faz crer,

Jaz — uma terra não — não há um solo
Mas estranha, gelando em desconsolo
À alma que vê esse país sem véu,

Hirtamente silente nos espaços
Uma floresta de escarnados braços
Inutilmente erguidos para o céu.

ANÁLISE

[51] 12-1911

Tão abstrata é a ideia do teu ser
Que me vem de te olhar, que, ao entreter
Os meus olhos nos teus, perco-os de vista,
E nada fica em meu olhar, e dista
Teu corpo do meu ver tão longemente,
E a ideia do teu ser fica tão rente
Ao meu pensar olhar-te, e ao saber-me
Sabendo que tu és, que, só por ter-me
Consciente de ti, nem a mim sinto.
E assim, neste ignorar-me a ver-te, minto
A ilusão da sensação, e sonho,
Não te vendo, nem vendo, nem sabendo
Que te vejo, ou sequer que sou, risonho
Do interior crepúsculo tristonho
Em que sinto que sonho o que me sinto sendo.

[52] 10-6-1910

Ó naus felizes, que do mar vago
Volveis enfim ao silêncio do porto
Depois de tanto noturno mal —
Meu coração é um morto lago,
E à margem triste do lago morto
Sonha um castelo medieval…

E nesse, onde sonha, castelo triste,
Nem sabe saber a, de mãos formosas
Sem gesto ou cor, triste castelã

Que um porto além rumoroso existe,
Donde as naus negras e silenciosas
Se partem quando é no mar manhã…

Nem sequer sabe que há o, onde sonha,
Castelo triste… Seu ’spírito monge
Para nada externo é perto e real…
E enquanto ela assim se esquece, tristonha,
Regressam, velas no mar ao longe,
As naus ao porto medieval…

HORA MORTA

[53] 23-3-1913

Lenta e lenta a hora
Por mim dentro soa
(Alma que se ignora!)
Lenta e lenta e lenta,
Lenta e sonolenta
A lua se escoa…

Tudo tão inútil!
Tão como que doente
Tão divinamente
Fútil — ah, tão fútil
Sonho que se sente
De si próprio ausente…

Naufrágio ante o ocaso…
Hora de piedade…
Tudo é névoa e acaso
Hora oca e perdida,
Cinza de vivida
(Que Poente me invade?)

Por que lenta ante olha
Lenta em seu som,
Que sinto ignorar?
Por que é que me gela
Meu próprio pensar
Em sonhar amar?…

[54] 23-3-1913

Que morta esta hora!
Que alma minha chora
Tão perdida e alheia?…
Mar batendo na areia,
Para quê? para quê?
Pra ser o que se vê
Na alva areia batendo?
Só isso? Não há
Lâmpada de haver —
— Um — sentido ardendo
Dentro da hora — já
Espuma de morrer?

IMPRESSÕES DO CREPÚSCULO

[55] 29-3-1913

Pauis de roçarem ânsias pela minh’alma em ouro…
Dobre longínquo de Outros Sinos… Empalidece o louro
Trigo na cinza do poente… Corre um frio carnal por minh’alma…
Tão sempre a mesma, a Hora!… Balançar de cimos de palma!…
Silêncio que as folhas fitam em nós… Outono delgado
Dum canto de vaga ave… Azul esquecido em estagnado…
Oh que mudo grito de ânsia põe garras na Hora!
Que pasmo de mim anseia por outra coisa que o que chora!
Estendo as mãos para além, mas ao estendê-las já vejo
Que não é aquilo que quero aquilo que desejo…

Címbalos de Imperfeição… Ó tão antiguidade
A Hora expulsa de si-Tempo! Onda de recuo que invade
O meu abandonar-me a mim próprio até desfalecer,
E recordar tanto o Eu presente que me sinto esquecer!…
Fluido de auréola, transparente de Foi, oco de ter-se…
O Mistério sabe-me a eu ser outro… Luar sobre o não conter-se…
A sentinela é hirta — a lança que finca no chão
É mais alta do que ela… Para que é tudo isto… Dia chão…
Trepadeiras de despropósito lambendo de Hora os Aléns…
Horizontes fechando os olhos ao espaço em que são elos de erro…
Fanfarras de ópios de silêncios futuros… Longes trens…
Portões vistos longe… através de árvores… tão de ferro!

HORA ABSURDA

[56] 4-7-1913

O teu silêncio é uma nau com todas as velas pandas…
Brandas, as brisas brincam nas flâmulas, teu sorriso…
E o teu sorriso no teu silêncio é as escadas e as andas
Com que me finjo mais alto e ao pé de qualquer paraíso…

Meu coração é uma ânfora que cai e que se parte…
O teu silêncio recolhe-o e guarda-o, partido, a um canto…
Minha ideia de ti é um cadáver que o mar traz à praia…, e entanto
Tu és a tela irreal em que erro em cor a minha arte…

Abre todas as portas e que o vento varra a ideia
Que temos de que um fumo perfuma de ócio os salões…
Minha alma é uma caverna enchida p’la maré cheia,
E a minha ideia de te sonhar uma caravana de histriões…

Chove ouro baço, mas não no lá-fora… É em mim… Sou a Hora,
E a Hora é de assombros e toda ela escombros dela…
Na minha atenção há uma viúva pobre que nunca chora…
No meu céu interior nunca houve uma única estrela…

Hoje o céu é pesado como a ideia de nunca chegar a um porto…
A chuva miúda é vazia… A Hora sabe a ter sido…
Não haver qualquer coisa como leitos para as naus!… Absorto
Em se alhear de si, teu olhar é uma praga sem sentido…

Todas as minhas horas são feitas de jaspe negro,
Minhas ânsias todas talhadas num mármore que não há,
Não é alegria nem dor esta dor com que me alegro,
E a minha bondade inversa não é nem boa nem má…

Os feixes dos lictores abriram-se à beira dos caminhos…
Os pendões das vitórias medievais nem chegaram às cruzadas…
Puseram in-fólios úteis entre as pedras das barricadas…
E a erva cresceu nas vias férreas com viços daninhos…

Ah, como esta hora é velha!… E todas as naus partiram!
Na praia só um cabo morto e uns restos de vela falam
De Longe, das horas do Sul, de onde os nossos sonhos tiram
Aquela angústia de sonhar mais que até para si calam…

O palácio está em ruínas… Dói ver no parque o abandono
Da fonte sem repuxo… Ninguém ergue o olhar da estrada
E sente saudades de si ante aquele lugar-outono…
Esta paisagem é um manuscrito com a frase mais bela cortada…

A doida partiu todos os candelabros glabros,
Sujou de humano o lago com cartas rasgadas, muitas…
E a minha alma é aquela luz que não mais haverá nos candelabros…
E que querem ao lago aziago minhas ânsias, brisas fortuitas?…

Por que me aflijo e me enfermo?… Deitam-se nuas ao luar
Todas as ninfas… Veio o sol e já tinham partido…
O teu silêncio que me embala é a ideia de naufragar,
E a ideia de a tua voz soar a lira dum Apolo fingido…

Já não há caudas de pavões todas olhos nos jardins de outrora…

As próprias sombras estão mais tristes… Ainda
Há rastros de vestes de aias (parece) no chão, e ainda chora
Um como que eco de passos pela alameda que eis finda…

Todos os ocasos fundiram-se na minha alma…
As relvas de todos os prados foram frescas sob meus pés frios…
Secou em teu olhar a ideia de te julgares calma,
E eu ver isso em ti é um porto sem navios…

Ergueram-se a um tempo todos os remos… Pelo ouro das searas
Passou uma saudade de não serem o mar… Em frente
Ao meu trono de alheamento há gestos com pedras raras…
Minha alma é uma lâmpada que se apagou e ainda está quente…

Ah, e o teu silêncio é um perfil de píncaro ao sol!
Todas as princesas sentiram o seio oprimido…
Da última janela do castelo só um girassol
Se vê, e o sonhar que há outros põe brumas no nosso sentido…

Sermos, e não sermos mais!… Ó leões nascidos na jaula!…
Repique de sinos para além, no Outro Vale… Perto?…
Arde o colégio e uma criança ficou fechada na aula…
Por que não há de ser o Norte o Sul?… O que está descoberto?…

E eu deliro… De repente pauso no que penso… Fito-te
E o teu silêncio é uma cegueira minha… Fito-te e sonho…
Há coisas rubras e cobras no modo como medito-te,
E a tua ideia sabe à lembrança de um sabor de medonho…

Para que não ter por ti desprezo? Por que não perdê-lo?…
Ah, deixa que eu te ignore… O teu silêncio é um leque —
Um leque fechado, um leque que aberto seria tão belo, tão belo,
Mas mais belo é não o abrir, para que a Hora não peque…

Gelaram todas as mãos cruzadas sobre todos os peitos…
Murcharam mais flores do que as que havia no jardim…

O meu amar-te é uma catedral de silêncios eleitos,
E os meus sonhos uma escada sem princípio mas com fim…

Alguém vai entrar pela porta… Sente-se o ar sorrir…
Tecedeiras viúvas gozam as mortalhas de virgens que tecem…
Ah, o teu tédio é uma estátua de uma mulher que há de vir,
O perfume que os crisântemos teriam, se o tivessem…

É preciso destruir o propósito de todas as pontes,
Vestir de alheamento as paisagens de todas as terras,
Endireitar à força a curva dos horizontes,
E gemer por ter de viver, como um ruído brusco de serras…

Há tão pouca gente que ame as paisagens que não existem!…
Saber que continuará a haver o mesmo mundo amanhã — como
[nos desalegra!…
Que o meu ouvir o teu silêncio não seja nuvens que atristem
O teu sorriso, anjo exilado, e o teu tédio, auréola negra…

Suave, como ter mãe e irmãs, a tarde rica desce…
Não chove já, e o vasto céu é um grande sorriso imperfeito…
A minha consciência de ter consciência de ti é uma prece,
E o meu saber-te a sorrir é uma flor murcha a meu peito…

Ah, se fôssemos duas figuras num longínquo vitral!…
Ah, se fôssemos as duas cores de uma bandeira de glória!…
Estátua acéfala posta a um canto, poeirenta pia batismal,
Pendão de vencidos tendo escrito ao centro este lema — *Vitória!*

O que é que me tortura?… Se até a tua face calma
Só me enche de tédios e de ópios de ócios medonhos…
Não sei… Eu sou um doido que estranha a sua própria alma…
Eu fui amado em efígie num país para além dos sonhos…

DOBRE

[57] 20-1-1913

Peguei no meu coração
E pu-lo na minha mão.

Olhei-o como quem olha
Grãos de areia ou uma folha.

Olhei-o pávido e absorto
Como quem sabe estar morto;

Com a alma só comovida
Do sonho e pouco da vida.

ALÉM-DEUS

[58]

I / *ABISMO*

Olho o Tejo, e de tal arte
Que me esquece olhar olhando,
E súbito isto me bate
De encontro ao devaneando —
O que é ser-rio, e correr?
O que é está-lo eu a ver?

Sinto de repente pouco,
Vácuo, o momento, o lugar.
Tudo de repente é oco —
Mesmo o meu estar a pensar.
Tudo — eu e o mundo em redor —
Fica mais que exterior.

Perde tudo o ser, ficar,
E do pensar se me some.
Fico sem poder ligar
Ser, ideia, alma de nome
A mim, à terra e aos céus…

E súbito encontro Deus.

II / *PASSOU*

Passou, fora de Quando,
De Porquê, e de Passando…,

Turbilhão de Ignorado,
Sem ter turbilhonado…,

Vasto por fora do Vasto
Sem ser, que a si se assombra…

O Universo é o seu rasto…
Deus é a sua sombra…

III / *A VOZ DE DEUS*

Brilha uma voz na noute…
De dentro de Fora ouvi-a…
Ó Universo, eu sou-te…
Oh, o horror da alegria
Deste pavor, do archote
Se apagar, que me guia!

Cinzas de ideia e de nome
Em mim, e a voz: *Ó mundo,*
Sermente em ti eu sou-me…
Mero eco de mim, me inundo
De ondas de negro lume
Em que pra Deus me afundo.

IV / *A QUEDA*

Da minha ideia do mundo
        Caí…
Vácuo além de profundo,

Sem ter Eu nem Ali…

Vácuo sem si próprio, caos
De ser pensado como ser…
Escada absoluta sem degraus…
Visão que se não pode ver…

Além-Deus! Além-Deus! Negra calma…
Clarão de Desconhecido…
Tudo tem outro sentido, ó alma,
Mesmo o ter-um-sentido…

V / *BRAÇO SEM CORPO BRANDINDO UM GLÁDIO*

Entre a árvore e o vê-la
Onde está o sonho?
Que arco da ponte mais vela
Deus?… E eu fico tristonho
Por não saber se a curva da ponte
É a curva do horizonte…

Entre o que vive e a vida
Pra que lado corre o rio?
Árvore de folhas vestida —
Entre isso e Árvore há fio?
Pombas voando — o pombal
Está-lhes sempre à direita, ou é real?

Deus é um grande Intervalo,
Mas entre quê e quê?…
Entre o que digo e o que calo
Existo? Quem é que me vê?
Erro-me… E o pombal elevado
Está em torno na pomba, ou de lado?

CHUVA OBLÍQUA

[59] 8-3-1914

I

Atravessa esta paisagem o meu sonho dum porto infinito
E a cor das flores é transparente de as velas de grandes navios
Que largam do cais arrastando nas águas por sombra
Os vultos ao sol daquelas árvores antigas…

O porto que sonho é sombrio e pálido
E esta paisagem é cheia de sol deste lado…
Mas no meu espírito o sol deste dia é porto sombrio
E os navios que saem do porto são estas árvores ao sol…

Liberto em duplo, abandonei-me da paisagem abaixo…
O vulto do cais é a estrada nítida e calma
Que se levanta e se ergue como um muro,
E os navios passam por dentro dos troncos das árvores
Com uma horizontalidade vertical,
E deixam cair amarras na água pelas folhas uma a uma dentro…

Não sei quem me sonho…
Súbito toda a água do mar do porto é transparente
E vejo no fundo, como uma estampa enorme que lá estivesse
[desdobrada,
Esta paisagem toda, renque de árvore, estrada a arder em aquele
[porto,
E a sombra duma nau mais antiga que o porto que passa
Entre o meu sonho do porto e o meu ver esta paisagem
E chega ao pé de mim, e entra por mim dentro,
E passa para o outro lado da minha alma…

II

Ilumina-se a igreja por dentro da chuva deste dia,
E cada vela que se acende é mais chuva a bater na vidraça…

Alegra-me ouvir a chuva porque ela é o templo estar aceso,
E as vidraças da igreja vistas de fora são o som da chuva ouvido
[por dentro…

O esplendor do altar-mor é o eu não poder quase ver os montes
Através da chuva que é ouro tão solene na toalha do altar…

Soa o canto do coro, latino e vento a sacudir-me a vidraça
E sente-se chiar a água no fato de haver coro…

A missa é um automóvel que passa
Através dos fiéis que se ajoelham em hoje ser um dia triste…
Súbito vento sacode em esplendor maior
A festa da catedral e o ruído da chuva absorve tudo
Até só se ouvir a voz do padre água perder-se ao longe
Com o som de rodas de automóvel…

E apagam-se as luzes da igreja
Na chuva que cessa…

III

A Grande Esfinge do Egito sonha por este papel dentro…
Escrevo — e ela aparece-me através da minha mão transparente
E ao canto do papel erguem-se as pirâmides…

Escrevo — perturbo-me de ver o bico da minha pena
Ser o perfil do rei Quéops…
De repente paro…
Escureceu tudo… Caio por um abismo feito de tempo…

Estou soterrado sob as pirâmides a escrever versos à luz clara
[deste candeeiro
E todo o Egito me esmaga de alto através dos traços que faço
[com a pena…

Ouço a Esfinge rir por dentro

O som da minha pena a correr no papel…
Atravessa o eu não poder vê-la uma mão enorme,
Varre tudo para o canto do teto que fica por detrás de mim,
E sobre o papel onde escrevo, entre ele e a pena que escreve
Jaz o cadáver do rei Quéops, olhando-me com olhos muito abertos,
E entre os nossos olhares que se cruzam corre o Nilo
E uma alegria de barcos embandeirados erra
Numa diagonal difusa
Entre mim e o que eu penso…

Funerais do rei Quéops em ouro velho e Mim!…

IV

Que pandeiretas o silêncio deste quarto!…
As paredes estão na Andaluzia…
Há danças sensuais no brilho fixo da luz…

De repente todo o espaço para…,
Para, escorrega, desembrulha-se…,
E num canto do teto, muito mais longe do que ele está,
Abrem mãos brancas janelas secretas
E há ramos de violetas caindo
De haver uma noite de Primavera lá fora
Sobre o eu estar de olhos fechados…

V

Lá fora vai um redemoinho de sol os cavalos do *carroussel*…
Árvores, pedras, montes bailam parados dentro de mim…
Noite absoluta na feira iluminada, luar no dia de sol lá fora,
E as luzes todas da feira fazem ruídos dos muros do quintal…
Ranchos de raparigas de bilha à cabeça
Que passam lá fora, cheias de estar sob o sol,
Cruzam-se com grandes grupos peganhentos de gente que anda
[na feira.

Gente toda misturada com as luzes das barracas, com a noite e
[com o luar,

E os dois grupos encontram-se e penetram-se
Até formarem só um que é os dois…
A feira e as luzes da feira e a gente que anda na feira,
E a noite que pega na feira e a levanta no ar,
Andam por cima das copas das árvores cheias de sol,
Andam visivelmente por baixo dos penedos que luzem ao sol,
Aparecem do outro lado das bilhas que as raparigas levam à cabeça,
E toda esta paisagem de primavera é a lua sobre a feira,
E toda a feira com ruídos e luzes é o chão deste dia de sol…

De repente alguém sacode esta hora dupla como numa peneira
E, misturado, o pó das duas realidades cai
Sobre as minhas mãos cheias de desenhos de portos
Com grandes naus que se vão e não pensam em voltar…
Pó de oiro branco e negro sobre os meus dedos…
As minhas mãos são os passos daquela rapariga que abandona a
[feira,

Sozinha e contente como o dia hoje…

VI

O maestro sacode a batuta,
A lânguida e triste a música rompe…
Lembra-me a minha infância, aquele dia
Em que eu brincava ao pé dum muro de quintal
Atirando-lhe com uma bola que tinha dum lado
O deslizar dum cão verde, e do outro lado
Um cavalo azul a correr com um *jockey* amarelo…

Prossegue a música, e eis na minha infância
De repente entre mim e o maestro, muro branco,
Vai e vem a bola, ora um cão verde,

Ora um cavalo azul com um *jockey* amarelo…

Todo o teatro é o meu quintal, a minha infância
Está em todos os lugares, e a bola vem a tocar música,
Uma música triste e vaga que passeia no meu quintal
Vestida de cão verde tornando-se *jockey* amarelo…
(Tão rápida gira a bola entre mim e os músicos…)

Atiro-a de encontro à minha infância e ela
Atravessa o teatro todo que está aos meus pés
A brincar com um *jockey* amarelo e um cão verde
E um cavalo azul que aparece por cima do muro
Do meu quintal… E a música atira com bolas
À minha infância… E o muro do quintal é feito de gestos
De batuta e rotações confusas de cães verdes
E cavalos azuis e *jockeys* amarelos…

Todo o teatro é um muro branco de música
Por onde um cão verde corre atrás de minha saudade
Da minha infância, cavalo azul com um *jockey* amarelo…

E dum lado para o outro, da direita para a esquerda,
Donde há árvores e entre os ramos ao pé da copa
Com orquestras a tocar música,
Para onde há filas de bolas na loja onde a comprei
E o homem da loja sorri entre as memórias da minha infância…

E a música cessa como um muro que desaba,
A bola rola pelo despenhadeiro dos meus sonhos interrompidos,
E do alto dum cavalo azul, o maestro, *jockey* amarelo tornando-
[-se preto,
Agradece, pousando a batuta em cima da fuga dum muro,
E curva-se, sorrindo, com uma bola branca em cima da cabeça,
Bola branca que lhe desaparece pelas costas abaixo…

[60] 24-6-1914

As tuas mãos terminam em segredo.
Os teus olhos são negros e macios
Cristo na cruz os teus seios [?] esguios
E o teu perfil princesas no degredo…

Entre buxos e ao pé de bancos frios
Nas entrevistas alamedas, quedo
O vento põe seu arrastado medo
Saudoso a longes velas de navios.

Mas quando o mar subir na praia e for
Arrasar os castelos que na areia
As crianças deixaram, meu amor,

Será o haver cais num mar distante…
Pobre do rei pai das princesas feias
No seu castelo à rosa do Levante!

CANÇÃO

[61] 25-9-1914

Silfos ou gnomos tocam?…
Roçam nos pinheirais
Sombras e bafos leves
De ritmos musicais.

Ondulam como em voltas
De estradas não sei onde
Ou como alguém que entre árvores
Ora se mostra ou esconde.

Forma longínqua e incerta
Do que eu nunca terei…
Mal ouço, e quase choro.

Por que choro não sei.

Tão tênue melodia
Que mal sei se ela existe
Ou se é só o crepúsculo,
Os pinhais e eu estar triste.

Mas cessa, como uma brisa
Esquece a forma aos seus ais;
E agora não há mais música
Do que a dos pinheirais

[62] 6-10-1914

Serena voz imperfeita, eleita
Para falar aos deuses mortos —
A janela que falta ao teu palácio deita
Para o Porto todos os portos.

Faísca da ideia de uma voz soando
Lírios nas mãos das princesas sonhadas,
Eu sou a maré de pensar-te, orlando
A Enseada todas as enseadas.

Brumas marinhas esquinas de sonho…
Janelas dando para o Tédio os charcos…
E eu fito o meu Fim que me olha, tristonho,
Do convés do Barco todos os barcos…

UNS VERSOS QUAISQUER

[63] 11-10-1914

Vive o momento com saudade dele
   Já ao vivê-lo…
Barcas vazias, sempre nos impele
   Como a um solto cabelo

Um vento para longe, e não sabemos,
Ao viver, que sentimos ou queremos…

Demo-nos pois a consciência disto
    Como de um lago
Posto em paisagens de torpor mortiço
    Sob um céu ermo e vago,
E que nossa consciência de nós seja
Uma coisa que nada já deseja…

Assim idênticos à hora toda
    Em seu pleno sabor,
Nossa vida será nossa anteboda:
    Não nós, mas uma cor,
Um perfume, um meneio de arvoredo,
E a morte não virá nem tarde ou cedo…

Porque o que importa é que já nada importe…
    Nada nos vale
Que se debruce sobre nós a Sorte,
    Ou, tênue e longe, cale
Seus gestos… Tudo é o mesmo… Eis o momento…
Sejamo-lo… Pra quê o pensamento?…

[64] 4-11-1914

Como a noite é longa!
Toda a noite é assim…
Senta-te, ama, perto
Do leito onde esperto.

Vem p'r'ao pé de mim…
Amei tanta coisa…
Hoje nada existe.
Aqui ao pé da cama
Canta-me, minha ama,

Uma canção triste.
Era uma princesa
Que amou… Já não sei…
Como estou esquecido!
Canta-me ao ouvido
E adormecerei…

Que é feito de tudo?
Que fiz eu de mim?
Deixa-me dormir,
Dormir a sorrir
E seja isto o fim.

[65] 4-11-1914

Bate a luz no cimo
Da montanha, vê…
Sem querer, eu cismo
Mas não sei em quê…

Não sei que perdi
Ou que não achei…
Vida que vivi,
Que mal eu a amei!…

Hoje quero tanto
Que o não posso ter.
De manhã há o pranto
E ao anoitecer.

Tomara eu ter jeito
Para ser feliz…
Como o mundo é estreito,
E o pouco que eu quis!

Vai morrendo a luz

No alto da montanha…
Como um rio a flux
A minha alma banha,

Mas não me acarinha,
Não me acalma nada…
Pobre criancinha
Perdida na estrada!…

[66] 4-11-1914

Saber? Que sei eu?
Pensar é descrer.
— Leve e azul é o céu —
Tudo é tão difícil
De compreender!…

A ciência, uma fada
Num conto de louco…
— A luz é lavada —
Como o que nós vemos
É nítido e pouco!

Que sei eu que abrande
Meu anseio fundo?
Ó céu real e grande,
Não saber o modo
De pensar o mundo!

[67] 4-11-1914

Vai redonda e alta
A lua. Que dor
É em mim um amor?…
Não sei que me falta…

Não sei o que quero,

Nem posso sonhá-lo…
Como o luar é ralo
No chão vago e austero!…

Ponho-me a sorrir
Pra a ideia de mim…
E tão triste, assim
Como quem está a ouvir

Uma voz que o chama
Mas não sabe donde
(Voz que em si se esconde)
E só a ela ama…

E tudo isto é o luar
E a minha dor
Tornado exterior
Ao meu meditar…

Que desassossego!
Que inquieta ilusão!
E esta sensação
Oca, de ser cego

No meu pensamento,
Na minha vontade…
Ah, a suavidade
Do luar sem tormento

Batendo na alma
De quem só sentisse
O luar, e existisse
Só pra a sua calma.

[68] 5-11-1914

Sopra demais o vento

Para eu poder descansar…
Há no meu pensamento
Qualquer coisa que vai parar…

Talvez esta coisa da alma
Que acha real a vida…
Talvez esta coisa calma
Que me faz a alma vivida…

Sopra um vento excessivo…
Tenho medo de pensar…
O meu mistério eu avivo
Se me perco a meditar.

Vento que passa e esquece,
Poeira que se ergue e cai…
Ai de mim se eu pudesse
Saber o que em mim vai!…

[69] 1-12-1914

Chove? Nenhuma chuva cai…
Então onde é que eu sinto um dia
Em que o ruído da chuva atrai
A minha inútil agonia?

Onde é que chove, que eu o ouço?
Onde é que é triste, ó claro céu?
Eu quero sorrir-te, e não posso,
Ó céu azul, chamar-te meu…

E o escuro ruído da chuva
É constante em meu pensamento.
Meu ser é a invisível curva
Traçada pelo som do vento…

E eis que ante o sol e o azul do dia,

Como se a hora me estorvasse,
Eu sofro… E a luz e a sua alegria
Cai aos meus pés como um disfarce.

Ah, na minha alma sempre chove.
Há sempre escuro dentro de mim.
Se escuto, alguém dentro de mim ouve
A chuva, como a voz de um fim…

Quando é que eu serei da tua cor,
Do teu plácido e azul encanto,
Ó claro dia exterior,
Ó céu mais útil que o meu pranto?

[70] 11-11-1914

Ameaçou chuva. E a negra
Nuvem passou sem mais…
Todo o meu ser se alegra
Em alegrias iguais.

Nuvem que passa… Céu
Que fica e nada diz…
Vazio azul sem véu
Sobre a terra feliz…

E a terra é verde, verde…
Por que então minha vista
Por meus sonhos se perde?
De que é que a minha alma dista?

[71] 5-11-1914

Meu pensamento é um rio subterrâneo.
Para que terras vai e donde vem?
Não sei… Na noite em que o meu ser o tem
Emerge dele um ruído subitâneo

De origens no Mistério extraviadas
De eu compreendê-las…, misteriosas fontes
Habitando a distância e ermos montes
Onde os momentos são a Deus chegados…

De vez em quando luze em minha mágoa,
Como um farol num mar desconhecido,
Um movimento de correr, perdido
Em mim, um pálido soluço de água…

E eu relembro de tempos mais antigos
Que a minha consciência da ilusão
Águas divinas percorrendo o chão
De verdores uníssonos e amigos,

E a ideia de uma Pátria anterior
À forma consciente do meu ser
Dói-me no que desejo, e vem bater
Como uma onda de encontro à minha dor.

Escuto-o… Ao longe, no meu vago tato
Da minha alma, perdido som incerto,
Como um eterno rio indescoberto,
Mais que a ideia de rio certo e abstrato…

E pra onde é que ele vai, que se extravia
Do meu ouvi-lo? A que cavernas desce?
Em que frios de Assombro é que arrefece?
De que névoas soturnas se anuvia?

Não sei… Eu perco-o… E outra vez regressa
A luz e a cor do mundo claro e atual,
E na interior distância do meu Real
Como se a alma acabasse, o rio cessa…

[72] 23-5-1916

Não sei, ama, onde era.
Nunca o saberei…
Sei que era primavera
E o jardim do rei…
(Filha, quem o soubera!…)

Que azul tão azul tinha
Ali o azul do céu!
Se eu não era a rainha,
Por que era tudo meu?
(Filha, quem o adivinha?)

E o jardim tinha flores
De que não me sei lembrar…
Flores de tantas cores…
Penso e fico a chorar…
(Filha, os sonhos são dores…)

Qualquer dia viria
Qualquer coisa a fazer
Toda aquela alegria
Mais alegria nascer
(Filha, o resto é morrer…)

Conta-me contos, ama…
Todos os contos são
Esse dia, e jardim e a dama
Que eu fui nessa solidão…

PASSOS DA CRUZ

[73]

I

Esqueço-me das horas transviadas…
O Outono mora mágoas nos outeiros

E põe um roxo vago nos ribeiros…
Hóstia de assombro a alma, e toda estradas…

Aconteceu-me esta paisagem, fadas
De sepulcros a orgíaco… Trigueiros
Os céus da tua face, e os derradeiros
Tons do poente segredam nas arcadas…

No claustro sequestrando a lucidez
Um espasmo apagado em ódio à ânsia
Põe dias de ilhas vistas do convés

No meu cansaço perdido entre os gelos,
E a cor do outono é um funeral de apelos
Pela estrada da minha dissonância…

II

Há um poeta em mim que Deus me disse…
A Primavera esquece nos barrancos
As grinaldas que trouxe dos arrancos
Da sua efêmera e espectral ledice…

Pelo prado orvalhado a meninice
Faz soar a alegria os seus tamancos…
Pobre de anseios teu ficar nos bancos
Olhando a hora como quem sorrisse…

Florir do dia a capitéis de Luz…
Violinos do silêncio enternecidos…
Tédio onde o só ter tédio nos seduz…

Minha alma beija o quadro que pintou…
Sento-me ao pé dos séculos perdidos
E cismo o seu perfil de inércia e voo…

III

Adagas cujas joias velhas galas…
Opalesci amar-me entre mãos raras,
E fluido a febres entre um lembrar de aras,
O convés sem ninguém cheio de malas…

O íntimo silêncio das opalas
Conduz orientes até joias caras,
E o meu anseio vai nas rotas claras
De um grande sonho cheio de ócio e salas…

Passa o cortejo imperial, e ao longe
O povo só pelo cessar das lanças
Sabe que passa o seu tirano, e estruge

Sua ovação, e erguem as crianças…
Mas no teclado as tuas mãos pararam
E indefinidamente repousaram…

IV

Ó tocadora de harpa, se eu beijasse
Teu gesto, sem beijar as tuas mãos!,
E, beijando-o, descesse p’los desvãos
Do sonho, até que enfim eu o encontrasse

Tornado Puro Gesto, gesto-face
Da medalha sinistra — reis cristãos
Ajoelhando, inimigos, e irmãos,
Quando processional o andor passasse!…

Teu gesto que arrepanha e se extasia…
O teu gesto completo, lua fria
Subindo, e embaixo, negros, os juncais…

Caverna em estalactites o teu gesto…
Não poder eu prendê-lo, fazer mais
Que vê-lo, e que perdê-lo!… E o sonho é o resto…

V

Tênue, roçando sedas pelas horas,
Teu vulto ciciante passa e esquece,
E dia a dia adias para prece
O rito cujo ritmo só decoras…

Um mar longínquo e próximo umedece
Teu lábios onde, mais que em ti, descoras…
E, alada, leve, sobre a dor que choras,
Sem qu’rer saber de ti a tarde desce…

Erra no anteluar a voz dos tanques…
Na quinta imensa gorgolejam águas,
Na treva vaga ao meu ter dor estanques…

Meu império é das horas desiguais,
E dei meu gesto lasso às algas mágoas
Que há para além de sermos outonais…

VI

Venho de longe e trago no perfil,
Em forma nevoenta e afastada,
O perfil de outro ser que desagrada
Ao meu atual recorte humano e vil.

Outrora fui talvez, não Boabdil,
Mas o seu mero último olhar, da estrada
Dado ao deixado vulto de Granada,
Recorte frio sob o unido anil…
Hoje sou a saudade imperial
Do que já na distância de mim vi…
Eu próprio sou aquilo que perdi….

E nesta estrada para Desigual
Florem em esguia glória marginal

Os girassóis do império que morri…

VII

Fosse eu apenas, não sei onde ou como,
Uma coisa existente sem viver,
Noite de Vida sem amanhecer
Entre as sirtes do meu dourado assomo…

Fada maliciosa ou incerto gnomo
Fadado houvesse de não pertencer
Meu intuito gloríola com ter
A árvore do meu uso o único pomo…

Fosse eu uma metáfora somente
Escrita nalgum livro insubsistente
Dum poeta antigo, de alma em outras gamas,

Mas doente, e, num crepúsculo de espadas,
Morrendo entre bandeiras desfraldadas
Na última tarde de um império em chamas…

VIII

Ignorado ficasse o meu destino
Entre pálios (e a ponte sempre à vista),
E anel concluso a chispas de ametista
A frase falha do meu póstumo hino…
Florescesse em meu glabro desatino
O himeneu das escadas da conquista
Cuja preguiça, arrecadada, dista
Almas do meu impulso cristalino…

Meus ócios ricos assim fossem, vilas
Pelo campo romano, e a toga traça
No meu soslaio anônimas (desgraça
A vida) curvas sob mãos intranquilas…

E tudo sem Cleópatra teria
Findado perto de onde raia o dia…

IX

Meu coração é um pórtico partido
Dando excessivamente sobre o mar.
Vejo em minha alma as velas vãs passar
E cada vela passa num sentido.

Um soslaio de sombras e ruído
Na transparente solidão do ar
Evoca estrelas sobre a noite estar
Em afastados céus o pórtico ido…

E em palmares de Antilhas entrevistas
Através de, com mãos eis apartados
Os sonhos, cortinados de ametistas,

Imperfeito o sabor de compensando
O grande espaço entre os troféus alçados
Ao centro do triunfo em ruído e bando…

X

Aconteceu-me do alto do infinito
Esta vida. Através de nevoeiros,
Do meu próprio ermo ser fumos primeiros,
Vim ganhando, e através estranhos ritos

De sombra e luz ocasional, e gritos
Vagos ao longe, e assomos passageiros
De saudade incógnita, luzeiros
De divino, este ser fosco e proscrito…

Caiu chuva em passados que fui eu.
Houve planícies de céu baixo e neve

Nalguma coisa de alma do que é meu.

Narrei-me à sombra e não me achei sentido.
Hoje sei-me o deserto onde Deus teve
Outrora a sua capital de olvido…

XI

Não sou eu quem descrevo. Eu sou a tela
E oculta mão colora alguém em mim.
Pus a alma no nexo de perdê-la
E o meu princípio floresceu em Fim.

Que importa o tédio que dentro em mim gela,
E o leve Outono, e as galas, e o marfim,
E a congruência da alma que se vela
Como os sonhados pálios de cetim?

Disperso… E a hora como um leque fecha-se…
Minha alma é um arco tendo ao fundo o mar…
O tédio? A mágoa? A vida? O sonho? Deixa-se…
E, abrindo as asas sobre Renovar,
A erma sombra do voo começado
Pestaneja no campo abandonado…

XII

Ela ia, tranquila pastorinha,
Pela estrada da minha imperfeição.
Seguia-a, como um gesto de perdão,
O seu rebanho, a saudade minha…

“Em longes terras hás de ser rainha”
Um dia lhe disseram, mas em vão…
Seu vulto perde-se na escuridão…
Só sua sombra ante meus pés caminha…

Deus te dê lírios em vez desta hora,
E em terras longe do que eu hoje sinto
Serás, rainha não, mas só pastora —

Só sempre a mesma pastorinha a ir,
E eu serei teu regresso, esse indistinto
Abismo entre o meu sonho e o meu porvir…

XIII

Emissário de um rei desconhecido,
Eu cumpro informes instruções de além,
E as bruscas frases que aos meus lábios vêm
Soam-me a um outro e anômalo sentido…

Inconscientemente me divido
Entre mim e a missão que o meu ser tem,
E a glória do meu Rei dá-me o desdém
Por este humano povo entre quem lido…
Não sei se existe o Rei que me mandou.
Minha missão será eu a esquecer,
Meu orgulho o deserto em que em mim estou…

Mas ah, eu sinto-me altas tradições
De antes de tempo e espaço e vida e ser…
Já viram Deus as minhas sensações…

XIV

Como uma voz de fonte que cessasse
(E uns para os outros nossos vãos olhares
Se admiraram), pra além dos meus palmares
De sonho, a voz que do meu tédio nasce

Parou… Apareceu já sem disfarce
De música longínqua, asas nos ares,
O mistério silente como os mares,

Quando morreu o vento e a calma pasce…

A paisagem longínqua só existe
Para haver nela um silêncio em descida
Pra o mistério, silêncio a que a hora assiste…

E, perto ou longe, grande lago mudo,
O mundo, o informe mundo onde há a vida…
E Deus, a Grande Ogiva ao fim de tudo…

[74] 11-3-1917

Há no firmamento
Um frio lunar.
Um vento nevoento
Vem de ver o mar.

Quase maresia
A hora interroga,
E uma angústia fria
Indistinta voga.

Não sei o que faça,
Não sei o que penso,
O frio não passa
E o tédio é imenso.

Não tenho sentido,
Alma ou intenção…
’Stou no meu olvido…
Dorme, coração…

[75] 14-3-1917

Súbita mão de algum fantasma oculto
Entre as dobras da noite e do meu sono
Sacode-me e eu acordo, e no abandono

Da noite não enxergo gesto ou vulto.

Mas um terror antigo, que insepulto
Trago no coração, como de um trono
Desce e se afirma meu senhor e dono
Sem ordem, sem meneio e sem insulto.

E eu sinto a minha vida de repente
Presa por uma corda de Inconsciente
A qualquer mão noturna que me guia

Sinto que sou ninguém salvo uma sombra
De um vulto que não vejo e que me assombra,
E em nada existo como a treva fria.

[76] 5-6-1917

Para onde vai a minha vida, e quem a leva?
Por que faço eu sempre o que não queria?
Que destino contínuo se passa em mim na treva?
Que parte de mim, que eu desconheço, é que me guia?

O meu destino tem um sentido e tem um jeito,
A minha vida segue uma rota e uma escala,
Mas o consciente de mim é o esboço imperfeito
Daquilo que faço e sou; não me iguala.

Não me compreendo nem no que, compreendendo, faço.
Não atinjo o fim ao que faço pensando num fim.
É diferente do que é o prazer ou a dor que abraço.
Passo, mas comigo não passa um eu que há em mim.

Quem sou, senhor, na tua treva e no teu fumo?
Além da minha alma, que outra alma há na minha?
Por que me destes o sentimento de um rumo,
Se o rumo que busco não busco, se em mim nada caminha

Senão com um uso não meu dos meus passos, senão
Com um destino escondido de mim nos meus atos?
Para que sou consciente se a consciência é uma ilusão?
Que sou entre quê e os fatos?

Fechai-me os olhos, toldai-me a vista da alma!
Ó ilusões! Se eu nada sei de mim e da vida,
Ao menos eu goze esse nada, sem fé, mas com calma,
Ao menos durma viver, como uma praia esquecida…

INTERVALO

[77]

Quem te disse ao ouvido esse segredo
Que raras deusas têm escutado —
Aquele amor cheio de crença e medo
Que é verdadeiro só se é segredado?…
Quem to disse tão cedo?

Não fui eu, que te não ousei dizê-lo.
Não foi um outro, porque o não sabia.
Mas quem roçou da testa teu cabelo
E te disse ao ouvido o que sentia?
Seria alguém, seria?

Ou foi só que o sonhaste e eu te o sonhei?
Foi só qualquer ciúme meu de ti
Que o supôs dito, porque o não direi,
Que o supôs feito, porque o só fingi
Em sonhos que nem sei?

Seja o que for, quem foi que levemente,
A teu ouvido vagamente atento,
Te falou desse amor em mim presente
Mas que não passa do meu pensamento

Que anseia e que não sente?

Foi um desejo que, sem corpo ou boca,
A teus ouvidos de eu sonhar-te disse
A frase eterna, imerecida e louca —
A que as deusas esperam da ledice
Com que o Olimpo se apouca.

EPISÓDIOS / *A MÚMIA*

[78]

I

Andei léguas de sombra
Dentro em meu pensamento.
Floresceu às avessas
Meu ócio com sem-nexo,
E apagaram-se as lâmpadas
Na alcova cambaleante.

Tudo prestes se volve
Um deserto macio
Visto pelo meu tato
Dos veludos da alcova,
Não pela minha vista.
Há um oásis no Incerto
E, como uma suspeita
De luz por não-há-frinchas,
Passa uma caravana.

Esquece-me de súbito
Como é o espaço, e o tempo
Em vez de horizontal
É vertical.
              A alcova
Desce não sei por onde

Até não me encontrar.
Ascende um leve fumo
Das minhas sensações.
Deixo de me incluir

Dentro de mim. Não há.
Cá-dentro nem lá-fora.

E o deserto está agora
Virado para baixo.

A noção de mover-me
Esqueceu-se do meu nome.

Na alma meu corpo pesa-me.
Sinto-me um reposteiro
Pendurado na sala
Onde jaz alguém morto.

Qualquer coisa caiu
E tiniu no infinito.

II

Na sombra Cleópatra jaz morta.
Chove.

Embandeiraram o barco de maneira errada.
Chove sempre.

Para que olhas tu a cidade longínqua?
Tua alma é a cidade longínqua.
Chove friamente.
E quanto à mãe que embala ao colo um filho morto —
Todos nós embalamos ao colo um filho morto.
Chove, chove.

O sorriso triste que sobra a teus lábios cansados,
Vejo-o no gesto com que os teus dedos não deixam os teus anéis.
Por que é que chove?

III

De quem é o olhar
Que espreita por meus olhos?
Quando penso que vejo,
Quem continua vendo
Enquanto estou pensando?
Por que caminhos seguem,
Não os meus tristes passos,
Mas a realidade
De eu ter passos comigo?

Às vezes, na penumbra
Do meu quarto, quando eu
Para mim próprio mesmo
Em alma mal existo,
Toma um outro sentido
Em mim o Universo —
É uma nódoa esbatida
De eu ser consciente sobre
Minha ideia das coisas.

Se acenderem as velas
E não houver apenas
A vaga luz de fora —
Não sei que candeeiro
Aceso onde na rua —
Terei foscos desejos
De nunca haver mais nada
No Universo e na Vida
De que o obscuro momento
Que é minha vida agora:

Um momento afluente
Dum rio sempre a ir
Esquecer-se de ser,
Espaço misterioso

Entre espaços desertos
Cujo sentido é nulo
E sem ser nada a nada.
E assim a hora passa
Metafisicamente.

IV

As minhas ansiedades caem
Por uma escada abaixo.
Os meus desejos balançam-se.
Em meio de um jardim vertical.

Na Múmia a posição é absolutamente exata.

Música longínqua,
Música excessivamente longínqua,
Para que a Vida passe
E colher esqueça aos gestos.

V

Por que abrem as coisas alas para eu passar?
Tenho medo de passar entre elas, tão paradas conscientes.
Tenho medo de as deixar atrás de mim a tirarem a Máscara.

Mas há sempre coisas atrás de mim.
Sinto a sua ausência de olhos fitar-me, e estremeço.
Sem se mexerem, as paredes vibram-me sentido.
Falam comigo sem voz de dizerem-me as cadeiras.
Os desenhos do pano da mesa têm vida, cada um é um abismo.
Luze a sorrir com visíveis lábios invisíveis

A porta abrindo-se conscientemente
Sem que a mão seja mais que o caminho para abrir-se.
De onde é que estão olhando para mim?
Que coisas incapazes de olhar estão olhando para mim?
Quem espreita de tudo?

As arestas fitam-me
Sorriem realmente as paredes lisas.

Sensação de ser só a minha espinha.

As espadas.

FICÇÕES DO INTERLÚDIO

[79]

I / *PLENILÚNIO*

As horas pela alameda
Arrastam vestes de seda,

Vestes de seda sonhada
Pela alameda alongada

Sob o azular do luar…
E ouve-se no ar a expirar —

A expirar mas nunca expira —
Uma flauta que delira,

Que é mais a ideia de ouvi-la
Que ouvi-la quase tranquila

Pelo ar a ondear e a ir…
Silêncio a tremeluzir…

II / *SAUDADE DADA*

Em horas inda louras, lindas
Clorindas e Belindas, brandas,
Brincam no tempo das berlindas,
As vindas vendo das varandas.
De onde ouvem vir a rir as vindas
Fitam a fio as frias brandas.

Mas em torno à tarde se entorna
A atordoar o ar que arde
Que a eterna tarde já não torna!
E em tom de atoarda todo o alarde
De adornado ardor transtorna
No ar de torpor da tarda tarde.

E há nevoentos desencantos
Dos encantos dos pensamentos
Nos santos lentos dos recantos
Dos bentos cantos dos conventos…
Prantos de intentos, lentos, tantos
Que encantam os atentos ventos.

III / *PIERROT BÊBEDO*

Nas ruas da feira,
Da feira deserta,
Só a lua cheia
Branqueia e clareia
As ruas da feira
Na noite entreaberta.

Só a lua alva
Branqueia e clareia
A paisagem calva
De abandono e alva

Alegria alheia.

Bêbeda branqueia
Como pela areia
Nas ruas da feira,
Da feira deserta,
Na noite já cheia
De sombra entreaberta.

A lua baqueia
Nas ruas da feira
Deserta e incerta…

IV / *MINUETE INVISÍVEL*

Elas são vaporosas,
Pálidas sombras, as rosas
Nadas da hora lunar…

Vêm, aéreas, dançar
Com perfumes soltos
Entre os canteiros e os buxos…
Chora no som dos repuxos
O ritmo que há nos seus vultos…

Passam e agitam a brisa…
Pálida, a pompa indecisa
Da sua flébil demora
Paira em auréola à hora…

Passam nos ritmos da sombra…
Ora é uma folha que tomba,
Ora uma brisa que treme
Sua leveza solene…

E assim vão indo, delindo
Seu perfil único e lindo,

Seu vulto feito de todas,
Nas alamedas, em rodas,
No jardim lívido e frio…

Passam sozinhas, a fio,
Como um fumo indo, a rarear,
Pelo ar longínquo e vazio,
Sob o, disperso pelo ar,
Pálido pálio lunar…

V / *HIEMAL*

Baladas de uma outra terra, aliadas
Às saudades das fadas, amadas por gnomos idos,
Retinem lívidas ainda aos ouvidos
Dos luares das altas noites aladas…

Pelos canais barcas erradas
Segredam-se rumos descridos…

E tresloucadas ou casadas com o som das baladas,
As fadas são belas, e as estrelas
São delas… Ei-las alheadas…

E são fumos os rumos das barcas sonhadas,
Nos canais fatais iguais de erradas,
As barcas parcas das fadas,
Das fadas aladas e hiemais
E caladas…

Toadas afastadas, irreais, de baladas…
Ais…

[80] 25-12-1918

O sol às casas, como a montes,
Vagamente doura.

Na cidade sem horizontes
Uma tristeza loura.

Com a sombra da tarde desce
E um pouco dói
Porque quanto é tarde
Tudo quanto foi.

Nesta hora mais que em outra choro
O que perdi.
Em cinza e ouro o rememoro
E nunca o vi.
Felicidade por nascer,
Mágoa a acabar,
Ânsia de só aquilo ser
Que há de ficar —

Sussurro sem que se ouça, palma
Da isenção.
Ó tarde, fica noite, e alma
Tenha perdão.

[81] 15-1-1920

Ah! A angústia, a raiva vil, o desespero
De não poder confessar
Num tom de grito, num último grito austero
Meu coração a sangrar!

Falo, e as palavras que digo são um som
Sofro, e sou eu.
Ah! Arrancar à música o segredo do tom
Do grito seu!

Ah! Fúria de a dor nem ter sorte em gritar,
De o grito não ter

Alcance maior que o silêncio, que volta, do ar
Na noite sem ser!

[82] 16-2-1920

Onde pus a esperança, as rosas
Murcharam logo.
Na casa, onde fui habitar,
O jardim, que eu amei por ser
Ali o melhor lugar,
E por quem essa casa amei —
Deserto o achei,
E, quando o tive, sem razão pra o ter.

Onde pus a afeição, secou
A fonte logo.
Da floresta, que fui buscar
Por essa fonte ali tecer

Seu canto de rezar —
Quando na sombra penetrei,
Só o lugar achei
Da fonte seca, inútil de se ter.

Pra quê, pois, afeição, 'sperança,
Se perco, logo
Que as uso, a causa pra as usar,
Se tê-las sabe a não as ter?
Crer ou amar —
Até à raiz, do peito onde alberguei
Tais sonhos e os gozei,
O vento arranque e leve onde quiser
E eu os não possa achar!

ABDICAÇÃO

[83] 1913

Toma-me, ó noite eterna, nos teus braços
E chama-me teu filho.
Eu sou um rei
Que voluntariamente abandonei
O meu trono de sonhos e cansaços.

Minha espada, pesada a braços lassos,
Em mãos viris e calmas entreguei;
E meu centro e coroa — eu os deixei
Na antecâmara, feitos em pedaços.

Minha cota de malha, tão inútil,
Minhas esporas, de um tinir tão fútil,
Deixei-as pela fria escadaria.

Despi a realeza, corpo e alma,
E regressei à noite antiga e calma
Como a paisagem ao morrer do dia.

[84] 5-8-1921

Ah, quanta vez, na hora suave
Em que me esqueço,
Vejo passar um voo de ave
E me entristeço!
Por que é ligeiro, leve, certo
No ar de amavio?
Por que vai sob o céu aberto
Sem um desvio?

Por que ter asas simboliza
A liberdade
Que a vida nega e a alma precisa?
Sei que me invade

Um horror de me ter que cobre
Como uma cheia
Meu coração, e entorna sobre
Minh’alma alheia

Um desejo, não de ser ave,
Mas de poder
Ter não sei quê do voo suave
Dentro em meu ser.

[85] 5-8-1921

Feliz dia para quem é
O igual do dia,
E no exterior azul que vê
Simples confia!

O azul do céu faz pena a quem
Não pode ter
Na alma um azul do céu também
Com que viver.

Ah, e se o verde com que estão
Os montes quedos
Pudesse haver no coração
E em seus segredos!

Mas vejo quem devia estar
Igual do dia
Insciente e sem querer passar.
Ah, a ironia

De só sentir a terra e o céu
Tão belos ser
Quem de si sente que perdeu
A alma pra os ter!

NATAL

[86]

Nasce um deus. Outros morrem. A Verdade
Nem veio nem se foi: o Erro mudou.
Temos agora uma outra Eternidade,
E era sempre melhor o que passou.

Cega, a Ciência a inútil gleba lavra.
Louca, a Fé vive o sonho do seu culto.
Um novo deus é só uma palavra.
Não procures nem creias: tudo é oculto.

[87]

No entardecer da terra
O sopro do longo Outono
Amareleceu o chão.
Um vago vento erra,
Como um sonho mau num sono,
Na lívida solidão.

Soergue as folhas, e pousa
As folhas, e volve, e revolve,
E esvai-se inda outra vez.
Mas a folha não repousa,
E o vento lívido volve
E expira na lividez.

Eu já não sou quem era;
O que eu sonhei, morri-o;
E até do que hoje sou
Amanhã direi, *quem dera*
Volver a sê-lo!… Mais frio
O vento vago voltou.

[88] 1913

Ó sino da minha aldeia,
Dolente na terra calma,
Cada tua badalada
Soa dentro da minha alma.

E é tão lento o teu soar,
Tão como triste da vida,
Que já a primeira pancada
Tem o som de repetida.

Por mais que me tanjas perto
Quando passo, sempre errante,
És para mim como um sonho.
Soas-me na alma distante.

A cada pancada tua,
Vibrante no céu aberto,
Sinto mais longe o passado,
Sinto a saudade mais perto.

[89]

Leve, breve, suave,
Um canto de ave
Sobe no ar com que principia
O dia.
Escuto, e passou…
Parece que foi só porque escutei
Que parou.

Nunca, nunca, em nada,
Raie a madrugada,
Ou ’splenda o dia, ou doire no declive,
Tive

Prazer a durar
Mais do que o nada, a perda, antes de eu o ir
Gozar.

[90]

Pobre velha música!
Não sei por que agrado,
Enche-se de lágrimas
Meu olhar parado.

Recordo outro ouvir-te.
Não sei se te ouvi
Nessa minha infância
Que me lembra em ti.

Com que ânsia tão raiva
Quero aquele outrora!
E eu era feliz? Não sei:
Fui-o outrora agora.

[91]

Dorme enquanto eu velo…
Deixa-me sonhar…
Nada em mim é risonho.
Quero-te para sonho,
Não para te amar.

A tua carne calma
É fria em meu querer.
Os meus desejos são cansaços.
Nem quero ter nos braços
Meu sonho do teu ser.

Dorme, dorme, dorme,
Vaga em teu sorrir…

Sonho-te tão atento
Que o sonho é encantamento
E eu sonho sem sentir.

[92]

Sol nulo dos dias vãos,
Cheios de lida e de calma,
Aquece ao menos as mãos
A quem não entras na alma!

Que ao menos a mão, roçando
A mão que por ela passe,
Com externo calor brando
O frio da alma disfarce!

Senhor, já que a dor é nossa
E a fraqueza que ela tem,
Dá-nos ao menos a força,
De a não mostrar a ninguém!

[93]

Trila na noite uma flauta. É de algum
Pastor? Que importa? Perdida
Série de notas vaga e sem sentido nenhum,
Como a vida.

Sem nexo ou princípio ou fim ondeia
A ária alada.
Pobre ária fora de música e de voz, tão cheia
De não ser nada!

Não há nexo ou fio por que se lembre aquela
Ária, ao parar;
E já ao ouvi-la sofro a saudade dela
E o quando cessar.

[94]

Põe-me as mãos nos ombros…
Beija-me na fronte…
Minha vida é escombros,
A minha alma insonte.

Eu não sei por quê,
Meu desde onde venho,
Sou o ser que vê,
E vê tudo estranho.

Põe a tua mão
Sobre o meu cabelo…
Tudo é ilusão.
Sonhar é sabê-lo.

[95] 15-1-1920

Manhã dos outros! Ó sol que dás confiança
Só a quem já confia!
É só à dormente, e não à morta, ’sperança
Que acorda o teu dia.

A quem sonha de dia e sonha de noite, sabendo
Todo sonho vão,
Mas sonha sempre, só para sentir-se vivendo
E a ter coração,

A esses raias sem o dia que trazes, ou somente
Como alguém que vem
Pela rua, invisível ao nosso olhar consciente,
Por não ser-nos ninguém.

[96]

Treme em luz a água

Mal vejo. Parece
Que uma alheia mágoa
Na minha alma desce —

Mágoa erma de alguém
De algum outro mundo
Onde a dor é um bem
E o amor é profundo,

E só punge ver,
Ao longe, iludida,
A vida a morrer
O sonho da vida.

[97]

Dorme sobre o meu seio,
Sonhando de sonhar…
No teu olhar eu leio
Um lúbrico vagar.
Dorme no sonho de existir
E na ilusão de amar.

Tudo é nada, e tudo
Um sonho finge ser.
O ’spaço negro é mudo.
Dorme, e, ao adormecer,
Saibas do coração sorrir
Sorrisos de esquecer.

Dorme sobre o meu seio,
Sem mágoa nem amor…
No teu olhar eu leio
O íntimo torpor
De quem conhece o nada-ser
De vida e gozo e dor.

[98]

Ao longe, ao luar,
No rio uma vela,
Serena a passar,
Que é que me revela?

Não sei, mas meu ser
Tornou-se-me estranho,
E eu sonho sem ver
Os sonhos que tenho.

Que angústia me enlaça?
Que amor não se explica?
É a vela que passa
Na noite que fica.

[99] 14-1-1920

Em toda a noite o sono não veio. Agora
    Raia do fundo
Do horizonte, encoberta e fria, a manhã.
    Que faço eu no mundo?
Nada que a noite acalme ou levante a aurora,
    Coisa séria ou vã.
Com olhos tontos da febre vã da vigília
    Vejo com horror
O novo dia trazer-me o mesmo dia do fim
    Do mundo e da dor —
Um dia igual aos outros, da eterna família
    De serem assim.

Nem o símbolo ao menos vale, a significação
    Da manhã que vem

Saindo lenta da própria essência da noite que era,

Para quem
Por tantas vezes ter sempre ’sperado em vão,
Já nada ’spera.

[100] 1914

Ela canta, pobre ceifeira,
Julgando-se feliz talvez;
Canta, e ceifa, e a sua voz, cheia
De alegre e anônima viuvez,

Ondula como um canto de ave
No ar limpo como um limiar,
E há curvas no enredo suave
Do som que ela tem a cantar.

Ouvi-la alegra e entristece,
Na sua voz há o campo e a lida,
E canta como se tivesse
Mais razões pra cantar que a vida.

Ah, canta, canta sem razão!
O que em mim sente ’stá pensando.
Derrama no meu coração
A tua incerta voz ondeando!

Ah, poder ser tu, sendo eu!
Ter a tua alegre inconsciência,
E a consciência disso! Ó céu!
Ó campo! Ó canção! A ciência

Pesa tanto e a vida é tão breve!
Entrai por mim dentro! Tornai
Minha alma a vossa sombra leve!
Depois, levando-me, passai!

[101] 6-1-1923

Sonho. Não sei quem sou neste momento.
Durmo sentindo-me. Na hora calma
Meu pensamento esquece o pensamento,
Minha alma não tem alma.

Se existo é um erro eu o saber. Se acordo
Parece que erro. Sinto que não sei.
Nada quero nem tenho nem recordo.
Não tenho ser nem lei.

Lapso da consciência entre ilusões,
Fantasmas me limitam e me contêm.
Dorme insciente de alheios corações,
Coração de ninguém.

[102] 6-1-1923

Nada sou, nada posso, nada sigo.
Trago, por ilusão, meu ser comigo.
Não compreendo compreender, nem sei
Se hei de ser, sendo nada, o que serei.

Fora disto, que é nada, sob o azul
Do lato céu um vento vão do sul
Acorda-me e estremece no verdor.
Ter razão, ter vitória, ter amor

Murcharam na haste morta da ilusão.
Sonhar é nada e não saber é vão.
Dorme na sombra, incerto coração.

[103] 27-5-1926

Não é ainda a noite
Mas é já frio o céu.
Do vento o ocioso açoite
Envolve o tédio meu.

Que vitórias perdidas
Por não as ter querido!
Quantas perdidas vidas!
E o sonho sem ter sido…

Ergue-te, ó vento, do ermo
Da noite que aparece!
Há um silêncio sem termo
Por trás do que estremece…

Pranto dos sonhos fúteis,
Que a memória acordou,
Inúteis, tão inúteis —
Quem me dirá quem sou?

[104] 29-9-1926

Pouco importa de onde a brisa
Traz o olor que nela vem.
O coração não precisa
De saber o que é o bem.

A mim me baste nesta hora
A melodia que embala.
Que importa se, sedutora,
As forças da alma cala?

Quem sou, pra que o mundo perca
Com o que penso a sonhar?
Se a melodia me cerca
Vivo só o me cercar…

O MENINO DA SUA MÃE

[105]

No plaino abandonado

Que a morna brisa aquece,
De balas traspassado
— Duas, de lado a lado —,
Jaz morto, e arrefece.

Raia-lhe a farda o sangue.
De braços estendidos,
Alvo, louro, exangue,
Fita com olhar langue
E cego os céus perdidos.

Tão jovem! que jovem era!
(Agora que idade tem?)
Filho único, a mãe lhe dera
Um nome e o mantivera:
“O menino da sua mãe”.

Caiu-lhe da algibeira
A cigarreira breve.
Dera-lhe a mãe. Está inteira
E boa a cigarreira.
Ele é que já não serve.

De outra algibeira, alada
Ponta a roçar o solo,
A brancura embainhada
De um lenço… Deu-lho a criada
Velha que o trouxe ao colo.

Lá longe, em casa, há a prece:
“Que volte cedo, e bem!”
(Malhas que o Império tece!)
Jaz morto, e apodrece,
O menino da sua mãe.

MARINHA

[106]

Ditosos a quem acena
Um lenço de despedida!
São felizes: têm pena…
Eu sofro sem pena a vida.

Doo-me até onde penso,
E a dor é já de pensar,
Órfão de um sonho suspenso
Pela maré a vazar…

E sobe até mim, já farto
De improfícuas agonias,
No cais de onde nunca parto,
A maresia dos dias.

[107] 14-3-1928

Paira à tona de água
Uma vibração,
Há uma vaga mágoa
No meu coração.

Não é porque a brisa
Ou o que quer que seja
Faça esta indecisa
Vibração que adeja,

Nem é porque eu sinta
Uma dor qualquer.
Minha alma é indistinta
Não sabe o que quer.

É uma dor serena,
Sofre porque vê.
Tenho tanta pena!

Soubesse eu de quê!…

QUALQUER MÚSICA

[108] 9-10-1927

Qualquer música, ah, qualquer,
Logo que me tire da alma
Esta incerteza que quer
Qualquer impossível calma!

Qualquer música — guitarra,
Viola, harmônio, realejo…
Um canto que se desgarra…
Um sonho em que nada vejo…

Qualquer coisa que não vida!
Jota, fado, a confusão
Da última dança vivida…
Que eu não sinta o coração!

DEPOIS DA FEIRA

[109]

Vão vagos pela estrada,
Cantando sem razão
A última esp’rança dada
À última ilusão.
Não significam nada.
Mimos e bobos são.

Vão juntos e diversos
Sob um luar de ver,
Em que sonhos imersos
Nem saberão dizer,
E cantam aqueles versos

Que lembram sem querer.

Pajens de um morto mito,
Tão líricos!, tão sós!,
Não têm na voz um grito,
Mal têm a própria voz;
E ignora-os o infinito
Que nos ignora a nós.

[110]

Natal… Na província neva.
Nos lares aconchegados,
Um sentimento conserva
Os sentimentos passados.

Coração oposto ao mundo,
Como a família é verdade!
Meu pensamento é profundo,
’Stou só e sonho saudade.

E como é branca de graça
A paisagem que não sei,
Vista de trás da vidraça
Do lar que nunca terei!

[111] 10-12-1928

Tenho dó das estrelas
Luzindo há tanto tempo,
Há tanto tempo…
Tenho dó delas.

Não haverá um cansaço
Das coisas,
De todas as coisas,
Como das pernas ou de um braço?

Um cansaço de existir,
De ser,
Só de ser,
O ser triste brilhar ou sorrir…

Não haverá, enfim,
Para as coisas que são,
Não a morte, mas sim
Uma outra espécie de fim,
Ou uma grande razão —
Qualquer coisa assim
Como um perdão?

ABAT-JOUR

[112] 28-2-1929

A lâmpada acesa
(Outrem a acendeu)
Baixa uma beleza
Sobre o chão que é meu.

No quarto deserto
Salvo o meu sonhar,
Faz no chão incerto
Um círculo a ondear.

E entre a sombra e a luz
Que oscila no chão
Meu sonho conduz
Minha inatenção.

Bem sei … Era dia
E longe de aqui…
Quanto me sorria
O que nunca vi!

E no quarto silente
Com a luz a ondear
Deixei vagamente
Até de sonhar…

[113] 1-5-1929

Um muro de nuvens densas
Põe na base do ocidente
Negras roxuras pretensas

Com a noite tudo acaba.
O céu frio é transparente.
Nada de chuva desaba.

E não sei se tenho pena
Ou alegria da ausente
Chuva e da noite serena.

De resto, nunca sei nada.
Minha alma é a sombra presente
De uma presença passada.

Meus sentimentos são rastros.
Só meu pensamento sente…
A noite esfria-se de astros.

[114] 10-8-1929

Aqui na orla da praia, mudo e contente do mar,
Sem nada já que me atraia, nem nada que desejar,
Farei um sonho, terei meu dia, fecharei a vida,
E nunca terei agonia, pois dormirei de seguida.

A vida é como uma sombra que passa por sobre um rio
Ou como um passo na alfombra de um quarto que jaz vazio;
O amor é um sono que chega para o pouco ser que se é;

A glória concede e nega; não tem verdades a fé.

Por isso na orla morena da praia calada e só,
Tenho a alma feita pequena, livre de mágoa e de dó;
Sonho sem quase já ser, perco sem nunca ter tido,
E comecei a morrer muito antes de ter vivido.

Deem-me, onde aqui jazo, só uma brisa que passe,
Não quero nada do acaso, senão a brisa na face;
Deem-me um vago amor de quanto nunca terei,
Não quero gozo nem dor, não quero vida nem lei.

Só, no silêncio cercado pelo som brusco do mar,
Quero dormir sossegado, sem nada que desejar,
Quero dormir na distância de um ser que nunca foi seu,
Tocado do ar sem fragrância da brisa de qualquer céu.

[115] 19-8-1930

Como inútil taça cheia
Que ninguém ergue da mesa,
Transborda de dor alheia
Meu coração sem tristeza.

Sonhos de mágoa figura
Só para ter que sentir
E assim não tem a amargura
Que se temeu a fingir.

Ficção num palco sem tábuas
Vestida de papel seda
Mima uma dança de mágoas
Para que nada suceda.

GOMES LEAL

[116] 27-1-1924

Sagra, sinistro, a alguns o astro baço.
Seus três anéis irreversíveis são
A desgraça, a tristeza, a solidão.
Oito luas fatais fitam no espaço.

Este, poeta, Apolo em seu regaço
A Saturno entregou. A plúmbea mão
Lhe ergueu ao alto o aflito coração,
E, erguido, o apertou, sangrando lasso.

Inúteis oito luas da loucura
Quando a cintura tríplice denota
Solidão e desgraça e amargura!

Mas da noite sem fim um rastro brota,
Vestígios de maligna formosura:
É a lua além de Deus, álgida e ignota.

[117] 4-8-1930

Boiam leves, desatentos
Meus pensamentos de mágoa,
como no sono dos ventos,
As algas, cabelos lentos
Do corpo morto das águas.

Boiam como folhas mortas,
À tona de águas paradas.
São coisas vestindo nadas,
Pós remoinhando nas portas
Das casas abandonadas.

Sono de ser, sem remédio,
Vestígio do que não foi,
Leve mágoa, breve tédio,
Não sei se para, se flui;

Não sei se existe ou se dói.

[118] 4-8-1930

Contemplo o lago mudo
Que uma brisa estremece.
Não sei se penso em tudo
Ou se tudo me esquece.

O lago nada me diz,
Não sinto a brisa mexê-lo.
Não sei se sou feliz
Nem se desejo sê-lo.

Trêmulos vincos risonhos
Na água adormecida.
Por que fiz eu dos sonhos
A minha única vida?

[119] 26-8-1930

Às vezes entre a tormenta,
Quando já umedeceu,
Raia uma nesga de céu,
Com que a alma se alimenta.

E às vezes entre o torpor
Que não é tormenta da alma,
Raia uma espécie de calma
Que não conhece o langor.

E, quer num quer noutro caso,
Como o malfeito está feito,
Restam os versos que deito,
Vinho no copo do acaso.

Porque verdadeiramente

Sentir é tão complicado
Que só andando enganado
É que se crê que se sente.

Sofremos? Os versos pecam.
Mentimos? Os versos falham.
E tudo é chuvas que orvalham
folhas caídas que secam.

[120] 10-9-1930

Dá a surpresa de ser.
É alta, de um louro escuro.
Faz bem só pensar em ver
Seu corpo meio maduro.

Seus seios altos parecem
(Se ela tivesse deitada)
Dois montinhos que amanhecem
Sem ter que haver madrugada.

E a mão do seu braço branco
Assenta em palmo espalhado
Sobre a saliência do flanco
Do seu relevo tapado.

Apetece como um barco.
Tem qualquer coisa de gomo.
Meu Deus, quando é que eu embarco?
Ó fome, quando é que eu como?

[121] 10-11-1930

Tenho dito tantas vezes
Quanto sofro sem sofrer
Que me canso dos revezes
Que sonho só pra os não ter.

E esta dor que não tem mágoa,
Esta tristeza intangível
Passa em mim como um som de água
Ouvido num outro nível.

E, de aí, talvez que seja
Uma nova antiga dor
Que outra vida minha esteja
Lembrando no meu torpor.

E é como a aragem que nasce
De ouvir música e sentir…
Ah, que a emoção em mim passe
Como se a estivesse a ouvir!

[122] 17-11-1930

Lenta e quieta a sombra vasta
Cobre o que vejo menos já.
Pouco somos, pouco nos basta.
O mundo tira o que nos dá.
Que nos contente o pouco que há.

A noite, vindo do nada,
Lembra-me quem deixei de ser,
A curva anônima da estrada
Faz-me lembrar, faz-me esquecer,
Faz-me ter pena e ter de a ter.

Ó largos campos já cinzentos
Na noite, para além de mim,
Vou amanhã meus pensamentos
Enterrar onde estais assim.
Vou ter aí sossego e fim.

Poesia! Nada! A hora desce

Sem qualidade ou emoção.
Meu coração o que é que esquece?
Se é o que eu sinto que foi vão,
Por que me dói o coração?

[123] 25-12-1930

Chove. É dia de Natal
Lá para o Norte é melhor:
Há a neve que faz mal,
E o frio que ainda é pior.

E toda a gente é contente
Porque é dia de o ficar.
Chove no Natal presente.
Antes isso que nevar.

Pois apesar de ser esse
O Natal da convenção,
Quando o corpo me arrefece
Tenho o frio e Natal não.

Deixo sentir a quem quadra
E o Natal a quem o fez,
Pois se escrevo ainda outra quadra
Fico gelado dos pés.

Não quero ser dos ingratos
Mas, como este mesmo céu,
Puseram-me nos sapatos
Só o que a chuva me deu.

[124] 25-12-1930

Por trás daquela janela
Cuja cortina não muda
Coloco a visão daquela

Que a alma em si mesma estuda
No desejo que a revela.

Não tenho falta de amor.
Quem me queira não me falta.
Mas teria outro sabor
Se isso fosse interior
Àquela janela alta.

Por quê? Se eu soubesse, tinha
Tudo o que desejo ter.
Amei outrora a Rainha,
E há sempre na alma minha
Um trono por preencher.

Sempre que posso sonhar,
Sempre que não vejo, ponho
O trono nesse lugar;
Além da cortina é o lar,
Além da janela o sonho.

Assim, passando, entreteço
O artifício do caminho
E um pouco de mim me esqueço
Pois mais nada à vida peço
Do que ser o seu vizinho.

O ÚLTIMO SORTILÉGIO

[125]

“Já repeti o antigo encantamento,
E a grande Deusa aos olhos se negou.
Já repeti, nas pausas do amplo vento,
As orações cuja alma é um ser fecundo.
Nada me o abismo deu ou o céu mostrou.

Só o vento volta onde estou toda e só,
E tudo dorme no confuso mundo.

“Outrora meu condão fadava as sarças
E a minha evocação do solo erguia
Presenças concentradas das que esparsas
Dormem nas formas naturais das coisas.
Outrora a minha voz acontecia.
Fadas e elfos, se eu chamasse, via,
E as folhas da floresta eram lustrosas.

“Minha varinha, com que da vontade
Falava às existências essenciais,
Já não conhece a minha realidade.
Já, se o círculo traço, não há nada.
Murmura o vento alheio extintos ais,
E ao luar que sobe além dos matagais
Não sou mais do que os bosques ou a estrada.

“Já me falece o dom com que me amavam.
Já me não torno a forma e o fim da vida
A quantos que, buscando-os, me buscavam.
Já, na praia, o mar dos braços me inunda.
Nem já me vejo ao sol saudado erguida,
Ou, em êxtase mágico perdida,
Ao luar, à boca da caverna funda.

“Já as sacras potências infernais,
Que, dormentes sem deuses nem destino,
À substância das coisas são iguais,
Não ouvem minha voz ou os nomes seus.
A música partiu-se do meu hino.
Já meu furor astral não é divino
Nem meu corpo pensado é já um deus.

“E as longínquas deidades do atro poço,

Que tantas vezes, pálida, evoquei
Com a raiva de amar em alvoroço,
Inevocadas hoje ante mim estão.
Como, sem que as amasse, eu as chamei,
Agora, que não amo, as tenho, e sei
Que meu vendido ser consumirão.

"Tu, porém, Sol, cujo ouro me foi presa,
Tua, Lua, cuja prata converti,
Se já não podeis dar-me essa beleza
Que tantas vezes tive por querer,
Ao menos meu ser findo dividi —
Meu ser essencial se perca em si,
Só meu corpo sem mim fique alma e ser!

"Converta-me a minha última magia
Numa estátua de mim em corpo vivo!
Morra quem sou, mas quem me fiz e havia,
Anônima presença que se beija,
Carne do meu abstrato amor cativo,
Seja a morte de mim em que revivo;
E tal qual fui, não sendo nada, eu seja!"

[126] 1-1931

Gato que brincas na rua
Como se fosse na cama,
Invejo a sorte que é tua
Porque nem sorte se chama.

Bom servo das leis fatais
Que regem pedras e gentes,
Que tens instintos gerais
E sentes só o que sentes.

És feliz porque és assim,

Todo o nada que és é teu.
Eu vejo-me e estou sem mim,
Conheço-me e não sou eu.

[127] 5/6-2-1931

Não: não digas nada!
Supor o que dirá
A tua boca velada
É ouvi-lo já.

É ouvi-lo melhor
Do que o dirias.
O que és não vem à flor
Das frases e dos dias.

És melhor do que tu.
Não digas nada: sê!
Graça do corpo nu
Que invisível se vê.

[128] 4-3-1931

De onde é quase o horizonte
Sobe uma névoa ligeira
E afaga o pequeno monte
Que para na dianteira.

E com braços de farrapo
Quase invisíveis e frios,
Faz cair seu ser de trapo
Sobre os contornos macios.

Um pouco de alto medito
A névoa só com a ver.
A vida? Não acredito.
A crença? Não sei viver

[129] 29-3-1931

Vaga, no azul amplo solta,
Vai uma nuvem errando.
O meu passado não volta.
Não é o que estou chorando.

O que choro é diferente.
Entra mais na alma da alma.
Mas como, no céu sem gente,
A nuvem flutua calma.

E isto lembra uma tristeza
E a lembrança é que entristece,
Dou à saudade a riqueza
De emoção que a hora tece.

Mas, em verdade, o que chora
Na minha amarga ansiedade
Mais alto que a nuvem mora,
Está para além da saudade.

Não sei o que é nem consinto
À alma que o saiba bem.
Visto da dor com que minto
Dor que a minha alma tem.

O ANDAIME

[130]

O tempo que eu hei sonhado
Quantos anos foi de vida!
Ah, quanto do meu passado
Foi só a vida mentida
De um futuro imaginado!

Aqui à beira do rio
Sossego sem ter razão.
Este seu correr vazio
Figura, anônimo e frio,
A vida vivida em vão.

A ’sp’rança que pouco alcança!
Que desejo vale o ensejo?
E uma bola de criança
Sobe mais que minha ’s’prança,
Rola mais que o meu desejo.

Ondas do rio, tão leves
Que não sois ondas sequer,
Horas, dias, anos, breves
Passam — verduras ou neves
Que o mesmo sol faz morrer.

Gastei tudo que não tinha.
Sou mais velho do que sou.
A ilusão, que me mantinha,
Só no palco era rainha:
Despiu-se, e o reino acabou.

Leve som das águas lentas,
Gulosas da margem ida,
Que lembranças sonolentas
De esperanças nevoentas!
Que sonhos o sonho e a vida!

Que fiz de mim? Encontrei-me
Quando estava já perdido.
Impaciente deixei-me
Como a um louco que teime
No que lhe foi desmentido.

Som morto das águas mansas
Que correm por ter que ser,
Leva não só as lembranças,
Mas as mortas esperanças —
Mortas, porque hão de morrer.

Sou já o morto futuro.
Só um sonho me liga a mim —
O sonho atrasado e obscuro
Do que eu devera ser — muro
Do meu deserto jardim.

Ondas passadas, levai-me
Para o olvido do mar!
Ao que não serei legai-me,
Que cerquei com um andaime
A casa por fabricar.

[131] 1-8-1931

Hoje que a tarde é calma e o céu tranquilo,
E a noite chega sem que eu saiba bem,
Quero considerar-me e ver aquilo
Que sou, e o que sou o que é que tem.

Olho por todo o meu passado e vejo
Que fui quem foi aquilo em torno meu,
Salvo o que o vago e incógnito desejo
De ser eu mesmo de meu ser me deu.

Como a páginas já relidas, vergo
Minha atenção sobre quem fui de mim,
E nada de verdade em mim albergo
Salvo uma ânsia sem princípio ou fim.

Como alguém distraído na viagem,

Segui por dois caminhos par a par.
Fui com o mundo, parte da paisagem;
Comigo fui, sem ver nem recordar.

Chegado aqui, onde hoje estou, conheço
Que sou diverso no que informe estou.
No meu próprio caminho me atravesso.
Não conheço quem fui no que hoje sou.

Serei eu, porque nada é impossível,
Vários trazidos de outros mundos, e
No mesmo ponto espacial sensível
Que sou eu, sendo eu por 'star aqui?

Serei eu, porque todo o pensamento
Podendo conceber, bem pode ser,
Um dilatado e múrmuro momento,
De tempos-seres de quem sou o viver?

[132] 2-1-1932

Guia-me a só a razão.
Não me deram mais guia.
Alumia-me em vão?
Só ela me alumia.

Tivesse Quem criou
O mundo desejado
Que eu fosse outro que sou,
Ter-me-ia outro criado.

Deu-me olhos para ver.
Olho, vejo, acredito.
Como ousarei dizer:
"Cego, fora eu bendito"?

Como o olhar, a razão

Deus me deu, para ver
Para além da visão —
Olhar de conhecer.

Se ver é enganar-me,
Pensar um descaminho,
Não sei. Deus os quis dar-me
Por verdade e caminho.

[133] 23-5-1932

Há quase um ano não ’screvo.
Pesada, a meditação
Torna-me alguém que não devo
Interromper na atenção.

Tenho saudades de mim.
De quando, de alma alheada,
Eu era não ser assim,
E os versos vinham de nada.

Hoje penso quando faço,
’Screvo sabendo o que digo…
Para quem desce do espaço
Este crepúsculo antigo?

[134] 23-5-1932

Furia nas trevas o vento
Num grande som de alongar,
Não há no meu pensamento
Senão não poder parar.

Parece que a alma tem
Treva onde sopre a crescer
Uma loucura que vem
De querer compreender.

Raiva nas trevas o vento
Sem se poder libertar.
Estou preso ao meu pensamento
Como o vento preso ao ar.

[135] 23-5-1932

A morte é a curva da estrada,
Morrer é só não ser visto.
Se escuto, eu te ouço a passada
Existir como eu existo.

A terra é feita de céu.
A mentira não tem ninho.
Nunca ninguém se perdeu.
Tudo é verdade e caminho.

[136] 23-5-1932

Quem bate à minha porta
Tão insistentemente
Saberá que está morta
A alma que em mim sente?

Saberá que eu a velo
Desde que a noite é entrada
Com o vácuo e vão desvelo
De quem não vela nada?

Saberá que estou surdo?
Porque o sabe ou não sabe,
E assim bate, ermo e absurdo,
Até que o mundo acabe?

INICIAÇÃO

[137]

Não dormes sob os ciprestes,
Pois não há sono no mundo.
………………………………
O corpo é a sombra das vestes
Que encobrem teu ser profundo.

Vem a noite, que é a morte,
E a sombra acabou sem ser.
Vais na noite só recorte,
Igual a ti sem querer.

Mas na Estalagem do Assombro
Tirante os Anjos a capa:
Segues sem capa no ombro,
Com o pouco que te tapa.

Então Arcanjos da Estrada
Despem-te e deixam-te nu.
Não tens vestes, não tens nada:
Tens só teu corpo, que és tu.

Por fim, na funda caverna,
Os Deuses despem-te mais.
Teu corpo cessa, alma externa,
Mas vês que são teus iguais.
………………………………

A sombra das tuas vestes
Ficou entre nós na Sorte.
Não ’stás morto, entre ciprestes.
………………………………
Neófito, não há morte.

[138] 3-10-1932

Na sombra do Monte Abiegno

Repousei de meditar.
Vi no alto o alto Castelo
Onde sonhei de chegar.
Mas repousei de pensar
Na sombra do Monte Abiegno.

Quando fora amor ou vida,
Atrás de mim o deixei,
Quando fora desejá-los,
Porque esqueci não lembrei.
À sombra do Monte Abiegno
Repousei porque abdiquei.

Talvez um dia, mais forte
Da força ou da abdicação,
Tentarei ao alto caminho
Por onde ao Castelo vão.
Na sombra do Monte Abiegno
Por ora repouso, e não.

Quem pode sentir descanso
Com o Castelo a chamar?
Está no alto, sem caminho
Senão o que há por achar.
Na sombra do Monte Abiegno
Meu sonho é de o encontrar.

Mas por ora estou dormindo,
Porque é sono o não saber.
Olho o Castelo de longe,
Mas não olho o meu querer.
Da sombra do Monte Abiegno
Quem me virá desprender?

[139] 24-10-1932

Do vale à montanha
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por casas, por prados,
Por quinta e por fonte,
Caminhais aliados.

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por penhascos pretos,
Atrás e defronte,
Caminhais secretos.

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por plainos desertos
Sem ter horizontes,
Caminhais libertos.

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,
Por ínvios caminhos,
Por rios sem ponte,
Caminhais sozinhos.

Do vale à montanha,
Da montanha ao monte,
Cavalo de sombra,
Cavaleiro monge,

Por quanto é sem fim,
Sem ninguém que o conte,
Caminhais em mim.

[140] 9-11-1932

Cansa sentir quando se pensa.
No ar da noite a madrugar
Há uma solidão imensa
Que tem por corpo o frio do ar.

Neste momento insone e triste
Em que não sei quem hei de ser,
Pesa-me o informe real que existe
Na noite antes de amanhecer.

Tudo isto me parece tudo.
E é uma noite a ter um fim
Um negro astral silêncio surdo
E não poder viver assim.

(Tudo isto me parece tudo.
Mas noite, frio, negror sem fim,
Mundo mudo, silêncio mudo —
Ah, nada é isto, nada é assim!)

[141] 9-11-1932

Não meu, não meu é quanto escrevo.
A quem o devo?
De quem sou o arauto nado?
Por que, enganado,
Julguei ser meu o que era meu?
Que outro mo deu?
Mas, seja como for, se a sorte
For eu ser morte

De uma outra vida que em mim vive,
Eu, o que estive
Em ilusão toda esta vida
Aparecida,
Sou grato Ao que do pó que sou
Me levantou.
(E me fez nuvem um momento
De pensamento.)
(Ao que de quem sou, erguido pó,
Símbolo só.)

[142] 27-11-1930

Sorriso audível das folhas,
Não és mais que a brisa ali
Se eu te olho e tu me olhas,
Quem primeiro é que sorri?
O primeiro a sorrir ri.

Ri, e olha de repente,
Para fins de não olhar,
Para onde nas folhas sente
O som do vento a passar.
Tudo é vento e disfarçar.

Mas o olhar, de estar olhando
Onde não olha, voltou;
E estamos os dois falando
O que se não conversou.
Isto acaba ou começou?

AUTOPSICOGRAFIA

[143]

O poeta é um fingidor.

Finge tão completamente

Que chega a fingir que é dor
A dor que deveras sente.

E os que leem o que escreve,
Na dor lida sentem bem,
Não as duas que ele teve,
Mas só a que eles não têm.

E assim nas calhas de roda
Gira, a entreter a razão,
Esse comboio de corda
Que se chama o coração.

ISTO

[144]

Dizem que finjo ou minto
Tudo que escrevo. Não.
Eu simplesmente sinto
Com a imaginação.
Não uso o coração.

Tudo o que sonho ou passo,
O que me falha ou finda,
É como que um terraço
Sobre outra coisa ainda.
Essa coisa é que é linda.

Por isso escrevo em meio
Do que não está ao pé,
Livre do meu enleio
Sério do que não é.
Sentir? Sinta quem lê!

[145] 14-8-1933

Passa uma nuvem pelo sol.
Passa uma pena por quem vê.
A alma é como um girassol:
Vira-se ao que não está ao pé.

Passou a nuvem; o sol volta.
A alegria girassolou
Pendão latente de revolta,
Que hora maligna te enrolou?

[146] 15-8-1933

É brando o dia, brando o vento.
É brando o sol e brando o céu.
Assim fosse meu pensamento!
Assim fosse eu, assim fosse eu!

Mas entre mim e as brandas glórias
Deste céu limpo e este ar sem mim
Intervêm sonhos e memórias…
Ser eu assim, ser eu assim!

Ah, o mundo é quanto nós trazemos.
Existe tudo porque existo.
Há porque vemos.
E tudo é isto, tudo é isto!

[147] 19-8-1933

Entre o luar e a folhagem,
Entre o sossego e o arvoredo,
Entre o ser noite e haver aragem
Passa um segredo.
Segue-o minha alma na passagem.

Tênue lembrança ou saudade,
Princípio ou fim do que não foi,
Não tem lugar, não tem verdade.
Atrai e dói.
Segue-o meu ser em liberdade.

Vazio encanto ébrio de si,
Tristeza ou alegria o traz?
O que sou dele a quem sorri?
Nada é nem faz.
Só de segui-lo me perdi.

[148] 21-8-1933

Ouço, como se o cheiro
De flores me acordasse…
É música — um canteiro
De influência e disfarce.

Impalpável lembrança,
Sorriso de ninguém,
Com aquela esp’rança
Que nem esperança tem…

Que importa, se sentir
É não se conhecer?
Ouço, e sinto sorrir
O que em mim nada quer.

[149] 21-8-1933

Nuvens sobre a floresta…
Sombra com sombra a mais…
Minha tristeza é esta —
A das coisas reais.

A outra, a que pertence

Aos sonhos que perdi,
Nesta hora não me vence,
Se a há, não a há aqui.

Mas esta, a do arvoredo
Que o céu sem luz invade,
Faz-me receio e medo…
Quem foi minha saudade?

[150] 30-8-1933

Não sei se é sonho, se realidade,
Se uma mistura de sonho e vida,
Aquela terra de suavidade
Que na ilha extrema do sul se olvida.
É a que ansiamos. Ali, ali
A vida é jovem e o amor sorri.

Talvez palmares inexistentes,
Áleas longínquas sem poder ser.
Sombra ou sossego deem aos crentes
De que essa terra se pode ter.
Felizes, nós? Ah, talvez, talvez,
Naquela terra, daquela vez.

Mas já sonhada se desvirtua,
Só de pensá-la cansou pensar,
Sob os palmares, à luz da lua,
Sente-se o frio de haver luar.
Ah, nessa terra também, também
O mal não cessa, não dura o bem.

Não é com ilhas do fim do mundo,
Nem com palmares de sonho ou não,
Que cura a alma seu mal profundo,
Que o bem nos entra no coração.

É em nós que é tudo. É ali, ali,
Que a vida é jovem e o amor sorri.

[151] 31-8-1933

Aqui onde se espera
— Sossego, só sossego —
Isso que outrora era,

Aqui onde, dormindo,
— Sossego, só sossego —
Se sente a noite vindo,

E nada importaria
— Sossego, só sossego —
Que fosse antes o dia,

Aqui, aqui estarei
— Sossego, só sossego —
Como no exílio um rei,

Gozando da ventura
— Sossego, só sossego —
De não ter a amargura

De reinar, mas guardando
— Sossego, só sossego —
O nome venerando…

Que mais quer quem descansa
— Sossego, só sossego —
Da dor e da esperança,

Que ter a negação
— Sossego, só sossego —
De todo o coração?

[152] 5-9-1933

Redemoinha o vento,
Anda à roda o ar.
Vai meu pensamento
Comigo a sonhar.

Vai saber na altura
Como no arvoredo
Se sente a frescura
Passar alta a medo.

Vai saber de eu ser
Aquilo que eu quis
Quando ouvi dizer
O que o vento diz

[153] 5-9-1933

Momento imperceptível,
Que coisa foste, que há
Já em mim qualquer coisa
Que nunca passará?

Sei que, passados anos,
O que isto é lembrarei,
Sem saber já o que era,
Que até já o não sei.

Mas, nada só que fosse,
Fica dele um ficar
Que será suave ainda
Quando eu o não lembrar.

[154] 5-9-1933

Vai alto pela folhagem

Um rumor de pertencer,
Como se houvesse na aragem
Uma razão de querer.

Mas, sim, é como se o som
Do vento no arvoredo
Tivesse um intuito, ou bom
Ou mau, mas feito em segredo,

E que, pensando no abismo
Onde os ventos são ninguém,
Subisse até onde cismo,
E, alto, alado, num vaivém

De tormenta comovesse
As árvores agitadas
Até que delas me viesse
Este mau conto de fadas.

[155] 5-9-1933

Quando as crianças brincam
E eu as ouço brincar,
Qualquer coisa em minha alma
Começa a se alegrar.

E toda aquela infância
Que não tive me vem,
Numa onda de alegria
Que não foi de ninguém.

Se quem fui é enigma,
E quem serei visão,
Quem sou ao menos sinta
Isto no coração.

[156] 5-9-1933

Passos tardam na relva
Entre o luar e o luar.
Tudo é eflúvio e selva.
Sente-se alguém passar.

Passa, pisando leve
O chão que o luar desmente,
Num pálido hausto leve
De pisar levemente.

É elfo, é gnomo, é fada
A forma que ninguém vê?
Lembro: não houve nada.
Sinto, e a saudade crê.

[157] 5-9-1933

O que me dói não é
O que há no coração
Mas essas coisas lindas
Que nunca existirão…

São as formas sem forma
Que passam sem que a dor
As possa conhecer
Ou as sonhar o amor.

São como se a tristeza
Fosse árvore e, uma a uma,
Caíssem suas folhas
Entre o vestígio e a bruma.

[158] 6-9-1933

Por que é que um sono agita
Em vez de repousar
O que em minha alma habita

E a faz não descansar?

Que externa sonolência,
Que absurda confusão,
Me oprime sem violência
Me faz ver sem visão?

Entre o que vivo e a vida,
Entre quem estou e sou,
Durmo numa descida,
Descida em que não vou.

E, num infiel regresso
Ao que já era bruma,
Sonolento me apresso
Para coisa nenhuma.

[159] 7-9-1933

Contemplo o que não vejo.
É tarde, é quase escuro.
E quanto em mim desejo
Está parado ante o muro.

Por cima o céu é grande;
Sinto árvores além;
Embora o vento abrande,
Há folhas em vaivém.

Tudo é do outro lado,
No que há e no que penso.
Nem há ramo agitado
Que o céu não seja imenso.

Confunde-se o que existe
Com o que durmo e sou.
Não sinto, não sou triste.

Mas triste é o que estou.

[160] 11-9-1933

Entre o sono e o sonho,
Entre mim e o que em mim
É o quem eu me suponho,
Corre um rio sem fim.

Passou por outras margens,
Diversas mais além,
Naquelas várias viagens
Que todo o rio tem.

Chegou onde hoje habito
A casa que hoje sou.
Passa, se eu me medito;
Se desperto, passou.

E quem me sinto e morre
No que me liga a mim
Dorme onde o rio corre —
Esse rio sem fim.

[161] 11-9-1933

A morte chega cedo,
Pois breve é toda vida
O instante é o arremedo
De uma coisa perdida.

O amor foi começado,
O ideal não acabou,
E quem tenha alcançado
Não sabe o que alcançou.

E a tudo isto a morte

Risca por não estar certo
No caderno da sorte
Que Deus deixou aberto.

[162] 12-9-1933

Repousa sobre o trigo
Que ondula um sol parado.
Não me entendo comigo.
Ando sempre enganado.

Tivesse eu conseguido
Nunca saber de mim,
Ter-me-ia esquecido
De ser esquecido assim.

O trigo mexe leve
Ao sol alheio e igual.
Como a alma aqui é breve
Com o seu bem e mal!

[163] 13-9-1933

Tudo que faço ou medito
Fica sempre na metade.
Querendo, quero o infinito.
Fazendo, nada é verdade.

Que nojo de mim me fica
Ao olhar para o que faço!
Minha alma é lúcida e rica,
E eu sou um mar de sargaço —

Um mar onde boiam lentos
Fragmentos de um mar de além…
Vontades ou pensamentos?
Não o sei e sei-o bem.

[164] 16-9-1933

Se eu, ainda que ninguém,
Pudesse ter sobre a face
Aquele clarão fugace
Que aquelas árvores têm,

Teria aquela alegria
Que as coisas têm de fora,
Porque a alegria é da hora;
Vai com o sol quando esfria.

Qualquer coisa me valera
Melhor que a vida que tenho —
Ter esta vida de estranho
Que só do sol me viera!

[165] 18-9-1933

Tenho tanto sentimento
Que é frequente persuadir-me
De que sou sentimental,
Mas reconheço, ao medir-me,
Que tudo isso é pensamento,
Que não senti afinal.

Temos, todos que vivemos,
Uma vida que é vivida
E outra vida que é pensada,
E a única vida que temos
É essa que é dividida
Entre a verdadeira e a errada.

Qual porém é a verdadeira
E qual errada, ninguém
Nos saberá explicar;

E vivemos de maneira
Que a vida que a gente tem
É a que tem que pensar.

[166] 19-9-1933

Durmo. Se sonho, ao despertar não sei
Que coisas eu sonhei.
Durmo. Se durmo sem sonhar, desperto
Para um espaço aberto
Que não conheço, pois que despertei
Para o que inda não sei.
Melhor é nem sonhar nem não sonhar
E nunca despertar.

[167] 20-9-1933

Viajar! Perder países!
Ser outro constantemente,
Por a alma não ter raízes
De viver de ver somente!

Não pertencer nem a mim!
Ir em frente, ir a seguir
A ausência de ter um fim,
E a ânsia de o conseguir!

Viajar assim é viagem.
Mas faço-o sem ter de meu
Mais que o sonho da passagem.
O resto é só terra e céu.

[168] 2-10-1933

Que coisa distante
Está perto de mim?
Que brisa fragrante

Me vem neste instante
De ignoto jardim?

Se alguém mo dissesse,
Não quisera crer.
Mas sinto-o, e é esse
O ar bom que me tece
Visões sem as ver.

Não sei se é dormindo
Ou alheado que estou:
Sei que estou sentindo
A boca sorrindo
Aos sonhos que sou.

[169] 2-10-1933

Na ribeira deste rio
Ou na ribeira daquele
Passam meus dias a fio.
Nada me impede, me impele,
Me dá calor ou dá frio.

Vou vendo o que o rio faz
Quando o rio não faz nada.
Vejo os rastros que ele traz,
Numa sequência arrastada,
Do que ficou para trás.

Vou vendo e vou meditando,
Não bem no rio que passa
Mas só no que estou pensando,
Porque o bem dele é que faça
Eu não ver que vai passando.

Vou na ribeira do rio

Que está aqui ou ali,
E do seu curso me fio,
Porque se o vi ou não vi,
Ele passa e eu confio.

[170] 2-10-1933

No mal-estar em que vivo,
No mal pensar em que sinto,
Sou de mim mesmo cativo,
A mim mesmo minto.

Se fosse outro fora outro.
Se em mim houvesse certeza,
Não seria o fluido e neutro
Que ama a beleza.

Sim, que ama a beleza e a nega
Nesta vida sem bordão
Que contra si mesma alega
Que tudo é vão.

[171] 2-10-1933

Quando era criança
Vivi, sem saber,
Só para hoje ter
Aquela lembrança.

E hoje que sinto
Aquilo que fui.
Minha vida flui,
Feita do que minto.

Mas nesta prisão,
Livro único, leio
O sorriso alheio

De quem fui então.

[172] 2-10-1933

Chove. Há silêncio, porque a mesma chuva
Não faz ruído senão com sossego.
Chove. O céu dorme. Quando a alma é viúva
Do que não sabe, o sentimento é cego.
Chove. Meu ser (quem sou) renego…

Tão calma é a chuva que se solta no ar
(Nem parece de nuvens) que parece
Que não é chuva, mas um sussurrar
Que de si mesmo, ao sussurrar, se esquece.
Chove. Nada apetece…

Não paira vento, não há céu que eu sinta.
Chove longínqua e indistintamente,
Como uma coisa certa que nos minta,
Como um grande desejo que nos mente.
Chove. Nada em mim sente…

[173] 2-10-1933

Grandes mistérios habitam
O limiar do meu ser,
O limiar onde hesitam
Grandes pássaros que fitam
Meu transpor tardo de os ver.

São aves cheias de abismo,
Como nos sonhos as há.
Hesito se sondo e cismo,
E à minha alma é cataclismo
O limiar onde está.

Então desperto do sonho

E sou alegre da luz,
Inda que em dia tristonho;
Porque o limiar é medonho
E todo passo é uma cruz.

[174] 10-10-1933

Dorme, que a vida é nada!
Dorme, que tudo é vão!
Se alguém achou a estrada,
Achou-a em confusão,
Com a alma enganada.

Não há lugar nem dia
Para quem quer achar,
Nem paz nem alegria
Para quem, por amar,
Em quem ama confia.

Melhor entre onde os ramos
Tecem dosséis sem ser
Ficar como ficamos,
Sem pensar nem querer,
Dando o que nunca damos.

[175] 10-10-1933

Não sei que sonho me não descansa
E me faz mal…
Mas eia! o harmônio a guiar a dança
Nesse quintal.

E eu perco o fio ao que não existe
E ouço dançar,
Já não alheio, nem sequer triste,
Só de escutar.

Quanta alegria onde os outros são
E dançam bem!
Dei-lhes de graça meu coração
E o que ele tem.

Na noite calma o harmônio toca
Aquela dança,
E o que em mim sonha um momento evoca
Nova esperança.

Nova esperança que há de cessar
Quando, já dia,
O harmônio eterno há de acabar
Feche a alegria.

Ah, ser os outros! Se eu o pudesse
Sem outros ser!
Enquanto o harmônio minha alma enchesse
De o não saber.

FRESTA

[176]

Em meus momentos escuros
Em que em mim não há ninguém,
E tudo é névoas e muros
Quanto a vida dá ou tem,

Se, um instante, erguendo a fronte
De onde em mim sou aterrado,
Vejo o longínquo horizonte
Cheio de sol posto ou nado

Revivo, existo, conheço,
E, ainda que seja ilusão
O exterior em que me esqueço,

Nada mais quero nem peço.
Entrego-lhe o coração.

[177] 9-5-1934

Onda que, enrolada, tornas,
Pequena, ao mar que te trouxe
E ao recuar te transtornas
Como se o mar nada fosse,

Por que é que levas contigo
Só a tua cessação,
E, ao voltar ao mar antigo,
Não levas meu coração?

Há tanto tempo que o tenho
Que me pesa de o sentir.
Leva-o no som sem tamanho
Com que te ouço fugir!

[178] 9-5-1934

Montes, e a paz que há neles, pois são longe…
Paisagens, isto é, ninguém…
Tenho a alma feita para ser de um monge
Mas não me sinto bem.

Se eu fosse outro, fora outro. Assim
Aceito o que me dão,
Como quem espreita para um jardim
Onde os outros estão.

Quem outros? Não sei. Há no sossego incerto
Uma paz que não há,
E eu fito sem o ler o livro aberto
Que nunca mo dirá…

[179] 9-5-1934

Neste mundo em que esquecemos
Somos sombras de quem somos,
E os gestos reais que temos
No outro em que, almas, vivemos,
São aqui esgares e assomos.

Tudo é noturno e confuso
No que entre nós aqui há.
Projeções, fumo difuso
Do lume que brilha ocluso
Ao olhar que a vida dá.

Mas um ou outro, um momento,
Olhando bem, pode ver
Na sombra e seu movimento
Qual no outro mundo é o intento
Do gesto que o faz viver.

E então encontra o sentido
Do que aqui está a esgarar,
E volve ao corpo ido,
Imaginado e entendido,
A intuição de um olhar.

Sombra do corpo saudosa,
Mentira que sente o laço
Que a liga à maravilhosa
Verdade que a lança, ansiosa,
No chão do tempo e do espaço.

[180] 9-5-1934

Foi um momento
O em que pousaste

Sobre o meu braço,
Num movimento
Mais de cansaço
Que pensamento,
A tua mão
E a retiraste.
Senti ou não?

Não sei. Mas lembro
E sinto ainda
Qualquer memória
Fixa e corpórea
Onde pousaste
A mão que teve
Qualquer sentido
Incompreendido.
Mas tão de leve!…

Tudo isto é nada,
Mas numa estrada
Como é a vida
Há muita coisa
Incompreendida…

Sei eu se quando
A tua mão
Senti pousando
Sobre o meu braço,
E um pouco, um pouco,
No coração,
Não houve um ritmo
Novo no espaço?

Como se tu,
Sem o querer,
Em mim tocasses

Para dizer
Qualquer mistério,
Súbito e etéreo,
Que nem soubesses
Que tinha ser.

Assim a brisa
Nos ramos diz
Sem o saber
Uma imprecisa
Coisa feliz.

[181] 9-5-1934

Cessa o teu canto!
Cessa, que, enquanto
O ouvi, ouvia
Uma outra voz
Como que vindo
Nos interstícios
Do brando encanto
Com que o teu canto
Vinha até nós.

Ouvi-te e ouvi-a
No mesmo tempo
E diferentes
Juntas cantar.
E a melodia
Que não havia.
Se agora a lembro,
Faz-me chorar.

Foi tua voz
Encantamento
Que, sem querer,

Nesse momento
Vago acordou
Um ser qualquer
Alheio a nós
Que nos falou?

Não sei. Não cantes!
Deixa-me ouvir
Qual o silêncio
Que há a seguir
A tu cantares!

Ah, nada, nada!
Só os pesares
De ter ouvido,
De ter querido
Ouvir para além
Do que é o sentido
Que uma voz tem

Que anjo, ao ergueres
A tua voz,
Sem o saberes,
Veio baixar
Sobre esta terra
Onde a alma erra
E com as asas
Soprou as brasas
De ignoto lar?

Não cantes mais!
Quero o silêncio
Para dormir
Qualquer memória
Da voz ouvida,
Desentendida,

Que foi perdida
Por eu a ouvir…

EROS E PSIQUE

[182] 8-7-1933

…E assim vedes, meu Irmão, que as verdades que vos foram dadas no Grau de Neófito, e aquelas que vos foram dadas no Grau de Adepto Menor, são, ainda que opostas, a mesma verdade.
DO RITUAL DO GRAU DE MESTRE DO ÁTRIO NA ORDEM TEMPLÁRIA DE PORTUGAL

Conta a lenda que dormia
Uma Princesa encantada
A quem só despertaria
Um Infante, que viria
De além do muro da estrada.

Ele tinha que, tentado,
Vencer o mal e o bem,
Antes que, já libertado,
Deixasse o caminho errado
Por o que à Princesa vem.

A Princesa Adormecida,
Se espera, dormindo espera,
Sonha em morte a sua vida,
E orna-lhe a fronte esquecida,
Verde, uma grinalda de hera.

Longe o Infante, esforçado,
Sem saber que intuito tem,
Rompe o caminho fadado.
Ele dela é ignorado.
Ela para ele é ninguém.

Mas cada um cumpre o Destino —
Ela dormindo encantada,
Ele buscando-a sem tino

Pelo processo divino
Que faz existir a estrada.

E, se bem que seja obscuro
Tudo pela estrada fora,
E falso, ele vem seguro,
E, vencendo estrada e muro,
Chega onde em sono ela mora,

E, inda tonto do que houvera,
À cabeça, em maresia,
Ergue a mão, e encontra hera,
E vê que ele mesmo era
A Princesa que dormia.

[183] 11-6-1934

Houve um ritmo no meu sono.
Quando acordei o perdi.
Por que saí do abandono
De mim mesmo, em que vivi?

Não sei que era o que não era.
Sei que suave me embalou,
Como se o embalar quisera
Tornar-me outra vez quem sou.

Houve uma música finda
Quando acordei de a sonhar.
Mas não morreu: dura ainda
No que me faz não pensar.

[184] 9-6-1935

Azul, ou verde, ou roxo quando o sol
O doura falsamente de vermelho,
O mar é áspero [?], casual [?] ou mol[e],

É uma vez abismo e outra espelho.

Evoco porque sinto velho
O que em mim quereria mais que o mar
Já que nada ali há por desvendar.

Os grandes capitães e os marinheiros
Com que fizeram a navegação,
Jazem longínquos, lúgubres parceiros
Do nosso esquecimento e ingratidão.
Só o mar às vezes, quando são
Grandes as ondas e é deveras mar
Parece incertamente recordar.

Mas sonho… O mar é água, é água nua,
Serva do obscuro ímpeto distante
Que, como a poesia, vem da lua
Que uma vez o abate outra o levanta.
Mas, por mais que descante
Sobre a ignorância natural do mar,
Pressinto-o, vasante, a murmurar.

Quem sabe o que é a alma? Quem conhece
Que alma há nas coisas que parecem mortas.
Quanto em terra ou em nada nunca esquece.
Quem sabe se no espaço vácuo há portas?
Ó sonho que me exortas
A meditar assim a voz do mar,
Ensina-me a saber-te meditar.

Capitães, contramestres — todos nautas
Da descoberta infiel de cada dia
Acaso vos chamou de ignotas flautas
A vaga e impossível melodia.
Acaso o vosso ouvido ouvia
Qualquer coisa do mar sem ser o mar

Sereias só de ouvir e não de achar?

Quem atrás de intérminos oceanos
Vos chamou à distância ou quem
Sabe que há nos corações humanos
Não só uma ânsia natural de bem
Mas, mais vaga, mais sutil também
Uma coisa que quer o som do mar
E o estar longe de tudo e não parar.

Se assim é e se vós e o mar imenso
Sois qualquer coisa, vós por o sentir
E o mar por o ser, disto que penso;
Se no fundo ignorado do existir
Há mais alma que a que pode vir
À tona vã de nós, como à do mar
Fazei-me livre, enfim, de o ignorar.

Dai-me uma alma transposta de argonauta,
Fazei que eu tenha, como o capitão
Ou o contramestre, ouvidos para a flauta
Que chama ao longe o nosso coração,
Fazei-me ouvir, como a um perdão,
Numa reminiscência de ensinar,
O antigo português que fala o mar!

[185] 23-7-1935

Começa a ir ser dia,
O céu negro começa,
Numa menor negrura
Da sua noite escura,

A ter uma cor fria
Onde a negrura cessa.

Um negro azul-cinzento
Emerge vagamente
De onde o oriente dorme
Seu tardo sono informe,
E há um frio sem vento
Que se ouve e mal se sente.

Mas eu, o maldormido,
Não sinto noite ou frio,
Nem sinto vir o dia
Da solidão vazia.
Só sinto o indefinido
Do coração vazio.

Em vão o dia chega
A quem não dorme, a quem
Não tem que ter razão
Dentro do coração,
Que quando vive nega
E quando ama não tem.

Em vão, em vão, e o céu
Azula-se de verde
Acinzentadamente.
Que é que a minha alma sente?
Nem isto, não, nem eu,
Na noite que se perde.

A OUTRA

[186] 28-7-1935

Amamos sempre no que temos
O que não temos quando amamos.
O barco pára, largo os remos
E, um a outro, as mãos nos damos.

A quem dou as mãos?
À Outra.

Teus beijos são de mel de boca,
São os que sempre pensei dar,
E agora a minha boca toca
A boca que eu sonhei beijar.
De quem é a boca?
Da Outra.

Os remos já caíram na água,
O barco faz o que a água quer.
Meus braços vingam minha mágoa
No abraço que enfim podem ter.
Quem abraço?
A Outra.

Bem sei, és bela, és quem desejei…
Não deixe a vida que eu deseje
Mais que o que pode ser teu beijo
E poder ser eu que te beije.
Beijo, e em quem penso?
Na Outra.

Os remos vão perdidos já,
O barco vai não sei para onde.
Que fresco o teu sorriso está,
Ah, meu amor, e o que ele esconde!
Que é do sorriso
Da Outra?

Ah, talvez, mortos ambos nós,
Num outro rio sem lugar
Em outro barco outra vez sós
Possamos nos recomeçar
Que talvez sejas

A Outra.

Mas não, nem onde essa paisagem
É sob eterna luz eterna
Te acharei mais que alguém na viagem
Que amei com ansiedade terna
Por ser parecida
Com a Outra.

Ah, por ora, idos remo e rumo,
Dá-me as mãos, a boca, o teu ser.
Façamos desta hora um resumo
Do que não poderemos ter.
Nesta hora, a única,
Sê a Outra.

[187] 12-9-1935

Não me digas mais nada. O resto é a vida.
Sob onde a uva está amadurecida
Moram meus sonos, que não querem nada.
Que é o mundo? Uma ilusão vista e sentida.

Sob os ramos que falam com o vento
Inerte, abdico do meu pensamento.
Tenho esta hora e o ócio que está nela.
Levem o mundo: deixem-me o momento!

Se vens, esguia e bela, deitar vinho
Em meu copo vazio, eu, mesquinho
Ante o que sonho, morto te agradeço
Que não sou para mim mais que um vizinho

Quando a jarra que trazes aparece
Sobre meu ombro e a sua curva desce
A deitar vinho, sonho-te, e, sem ver-te,

Por teu braço teu corpo me apetece.

Não diga nada que tu creias. Fala
Como a cigarra canta. Nada iguala
O ser um som pequeno entre rumores
Com que este mundo.

A vida é terra e o vivê-la é lodo.
Tudo é maneira, diferença ou modo.
Em tudo quanto faças sê só tu,
Em tudo quanto faças sê tu todo.

[188] 29-10-1935

Teus olhos entristecem.
Nem ouves o que digo.
Dormem, sonham, esquecem…
Não me ouves, e prossigo.

Digo o que já, de triste,
Te disse tanta vez…
Creio que nunca o ouviste
De tão tua que és.

Olhas-me de repente
De um distante impreciso
Com um olhar ausente.
Começas um sorriso.

Continuo a falar.
Continuas ouvindo
O que estás a pensar,
Já quase não sorrindo.

Até que neste ocioso
Sumir da tarde fútil,
Se esfolha silencioso

O teu sorriso inútil.

[189] 19-11-1935

Há doenças piores que as doenças,
Há dores que não doem, nem na alma
Mas que são dolorosas mais que as outras.
Há angústias sonhadas mais reais
Que as que a vida nos traz, há sensações
Sentidas só com imaginá-las
Que são mais nossas do que a própria vida.
Há tanta coisa que, sem existir,
Existe, existe demoradamente,
E demoradamente é nossa e nós…
Por sobre o verde turvo do amplo rio
Os circunflexos brancos das gaivotas…
Por sobre a alma o adejar inútil
Do que não foi, nem pôde ser, e é tudo.

Dá-me mais vinho, porque a vida é nada.

[190]

No ouro sem fim da tarde morta,
Na poeira de ouro sem lugar
Da tarde que me passa à porta
Para não parar,

No silêncio dourado ainda
Dos arvoredos verde fim,
Recordo. Eras antiga e linda
E estás em mim…

Tua memória há sem que houvesses,
Teu gesto, sem que fosses alguém,
Como uma brisa me estremeces

E eu choro um bem…

Perdi-te. Não te tive. A hora
É suave para a minha dor.
Deixa meu ser que rememora
Sentir o amor,

Ainda que amar seja um receio,
Uma lembrança falsa e vã,
E a noite deste vago anseio
Não tenha manhã.

[191]

Sonhos, sistemas, mitos, ideais…
Fito a água insistente contra o cais,
E, como flocos de um papel rasgado,
A ela dando-me como a um justo fado,
Sigo-os com os olhos em que não há mais
Que em vão desassossego resignado.

Eles a mim como consolarão —
A mim que de inquieto já nem choro;
Que na erma mente e no ermo coração
Sombras, só sombras, sombra, rememoro;
A mim, em tudo, sempre em vão.
Cansado até dos deuses que não são?

[192]

Na quinta entre ciprestes
Secaram todas as fontes,
As rosas brancas agrestes
Trazidas do fim dos montes
Vós mas tirastes, que as destes…

No rio ao pé de salgueiros

Passaram as águas em vão,
Com tristezas de estrangeiros
Passaram pelos salgueiros
As ondas, sem ter razão.

[193]

Dizem?
Esquecem.
Não dizem?
Disseram.

Fazem?
Fatal.
Não fazem?
Igual.

Por quê
Esperar?
— Tudo é
Sonhar.

CONSELHO

[194]

Cerca de grandes muros quem te sonhas.
Depois, onde é visível o jardim
Através do portão de grade dada,
Põe quantas flores são as mais risonhas,
Para que te conheçam só assim.
Onde ninguém o vir não ponhas nada.

Faze canteiros como os que outros têm,
Onde os olhares possam entrever
O teu jardim com lho vais mostrar.
Mas onde és teu, e nunca o vê ninguém,

Deixa as flores que vêm do chão crescer
E deixa as ervas naturais medrar.

Faze de ti um duplo ser guardado;
E que ninguém, que veja e fite, possa
Saber mais que um jardim de quem tu és —
Um jardim ostensivo e reservado,
Por trás do qual a flor nativa roça
A erva tão pobre que nem tu a vês…

LIBERDADE*

[195] 16-3-1935

Ai que prazer
Não cumprir um dever,
Ter um livro para ler
E não o fazer!
Ler é maçada,
Estudar é nada.
O sol doura

Sem literatura.
O rio corre, bem ou mal,
Sem edição original.
E a brisa, essa,
De tão naturalmente matinal,
Como tem tempo não tem pressa…

Livros são papéis pintados com tinta.
Estudar é uma coisa em que está indistinta
A distinção entre nada e coisa nenhuma.

Quanto é melhor, quando há bruma,
Esperar por D. Sebastião,
Quer venha ou não!

Grande é a poesia, a bondade e as danças…
Mas o melhor do mundo são as crianças,
Flores, música, o luar, e o sol, que peca
Só quando, em vez de criar, seca.

O mais do que isto
É Jesus Cristo,
Que não sabia nada de finanças
Nem consta que tivesse biblioteca…

POEMA

[196] 29-5-1934

O céu, azul de luz quieta,
As ondas brandas a quebrar,
Na praia lúcida e completa —
Pontos de dedos a brincar.

No piano anônimo da praia
Tocam nenhuma melodia
De cujo ritmo por fim saia
Todo o sentido deste dia.

Que bom, se isto satisfizesse!
Que certo, se eu pudesse crer
Que esse mar e essas ondas e esse
Céu têm vida e têm ser.

TOMAMOS A VILA DEPOIS DE UM INTENSO BOMBARDEAMENTO

[197] 21-6-1929

A criança loura
Jaz no meio da rua.
Tem as tripas de fora
E por uma corda sua

Um comboio que ignora.

A cara está um feixe
De sangue e de nada.
Luz um pequeno peixe
— Dos que boiam nas banheiras —
À beira da estrada.

Cai sobre a estrada o escuro.
Longe, ainda uma luz doura
A criação do futuro…

E o da criança loura?

NO TÚMULO DE CHRISTIAN ROSENKREUTZ

[198]

> Não tínhamos ainda visto o cadáver de nosso Pai prudente e sábio. Por isso afastamos para um lado o altar. Então pudemos levantar uma chapa forte de metal amarelo, e ali estava um belo corpo célebre, inteiro e incorrupto…, e tinha na mão um pequeno livro em pergaminho, escrito a ouro, intitulado T., que é, depois da Bíblia, o nosso mais alto tesouro nem deve ser facilmente submetido à censura do mundo.
>
> *Fama Fraternitatis Roseæ Crucis*

I

Quando, despertos deste sono, a vida,
Soubermos o que somos, e o que foi
Essa queda até Corpo, essa descida
Até à Noite que nos a Alma obstrui,

Conheceremos pois toda a escondida
Verdade do que é tudo que há ou flui?
Não: nem na Alma livre é conhecida…
Nem Deus, que nos criou, em Si a inclui.

Deus é o Homem de outro Deus maior:

Adam Supremo, também teve Queda;
Também, como foi nosso Criador,

Foi criado, e a Verdade lhe morreu…
De além o Abismo, Sprito Seu, Lha veda;
Aquém não há no Mundo, Corpo Seu.

II

Mas antes era o Verbo, aqui perdido
Quando a Infinita Luz, já apagada,
Do Caos, chão do Ser, foi levantada
Em Sombra, e o Verbo ausente escurecido.

Mas se a Alma sente a sua forma errada,
Em si, que é Sombra, vê enfim luzido
O Verbo deste Mundo, humano e ungido,
Rosa Perfeita, em Deus crucificada.

Então, senhores do limiar dos Céus,
Podemos ir buscar além de Deus
O Segredo do Mestre e o Bem profundo;

Não só de aqui, mas já de nós, despertos,
No sangue atual de Cristo enfim libertos
Do a Deus que morre a geração do Mundo.

III

Ah, mas aqui, onde irreais erramos,
Dormimos o que somos, e a verdade,
Inda que enfim em sonhos a vejamos,
Vemo-la, porque em sonho, em falsidade.

Sombras buscando corpos, se os achamos
Como sentir a sua realidade?
Com mãos de sombra, Sombras, que tocamos?

Nosso toque é ausência e vacuidade.

Quem desta Alma fechada nos liberta?
Sem ver, ouvimos para além da sala
De ser: mas como, aqui, a porta aberta?
…………………………………………..

Calmo na falsa morte a nós exposto,
O Livro ocluso contra o peito posto,
Nosso Pai Rosaecruz conhece e cala.

GLOSA

[199] 1-4-1929

Quem me roubou a minha dor antiga,
E só a vida me deixou por dor?
Quem, entre o incêndio da alma em que o ser periga,
Me deixou só no fogo e no torpor?

Quem fez a fantasia minha amiga,
Negando o fruto e emurchecendo a flor?
Ninguém ou o Fado, e a fantasia siga
A seu infiel e irreal sabor…

Quem me dispôs para o que não pudesse?
Quem me fadou para o que não conheço
Na teia do real que ninguém tece?

Quem me arrancou ao sonho que me odiava
E me deu só a vida em que me esqueço,
“Onde a minha saudade a cor se trava?”

[200]

Assim, sem nada feito e o por fazer
Mal pensado, ou sonhado sem pensar,

Vejo os meus dias nulos decorrer,
E o cansaço de nada me aumentar.

Perdura, sim, como uma mocidade
Que a si mesma se sobrevive, a esperança,
Mas a mesma esperança o tédio invade,
E a mesma falsa mocidade cansa.

Tênue passar das horas sem proveito,
Leve correr dos dias sem ação,
Como a quem com saúde jaz no leito
Ou quem sempre se atrasa sem razão.

Vadio sem andar, meu ser inerte
Contempla-me, que esqueço de querer,
E a tarde exterior seu tédio verte
Sobre quem nada fez e nada quere.

Inútil vida, posta a um canto e ida
Sem que alguém nela fosse, nau sem mar,
Obra solenemente por ser lida,
Ah, deixem-se sonhar sem esperar!

[201] 1-10-1926

Esta espécie de loucura
Que é pouco chamar talento
E que brilha em mim, na escura
Confusão do pensamento,

Não me traz felicidade;
Porque, enfim, sempre haverá
Sol ou sombra na cidade.
Mas em mim não sei o que há.

[202]

Entre o bater rasgado dos pendões
E o cessar dos clarins na tarde alheia,
A derrota ficou: como uma cheia
Do mal cobriu os vagos batalhões.

Foi em vão que o Rei louco os seus varões
Trouxe ao prolixo prélio, sem ideia.
Água que mão infiel verteu na areia —
Tudo morreu, sem rastro e sem razões.

A noite cobre o campo, que o Destino
Com a morte tornou abandonado.
Cessou, com cessar tudo, o desatino.

Só no luar que nasce os pendões rotos
'Strelam no absurdo campo desolado
Uma derrota heráldica de ignotos.

[203]

A minha vida é um barco abandonado
Infiel, no ermo porto, ao seu destino.
Por que não ergue ferro e segue o atino
De navegar, casado com o seu fado?

Ah! falta quem o lance ao mar, e alado
Torne seu vulto em velas; peregrino
Frescor de afastamento, no divino
Amplexo da manhã, puro e salgado.

Morto corpo da ação sem vontade
Que o viva, vulto estéril de viver,
Boiando à tona inútil da saudade.

Os limos esverdeiam tua quilha,
O vento embala-te sem te mover,
E é para além do mar a ansiada Ilha.

[204]

Os Deuses vão-se como forasteiros.
Como uma feira acaba a tradição.
Somos todos palhaços estrangeiros.
A nossa vida é palco e confusão.

Ah, dormir tudo! Pôr um sono à roda
Do esforço inútil e da sorte incerta!
Que a morte virtual da vida toda
Seja, sons, a janela que, entreaberta,

Só um crepúsculo do mundo deixe
Chegar à sonolência que se sente;
E a alma se desfaça como um peixe
Atado pelos dedos dum demente…

[205]

Se já não torna a eterna primavera
    Que em sonhos conheci,
O que é que o exausto coração espera
    Do que não tem em si?

Se não há mais florir de árvores feitas
    Só de alguém as sonhar,
Que coisas quer o coração perfeitas,
    Quando, e em que lugar?

Não: contentemo-nos com ter a aragem
    Que, porque existe, vem
Passar a mão sobre o alto da folhagem
    E assim nos faz um bem.

* Nas edições da obra poética de Fernando Pessoa organizadas por Maria Aliete Galhoz há a indicação, entre parênteses: Falta uma citação de Sêneca.

QUADRAS

QUADRAS AO GOSTO POPULAR

[206] Eu tenho um colar de pérolas
Enfiado para te dar:
As per'las são os meus beijos,
O fio é o meu penar.

[207] Se ontem à tua porta
Mais triste o vento passou –
Olha: levava um suspiro…
Bem sabes quem to mandou…

[208] Entreguei-te o coração,
E que tratos tu lhe deste!
É talvez por 'star estragado
Que ainda não mo devolveste…

[209] A terra é sem vida, e nada
Vive mais que o coração…
E envolve-te a terra fria
E a minha saudade não!

[210] Deixa que um momento pense
Que ainda vives ao meu lado…
Triste de quem por si mesmo
Precisa ser enganado!

[211] Morto, hei de estar a teu lado
Sem o sentir nem saber…
Mesmo assim, isso me basta
Pra ver um bem em morrer.

[212] Não sei se a alma no Além vive…

Morreste! E eu quero morrer!
Se vive, ver-te-ei; se não,
Só assim te posso esquecer.

[213] A caixa que não tem tampa
Fica sempre destapada.
Dá-me um sorriso dos teus
Porque não quero mais nada.

[214] Tens o leque desdobrado
Sem que estejas a abanar.
Amor que pensa e que pensa
Começa ou vai acabar.

[215] Duas horas te esperei
Dois anos te esperaria.
Dize: devo esperar mais?
Ou não vens porque inda é dia?

[216] Toda a noite ouvi no tanque
A pouca água a pingar.
Toda a noite ouvi na alma
Que não me podes amar.

[217] Dias são dias, e noites
São noites e não dormi…
Os dias a não te ver
As noites pensando em ti.

[218] Trazes a rosa na mão
E colheste-a distraída…
E que é do meu coração
Que colheste mais sabida?

[219] Teus olhos tristes, parados,
Coisa nenhuma a fitar…

Ah meu amor, meu amor,
Se eu fora nenhum lugar!

[220] Depois do dia vem noite,
Depois da noite vem dia
E depois de ter saudades
Vêm as saudades que havia.

[221] Eu vi ao longe um navio
Que tinha uma vela só
Ia sozinho no mar…
Mas não me fazia dó.

[222] Comi melão retalhado
E bebi vinho depois,
Quanto mais olho pra ti
Mais sei que não somos dois.

[223] Trazes um lenço novinho
Na cabeça e a descair,
Se eu te beijar no cantinho
Só saberá quem nos vir.

[224] E ao acabar estes versos
Feitos em modo menor
Cumpre prestar homenagem
À bebedeira do cantor.

[225] Toda a noite, toda a noite,
Toda a noite sem pensar…
Toda a noite sem dormir
E sem tudo isso acabar.

[226] Puseste um vaso à janela.
Foi sinal ou não foi nada,
Ou foi pra que pense em ti

Que te não importas nada?

[227] Ó pastora, ó pastorinha,
Que tens ovelhas e riso,
Teu riso ecoa no vale
E nada mais é preciso.

[228] A abanar o fogareiro
Ela corou do calor.
Ah, quem a fará corar
De um outro modo melhor!

[229] Manjerico que te deram,
Amor que te querem dar…
Recebeste o manjerico.
O amor fica a esperar.

[230] Dona Rosa, Dona Rosa,
De que roseira é que vem,
Que não tem senão espinhos
Para quem só lhe quer bem?

[231] O laço que tens no peito
Parece dado a fingir.
Se calhar já estava feito
Como o teu modo de rir.

[232] Dona Rosa, Dona Rosa,
Quando eras inda botão
Disseram-te alguma coisa
De a flor não ter coração?

[233] Tenho um segredo a dizer-te
Que não te posso dizer.
E com isto já to disse
Estavas farta de o saber…

[234] Os ranchos das raparigas
Vão a cantar pela estrada…
Não ouço as suas cantigas
Só tenho pena de nada.

[235] Rezas porque outros rezaram,
E vestes à moda alheia…
Quando amares vê se amas
Sem teres o amor na ideia.

[236] A Senhora da Agonia
Tem um nicho na Igreja.
Mas a dor que me *agonia*
Não tem ninguém quem a veja.

[237] Tocam sinos a rebate
E levantaste-te logo.
Teu coração só não bate
Por a quem puseste fogo.

[238] O coração é pequeno,
Coitado, e trabalha tanto!…
De dia a ter que chorar,
De noite a fazer o pranto…

[239] Deram-me um cravo vermelho
Para eu ver como é a vida.
Mas esqueci-me do cravo
Pela hora da saída.

[240] Fiz estourar um cartucho
Contra a parede do lado.
Assim farei eu à vida,
Que o sonhar fez-me assoprado.

[241] O malmequer que colheste

Deitaste-o fora a falar.
Nem quiseste ver a sorte
Que ele te podia dar.

[242] Quando compões o cabelo
Com tua mão distraída
Fazes-me um grande novelo
No pensamento da vida.

[243] Teus olhos de quem não fita
Vagueiam, estão na distância.
Se fosses menos bonita,
Isso não tinha importância.

[244] Corre a água pelas calhas
Lá segundo a sua lei.
Pareces, vista de lado,
Aquela que te julguei.

[245] Lá por olhar para ti
Não julgues que é por gostar.
Eu gosto muito do sol,
E nem o posso fitar.

[246] Viraste-me a cara quando
Ia a dizer-te, à chegada,
Que, se voltasses a cara,
Que eu não me importava nada.

[247] Na quinta que nunca houve
Há um poço que não há
Onde há de ir encontrar água
Alguém que te entenderá.

[248] Voam débeis e enganadas
As folhas que o vento toma.

Bem sei: deitamos os dados
Mas Deus é que deita a soma.

[249] Ribeirinho, ribeirinho,
Que falas tão devagar,
Ensina-me o teu caminho
De passar sem desejar.

[250] Do alto da torre da igreja
Vê-se o campo todo em roda.
Só do alto da esperança
Vemos nós a vida toda.

[251] Dá-me um sorriso a brincar,
Dá-me uma palavra a rir,
Eu me tenho por feliz
Só de te ver e te ouvir.

[252] Quando apertaste o teu cinto
Puseste o cravo na boca.
Não sei dizer o que sinto
Quando o que sinto me toca.

[253] Só com um jeito do corpo
Feito sem dares por isso
Fazes mais mal que o demônio
Em dias de grande enguiço.

[254] Esse xaile que arranjaste,
Com que pareces mais alta
Dá ao teu corpo esse brio
Que à minha coragem falta.

[255] Tens um decote pequeno,
Um ar modesto e tranquilo;
Mas vá-se lá descobrir

Coisa pior do que aquilo!

[256] Teus olhos pousam no chão
Para não me olhar de frente.
Tens vontade de sorrir
Ou de rir? É tão dif’rente!

[257] Fui passear no jardim
Sem saber se tinha flores
Assim passeia na vida
Quem tem ou não tem amores.

[258] Toda a noite ouvi os cães
Pra a manhã ouvi os galos.
Tristeza — vem ter conosco.
Prazeres — é ir achá-los.

[259] Deram-me, para se rirem,
Uma corneta de barro,
Para eu tocar à entrada
Do Castelo do Diabo.

[260] Quando te apertei a mão
Ao modo de assim-assim,
Senti o meu coração
A perguntar-me por mim.

[261] Tinhas um vestido preto
Nesse dia de alegria…
Que certo! Pode pôr luto
Aquele que em ti confia.

[262] No dia em que te casares
Hei de te ir ver à Igreja
Para haver o sacramento
De amar-te alguém que ali esteja.

[263] No baile em que dançam todos
Alguém fica sem dançar.
Melhor é não ir ao baile
Do que estar lá sem lá estar.

[264] Quando é o tempo do trigo
É o tempo de trigar.
A verdade é um postigo
A que ninguém vem falar.

[265] Vale a pena ser discreto?
Não sei bem se vale a pena.
O melhor é estar quieto
E ter a cara serena.

[266] Rosmaninho que me deram,
Rosmaninho que darei,
Todo o mal que me fizeram
Será o bem que eu farei.

[267] Tenho um relógio parado
Por onde sempre me guio.
O relógio é emprestado
E tem as horas a fio.

[268] Levas chinelas que batem
No chão com o calcanhar.
Antes quero que me matem
Que ouvir esse som parar.

[269] Em vez da saia de chita
Tens uma saia melhor.
De qualquer modo és bonita,
E o bonita é o pior.

[270] Teus brincos dançam se voltas

A cabeça a perguntar.
São como andorinhas soltas
Que inda não sabem voar.

[271] Tens uma rosa na mão.
Não sei se é para me dar.
As rosas que tens na cara,
Essas sabes tu guardar.

[272] Fomos passear na quinta,
Fomos à quinta em passeio.
Não há nada que eu não sinta
Que me não faça um enleio.

[273] Os alcatruzes da nora
Andam sempre a dar e dar.
É para dentro e pra fora
E não sabem acabar.

[274] Ó minha menina loura,
Ó minha loura menina,
Dize a quem te vê agora
Que já foste pequenina…

[275] Levas uma rosa ao peito
E tens um andar que é teu…
Antes tivesses o jeito
De amar alguém, que sou eu.

[276] Tens um livro que não lês,
Tens uma flor que desfolhas;
Tens um coração aos pés
E para ele não olhas.

[277] Nunca dizes se gostaste
Daquilo que te calei.

Sei bem que o adivinhaste.
O que pensaste não sei.

[278] O vaso que dei àquela
Que não sabe quem lho deu
Há de ser posto à janela
Sem ninguém saber que é meu.

[279] Tive uma flor para dar
A quem não ousei dizer
Que lhe queria falar,
E a flor teve que morrer.

[280] Quando olhaste para trás,
Não supus que era por mim.
Mas sempre olhaste, e isso faz
Que fosse melhor assim.

[281] Todos os dias eu penso
Naquele gesto engraçado
Com que pegaste no lenço
Que estava esquecido ao lado.

[282] Tens uma salva de prata
Onde pões os alfinetes…
Mas não tem salva nem prata
Aquilo que tu prometes.

[283] Adivinhei o que pensas
Só por saber que não era
Qualquer das coisas imensas
Que a minh’alma sempre espera.

[284] Ouvi-te cantar de dia.
De noite te ouvi cantar.
Ai de mim, se é de alegria!

Ai de mim, se é de penar!

[285] Por um púcaro de barro
Bebe-se a água mais fria.
Quem tem tristezas não dorme,
Vela quem tem alegria.

[286] O malmequer que arrancaste
Deu-te nada no seu fim,
Mas o amor que me arrancaste,
Se deu nada, foi a mim.

[287] Teu xaile de seda escura
É posto de tal feição
Que todo se dependura
Dentro do meu coração.

[288] A rosa que se não colhe
Nem por isso tem mais vida.
Ninguém há que te não olhe
E te não queira colhida.

[289] O manjerico comprado
Não é melhor que o que dão.
Põe o manjerico ao lado
E dá-me o teu coração.

[290] Rosa verde, rosa verde…
Rosa verde é coisa que há?
É uma coisa que se perde
Quando a gente não está lá…

[291] Há verdades que se dizem
E outras que ninguém dirá.
Tenho uma coisa a dizer-te
Mas não sei onde ela está.

[292] Quando ao domingo passeias
Levas um vestido claro.
Não é o que te conheço
Mas é em ti que reparo.

[293] Levavas a passear
Um vestido de cetim.
Não é o que te conheço…
Se eu nem me conheço a mim!

[294] Tenho vontade de ver-te
Mas não sei como acertar.
Passeias onde não ando,
Andas sem eu te encontrar.

[295] Andorinha que passaste,
Quem é que te esperaria?
Só quem te visse passar
E esperasse no outro dia.

[296] Nuvem do céu, que pareces
Tudo quanto a gente quer,
Se tu, ao menos, me desses,
O que se não pode ter!

[297] O burburinho da água
No regato que se espalha
É como a ilusão que é mágoa
Quando a verdade a baralha.

[298] Leve sonho, vais no chão
A andares sem teres ser.
És como o meu coração
Que sente sem nada ter.

[299] Não há verdade na vida

Que se não diga a mentir.
Há quem apresse a subida
Para descer a sorrir.

[300] No dia de S. João
Há fogueiras e folias.
Gozam uns e outros não,
Tal qual como os outros dias.

[301] Santo Antônio de Lisboa
Era um grande pregador,
Mas é por ser *Santo Antônio*
Que as moças lhe têm amor.

[302] O papagaio do paço
Não falava — assobiava.
Sabia bem que a verdade
Não é coisa de palavra.

[303] Puseste a mantilha negra
Que hás de tirar ao voltar.
A que me puseste na alma
Não tiras. Mas deixa-a estar!

[304] Trazes os brincos compridos,
Aqueles brincos que são
Como as saudades que temos
A pender do coração.

[305] Vai alta a nuvem que passa.
Vai alto o meu pensamento
Que é escravo da tua graça
Como a nuvem o é do vento.

[306] Ambos à beira do poço
Achamos que é muito fundo.

Deita-se a pedra, e o que eu ouço
É teu olhar, que é meu mundo.

[307] Aquela senhora velha
Que fala com tão bom modo
Parece ser uma abelha
Que nos diz: “Não incomodo.”

[308] Maria, se eu te chamar,
Maria, vem cá dizer
Que não podes cá chegar.
Assim te consigo ver.

[309] Boca com olhos por cima
Ambos a estar a sorrir…
Já sei onde está a rima
Do que não ouso pedir.

[310] Quem lavra julga que lavra
Mas quem lavra é o que acontece…
Não me dás uma palavra
E a palavra não me esquece.

[311] Tinhas um pente espanhol
No cabelo português,
Mas quando te olhava o sol,
Eras só quem Deus te fez.

[312] Boca de riso escarlate
E de sorriso de rir…
Meu coração bate, bate,
Bate de te ver e ouvir.

[313] Acendeste uma candeia
Com esse ar que Deus te deu.
Já não é noite na aldeia

E, se calhar, nem no céu.

[314] Eu te pedi duas vezes
Duas vezes, bem o sei,
Que por fim me respondesses
Ao que não te perguntei.

[315] Não digas mal de ninguém,
Que é de ti que dizes mal
Quando dizes mal de alguém.
Tudo no mundo é igual.

[316] Todas as coisas que dizes
Afinal não são verdade.
Mas, se nos fazem felizes,
Isso é a felicidade.

[317] Dás nós na linha que cose
Para que pare no fim.
Por muito que eu pense e ouse,
Nunca dás nó para mim.

[318] Não sei em que coisa pensas
Quando coses sossegada…
Talvez naquelas ofensas
Que fazes sem dizer nada.

[319] As gaivotas, tantas, tantas,
Voam no rio pro mar…
Também sem querer encantas,
Nem é preciso voar.

[320] As ondas que a maré conta
Ninguém as pode contar.
Se, ao passar, ninguém te aponta,
Aponta-te com o olhar.

[321] Todos os dias que passam
Sem passares por aqui
São dias que me desgraçam
Por me privarem de ti.

[322] Quem me dera, quando fores
Pela rua sem me ver,
Supor que há coisas melhores
E que eu as pudera ter.

[323] Quando cantas, disfarçando
Com a cantiga o cantar,
Parece o vento mais brando
Nesta brandura do ar.

[324] Não sei que grande tristeza
Me fez só gostar de ti
Quando já tinha a certeza
De te amar porque te vi.

[325] A mantilha de espanhola
Que trazias por trazer
Não te dava um ar de tola
Porque o não podias ter.

[326] Boca de riso escarlate
Com dentes brancos no meio,
Meu coração bate, bate,
Mas bate por ter receio.

[327] Se há uma nuvem que passa
Passa uma sombra também.
Ninguém diz que é desgraça
Não ter o que se não tem.

[328] Tu, ao canto da janela,

Sorrias a alguém da rua.
Por que ao canto, se aquela
Posição não é a tua?

[329] Dá-me um sorriso ao domingo
Para à segunda eu lembrar.
Bem sabes: sempre te sigo
E não é preciso andar.

[330] Tens olhos de quem não quer
Procurar quem eu não sei.
Se um dia o amor vier
Olharás como eu olhei.

[331] Pobre do pobre que é ele
E não é quem se fingiu!
Por muito que a gente vele
Descobre que já dormiu.

[332] Não me digas que me queres
Pois não sei acreditar.
No mundo há muitas mulheres
Mas mentem todas a par.

[333] Água que não vem na bilha
É como se não viesse.
Como a mãe, assim a filha…
Antes Deus as não fizesse.

[334] Ó loura dos olhos tristes
Que me não quis escutar…
Quero só saber se existes
Para ver se te hei de amar.

[335] Há grandes sombras na horta
Quando a amiga lá vai ter…

Ser feliz é o que importa,
Não importa como o ser!

[336] O moinho de café
Mói grãos e faz deles pó.
O pó que a minha alma é
Moeu quem me deixa só.

[337] Dizem que não és aquela
Que te julgavam aqui.
Mas se és alguém e és bela
Que mais quererão de ti?

[338] Tenho um livrinho onde escrevo
Quando me esqueço de ti.
É um livro de capa negra
Onde inda nada escrevi.

[339] Olhos tristes, grandes, pretos,
Que dizeis sem me falar
Que não há filhos nem netos
De eu não querer amar.

[340] Meu coração a bater
Parece estar-me a lembrar
Que, se um dia te esquecer,
Será por ele parar.

[341] Quantas vezes a memória
Para fingir que inda é gente,
Nos conta uma grande história
Em que ninguém está presente.

[342] Dobras a toalha alva
Com um sossego vulgar.
Já ninguém de ti me salva.

E acabaste de dobrar.

[343] Trazes o vestido novo
Como quem sabe o que faz.
Como és bonita entre o povo,
Mesmo ficando pra trás!

[344] A tua boca de riso
Parece olhar para a gente
Com um olhar que é preciso
Para saber que se sente.

[345] A laranja que escolheste
Não era a melhor que havia.
Também o amor que me deste
Qualquer outra mo daria.

[346] Se o sino dobra a finados
Há de deixar de dobrar.
Dá-me os teus olhos fitados
E deixa a vida matar!

[347] Por muito que pense e pense
No que nunca me disseste,
Teu silêncio não convence.
Faltaste quando vieste.

[348] Tome lá, minha menina,
O ramalhete que fiz.
Cada flor é pequenina,
Mas tudo junto é feliz.

[349] A vida é pouco aos bocados.
O amor é vida a sonhar.
Olho para ambos os lados
E ninguém me vem falar.

[350] Dei-lhe um beijo ao pé da boca
Por a boca se esquivar.
A ideia talvez foi louca,
O mal foi não acertar.

[351] Boca de morango fresco
Com olhos de amor ao pé,
Como sou frio e grotesco
Escrevendo só o que é.

[352] Compras carapaus ao cento,
Sardinhas ao quarteirão.
Só tenho no pensamento
Que me disseste que não.

[353] Duas horas te esperei.
Duas mais te esperaria.
Se gostas de mim não sei…
Algum dia há de ser dia…

[354] Tenho um desejo comigo
Que me traz longe de mim.
É saber se isto é contigo
Quando isto não é assim.

[355] Leve vem a onda leve
Que se estende a adormecer,
Breve vem a onda breve
Que nos ensina a esquecer.

[356] Quando a manhã aparece
Dizem que nasce alegria.
Isso era se Ela viesse.
Até de noite era dia.

[357] Nuvem alta, nuvem alta,

Por que é que tão alta vais?
Se tens o amor que me falta,
Desce um pouco, desce mais!

[358] Teu carinho, que é fingido,
Dá-me o prazer de saber
Que inda não tens esquecido
O que o fingir tem de ser.

[359] A luva que retiraste
Deixou livre a tua mão.
Foi com ela que tocaste,
Sem tocar, meu coração.

[360] O avental, que à gaveta
Foste buscar, não terá
Algibeira em que me meta
Para estar contigo já?

[361] Quando vieste da festa,
Vinhas cansada e contente.
A minha pergunta é esta:
Foi da festa ou foi da gente?

[362] Rouxinol que não cantaste,
Gaio que não cantarás,
Qual de vós me empresta o canto
Para ver o que ela faz?

[363] Quando chegaste à janela
Todos que estavam na rua
Disseram: olha, é aquela,
Tal é a graça que é tua!

[364] Nuvem que passas no céu,
Dize a quem não perguntou

Se é bom dizer a quem deu:
“O que deste, não to dou.”

[365] Vem cá dizer-me que sim.
Ou vem dizer-me que não
Porque sempre vens assim
Pra ao pé do meu coração.

[366] Cortaste com a tesoura
O pano de lado a lado.
Por que é que todo teu gesto
Tem a feição de engraçado?

[367] Ai, os pratos de arroz-doce
Com as linhas de canela!
Ai a mão branca que os trouxe!
Ai essa mão ser a dela!

[368] Frescura do que é regado,
Por onde a água inda verte…
Quero dizer-te um bocado
Do que não ouso dizer-te.

[369] Fica o coração pesado
Com o choro que chorei.
É um ficar engraçado
O ficar com o que dei…

[370] Este é o riso daquela
Em que não se reparou.
Quando a gente se acautela
Vê que não se acautelou.

[371] “Vou trabalhando a peneira
E pensando assim assim.
Eu não nasci para freira.

Gosto que gostem de mim.”

[372] Roseiral que não dás rosas
Senão quando as rosas vêm,
Há muitas que são formosas
Sem que o amor lhes vá bem.

[373] “Ribeirinho, ribeirinho,
Que vais a correr ao léu,
Tu vais a correr sozinho,
Ribeirinho, como eu.”

[374] “Vesti-me toda de novo
E calcei sapato baixo
Para passar entre o povo
E procurar quem não acho.”

[375] Tua boca me diz sim,
Teus olhos me dizem não.
Ai, se gostasses de mim
E sem saber a razão.

[376] Quero lá saber por onde
Andaste todo este dia!
Nunca faz bem quem se esconde…
Mas onde foste, Maria?

[377] O vaso do manjerico
Caiu da janela abaixo.
Vai buscá-lo, que aqui fico
A ver se sem ti te acho.

[378] O cravo que tu me deste
Era de papel rosado.
Mas mais bonito era inda
O amor que me foi negado.

[379] Trazes os sapatos pretos
Cinzentos de tanto pó.
Feliz é quem tiver netos
De quem tu sejas avó!

[380] O sino dobra a finados.
Faz tanta pena a dobrar!
Não é pelos teus pecados
Que estão vivos a saltar.

[381] Traze-me um copo com água
E a maneira de o trazer.
Quero ter a minha mágoa
Sem mostrar que a estou a ter.

[382] Olha o teu leque esquecido!
Olha o teu cabelo solto!
Maria, toma sentido!
Maria, senão não volto!

[383] Já duas vezes te disse
Que nunca mais te diria
O que te torno a dizer
E fica para outro dia.

[384] Lavadeira a bater roupa
Na pedra que está na água,
Achas minha mágoa pouca?
É muito tudo que é mágoa.

[385] Vem de lá do monte verde
A trova que não entendo.
É um som bom que se perde
Enquanto se vai vivendo.

[386] Moreninha, moreninha,

Com olhos pretos a rir.
Sei que nunca serás minha,
Mas quero ver-te sorrir.

[387] Puseste a chaleira ao lume
Com um jeito de desdém.
Suma-te o diabo que sume
Primeiro quem te quer bem!

[388] Lá vem o homem da capa
Que ninguém sabe quem é…
Se o lenço os olhos te tapa
Vejo os teus olhos por fé.

[389] Loura dos olhos dormentes,
Que são azuis e amarelos,
Se as minhas mãos fossem pentes,
Penteavam-te os cabelos.

[390] Velha cadeira deixada
No canto da casa antiga
Quem dera ver lá sentada
Qualquer alma minha amiga.

[391] Trazes a bilha à cabeça
Como se ela não houvesse.
Andas sem pressa depressa
Como se eu lá não estivesse.

[392] Lavas a roupa na selha
Com um vagar apressado,
E o brinco na tua orelha
Acompanha o teu cuidado.

[393] Duas vezes te falei
De que te iria falar.

Quatro vezes te encontrei
Sem palavra pra te dar.

[394] Menina de saia preta
E de blusa de outra cor,
Que é feito daquela seta
Que atirei ao meu amor?

[395] Trazes uma cruz no peito.
Não sei se é por devoção.
Antes tivesse o jeito
De ter lá um coração.

[396] Quando há música, parece
Que dormes, e assim te calas,
Mas se a música falece,
Acordo, e não me falas.

[397] O guardanapo dobrado
Quer dizer que se não volta.
Tenho o coração atado:
Vê se a tua mão mo solta.

[398] "À tua porta está lama.
Meu amor, quem na faria?"
É assim a velha cantiga
Que como tu principia.

[399] O teu lenço foi mal posto
Pela pressa que to pôs.
Mais malposto é o meu desgosto
Do que não há entre nós.

[400] Olhos de veludo falso
E que fitam a entender,
Vós sois o meu cadafalso

A que subo com prazer.

[401] Duas vezes eu tentei
Dizer-te que te queria,
E duas vezes te achei
Só a que falava e ria.

[402] Meu coração é uma barca
Que não sabe navegar.
Guardo o linho na arca
Com um ar de o acarinhar.

[403] Tenho um desejo comigo
Que hoje te venho dizer:
Queria ser teu amigo
Com amizade a valer.

[404] A vida é um hospital
Onde quase tudo falta.
Por isso ninguém se cura
E morrer é que é ter alta.

[405] Saudades, só portugueses
Conseguem senti-las bem,
Porque têm essa palavra
Para dizer que as têm.

[406] "Mau, Maria!" — tu disseste
Quando a trança te caía.
Qual "Mau, Maria", Maria!
"Má Maria!", "Má Maria!"

[407] Disseste-me quase rindo:
"Conheço-te muito bem!"
Dito por quem me não quer,
Tem muita graça, não tem?

[408] Cantigas de portugueses
São como barcos no mar –
Vão de uma alma para outra
Com riscos de naufragar.

[409] Na praia de Monte Gordo,
Meu amor, te conheci.
Por ter estado em Monte Gordo
É que assim emagreci.

[410] Aparta o cabelo ao meio
A do cabelo apartado.
É a estrelinha em que leio
Que estou a ser enganado.

[411] Esse frio cumprimento
Tem ironia pra mim.
Porque é o mesmo movimento
Com que a gente diz que sim…

[412] Vejo lágrimas luzir
Nos teus olhos de fingida.
É como quando à janela
Chegas, um pouco escondida.

[413] Trincaste, para o partir,
O retrós de costurar.
Quem não soubesse diria
Que o estavas a beijar.

[414] Deixaste o dedal na mesa
Só pelo tempo da ausência —
Se eu to roubasse dirias
Que eu não tinha consciência.

[415] Dá-me um sorriso daqueles

Que te não servem de nada
Como se dá às crianças
Uma caixa esvaziada.

[416] O canário já não canta.
Não canta o canário já.
Aquilo que em ti me encanta
Talvez não me encantará.

[417] Rezas a Deus ao deitar-te
Pedindo não sei o quê.
Se rezasses ao demônio,
Eu saberia o que é.

[418] Boca que tens um sorriso
Como se fosse um florir,
Teus olhos cheios de riso
Dão-me um orvalho de rir.

[419] Uma boneca de trapos
Não se parte se cair.
Fizeste-me a alma em farrapos…
Bem: não se pode partir.

[420] O que sinto e o que penso
De ti é bem e é mal.
É como quando uma xícara
Tem o pires desigual.

[421] Levas a mão ao cabelo
Num gesto de quem não crê.
Mas eu não te disse nada.
Duvidas de mim? Por quê?

[422] Compreender um ao outro
É um jogo complicado,

Pois quem engana não sabe
Se não estava enganado.

[423] À roda dos dedos juntos
Enrolaste a fita a rir.
Corações não são assuntos
E falar não é sentir.

[424] Chamam-te boa, e o sentido
Não é bem o que eu supunha.
Boa não é apelido:
É, quando muito, alcunha.

[425] Tu és Maria das Dores,
Tratam-te só por Maria.
Está bem, porque deste as dores
A quem quer que em ti se fia.

[426] Se vais de vestido novo
O teu próprio andar o diz,
E ao passar por entre o povo
Até teu corpo é feliz.

[427] Tens um anel imitado
Mas vais contente de o ter.
Que importa o falsificado
Se é verdadeiro o prazer.

[428] Tenho ainda na lembrança
Como uma coisa que vejo,
O quando inda eras criança.
Nunca mais me dás um beijo!

[429] Quando ela pôs o chapéu
Como se tudo acabasse,
Sofri de não haver véu

Que inda um pouco a demorasse.

[430] Quem te deu aquele anel
Que ainda ontem não tinhas?
Como tu foste infiel
A certas ideias minhas!

[431] Essa costura à janela
Que lhe inclinou a cabeça
Fez-me ver como era dela
Que o coração tinha pressa.

[432] O ar do campo vem brando,
Faz sono haver esse ar.
Já não sei se estou sonhando
Nem de que serve sonhar.

[433] O ribeiro bate, bate
Nas pedras que nele estão,
Mas nem há nada em que bata
O meu pobre coração.

[434] Nunca houve romaria
Que se lembrassem de mim…
Também quem se lembraria
De quem se lamenta assim?

[435] Comes melão às dentadas
Porque assim não deve ser.
Não sei se essas gargalhadas
Me fazem rir ou sofrer.

[436] Há dois dias que não vejo
Modo de tornar-te a ver.
Se outros também te não vissem,
Desejava sem sofrer.

[437] O teu cabelo cortado
À maneira de rapaz
Não deixa justificado
Aquele amor que me faz.

[438] Se te queres despedir
Não te despeças de mim,
Que eu não posso consentir
Que tu me trates assim.

[439] Quem te fez assim tão linda
Não o fez para mostrar
Que se é mais linda ainda
Quando se sabe negar.

[440] Floriu a roseira toda
Com as rosas de trepar…
Tua cabeça anda à roda
Mas sabes-te equilibrar.

[441] Morena dos olhos baços
Velados de não sei quê,
No mundo há falta de braços
Para o que o teu olhar vê.

[442] Ris-te de mim? Não me importo.
Rir não faz mal a ninguém.
Teu rir é tão engraçado
Que, quando faz mal, faz bem.

[443] Ouves-me sem me entender.
Sorris sem ser porque falo.
É assim muita mulher.
Mas nem por isso me calo.

[444] Se eu te pudesse dizer

O que nunca te direi,
Tu terias que entender
Aquilo que nem eu sei.

[445] Bailaste de noite ao som
De uma música estragada.
Bailar assim só é bom
Quando a alegria é de nada.

[446] Não sei que flores te dar
Para os dias da semana.
Tens tanta sombra no olhar
Que o teu olhar sempre engana.

[447] Descasquei o camarão,
Tirei-lhe a cabeça toda.
Quando o amor não tem razão
É que o amor incomoda.

[448] Tiraste o linho da arca,
Da arca tiraste o linho.
Meu coração tem a marca
Que lhe puseste mansinho.

[449] Ao dobrar o guardanapo
Para o meteres na argola,
Fizeste-me conhecer
Como um coração se enrola.

[450] São já onze horas da noite.
Por que te não vais deitar?
Se de nada serve ver-te,
Mais vale não te fitar.

[451] Cabeça de ouro mortiço
Com olhos de azul do céu,

Quem te ensinou o feitiço
De me fazer não ser eu?

[452] Meia-volta, toda a volta,
Muitas voltas de dançar…
Quem tem sonhos por escolta
Não é capaz de parar.

[453] Quando eu era pequenino
Cantavam para eu dormir.
Foram-se o canto e o menino.
Sorri-me para eu sentir!

[454] Trazes um lenço apertado
Na cabeça, e um nó atrás.
Mas o que me traz cansado
É o nó que nunca se faz.

[455] Vi-te a dizer um adeus
A alguém que se despedia,
E quase implorei dos céus
Que eu partisse qualquer dia.

[456] Deixaste cair no chão
O embrulho das queijadas.
Ris-te disso — e por que não?
A vida é feita de nadas.

[457] Deste-me um cordel comprido
Para atar bem um papel.
Fiquei tão agradecido
Que inda tenho esse cordel.

[458] No dia de Santo Antônio
Todos riem sem razão.
Em São João e São Pedro

Como é que todos rirão?

[459] Tenho uma pena que escreve
Aquilo que eu sempre sinta.
Se é mentira, escreve leve.
Se é verdade, não tem tinta.

[460] Fizeste molhos de flores
Para não dar a ninguém.
São como os molhos de amores
Que foras fazer a alguém.

[461] Se houver alguém que me diga
Que disseste bem de mim,
Farei uma outra cantiga,
Porque esta não é assim.

[462] Baila o trigo quando há vento,
Baila porque o vento o toca.
Também baila o pensamento
Quando o coração provoca.

[463] O capilé é barato
E é fresco quando há calor.
Vou sonhar o teu retrato
Já que não tenho melhor.

[464] Manjerico, manjerico,
Manjerico que te dei,
A tristeza com que fico
Inda amanhã a terei.

[465] Eu voltei-me para trás
Para ver se te voltavas.
Há quem dê favas aos burros,
Mas eles comem as favas.

[466] Quando passas pela rua
Sem reparar em quem passa,
A alegria é toda tua
E minha toda a desgraça.

[467] A esmola que te vi dar
Não me deu crença nem fé,
Pois a que estou a esperar
Não é esmola que se dê.

[468] Caiu no chão a laranja
E rolou pelo chão fora.
Vamos apanhá-la juntos,
E o melhor é ser agora.

[469] Quando te vais a deitar
Não sei se rezas se não.
Devias sempre rezar
E sempre a pedir perdão.

[470] É limpo o adro da igreja.
É grande o largo da praça.
Não há ninguém que te veja
Que te não encontre graça.

[471] Quando agora me sorriste
Foi de contente de eu vir,
Ou porque me achaste triste,
Ou já estavas a sorrir?

[472] Boca que o riso desata
Numa alegria engraçada,
És como a prata lavrada
Que é mais o lavor que a prata.

[473] Por cima da saia azul

Há uma blusa encarnada,
E por cima disso os olhos
Que nunca me dizem nada.

[474] Fazes renda de manhã
E fazes renda ao serão.
Se não fazes senão renda,
Que fazes do coração?

[475] Todos te dizem que és linda.
Todos to dizem a sério.
Como o não sabes ainda
Agradecer é mistério.

[476] Eu bem sei que me desdenhas
Mas gosto que seja assim,
Que o desdém que por mim tenhas
Sempre é pensares em mim.

[477] A tua irmã é pequena,
Quando tiver tua idade,
Transferirei minha pena
Ou fico só com metade?

[478] Quando me deste os bons-dias
Deste-mos como a qualquer.
Mais vale não dizer nada
Do que assim nada dizer.

[479] Tenho uma ideia comigo
De que não quero falar.
Se a ideia fosse um postigo,
Era pra te ver passar.

[480] Andorinha que vais alta,
Por que não me vens trazer

Qualquer coisa que me falta
E que te não sei dizer?

[481] Tenho um lenço que esqueceu
A que se esquece de mim.
Não é dela, não é meu,
Não é princípio nem fim.

[482] Duas horas vão passadas
Sem que te veja passar.
Que coisas malcombinadas
Que são amor e esperar!

[483] Houve um momento entre nós
Em que a gente não falou.
Juntos, estávamos sós.
Que bom é assim estar só!

[484] “Das flores que há pelo campo
O rosmaninho é rei…”
É uma velha cantiga…
Bem sei, meu Deus, bem o sei.

[485] O moinho que mói trigo
Mexe-o o vento ou a água,
Mas o que tenho comigo
Mexe-o apenas a mágoa.

[486] Aquela que tinha pobre
A única saia que tinha,
Por muitas roupas que dobre
Nunca será mais rainha.

[487] Tens uns brincos sem valia
E um lenço que não é nada,
Mas quem dera ter o dia

De quem és a madrugada.

[488] Loura, teus olhos de céu
Têm um azul que é fatal.
Bem sei: foi Deus que tos deu.
Mas então Deus fez o mal?

[489] Vai alta sobre a montanha
Uma nuvem sem razão.
Meu coração acompanha
O não teres coração.

[490] Dizem que as flores são todas
Palavras que a terra diz.
Não me falas: incomodas.
Falas: sou menos feliz.

[491] Todos lá vão para a festa
Com um grande azul de céu.
Nada resta, nada resta…
Resta sim, que *resta* eu.

[492] Andei sozinho na praia
Andei na praia a pensar
No jeito da tua saia
Quando lá estiveste a andar.

[493] Onda que vens e que vais
Mar que vais e depois vens,
Já não sei se tu me atrais,
E, se me atrais, se me tens.

[494] Duas vezes jurei ser
O que julgo que sou,
Só para desconhecer
Que não sei para onde vou.

[495] O pescador do mar alto
Vem contente de pescar.
Se prometo, sempre falto:
Receio não agradar.

[496] Trazes um manto comprido
Que não é xaile a valer.
Eu trago em ti o sentido
E não sei que hei de dizer.

[497] Olhas para mim às vezes
Como quem sabe quem sou.
Depois passam dias, meses,
Sem que vás por onde vou.

[498] Quando tiraste da cesta
Os figos que prometeste
Foi em mim dia de festa,
Mas foi a todos que os deste.

[499] Aquela que mora ali
E que ali está à janela
Se um dia morar aqui
Se calhar não será ela.

[500] Mas que grande disparate
É o que penso e o que sinto.
Meu coração bate, bate
E se sonho muito, minto.

[501] Puseste por brincadeira
A touca da tua irmã.
Ó corpo de bailadeira,
Toda a noite tem manhã.

[502] O teu carrinho de linha

Rolou pelo chão caído.
Apanhei-o e dei-o e tinha
Só em ti o meu sentido.

[503] Dizes-me que nunca sonhas
E que dormes sempre a fio.
Quais são as coisas risonhas
Que sonhas por desfastio?

[504] Era já de madrugada
E eu acordei sem razão.
Senti a vida pesada,
Pesado era o coração.

[505] Boca de romã perfeita
Quando a abres pra comer,
Que feitiço é que me espreita
Quando ris só de me ver?

[506] Tenho um segredo comigo
Que me faz sempre cismar.
É se quero estar contigo
Ou quero contigo estar.

[507] Trazes já aquele cinto
Que compraste no outro dia.
Eu trago o que sempre sinto
E que é contigo, Maria.

[508] És Maria da Piedade,
Pois te chamaram assim.
Sê lá Maria à vontade,
Mas tem piedade de mim.

[509] Tu és Maria da Graça,
Mas a que graça é que vem

Ser essa graça a desgraça
De quem a graça não tem?

[510] Caiu no chão o novelo
E foi-se desenrolando.
Passas a mão no cabelo.
Não sei em que estás pensando.

[511] A tua saia, que é curta,
Deixa-te a perna a mostrar:
Meu coração já se furta
A sentir sem eu pensar.

[512] Meu amor é fragateiro.
Eu sou a sua fragata.
Alguns vão atrás do cheiro,
Outros vão só pela arreata.

[513] Vai longe, na serra alta,
A nuvem que nela toca…
Dá-me aquilo que me falta —
Os beijos da tua boca.

[514] Há um doido na nossa voz
Ao falarmos, que prendemos:
É o mal-estar entre nós
Que vem de nos percebermos.

[515] Teu vestido, porque é teu,
Não é de cetim nem chita.
É de sermos tu e eu
E de tu seres bonita.

[516] Aquela loura de preto
Com uma flor branca ao peito,
É o retrato completo

De como alguém é perfeito.

[517] A tua janela é alta,
A tua casa branquinha.
Nada lhe sobra ou lhe falta
Se não morares sozinha.

[518] Tens vontade de comprar
O que vês só porque o viste.
Só a tenho de chorar
Porque só compro o ser triste.

[519] Baila em teu pulso delgado
Uma pulseira que herdaste…
Se amar alguém é pecado,
És santa, nunca pecaste.

[520] Teus olhos querem dizer
Aquilo que se não diz…
Tenho muito que fazer…
Que sejas muito feliz!

[521] Água que passa e canta
É água que faz dormir…
Sonhar é coisa que encanta,
Pensar é já não sentir.

[522] Deste-me um adeus antigo
À maneira de eu não ser
Mais que o amigo do amigo
Que havias de poder ter.

[523] Linda noite a desta lua,
Lindo luar o que está
A fazer sombra na rua,
Por onde ela não virá.

[524] Entornaram-me o cabaz
Quando eu vinha pela estrada.
Como ele estava vazio,
Não houve louça quebrada.

[525] O rosário da vontade,
Rezei-o trocado e a esmo.
Se vens dizer-me a verdade,
Vê lá bem se é isso mesmo.

[526] Castanhetas, castanholas —
Tudo é barulho a estalar.
As que ao negar são mais tolas
São mais espertas ao dar.

[527] O manjerico e a bandeira
Que há no cravo de papel —
Tudo isso enche a noite inteira,
Ó boca de sangue e mel.

[528] Tem a filha da caseira
Rosas na caixa que tem.
Toda ela é uma rosa inteira
Mas não a cheira ninguém.

[529] A moça que há na estalagem
Ri porque gosta de rir.
Não sei o que é da viagem
Por esta moça existir.

[530] Lenço preto de orla branca —
Ataste-o mal a valer
À roda desse pescoço
Que tem que se lhe dizer.

[531] Há dois dias que não vejo

Modo de tornar-te a ver.
Se outros também te não vissem,
Desejava sem sofrer.

[532] Que tenho o coração preto
Dizes tu, e inda te alegras.
Eu bem sei que o tenho preto:
Está preto de nódoas negras.

[533] Deixaste cair no chão
O embrulho das queijadas.
Ris-te disso — e por que não?
A vida é feita de nadas.

[534] No chão do céu o Sol que acaba
[arde.
Durmo. Haja a vida com ou sem
[alarde,
Será já tarde quando eu despertar?
Mas que me importa que já seja
[tarde?

[535] Teu inútil dever
Quanta obra faça cobrirá a terra
Como ao que a fez, nem haverá
[de ti
Mais que a breve memória.

[536] Não combati: ninguém mo mereceu.
A natureza e depois a arte, amei.
As mãos à chama que me a vida deu
Aqueci. Ela cessa. Cessarei.

OUTRAS QUADRAS

[537] Ó tempo, tu que nos trazes
Tudo que na vida vem,
Por que não vens a matar
Quem já nem saudades tem?

[538] Ai, quem me dera no tempo
Em que o amar era um bem!
Ai, o amor do meu pai,
Os beijos da minha mãe!

[539] Verdes campos, verdes campos,
Que verdes heis de não ser,
Inda heis de ser verdes campos
Muito depois de eu morrer.

[540] Fui de passeio ao pomar,
Fui ao pomar porque o vi.
Não fui lá para lá ir
Mas só pra não estar aqui.

[541] Tens uma imagem de Cristo
Sobre a cama em que te deitas
Mas não tens cristo nenhum
Nos olhares que me deitas.

[542] A tia amiga, da feira
Trouxe um bule para o chá,
Um morango, e a bebedeira
Que já levara pra lá.

[543] Tens o cabelo cortado.

Já o tiveste comprido.
De qualquer modo quem te ama
Acha que tens um sentido.

[544] Mal me quiseste falar
O teu desprezo doeu
Mas não o posso odiar
Porque é um desprezo que é teu.

[545] Tu não és quem eu julgava
Mas isso não faz diferença,
Também não sou quem supunha
E não acho isso doença.

[546] Quem me deu que te quisesse
Como se fosse uma flor?
Era melhor que me desse
Nada querer do amor.

[547] Margarida, Margarida,
Teu nome é nome de flor,
Porque, quanto à tua vida,
Essa é um pouco pior.

[548] Andam as danças de roda
Por ser de roda a rodar.
Eu não te conheço toda
Nem quero nisso pensar.

[549] Não pedi o teu carinho
Quando o podia pedir
Tenho o carinho do vinho
Que me não pode trair.

[550] Duas vezes deu a hora
Que os relógios eram dois…

Assim minha alma, senhora,
Vos repete o que vós sois.

[551] Deixaste cair a liga
Porque não estava apertada…
Por muito que a gente diga,
A gente nunca diz nada.

[552] Fazes trabalhos de malha
Por desfastio e pensar.
Ah quem em malha trabalha
Se trabalhasse em amar!

[553] A do lenço já caído
Que veio da feira agora
Ri sem razão nem sentido,
Mas não vi onde ela mora.

[554] Tens um relógio no pulso
Que mostras sem ter razão.
Quando o olhas sinto-me expulso
Desse teu mau coração.

[555] Quando tive a bebedeira
Em que te tentei beijar,
Eu tinha a verdade inteira.
Mas só de o nem desejar.

[556] Vai um sossego na praia
Que até a maré sossega.
O teu lenço de cambraia
Até quando acena nega.

[557] Por que sais à quinta-feira
Quando o domingo é que é meu?
Isso não é a maneira

De saberes que eu sou teu.

[558] Meu coração incompleto,
Que foi que te incompletou?
Foi essa loura de preto
Ou foi Deus, porque a criou?

[559] O Rei de Coisa Nenhuma
Por ser causador de tudo
Decretou que houvesse espuma
Para o mar já não ser mudo.

[560] Tem uma tampa uma caixa,
Tem um bico uma chaleira…
O melhor que a gente acha
Se fosse de outra maneira?…

[561] Vinhas a pensar em nada
Pela rua e eu, que te olhava,
Achava tão bem pensada
A ausência que esse ar te dava.

[562] O preto tem a cor dele…
Não digas: Que admiração!
Por ser teu coração preto
Tenho eu preto o coração.

[563] Fitas sem sentir fitar
O que há onde nada há.
Eu nesse mesmo lugar
Buscarei o que não está.

[564] Dizes que tenho alma negra.
Inda por isso te alegras?
Eu bem sei que a tenho negra
Mas negra de nódoas negras.

[565] Aquela que me não deixa
A memória sossegada
Afaga ainda a madeixa
Com que em minha lama é lembrada.

[566] Loura dos olhos azuis
Que vi num dia de acaso,
Por que me lembras agora?
Por que é que há de amar a prazo?

[567] Eras ainda criança
Quando primeiro te vi.
Inda és a mesma criança
Mas agora estás aqui.

[568] A guitarra do marujo
Toca de noite sem canto…
Se ele sentisse o que sinto
Nem era isso, nem tanto.

[569] Duas vezes te pedi
Que ao menos dissesses “não”.
Quem sabe, em quem só sorri,
O que esses sorrisos são?

[570] Lua de prata de leite
Que tens um ar de amarela,
Quem foi que te pôs de enfeite
Ao céu, se não és estrela?

[571] Passas nos bicos dos pés
Pelo corredor da casa.
É isso mesmo que és:
Falas e não dizes nada.

[572] Neve no cimo dos montes

Pareces sol cá de baixo.
Tenho um sonho de quem quero
Mas se a procuro não acho.

[573] Quando a lua for de queijo
Por ocasião do Entrudo,
Hei de dizer que te vejo
Sem que pareça ver tudo.

[574] Quando no domingo te vestes
Com outro modo de ser,
És como és, e são estes
Os modos de entristecer.

[575] Teu olhar não tem remorsos.
Não é por não ter que os ter.
É porque hoje não é ontem
E viver é só esquecer.

[576] O teu ombro, quando passas,
Tem um desprezo atirado…
Na vida há muitas desgraças,
E uma é não estar enganado.

[577] Salazar é mealheiro —
Raparigas vinde vê-lo —
Por fora barro vidrado,
Por dentro couro e cabelo.

[578] Havia uma rapariga
Que ainda não sei quem é
Que cantava uma cantiga
De onde nasceu minha fé.

[579] A tampa da cafeteira
Caiu e saltou no chão…

Mas que bonita maneira
De me dizeres não!…

[580] Meu amor já não me quer,
Já me esquece e me desama.
Tão pouco tempo a mulher
Leva a provar que não ama!

[581] Quando passo um dia inteiro
Sem ver o meu amorzinho
Corre um frio de Janeiro
No Junho do meu carinho.

[582] Meu amor, dá-me 2 beijos
Pra me dares um terceiro,
Que é só para haver um quarto
Antes do quinto e primeiro.

[583] O meu amor é pequeno,
Pequenino não o acho.
Uma pulga deu-lhe um coice,
Deitou-o da cama abaixo.

[584] Quase anônima sorris
E o sol doura o teu cabelo.
Por que é que, pra ser feliz,
É preciso não sabê-lo?

[585] O meu sentimento é cinza
Da minha imaginação,
E eu deixo cair a cinza
No cinzeiro da Razão.

[586] Ai Assumpção, Assumpção
Assumpção, Assumpçãozinha…
Minha mão em tua mão

E a tua mão na minha…

[587] Tens os beiços descorados
E o sorriso a fingir
Quem vingaria os coitados
Que fazias não sorrir.

[588] “É o contrário da irmã
Esse rapaz” — “Isso é,
Porque ele é José Maria
E ela é Maria José”.

[589] Não gosto de ti, José.
Se há razão, não sei qual é.
Gostar é como ter fé.
Tem paciência, José…

[590] Um par de montes iguais
Abre a estrada do prazer.
Quem chega lá quer ver mais,
Quem vê mais nada mais quer.

[591] Quando teu olhar cantei
Tu bens podes calcular
Que eu não estava pensando
Luiza, no teu olhar.

[592] Lábios rubros em botão
Onde o amor vai dormir,
Bebei do meu coração
Todo o amor que eu sei sentir.

[593] Olhos que tentam e afagam,
Pudessem os meus desejos
Escaldar-vos com o fogo
Duma torrente de beijos.

[594] Eu não sei senão amar-te,
Nasci para te querer.
Ó quem me dera beijar-te,
E beijar-te até morrer.

[595] Perguntei ao coração
Por quem batia e dava ais,
E passaste tu então
E eu senti-o bater mais.

[596] Eu sinto amor tamanho
Que não o posso contar
Sem não àquela a quem tenho
Esse amor. Estou-te a falar.

[597] Quem me leu a minha Sina
Disse-me que te hei de amar;
Mas não me disse menina
Ao que esse amor ia dar.

[598] Escorreguei no teu olhar
E perdendo pé em mim
Resvalei sobre teu seio.
O caso passou-se assim.

[599] Li o livro dos amores,
Li-o bem e diz assim:
Olhares, sorrisos, beijos…
(Falta a página do fim).

[600] Que esses teus olhos são lindos
É coisa que ninguém nega;
É tão certo como estar
Minha alma d’olhá-los cega.

[601] Disse um andaluz haver

Dois sóis lá na Andaluzia.
É verdade sem o ser:
Tu estavas lá nesse dia.

[602] Disse-me um que vira em França
Como o teu um olhar raro…
Ora nunca lá estiveste…
É mentira — está claro.

[603] Em Cadiz d’antes (disse um)
Havia estrelas de dia.
Se as havia não há nada
Mais certo de que as havia.

[604] Dei-te beijos; tu mos deste —
E que pobres nos sabemos!
Foi — não do muito que demos —
Do pouco que recebemos.

[605] Certas coisas — disse um
(De quê, meus versos, não explicam)
São como as latas d’atum:
Abertas, abertas ficam.

[606] Por não poder dar esmola
A um pobre, ficaste triste.
Pedi-te esmola d’amor,
Tu tinha-lo, e não mo deste.

[607] Já não sei senão querer,
E só sei querer-te a ti;
Cai-me a alma nos teus olhos,
Não a sei tirar dali.

[608] Diógenes não achou
O homem que procurava;

E eu cuidava que em Athenas…
Não importa o que eu cuidava.

[609] Sabes tu em que eu pensava
Hoje quando contigo ia?
Em que desculpas te dar
Amanhã… Não, o outro dia…

[610] Tu beijavas-me, e a beijar-me
Ensinaste esse teu cão…
O teu cão inda me beija,
Agora é tu que não.

[611] Morto, não espero saber
O que se passa na vida.
Inda assim, nunca me esqueças;
Ó minha amante querida.

[612] Frei João, teus poemas
Ascéticos, não mostram
Mais do que o teu desejo
De não sentir o nada.

[613] O dia é de sol e de brisa.
Trago comigo a minha dor.
Há uma alegria indecisa
Nas coisas.

[614] O meu tédio não dorme.
Cansado existe em mim
Como uma dor informe
Que não tem causa ou fim…

[615] Corpo que tens divinas procedências
Nos teus olhos tão frios, tuas mãos
Têm súbitas, vãs condescendências

Com os vícios teus nítidos irmãos.

[616] A minha alma é um horário de
[comboios
Mas de há 3 anos, e não serve já
Pra minha vida prática. Há
Descrenças a cada hora.

[617] Paira do alto céu a luz da primavera
Não sei que mal tenho ou que bem
[me espera.
Como buscar o que não sei o que
[é, ou deixar
Que me leve uma vida que sei que
[me há de amargar?

[618] E surjo, distante e a sós,
Que o que a voz vem dizer
Não foi dito com voz?
Foi dito só com Ser.

[619] Pudesse eu como o luar
Sem consciência encher
A noite e as almas e inundar
A vida de não pertencer!

[620] Na aldeia ao pé do mar, quem sou?
Ninguém, que tenho que encontrar
Mais do que a aldeia ao pé do mar,
E o mar, que sempre a embalou.

[621] Nunca mais tornarei onde estou e
[desamo
Mas meu choro de agora é aqui
[não tornar.
O que tenho e não quero, eu no

[porvir já amo.
O que não sou ainda é só quem
[ama o que sou.

[622] Como por uma peneira
Me passa a vida,
Sempre da mesma maneira
E tão tênue a medida.

[623] Névoa que pairas sobre os arvoredos
Não te ergas. Deixa a paz não ser
[visível.
Conservar qualquer coisa de teus
[medos
Ao silêncio em que pairas legível.

[624] Já que o tempo não pode permitir
Que fiques sempre nesta linda
[idade,
Deixe-te sempre nela te sentir
Nem sentir nunca dela saudade.

[625] Não mais no fundo morto da hora,
Parque, ermo ausente passarei
Ao som de águas que a tarde chora
Nem te verei…

[626] Adeus, Maria! Todos nós,
De qualquer modo, ’stamos sós.
Uns não sabem: são felizes
Vivem a vida das raízes…

[627] Mendigo do que não conhece.
Meu ser na ’strada sem lugar
Entre estragos amanhece…
Caminha só sem procurar…

[628] “Divide e reina”: a antiga monarquia
Seu lema imperial assim decide.
É o contrário da democracia:
Como são muitos, é “reina… e divide.”

[629] Sei que nunca terei o que procuro
E que nem sei buscar o que desejo,
Mas busco, insciente, no silêncio escuro
E pasmo do que sei que não almejo.

[630] Pelo plaino sem caminho
O cavaleiro vem.
Caminha quieto e de mansinho,
Com medo de Ninguém.

[631] Durmo. Regresso ou ’spero?
Não sei. Um outro flui
Entre o que sou e o que quero
Entre o que sou e o que fui.

[632] Meu paraíso perdido!
Meu rebanho abandonado!
Vou no séquito abolido
Como um pajem exilado.

[633] Meu coração ’steve sempre
Sozinho. Morri por isso.
Para que é preciso um nome?
Fui eu a minha sepultura.

[634] Em torno ao candeeiro desolado
Cujo petróleo me alumia a vida
Paira uma borboleta, por mandado
Da sua inconsistência indefinida…

[635] Quiséssemo-nos na hora vã.

Amei-te ou não te amei?…
Esquecer-me-ás amanhã
Como eu te esquecerei…

[636] Que grande dose de seria!
Deixem-me. Quero (sem ironia)
Limpar a noite com benzina
Só para ver sair o dia.

[637] Passei a minha legenda
Caí nas vinhas do chão,
E chupo os punhos de renda
Molhados em carrascão.

[638] Agita as árvores um vento
Sob o azul plácido do céu.
O que agita meu pensamento
É que hoje nunca serei meu.

[639] Chora como gente o vento,
Chora sozinho no ar.
Quero ter meu pensamento
Mas não o posso pensar.

[640] Teu nome ouvido em segredo
No sonho em que a alma falha.
Mesmo assim, repito-o a medo
À alma que em mim o cala.

[641] Tão linda e finda a memoro!
Tão pequena a enterrarão!
Quem me entalou esse choro
Nas goelas do coração!

[642] A cruz do Templo aberta em
[inocência

Ergue alto ao céu,
Meu coração, e nela adquire a ciência
De que a razão é o véu!

[643] Já estou tranquilo. Já não espero
[nada.
Já sobre meu vazio coração
Desceu a inconsciência abençoada
De nem querer uma ilusão.

[644] Navega inútil pelas águas mansas
A barca que não chega a qualquer
[porto.
Leva consigo as minhas esperanças,
Deixou no cais a fé com que eu as
[tinha.

POEMAS PARA LILI

[645]

No comboio descendente
Vinha tudo à gargalhada,
Uns por verem rir os outros
E os outros sem ser por nada —
No comboio descendente
De Queluz à Cruz Quebrada…

No comboio descendente
Vinham todos à janela,
Uns calados para os outros
E os outros a dar-lhes trela —
No comboio descendente
Da Cruz Quebrada a Palmela…

No comboio descendente
Mas que grande reinação!
Uns dormindo, outros com sono,
E os outros nem sim nem não —
No comboio descendente
De Palmela a Portimão…

*

Pia, pia, pia
Pia, pia, pia
    O mocho,
Que pertencia
    A um coxo.
Zangou-se o coxo
    Um dia,

E meteu o mocho
    Na pia, pia, pia…

*

Levava eu um jarrinho
Pra ir buscar vinho
Levava um tostão
Pra comprar pão;
E levava uma fita
Para ir bonita.

Correu atrás
De mim um rapaz:
Foi o jarro pra o chão,
Perdi o tostão,
Rasgou-se-me a fita…
Vejam que desdita!

Se eu não levasse um jarrinho,
Nem fosse buscar vinho,
Nem trouxesse uma fita
Para ir bonita,
Nem corresse atrás
De mim um rapaz
Para ver o que eu fazia,
Nada disto acontecia.

POEMA PIAL

[646]

Casa Branca — Barreiro a Moita
(Silêncio ou estação, à escolha do freguês)

Toda a gente que tem as mãos frias
Deve metê-las dentro das pias.

Pia número UM,
Para quem mexe as orelhas em jejum.

Pia número DOIS,
Para quem bebe bifes de bois.

Pia número TRÊS,
Para quem espirra só meia vez.

Pia número QUATRO,
Para quem manda as ventas ao teatro.

Pia número CINCO,
Para quem come a chave do trinco.

Pia número SEIS,
Para quem se penteia com bolos-reis.

Pia número SETE,
Para quem canta até que o telhado se derrete.

Pia número OITO,
Para quem parte nozes quando é afoito.

Pia número NOVE,
Para quem se parece com uma couve.

Pia número DEZ,
Para quem cola selos nas unhas dos pés.

E, como as mãos já não estão frias,
Tampa nas pias!

OUTROS POEMAS

DOLORA

[647] 19-11-1908

Dantes quão ledo afetava
Uma atroz melancolia!
Poeta triste ser queria
E por não chorar chorava.

Depois, tive que encontrar
A vida rígida e má.
Triste então chorava já
Porque tinha que chorar.

Num desolado alvoroço
Mais triste que não me ignoro.
Hoje em dia apenas choro
Porque já chorar não posso.

NOVA ILUSÃO

[648] 6-11-1909

No rarear dos deuses e dos mitos
Deuses antigos, vós ressuscitais
Sob a forma longínqua de ideias
Aos enganados olhos sempre aflitos

Do que vós concebeis mais circunscritos,
Desdenhais a alma exterior dos ritos
E o sentimento que os gerou guardais.

Lá para além dos seres, ao profundo
Meditar, surge, grande e impotente

O sentimento da ilusão do mundo.

Os falsos ideias do Aparente
Não o atingem — único final
Neste entenebrecer universal.

[649] 21-11-1909

Às vezes, em sonho triste
Nos meus desejos existe
Longinquamente um país
Onde ser feliz consiste
Apenas em ser feliz.

Vive-se como se nasce
Sem o querer nem saber.
Nessa ilusão de viver
O tempo morre e renasce
Sem que sintamos correr.

O sentir e o desejar
São banidos dessa terra.
O amor não é amor
Nesse país por onde erra
Meu longínquo divagar.

Nem se sonha nem se vive:
É uma infância sem fim.
Parece que se revive
Tão suave é viver assim
Nesse impossível jardim.

ESTADO DE ALMA

[650] 18-1-1910

Inutilmente vivida
Acumula-se-me a vida
Em anos, meses e dias;
Inutilmente vivida,
Sem dores nem alegrias,
Mas só em monotonias
De mágoa incompreendida…

Mágoa sem fogo de vida
Que faça viva sentida;
Mas a mágoa de mãos frias
É inaptas para arte ou lida,
Nem pra gestos de agonias
Ou mostras de alma vencida.

Nada: inerte e dolorida,
A minha dor se extasia
Por não ser, e tem só a vida
Para em torno a noite fria
Sentir vaga e indefinida…

TÉDIO

[651] 21-5-1910

Não vivo, mal vegeto, duro apenas,
Vazio dos sentidos porque existo;
Não tenho infelizmente sequer apenas
E o meu mal é ser (alheio Cristo)
Nestas horas doridas e serenas
Completamente consciente disto.

[652] 26-7-1910

Não sei o quê desgosta

A minha alma doente.
Uma dor suposta
Dói-me realmente

Como uma barco absorto
Em se naufragar
À vista do porto
E num calmo mar,
Por meu ser me afundo,
Pra longe da vista
Durmo o incerto mundo.

[653] 12-5-1913

Eis-me em mim absorto
Sem o conhecer
Boio no mar morto
Do meu próprio ser.

Sinto-me pesar
No meu sentir-me água…
Eis-me a balancear
Minha vida-mágoa.

Barco sem ter velas…
De quilha virada…
O céu com estrelas
É frio como espada.

E eu sou vento e céu…
Sou o barco e o mar…
Só que não sou eu…
Quero-o ignorar.

DEUS

[654] 3-10-1913

Às vezes sou o Deus que trago em mim
E então eu sou o Deus e o crente e a prece
E a imagem de marfim
Em que esse deus se esquece.

Às vezes não sou mais do que um ateu
Desse deus meu que eu sou quando me exalto.
Olho em mim todo um céu
E é um mero oco céu alto.

[655] 19-10-1913

Sou o fantasma de um rei
Que sem cessar percorre
As salas de um palácio abandonado…
Minha história não sei…
Longe de mim, fumo de eu pensá-la, morre
A ideia de que eu tive algum passado…

Eu não sei o que sou.
Não sei se sou um sonho
Que alguém do outro mundo esteja tendo…
Creio talvez que estou
Sendo um perfil casual de rei tristonho
Numa história que um deus está relendo…

[656] 24-10-1913

Meus gestos não sou eu.
Como o céu não é nada,
O que em mim não é meu
Não passa pela estrada.

O som do vento dorme
No dia sem razão.
O meu tédio é enorme.
Todo eu sou vácuo e vão.

Se ao menos uma vaga
Lembrança me viesse
De melhor céu ou plaga
Que esta vida! Mas esse

Pensamento pensado
Como fim de pensar
Dorme no meu agrado
Como uma alga no mar.

E só no dia estranho
Ao que sinto e que sou
Passa quanto eu não tenho,
’Stá tudo onde eu não estou.

Não sou eu, não conheço,
Não possuo nem passo.
Minha vida adormeço
Não sei em que regaço.

[657] 4-5-1914

Oca de conter-me
Como a hora dói!
Pérfida de ter-me
Como me destrói
O meu ser inerme!

Ó meu ser sombrio!
Ó minha alma tal

Como se p’lo rio
Do meu ser igual
Sempre a mim, e frio

De noturno e meu,
Passasse, cantando,
Uma louca, olhando
Dum barco pro brando
Silêncio do céu.

[658] 7-8-1914

Dentro em meu coração faz dor.
Não sei donde essa dor me vem.
Auréola de ópio de torpor
Em torno ao meu falso desdém,
E laivos híbridos de horror
Como estrelas que o céu não tem.

Dentro em mim cai silêncio em flocos.
Parou o cavaleiro à porta…
E o frio, e o gelo em brancos blocos
Mancha de hirto a noite morta…
Meus tédios desiguais, sufoco-os,
A minha alma jaz ela e absorta

Dentro em meu pensamento é mágoa…
Corre por mim um arrepio
Que é como o afluxo à tona de água
De se saber que há sob o rio
O que… Brilha na noite a frágua
Onde o tédio bate o ócio a frio

[659] 31-7-1915

Que vinda sombra
Meu coração
Resfria e ensombra?

Que vago mal
Torna minha alma
À sombra igual?

Não sei. Que há entre
Mim e a tristeza?
Não sei, mas sempre

Meu pensamento
Adoece, sempre
Só a mim atento.

Ó brisa vaga,
Passa por mim,
Vem e embriaga

De esprança ao menos
Meus doloridos
Dias serenos.

[660] 23-9-1915

Saque da cidade…
E as estrelas frias
Estão na imensidade
Sem consciência alguma
Das guerras, e a espuma
Borda de alegrias
O branquear da praia…
Tudo nos ignora,
Tudo nos transcende.

A nossa alma chora,
Com lutas e anseios
Com guerras se prende,
E ah a paz do enleio
Consigo das trevas
Onde ó lua, nevas!

[661] 2-10-1915

Cada coisa é uma morte vivendo,
Deus sabe como, Deus sabe quem…
Remota vida presente em Sendo,
Cada coisa é o que não contém…

Tudo é absurdo, Deus não é feito
Da vã matéria do pensamento,
Todo o Seu Ser é
Pensá-lo é negá-lo

[662] 2-10-1915

Quando olho para terra
Ela cresce e se alarga…
Até que enfim me aterra…

Não é que o seu tamanho
Se avolume e apareça
Enorme, vago, estranho…

É que tão claro fica
O ser de cada sombra
De cada pequena coisa.

[663] *c.* 2-10-1915

Com tuas mãos piedosas
Faz gestos a sonhar,
Como quem colhe rosas
E acha divino olhar,
Com tuas mãos piedosas
Faze-me repousar.

Sim, os teus gestos lentos,
Teus gestos suaves são
Guias que os pensamentos
Me guiam p'ra a ilusão
Sim, os teus gestos lentos,
Acabando em perdão…

Com tão Madona arte
De existires no gesto
Juntas ao meu ser parte
Do que perde, que imerso
No teu gesto, e na Madona arte
Me desencontro e cesso.

[664] 3-10-1915

É interior à minha mágoa
A alegria do dia claro…
Oh nudez trêmula da água…

Porque me sinto eu desolado
De haver tanta calma e alegria
E nenhuma em meu ser cansado…

Acaso não me bastaria
Olhar a alegria da terra
E ser alegre com o dia?

Ah, ensina-me, ó Natureza,
A dar minha alma inteiramente
À calma da tua beleza

A não ter alma salvo a hora
A pertencer-te, ampla alma rente
À tua alma geradora.

Qualquer coisa que não seja esta
Agonia do pensamento
Que é o que do meu ser me resta…

Sopra, sopra, sopra, vento…
Grande invisível alma em festa…
Que há entre mim e o momento?

ASAS

[665] 31-10-1915

Ave, teu voo leve
Antes de aqui esteve
Com o melhor de mim.
Numa vida sem fim
Passou diante do meu
Sossego sob o céu
O teu voo anterior
À vida e ao gosto e à dor.
O teu voo de agora,
Dentro do espaço e da hora,
É a cópia imperfeita
Daquela forma eleita
De ir que em ti havia
Quando nada existia.
Ensina-me o sentido
Da vida, como o olvido

Das coisas que há na terra
Se perde no ar, e a guerra
De pensar com querer
Cessa sem se saber.
Ensina-me por dentro
Como alar-me do centro
Da matéria incompleta,
Como uma asa ou uma seta
Para os longes do ser
Onde não há viver
Salvo uma indefinida
Asa — por sobre a vida

[666] *c*. 31-10-1915

Escrevo, e sei que a minha obra é má.
Não farei aquilo que hoje quero.
Se penso nisto, desespero
E não sei para onde vá
O tédio que comigo está.
Ave, para, passa…
Tudo me ultrapassa…

DIA DE VERÃO

[667]

Assim que a noite as suas longas
Tranças encosta ao nosso olhar,
Deixa de nos despertar
A vida das tuas mãos longas…

Hora em surdina incompleta, ar
Como uma hóstia partida, alongas
Meus olhos por tuas mãos longas

E sente-se a Hora parar…

A doença de se cansar
Em nós o como ter agrado
Por tuas mãos longas e o lado
Que elas não deixam ver do ar…

Mãos longas e mais longo o ar…

[668] 6-1916

Fecho os olhos, medito
E, se invoco, revivo
Um momento meu ser é infinito
No inteiro eu então vivo e o que fui
Depois estagno, e o meu ser morto e esquivo
Rio vasto por mim flui.

[669] 14-6-1916

Num país sem nome
Vive quem me espera.
Sabe a primavera
Na dor que me come.

Num país sem sítio
Salvo eu quere-lo ter
Vive quem me quer.
Meu tédio permite-o.

Num país sem meio
De a gente lá ir
Ó noite a florir,
Toma-me ao teu seio!

[670] 14-6-1916

A noite vai alta.
O céu é azul.
Quem me falta?
Ó vento do sul
Inunda de calma
Meu corpo até à alma.

Espera-me alguém,
Ó vento furtivo?
Não sei. Vulto esquivo,
Fecho os olhos. Vem!

[671] 14-6-1916

Tange a tua flauta, pastor. Esta tarde
Pertence à dor, à tua dor que em mim arde.

Tange por isso pastor, a tua flauta a tremer.
Tange, tange, para que eu me não sinta sofrer.

Leve, um vento antigo passa entre ti e mim.
Leve, o vento regressa, e a música está no fim.

Mas nunca haverá fim ou música em meu tormento.
Tange outra vez a flauta, pastor. Deixa o vento

Estar entre ti e mim outra vez, como a sombra triste
Que está na tua alma, e na minha alma, e não existe.

[672] 14-6-1916

O mar.
O céu.

Chorar
E eu.

O céu.
O mar.
Quem me deu
Chorar?

Tudo passa.
Cansa.

[673] 27-6-1916

Nada nos faça dor,
Nada nos canse o olhar,
Vivamos no torpor
De observar e ignorar.

Com o vago pensamento
De ir indo na corrente
Vivamos o momento
Irresponsavelmente.

ALGA

[674] 24-7-1916

Paira na noite calma
O silêncio da brisa…
Acontece-me à alma
Qualquer coisa imprecisa…

Uma porta entreaberta…
Um sorriso em descrença…
Uma ânsia que não acerta
Com aquilo em que pensa.

Sonha, duvida, elevo-a
Até quem me suponho
E a sua voz de névoa
Roça pelo meu sonho…

[675] 25-7-1916

Há uma vaga mágoa
No meu coração…
Como que um som de água
Numa solidão…
Um som tênue de água…

Memoro o que, morto,
Ainda vive em mim…
Memoro-o, absorto
Num sonho sem fim,
Estéril e absorto.

Será que me basta
Esta vida em vão?
Que nada se afasta
Da sua solidão…
Nem de mim me afasta?

Não sei. Sofro o acaso
Da mágoa em meu ser…
Cismo, há em mim o ocaso
Do que quis viver —
Sempre só o ocaso.

[676] 25-7-1916

Ó mera brancura
Do luar que se esfolha,

Ó rio da alvura
Do luar que te molha —

Montanhas que ao longe
Não têm um grito,
Todas um só monge
No claustro infinito —

Murmúrio das águas
Que ao luar que as não vê
É sombra, sem mágoas,
Macieza que é

A alma da noite,
A sombra do luar…
Ó nunca eu me afoite
Até não sonhar!…

[677] 6-11-1916

Mas a Noite e o Silêncio continuaram
A cercá-lo de frio e de tristeza
E então, em renovada prece aos surdos
Abismos de arredor, ele falou:
“Dizei ao messias, ó presenças vagas
Com que o Mistério veste o corpo seu,
Paisagem de vislumbre e encantamento,
Abstratas negações da tangil terra,
Que fim dareis um dia ao meu tormento?
Que destino me espera ao caminho
Que vales do ignoto, ladeando,
Alargam, e que a vista não conhece?..

SCHEHERAZADE

[678] 26-11-1916

O que eu penso não sei, e é alegria
Pensá-lo; nada sou, salvo a harmonia
Interior entre existir e viver
A música contar-te e dissuadido
Da vida, e desta inútil atenção
Ao útil dada, morta sensação
Real, passada,
E à minha morte inutilmente dada.

O rio era por cidades mortas…
Às suas negras e esquecidas portas
A noite estava contra os sentinelas…
De longe, sobre o rio, eram janelas
E o silêncio era o resto. Nunca ouvi
Voz suave e doce que não soasse a ti
Nem menos me trouxesse do que és.
O rio ia, e eu tinha sob os pés
Imaterial, a paisagem sem forma
Em que esta medida te transforma…

Pompa de pompas, divino posto
Contra lembrar-te, fúnebre antegosto
Em salas da [ ] fruste contra a idade
Em que eu te tinha. Pálida, a cidade
Ao luar, na sombra nítida acentua
Seu caminho sutil
Onde os jasmins do jardim dado a abril
Desce a sombra de ninfa e ali flutua.

[679] 14-1-1917

Impossível visão
Cujo rastro estremece

Dentro em meu coração,
Vens como a sombra desce
Vejo-te, e o mundo é vão…

Apenas te pressinto;
Nunca te pensei ver;
Mas o halo do que sinto
É feito do teu ser.
Vires é o amanhecer.

Nada te espera em mim.
Passas, e eu sou distante
As mágoas sentem fim,
A ambição vigilante
Dorme no teu jardim

Não te busco sentido.
Não mo busco também.
Hálito, halar, gemido,
Vã sombra d’um vão bem,
Hora que ninguém tem,

Aparência que adoro
Por só essa te julgar,
Faze com que o que eu choro
Não me faça chorar
Mas apenas sonhar…

Temos sopro, palor
Da sombra perfumada…
Eu te amo e sem torpor
De ter amor a ti, que és nada,
Seja o meu amor

Cria em mim não obter-te
Sem angústias nem ais…

Baste a ilusão de ver-te,
Baste não seres mais,
Do que a mágoa com que vais.

[680] 1-3-1917

Não tenho nada pra te dizer
Salvo que a vida já não me quer.

Não tenho nada para te ouvir
Para que ouvir-te? Não sei sentir…

Sofro nos sonhos, sofro na vida.
Não tenho norma nem direção…

Levo o cadáver da fé perdida
Para o jazigo da ilusão.

[681] 30-4-1917

Passam as nuvens, murmura o vento
Passam as nuvens, vão devagar.
Demoro em mim o meu pensamento
E só encontro não encontrar…

Passam as nuvens, os ventos vão,
Levam as nuvens a um vago além
Mas nunca a dor em meu coração
Ou a ânsia vaga de que provém.

Passam as nuvens, não têm destino
Salvo passar, não ficar aqui…
Assim meu ser tivesse um divino
Nenhum-destino, não ser de si.

Passam as nuvens, eu fico e tenho
Por meu destino pior, ficar…
Sem saber d'onde, nuvem, provenho
Ou qual o vento que me há de levar…

[682] 7-7-1917

Levai-me para longe em sonho
Ó som do mar,
Um vago mal-estar risonho
Me venha alhear
Da consciência do momento
Que, definida,
Paira em meu vago pensamento…
O sonho é a vida.

[683] 7-1917

Ó altas serras do horizonte
Baixas na distância parada.

[684] 16-7-1917

Traze, a hora pesa, os perfumes dum Oriente
Que seduza entre a contemplação das pedras caras.
Delas, halo, se veste inútil o presente,
E triunfal oculta o assombro, e outras coisas raras.

Tu, soberba, a distância, foge, nas searas
São os felizes, nasce o império e é insubsistente
Inquieta, o incendia, sangra da hora, às claras
Visões da noite, onde a árvore e a nascente?

Molesta ser, sobra, ignóbil paradeiro

Da consciência despida das miragens
Com que na infância gozou ser o albor primeiro

Do que não persistiu, silfo, perdido gesto
Fechar cansado do livro supérfluo de imagens,
Aborrecimento ante o incitamento e o doesto.

[685] 7-1917

Pobre criança que qu’ria ter
Em toda a vida canções da ama.

[686] 11-1-1918

Alastor, espírito da solidão,
Perseguiu, passo a passo, meus vãos passos,
Castigando, com vãos e vis cansaços,
O meu cansaço variado e vão.

Não busquei realidade ou ilusão,
Só para o próprio incerto abri os braços,
Por isso pesa nos meus membros lassos
Do Averno extremo a extrema escuridão.

Longe das próprias sombras desterradas,
Erro excluso nas últimas estradas
Do Averno, sombra extinta em vagos níveis

Do abismo incerto, pálido e pequeno
Meu destino erradio agora peno,
Por ter amado as coisas impossíveis.

[687] 10-3-1918

Ama, canta-me. Eu nada quero

Do mundo lá fora ouvir.
Sofro e, se penso, desespero,
Eu quero dormir.

Um sono em que a alma se esqueça,
Vazio embalar —
Que o som do teu canto próprio desfaleça
E eu durma sem sonhar.

Como malmequeres, para ver minha sorte,
Os meus sonhos desfolhei:
Tenho medo da vida, tenho medo à morte.
Nunca terei o que amei.

Que a tua canção seja um nada, um afago
Como o som longe do mar
Eu quero dormir. Ama, as dores que trago
Só assim podem acabar.

Criança que vê os outros brincando
Sem brinquedos, e sem companhia…
Canta-me, ama, vá-me o sono levando
Como uma melodia…

Noturna esperança, fenecem no outono,
Murmuro, sacaram as águas…
Canta, e que o teu canto entre no meu sono
Como em as suas mágoas.

L'INCONNUE

[688] 12-6-1918

Não: toda a palavra é a mais. Sossega!
Deixa, da tua voz, só o silêncio anterior!
Como um mar vago a uma praia deserta, chega
Ao meu coração a dor.

Que dor? Não sei. Quem sabe saber o que sente?
Nem um gesto. Sobreviva apenas ao que tem que morrer
O luar, e a hora, e o vago perfume indolente
E as palavras por dizer.

[689] 14-11-1918

Nesta hora tu liberta e tu consola,
Filha virgem de Deus

[690] 21-12-1918

Por cima das revoltas, das cobiças,
Da incerteza da vida e do escarcéu
De inúteis e constantes injustiças,
O mesmo sol doura no mesmo céu.
Imperturbavelmente, enquanto as gentes
Da terra turvam sua própria vida,
Resultam os arbustos das sementes
Numa continuidade indefinida.

Ah, lição que, a podermos aprendê-la
Mais do que com a mente, com o instinto!,
Atravessara, qual longínqua vela
O mar do nosso anseio ermo e indistinto.

Sejamos calmos como a Natureza,
Um pouco indiferentes e fugazes,
Órfãos já da ilusão e da surpresa,
Viúvos do sonho das humanas pazes,

E, abandonando o rio das paixões,
Salvos enfim, na margem concedamos
Aos Deuses sacrifício, e às ilusões
O esquecimento que ao passado damos.

Lembrar! ’Sperar! Ter fé e confiança!
É sempre a mesma a inútil ilusão.
As folhas aos meus pés em branda dança
Falam do vento e as vagas sombras vão

Alongando-se pela terra fora,
Cúmplices exteriores deste vago
Anseio porque a vida nunca fora
Que morre em mim com o tremer de um lago.

[691]

Mas tu, Athena, nossas almas livra
Da impaciência que amanhã quer hoje,
Da esperança inconstante e sempre viva,

Da impaciência e do desassossego,
Uma que quer ter amanhã já hoje.

[692]

A alma de meu ser se perde no teu amar
Tens aos meus pés aquele que ao cair
Teu ser invade quem não sou, clarão
Do nada, e eu lume do não ser embargo

Cujo vale é o pináculo da tarde.

[693]

Nas turbas densas entre quem seguia
A palavra casual para ele fria,

Ah, todo o amor que lhe era dado,
Ao seu destino, e não a ele

Nascera eu pastor,
E todo o curso natural da vida,
Me houvera habituado ao seu sabor.
Inscientemente, como na descida
Que o passo não acusa ou cansa o andar,
Teria a alegria, o afeto, o amor,
Como quem tem o ar.

Assim, nascido só para o destino
Do império, não conheço
Desde menino,
Os gestos naturais, o humano preço
Da alegria e da vida.
Só sei o que é o Império, ignoro a vida.

[694] 5-3-1919

Por que vivo, quem sou eu, o que sou, quem me leva?
Que serei para a morte? Para a vida o que sou?
A morte no mundo é a treva na terra.
Nada posso. Choro, gemo, cerro os olhos e vou.
Cerca-me o mistério, a ilusão e a descrença
Da possibilidade de ser tudo real.
Ó meu pavor de ser, nada há que te vença!
A vida como a morte é o mesmo Mal!

[695] 7-3-1919

Ah, viver em cenário e ficção!
Ser só de panos de fundo o Real!
E sentir passar em Falso cada sensação

Com um acompanhamento sensorial!

Longe da plebe que tem horas e braços
E desejo de coisas que é possível possuir,
No reino do palco absoluto, sem laços
Com ter casa na vida, e razão para existir!

Nem realidade para além dos bastidores
Nem realidade real em quem vê,
Mas só real o cenário e os atores
Reais como mascaras, não como a gente que cada um é.

Porque a vida passa, não se compreende e é plebe…
A razão de ser das coisas não explica nada…
Paraíso de ver como quem sonha! Ó alma, te embebe
Na hipnose do Eterno Cenário da flauta encantada!

[696] 6-4-1919

Na estalagem a meio-caminho
Entre o sonho e a vida
Cheguei sozinho,
Sem ’sperança ou caminho
Sem viagem necessária ou estrada percorrida.

Nunca ali passei
E nunca de ali saí.
Ali, em mim, como rei,
Podia reinar, bem sei;
Mas o esforço e uma sombra, e não existe ali.

Não morei onde estive,
Não vivo onde ’stou.
Sonho como quem vive
Na estalagem do declive

De mim pra mim, de quem quere ser que quer sou.

[697] 6-4-1919

No circo onde a ver fui criança
Dorme tudo menos a atenção

[698] 6-4-1919

Um, dois, três…
Na relva tiram a passagem…
Fadas? Elfos? Rés-vés
Da sombra e da margem…

Um, dois, três…
E são uma maravilha
Só em mim esses passos
Mais cada flor…

[699] 28-4-1919

Inútil dessossego
Que me pesa na alma,
Porque é o dia cego
Para mim, e a manhã em meu ser calma?

Imparável 'star
Ali do universo…

[700] 30-6-1919

Na altura, de onde vejo, toda a rasa
Planície sem uma casa,

Ostenta, aquém e além, entre frequentes
Pequenas flores
Girassóis e outras flores de alto porte.

[701] 10-7-1919

Na fuga inútil dos penosos dias
Que pensando vivemos,
Perdemos, com a vida sem proveito,
O próprio pensamento,
Porque, quando não praz a vida, como
Pode aprazer pensá-la?
Sábio o que busca como não perder-se
Da vida meditando,
Mas com a vida o pensamento junta
Meditando antes como
Viver que como compreender a vida.
’Stulta a obra que busca
Saber da vida mais que como usá-la
Ou como, bem perdendo
A alta luz, o verdor do campo, e o canto
Das aves, vi na sombra
Com passos cheios de reminiscência
Para o seu fim exíguo.

[702] 14-9-1919

No alto da tua sombra, a prumo sobre
A inconstância irreal de vida e dias,
Achei-me só e vi que as agonias
Da vida, o tédio as finda e a morte as cobre.

Ali, no alto de ser, sentir é nobre,
Despido de ilusões e de ironias.

Não sinto as mãos unidas, que estão frias,
Não sei em mim, o que fui era pobre.

Mas mesmo nessa altura de mistério
E abismo de ascensão, não encontrei
Paragem, conclusão ou refrigério.

Deixei atrás o acaso de viver,
O ser sempre outrem, a escondida lei,
Caos de existirmos, névoa de o saber.

À NOITE

[703] 14-9-1919

O silêncio é teu gêmeo no Infinito.
Quem te conhece, sabe não buscar.
Morte visível, vens dessedentar
O vago mundo, o mundo estreito e aflito.

Se os teus abismos constelados fito,
Não sei quem sou ou qual o fim a dar
A tanta dor, a tanta ânsia par
Do sonho, e a tanto incerto em que medito.

Que vislumbre escondido de melhores
Dias ou horas no teu campo cabe?
Véu nupcial no fim de fins e dores.

Nem sei a angústia que vens consolar-me.
Deixa que eu durma, deixa que eu acabe
E que a luz nunca venha despertar-me!

NON NECESSE EST

[704] 9-1919

É um palco, e um palco de sonho,
Com figuras sem dever…
Ali um destino risonho
Funde sonhar com ser.

Cenário do sonho, ilude-o!
Ação, nunca te dês!
Ficções de interlúdio,
Enganai quem vos fez!

E viva a alma a esquecer,
Em transparência alheada,
A vida, que é plebe e mulher,
E a morte, que não é nada!

[705] 2-10-1919

A criança que mora à beira do cais
Nunca andou nos navios.
Deseja com ânsia fabril ver mais
E ir para os mares universais,
Noturnos e frios.

Mas nunca foi mais que à beira da água,
Nunca melhor viu
Que a ida dos barcos, e a sua mágoa,
Que os outros partirem

SONUS DESILIENTES AQUAE

[706] 8-10-1919

No ar frio da noite calma
Boia à vontade a minh'alma,
Quase sem querer viver
Sente os momentos correr,

Como uma folha no rio,
Sente contra si o frio
Das heras fluidas levando
Seu inerte corpo brando.

Mais do que isto? Para quê?
Tudo quanto o olhar vê
A mão toca, o ouvido escuta,
A consciência perscruta,
É inútil que se escutasse,
Que se sentisse ou pensasse.

Entre as margens com arbustos
Luzes na noite dos sustos,
Sob o luar repousado,
Ao correr vago e amparado
Do rio deixado e livre
A alma passa, a hora vive.

Ninguém. Só eu e o segredo
Do luar e do arvoredo
Que das margens causou medo.

Nada. Só a hora inútil
Só o sacrifício fútil
De desejar sem querer
E sem razão esquecer.

Prolixa memória, toda.
Rio indo como uma roda,
Noite como um lago mudo,
E a incerteza de tudo.

Recosto-me, e a lua dorme.
Cerca-me o que a noite enorme
Atribui à minha mágoa

Como um seu murmúrio de água.

Ninguém; a noite e o luar.
Nada; nem saber pensar.
Raie o dia, ou morra eu,
Volte no oriente do céu
O sol ou não volte mais,

São sempre os tédios iguais
E os barcos, calmos a medo,
Com o rio entre o arvoredo,
De noturno cemitério,
Ou fluido, vago mistério.

Tristeza de ter consciência!

[707] 8-10-1919

De onde é a ideia do mal? Senhor!
Qual o sentido do mundo?

[708] 11-10-1919

Sobrinhos de Caim ou Abel
O mal nos fica
O bem nos impele

Sobrinhos de Abel ou Caim
Ao bem dizemos que não
Ao mal dizemos que sim

Netos de Eva e de Adão,
Quanto trabalho
Para haver um pão!

Netos de Adão e de Eva
Deus deu amor
E o amor nos leva

VENDAVAL

[709] 12-10-1919

Ó vento do norte, tão fundo e tão frio,
Não achas, soprando por tanta solidão,
Deserto, penhasco, coval mais vazio
Que o meu coração!

Indômita praia, que a raiva do oceano
Faz louco lugar, caverna sem fim,
Não são deixados do alegre e do humano
Como a alma que há em mim!

Mas dura planície, praia atra em fereza,
Só têm a tristeza que a alma lhes vê;
E nisto que em mim é vácuo e tristeza
É o visto o que vê.

Ah, mágoa de ter consciência da vida!
Tu, vento do norte, teimoso, iracundo,
Que rasgas os robles — teu pulso divida
Minha'alma do mundo!

Ah, se, como levas as folhas e a areia,
A alma que tenho pudesses levar —
Fosse pr'onde fosse, pra longe da ideia
De eu ter que pensar!

Abismo da noite, da chuva, do vento,
Mar torvo do Caos que parece volver —
Porque é que não entras no meu pensamento
Para ele morrer?

Horror de ser sempre com vida a consciência!
Horror de sentir a alma sempre a pensar!
Arranca-me, ó vento; do chão da existência,
De ser um lugar!

E, pela alta noite que fazes mais ’scura,
Pelo caos furioso que crias no mundo,
Dissolve em areia esta minha amargura
Meu tédio profundo,

E contra as vidraças dos que há que têm lares,
Telhados d’aqueles que têm razão,
Atira, já pária desfeito dos ares,
O meu coração!

Meu coração triste, meu coração ermo,
Tornado a substância dispersa e negada
Do vento sem forma, da noite sem termo,
Do abismo e do nada!

[710] 24-10-1919

A noite é escura, e a cidade alheia
Arfa em torno de mim sem me ser nada.
Erro, e o que sou não tem nenhuma ideia;
Nem penso; sigo por nenhuma estrada.
Outr’ora fui… mas já não sei de mim
          Qualquer coisa com fulcro e vida antiga.
Na sombra do meu ser, estrada sem fim,
Passa minha vontade, uma mendiga.

Não tenho consciência ou intenção,
Não sou quem sou tanto que o gesto o fale.

[711] 26-10-1919

Cai do firmamento
Um frio lunar.
Um vento nevoento
Vem de ver o mar.

Quase maresia,
A hora interroga,
E uma angústia fria
Indistinta voga.

Não sei o que chora
Em mim o que penso.
Não é minha a hora
E o tédio é imenso.

Que é feito da vida
Dos outros, em mim?
A brisa é diluída
E a mágoa sem fim.

Seja a hora serena
E pálida, ou não,
Mas Deus tenha pena
Do meu coração!

[712] 11-1919

Onde é que a maldade mora?
Poucos sabem onde é.
Há maneira de o saber?
É em quem quando diz que chora
Leva a rir e a responder
Indo em crueldade até
A gente não a entender.

[713] 12-12-1919

Pousa um momento,
Um só momento em mim,
Não só o olhar, também o pensamento.
Que a vida tenha fim
Nesse momento!

No olhar a alma também
Olhando-me, e eu a ver
Tudo quanto de ti teu olhar tem
A ver até esquecer
Que tu és tu também…

Só tua alma, nunca tu
Só o teu pensamento
E eu nada, alma sem eu. Tudo o que sou
Ficou com o momento,
E o momento parou.

[714] 12-12-1919

Meu ser vive na Noite e no Desejo.
Minh' alma é uma lembrança que há em mim.

[715] 12-12-1919

E na noite do Medo por onde tateio
Só encontro a sombra de mim tateando.

[716] 28-12-1919

Hoje em que nada é português
Salvo a desgraça,

E em que um sopro maligno e soez
Por sobre as nossas almas passa;

Hoje em que manda quem serviu
Por condição,
E o próprio amor à Pátria é frio
Por Pátria ser um nome vão;

Hoje que, ruído o trono e a glória,
Só o Traidor
O louro e o ouro da vitória
Goza, vil como um vil ator;

Hoje uma voz que se levante
E diga, embora
Chore de ver, chorando cante,
Que vem nascendo além a Aurora,

Diga em palavras já tocadas
De outra Visão,
O Rei, e a Vinda das Espadas,
E o fim da Horda e da Traição.

[717] 12-1919

Clarim! Os mortos!

Contra Miguel de Vasconcellos
Republicano!

Eis outra vez o estrangeiro
Em Portugal!
Grita, clarim! Ao Conde Andeiro!
Mas quando a hora do Limoeiro
E do punhal?

Clarim, contra quem deu à França
A pátria e a grei,
Grita com fogo de esperança,
Vozes que chamem
O Rei!

E ao abismo do futuro clama
Por quem enfim
Vier, régia lusitana chama!
Pelo Rei que a Esperança chama,
Grita, clarim!

[718]

Era dez reis por cada homem
Para o Chagas ter fato novo.
Cada prato que eles comem
É tirado da vida do povo.

Está diante de mim um abismo
Que é a própria cara de Deus.
Quando me deito e cismo
Ando por cima dos céus.

Jesus Cristo e as cinco chagas
É uma escrita no meu coração.
Por mais que se roguem pragas,
O mau há de ter perdão.

Quando for a comer peixes
Quem se dá bem com o leão
Portugal não mais te queixes
Que volta D. Sebastião.

Logo que a Lua mudar

De onde não mostra valia,
No meio do meio do ar
Há de aparecer o dia.

[719] 1-1-1920

A lembrada canção,
Amor, renova agora.
Na noite, olhos fechados, tua voz
Dói-me no coração
Por tudo quanto chora.
Cantas ao pé de mim, e eu estou a sós.

Não, a voz não é tua
Que se ergue e acorda em mim
Murmúrios de saudade e de inconstância,
O luar não vem da lua
Mas do meu ser afim
Ao mito, à mágoa, à ausência e à distância.

Não, não é teu o canto
Que como um astro ao fundo
Da noite imensa do meu coração
Chama em vão, chama tanto…
Quem sou não sei… e o mundo?…
Renova, amor, a antiga e vã canção.

Cantas mais que por ti,
Tua voz é uma ponte
Por onde passa, inúmero, um segredo
Que nunca recebi —
Murmúrio do horizonte,
Água na noite, morte que vem cedo.

Assim, cantas sem que existas.

Ao fim do luar pressinto
Melhores sonhos que este da ilusão.

[720] 1-1-1920

Longe de mim em mim existo
À parte de quem sou,
A sombra e o momento em que consisto.

[721] 13-1-1920

Outros terão
Um lar, quem saiba, amor, paz, um amigo.
A inteira, negra e fria solidão
Está comigo.

A outros talvez
Há alguma coisa quente, igual, afim
No mundo real. Não chega nunca a vez
Para mim.

“Que importa?”
Digo, mas só Deus sabe que o não creio.
Nem um casual mendigo à minha porta
Sentar-se veio.

“Quem tem de ser?”
Não sofre menos quem o reconhece.
Sofre quem finge desprezar sofrer
Pois não esquece.

Isto até quando?
Só tenho por consolação
Que os olhos se me vão acostumando
À escuridão.

POEMA INCOMPLETO

[722]

A dor, que me tortura sem que eu tenha
Caminho ou alma para lhe fugir,
Parece que, ao tocar-me, me desdenha,
E só me toca pra o fazer sentir.

Um nojo, não de mim por minha dor,
Mas como que de minha dor por mim,
Jaz no fundo soez do meu rancor
Contra a dor sem razão que não tem fim.
E, neste círculo de dor e mágoa,
Não me encontro senão pra me odiar,
Como o viandante à noite ouve um som de água
Apenas para dele se afastar.

[723] 16-2-1920

No limiar que não é meu
Sento-me e deixo o irrefletido olhar
Encher-se, sem eu ver, de campo e céu.
Se é tarde ou cedo, deixo de notar.
Nada me diz de si qualquer coisa que eu
Possa gozar.

Pelos campos sem fim
Sinto correr, porque na face o sinto,
Um vago vento, estranho todo a mim.
Não sei se penso, ou em que dor consinto
Que seja minha ou desespero sem ter fim,
Ou se minto.

Na inútil hora

Eu, mais inútil que ela, sem sentir
Fito com um olhar que já nem chora
A Dor ou desdém, dolo ou infiel sorrir,
O absurdo céu onde nenhuma coisa mora
Para eu fruir.

Apenas, vaga
Não uma esp’rança, mas uma saudade
Do tempo em que a esperança, como vaga,
Dava na praia da minha ansiedade,
Me toma e um surdo marulhar meu ser alaga
Da vacuidade.

Mas acordo e com vão
Olhar ainda, mas uma saudade
Do tempo em que a esperança, como vaga,
Dava na praia da minha ansiedade,
Me toma e um surdo marulhar meu ser alaga
De vacuidade.

Mas acordo e com vão
Olhar ainda, mas já diferente,
Por ’star ausente dele o coração,
E eu outra vez, nem mesmo descontente,
Fito o céu calmo, o campo, a alegre solidão
Inconsciente.

Nada, só o dia —
Se é tarde ou cedo continuo a errar —
Alheio a mim, a tudo dá a alegria
De não ter o coração com que agitar
O corpo. E quando vier a noite, tudo esfria
Mas sem chorar.

Isto, e eu comigo
Posto no eterno aquém das coisas calmas

Que a vida externa mostra ao céu amigo —
Isto só, e não ter o coração abrigo
Nem sol as almas.

[724] 16-2-1920

Os deuses dão a quem sofre
Só mais dor.
Guardam a esp’rança num cofre,
Dão ao cofre valor,

E depois levam-o pra fora
Da vista e da mão,
Pra que chore a alma, que chora,
Chorar sempre em vão.

[725] 16-2-1920

Onde pus a esperança, as rosas
Murcharam logo.
Na casa, onde fui habitar,
O jardim, que eu amei por ser
Ali o melhor lugar,
E por quem essa casa amei —
Decerto o achei,
E, quando o tive, sem razão pra o ter

Onde pus a afeição, secou
A fonte logo.
Da floresta, que fui buscar
Por essa fonte ali tecer
Seu canto de rezar —
Quando na sombra penetrei,
Só o lugar achei

Da fonte seca, inútil de se ter.

Pra quê, pois, afeição, ’sperança,
Se perco, logo
Que as uso, a causa pra as usar,
Se tê-las sabe a não as ter?
Crer ou amar —

Até à raiz, do peito onde alberguei
Tais sonhos e os gozei,
O vento arranque e leve onde quiser
E eu os não possa achar!

[726] 25-2-1920

Mataram à machadada
A criança a brincar
No meu coração não há nada.
Só a sensação magoada
De isso em mim se passar.

Deram à criança brinquedos
Para lhos tirar.
Em mim há frios e medos,
A criança é nos meus segredos
Da alma que morreu amar.

[727] 25-2-1920

Meu coração caiu no chão.
Pode o pisar
Quem aqui passar.

Minha alma está feita em pedaços.
Pode os varrer

Quem quiser

É feita sombra a minha vida
Pode a ignorar
Quem pouco olhar.

É a morte quem eu fui e estive.
Pode o esquecer
Quem não pude ser.

[728] 26-2-1920

Revive ainda um momento
Na esperança que perdi,
Flor do meu pensamento
Hálito do que morri…

Inútil, irreal, sorriso
Na penumbra de pensar…
Eu da vida que preciso?
O sonho com que a negar.

Vago luar de promessa,
Resto de sombra a morrer
Na antemanhã que começa
Ah, ter-te, e nunca viver.

[729] 10-7-1920

Os deuses são felizes.
Vivem a vida calma das raízes.
Seus desejos o Fado não oprime,
            Ou, oprimindo, redime
Com a vida imortal
Não há

Sombras ou outros que os contristem.
E, além disto, não existem…

[730] 10-7-1920

Cansado até dos deuses que não são…
Ideais, sonhos… Como o sol é real
E na objetiva coisa universal
Não há o meu coração…
Eu ergo a mão.

Olho-a de mim, e o que ela é não sou eu.
Entre mim e o que sou há a escuridão.
Mas o que são a isto a terra e o céu?

Houvesse ao menos, visto que a verdade
É falsa, qualquer coisa verdadeira
De outra maneira
Que a impossível certeza ou realidade.

Houvesse ao menos, som o sol do mundo,
Qualquer postiça realidade não
O eterno abismo sem fundo,
Crível talvez, mas tenho coração.

Mas não há nada, salvo tudo sem mim.
……………………………………………

Crível por fora da razão, mas sem
Que a razão acordasse e visse bem;
Real com coração, inda que [ ]

[731] 10-7-1920

Os deuses são felizes.
Vivem a vida calma das raízes.

Seus desejos o Fado não oprime.
Ou, oprimindo, redime
Com a vida imortal.
Não há
Sombras ou outros que os contristem.
E, além disto, não existem…

[732] 8-1920

Se o teu palácio chega até ao céu,
Até aos deuses chega o meu.
Porque a contemplação, sem erguer muros,
Os palácios pequenos
À condição humana rente ao chão,

Ascende à compreensão
E um só momento basta para erguer
Sem que lho possam abater,
A divina estrutura de chegar
Aos deuses só por os achar.

HORÁRIO

[733] 18-9-1920

Cai chuva. É noite. Uma pequena brisa
Substitui o calor.
Pra ser feliz tanta coisa é precisa.
Este luzir é melhor.

O que é a vida? O ’spaço é alguém para mim.
Sonhando sou eu só.
A luzir, em quem não tem fim
E, sem querer, tem dó.

Extensa, leve, inútil passageira,
Ao roçar por mim traz

Uma ilusão de sonho, em cuja esteira
A minha vida jaz.

Barco indelével pelo espaço da alma,
Luz da candeia além
Da eterna ausência da ansiada calma,
Final do inútil bem.

Que se quer, e, se veio, se desconhece
Que, se for, seria
O todo de o haver… E a chuva cresce
Na noite agora fria.

[734]

Tudo quanto sonhei tenho perdido
Antes de o ter.
Um verso ao menos fique do inobtido,
Música de perder.

Pobre criança a quem não deram nada,
Choras? É em vão.
Como tu choro à beira da erma estrada.
Perdi o coração.

A ti talvez, que não te tem dado,
Daria enfim…
A mim… Sei eu que obscuro e incerto fado
Me espera a mim?

[735]

Eu tenho um Bebé
Que é.
Quanto ao tamanho

Assim: •
Quanto ao amor que lhe tenho

Esta linha dá volta ao mundo
Ai de mim!

[736]

Bombom é um doce
Eu ouvi dizer
Não que isso fosse
Bom de saber
O doce enfim
Não é para mim…

[737] 1-1-1921

Ah, sempre no curso leve do tempo pesado
A mesma forma de viver!
O mesmo modo inútil de ’star enganado
Por crer ou por descrer!

Sempre, na fuga ligeira da hora que morre,
A mesma desilusão
Do mesmo olhar lançado do alto da torre
Sobre o plaino vão!

Saudade, ’sperança — muda o nome, fica
Só a alma vã
Na pobreza de hoje a consciência de ser rica
Ontem ou amanhã.

Sempre, sempre, no lapso indeciso e constante
Do tempo sem fim

O mesmo momento voltando improfícuo e distante
Do que quero em mim!

Sempre, ou no dia ou na noite, sempre — seja
Diverso — o mesmo olhar de desilusão
Lançado do alto da torre da ruína da igreja
Sobre o plaino vão!

[738] 1-1-1921

Cansa ser, sentir dói, pensar destrói.
Alheia a nós, em nós e fora,
Rui a hora, e tudo nela rui.
Inutilmente a alma o chora.

De que serve? O que é que tem que servir?
Pálido esboço leve
Do sol de inverno sobre meu leito a sorrir…
Vago sussurro breve

Das pequenas vozes com que a manhã acorda,
Da fútil promessa do dia,
Morta ao nascer, na ’sperança longínqua e absurda
Em que a alma se fia.

LIGIA

[739] 5-2-1921

Os que do humano mal se compadecem,
O mal do mal, e não da causa, choram.
A dor, imerecida ou merecida,
É sempre a mesma, porque é sempre a dor.
Justa ou injusta, os Deuses porque a deram,
Porque foi que não deram não havê-los
— Os Deuses ou o Fado? Porque foi

Criado merecer? Ah, se inda ao menos
Fôssemos nossos e deveras nossa
A causa do sofrer! Inda que injusto
Ter de ter dor fosse, se não deu a vida
E por isso não deu — se o ter possível,
Ainda que por própria causa, errar,
Tal dor ao menos, inda que destino, seria sujeição
Não em tirania. Mas nós, todos
Efeitos, em nada nossos, alma e gesto
Filhos dos deuses e do ser superior,
Servos do Fado obscuro, sem razão
Senão para só ver, sem ter vontade,
Senão para cumprir sem ter vontade
O que os deuses vão mandar que queiramos,
O que o Destino quis que eles mandassem.

[740] 10-3-1921

Que é feito do luar de outrora
A que eu sonhava?
O mesmo luar cai agora
No mesmo lugar onde eu ’stava.
Mas era outro quem o luar encontrava.

[741] 10-3-1921

Como quem bate à porta
De uma casa deserta.

Inutilmente exorta
Quem nada quere

[742] 12-5-1921

Tornar-te-ás só quem tu sempre foste.
O que te os deuses dão, dão no começo.
De uma só vez o Fado
Te dá o fado, que é um.

A pouco chega pois o esforço posto
Na medida da tua força nata —
A pouco, se não foste
Para mais concebido.

Contenta-te com seres quem não podes
Deixar de ser. Ainda te fica o vasto
Céu pra cobrir-te, e a terra,
Verde ou seca a seu tempo.

O fausto repudio, porque o compram.
O amor porque acontece.
Comigo fico, talvez não contente.
Porém nato e sem erro.

Eu não procuro o bem que me negaram.
As flores dos jardins herdadas de outros.
Como hão de mais que perfumar de longe
Meu desejo de tê-las?

Não quero a fama, que comigo a têm
Eróstrato e o pretor
Ser olhado de todos — que se eu fosse
Só belo, me olhariam.

[743] 1921

Qualquer caminho leva a toda parte,
Qualquer caminho
Em qualquer ponto seu em dois se parte

E um leva aonde indica a ’strada
Outro é sozinho.

Um leva ao fim da mera ’strada, para
Onde acabou.
Outro é abstrata margem
………………………………………
No inútil desfilar de sensações
Chamado a vida,
No cambalear coerente de visões
Do [ ]

Ah! os caminhos ’stão todos em mim.
Qualquer distância ou direção, ou fim
Pertence-me, sou eu. O resto é a parte
De mim que chamo o mundo exterior.
Mas o caminho deus eis se biparte
Em o que eu sou e o alheio a mim

[ ]

[744] 13-5-1921

Ó curva do horizonte, quem te passa,
Passa da vista, vão de ser ou ’star.
Seta, que o peito enorme me transpassa.
Não doas, que morrer é continuar.

Não vejo mais esse a quem quis. A taça,
De ouro, não se partiu. Caída ao mar
Sumiu-se, mas no fundo e a mesma graça
Oculta para nós, mas sem mudar.

Ó curva do horizonte, eu me aproximo,
Para quem deixo, um dia cessarei

Da vista do último no último cimo,

Mas para mim o mesmo eterno irei
Na curva, até que o tempo a espera
E aonde estive um dia voltarei.

[745] 15-6-1921

Um calor morto e mole move
As árvores com vento lento.
Nada em minh’alma se comove.
Não há nada em meu pensamento.

Se quis, hoje foi outro quem quis.
Se tardei, tardo ainda. O céu
Não tem azul, tem o matiz
Dum cinzento que embranqueceu.

E há só em mim, se me perscruto,
Como que um grande largo só
Numa cidade ruína e luto,
De quem os deuses não têm dó.

[746] 25-6-1921

Antes que a hora fane
Na haste da emoção
E o pensamento profane
Com a vista o coração,

Para um momento, demora
Os olhos no meu olhar,
Caia da flor da hora,
Uma pétala de sonhar,

E os nossos olhos já então
Uns dos outros desprendidos
Sigam-a até ao chão…
No jardim dos sentidos…

[747] 25-6-1921

Aquela tristeza antiga
Parece-me hoje alegria,
A verdadeira tristeza,
A que nem tem um sorriso
É esta, a quem hoje abriga
Meu coração sem beleza,
Nem desanimo, que esfria
O pobre esforço impreciso.

Já nem me dera a ventura
De quando fui venturoso;
Bastava-me hoje a amargura
Que foi minha no passado,
O que sofri que ocioso
Acho hoje, pra amargurado!

Só um sorriso me resta,
Mais triste que não sorrir,
O de lembrar-me que outrora
Sofri como uma criança,
Pela falta de uma festa…
Hoje… Ó noite sem aurora
Fechas-me os olhos à ’sperança;
Fecha-mos já ao porvir!

[748] 25-6-1921

No fundo do pensamento
Nos jardins da fantasia
Onde não chega um momento
Da noite que há, nem do dia,

Passas, figura que sonho,
Esqueces, e sempre vais passando;
E sinto um pouco risonho
O rosto de mim cismando…

Perde-te em luares e aleias
Livre da mente em que moras
Onde florescem as últimas dálias
Longe das únicas horas.

[749] 5-8-1921

Cresce a planta, floresce.
A flor, abrindo, cresce.
Murcha a flor. E eu, que vejo
Crescer planta e flor, e esse
Murchar também, desejo
Saber qual é a prece,
O suspiro, o ensejo
A dar ao que entrevejo.

[750] 21-8-1921

Vento que passas
Nos pinheirais,
Quantas desgraças
Lembram teus ais.

Quanta tristeza,
Sem o perdão

De chorar, pesa
No coração.

Minh'alma alada
Sinto-te bem,
Vento na estrada
Poeirando além…

Gemes distante
Desfolhas perto…
Repassas errante
Meu pinhal aberto.

E ó vento vago
Das solidões
Traze um afago
Aos corações.

À dor que ignoras
Presta os teus ais,
Vento que choras
Nos pinheirais.

[751] 21-8-1921

Nos meus desejos existe
Longinquamente um país
Onde ser feliz consiste
Apenas em ser feliz.

Só palavras. Se estou triste
Um pouco o olhar consiste
Em dizê-lo assim, e, ao fundo,
De um mar verde a alma insiste
Em fingir de alma do mundo.

Sob um céu azul a espuma
De um mar verde abre na areia
E as barcas vêm, uma a uma,
Quando se levanta a bruma
Brincar com a maré cheia.

Isto não é nada, nem
Sentido ou presença tem
No próprio sonhar que o sonha
Mas dizendo-o sinto bem
A alma e a ’sperança risonha.

[752] 1921

Quando era jovem, eu a mim dizia:
Como passam os dias, dia a dia,
E nada conseguido ou intentado!
Mais velho, digo, com igual enfado:
Como, dia após dia, os dias vão,
Sem nada feito e nada na intenção!
Assim, naturalmente, envelhecido,
Direi, e com igual voz e sentido:
Um dia virá o dia em que já não
Direi mais nada.
Quem nada foi nem é não dirá nada.

[753] 1921

Sepulto vive quem é a outrem dado.
E quem ao outrem que há em si, sepulto
Não poderei, Senhor, alguma vez
Desalgemar de mim as minhas mãos?

[754] 30-9-1921

A parte do indolente é a abstrata vida.
Quem não emprega o esforço em conseguir,
Mas o deixa ficar, deixa dormir,
O deixa sem futuro e sem guarida.

Que mais haurir pode da morta lida,
Da sentida vaidade de seguir
Um caminho, da inércia de sentir,
Do extinto fogo e da visão perdida,

Senão a calma aquiescência em ter
No sangue entregue, e pelo corpo todo
A consciência de nada qu'rer nem ser,

A intervisão das coisas atingíveis,
E o renunciá-las, como um lindo modo
Das mãos que a palidez torna impassíveis.

IRONIA EM INTENÇÃO A CRISTOBAL COLON

[755] 10-1-1922

Faz um a casa onde outro pôs a pedra.
O galego Colon, de Pontevedra,
Seguiu-nos para onde nós não fomos.
Não vimos da nossa árvore esses pomos.

Um império ganha para Castela.
Para si glória merecida — aquela
De um grande longe aos mares conquistado;
Mas não ganha o tê-lo começado.

Que Deus o mande pra onde quiser
Prenda-o numa pedra que a terra tiver
No Império é que não fica!

E então Deus prende-o no extremo sonho
Dum promontório.

Rasga-lhe as carnes eternamente
Novas que sempre o açor presente
Rasga de novo.

[756] 2-2-1922

O louco sente-se imperador ou deus e crê-se, crê com firmeza e
[certeza absoluta.

Se é assim, com que inteira segurança
Posso eu crer no que creio,
Não mais certezas tenho
Que o louco.

[757]

Adeus, Maria! Há um só momento
Na vida, e morre sem razão.
Ser feliz é um esquecimento
E poder sê-lo uma ilusão.
Adeus, Maria! O coração
Não pode com o pensamento.

Amamo-nos… Seria amor?
Sabe-se lá o que se sente!…

É uma coisa meio dor
Que parece alegria, e a gente
Sente-se amando vagamente.
No fundo há só um amargor.

Amar é querer ser feliz

Com uma outra alma onde o achar.
Há tanta coisa que se diz
E não se pode realizar!
Não sei se te fingi amar,
Mas, se fingi, eu não o quis.

Nem sei se foi com alegria
Ou dor que me esqueci de ti,
Ou como é que te esqueceria
Se não fosse que te esqueci.
E é desde que te aborreci
Que te recordo noite e dia.

Isto é sutil e complicado
Nem talvez tenha uma razão.
Creio que todos têm passado
Pela mesma complicação.
Em que é que pensa o coração?…
E é isto amar e ser amado!…

Adeus, Maria! Ah, se eu pudesse
Não te dizer adeus, e amar
Fosse uma coisa que esquecesse
Sem deixar de continuar!
Ter o prazer de recordar
Sem que o que lembra se perdesse!

Mas tudo é como não queremos.
Temos que ser quem somos. Nem
Vale a pena saber que havemos
Razão contra nós mesmos. Bem
Faz quem despreza, ou quem se abstém!
Adeus!… Sonhamos o que temos.

[758] 18-5-1922

É uma brisa leve
Que o ar um momento teve
E que passa sem ter
Quase que tido ser.

Quem amo não existe.
Vivo indeciso e triste.
Quem quis ser já me esquece
Quem sou não me conhece.

E em meio disto o aroma
Que a brisa traz me assoma
Um momento à consciência
Como uma confidência.

[759] 18-5-1922

Não tragas flores, que eu sofro.
Rosas, lírios, a vida…
Tênue e insensível sopro
O céu que se não duvida!

Não tragas flores, nem digas…
Sempre há de haver cessar…
Deixa tudo acabar…
Cresceram só urtigas.

[760] 27-5-1922

Os deuses, não os reis, são os tiranos.
É a lei do Fado, a única que oprime.
Pobre criança de maduros anos,
Que pensas que há revolta que redime!
Enquanto pese, e sempre pesará,
Sobre o homem a serva condição

De súbdito do Fado.

ANTEUS

[761] 27-5-1922

Adeus, adeus, a ’sperança sempre tarda
E às vezes, quando vem, é já saudades.

[762] 7-9-1922

Ah, já está tudo lido,
Mesmo o que falta ler!
Sonho, e ao meu ouvido
Que música vem ter?

Se escuto, nenhuma.
Se não ouço ao luar
Uma voz que é bruma
Entoa um ouvir sonhar.

E na ilha encantada
Sou o que desejo,
Ali não sou nada
E onde há luar alvejo.

…………………………..

E esta é a voz que canta
Se não sei ouvir…
Tudo em mim se encanta
E esquece sentir…

O que a voz cantou
Para sempre agora
Na alma me ficou

Se a alma me ignora.

Sinto, quero, sei-me
Só há ter perdido…
E o eco de onde sonhei-me
Esquece do meu ouvido.

NADA

[763] 8-11-1922

Ah, toca suavemente
Como quem vai chorar
Qualquer canção tecida
De artifício e de luar…
Nada que faça lembrar
    A vida.

Prelúdio de cortesias,
Ou sorriso que fanou…
Jardim longínquo e frio…
E na alma de quem o achou
Só o eco absurdo do voo
    Vazio.

[764] 9-2-1923

Hoje, neste ócio incerto
Sem prazer, nem razão,
Como a um túmulo aberto
Fecho meu coração.

Na inútil consciência
De ser inútil tudo,
Fecho-o contra a violência
Do mundo duro e surdo.

Mas que mal sofre um morto?
Contra que defendê-lo?
Fecho-o, em fechá-lo absorto,
E sem querer sabê-lo.

[765] 24-3-1923

Depois de me ver ao espelho,
Sem mais, devolvo o retrato.
Sou tão feio e estou tão velho
Que era mais que um desacato
Não devolver o retrato
Ou só com a condição…
Dê-me, em troca, só perdão.

[766] 18-5-1923

Ah, como o sono é a verdade, e a única
Hora suave é a de adormecer!
Amor ideal, tens chagas sob a túnica.
’Sperança, és a ilusão a apodrecer.

Os deuses vão-se como forasteiros,
Como uma feira acaba a tradição,
Somos todos palhaços estrangeiros
A nossa vida é palco e confusão.

Ah dormir tudo! Pôr um sono à roda
Do esforço inútil e da sorte incerta!
Que a morte virtual da vida toda
Seja, sons, a janela que, entreaberta,

Só um crepúsculo do mundo deixe
Chegar à sonolência que se sente;
E a alma se desfaça como um feixe

Atado pelos dedos de um demente…

[767] 24-9-1923

Ouço passar o vento na noite.
Sente-se no ar, e alto, o açoite
De não sei quem em não sei quê.
Tudo se ouve, nada se vê.

Ah, tudo é símbolo e analogia.
O vento que passa, esta noite fria,
São outra coisa que a noite e o vento
Sombras de Ser e de Pensamento.

Tudo nos narra o que nos não diz.
Não sei que drama a pensar desfiz
Que a noite e o vento passados são.
Ouvi. Pensando-o, ouvi-o em vão.

Tudo é uníssono e semelhante.
O vento cessa e, noite adiante,
Começa o dia e ignorado existo.
Mas o que foi não é nada disto.

[768] 26-9-1923

Quais milagres de Lourdes, meu amigo!
Milagres de Rússia.
Curar paralisias!

Curar egoísmos, isso é que é milagre.
Ah, Lourdes, Lourdes, quantas Lourdes há!

EU

[769] 9-10-1923

Sou louco e tenho por memória
Uma longínqua e infiel lembrança
De qualquer dita transitória
Que sonhei ter quando criança.

Depois, maligna trajetória
Do meu destino sem esp’rança,
Perdi, na névoa ou noite inglória
O sonho e o arco da aliança.

Só guardo como um anel pobre
Que o tê-lo o herdado só faz rico
Um fim perdido que me cobre

Como um céu docel de mendigo,
Na curva inútil em que fico
Da estrada certa que não sigo.

MORTE DO PRÍNCIPE

[770] 22-10-1923

Que tendes?
Sono, sono, muito sono,
Um sono metafísico que envolve
A soma do universo. Que extinto o fulgor das estrelas,
    E a noite toda, que estão separadas de mim por eu estar
    Separado delas.

Quero fechar os olhos e dormir
Para além do que é sono, não ter alma,
Não haver universo e só dormir.

[771] 1923

Ver as coisas até ao fundo…
E se as coisas não tiverem fundo?

Ah, que bela a superfície!
Talvez a superfície seja a essência
E o mais que a superfície seja o mais que tudo
E o mais que tudo não é nada.

Ó face do mundo, só tu, de todas as faces,
És a própria alma que refletes.

ENIGMA

[772] 11-2-1924

No fundo de tudo quanto pensamos
Há a caverna do que nós somos.
Sonhos lhe boiam na sombra aberta.
Velam-lhe em teia a entrada ramos
Ramos aquém com três estrelas-pomos
A árvore deles é aqui e incerta.

Por trás das costas do visto mundo
Por trás de nós se sonhamos ver,
Fuga de um onde ladeando estar,
Ramos sem rede cruzando o fundo
Do pensamento e caverna ser
Com sonhos boiando no cavernar.

Quadro — boiando do fundo da alma,
Com pomos luzindo na árvore-parte,
Com o segredo por trás de aquém…
Brilha um instante na luz sem calma
Como um relâmpago de ’standarte,
E em tudo isto não há ninguém.

[773] 1-4-1924

Dorme, sonhando! ’Sparsa luz te alumbre,
Fatal, que a noite crédula submete.
A longínqua razão, céu a interprete,
Diverso se constele e te deslumbre.

Arfar do peito que o sorriso adumbre,
Cabelo leve sobre a face. Vê-te
Um olhar que te sonha, e a que compete
A transfiguração, e o que translumbre.

Dorme! Na alcova exclusa do universo
Quanto erro — sonho é toda a tua vida,
Ao luar da luz interior imerso
Por fora do teu sono na descida
Da impressão! E eu ver-te? E o fim disperso
Da flor de lótus amarelecida?

[774] 28-5-1924

Eu olho com saudade esse futuro
Em que serei mais novo que depois,
E essa saudade, com que me sinto dois,
Cerca-me como um mar ou como um muro.

Não descreio, nem creio; mas ignoro:
’Stou posto onde se cruzam as ’stradas
Multiplicando definidos nadas,
E no meio do jogo amuo e choro.
Oősságio roeu os meus prenúncios.

Velei a esfinge com serapilheiras.
E os jardins dispostos em quincúncios
Dão sobre esteiras de mar morto e vago,

E um vapor de corda, sem bandeiras,
Para no tanque, que nos finge um lago.

[775] 21-8-1924

Dormir! Não ter desejos nem ’speranças
Flutua branca a única nuvem lenta
E na azul quiescência sonolenta
A deusa do não ser tece ambas as tranças.

Maligno sopro de árdua quietude
Percorre a fronte e os olhos aquecidos,
E uma floresta-sonho de ruídos
Ensombra os velhos mortos de virtude.

Ah, não ser nada conscientemente!
Prazer ou dor? Torpor o traz e alonga,
E a sombra conivente se prolonga
Na vida interior, que à vida mente.

Desconheço-me. Embrenho-me, futuro,
Nas veredas sombrias do que sonho.
E no ócio em que diverso me suponho,
Vejo-me errante, demorado e obscuro.

Minha vida fecha-se como um leque.
Meu pensamento seca como um vago
Ribeiro no verão. Regresso, e trago
Nas mãos flores que a vida prontas seque.

Inconsequência da vontade absorta
Em nada querer… Prolixo afastamento
Do escrúpulo e da vida do momento…

[776] 29-8-1924

Trêmula chama,
Sujeita ao vento,
Sombras derrama
E um pensamento
Noturno acama.

[777] 8-1924

Súbita ária leve
Do fundo do arvoredo
Diz-me não sei que breve
E ansiado segredo.

Que o amor se não perdera
Se o amor cantara assim!
Feliz aquele que era
Quem nunca fui em mim…

Sonho que em si se acoite
Aquele canto em flor.
Começa na alma noite
E cessa na minha dor.

[778] 3-9-1924

Ah quanta melancolia!
Quanta, quanta solidão!
Aquela alma, que vazia,
Que sinto inútil e fria
Dentro do meu coração!

Que angústia desesperada!
Que mágoa que sabe a fim!
Se a nau foi abandonada,
E o cego caiu na estrada…

Deixai-os, que é tudo assim.

Sem sossego, sem sossego,
Nenhum momento de meu…
Onde for que a alma emprego…
Na estrada morreu o cego
…………………………
A nau desapareceu.

[779] 9-11-1924

Maravilhosa paz
Da lua no céu denso!
Cismo, esqueço que penso.

Que afago me desfaz?
Que mole esquecimento
Me disfarça um momento?

Alguma brisa o traz?
No meu longo serão
Voz no meu coração.

[780] 9-11-1924

Sim, poderia ser…
Mas era preciso ver…
Eu preciso ver…

Poderei? Talvez…
Tu és aquela que és…
Eu sou isso por quem vês.

[781] 9-11-1924

Pia, pia, pia
O mocho
Que pertencia
A um coxo…

Zangou-se o coxo
Um dia.
Meteu o mocho
Na pia, pia, pia.

[782] 24-11-1924

A Teca faz anos
    Hoje,
Nuvem dos desenganos
    Faz.
Só os sorrisos tiranos
Do bebe ainda sem manos
    Dizem
A Teca faz anos
    Hoje.

E a cegonha do Egito
    Que escreve ito
A cegonha do Egisto
    Que escreve isto
Dá a Teca os parabéns
    Tambéns.

E cantando estou eu a
    Guardando quando dá.
Os parabéns, escribe is.
To para bem Dá.
    Ibis.

[783] 25-11-1924

Converso às vezes comigo
E esse diálogo a sós
Com o impossível amigo
Que sonha cada um de nós,

Vai de clareira em abrigo
Ouvido, visto, veloz
Nas expressões que consigo
Das sombras a que dá voz.

E a perfeita consonância
De quem fala com quem ouve
Aquece a lume de infância
A casa em que ainda chove,
E eu durmo a alada distância
Da conversa que não houve.

[784] 1924

Meus dias passam, minha fé também.
Já tive céus e estrelas em meu manto.
As grandes horas, se as viveu alguém.
Quando as viveu, perderam já o encanto.

[785] 1924

Flor que não dura
Mais do que a sombra dum momento
Tua frescura
Persiste no meu pensamento.

Não te perdi
No que sou eu,

Só nunca mais, ó flor, te vi
Onde não sou senão a terra e o céu.
………………………………………

[786] 1924

Aqui neste profundo apartamento
Em que, não por lugar, mas mente estou,
No claustro de ser eu, neste momento
Em que me encontro e sinto-me o que vou,

Aqui, agora, rememoro
Quanto de mim deixei de ser
E, inutilmente, [ ] choro
O que sou e não pude ter.

LIGEIA

[787] 1924

Não quero ir onde não há luz,
De sob a inútil gleba não ver nunca
As flores, nem o curso ao sol dos rios,
Nem como as estações que se renovam
Reiteram a terra. Já me pesa
Nas pálpebras que tremem o oco medo
De nada ser, e nem ter vista ou gosto,
Calor, amor, o bem e o mal da vida.

[788] 1924

Nas entressombras de arvoredo
Onde mosqueia a incerta luz
E a noite ocupa a medo
O incerto espaço em que transluz…

GLOSAS

[789] 14-8-1925

I

Toda obra é vã, e vã a obra toda.
O vento vão, que as folhas vãs enroda,
Figura nosso esforço e nosso estado.
O dado e o feito, ambos os dá o Fado.

Sereno, acima de ti mesmo, fita
A possibilidade erma e infinita
De onde o real emerge inutilmente,
E cala, e só para pensares sente.

II

Nem o bem nem o mal define o mundo.
Alheio ao bem e ao mal, do céu profundo
Suposto, o Fado que chamamos Deus
Rege nem bem nem mal a terra e os céus.

Rimos e choramos através da vida.
Uma coisa é uma cara contraída
E a outra uma água com um leve sal.
E o Fado fada alheio ao bem e ao mal.

III

Doze signos do céu o Sol percorre,
E, renovando o curso, nasce e morre
Nos horizontes do que contemplamos.
Tudo em nós é o ponto de onde estamos.

Ficções da nossa mesma consciência,
Jazemos o instinto e a ciência.

E o sol parado nunca percorreu
Os doze signos que não há no céu.

[790] 23-1-1925

E o rei disse, “Memora estes meus lemas:
Tem fé, não sonho. O sonho é um abrigo
Que não um escudo. Nem receoso, temas,
Que o medo é a mor parte do perigo.
Pesam em ti as, que aceitastes, algemas,
Mais que as impostas. Não há qu’rer antigo.
Ousa, vendo. Abdica antes que abdiques,
Sabe ficar, se força é que fiques.”

[791] 23-1-1925

Sinto-me forte contra a vida inteira
        Neste momento.
A mim mesmo tomei a dianteira.
Sinto que não há em nada noite ou vento
Que estorve minha vida aventureira.

Mas já, ao senti-lo, sei que não o sinto
        Com o querer,
Mas com o sonho com que me amplo minto.
Sei já que não o quererei perder.
De um falso fogo cinzas me pressinto.

Sarça que não aquece nem dá luz,
        Fogo-fátuo de mim,
Para que vens pôr no meu ser a flux
Um tumulto de qu’rer sem ser nem fim?
Ó árvore crescendo para cruz,
Por que florir no meu jardim?

[792] 28-2-1925

O merecer e o receber não têm
Comum medida. Uma é a lei que ditamos,
Outra a que os deuses deram. Merecemos
De um lado e do outro recebemos, nem
Um lado é mais que o outro lado do outro.
Ignotas causas geram ignorados
Efeitos conhecidos. Entrevemos,
E a parte que do todo ao olhar nos cabe
Não reproduz o todo em menos, é
Parte diversa d'ele. No que vemos
Nada vemos do todo, e só o que vemos.

[793] 6-5-1925

Ouço dizer a verdade
E sorrio indiferente…
A verdade!

[794] 15-6-1925

Estio. Uma brisa ardida
    Passa no ar abrasado.
Não 'stou cansado da vida:
    De mim é que 'stou cansado.

E como na tarde sumida
    O sol baço luz sem rir,
Tenho que sorrir à vida
    Sem ter a vida que sorrir.

[795] 16-6-1925

Como a névoa que o realço
Tira às coisas de verão
Há um repouso triste e falso
Dentro do meu coração.

Alegria que parece
Uma tristeza, torpor
De quem nada lembra ou esquece
Nem sabe ter gozo ou dor.

’Stagna-me a alma sem nada,
Tudo é um vácuo e um fim,
Não há ’strada na encruzilhada
Nem ninguém dentro de mim.

AMIEL

[796] 20-8-1925

Não, nem no sonho a perfeição sonhada
Existe, pois que é sonho. Ó Natureza,
Tão monotonamente renovada,
Que cura dás a esta tristeza?
O esquecimento temporário, a estrada
Por engano tomada,
O meditar na ponte e na incerteza…

Inúteis dias que consumo lentos
No esforço de pensar na ação,
Sozinho com meus frios pensamentos
Nem com uma ’sperança mão em mão.

É talvez nobre ao coração
Este vazio ser que anseia o mundo,
Este prolixo ser que anseia em vão,
Exâmine é profundo.

Tanta grandeza que em si mesma é morta!
Tanta nobreza inútil de ânsia e dor!
Nem se ergue a mão para a fechada porta,
Nem o submisso olhar para o amor!

[797] 10-11-1925

Como às num dia azul e manso
No vivo verde da planície calma
Duma súbita nuvem o avanço
Palidamente as ervas escurece
Assim agora em minha pávida alma
Que súbito se evola e arrefece
A memória dos mortos aparece…
………………………………………

O CONTRA-SÍMBOLO

[798] 30-1-1926

Uma só luz sombreia o cais
Há um som de barco que vai indo.
Horror! Não nos vemos mais!
A maresia vem subindo.

E o cheiro prateado a mar morto
Cerra a atmosfera de pensar
Até tomar-se este como porto
E este cais a bruxulear

Um apeadeiro universal
Onde cada um ’spera isolado
Ao ruído — mar ou pinheiral? —
O expresso inútil atrasado.

E no desdobre da memória

O viajante indefinido
Ouve contar-se só a história
Do cais morto do barco ido.

[799] 1926

Não haver deus é um deus também.

[800] 26-4-1926

Saudade eterna, que pouco duras!

[801] 26-4-1926

Em torno a mim, em maré cheia,
Soam como ondas a brilhar,
O dia, o tempo, a obra alheia.
O mundo natural a ’star.

Mas eu, fechado no meu sonho,
Parado emigro, e, sem querer,
Inutilmente recomponho
Visões do que não puder ser.

Cadáver da vontade feita,
Mito real, sonho a sentir,
Sequência interrompida, eleita
Para o destino de partir.

Mas presa à inércia angustiada
De não saber a direção,
E ficar morta na erma estrada
Que vai da alma ao coração.

Hora própria, nunca venhas,
Que olhar talvez fosse pior…
E tu, sol claro que me banhas,
Ah, banha sempre o meu torpor!

[802] 19-7-1926

Não há verdade inteiramente falsa
Nem mentira de todo verdadeira.
O rio leva, na espumelhada esteira
Tudo o que esterilmente me realça…

Prazeres, talento, a perfeição consciente…
O tipo físico distante dos outros,
(E se eu deixar cair uma semente
No rio, os resultados serão neutros)…

Maravilha fatal de toda a verdade…
O homem que se interroga, e age por fora
E só regressa a casa se não piora…

No entanto, um bocado de saudade,
Uma maneira de um apego à hora
E uma reminiscência sem verdade.

O CATAVENTO

[803] 28-10-1926

Vaiou toda a noite dos lados da barra
Com chuvas o vento —
Um vento daquele que rasga e desgarra,
Veloz e violento.

E por toda a noite, ouvindo-o e sofrendo,
Pensei no que sou —

Uma alma, sozinho, planeando, e sabendo
Que ignoro onde vou

E por toda a noite a minha consciência
Inerte e desperta
Cruzavam-se a chuva e o vento, e a ciência
Duma alma deserta.

Raiou sossegado, cansada e tormenta,
O dia por fim,
E eu esqueci também minha dor violenta,
Levada talvez pela longa tormenta
Pra longe de mim.

[804] 21-3-1927

Tudo dorme. Pela erva
Um vento ouvido passa.
E ela cicia, serva
Do silêncio que a abraça.

Paira um luar de sobre
Juncos em lagos vagos,
Mas nenhuma grinalda cobre
Este lugar sem lagos.

Esta paisagem vive
Só de antes eu a sonhar.
Não sei se ali estive
Lembro-me de a lembrar.

E esta impalpável hora
Se infiltra no meu ser,
Como uma voz que chora
Nem lembrar nem esquecer.

PRESSÁGIO

[805] 10-4-1927

Vinham, louras, de preto
Ondeando até mim
Pelo jardim secreto
Na véspera do fim.

Nos olhos toucas tinham
Reflexos de um jardim
Que não o por onde vinham
Na véspera do fim.

Mas passaram… Nunca me viram
E eu quanto sonhei afim
A essas que se partiram
Na véspera do fim.

[806] 7-5-1927

Já não vivi em vão
Já escrevi bem
Uma canção.

A vida o que tem?
Estender a mão
A alguém?

Nem isso, não.
Só o escrever bem
Uma canção.

HORAS

[807] 22-5-1927

Dão horas na torre.
Alguém morre.
Dá horas o som do sino,
Há o Destino.
Aonde és, trêmula escorre
A hora da torre…
E pingos na terra bastam
E alastram.
Tudo tem outro sentido
Cessou o ruído

[808] 31-5-1927

Já me não lembra o sonho que não tive…
Eram só sombras e existiram antes…
Na sucessão incerta
Com o que delas lembra, meu ser vive.

Aqui, se aqui é nada, absurdo estive
E entre marés de espumas e brilhantes
Contei à noite as súplicas constantes
Que não contei à noite, no declive.

Num fechar de olhos coagulam-se astros…
Nirvana… E o ocaso, regressada a hora,
Só tinge o ouro mate os alabastros…

Que jura eterna nunca se demora?
Que passo é sempre livre de seus rastos?
Que nome fica, se a saudade chora?

[809] 31-5-1927

Quem com meu nome é obsceno nas paredes?
A sucessão das horas imprevistas

Não me traz novas das horas nunca vistas,
E os pescadores vão tirar as redes…

Mercê do ocaso, no mar calmo há paz,
Mas o cansaço que nos toma dói.
Vida do mar? Matinas do herói?
Quem me leva tudo isso, ou me lo traz?

Tinta entornada do poema sonho…
A ficção meto na estouvada mente,
E um pouco de fugaz e inconsequente
No seguimento paralítico do sonho…

[810] 28-8-1927

Não venhas sentar-te à minha frente, nem a meu lado;
    Não venhas falar, nem sorrir.
Estou cansado de tudo, estou cansado
    Quero só dormir.

Dormir até acordado, sonhando
    Ou até sem sonhar,
Mas envolto num vago abandono brando
    A não ter que pensar.

Nunca soube querer, nunca soube sentir, até
    Pensar não foi certo em mim.
Deitei fora entre urtigas o que era a minha fé,
    Escrevi numa página em branco, “Fim”.

As princesas incógnitas ficaram desconhecidas,
    Os tronos prometidos não tiveram carpinteiro.
Acumulei em mim um milhão difuso de vidas,
    Mas nunca encontrei parceiro.

Por isso, se vieres, não te sentes a meu lado, nem fales.

Só quero dormir, uma morte que seja
Uma coisa que me não rale nem com que tu rales —
Que ninguém deseja nem não deseja.

Pus o meu Deus no prego. Embrulhei em papel pardo
As esperanças e ambições que tive,
E hoje sou apenas um suicídio tardo,
Um desejo de dormir que ainda vive.

Mas dormir a valer, sem dignificação nenhuma.
Como um barco abandonado,
Que naufraga sozinho entre as trevas e a bruma
Sem se lhe saber o passado.

E o comandante do navio que segue deveras
Entrevê na distância do mar
O fim do último representante das galeras,
Que não sabia nadar.

[811] 1927

Velo, na noite em mim,
Meu próprio corpo morto.
Velo, inútil absorto.
Ele tem o seu fim
Inutilmente, enfim.

[812] 7-9-1927

A levíssima brisa
Que sai da tarde morna
Na minha alma imprecisa —
Impressão entorna.

Nada conduz a nada,

Nada serve de ser
No sossego da estrada
Nada vejo viver.

Meu conhecer é triste
O que é que tem razão?
Nada, e o nada persiste
Na estrada e no verão.

[813] 5-10-1927

Correm-me menos tristonhos
Meus dias, dia por dia,
Mas faz-me falta nos sonhos
A antiga melancolia.

Como onda com onda liga
No mesmo curso da água,
À minha tristeza antiga
Sucede uma nova mágoa.

Como de uma ânsia que cessa,
Ainda a mais infinita,
Tristeza que não começa,
Saudade de 'sperança, aflita.

POST-SCRIPTUM

[814] 9-10-1927

Gostaria de saber
De que sonha quem não sonha,
Que tem para se entreter
E fazer meio-risonha
A vida que há por viver…

Gostaria de sentir
Como é a alma que vive
Sem para a alma sorrir…
Eu sonhei e nada obtive.
Sonharei sem conseguir.

Mas do que fiz e que faço,
Que é nada, como o é tudo,
Guardo no meu ser o traço
Do sonho que me faz mudo,
E rio-me do cansaço…

Os grandes homens da terra,
Os que fazem, sem gramática,
Frases de paz e de guerra,
E sabem tudo da prática
Salvo que a prática erra —

Sim, esses têm presença,
Multidão e biografia…
Que o Fado os tenha na crença
Que esse valer tem valia!…
Casei com a diferença.

[815] 10-10-1927

No fim do outono que finda,
Na última tarde que resta
Da vaga ’sperança vinda
Como um ruído da floresta,

Frio e apagado anseio,
Incerto em meu ser boio,
O único passageiro
Do último comboio.

Não sei como diga o que anda
Pelo meu ser a doer,
Que se extravasa da banda
De nada já pode ser.

Sozinho no anseio mudo
Com que medito o anseio.
Sem mente que pense tudo,
Nem duvido nem creio.

Não tenho que ter razão.

[816] 19-10-1927

É um rio entre arvoredo
E eu durmo de o sonhar.
Fazem-se de segredo
Os ramos a cruzar.

E só de o sonhar fluo, …
Cerca-me outro dormir
E o que eu sou de eu flutuo
E também nós flutuamos
Sem pensar nem sentir.

[817] 31-10-1927

Não: não pedi amor nem amizade
    Às almas nem à vida;
Pedi-os à ilusão, à saudade,
    E a uma ’sp’rança perdida.

O que me deram não compensa o nada
    Do que a vida me deu;
Mas, como a um pobre, o que me deu pousada

Deu-me um pouco do céu.

Perdi já tudo: o que negou o que é
E o que o sonho me dera…
Sou hoje o sol que vagueia a pé
Entre o que foi e o que era.

Hoje, descrente até do que não há,
Vagueio em mim sem mim,
E tudo o que sonhei é um deus que 'stá
Guardando a terra e o fim.

[818] 31-10-1927

Ó curva do horizonte, quem te passa
Passa da vista, não de ser ou 'star.
Assim talvez a anônima desgraça
Chamada morte, saiba não mutar.

Na curva da consciência, se nos perde
A visão do que amamos, não o ser…

[819] 1-11-1927

À beira do precipício
Brincamos a dançar,
À beira do precipício
Quando a chama acabar.

Há flores pela relva
E há bens que são bem
Como o ar fresco da selva
E não nos ver ninguém.

À beira do precipício

Brincamos a sorrir
À beira do precipício
Onde vamos cair

Porque cansa o horizonte
E um e outro escorrega
Mesmo baixando a vista
A gente fica cega

E cai no precipício
Que está ao nosso lado
E à beira do precipício
Continua o horizonte
De quem fica ficando.

[820]

Música, sim, popular…
Harmônio de viageiro…
Meu coração transborda
Quem será que chamamos?

Tudo quanto a alma deseja
Passa na música bem
Que passa e que nada deixa

Senão pena de quem detém.
Tudo quanto eu quereria
Não fica dentro de mim
Mas na música se esfria
E tem um som e um fim.
Maligna sorte de uma alma
Não poder ter emoção
Senão quando vive calma
Fora de ter coração.

XADREZ

[821] 1-11-1927

Peões, saem na noite sossegada,
Cansados, cheios de emoções postiças,
Vão para casa, conversando em nada,
Sob peles, e casacos, e peliças.

Peões a que o destino não concede
Mais que uma casa por direita sorte,
Salvo se a diagonal lhes outra cede,
E ganham o novo, com a alheia morte.

Súditos sempre da maior mudança
Das nobres peças que ou o Bispo ou a Torre
Subitamente a sorte lhes alcança
E no isolado avanço o peão morre.

Um ou outro, chegando ao fim, consegue
O resgate do que é outro do que ele;
E o jogo, alheio a cada peça, segue,
E a inexorável mão por junto impele.

Depois, coitados, sob peliça ou renda,
Mate! se finda o jogo e a mão cansada
Guarda as peças sem nexo da contenda,
Que, como tudo é jogo, o fim é nada.

[822] 19-11-1927

Sopra lá fora o vento
Até me entrar na alma,
E o próprio pensamento
Sente levada a calma

Porque há no som agreste
Do vento a assoprejar
Um horror que desveste
De ’sperança meu cismar.

Até eu fui feliz…
Lá no passado, mas fui…
O vento forte diz
Que em nada me dilui,

Que em nada me apavora,
Violento, vão, vazio,
Enchendo de oco a hora
Que ao coração dá frio.

[823] 26-11-1927

Há luz no tojo e no brejo
    Luz no ar e no chão…
Há luz em tudo que vejo
    Não no meu coração…

E quanto mais luz lá fora
    Quanto mais quente é o dia
Mas por contrário chora
    Minha íntima noite fria.

[824] 1-12-1927

Não tenho razão
Pra dizer que não
Nem tenho fim
Pra dizer que sim.
Se acordo enganado
E não vejo nada

Ou se digo assim:
Talvez, ou por uma vez,
Ou então ao invés
Ou então a fingir,
Eu quero crer…
Mas não vou dizer…
Se já vou saber
Quero decidir…

[825] 5-12-1927

Brincava a criança
Com um carro de bois.
Sentiu-se brincando
E disse, Eu sou dois!

Há um a brincar
E há outro a saber,
Um vê-me a brincar
E outro vê-me a ver.

Estou por trás de mim
Mas se volto a cabeça
Não era o que eu qu'ria
A volta só é essa…

O outro menino
Não tem pés nem mãos,
Nem é pequenino
Não tem mãe ou irmãos.

E havia comigo
Por trás de onde eu estou
Mas se volto a cabeça
Já não sei o que sou.

E o tal que eu cá tenho
E sente comigo,
Nem pai, nem padrinho,
Nem corpo só amigo,

Tem alma cá dentro
’Stá a ver-me sem ver
E o carro de bois
Começa a parecer.

……………………………..

[826] 5-2-1928

O que eu fui o que é?
Relembro vagamente
O vago não sei quê
Que passei e se sente.

Se o tempo é longe ou perto
Em que isso se passou,
Não sei dizer ao certo.
Que nem sei o que sou.

Sei só que me hoje agrada
Rever essa visão
Em que não vejo nada
Senão o coração.

[827] 21-3-1928

A água da chuva desce a ladeira.
  É uma água ansiosa.
Faz lagos e rios pequenos, e cheira
  A terra a ditosa.

Há muitos que cantar a dor e o pranto
De o amor os não qu’rer…
Mas eu, que também o não tenho, o que canto
É outra coisa qualquer

A água, que desce a ladeira, faz rir.
As gaivotas no fim…
Há tantas que cantam só por se sentir.
Cantam sem mim.

[828] 25-3-1928

Há música. Tenho sono.
Tenho sono com sonhar.
’Stou num longínquo abandono
Sem me sentir nem pensar.

A música é pobre. Mas
Não será mais pobre a vida?
Que importa que eu durma? Faz
Sono sentir a descida…

…………………………………..

Aventura inexequível,
Congruência com não ser.
Meu coração no desnível,
Meu cansaço sem ceder.

[829] 22-4-1928

Hoje ’stou triste, ’stou triste.
’Starei alegre amanhã…
O que se sente consiste
Sempre em qualquer coisa vã…

Ou chuva, ou sol, ou preguiça…
Tudo influi, tudo transforma…
A alma não tem justiça,
A sensação não tem forma.

Uma verdade por dia…
Um mundo por sensação…
’Stou triste. A tarde ’stá fria.
Amanhã, sol e razão.

[830] 22-4-1928

Passava eu na estrada pensando impreciso,
    Triste à minha moda.
Cruzou um garoto, olhou-me, e um sorriso
    Agradou-lhe a cara toda.

Bem sei, bem sei: sorriria assim
    A um outro qualquer.
Mas então sorriu assim para mim…
    Que mais posso eu qu’rer?

Não sou nesta vida nem eu nem ninguém,
    Vou sem ser nem prazo…
Que ao menos na ’strada, me sorria alguém
    Ainda que por acaso.

[831] 24-4-1928

O sonho que se opôs a que eu vivesse
A esperança que não quis que eu acordasse,
O amor fictício que nunca era esse,
A glória eterna que velava a face.

Por onde eu, louco sem loucura, passe

Esse conjunto absurdo a teia tece…
E, por mais que o Destino me ajudasse,
Quero crer que o Deus dele me esquecesse.

Por isso sou o deportado, e a ilha
Com que, de natural e vegetável,
A imaginação se maravilha…

Nem frutos tem nem água que é potável…
Do barco naufragado vê-se a quilha…
……………………………………………

[832] 1928

O amor, quando se revela,
Não se sabe revelar.
Sabe bem olhar pra *ela*,
Mas não lhe sabe falar.

Quem quer dizer o que sente
Não sabe o que há de dizer.
Fala: parece que mente…
Cala: parece esquecer…

Ah, mas se *ela* adivinhasse,
Se pudesse ouvir o olhar,
E se um olhar lhe bastasse
Pra saber que a estão a amar!

Mas quem sente muito, cala;
Quem quer dizer quanto sente
Fica sem alma nem fala,
Fica só, inteiramente!

Mas se isto puder contar-lhe
O que não lhe ouso contar,

Já não terei que falar-lhe
Porque lhe estou a falar…

[833] 1928

…Vaga história comezinha
Que, *pela voz das vozes,* era a minha…
Quem sou eu? Eles sabem e passaram.

[834] 13-7-1928

É inda quente o fim do dia…
Meu coração tem tédio e nada…
Da vida sobe maresia…
Uma luz azulada e fria
Para nas pedras da calçada…
Uma luz azulada e vaga
Um resto anônimo do dia…
Meu coração não se embriaga.
Vejo como quem vê e divaga…
É uma luz azulada e fria.

[835] 1928

E, ó vento vago
Das solidões,
Minha alma é um lago
De indecisões.

Ergue-a em ondas
De iras ou de ais,
Vento que rondas
Os pinheirais!

[836] 1-10-1928

O meu coração quebrou-se
Como um bocado de vidro.
Quis viver e enganou-se…

[837] 2-10-1928

No fim da chuva e do vento
    Voltou ao céu que voltou
A lua; e o luar cinzento
    De novo, branco, azulou.

Pela imensa ’stelação
    Do céu dobrado e profundo,
Os meus pensamentos vão
    Buscando sentir o mundo.

Mas perdem-se como uma onda
    Na maré universal
E o sentimento não sonda
    O que o pensamento vale
Que imporia? Tantos pensaram
    Como penso e pensarei.

O LOUCO

[838] 30-10-1928

E fala aos constelados céus
De trás das mágoas e das grades,
Talvez com sonhos como os meus…
Talvez, meu Deus!, com que verdades!

As grades de uma cela ’streita

Separam-o de céu e terra…
Às grades mãos humanas deita
E com voz não humana berra…

…………………………………

[839] 4-11-1928

Caminho a teu lado mudo.
Sentes-me, vês-me alheado…
Perguntas, Sim… Não, não sei…
Tenho saudades de tudo…
Até, porque estás passado
Do mesmo mal que passei.

Sim, hoje é um dia feliz.
Será, não será, por certo…
Num princípio não sei quê
Há um sentido que me diz
Que isto — o céu longe e nós perto —
É só o sonho do que é…

E lembro-me em meia-amargura
Do passado, do distante,
E tudo me é solidão…
Que fui nessa noite escura?
Quem sou nesta morte instante?
Não pergunto… Tudo é vão.

[840] 9-11-1928

Há uma música do povo,
Nem sei dizer se é um fado…
Que ouvindo-a há um chiste novo
No ser que tenho guardado…

Ouvindo-a sou quem seria
Se desejar fosse ser…
É uma simples melodia
Das que se aprendem a viver…

E ouço-a embalado e sozinho…
É essa mesma que eu quis…
Perdi a fé e o caminho…
Quem não fui é que é feliz.

Mas é tão consoladora
A vaga e triste canção…
Que a minha alma já não chora
Nem eu tenho coração…

Sou uma emoção estrangeira,
Um eco de sonho ido…
Canto de qualquer maneira
E acabo com um sentido!

[841] 22-11-1928

A ’sperança, como um fósforo inda aceso,
Deixei no chão, e entardeceu no chão ileso.
A falha social do meu destino
Reconheci, como um mendigo preso.

Cada dia me traz com que ’sperar
O que dia nenhum poderá dar.
Cada dia me cansa de ’sperança…
Mas viver é ’sperar e se cansar.

O prometido nunca será dado
Porque no prometer cumpriu-se o fado.
O que se espera, se a esperança é gosto,

Gastou-se no esperá-lo, e está acabado.

Quanta ache vingança contra o fado
Nem deu o verso que a dissesse, e o dado
Rolou da mesa abaixo, oculta a conta.
Nem o buscou o jogador cansado.

[842] 1928

E a extensa e vária natureza é triste
Quando no vau da luz as nuvens passam.

[843] 28-12-1928

A pálida luz da manhã de inverno,
    O cais e a razão
Não dão mais ’sperança, nem menos ’sperança sequer,
    Ao meu coração.
O que tem que ser
    Será, quer eu queira que seja ou que não.

No rumor do cais, no bulício do rio
    Na rua a acordar
Não há mais sossego, nem menos sossego sequer,
    Para o meu ’sperar.
O que tem que não ser
    Algures será, se o pensei; tudo mais é sonhar.

[844] 20-1-1929

Sim, tudo é certo logo que o não seja.
Amar, teimar, verificar, descrer…
Quem me dera um sossego à beira-ser
Como o que à beira-mar o olhar deseja.

[845] 22-1-1929

A tua voz fala amorosa…
Tão meiga fala, que me esquece
Que é falsa a sua branda prosa.
Meu coração desentristece.

Sim, como a música sugere
O que na música não ’stá,
Meu coração nada mais quer
Que a melodia que em ti há…

Amar-me? Quem o crera? Fala
Na mesma voz que nada diz
Se és uma música que embala.
Eu ouço, ignoro, e sou feliz.

Nem há felicidade falsa,
Enquanto dura é verdadeira.
Que importa o que a verdade exalça
Se sou feliz desta maneira?

[846] 22-1-1929

Qual é a tarde por achar
Em que teremos todos razão
E respiraremos o bom ar
Da alameda sendo verão,

Ou, sendo inverno, baste ’star
Ao pé do sossego ou do fogão?
Qual é a tarde por voltar?
Essa tarde houve, e agora não.

Qual é a mão cariciosa
Que há de ser enfermeira minha —

Sem doenças minha vida ousa —
Oh, essa mão é morta e osso…
Só a lembrança me acarinha
O coração com que não posso.

[847] 14-2-1929

Vou com um passo como de ir parar
    Pela rua vazia
Nem sinto como um mal ou mal-’star
    A vaga chuva fria…

Vou pela noite da indistinta rua
    Alheio a andar e a ser
E a chuva leve em minha face nua
    Orvalha de esquecer…

Sim, tudo esqueço. Pela noite sou
    Noite também
E vagaroso eu [ ] vou,
    Fantasma de magia.

No vácuo que se forma de eu ser eu
    E da noite ser triste
Meu ser existe sem que seja meu
    E anônimo persiste…

Qual é o instinto que fica esquecido
    Entre o passeio e a rua?
Vou sob a chuva, amargo e diluído
    E tenho a face nua.

[848] 17-3-1929

Parece que estou sossegando

’Starei talvez para morrer.
Há um cansaço novo e brando
De tudo quanto quis querer.

Há uma surpresa de me achar
Tão conformado com sentir.
Súbito vejo um rio
Entre arvoredo a luzir.

E são uma presença certa
O rio, as árvores e a luz.

[849] 29-3-1929

Aqui está-se sossegado,
Longe do mundo e da vida,
Cheio de não ter passado,
Até o futuro se olvida.
Aqui está-se sossegado.

Tinha os gestos inocentes,
Seus olhos riam no fundo.
Mas invisíveis serpentes
Faziam-a ser do mundo.
Tinha os gestos inocentes.

Aqui tudo é paz e mar.
Que longe a vista se perde
Na solidão a tornar
Em sombra o azul que é verde!
Aqui tudo é paz e mar.

Sim, poderia ter sido…
Mas vontade nem razão
O mundo têm conduzido

A prazer ou conclusão.
Sim, poderia ter sido…

Agora não esqueço e sonho.
Fecho os olhos, ouço o mar
E de ouvi-lo bem, suponho
Que vejo azul a esverdear.
Agora não esqueço e sonho.

Não foi propósito, não.
Os seus gestos inocentes
Tocavam no coração
Como invisíveis serpentes.
Não foi propósito, não.

Durmo, desperto e sozinho.
Que tem sido a minha vida?
Velas de inútil moinho —
Um movimento sem lida…
Durmo, desperto e sozinho.

Nada explica nem consola.
Tudo está certo depois.
Mas a dor que nos desola,
A mágoa de um não ser dois —
Nada explica nem consola.

[850] 3-4-1929

O céu de todos os invernos
Cobre em meu ser todo o verão…
Vai pras profundas dos infernos
E deixa em paz meu coração!

Por ti meu pensamento é triste,

Meu sentimento anda estrangeiro;
A tua ideia em mim insiste
Como uma falta de dinheiro.

Não posso dominar meu sonho.
Não te posso obrigar a amar.
Que hei de fazer? Fico tristonho.
Mas a tristeza há de acabar.

Bem sei, bem sei… A dor de corno…
Mas não fui eu que lho chamei.
Amar-te causa-me transtorno,
Lá que transtorno é que não sei…

Ridículo? É claro. E todos?
Mas a consciência de o ser, fi-la bas-
Tante clara deitando-a a rodos
Em cinco quadras de oito sílabas.

[851] 7-4-1929

Mas o hóspede inconvidado
Que mora no meu destino,
Que não sei como é chegado,
Nem de que honras é dino.

Constrange meu ser de casa
A adaptações de disfarce.

[852] 1929

Mas eu, alheio sempre, sempre entrando
O mais íntimo ser da minha vida,
Vou dentro em mim a sombra procurando.

[853] 18-6-1929

Pela rua já serena
Vai a noite
Não sei de que tenho pena,
Nem se é pena isto que tenho…

Pobres dos que vão sentindo
Sem saber do coração!
Ao longe, cantando e rindo,
Um grupo vai sem razão…

E a noite e aquela alegria
E o que medito a sonhar
Formam uma alma vazia
Que paira na orla do ar…

……………………………………

[854] 1929

Tenho pena até… nem sei…
Do próprio mal que passei
Pois passei quando passou.

[855] 26-6-1929

O som do relógio
Tem a alma por fora,
Só ele é a noite
E a noite se ignora.

Não sei que distância
Vai de som a som
Pegando, no tique,

Do taque do tom.

Mas ouço de noite
A sua presença
Sem ter onde acoite
Meu ser sem ser.

Parece dizer
Sempre a mesma coisa
Como o que se senta
E se não repousa.

EPITÁFIO DESCONHECIDO

[856] 26-6-1929

Quanta mais alma ande no amplo informe,
A ti, seu lar anterior, do fundo
Da emoção regressam, ó Cristo, e dormem
Nos braços cujo amor é o fim do mundo.

[857] 31-8-1929

Nas grandes horas em que a insônia avulta
Como um novo universo doloroso,
E a mente é clara com um ser que insulta
O uso confuso com que o dia é ocioso,

Cismo, embebido em sombras de repouso
Onde habitam fantasmas e a alma é oculta,
Em quanto errei e quanto ou dor ou gozo
Me foram nada, como frase estulta.

Cismo, cheio de nada, e a noite é tudo.
Meu coração, que fala estando mudo,
Repete seu monótono torpor

Na sombra, no delírio da clareza,
E não há Deus, nem ser, nem Natureza,
E a própria mágoa melhor fora dor.

[858] 1929

O abismo é o muro que tenho
Ser eu não tem um tamanho.

[859] 1-3-1930

Relógio, morre —
Momentos vão…
Nada já ocorre
Ao coração
Senão, senão…

Bem que perdi,
Mal que deixei,
Nada aqui
Montes sem lei
Onde estarei…

Ninguém comigo!
Desejo ou tenho?
Sou o inimigo —
De onde é que venho?
O que é que estranho?

[860] 28-3-1930

Quem vende a verdade, e a que esquina?
Quem dá a hortelã com que temperá-la?
Quem traz para casa a menina

E arruma as jarras da sala?

Quem interroga os baluartes
E conhece o nome dos navios?
Dividi o meu estudo inteiro em partes
E os títulos dos capítulos são vazios…

Meu pobre conhecimento ligeiro,
Andas buscando o estandarte eloquente
Da filarmônica de um Barreiro
Para que não há barco nem gente.

Tapeçarias de parte nenhuma
Quadros virados contra a parede…
Ninguém conhece, ninguém arruma
Ninguém dá nem pede.

Ó coração epitélico e macio,
Colcha de croché do anseio morto,
Grande prolixidade do navio
Que existe só para nunca chegar ao porto.

[861] 18-5-1930

Na noite que me desconhece
O luar vago, transparece
Da lua ainda por haver.
Sonho. Não sei o que me esquece,
Nem sei o que prefiro ser.

Hora intermédia entre o que passa,
Que névoa incógnita esvoaça
Entre o que sinto e o que sou?
A brisa alheiamente abraça.
Durmo. Não sei quem é que estou.

Dói-me tudo por não ser nada.
Da grande noite embainhada
Ninguém tira a conclusão.
Coração, queres? Tudo enfada
Antes só sintas, coração.

[862] 9-6-1930

Mais triste do que o que acontece
    É o que nunca aconteceu.
Meu coração, quem o entristece?
    Quem o faz meu?

Na nuvem vem o que escurece
    O grande campo sob o céu.
Memórias? Tudo é o que esquece.
    A vida é quanto se perdeu.
E há gente que não enlouquece!
    Ai do que em mim me chamo eu!

[863] 14-6-1930

Ó ervas frescas que cobris
As sepulturas,
Vosso verde tem cores vis
A meus olhos, já servis
De conjeturas.

Sabemos bem de quem viveis
Ervas do chão,
Que sossego é esse que fazeis
Verde na forma que trazeis
Sem compaixão.

Ó verdes ervas, como o azul medo

Do céu sem Ser,
Cunhado como entre segredo
Da vida viva, e outro degredo
Do infindo haver.

Tenho um terror como todo eu
Do verde chão…
Ó sol, não baixes já no céu,
Quero um momento ainda meu
Como um perdão.

[864] 14-6-1930

Há quanto tempo não canto
Na muda voz de sentir.
E tenho sofrido tanto
Que chorar fora sorrir.

Há quanto tempo não sinto
De maneira a o descrever,
Nem em ritmos vivos minto
O que não quero dizer…

Há quanto tempo me fecho
À chave dentro de mim.
E é porque já não me queixo
Que as queixas não têm fim.

Há quanto tempo assim duro
Sem vontade de falar!
Já estou amigo do escuro
Não quero o sol nem o ar.

Foi-me tão pesada e crescida
A tristeza que ficou

Que ficou toda a vida
Para cantar não sonhou.

[865] 24-6-1930

Ó sorte de olhar mesquinho
E gestos de despedida,
Apanha-me do caminho
Como a uma coisa caída…

Resvalei à via velha
Do colo de quem sonhava.
Lava-me como na celha
O sabão de quem lavava…

Quem quer saber de quem fora
Quem eu fora se outro fosse…
Olha-me e deita-me fora
Como quem farta do doce.

[866]

Dormi. Sonhei. No informe labirinto
Que há entre o mundo e o nada me perdi.
Em bosques de mim mesmo me embebi,
Misto indeciso do que vi e sinto.

Estagno incorpóreo. No infiel recinto
Leio o transtorno do que nunca li,
E o labirinto nunca ’stá em si,
Nem há mundo no incerto e abstrato plinto.

Minha alma é um ser em que a verdade engana,
Memória da partida dos navios
Na praia que de espuma se engalana.

Não voltaram dos longes os sombrios
Barcos, e o luar mole deixa ver
A praia com a espuma a escurecer.

[867] 26-7-1930

Dói-me quem sou. E em meio da emoção
Ergue a fronte de torre um pensamento.
É como se na imensa solidão
De uma alma a sós consigo, o coração
Tivesse cérebro e conhecimento.

Numa amargura artificial consisto,
Fiel a qualquer ideia que não sei,
Como um fingido cortesão me visto
Dos trajes majestosos em que existo
Para a presença artificial do rei.

Sim, tudo é sonhar quanto sou e quero.
Tudo das mãos caídas se deixou.
Braços dispersos, desolado espero.
Mendigo pelo fim do desespero,
Que quis pedir esmola e não ousou.

[868] 26-7-1930

Depois que todos foram
E foi também o dia,
Ficaram entre as sombras
Das áleas do ermo parque
Eu e a minha agonia.

A festa fora alheia
E depois que acabou
Ficaram entre as sombras

Das áleas apertadas
Quem eu fui e quem sou.

Tudo fora por todos.
Brincaram, mas enfim
Ficaram entre as sombras
Das áleas apertadas
Só eu, e eu sem mim.

Talvez que no parque antigo
A festa volte a ser.
Ficaram entre as sombras
Das áleas apertadas
Eu e quem sei não ser.

SOMBRA…

[869] 3-8-1930

Vai leve a sombra
Por sobre a água…
Assim meu sonho
Na minha mágoa…

Minha tristeza
Sonha acordada
Canta embalando
E ela é a embalada…

“Dorme, desejo…”
A sombra informe
Passa… E ela canta
E nunca dorme.

[870] 3-8-1930

Árvore verde,
Meu pensamento
Em ti se perde.
Ver é dormir
Neste momento.

Que bom não ser
’Stando acordado!
Também em mim
Enverdecer
Em folhas dado!

Tremulamente
Sentir no corpo
Brisa na alma!
Não ser quem sente,
Mas tem a calma.

[871] 3-8-1930

Eu tinha um sonho
Que me encantava.
Se a manhã vinha,
Como eu a odiava!

Volvia a noite,
E o sonho a mim.
Era o meu lar,
Minha alma afim.

Depois perdi-o.
Lembro? Quem dera!
Se eu nunca soube
O que ele era.

[872] 4-8-1930

Vou em mim como entre bosques,
Vou-me fazendo paisagem
Para me desconhecer.
Nos meus sonhos sinto aragem,
Nos meus desejos descer.

Passeio entre arvoredo
Nos meandros de quem sinto
Quando sinto sem sentir…
Vaga clareira de instinto,
Pinheiral todo a subir…

Grande alegria das mágoas
Quando o declive da encosta
Apressa o passo sem querer…
De quem é que a minha alma gosta
Sem que eu tenha de o saber.

Sorriso que no regato
Através dos ramos curvos
O sol, espreitando, achou.
Fluir de água, com tons turvos,
Onde uma pedra desviou.

Muita curva, muita coisa,
Todas com gentes de fora.
Na alma que sinto assim…
Que paisagem quem se ignora!
Meu Deus, que é feito de mim?

[873] 4-8-1930

Meus versos são meu sonho dado.

Quero viver, não sei viver,
Por isso, anônimo e encantado,
Canto para me pertencer.

O que salvamos, o perdemos.
O que pensamos, já o fomos,
Ah, e só guardamos o que demos,
E tudo é sermos quem não somos.

………………………………….

Se alguém souber sentir meu canto
Meu canto eu saberei sentir.
Viverei com minha alma tanto
Quanto antes viver [ ].

[874] 12-8-1930

Deixa-me ouvir o que não ouço…
Não é a brisa ou o arvoredo;
É outra coisa intercalada…
        É qualquer coisa que não posso
        Ouvir senão em segredo,
        E que talvez não seja nada…

Deixa-me ouvir… Não fales alto!
Um momento!… Depois o amor,
Se quiseres… Agora cala!
        Tênue, longínquo sobressalto
        Que substitui a dor,
        Que inquieta e embala…

O quê? Só a brisa entre a folhagem?
Talvez… Só um canto pressentido?
Não sei, mas custa amar depois…

Sim, torna a mim, e a paisagem
E a verdadeira brisa, ruído…
Vejo-te: somos dois…

[875] 1930

A tua carne calma
    Presente não tem ser.
Os meus desejos são cansaços.
Quem querem ter nos braços
    É a ideia de te ter.

[876] 1930

Teu corpo real que dorme
É um frio no meu ser.

[877] 1930

Ah, a esta alma que não arde
Não envolve, porque ama,
A esperança, ainda que vã,
O esquecimento que vive
Entre o orvalho da tarde
E o orvalho da manhã.

[878] 12-8-1930

Fito-me frente a frente.
Conheço que estou louco.
Não me sinto doente.
Fito-me frente a frente.

Evoco a minha vida.
Fantasma, quem és tu?
Uma coisa erguida.
Uma força traída.

Neste momento claro,
Abdique a alma bem!
Saber não ser é raro.
Quero ser raro e claro.

[879] 17-8-1930

Que coisa é que na tarde
Me entristece sem ser?
Sinto como se houvesse
Um mal que acontecer.

Mas sinto o mal que vem
Como se já passasse…
Que coisa é que faz isto
Sentir-se e recordar-se?

Talvez que seja a brisa
Que ronda o fim da estrada
Talvez seja o silêncio,
Talvez não seja nada…

[880] 18-8-1930

Sei bem que não consigo
O que não quero ter,
Que nem até prossigo
Na estrada até querer.

Sei que não sei da imagem
Que era o saber que foi

Aquela personagem
Do drama que me dói.

Sei tudo. Era presente
Quando abdiquei de mim…
E o que a minha alma sente
Ficou nesse jardim.

[881] 18-8-1930

Se eu pudesse não ter o ser que tenho
Seria feliz aqui…
Que grande sonho
Ser quem não sabe quem é e sorri!

Mas eu sou estranho
Se em sonho me vi
Tal qual no tamanho
O que nunca vi…

[882] 19-8-1930

Não quero mais que um som de água
Ao pé de um adormecer.
Trago sonho, trago mágoa,
Trago com que não querer.

Como nada amei nem fiz
Quero descansar de nada.
Amanhã serei feliz
Se para manhã há estrada.

Por enquanto, na estalagem
De não ter cura de mim,
Gozarei só pela aragem

As flores do outro jardim.

Por enquanto, por enquanto,
Por enquanto não sei quê…
Pobre alma, choras sem pranto,
E ouves como quem vê.

[883] 19-8-1930

Deve chamar-se tristeza
Isto que não sei que seja
Que me inquieta sem surpresa
Saudade que não deseja.

Sim, tristeza — mas aquela
Que nasce de conhecer
Que ao longe está uma estrela
E ao perto está não a ter.

Seja o que for, é o que tenho.
Tudo mais é tudo só.
E eu deixo ir o pó que apanho
De entre as mãos ricas de pó.

[884] 19-8-1930

Quem me roubou quem nunca fui e a vida?
Quem, de dentro de mim, é que a roubou?
Quem ao ser que conheço por quem sou
Me trouxe, em estratagemas de descida?

Onde me encontro nada me convida.
Onde me eu trouxe nada me chamou.
Desperto: este lugar em que me estou,
Se é abismo ou cume, onde estão vinda ou ida?

Quem, guiando por mim meus passos dados,
Entre sombras e muros quem me deu
À súbita visão dos mudos fados?

Quem sou, que assim me caminhei sem eu,
Quem são, que assim me deram aos bocados
À reunião em que acordo e não sou meu?

[885] 20-8-1930

Se sou alegre ou sou triste?…
Francamente, não o sei.
A tristeza em que consiste?
Da alegria o que farei?

Não sou alegre nem triste.
Verdade, não sei que sou.
Sou qualquer alma que existe
E sente o que Deus fadou.

Afinal, alegre ou triste?
Pensar nunca tem bom fim…
Minha tristeza consiste
Em não saber bem de mim…
Mas a alegria é assim…

[886] 21-8-1930

O grande sol na eira
Talvez seja o remédio…
Não quero quem me queira,
Amarem-me faz tédio.

Baste-me o beijo intacto
Que a luz dá a luzir

E o amor alheio e abstrato
De campos a florir.

O resto é gente e alma:
Complica, fala, vê.
Tira-me o sonho e a calma
E nunca é o que é.

[887] 21-8-1930

Grande sol a entreter
Meu meditar sem ser
Neste quieto recinto…
Quanto não pude ter
Forma a alma com que sinto…

Se vivo é que perdi…
Se amo é que não amei…
E o grande bom sol ri…
E a sombra está aqui
Onde eu sempre estarei…

[888] 21-8-1930

Maravilha-te, memória!
Lembras o que nunca foi,
E a perda daquela história
Mais que uma perda me dói.

Meus contos de fadas meus —
Rasgaram-lhe a última folha…
Meus cansaços são ateus
Dos deuses da minha escolha…

Mas tu, memória, condizes

Com o que nunca existiu…
Torna-me aos dias felizes
E deixa chorar quem riu.

[889] 24-8-1930

Não sei quantas almas tenho.
Cada momento mudei.
Continuamente me estranho.
Nunca me vi nem achei.

De tanto ser, só não conheço.
Mudaram-me sempre o preço.
Quem vê é só o que vê.
Quem sente não é quem é.

Atento ao que sou e vejo,
Torno-me eles e não eu.
Cada meu sonho ou desejo,
É do que nasce, e não meu.
Sou minha própria paisagem,
Assisto à minha passagem,
Diverso, móbil e só.
Não sei sentir-me onde estou.

Por isso, alheio, vou lendo
Como páginas, meu ser.
O que segue não prevendo,
O que passou a esquecer.
Noto à margem do que li
O que julguei que senti.
O que anotei era eu?
Sabe-o Deus, porque ’screveu.

[890] 24-8-1930

Vem do fundo do campo, da hora,
E do modo triste como ouço,
Uma voz que canta, e se demora.
    Escuto alto, mas não posso

Distinguir o que diz; é música só,
Feita de coração, sem dizer:
Murmúrio de quem embala, com um vago dó
    De o menino ter de crescer.

Melodia triste sem pranto,
Diluída, antiga, feliz
Manhã de sentir a alma como um canto
    De D. Dinis.

[891] 24-8-1930

Deus não tem unidade,
Como a terei eu?

[892] 24-8-1930

Entre o luar e o arvoredo,
Entre o desejo e não pensar
Meu ser secreto vai a medo
Entre o arvoredo e o luar.
Tudo é longínquo, tudo é enredo.
Tudo é não ter nem encontrar.

Entre o que a brisa traz e a hora,
Entre o que foi e o que a alma faz.
Meu ser oculto já não chora
Entre a hora e o que a brisa traz.

Tudo não foi, tudo se ignora.
Tudo em silêncio se desfaz.

[893] 24-8-1930

Deixo ao cego e ao surdo
A alma com fronteiras,
Que eu quero sentir tudo
De todas as maneiras.

Do alto de ter consciência
Contemplo a terra e o céu,
Olho-os com inocência:
Nada que vejo é meu.

Mas vejo tão atento
Tão neles me disperso
Que cada pensamento
Me torna já diverso.

E como são estilhaços
Do ser, as coisas dispersas
Quebro a alma em pedaços
E em pessoas diversas.

E se a própria alma vejo
Com outro olhar,
Pergunto se há ensejo
De por isto a julgar.

Ah, tanto como a terra
E o mar e o vasto céu.
Quem se crê próprio erra,
Sou vário e não sou meu.

Se as coisas são estilhaços
Do saber do universo,
Seja eu os meus pedaços,
Impreciso e diverso.

Se quanto sinto é alheio
E de mim sou ausente,
Como é que a alma veio
A acabar-se em ente?

Assim eu me acomodo
Com o que Deus criou,
Deus tem diverso modo
Diversos modos sou.

Assim a Deus imito,
Que quando fez o que é
Tirou-lhe o infinito
E a unidade até.

………………………………

[894] 26-8-1930

Passam na rua os cortejos
Das pessoas existentes.
Algumas vão ter ensejos,
Outras vão mudar de fato,
E outras são inteligentes.

Não conheço ali ninguém.
Nem a mim eu me conheço.
Olho-os sem nenhum desdém.
Também vou mudar de fato.
Também vivo e também esqueço.

Passam na rua comigo,
E eu e eles somos nós.
Todos temos por abrigo
Todos mudarmos de fato,

Ai, mas somos nus a sós.

[895] 26-8-1930

Tenho pena e não respondo.
Mas não tenho culpa enfim
De que em mim não correspondo
Ao outro que amaste em mim.

Cada um é muita gente.
Para mim sou quem me penso,
Para outros — cada um sente
O que julga, e é um erro imenso.

Ah, deixem-me sossegar.
Não me sonhem nem me outrem.
Se eu não me quero encontrar,
Quererei que outros me encontrem?

[896] 1930

Olha-me rindo uma criança
E na minha alma madrugou.
Tenho razão, tenho esperança
Tenho o que nunca me bastou.

Bem sei. Tudo isto é um sorriso
Que é nem sequer sorriso meu.
Mas para meu não o preciso
Basta-me ser de quem mo deu.

Breve momento em que um olhar
Sorriu ao certo para mim…
És a memória de um lugar,
Onde já fui feliz assim.

[897] 26-8-1930

Quero ser livre insincero
Sem crença, dever ou posto.
Prisões, nem de amor as quero.
Não me amem, porque não gosto.

Quando canto o que não minto
E choro o que sucedeu,
É que esqueci o que sinto
E julgo que não sou eu.

De mim mesmo viandante
Olho as músicas na aragem,
E a minha mesma alma errante
É uma canção de viagem.

Pois cai um grande e calmo efeito
De nada ter razão de ser
Do céu, nulo como um direito,
Na terra vil como um dever.

A chuva morta ainda ensopa
O chão noturno do céu limpo,
E faço, sob a aguada roupa,
Figuras sociais a tempo.

[898] 26-8-1930

Meu ruído de alma cala.
E aperto a mão no peito,
Porque sob o efeito
Da arte e o seu trejeito,
O que é de Cristo fala.

Cega, coxa, porca, lixo

Da vida que n’alma tem,
Esta criança vem.
Que Deus é que do além
Teve este mau capricho?

E ou jazigo limpo
Ou sótão com pó,
Bebé foi-se embora.
Minha alma está só.

[899] 26-8-1930

Gnomos do luar que faz selvas
As florestas sossegadas,
Que sois silêncios nas relvas,
E em almas abandonadas
Fazeis sombras enganadas,
Que sempre se a gente olha
Acabastes de passar
E só um tremor de folha
Que o vento pode explicar
Fala de vós sem falar,

Levai-me no vosso rastro,
Que em minha alma quero ser
Como vosso corpo, um astro
Que só brilha quando houver
Quem o suponha sem ver.

Ah sentir tudo de todos
Os feitios!
Não ter alma, não ter modos —
Só desvios.
Alma vista de uma estrada
Que vira a esmo,

Seja eu leitura variada
Para mim mesmo!

Assim eu que canto ou choro
Quero velar-me a partir.
Lembrando o que não memoro,
Alguns me saibam sentir,
Mas ninguém me definir.

[900] 27-8-1930

Minha mulher, a solidão.
Consegue que eu não seja triste.
Ah, que bom é ao coração
Ter este lar que não existe!

Recolho a não ouvir ninguém,
Não sofro o insulto de um carinho,
E falo alto sem que haja alguém:
Nascem-me os versos do caminho.

Senhor, se há bem que o céu conceda
Submisso à opressão do Fado,
Dá-me eu ser só, — veste de seda —,
E fala só — leque animado.

[901] 31-8-1930

Na margem verde da estrada
Os malmequeres são meus.
Já trago a alma cansada —
Não é disso: é de Deus.

Se Deus me quisesse dá-la
Havia de achar maneira…

A estrada de cá da vala
Tem malmequeres à beira.

Se os quero, colho e tenho
Cuidado com os partir.
Cada um que vejo e apanho
Dá um estalinho ao sair.

São malmequeres aos molhos,
Igualzinhos para ver
E nem põe neles os olhos
Dá a mão pra os receber.

Não é esmola que envergonhe,
Nem coisa dada sem mais.
É pra que a menina os ponha
Onde o peito faz sinais.

Tirei-os do campo ao lado
Para a menina os trazer…
E nem me mostra o agrado
De um olhar para me ver…

É assim a minha sina.
Tirei-os de onde iam bem
Só para os dar à menina, —
E agradeceu a ninguém.

[902] 1930

Quando nas pausas solenes
Da natureza
Os galos cantam solenes.

[903] 31-8-1930

A estrada, como uma senhora,
Só dá passagem legalmente.
Escrevo ao sabor quente da hora
Baldadamente.

Não saber bem o que se diz
É um pouco sol e um pouco alma.
Ah, quem me dera ser feliz.
Teria isto, mais a calma.

Bom campo, estrada com cadastro,
Legislação entre erva nata.
Vou atar a alma com um nastro
Só para ver quem ma desata.

[904] 31-8-1930

Tão vago é o vento que parece
Que as folhas fremem só por vida.
Dorme um calor em que se esquece.
Em que é que o campo nos convida?

Não sei. Anônimo de mim,
Não posso erguer uma intenção
Do saco em que me sinto assim,
Caído nesse verde chão.

Com a alma feita em animal,
A quem o sol é um lombo quente
Aceito como a brisa real
A sensação de ser quem sente.

E os olhos que me pesam baixo
Olham pela alma o campo e a estrada.
No chão um fósforo é o que acho.

Nas sensações não acho nada.

[905] 31-8-1930

De aqui a pouco acaba o dia.
Não fiz nada.
Também, que coisa é que faria?
Fosse a que fosse, estava errada.

De aqui a pouco a noite vem.
Chega em vão
Para quem como eu, só tem
Para o contar o coração.

E após a noite e mais dormir
Torna o dia.
Nada farei senão sentir.
Também que coisa é que faria?

[906] 31-8-1930

É boa! Se fossem malmequeres!
E é uma papoula
Sozinha, com esse ar de “queres?”
Veludo da natureza tola.

Coitada!
Por ela
Saí da marcha pela estrada.
Não a ponho na lapela.

Oscila ao leve vento, muito
Encarnada a arroxear.
Deixei no chão o meu intuito.
Caminharei sem regressar…

[907] 31-8-1930

Enfia a agulha,
E ergue do colo
A costura enrugada.
Escuta: (volto a folha
Com desconsolo).
Não ouviste nada.

Os meus poemas — este
E outros que tenho —
São só a brincar.
Tu nunca os leste,
E nem mesmo estranho
Que ouças sem pensar.

Mas dá-me um certo agrado
Sentir que tos leio
E que me ouves ler.
Faz um certo quadro.
Dá-me um certo enleio…
Leio só pra te ver.

[908] 31-8-1930

Parece estar calor, mas nasce
          Subitamente
      Contra a minha face
Uma brisa fresca que se sente.

Assim também — pois comparar
          É que é poesia —
      A alma sente-se a 'sperar,
Mas sem que saiba em que confia.

[909] 31-8-1930

Gradual, desde que o calor
    Teve medo,
A brisa ganhou alma, à flor
    Do arvoredo.

Primeiro, os ramos agitaram
    As folhas que há,
Depois, cinzentos, oscilaram,
    E depois já

Toda a árvore era um movimento
    E o fresco viera.
Medita sem ter pensamento!
    Ignora e ’spera!

[910] 30-9-1930

Como um vento na floresta,
Minha emoção não tem fim.
Nada sou, nada me resta.
Não sei quem sou para mim.

E como entre os arvoredos
Há grandes sons de folhagem,
Também agito segredos
No fundo da minha imagem.

E o grande ruído do vento
Que as folhas cobrem de som
Despe-me do pensamento:
Sou ninguém, temo ser bom.

[911] 7-10-1930

Quanto fui peregrino
Do meu próprio destino!
Quanta vez desprezei
O lar que sempre amei!
Quanta vez, rejeitando
O que quisera ter,
Fiz dos versos um brando
Refúgio de não ser!…

E quanta vez, sabendo
Que a mim estava esquecendo,
E que quanto vivi —
Tanto era o que pedi —
Como o orgulhoso pobre
Ao rejeitado lar
Volvi o olhar, vil, nobre
Fidalgo só no chorar…

Mas quanta vez descrente
Do ser insubsistente
Com que no Carnaval
Da minha alma irreal
Vestira o que sentisse
Vi quem era, quem não sou
E tudo o que não disse
Os olhos me turvou…

Então, a sós comigo,
Sem me ter por amigo,
Criança ao pé dos céus,
Pus a mão na de Deus.
E no mistério 'scuro
Senti a antiga mão
Guiar-me, e fui seguro
Como a quem deram pão.

Por isso, a cada passo
Que meu ser triste e lasso
Sente sair do bem
Que a alma, se é própria, tem,
Minha mão de criança
Dou na de Deus e vou,
Sem medo nem esperança
Para aquele que sou.

[912] 7-10-1930

Do meio da rua
(Que é, aliás, o infinito)
Um pregão flutua,
Música num grito…

Como se no braço
Me tocasse alguém
Viro-me num espaço
Que o espaço não tem.

Outrora em criança
O mesmo pregão…
Não lembres… Descansa,
Dorme, coração!…

[913] 14-10-1930

Por quem foi que me trocaram
Quando estava a olhar para ti?
Pousa a tua mão na minha
E, sem me olhares, sorri.

Sorri do teu pensamento
Porque eu só quero pensar

Que é de mim que ele está feito
É que o tens para mo dar.

Depois aperta-me a mão
E vira os olhos a mim…
Por quem foi que me trocaram
Quando estás a olhar-me assim?

[914] 14-10-1930

Leve no cimo das ervas
O dedo do vento roça…
Elas dizem-me que sim…
Mas eu já não sei de mim
Nem do que queira ou que possa.

E o alto frio das ervas
Fica no ar a tremer…
Parece que me enganaram
E que os ventos me levaram
O com que me convencer.

Ou no relvado das ervas
Nem bole agora uma só.
Porque pus eu uma ’sperança
Naquela inútil mudança
De que nada ali ficou?

Mas o sossego das ervas
Não é o de há pouco já.
Que inda a lembrança do vento,
Me as move no pensamento
E eu tenho porque não há.

[915] 14-10-1930

Se tudo o que há é mentira.
É mentira tudo o que há.
De nada nada se tira
A nada nada se dá.

Se tanto faz que eu suponha
Uma coisa ou não, com fé,
Suponho-a se ela é risonha,
Se não é, suponho que é.

Que o grande jeito da vida
É pôr a vida com jeito.
Fana a rosa não colhida
Como a rosa posta ao peito.

Mais vale é o mais valer,
Que o resto urtigas o cobrem
E só se cumpra o dever
Para que as palavras sobrem.

[916] 15-10-1930

Cai chuva do céu cinzento
Que não tem razão de ser.
Até o meu pensamento
Tem chuva nele a escorrer.

Tenho uma grande tristeza
Acrescentada à que sinto.
Quero dizer-ma mas pesa
O quanto comigo minto.

Porque verdadeiramente
Não sei se estou triste ou não.

E a chuva cai levemente
(Porque Verlaine consente)
Dentro do meu coração.

[917] 18-10-1930

Passa entre as sombras de arvoredo
Um vago vento que parece
Que não passou, que passa a medo,
Ou que há porque desaparece.

O ouvido escuta o não ouvir,
A alma, no ouvido debruçada,
Sente uma angústia a não sentir
E quer melhor ou pior que nada.

É como quando a alma não tem
Quem ame, quem ’spere ou quem sinta,
Quando considerara um bem
O próprio mal, des que não minta,

E entre onde as sombras do arvoredo
Sequestram sons e brisas prendem,
Este não passar passa a medo
E certas folhas se desprendem.

Então porque há folhas que caem,
Volta a ilusão de haver o vento,
Mas elas, caindo hirtas, traem
Que não há brisa no momento.

Oh, som sozinho dessa queda
Das folhas secas no ermo chão,
Oh, som de nunca usada seda
Apertada na inútil mão,

Com que terrível semelhança
A qualquer voz feita em bruxedo,
Lembrais a morte e a desesperança,
E o que não passa passa a medo.

[918] 21-10-1930

Há um grande som no arvoredo.
Parece um mar que há lá em cima.
É o vento, e o vento faz um medo…
Não sei se um coração me estima…

Sozinho sob os astros certos
Meu coração não sai da vida…
Ó vastos céus, iguais e abertos,
Que é esta alma indefinida?

……………………………………

[919] 19-1-1931

Na orla do vento movem
Seus corpos mortos as folhas.
E ora das árvores chovem,
Ora onde inertes não movem
A chuva do outono molha-as.

Não há no meu pensamento
Vontade com que o pensar,
Não tenho neste momento
Nada no meu pensamento:
Sou como as folhas ao ar.

Mas elas certo não sentem
Esta mágoa inteira e funda

Que meus sentidos consentem.
Nada são e nada sentem
Da minha mágoa profunda.

[920] 19-1-1931

Cai amplo o frio e eu durmo na tardança
De adormecer. —
Sou, sem lar, nem conforto, nem esperança,
Nem desejo de os ter.

E um choro por meu ser me inunda
A imaginação.
Saudade vaga, anônima, profunda,
Náusea da indecisão.

Frio do inverno duro, não te tira
Agasalho ou amor.
Dentro em meus ossos teu tremor delira.
Cessa, seja eu quem for!

[921] 11-2-1931

Andavam de noite aos segredos
Só porque era noite…
Os bosques enchiam de medos
Quem quer que se afoite…

Diziam [?] palavras que pesam [?]
À sombra de alguém…
Ninguém os conhece, e passam…
Não eram ninguém…

Fica só na aragem e na ânsia
Saudade a fingir…

Foi como se fora a distância…
Eu torno a dormir.

[922] 11-2-1931

Parece às vezes que desperto
E me pergunto o que vivi;
Fui claro, fui real, é certo,
Mas como é que cheguei aqui?

A bebedeira às vezes dá
Uma assombrosa lucidez

Em que como outro a gente está.
Estive ébrio sem beber talvez.

E de aí, se pensar, o mundo
Não será feito só de gente
No fundo cheia de este fundo
De existir clara e ebriamente?

Entender, como um carrossel,
Giro em meu torno sem me achar…
(Vou escrever isto num papel
Para ninguém me acreditar…)

[923] 21-2-1931

O ruído vário da rua
Passa alto por mim que sigo.
Vejo: cada coisa é sua
Ouço: cada som é consigo.

Sou como a praia a que invade
Um mar que torna a descer.

Ah, nisto tudo a verdade
É só eu ter que morrer.

Depois de eu cessar, o ruído.
Não, não ajusto nada
Ao meu conceito perdido
Como uma flor na estrada.

[924] 26-2-1931

Cheguei à janela,
Porque ouvi cantar.
É um cego e a guitarra
Que estão a chorar.

Ambos fazem pena,
São uma coisa só
Que anda pelo mundo
A fazer ter dó.

Eu também sou um cego
Cantando na estrada,
A estrada é maior
E não peço nada.

[925] 1931

Eu amo tudo o que foi,
Tudo o que já não é,
A dor que já me não dói,
A antiga e errônea fé,
O ontem que dor deixou,
O que deixou alegria
Só porque foi, e voou
E hoje é já outro dia.

[926] 8-3-1931

Há um murmúrio na floresta,
Há uma nuvem e não já.
Há uma nuvem e nada resta
Do murmúrio que ainda está
No ar a parecer que há.

É que a saudade faz viver,
E faz ouvir, e ainda ver,
Tudo o que foi e acabará
Antes que tenha de o esquecer
Como a floresta esquece já.

[927] 8-3-1931

O vento tem variedade
Nas formas de parecer.
Se vens dizer-me a verdade,
Por que é que ma vens dizer?
Verdades, quem é que as quer?

Se a vida é o que é,
Então está bem o que está.
Para que ir pé ante pé
Até ontem e até já
E até onde nada há?

Enrola o cordão à roda
Do teu dedo sem razão.
Tudo é uma espécie de moda
E acaba na ocasião.
Quem te deu esse cordão?

[928] 8-3-1931

Já ouvi doze vezes dar a hora
No relógio que diz que é meio-dia
A toda a gente que aqui perto mora.
(O comentário é do Camões agora:)
“Tanto que espera! Tanto que confia!”
Como o nosso Camões, qualquer podia
Ter dito aquilo, até outrora.

E ainda é uma grande coisa a ironia.

[929] 8-3-1931

Paisagens, quero-as comigo.
Paisagens, quadros que são…
Ondular louro do trigo,
Faróis de sóis que sigo,
Céu mau, juncos, solidão…

Uma pela mão de Deus,
Outras pelas mãos das fadas,
Outras por acasos meus,
Outras por lembranças dadas…

Paisagens… Recordações,
Porque até o que se vê
Com primeiras impressões
Algures foi o que é,
No ciclo das sensações.

Paisagens… Enfim, o teor
Da que está aqui é a rua
Onde ao sol bom do torpor
Que na alma se me insinua

Não vejo nada melhor.

[930] 13-3-1931

Sonhei. Desperto. Um tédio doloroso
De ter sonhado, ou então despertar,
Me ocupa o espírito indeciso e ocioso.
Sou como o movimento do alto mar,
Que parece existir sem avançar.

Não me lembro qual foi o sonho ido,
Nem se portanto a sua ausência dói.
Grandes e vagas coisas hei dormido.
Sou como o alto mar quando o sol foi:
Uma novela imensa sem herói.

Nem mesmo sei se o sonho deixa mágoas
Que sei eu do que sou ou quero ter?
Sou como o alto mar da noite: as águas
No mesmo movimento a ter que ser,
Um som, um brilho escuro, arrefecer…

[931] 13-3-1931

Quando é que o cativeiro
Acabará em mim,
E, próprio dianteiro,
Avançarei enfim?

Quando é que me desato
Dos laços que me dei?
Quando serei um fato?
Quando é que me serei?

Quando, ao virar da esquina

De qualquer dia meu,
Me acharei alma digna
Da alma que Deus me deu?

Quando é que será quando?
Não sei. E até então
Viverei perguntando:
Perguntarei em vão.
……………………………………

[932] 17-3-1931

No fundo do pensamento
Tenho por sono um cantar,
Um cantar velado e lento,
Sem palavras a falar.

Se eu o pudesse tornar
Em palavras de dizer
Todos haviam de achar
O que ele está a esconder.

Todos haviam de ter
No fundo do pensamento
A novidade de haver
Um cantar velado e lento.

E cada um, desatento
Da vida que tem que achar,
Teria o contentamento
De ouvir esse meu cantar.

[933] 27-3-1931

O mau aroma álacre
Da maresia

Sobe no esplendor acre
Do dia.

Falsa, a ribeira é lodo
Ainda a aguar.
Olho, e o que sou está todo
A não olhar.

E um mal de mim a deixa.
Tenho lodo em mim…
Ribeira que se queixa
De o rio ser assim.

[934] 28-3-1931

Vão breves passando
Os dias que tenho.
Depois de passarem
Já não os apanho.

De aqui a tão pouco
Ainda acabou.
Vou ser um cadáver
Por quem se rezou.

E entre hoje e esse dia
Farei o que fiz:
Ser qual quero eu ser,
Feliz ou infeliz.

[935] 30-3-1931

Não tenho quinta nenhuma.
Se a quero ter pra sonhar,
Tenho que a extrair da bruma

Do meu mole meditar.

E então, desfazendo a névoa
Que há sempre dentro de nós,
Progressivamente elevo-a
Até uma quinta a sós.

Vejo os tanques, vejo as calhas
Por onde a água vai pequena,
Vejo os caminhos com falhas,
Vejo a eira erma e serena.

E, contente deste nada
Que em mim mesmo faço externo,
Gozo a frescura relvada
Da não quinta em que me interno.

Vilegiatura impossível,
Dou-lhe nós para lembrar,
E esqueço-a ao primeiro nível
Do meu mole meditar.

[936] 30-3-1931

Fito-me frente a frente
E conheço quem sou.
Estou louco, é evidente,
Mas que louco é que estou?

É por ser mais poeta
Que gente que sou louco?
Ou é por ter completa
A noção de ser pouco?

Não sei, mas sinto morto
O ser vivo que tenho.

Nasci como um aborto
Salvo a hora e o tamanho.

[937]

Em plena vida e violência
De desejo e ambição,
De repente uma sonolência
Cai sobre a minha consciência,
Desce ao meu próprio coração.

Será que a mente, já, desperta
Da noção falsa de viver,
Vê que, pela janela aberta,
Há uma paisagem toda incerta
E um sonho todo a apetecer?

[938] 3-4-1931

Não sei ser triste a valer
Nem ser alegre deveras.
Acreditem: não sei ser.
Serão as almas sinceras
Assim também, sem saber?

Ah, ante a ficção da alma
E a mentira da emoção,
Com que prazer me dá calma
Ver uma flor sem razão
Florir sem ter coração!

Mas enfim não há diferença.
Se a flor flore sem querer,
Sem querer a gente pensa.
O que nela é florescer

Em nós é ter consciência.

Depois, a nós como a ela,
Quando o Fado a faz passar,
Surgem as patas dos deuses
E a ambos nos vêm calcar.

’Stá bem, enquanto não vêm
Vamos florir ou pensar.

[939] 5-4-1931

Tenho sono em pleno dia:
Não sei de que, tenho pena.
Sou como uma maresia.
Dormi mal e a alma é pequena.

Nos tanques da quinta de outrem
É que gorgoleja bem.
Quanto as saudades encontrem,
Tanto minha alma não tem.
……………………………………

[940] 5-4-1931

Sou um evadido.
Logo que nasci
Fecharam-me em mim,
Ah, mas eu fugi.

Se a gente se cansa
Do mesmo lugar,
Do mesmo ser
Por que não se cansar?

Minha alma procura-me
Mas eu ando a monte.

Oxalá que ela
Nunca me encontre.

Ser um é cadeia,
Ser eu, é não ser.
Viverei fugindo
Mas vivo a valer.

[941] 5-4-1931

As nuvens são sombrias
Mas, nos lados do sul,
Um bocado do céu
É tristemente azul.

Assim, no pensamento,
Sem haver solução,
Há um bocado que lembra
Que existe o coração.

E esse bocado é que é
A verdade que está
A ser beleza eterna
Para além do que há.

[942] 18-4-1931

Guardo ainda, como um pasmo
Em que a infância sobrevive,
Metade do entusiasmo
Que tenho porque já tive.

Quase às vezes me envergonho
De crer tanto em que não creio.
É uma espécie de sonho
Com a realidade ao meio.

Girassol do falso agrado,
Em torno do centro do mundo
Fala, amarelo, pasmado
Do negro centro que é tudo.

[943] 1-5-1931

Se penso mais que um momento
Na vida que eis a passar,
Sou para o meu pensamento
Um cadáver a esperar.

Dentro em breve (poucos anos
É quanto vive quem vive),
Eu, anseios e enganos,
Eu, quanto tive ou não tive,

Deixarei de ser visível
Na terra onde dá o sol,
E, ou desfeito e insensível,
Ou ébrio de outro arrebol,

Terei perdido, suponho,
Contato quente e humano
Com a terra, com o sonho,
Com mês a mês e ano a ano.

Por mais que o Sol doure a face
Dos dias, o espaço mudo
Lembra-nos que isso é disfarce
E que é a noite que é tudo.

[944] 30-5-1931

Não digas que, sepulto, já não sente

O corpo, ou que a alma vive eternamente.
Que sabes tu do que não sabes? Bebe!
Só tens de certo o nada do presente.

Depois da noite, ergue-se do remoto
Oriente, com um ar de ser ignoto,
Frio, o crepúsculo da madrugada…
Do nada do meu sono ignaro broto.

Deixa aos que buscam o buscar, e a quem
Busca buscar julgar que busca bem.
Quem temos nós com Deus e ele conosco?
Com qualquer coisa o que é que uma outra tem?

Sultão após sultão esta cidade
Passou, e hora após hora a vida, que há de
Durar nela enquanto ela aqui durar,
Nem ao sultão ou a nós deu a verdade.

[945] 2-7-1931

Desfaze a mala feita pra a partida!
    Chegaste a ousar a mala?
Que importa? Desesperas ante a ida
    Pois tudo a ti te iguala.

Sempre serás o sonho de ti mesmo.
    Vives tentando ser,
Papel rasgado de um intento, a esmo
    Atirado ao descrer.

Como as correias cingem, quase estala,
    Tudo o que vais levar.
Mas é só a mala e não a vida na mala.
    Que há de sempre ficar!

[946] 2-7-1931

Se estou só, quero não ’star,
Se não ’stou, quero ’star só.
Enfim, quero sempre estar
Da maneira que não estou.

Ser feliz é ser aquele.
E aquele não é feliz.
Porque pensa dentro dele
E não do que eu dele fiz.

A gente faz o que quer
Daquilo que não é nada,
Mas também se o não fizer,
Fica perdido na estrada.

[947] 2-7-1931

Bem, hoje que estou só e posso ver
    Com o poder de ver do coração
Quanto não sou, quanto não posso ser,
    Quanto, se o for, serei em vão,

Hoje, vou confessar, quero sentir-me
    Definitivamente ser ninguém,
E de mim mesmo, altivo, demitir-me
    Por não ter procedido bem.

Falhei a tudo, mas sem galhardias,
    Nada fui, nada ousei e nada fiz,
Nem colhi nas urtigas dos meus dias,
    A flor de parecer feliz.

Mas fica sempre, porque o pobre é rico
    Em própria casa, se procurar bem,

A grande indiferença com que fico.
        E um sonho… Escrevo-o para o lembrar bem.

[948] 27-7-1931

No céu da noite que começa
Nuvens de um vago negro brando
Numa ramagem pouco espessa
Vão no ocidente tresmalhando.

Aos sonhos que não sei me entrego
Sem nada procurar sentir
E estou em mim como em sossego,
Pra sono falta-me dormir.

Deixei atrás nas horas ralas
Caídas uma outra ilusão
Não volto atrás a procurá-las,
Já estão formigas onde estão.

INCIDENTE

[949] 1931

Dói-me no coração
Uma dor que me envergonha…
Quê! Esta alma que sonha
O âmbito todo do mundo
Sofre de amor e tortura
Por tão pequena coisa…
Uma mulher curiosa
E o meu tédio profundo?

[950] 1931

Não fiz nada, bem sei, nem o farei.
Mas de não fazer nada isto tirei,
Que fazer tudo e nada é tudo o mesmo,
Quem sou é o espectro do que não serei.

Vivemos aos encontros do abandono
Sem verdade, sem dúvida nem dono.
Boa é a vida, mas melhor é o vinho.
O amor é bom, mas é melhor o sono.

[951] 9-8-1931

Quando estou só reconheço
Se por momentos me esqueço
Que existo entre outros que são
Como eu sós, salvo que estão
Alheados desde o começo.

E sinto quanto estou
Verdadeiramente só,
Sinto-me livre mas triste,
Vou livre para onde vou,
Mas onde vou nada existe.

Creio contudo que a vida
Devidamente entendida,
É toda assim, toda assim.
Por isso passo por mim
Como por coisa esquecida.

[952] 7-9-1931

Vê-la faz pena de ’sperança.
Loura, olha azul com expansão.
Tem um sorriso de criança:

Sorri até ao coração.

Não saberia ter desdém.
Criança adulta, [ ]
Parece quase mal que alguém
Venha a violá-la por mulher.

Seus olhos, lagos de alma de água,
Têm céus de uma intenção menina.
De eu vê-la, ri-me a minha mágoa
Tornada loura e feminina.
…………………………………………

[953] 23-10-1931

Uma maior solidão
Lentamente se aproxima
Do meu triste coração.

Enevoa-se-me o ser
Como um olhar a cegar…
A cegar, a escurecer.

Jazo-me sem nexo, ou fim…
Tanto nada quis de nada,
Que hoje nada o quer de mim.

[954] 23-10-1931

Chove. Que fiz eu da vida?
Fiz o que ela fez de mim…
De pensada, mal vivida…
Triste de quem é assim!

Numa angústia sem remédio

Tenho febre na alma, e, ao ser,
Tenho saudade, entre o tédio,
Só do que nunca quis ter…

Quem eu pudera ter sido,
Que é dele? Entre ódios pequenos
De mim, ’stou de mim partido.
Se ao menos chovesse menos!

[955] 14-11-1931

Vem dos lados da montanha
Uma canção que me diz
Que, por mais que a alma tenha,
Sempre há de ser infeliz.

O mundo não é seu lar
E tudo que ele lhe der
São coisas que estão a dar
A quem não quer receber.

Diz isto? Não sei. Nem voz
Chega música, à janela
Onde me medito a sós
Como o luzir de um estrela.

[956] 14-11-1931

Desperto sempre antes que raie o dia
E escrevo com o sono que perdi.
Depois, neste torpor em que a alma é fria,
Aguardo a aurora, que já tantas vi.

Fito-a sem atenção, cinzento verde
Que se azula de galos a cantar.

Que mau é não dormir! A gente perde
O que a morte nos dá pra começar.

Oh primavera pintada, aurora,
Ensina ao meu torpor, em que a alma é fria,
O que é que na alma lívida a colora
Com o que vai acontecer ao dia.

[957] 14-11-1931

Clareia cinzenta a noite de chuva,
Que o dia chegou.
E o dia é um traje já velho de viúva
Que alguém desmanchou

Ainda sem luz, salvo o claro do escuro,
O céu chove aqui,
E ainda é um silêncio, ainda é um muro
Ausente de si.

Não sei que tarefa terei este dia;
Que é inútil já sei…
E fito, de longe, minha alma, já fria
Do que não farei.

[958] 14-11-1931

A lua (dizem os ingleses)
É feita de queijo verde.
Por mais que pense mil vezes
Sempre uma ideia se perde.

E era essa, era, era essa,
Que haveria de salvar
Minha alma da dor da pressa,

De… não sei se é desejar.

Sim, todos os meus revezes
São de estar sentir pensando…
A Lua (dizem os ingleses)
É azul de quando em quando.

[959] 25-12-1931

As lentas nuvens fazem sono,
O céu azul faz bom dormir.
Boio, num íntimo abandono.
À tona de me não sentir.

E é suave, como um correr de água,
O sentir que não sou alguém,
Não sou capaz de gozo ou mágoa.
Minha alma é aquilo que não tem.

Que bom, à margem do ribeiro
Saber que é ele que vai indo…
E só em sono eu vou primeiro,
E só em sonho eu vou seguindo.

SEGUNDO GRAU

[960] 23-2-1932

Há um frio e um vácuo no ar.
’Stá sobre tudo a pairar,
Cinzento-preto, o luar.

Luar triste de antemanhã
De outro dia e sua vã
’Sperança e inútil afã.

É como a morte de alguém
Que era tudo que a alma tem
E que não era ninguém.
Absurdo erro disperso
No ’spaço, água onde é imerso
O cadáver do universo

É como o meu coração
Frio da vaga opressão
Da antemanhã da visão.

[961] 1932

E toda a noite a chuva veio
E toda a noite não parou,
E toda a noite o meu anseio
No som da chuva triste e cheio
Sem repousar se demorou.

E toda a noite ouvi o vento
Por sobre a chuva irreal soprar
E toda a noite o pensamento
Não me deixou um só momento
Como uma maldição do ar.

E toda a noite não dormida
Ouvi bater meu coração
Na garganta da minha vida.

[962] 1932

Eu tenho ideias e razões.
Conheço a cor dos argumentos
E nunca chego aos corações.

[963] 26-4-1932

Não, não é nesse lago entre rochedos,
Nem nesse extenso e espúmeo beira-mar,
Nem na floresta ideal cheia de medos
Que me fito a mim mesmo e vou pensar.

É aqui, neste quarto de uma casa,
Aqui entre paredes sem paisagem,
Que vejo o romantismo, que foi asa
Do que ignorei de mim, seguir viagem.

É em nós que há os lagos todos e as florestas;
Se vemos claro no que somos, é
Não porque as ondas quebrem as arestas
Verdes em branco [ ]

[964] 26-4-1932

Tenho principalmente não ter nada.
Dormir seria sono se o tivesse.

[965] 1932

Pálida sombra esvoaça
Como só fingindo ser
Por entre o vento que passa
E altas nuvens a correr.

Mal se sabe se existiu,
Se foi erro tê-la visto,
Sombra de sombra fluiu
Entre tudo de onde disto.

Nem me resta uma memória,

É como se alguém confuso
Se não lembrasse da história.

[966] 19-5-1932

Passa no sopro da aragem
Que um momento o levantou,
Um vago anseio de viagem
Que o coração me toldou.

Será que em seu movimento
A brisa lembre a partida,
Ou que a largueza do vento
Lembre o ar livre da vida?

Não sei, mas subitamente
Sinto a tristeza de estar
O sonho triste que há rente
Entre sonhar e sonhar.

[967] 13-6-1932

Lembro-me ou não? Ou sonhei?
Flui como um rio o que sinto.
Sou já quem nunca serei
Na certeza em que me minto.

O tédio de horas incertas
Pesa no meu coração,
Paro ante as portas abertas
Sem escolha nem decisão.

[968] 14-6-1932

Basta pensar em sentir
Para sentir em pensar.
Meu coração faz sorrir
Meu coração a chorar.
Depois de parar de andar,
Depois de ficar e ir,
Hei de ser quem vai chegar
Para ser quem quer partir.

Viver é não conseguir.

[969] 17-6-1932

Como nuvens pelo céu
Passam os sonhos por mim.
Nenhum dos sonhos é meu
Embora eu os sonhe assim.

São coisas no alto que são
Enquanto a vista as conhece,
Depois são sonhos que vão
Pelo campo que arrefece.

Símbolos? sombras? Quem torna
Meu coração ao que foi?
Que dor de mim me transtorna?
Que coisa inútil me dói?

[970] 28-7-1932

Porque sou tão triste ignoro
Nem porque subis em mim
Lágrimas que eu choro assim;
Desde menino vos choro
E ainda não vos achei fim.

……………………………………

[971] 1932

O que o seu jeito revela
Sabe à vista como um gomo,
E a vida tem fome dela
Nos dentes do seu assomo.

E nele mesmo, vibrante
A esse corpo de amor,
Espreita, próximo e distante,
O seu tigre interior.
……………………………………

[972] 1932

Nos jardins municipais
As flores também são flores.
Assim, na vida e no mais,
Que a vida é de estupores,

Podemos todos ser nossos
E fluir como quem somos.
Quando a casa é só destroços
É que a fruta é só de gomos.

[973] 1932

Por que, ó Sagrado, sobre a minha vida
Derramaste o teu verbo?
Por que há de a minha partida
A coroa de espinhos da verdade [?]
Antes eu era sábio sem cuidados,

Ouvia, à tarde finda, entrar o gado
E o campo era solene e primitivo.
Hoje que da verdade sou o escravo
Só no meu ser tenho de a ter o travo,
Estou exilado aqui e morto vivo.

Maldito o dia em que pedi a ciência!
Mais maldito o que a deu porque me a deste!
Que é feito dessa minha inconsciência
Que a consciência, como um traje, veste?
Hoje sei quase tudo e fiquei triste…
Por que me deste o que pedi, ó Santo?
Sei a verdade, enfim, do Ser que existe.
Prouvera a Deus que eu não soubesse tanto!

[974] 9-8-1932

Quando já nada nos resta
É que o mudo sol é bom.
O silêncio da floresta
É de muitos sons sem som.

Basta a brisa pra sorriso.
Entardecer é quem esquece.
Dá nas folhas o impreciso,
E mais que o ramo estremece.

Ter tido ’sperança fala
Como quem conta a cantar.
Quando a floresta se cala
Fica a floresta a falar.

[975] 1932

Aquele peso em mim — meu coração.

[976] 1932

O sol dourava-te a cabeça loura.
És morta. Eu vivo. Ainda há mundo e aurora.

[977] 10-8-1932

A aranha do meu destino
Faz teias de eu não pensar.
Não soube o que era em menino,
Sou adulto sem o achar.
É que a teia, de espalhada
Apanhou-me o querer ir…

Sou uma vida balançada
Na consciência de existir.
A aranha da minha sorte
Faz teia de muro a muro…
Sou presa do meu suporte.

[978] 10-8-1932

No meu sonho estiolaram
As maravilhas de ali,
No meu coração secaram
As lágrimas que sofri.
Mas os que amei não acharam
Quem eu era, se era em si,
E a sombra veio e notaram
Quem fui e nunca senti.

[979] 14-8-1932

Lâmpada deserta,
No átrio sossegado.
Há sombra desperta
Onde se ergue o estrado.

No estrado está posto
Um caixão floral.
No átrio está exposto
O corpo fatal.

Não dizem quem era
No sonho que teve.
E a sombra que o espera
É a vida em que esteve.

[980] 14-8-1932

Ah, como incerta, na noite em frente,
De uma longínqua tasca vizinha
Uma ária antiga, subitamente,
Me faz saudades do que as não tinha.

A ária é antiga? É o a guitarra.
Da ária mesma não sei, não sei.
Sinto a dor sangue, não vejo a garra.
Não choro, e sinto que já chorei.

Qual o passado que me trouxeram?
Nem meu nem de outro, é só passado:
Todas as coisas que já morreram
A mim e a todos, no mundo andado.

É o tempo, o tempo que leva a vida
Que chora e choro na noite triste.
É a mágoa, a queixa mal definida

De quanto existe, só porque existe.

[981] 14-8-1932

Vinha elegante, depressa,
Sem pressa e com um sorriso,
E eu, que sinto co a cabeça,
Fiz logo o poema preciso.

No poema não falo dela
Nem como, adulta menina,
Virava a esquina daquela
Rua que é a eterna esquina…

No poema falo do mar,
Descrevo a onda e a mágoa.
Relê-lo faz-me lembrar
Da esquina dura — ou da água.

[982] 14-8-1932

Lá fora onde árvores são
O que se mexe a parar
Não vejo nada senão,
Depois das árvores, o mar.

É azul intensamente,
Salpicado de luzir,
E tem na onda indolente
Um suspirar de dormir.

Mas nem durmo eu nem o mar,
Ambos nós, no dia brando,
E ele sossega a avançar
E eu não penso e estou pensando.

[983] 19-8-1932

Ah, só eu sei
Quanto dói meu coração
Sem fé nem lei,
Sem melodia nem razão.

Só eu, só eu,
E não o posso dizer
Porque sentir é como o céu,
Vê-se mas não há nele que ver.

[984] 24-8-1932

Nada que sou me interessa.
Se existe em meu coração
Qualquer coisa que tem pressa
Terá pressa em vão.

Nada que sou me pertence.
Se existo em que me conheço
Qualquer coisa que me vence
Depressa a esqueço.

Nada que sou eu serei.
Sonho, e só existe em meu ser,
Um sonho do que terei.
Só que o não hei de ter.

[985] 29-8-1932

O ponteiro dos segundos
É o exterior de um coração.
Conta a minutos os mundos,
Que os mundos são sensação.

Vejo, como quem não vê
Seu curso em círculo dar
Um sentido aqui ao pé
Do universo todo no ar.

…………………………………

[986] 1932

Em outro mundo, onde a vontade é lei,
Livremente escolhi aquela vida
Com que primeiro neste mundo entrei.
Livre, a ela fiquei preso e eu a paguei
Com o preço das vidas subsequentes
De que ela é a causa, o deus; e esses entes,
Por ser quem fui, serão o que serei.

Por que pesa em meu corpo e minha mente
Esta miséria de sofrer? Não foi
Minha a culpa e a razão do que me dói.

Não tenho hoje memória, neste sonho
Que sou de mim, de quanto quis ser eu.
Nada de nada surge do medonho
Abismo de quem sou em Deus, do meu
Ser anterior a mim, a me dizer
Quem sou, esse que fui quando no céu,
Ou o que chamam céu, pude querer.

Sou entre mim e mim o intervalo —
Eu, o que uso esta forma definida
De onde para outra ulterior resvalo.
Em outro mundo [ ]

[987] 31-8-1932

Minhas mesmas emoções
São coisas que me acontecem.

[988] 13-9-1932

Depois que o som da terra, que é não tê-lo,
Passou, nuvem obscura, sobre o vale
E uma brisa afastando meu cabelo
Me diz que fale, ou me diz que cale,
A nova claridade veio, e o sol
Depois, ele mesmo, e tudo era verdade,
Mas quem me deu sentir e a sua prole?
Quem me vendeu nas hastas da vontade?
Nada. Uma nova obliquação da luz,
Interregno factício onde a erva esfria.
E o pensamento inútil se conduz
Até saber que nada vale ou pesa.
E não sei se isto me ensimesma ou alheia,
Nem sei se é alegria ou se é tristeza.

[989] 1932

Rala cai chuva. O ar não é escuro. A hora
Inclina-se na haste; e depois volta.
Que bem a fantasia se me solta!
Com que vestígios me descobre agora!

Tédio dos interstícios, onde mora
A fazer de lagarto. — O muro escolta
E esse muro sou eu e o que em mim chora.
A minha eterna angústia de revolta

Não digas mais, pois te ignorei cativo…

Teus olhos lembram o que querem ser,
Murmúrio de águas sobre a praia, e o esquivo
Langor do poente que me faz esquecer.
Que real que és! Mas eu, que vejo e vivo,
Perco-te, e o som do mar faz te perder.

[990]

Eh, como outrora era outra a que eu não tinha!
Como amei quando amei! Ah, como eu via
Como e com olhos de quem nunca lia
Tinha o trono onde ter uma rainha.

Sob os pés seus a vida me espezinha.
Reclinando-te tão bem? A tarde esfria…
Ó mar sem cais nem lado na maresia,
Que tens comigo, cuja alma é a minha?

Sob uma umbela de chá embaixo estamos
E é súbita a lembrança
Da velha quinta e do espalmar dos ramos
Sob os quais a merendar — Oh, amor da glória!
Fecharam-me os olhos para toda a história!
Como sapos saltamos e erramos…

[991] 22-9-1932

Oscila o incensório antigo
Em fendas e ouro ornamental.
Sem atenção, absorto sigo
Os passos lentos do ritual

Mas são os braços invisíveis
E são os cantos que não são
E os incensórios de outros níveis

Que vê e ouve o coração.

Ah, sempre que o ritual acerta
Seus passos e seus ritmos bem,
O ritual que não há desperta
E a alma é o que é, não o que tem.

Oscila o incensório visto,
Ouvidos cantos ’stão no ar,
Mas o ritual a que eu assisto
É um ritual de relembrar.

No grande Templo antenatal,
Antes de vida e alma e Deus…
E o xadrez do chão ritual
É o que é hoje a terra e os céus…

[992] 24-9-1932

Ouço sem ver, e assim, entre o arvoredo,
Vejo ninfas e faunos entremear
As árvores que fazem sombra ou medo
E os ramos que sussurram de eu olhar.

Mas que foi que passou? Ninguém o sabe.
Desperto, e ouço bater o coração —
Aquele coração em que não cabe
O que fica da perda da ilusão.

Eu quem sou, que não sou meu coração?

[993] 1932

Por que esqueci quem fui quando criança?
Por que deslembra quem então era eu?

Por que não há nenhuma semelhança
Entre quem sou e fui?
A criança que fui vive ou morreu?
Sou outro? Veio um outro em mim viver?
A vida, que em mim flui, em que é que flui?
Houve em mim várias almas sucessivas
Ou sou um só inconsciente ser?

[994] 1932

Ser consciente é talvez um esquecimento.
Talvez pensar um sonho seja, ou um sono.
Talvez dormir seja, um momento,
Voltar o ’spírito nosso a ser seu dono.

Quem me diz que o rochedo bruto e quedo
Não é o verdadeiro consciente —
O êxtase perene de uma mente
Que deixa o corpo hirto ser rochedo?

Só a morte o diz — mas quem me diz que o diz?

[995] 4-10-1932

Quanto fui jaz. Quanto serei não sou.
No intervalo entre o que sou e estou,
A natureza exterior, tem Sol.
Mas, se tem Sol, há Sol. Ao Sol me dou.

Não queiras, com submissa segurança,
Ter saudade de ter esperança.
Tem antes saudade de não a ter.
Se anônimo, súbito e criança.

Nada ’speres que nada salvo nada

Obtém que[m] spera: é como quem à estrada
Lance olhos de esperar que alguém lhe chegue
Só porque a estrada é feita para andada.

Ninguém suporta o peso mau dos dias
Salvo por interpostas alegrias.
Bebe, que assim serás o intervalo
Entre o que criarás e o que não crias.

Quantas vezes o mesmo poente alheio
Sobre meu sonho, como um sonho, veio!
Quantas vezes o tive por augusto!
Tantas, tornando noite, perde o enleio.

Bebe. Se escutas, ouves só o ruído
Que ervas ou folhas trazem ao ouvido.
É do vento, que é nada. Assim é o mundo:
Um movimento regular de olvido.

[996] 5-11-1932

Uma névoa de outono o ar raro vela,
Cores de meia-cor pairam no céu.
O que indistintamente se revela,
Árvores, casas, montes, nada é meu.

Sim, vejo-o, e pela vista sou seu dono.
Sim, sinto-o eu pelo coração, o como.
Mas entre mim e ver há um grande sono.
De sentir é só a janela a que eu assomo.

Amanhã, se estiver um dia igual,
Mas se for outro, porque é amanhã,
Terei outra verdade, universal,
E será como esta [ ]

[997] 6-11-1932

Que suave é o ar! Como parece
Que tudo é bom na vida que há!
Assim meu coração pudesse
Sentir essa certeza já.

Mas não; ou seja a selva escura
Ou seja um Dante mais diverso,
A alma é literatura
E tudo acaba em nada e verso.

[998] 1932

Do seu longínquo reino cor-de-rosa,
Voando pela noite silenciosa,
A fada das crianças vem, luzindo.
Papoulas a coroam, e, cobrindo
Seu corpo todo, a tornam misteriosa.

À criança que dorme chega leve,
E, pondo-lhe na fronte a mão de neve,
Os seus cabelos de ouro acaricia —
E sonhos lindos, como ninguém teve,
A sentir a criança principia.

E todos os brinquedos se transformam
Em coisas vivas, e um cortejo formam:
Cavalos e soldados e bonecas,
Ursos e pretos, que vêm, vão e tornam,
E palhaços que tocam em rabecas…

E há figuras pequenas e engraçadas
Que brincam e dão saltos e passadas…
Mas vem o dia, e, leve e graciosa,

Pé ante pé, volta a melhor das fadas
Ao seu longínquo reino cor-de-rosa.

[999] 1932

Entre o sossego e o arvoredo,
Entre a clareira e a solidão,
Meu devaneio passa a medo
Levando-me a alma pela mão.
É tarde já, e ainda é cedo.

……………………………………

LIGÉA

[1.000] 16-11-1932

Não quero ir onde não há luz,
Do outro lado abóbada do solo,
Ínfera imensa cripta, não mais ver
As flores, nem o curso ao sol de rios,
Nem onde as estações que se sucedem
Mudam no campo o campo. Ali, no escuro.
Só sombras múrmuras, êxuis de tudo,
Salvo da saudade, eternas moram;
Região aos mesmos íncolas incógnita,
Dos naturais, se os tem, desconhecida.
Ali talvez só lírios cor de cinza

Surgirão pálidos da noite imota.
Ali talvez só pelo som com as águas,
Como a cegos, serão, e o surdo curso,
No côncavo sossego lamentoso,
Se acaso à vista habituada aclare,
Será como um cinzento tédio externo.

Não quero o pátrio sol de toda a terra
Deixar atrás, descendo, passo a passo,
A escadaria cujos degraus são
Sucessivos aumentos de negrume,
Até ao extremo solo e noite inteira.

Para que vim a esta clara vida?
Para que vim, se um dia hei de cair
Da haste dela? Para que no solo
Se abre o poço da ida? Por que não
Será sem o fim [ ]

[1.001] 11-12-1932

Nesta vida, em que sou meu sono,
Não sou meu dono,
Quem sou é quem me ignoro e vive
Através desta névoa que sou eu
Numa só vida que eu outrora tive.
Mar sou; baixo marulho ao alto rujo,
Mas minha cor vem do meu alto céu,
E só me encontro quando de mim fujo.

Quem quando eu era infante me guiava
Senão a vera alma que em mim estava?;
Atada pelos braços corporais,
Não podia ser mais.
Mas, certo, um gesto, olhar ou esquecimento
Também, aos olhos de quem bem olhasse,
A Presença Real sob o disfarce
Da minha alma presente sem intento.
…………………………………………………….

Vejo passar os barcos pelo mar,
Suas velas, como asas do que vejo

Trazem-me um vago e nítido desejo
De ser quem foi, sem eu saber que foi.
Por isso tudo lembra o meu ser lar,
E porque o lembra quanto sou me dói.

[1.002] 15-12-1932

Vai pela estrada que na colina
É um risco branco na encosta verde —
Risco que em arco sobe e declina
E, sem que iguale, se à vista perde —,

A cavalgada, formigas, cores,
De gente grande que aqui passou.
Eram dois sexos multicolores
E riram muitos por onde estou.

Por certo alegres assim prosseguem.
Quem porém sabe se o não sou mais —
Eu, só de vê-los e como seguem;
Eu, só de achá-los todos iguais?

Eles para eles são um do outro;
Pra mim são todos — a cavalgada —,
Numa alegria, distante e neutro,
Que a nenhum deles pode ser dada.

Os sentimentos não têm medida,
Nem, de uns para outros, comparação.
Vai já na curva que é a descida
A cavalgada meu coração.

[1.003] 16-12-1932

Vi passar, num mistério concedido,

Um cavaleiro negro e luminoso
Que, sob um grande pálio rumoroso,
Seguia lento com o seu sentido.

Quatro figuras que lembrando olvido
Erguiam alto as varas, e um lustroso
Torpor de luz dormia tenebroso
Nas dobras desse pano estremecido.

Na fronte do vencido ou vencedor
Uma coroa pálida de espinhos
Lhe dava um ar de ser rei e senhor.

[1.004] 25-12-1932

Ladram uns cães a distância
Cai uma tarde qualquer,
Na brisa vem a fragrância
De campo, e eu deixo de ver.

Um sonho meio sonhado
Em que o campo transparece,
Está no ar, está a meu lado,
Ora me lembra ora me esquece.

E assim neste ócio profundo
Sem males vistos ou bens,
Sinto que todo este mundo
É um lugar onde ladram cães.

[1.005] 9-1-1933

Leves véus velam, nuvens vãs, a lua.
Crepúsculo na noite…, e é triste ver,
Em vez da límpida amplitude nua

Do céu, a noite e o céu a escurecer.

A noite é úmida de conhecer,
Sem que umidade de água seja sua.

[1.006] 9-1-1933

Quero, terei —
Se não aqui,
Noutro lugar que inda não sei.
Nada perdi.
Tudo serei.

[1.007] 20-1-1933

Olhando o mar, sonho sem ter de quê.
Nada no mar, salvo o ser mar, se vê.
Mas de se nada ver quanto a alma sonha!
De que me servem a verdade e a fé?

Ver claro! Quantos, que fatais erramos,
Em ruas ou em estradas ou sob ramos,
Temos esta certeza e sempre e em tudo
Sonhamos e sonhamos e sonhamos.

As árvores longínquas da floresta
Parecem, por longínquas, ‘star em festa.
Quanto acontece porque se não vê!
Mas do que há ou não há o mesmo resta.

Se tive amores? Já não sei se os tive.
Quem ontem fui já hoje em mim não vive.
Bebe, que tudo é líquido e embriaga,
E a vida morre enquanto o ser revive.

Colhes rosas? Que colhes, se hão de ser
Motivos coloridos de morrer?
Mas colhe rosas. Porque não colhê-las
Se te agrada e tudo é deixar de o haver?

[1.008] 24-1-1933

É um campo verde e vasto,
Sozinho sem saber,
De vagos gados pasto,
Sem águas a correr.

Só campo, só sossego,
Só solidão calada.
Olho-o, e nada nego
E não afirmo nada.

Aqui em mim me exalço
No meu fiel torpor.
O bem é pouco e falso,
O mal é erro e dor.

Agir é não ter casa.
Pensar é nada ter.
Aqui nem brisa na asa,
Nem razão para a haver.

E um vago sono desce
Só por não ter razão,
E o mundo alhures esquece
À vista e ao coração.

Torpor que alastra e excede
O campo e o gado e os ver.
A alma nada pede

E o corpo nada quer.

Feliz sabor de nada,
Insciência de mundo,
Aqui sem porto ou estrada,
Nem horizonte ao fundo.

[1.009] 1-2-1933

Falhei. Os astros seguem seu caminho.
Minha alma, outrora um universo meu,
É hoje, sei, um lúgubre escaninho
De consciência sob a morte e o céu.

Falhei. Quem sou vivi só de supô-lo.
O que tive por meu ou por haver
Fica sempre entre um polo e o outro polo
Do que me nunca há de pertencer.

Falhei. Enfim! Consegui ser quem sou,
O que é já nada, com a lenha velha
Onde, pois valho só quando me dou,
Pegarei facilmente uma centelha.

[1.010] 10-2-1933

Deixei de ser aquele que esperava…
Isto é, deixei de ser quem nunca fui.
Entre onda e onda a onda não se cava,
E tudo, em ser conjunto, baixa e flui.

A seta dorme, inerme, na ampla aljava,
O presente ao futuro cria e imbui.
Se os mares erguem sua fúria brava
É que a futura paz seu rítmo obstrui.

Tudo depende do que não existe.
Por isso meu ser mudo se converte
Na própria semelhança austera e triste.

Nada me explica. Nada me pertence.
E sobre tudo a lua ali verte
A luz que tudo usurpa e nada vence.

[1.011] 10-2-1933

Quando, com razão ou sem,
Sobre o medo amplo da alma
A sombra da morte vem,
É que o espírito vê bem,
Com clareza mas sem calma,

Que sombra é a vida que passa,
Que mágoa é a vida que cessa,
E ama a vida mais [ ]

[1.012] 24-2-1933

Tudo foi dito antes que se dissesse.
O vento aflora vagamente a messe,
E deixa-a porque breve se apagou.
Assim é tudo-nada. Bebe e esquece.

Na eterna sesta de não desejar
Deixa-te, bêbado e asceta, estar.
Lega o amor aos outros, que a beleza
Foi feita só para se contemplar.

[1.013] 13-3-1933

Na noite em que não durmo
Não dorme
O relógio também.
Pus na alma esvurmo.
É enorme
O que a treva contém.

Podridão de alma, moribundo
Do que me julguei ser,
Ouço o mundo.
É um vento surdo e fundo,
Que do abismo profundo
Vela o meu morrer.

Indiferente assisto
Ao cadaverizar
Do que sou.
Em que alma ou corpo existo?
Vou dormir ou despertar?
Onde estou se não estou?

Nada. É, na treva onde fala
O relógio fatal,
Uma grande, anônima sala,
Uma grande treva onde se cala,
Um grande bem que sabe a mal,
Uma vida que desiguala,
Uma morte que não sabe a que é igual.

[1.014] 15-6-1933

Vai alta a nuvem que passa.
Branca, desfaz-se a passar,
Até que parece no ar
Sombra branca que esvoaça.

Assim no pensamento
Alta vai a intuição,
Mas desfaz-se em sonho vão
Ou em vago sentimento.

E se quero recordar
O que foi nuvem ou sentido
Só vejo alma ou céu despido
Do que se desfez no ar.

[1.015] 18-7-1933

A novela inacabada
Que o meu sonho completou,
Não era de rei ou fada,
Mas era de quem não sou.

Para além do que dizia
Dizia eu quem não era…
A primavera floria
Sem que houvesse primavera.

Lenda da sombra que vivo,
Perdida por eu sonhar
Livro que quis para ter
E nunca para acabar

[1.016] 2-8-1933

I

Sim, farei…; e hora a hora passa o dia…
Farei, e dia a dia passa o mês…
E eu, cheio sempre só do que faria,
Vejo que o que faria se não fez,

De mim mesmo em inútil nostalgia.

Farei, farei… Anos os meses são
Quando são muitos — anos, toda a vida,
Tudo… E sempre a mesma sensação
Que qualquer coisa há de ser conseguida,
E sempre quedo o pé e queda a mão…

Farei, farei, farei… Sim, qualquer hora
Talvez me traga o esforço e a vitória,
Mas será só se mos trouxer de fora.
Quis tudo — a paz, a ilusão, a glória…
Que obscuro absurdo na minha alma chora?

II

Farei talvez um dia um poema meu,
Não qualquer coisa que, se eu a analiso,
É só a teia que se em mim teceu
De tanto alheio e anônimo improviso
Que ou a mim ou a eles esqueceu…

Um poema próprio, em que me vá o ser,
Em que eu diga o que sinto e o que sou,
Sem pensar, sem fingir e sem querer,
Como um lugar exato, onde estou,
E onde me possam como sou me ver.

Ah, mas poderei ser quem sou? Quem sabe
Ter a alma que tem? Quem é quem é?
Sombras de nós, só refletir nos cabe.
Mas refletir, ramos irreais, o quê?
Talvez só o vento que nos fecha e abre.

III

Sossega, coração! Não desesperes!

Talvez um dia, para além dos dias,
Encontres o que queres porque o queres.
Então, livre de falsas nostalgias,
Atingirás a perfeição de seres.

Mas pobre sonho o que só quer não tê-lo!
Pobre esperança a de existir somente!
Como quem passa a mão pelo cabelo
E em si mesmo se sente diferente,
Como faz mal ao sonho concebê-lo!
………………………………………………

[1.017] 13-8-1933

Todas as coisas que há neste mundo
Têm uma história,
Salvo estas rãs que coaxam no fundo
Da minha memória.

Qualquer lugar neste mundo tem
Um onde estar,
Salvo este charco de onde me vem
Esse coaxar.

Ergue-se em mim uma lua falsa
Sobre juncais,
E o charco emerge, que o luar realça
Menos e mais.

Onde, em que vida, de que maneira
Fui o que lembro
Por este coaxar das rãs na esteira
Do que deslembro?

Nada. Um silêncio entre juncos dorme.

Coaxam ao fim
De uma alma antiga que tenho enorme
As rãs sem mim.

[1.018] 5-9-1933

De além das montanhas,
De além do luar,
Vêm formas estranhas.
São gêmeas do vento,
São só pensamento.
Mudam as entranhas
De as ouvir passar.

Cavalgada rindo
Seu curso do além,
Vem vindo, vem vindo,
E tremem janelas,
Velam-se as estrelas,
E os ramos, rugindo,
Falam como alguém.

Mas, súbito, aragem
Que perdeu o som,
Cessou a passagem
Do que tirou calma
Aos ramos e à alma.
Só se ouve a folhagem
Num sussurro bom.

E, abrindo a janela,
Contemplo, a mal ver,
Ao luar uma estrela
Tão vaga, tão vaga,
Que quase se apaga

Quem sabe se aquela
Vai também levada,
Qual tanta faltada,
Nessa cavalgada
Que passou sem ser?

[1.019] 15-9-1933

A lavadeira no tanque
Bate roupa em pedra bem.
Canta porque canta, e é triste
Porque canta porque existe;
Por isso é alegre também.

Ora se eu alguma vez
Pudesse fazer nos versos
O que a essa roupa ela fez,
Eu perderia talvez
Os meus destinos diversos.

Há uma grande unidade
Em, sem pensar nem razão,
E até cantando a metade,
Bater roupa em realidade…
Quem me lava o coração?

[1.020] 15-9-1933

Talhei, artífice de um morto rit,
Na esmeralda de haver um mundo feito
Um brasão circunscrito
No anel em que é perfeito.

Fiz dele o símbolo de um prazer morto
De um sonho por haver?

Não sei: a nau do sonho não tem porto
E é inútil querer.

Se isto não tem sentido, as rãs coaxam
O sentido que tem.
Vou ver se acho nos charcos onde as acham
Se afinal sou alguém.

[1.021] 15-9-1933

Há em tudo que fazemos
Uma razão [?] singular:
É que não é o que qu’remos.
Faz-se porque nós vivemos,
E viver é não pensar.

Se alguém pensasse na vida,
Morria de pensamento.
Por isso a vida vivida
É essa coisa esquecida
Entre um momento e um momento.

Mas nada importa que o seja
Ou que até deixe de o ser:
Mal é que a moral nos reja,
Bom é que ninguém nos veja;
Entre isso fica viver.

[1.022] 19-9-1933

Meu coração tardou. Meu coração
Talvez se houvesse amor nunca tardasse;
Mas, visto que, se o houve, o houve em vão,
Tanto faz que o amor houvesse ou não.

Tardou. Antes, de inútil, acabasse.

Meu coração postiço e contrafeito
Finge-se meu. Se o amor o houvesse tido,
Talvez, num rasgo natural de eleito,
Seu próprio ser do nada houvesse feito,
E a sua própria essência conseguido.

Mas não. Nunca nem eu nem coração
Fomos mais que um vestígio de passagem
Entre um anseio vão e um sonho vão.
Parceiros em prestidigitação,

Caímos ambos pelo alçapão.
Foi esta a nossa vida e a nossa viagem.

[1.023] 19-9-1933

A miséria do meu ser,
Do ser que tenho a viver,
Tornou-se uma coisa vista.
Sou nesta vida um qualquer
Que roda fora da pista.

Ninguém conhece quem sou
Nem eu mesmo me conheço,
E, se me conheço, esqueço,
Porque não vivo onde estou.
Rodo, e o meu rodar apresso.

É uma carreira invisível.
Salvo onde caio e sou visto,
Porque cair é sensível
Pelo ruído imprevisto…
Sou assim. Mas isto é crível?

[1.024] 19-9-1933

Vão na onda militar
Os soldados a marchar
Com a banda a lhes tocar
O como têm que andar…

Vou na onda que é a vida
Com uma banda escondida
A tocar como hei de estar
Entre essa marcha perdida.

Vou e durmo o meu caminho
Como, no som do moinho,
Dorme o moleiro sozinho.
Durmo, mas sinto-me andar.

[1.025] 22-9-1933

I

A criança que fui chora na estrada.
Deixei-a ali quando o vim ser quem sou;
Mas hoje, vendo que o que sou é nada,
Quero ir buscar quem fui onde ficou.

Ah, como hei de encontrá-lo? Quem errou
A vinda tem regressão errada.
Já não sei de onde vim nem onde estou.
De o não saber, minha alma está parada.

Se ao menos atingir neste lugar
Um alto monte, de onde possa enfim
O que esqueci, olhando-o, relembrar,

Na ausência, ao menos, saberei de mim,

E, ao ver-me tal qual fui ao longe, achar
Em mim um pouco de quando era assim.

II

Dia a dia mudamos para quem
Amanhã não veremos. Hora a hora
Nosso diverso e sucessivo alguém
Desce uma vasta escadaria agora.

É uma multidão que desce, sem
Que um saiba de outros. Veja-os meus e fora.
Ah, que horrorosa semelhança têm!
São um múltiplo mesmo que se ignora.

Olho-os. Nenhum sou eu, a todos sendo.
E a multidão engrossa, alheia a ver-me,
Sem que eu perceba de onde vai crescendo.

Sinto-os a todos dentro em mim mover-me,
E, inúmero, prolixo, vou descendo
Até passar por todos e perde-me.

III

Meu Deus! Meu Deus! Quem sou eu, que desconheço
O que sinto que sou? Quem quero ser
Mora, distante, onde meu ser esqueço,
Parte, remoto, para me não ter.

(DREAM)

[1.026] 23-9-1933

Qualquer coisa de obscuro permanece
No centro do meu ser. Se me conheço,
É até onde, por fim mal, tropeço

No que de mim em mim de si se esquece.

Aranha absurda que uma teia tece
Feita de solidão e de começo
Fruste, meu ser anônimo confesso
Próprio, e em mim mesmo a externa treva desce.

Mas, vinda dos vestígios da distância,
Ninguém trouxe ao meu pálio por ter gente
Sob ele, um rasgo de saudade ou ânsia.

Remiu-se o pecador impenitente
À sombra e cisma. Teve a eterna infância,
Em que comigo forma um mesmo ente.

[1.027] 28-9-1933

Sonhei, confuso, e o sono foi disperso,
Mas, quando despertei da confusão,
Vi que esta vida aqui e este universo
Não são mais claros do que os sonhos são.

Obscura luz paira onde estou converso
A esta realidade da ilusão.
Se fecho os olhos, sou de novo imerso
Naquelas sombras que há na escuridão.

Escuro, escuro, tudo, em sonho ou vida,
É a mesma mistura de entre-seres
Ou na noite, ou ao dia transferida.

Nada é real, nada em seus vão moveres
Pertence a uma forma definida,
Rastro visto de coisa só ouvida.

[1.028] 28-9-1933

Se acaso, alheado até do que sonhei,
Me encontro neste mundo a sós comigo,
E, fiel ao que eu mesmo desprezei,
Meus passos falsos verdadeiros sigo,

Desperta em mim, contrário ao que esperei
Desta espécie de fuga, ou só abrigo,
Não o ajustar-me com a externa lei,
Mas o essa lei tomar como castigo.

Então, liberto já pela esperança
Deste mundo de formas e mudança,
Um pouco atinjo pela dor e a fé

Outro mundo, em sonho e vida são
Num nada nulo, igual em escuridão,
E ao fim de tudo surge o Sol do que é.

[1.029] 2-10-1933

Durmo ou não? Passam juntas em minha alma
Coisas da alma e da vida em confusão,
Nesta mistura atribulada e calma
Em que não sei se durmo ou não.

Sou dois seres e duas consciências
Como dois homens indo braço dado.
Sonolento revolvo onisciências,
Turbulentamente estagnado.

Mas, lento, vago, emerjo de meu dois.
Desperto. Enfim: sou um, há realidade.
Espreguiço-me. Estou bem… Porquê depois,
De quê, esta vaga saudade?

[1.030] 25-10-1933

Nada… Passaram nuvens e eu fiquei.
No ar limpo não há rasto.
Surgiu a lua de onde já não sei
Num claro luar vasto.

Todo o espaço da noite fica cheio
De um peso sossegado…
Onde porei o meu futuro, e o enleio
Que o liga ao meu passado?
……………………………………………

[1.031] 28-10-1933

Eu me resigno. Há no alto da montanha
Um penhasco saído,
Que, visto de onde toda coisa é estranha,
Deste vale escondido,
Parece posto ali para o não termos,
Para que, vendo-o ali,
Nos contentemos só com o aí vermos
No nosso eterno aqui…

Eu me resigno. Esse penhasco agudo,
Talvez alcançarão
Os que na força de irem põem tudo.
De teu próprio silêncio nulo e mudo,
Não vás, meu coração.

[1.032] 31-10-1933

A minha camisa rota
(Pois não tenho quem me a cosa),
É parte minha na rota

Que vai para qualquer coisa.
Pois o estar rota denota
Que a minha atenção valiosa.
……………………………………
Mas sei que a camisa é nada,
Que pano assim não é real,
E que a camisa rasgada
Não me traz a alma enganada,
Em busca do Santo Graal.

[1.033] 19-11-1933

Onde o sossego dorme
Como se fosse alguém
E à noite negra e enorme
Nem luar nem dia vem…

Ali, quieto, absorto
Em nada já saber,
Quero, quando for morto,
Consciente esquecer…

Deixada a vida incerta,
Perdido o gozo e a dor,
Sob essa noite aberta
Sonhar sem o supor…

Até que ao fim de uma era
Que o tempo não contou
O que eu não reavera
Se mude no que eu sou.
…………………………………

[1.034] 30-11-1933

Servo sem dor de um desolado intuito,
De nada creias ou descreias muito.
O mesmo faz que penses ou não penses.
Tudo é irreal, anônimo e fortuito.

Não sejas curioso do amplo mundo.
Ele é menos extenso do que fundo.
E o que não sabes nem saberás nunca
É isso o mais real e o mais profundo.

Troca por vinho o amor que não terás.
O que esperas, perene o esperarás.
O que bebes, tu bebes. Olha as rosas.
Morto, que rosas é que cheirarás?

Vendo o tumulto inconsciente em que anda
A humanidade de uma a outra banda,
Não te nasce a vontade de dormir?
Não te cresce o desprezo de quem manda?

Duas vezes no ano, diz quem sabe,
Em Nishapor, onde me o mundo cabe,
Florem as rosas. Sobre mim sepulto
Essa dupla anuidade não acabe!

Traze o vinho, que o vinho, dizem, é
O que alegra a alma e o que, em perfeita fé,
Traz o sangue de um Deus ao corpo e à alma.
Mas, seja como for, bebe e não sê.

Com seus cavalos imperiais calcando
Os campos que o labor esteve lavrando,
Passa o César de aqui. Mais tarde, morto,
Renasce a erva, nos campos alastrando.

Goza o Sultão de amor em quantidade.

Goza o Vizir amor em qualidade.
Não gozo amor nenhum. Tragam-me vinho
E gozo de ser nada em liberdade.

[1.035] 7-12-1933

Canta onde nada existe
O rouxinol que não há,
Ouço-o, cismo, fico triste
E a minha tristeza dá,

Janela aberta, para onde
Campos de não haver são
O onde a dríade se esconde
Ser só imaginação…

Quem me dera que a poesia
Fosse mais do que a escrever!
Canta agora a cotovia
Sem se lembrar de viver…

[1.036] 11-12-1933

Durmo, cheio de nada, e a manhã
É, em meu coração,
Qualquer coisa sem ser, prolixa e vã,
Dada a um público vão.

O sono! este mistério entre dois dias
Que traz ao que não dorme
À tona de água visões más, vazias,
Num outro mundo enorme…

O sono! que cansaço me vem dar
O que não mais me traz
Que uma onda lenta, sempre a ressacar,

Sobre o que a vida faz!

[1.037] 11-12-1933

Tenho esperança? Não tenho.
Tenho vontade de a ter?
Não sei. Ignoro a que venho,
Quero dormir e esquecer.

Se houvesse um bálsamo da alma,
Que a fizesse sossegar,
Cair numa qualquer calma,
Em que, sem sequer pensar,

Pudesse ser toda a vida,
Pensar todo o pensamento —
Então [ ]

[1.038] 8/12-12-1933

Náusea. Vontade de nada.
Existir por não morrer.
Como as casas têm fachada,
Tenho este modo de ser.

Náusea. Vontade de nada.
Sento-me à beira da estrada.
Cansado já do caminho
Passo pra o lugar vizinho.

Mais náusea. Nada me pesa
Senão a vontade presa
Do que deixei de pensar
Como quem fica a olhar…

[1.039] 27-12-1933

O vento sopra lá fora.
Faz-me mais sozinho, e agora,
Porque não choro, ele chora.

É um som abstrato e fundo.
Vem do fim vago do mundo.
Seu sentido é me profundo.

Diz-me que nada há em tudo.
Que a virtude não é escudo
E que o melhor é ser mudo.

[1.040] 28-12-1933

Sopra o vento, sopra o vento,
Sopra alto o vento lá fora;
Mas também meu pensamento
Tem um vento que o devora.

Há uma íntima intenção
Que tumultua em meu ser
E faz do meu coração
O que um vento quer varrer;

Não sei se há ramos deitados
Abaixo no temporal,
Se pés do chão levantados
Num sopro onde tudo é igual.

……………………………………
Sei só que há mágoas e dores
Destinadas a não ser
Mais que um desfolhar de flores.

[1.041] 1-2-1934

Vai lá longe, na floresta,
Um som de sons a passar,
Como de gnomos em festa
Que não consegue durar…

É um som vago e distinto.
Parece que entre o arvoredo
Quando seu rumor é extinto
Nasce outro som em segredo.

Ilusão ou circunstância?
Nada? Quanto atesta, e o que há
Num som, é só distância
Ou o que nunca haverá.

[1.042] 4-3-1934

Pálida, a Lua permanece
No céu que o Sol vai invadir.
Ah, nada interessante esquece.
Saber, pensar — tudo é existir.

Mas pudesse o meu coração
Saber à tona do que eu sou
Que existe sempre a sensação
Ainda quando ela acabou…

[1.043] 5-3-1934

Nesta grande oscilação
Entre crer e mal descrer
Transtorna-se o coração
Cheio de nada saber;

E, alheado do que sabe
Por não saber o que é,
Só um instante lhe cabe,
Que é o conhecer a fé —

A fé, que os astros conhecem
Porque é a aranha que está
Na teia, que todos tecem,
E é a vida que antes há.

[1.044] 16-3-1934

Dorme, criança, dorme,
Dorme que eu velarei;
A vida é vaga e informe,
O que não há é rei.
Dorme, criança, dorme,
Que também dormirei.

Bem sei que há grandes sombras
Sobre áleas de esquecer,
Que há passos sobre alfombras
De quem não quer viver;
Mas deixa tudo às sombras,
Vive de não querer.

[1.045] 3-4-1934

Boiam farrapos de sombra
Em torno ao que não sei ser
É todo um céu que se escombra
Sem me o deixar entrever.

O mistério das alturas
Desfaz-se em ritmos sem forma

Nas desregradas negruras
Com que o ar se treva torna.

Mas em tudo isto, que faz
O universo um ser desfeito,
Guardei, como a minha paz,
A ’sp’erança, que a dor me traz,
Apertada contra o peito.

[1.046] 6-4-1934

Verdadeiramente
Nada em mim sinto.
Há uma desolação
Em quanto eu sinto.
Se vivo, parece que minto.
Não sei do coração.

Outrora, outrora
Fui feliz, embora
Só hoje saiba que o fui.
E este que fui e sou,
Margens, tudo passou
Porque flui.

[1.047] 10-4-1934

O que é vida e o que é morte
Ninguém sabe ou saberá
Aqui onde a vida e a sorte
Movem as coisas que há.

Mas, seja o que for o enigma
De haver qualquer coisa aqui,

Terá de mim próprio o estigma
Da sombra em que eu o vivi.

[1.048] 12-4-1934

Sabes quem sou? Eu não sei.
Outrora, onde o nada foi,
Fui o vassalo e o rei.
É dupla a dor que me dói.
Duas dores eu passei.

Fui tudo que pode haver.
Ninguém me quis esmolar;
E entre o pensar e o ser
Senti a vida passar
Como um rio sem correr.

[1.049] 12-4-1934

Tenho escrito muitos versos,
Muitas coisas a rimar,
Dadas em ritmos diversos
Ao mundo e ao seu olvidar.

Nada sou, ou fui de tudo.
Quanto escrevi ou pensei
É como o filho de um mudo —
“Amanhã eu te direi.”

E isto só por gesto e esgar,
Feito de nadas em dedos
Como uma luz ao passar
Por onde havia arvoredos.

[1.050] 20-4-1934

Se eu me sentir sono,
E quiser dormir,
Naquele abandono
Que é o não sentir,

Quero que aconteça
Quando eu estiver
Pousando a cabeça,
Não num chão qualquer,

Mas onde sob ramos
Uma árvore faz
A sombra em que bebamos,
A sombra da paz.

[1.051] 22-4-1934

Tudo que sou não é mais do que abismo
Em que uma vaga luz
Com que sei que sou eu, e nisto cismo,
Obscura me conduz.

Um intervalo entre não ser e ser
Feito de eu ter lugar
Como o pó, que se vê o vento erguer,
Vive de ele o mostrar.

[1.052] 26-4-1934

Sangra-me o coração. Tudo que penso
A emoção mo tomou. Sofro esta mágoa
Que é o mundo imoral, regrado e imenso,
No qual o bem é só como um incenso

Que cerca a vida, como a terra a água.

Todos os dias, ouça ou veja, dão
Misérias, males, injustiças — quanto
Pode afligir o estéril coração.
E todo anseio pelo bem é vão,
E a vontade tão vã como é o pranto.

Que Deus duplo nos pôs na alma sensível
Ao mesmo tempo os dons de conhecer
Que o mal é a norma, o natural possível,
E de querer o bem, inútil nível,
Que nunca assenta regular no ser?

Com que fria esquadria e vão compasso
Que invisível Geômetra regrou
As marés deste mar de mau sargaço —
O mundo fluido, com seu tempo e espaço,
Que ele mesmo não sabe quem criou?

Mas, seja como for, nesta descida
De Deus ao ser, o mal teve alma e azo;
E o Bem, justiça espiritual da vida,
É perdida palavra, substituída
Por bens obscuros, fórmulas do acaso.

Que plano extinto, antes de conseguido,
Ficou só mundo, norma e desmazelo?
Mundo imperfeito, porque foi erguido?
Como acabá-lo, templo inconcluído,
Se nos falta o segredo com que erguê-lo?

O mundo é Deus que é morto, e a alma aquele
Que, esse Deus exumado, refletiu
A morte e a exumação que houveram dele.
Mas está perdido o selo com que sele

Seu pacto com o vivo que caiu.

Por isso, em sombra e natural desgraça,
Tem que buscar aquilo que perdeu —
Não ela, mas a morte que a repassa,
E vem achar no Verbo a fé e a graça —
A nova vida do que já morreu.

Porque o Verbo é quem Deus era primeiro,
Antes que a morte, que o tornou o mundo,
Corrompesse de mal o mundo inteiro:
E assim no Verbo, que é o Deus terceiro,
A alma volve ao Bem que é o seu fundo.

[1.053] 26-4-1934

Flui, indeciso na bruma,
Mais do que a bruma indeciso,
Um ser que é coisa a achar
E a quem nada é preciso.

Quer somente consistir
No nada que o cerca ao ser,
Um começo de existir
Que acabou antes de o ter.

É o sentido que existe
Na aragem que mal se sente
E cuja essência consiste
Em passar incertamente.

[1.054] 5-5-1934

Renego, lápis partido,
Tudo quanto desejei.

E nem sonhei ser servido
Para onde nunca irei.

Pajem metido em farrapos
Da glória que outros tiveram,
Poderei amar os trapos
Por ser tudo que me deram.

E irei, príncipe mendigo,
Colher, com a boa gente,
Entre o ondular do trigo
A papoila inteligente.

[1.055] 9-5-1934

Tudo que sinto, tudo quanto penso,
Sem que eu o queira se me converteu
Numa vasta planície, um vago extenso
Onde há só nada sob o nulo céu.

Não existo senão para saber
Que não existo, e, como a recordar,
Vejo boiar a inércia do meu ser
No meu ser sem inércia, inútil mar.
Sargaço fluido de uma hora incerta,
Quem me dará que o tenha por visão?
Nada, nem o que tolda a descoberta
Com o saber que existe o coração.

[1.056] 16-6-1934

Quem me amarrou a ser eu
Fez-me uma grande partida.
Debaixo deste amplo céu,
Não tenho vinda nem ida.

Sou apenas um ser meu.

Nem isso… Anda tudo à volta
A retirar-me de mim.
Parece uma fera à solta
Este mundo que anda assim
A servir-me de má escolta.

Quando encontrar a verdade
Hei de ver se hei de fugir,
Pelo menos em metade.
Depois ficarei a rir
Da minha tranquilidade.

[1.057] 2-7-1934

Sonho sem fim nem fundo.
Durmo, frustro e infecundo.
Deus dorme, e é isso o mundo.

Mas se eu dormir também
Um sono qual Deus tem
Talvez eu sonhe o Bem —

O Bem do Mal que existo.
Esse sonho, que avisto,
Em mim chamo-lhe o Cristo.

Agora o seu ser ausente,
Surge o que há de presente
Na ausência, eternamente.

Não foi em cruz erguida
Num calvário da vida,
Mas numa cruz vivida

Que foi crucificado
O que foi, em seu lado,
Por lança golpeado.

E desse coração
Água e sangue virão
Mas a verdade não…

Só quando já, descido
De aonde foi subido
Para ser escarnecido,

Seu corpo for baixar
Onde se há de enterrar,
O haverei de encontrar.

Desde que o mundo foi
No mundo à alma dói
O que ao mundo destrói.

Desde que a vida dura
Tem a vida a amargura
De ser mortal e impura.

E assim na Cruz se fez
A vida, para que a nós
Veja o melhor de nós.

O túmulo fechado
Aberto foi achado
E vazio encontrado.

Meu coração também
É o túmulo do Bem,
Que a vida bem não tem.

Mas há um anjo a me ver

E a meu lado a dizer
Que tudo é outro ser.

[1.058]

Eram varões todos,
Andavam na floresta
Sem motivo e sem modos
E a razão era esta.

E andando iam cantando
O que não pude ser,
Nesse tom mole e brando
Como um anoitecer.

Em querer cantar quanto
Não há nem é e dói
E que tem disso o encanto
De tudo quanto foi.

[1.059] 6-7-1934

Já me não pesa tanto o vir da morte.
Sei já que é nada, que é ficção e sonho,
E que, na roda universal da Sorte,
Não sou aquilo que me aqui suponho.

Sei que há mais mundos que este pouco mundo
Onde parece a nós haver morrer —
Dura terra e fragosa, que há no fundo
Do oceano imenso de viver.

Sei que a morte, que é tudo, não é nada,
E que, de morte em morte, a alma que há
Não cai num poço: vai por uma estrada.

Em Sua hora e a nossa, Deus dirá.

[1.060] 8-7-1934

Não digas nada! Que hás me de dizer?
Que a vida é inútil, que o prazer é falso?
Di-lo de cada dia a cadafalso
Ao que ali cada dia vai morrer.
Mais vale não querer.

Sim, não querer, porque querer é um ponto,
Ponto no horizonte de onde estamos,
E que nunca atinges nem achas,
Presos locais da vida e do horizonte
Sem asas e sem ponte.

Não digas nada, que dizer é nada!
Que importa a vida, e o que se faz na vida?
É tudo uma ignorância diluída.
Tudo é esperar à beira de uma estrada
A vinda sempre adiada.

Outros são os caminhos e as razões.
Outra a vontade que os fará seus.
Outros os montes e os solenes céus.

[1.061] 14-7-1934

Do fundo do fim do mundo
Vieram me perguntar
Qual era o anseio fundo
Que me fazia chorar.

E eu disse. «É esse que os poetas
Têm tentado dizer

Em obras sempre incompletas
Em que puseram seu ser.»

E assim com um gesto nobre
Respondi a quem não sei
Se me houve por rico ou pobre.

[1.062] 16-7-1934

Tenho em mim como uma bruma
Que nada é nem contém
A saudade de coisa nenhuma,
O desejo de qualquer bem.

Sou envolvido por ela
Como por um nevoeiro
E vejo luzir a última estrela
Por cima da ponta do meu cinzeiro.
Fumei a vida. Que incerto
Tudo quanto vi ou li!
E todo o mundo é um grande livro aberto
Que em ignorada língua me sorri.

CANTO A LEOPARDI

[1.063] 1934

……………………………………………

Ah, mas da voz exâmine pranteia
O coração aflito respondendo:
"Se é falsa a ideia, quem me deu a ideia?
Se não há nem bondade nem justiça
Por que é que anseia o coração na liça
Os seus inúteis mitos defendendo?

Se é falso crer num deus ou num destino
Que saiba o que é o coração humano,
Por que há o humano coração e o tino
Que tem do bem e o mal? Ah, se é insano
Querer justiça, por que na justiça
Querer o bem, para que o bem querer?
Que maldade, que [ ], que injustiça
Nos fez pra crer, se não devemos crer?

Se o dúbio e incerto mundo,
Se a vida transitória
Têm noutra parte o íntimo e profundo
Sentido, e o quadro último da história,
Por que há um mundo transitório e incerto
Onde ando por incerteza e transição,
Hoje um mal, uma dor, e [ ], aberto
Um só dorido coração?”

…………………………………………………

Assim, na noite abstrata da Razão,
Inutilmente, majestosamente,
Dialoga consigo o coração,
Fala alto, a si mesma a mente;
E não há paz nem conclusão,
Tudo é como se fora inexistente.

[1.064] 21-7-1934

Teu perfil, teu olhar real ou feito,
Lembra-me aquela eterna ocasião
Em que eu amei Semíramis, eleito
Daquela plácida visão.

Amei-a, é claro, sem que o tempo e espaço

Tivesse nada com o meu amor.
Por isso guardo desse amor escasso
O meu amor maior.

Mas, ao olhar-te, lembro, e reverbera
Quem fui em quem eu sou.
Quando eu amei Semíramis, já era
Tarde no Fado, e o amor passou.

Quanta perdida voz cantou também
Nos séculos perdidos que hoje são
Uma memória irreal do coração!
Quanta voz viva, hoje de ninguém!

[1.065] 1934

Como é por dentro outra pessoa
Quem é que o saberá sonhar?
A alma de outrem é outro universo
Com que não há comunicação possível,
Com que não há verdadeiro entendimento.

Nada sabemos da alma
Senão da nossa;
As dos outros são olhares,
São gestos, são palavras,
Com a suposição de qualquer semelhança
No fundo.

[1.066] 3-8-1934

A lâmpada nova
No fim de apagar
Volta a dar a prova
De estar a brilhar.

Assim a alma sua
Deveras desperta
Quando a noite é nua
E se acha deserta.

Vestígio que ergueu
Sem ser no lugar
De onde se perdeu…
Nasce devagar!

[1.067] 3-8-1934

Vaga saudade, tanto
Dóis como a outra que é
A saudade de quanto
Existiu aqui ao pé.

Tu, que és do que nunca houve,
Punges como o passado
A que existir não aprouve.

[1.068] 5-8-1934

Onde quer que o arado o seu traço consiga
E onde a fonte, correndo, com a sua água siga
O caminho que, justo, as calhas lhe darão,
Aí, porque há a paz, está meu coração.
Bem sei que o som do mar vem de além dos outeiros
E que do seu bom som os ímpetos primeiros
Turvam de ser diverso o natural da hora,
Quando o campo a não houve e a solidão a ignora.
Mas qualquer coisa falsa desce e se insinua
Nos anos que são vestígios sob a Lua.

[1.069] 21-8-1934

As coisas que errei na vida
São as que acharei na morte,
Porque a vida é dividida
Entre quem sou e a sorte.

As coisas que a Sorte deu
Levou-as ela consigo,
Mas as coisas que sou eu
Guardei-as todas comigo.

E por isso os erros meus,
Sendo a má sorte que tive,
Terei que os buscar nos céus
Quando a morte tire os véus
À inconsciência em que estive.

[1.070] 22-8-1934

O sol que doura as neves afastadas
No inútil cume de altos montes quedos
Faz no vale luzir rios e estradas
E torna as verdes árvores brinquedos…

Tudo é pequeno, salvo o cume frio,
De onde quem pensa que de ali nos vê
Vê tudo mínimo, num desvario
De quem da altura olhe quanto é.

[1.071] 22-8-1934

Ah quero as relvas e as crianças!
Quero o coreto com a banda!
Quero os brinquedos e as danças —

A corda com que a alma anda.

Quero ver todas brincar
Num jardim onde se passa
Para ver se posso achar
Onde está minha desgraça.

Ah, mas minha desgraça está
Em eu poder querer isto —
Poder desejar o que há.
………………………………………

[1.072] 1934

Deixem-me o sono! Sei que é já manhã.
Mas se tão tarde o sono veio,
Quero, desperto, inda sentir a vã
Sensação do seu vago enleio.

Quero, desperto, não me recusar
A estar dormindo ainda,
E, entre a noção irreal de aqui estar,
Ver essa noção finda.

Quero que me não neguem quem não sou
Nem que, debruçado eu
Da varanda por sobre onde não estou,
Nem sequer veja o céu.

[1.073] 23-8-1934

Deixei atrás os erros do que fui,
Deixei atrás os erros do que quis
E que não pude haver porque a hora flui
E ninguém é exato nem feliz.

Tudo isso como o lixo da viagem
Deixei nas circunstâncias do caminho,
No episódio que foi cada paragem,
No desvio que foi cada vizinho.

Deixei tudo isso, como quem se tapa
Por viajar com uma capa sua,
E a certa altura se desfaz da capa
E atira com a capa para a rua.

[1.074] 23-8-1934

Não digas nada!
Não, nem a verdade!
Há tanta suavidade
Em nada se dizer
E tudo se entender —
Tudo metade
De sentir e de ver…
Não digas nada!
Deixa esquecer.

Talvez que amanhã
Em outra paisagem
Digas que foi vã
Toda esta viagem
Até onde quis
Ver quem me agrada…
Mas ali fui feliz…
Não digas nada.

[1.075] 26-8-1934

Quero dormir. Não sei se quero a morte,

Nem sei o que ela é.
O que quero é não ser submisso à sorte,
Seja ela lei ou fé.

Quero poder nos campos prolongados
Meu ser abandonar
Aos seus verdes silêncios afastados,
Que amo só de os olhar.

Quero poder imaginar a vida
Como ela nunca foi,
E assim vivê-la, vívida e perdida,
Num sonho que nem dói.

Quero poder mudar o universo
De um para outro lado,
Como quem junta o seu viver disperso
E o ata com o fado.

Quero, por fim, ser coroado rei
Do nada a que enfim vou.
Será minha coroa o que serei,
E o meu cetro o que sou.

[1.076] 3-9-19347

Ah, verdadeiramente a deusa! —-
A que ninguém viu sem amar
E que já o coração endeusa
Quando a só sabe adivinhar.

Por fim magnânima aparece
Naquela perfeição que é
Uma estátua que a vida aquece
E faz da mesma vida fé.

Ah, verdadeiramente aquela
Com que no túmulo do mundo
O morto sonha, como a estrela
Que há de surgir no céu profundo.

[1.077] 5-9-1934

Se alguém bater um dia à tua porta,
Dizendo que é um emissário meu,
Não acredites, nem que seja eu;
Que o meu vaidoso orgulho não comporta
Bater sequer à porta irreal do céu.

Mas se, naturalmente, e sem ouvir
Alguém bater, fores a porta abrir

E encontrares alguém como que à espera
De ousar bater, medita um pouco. Esse era
Meu emissário e eu, e o que comporta
O meu orgulho que já desespera.
Abre a quem não bater à tua porta!

[1.078] 5-9-1934

Sim, vem um canto na noite.
Não lhe conheço a intenção,
Não sei que palavras são.

É um canto desligado
De tudo que o canto tem.
É algum canto de alguém.

Vem na noite independente
Do que dizer bem ou mal.
Vem absurdo e natural.

Já não me lembro que penso.
Ouço; é um canto a pairar
Como o vento sobre o mar.

Ouço, ouço; mas ele cessa.
Tinha que ser, porque foi.
Que mais que acalma me dói.

[1.079] 5-9-1934

Tudo que amei, se é que o amei, ignoro,
E é como a infância de outro. Já não sei
Se o choro, se suponho só que o choro,
Se o choro por supor que o chorarei.

Das lágrimas sei eu… Essas são quentes
Nos olhos cheios de um olhar perdido…
Mas nisso tudo são me indiferentes
As causas vagas deste mal sentido.

E choro, choro, na sinceridade
De quem chora sentindo-se chorar.
Mas se choro a mentira ou a verdade,
Continuarei, chorando, a ignorar.

[1.080] 6-9-1934

Tudo, menos o tédio, me faz tédio.
Quero, sem ter sossego, sossegar.
Tomar a vida todos os dias
Como um remédio,
Desses remédios que há para tomar.

Tanto aspirei, tanto sonhei, que tanto
De tantos tantos me fez nada em mim.

Minhas mãos ficaram frias
Só de aguardar o encanto
Daquele amor que as aquecesse enfim.

Frias, vazias,
Assim.

[1.081] 10-9-1934

A nuvem veio e o sol passou.
Foi vento ou ocasião que a trouxe?
Não sei: a luz se ne velou
Como se luz a sombra fosse.

Às vezes, quando a vida passa
Por sobre a alma que é ninguém,
A sensação torna-se baça
E pensar é não sentir bem.

Sim, é como isto: pelo céu
Vai uma nuvem destroçada
Que é véu, mau véu, ou quase véu,
E, como tudo, não é nada.

[1.082] 10-9-1934

Divido o que conheço.
De um lado é o que sou
Do outro quanto esqueço.
Por entre os dois eu vou.

Não sou nem quem me lembro
Nem sou quem há em mim.
Se penso me desmembro.
Se creio, não há fim.

Que melhor que isto tudo
É ouvir, na ramagem
Aquele ar certo e mudo
Que estremece a folhagem.

[1.083] 12-9-1934

Começa, no ar da antemanhã
A haver o que vai ser o dia.
É uma sombra entre as sombras vã,
Mais tarde, quente, é a manhã
Agora é nada, noite fria.

É nada, mas é diferente
Da sombra em quem a noite está;
E há nela só a nostalgia
Não do passado, mas do dia
Que é afinal o que será.

[1.084] 13-9-1934

Deslembro incertamente. Meu passado
Não sei quem o viveu. Se eu mesmo fui,
Está confusamente deslembrado
E logo em mim inobservado flui.

Não sei quem fui nem sou. Ignoro tudo.
Só há de meu o que me vê agora —
O Campo verde, natural e mudo
Que um vento que não vejo vago aflora.

Sou tão parado em mim que nem o sinto.
Vejo, e onde o vale se ergue para a encosta,
Vai meu olhar seguindo o meu instinto
Como quem olha a mesa que está posta.

[1.085] 13-9-1934

Se há arte ou ciência para ler a sina
Ao que em nós o Destino faz de nós,
Dá-me que eu a não saiba, e que, indivina,
Me corra a vida vagamente e a sós.

Que quero eu do futuro que não tenho?
Que me pesa hoje, ou alegra, o que serei?
Sei, por lembrar, de que passado venho,
E onde hoje estou incertamente sei.

O mais, o que o futuro me dará,
Deixo a quem dê e à forma como o der.
Basta a sombra que esta árvore me dá
E a sensação de nada mais querer.

[1.086] 15-9-1934

Bem sei que estou endoidecendo.
Bem sei que falha em mim quem sou.
Sim, mas, enquanto me não rendo,
Quero saber por onde vou.

Inda que vá para render-me
Ao que o Destino me faz ser,
Quero, um momento, aqui deter-me
E descansar a conhecer.

Há grandes lapsos de memória,
Grandes parábolas perdidas,
E muita lenda e muita história
E muitas vidas, muitas vidas.

Tudo isso, agora que me perco
De mim e vou a transviar,
Quero chamar a mim, e cerco
Meu ser de tudo relembrar.

Porque, se vou ser louco, quero
Ser louco com moral e siso.
Vou tanger lira como Nero.
Mas o incêndio não é preciso.

[1.087] 20-9-1934

Bem sei que há ilhas lá ao Sul de tudo
Onde há paisagens que não pode haver.
Tão belas que são como que o veludo
Do tecido que o mundo pode ser.

Bem sei. Vegetações olhando o mar,
Coral, encostas, tudo o que é a vida
Tornado amor e luz, o que o sonhar
Dá à imaginação anoitecida.

Bem sei. Vejo isso tudo. O mesmo vento
Que ali agita os ramos em torpor
Agora passa no meu pensamento
E o pensamento sente que é amor.

Sei, sim, é belo, é longe, é impossível,
Existe, dorme, tem a cor e o fim,
E, ainda que não haja, é tão visível
Que é uma parte natural de mim.

Sei tudo, sei, sei tudo. E sei também
Que não é lá que há isso que lá está.
Sei qual é a luz que essa paisagem tem

E qual a rota que nos leva lá.

[1.088] 21-9-1934

A montanha por achar
Há de ter, quando a encontrar,
Um templo aberto na pedra
Da encosta onde nada medra.

O santuário que ter,
Quando o encontrar, há de ser
Na montanha procurada
E na gruta ali achada.

A verdade, se ela existe,
Ver-se-á que só consiste
Na procura da verdade,
Porque a vida é só metade.

[1.089] 4-10-1934

A ciência, a ciência, a ciência…
Ah como tudo é nulo e vão!
A pobreza da inteligência
Ante a riqueza da emoção!

Aquela mulher que trabalha
Como uma santa em sacrifício.
Com quanto esforço dado ralha
Contra o pensar, que é o meu vício!

A ciência! Como é pobre e nada!
Rico é o que alma dá e tem.

A criança que ri na rua,

A música que vem no acaso,
A tela absurda, a estátua nua,
A bondade que não tem prazo —

Tudo isso excede este rigor
Que o raciocínio dá a tudo,
E tem qualquer coisa de amor,
Ainda que o amor seja mudo.

[1.090] 6-10-1934

Era isso mesmo —
O que tu dizias,
E já nem falo
Do que tu fazias…

Era isso mesmo…
Eras outra já,
Eras má deveras,
A quem chamei má…

Eu não era o mesmo
Para ti, bem sei.
Eu não mudaria,
Não: — nem mudarei…

Julgas que outro é outro.
Não: somos iguais.

[1.091] 9-10-1934

Bem sei que todas as mágoas
São como as mágoas que são
Parecidas com as águas
Que continuamente vão…

Quero, pois, ter guardada
Uma tristeza de mim
Que não possa ser levada
Por essas águas sem fim.

Quero uma tristeza minha
Uma mágoa que me seja
Uma espécie de rainha
Cujo trono se não veja.

[1.092] 11-10-1934

Sim, já sei…
Há uma lei
Que manda que no sentir
Haja um seguir
Uma certa estrada
Que leva a nada.

Bem sei. É aquela
Que dizem bela
E definida
Os que na vida
Não querem nada
De qualquer estrada.

Vou no caminho
Que é meu vizinho
Porque não sou
Quem aqui estou.

[1.093] 1934

O som contínuo da chuva
A se ouvir lá fora bem

Deixa-nos a alma viúva
Daquilo que já não tem.
…………………………………

[1.094] 11-10-1934

Na véspera de nada
Ninguém me visitou.
Olhei atento a estrada
Durante todo o dia
Mas ninguém vinha ou via,
Ninguém aqui chegou.

Mas talvez não chegar
Queira dizer que há
Outra estrada que achar,
Certa estrada que está,
Como quando da festa
Se esquece quem lá está.

[1.095] 22-11-1934

Sob olhos que não olham — os meus olhos —
Passa o ribeiro, que nem sei se é
Rápido no lento passar incerto ao pé
Dos invisíveis espinhos e abrolhos
Da margem, minha estagnação sem fé.

É como um viandante que passasse
Por um muro de quinta abandonada
E, por não ter que olhá-lo, por ser nada
Para o seu interesse, o não olhasse,
Fiel somente ao nada sem a estrada.

[1.096] 22-11-1934

Não tenho que sonhar que possam dar-me
Um dia, vero ou falso, as rosas vãs
Entre que em sonhos mortos fui achar-me
No alvorecer de incógnitas manhãs.

Não tenho que sonhar o que renego
Antes do sonho e o recusar a ter.
Sou no que sou como na vida é um cego
A quem causou horror o poder ver.

Isto, ou quase isto… Só do sonho morto
Me fica uma imprecisa hesitação —
Como se a nau [ ]

[1.097] 30-11-1934

Exígua lâmpada tranquila,
Quem te alumia e me dá luz,
Entre quem és e eu sou oscila.

[1.098] 1934

Na paz da noite, cheia de tanto durar,
Dos livros que li,
Que os li a sonhar, a mal meditar,
Nem vendo que os vi,
Ergo a cabeça [ ] estonteada
Do lido e do vão
Do ler e vazio que há e fiz por noite acabada —
Não no meu coração.

[1.099]

Criança, era outro…
Naquele em que me tornei
Cresci e esqueci.
Tenho de meu, agora, um silêncio, uma lei.
Ganhei ou perdi?

[1.100]

Onde, em jardins exaustos
Nada já tenha fim,
Forma teus fúteis faustos
De tédio e de cetim.
Meus sonhos são exaustos,
Dorme comigo e em mim.

SÁ-CARNEIRO
Nesse número do *Orpheu* que há de ser feito com rosas e estrelas em um mundo novo.

[1.101] 1934

Nunca supus que isto que chamam morte
Tivesse qualquer espécie de sentido…
Cada um de nós, aqui aparecido.
Onde manda a lei certa e falsa sorte,

Tem só uma demora de passagem
Entre um comboio e outro, entroncamento
Chamado o mundo, ou a vida, ou o momento;
Mas, seja como for, segue a viagem.

Passei, embora num comboio expresso
Seguisses, e adiante do em que vou;
No términus de tudo, ao fim lá estou
Nessa ida que afinal é um regresso.

Porque na enorme gare onde Deus manda
Grandes acolhimentos se darão
Para cada prolixo coração
Que com seu próprio ser vive em demanda.

Hoje, falho de ti, sou dois a sós.
Há almas pares, as que conheceram
Onde os seres são almas.

Como éramos só um, falando! Nós
Éramos como um diálogo numa alma.
Não sei se dormes [ ] calma,
Sei que, falho de ti, estou um a sós.

É como se esperasse eternamente
A tua vida certa e conhecida
Aí embaixo, no Café Arcada —
Quase no extremo deste [ ]

Aí onde escreveste aqueles versos
Do trapézio, doriu-nos [ ]
Aquilo tudo que dizes do *Orpheu*.

Ah, meu maior amigo, nunca mais
Na paisagem sepulta desta vida
Encontrarei uma alma tão querida
Às coisas que em meu ser são as reais.

……………………………………………

Não mais, não mais, e desde que saíste
Desta prisão fechada que é o mundo,
Meu coração é inerte e infecundo
E o que sou é um sonho que está triste.

Porque há em nós, por mais que consigamos
Ser nós mesmos a sós sem nostalgia,

Um desejo de termos companhia —
O amigo como esse que a falar amamos.

[1.102] 11-12-1934

Música… Que sei eu de mim?
Que sei eu de haver ser ou estar?
Música… sei só que sem fim
Quero saber só de sonhar…

Música… Bem no que faz mal
À alma entregar-se a nada…
Mas quero ser animal
Da insuficiência enganada.

Música… Se eu pudesse ter,
Não o que penso ou desejo,
Mas o que não pude haver
E que até nem em sonhos vejo,

Se também eu pudesse fruir
Entre as algemas de aqui estar!
Não faz mal. Flui,
Para que cu deixe de pensar!

[1.103] 11-12-1934

A mão posta sobre a mesa,
A mão abstrata, esquecida,
Margem da minha vida…
A mão que pus sobre a mesa
Para mim mesmo é surpresa.
Porque a mão é o que temos
Ou define quem não somos.
Com ela aquilo fazemos

……………………………………

[1.104] 7-1-1935

Não quero rosas, desde que haja rosas.
Quero-as só quando não as possa haver
Que hei de fazer das coisas
Que qualquer mão pode colher?

Não quero a noite senão quando a aurora
A fez em ouro e azul se diluir.
O que a minha alma ignora —
É isso que quero possuir.

Para quê?… Se o soubesse, não faria
Versos para dizer que inda o não sei.
Tenho a alma pobre e fria…
Ah, com que esmola a aquecerei?…

[1.105] 5-3-1935

Sim, está tudo certo.
Está tudo perfeitamente certo.
O pior é que está tudo errado.
Bem sei que esta casa é pintada de cinzento
Bem sei qual é o número desta casa —
Não sei, mas poderei saber, como está avaliada
Nessas oficinas de impostos que existem para isto —
Bem sei, bem sei…
Mas o pior é que há almas lá dentro
E a Tesouraria de Finanças não conseguiu livrar
A vizinha do lado de lhe morrer o filho.
A Repartição de não sei quê não pode evitar

Que o marido da vizinha do andar mais acima lhe fugisse com a
[cunhada…

Mas, está claro, está tudo certo…
E, exceto estar errado, é assim mesmo: está certo…

[1.106] 18-3-1935

Tudo quanto penso.
Tudo quanto sou
É um deserto imenso
Onde nem eu estou.

Extensão parada
Sem nada a estar ali.
Areia peneirada
Vou dar-lhe a ferroada
Da vida que vivi.

…………………………………….

[1.107] 18-3-1935

Um dia baço mas não frio…
Um dia como
Se não tivesse paciência pra ser dia,
E só num assomo,
Num ímpeto vazio
De dever, mas com ironia,
Se desse luz a um dia enfim
Igual a mim,
Ou então
Ao meu coração,
Um coração vazio,
Não de emoção

Mas de buscar um fim —
Um coração baço mas não frio.

[1.108] 5-4-1935

O amor é que é essencial.
O sexo é só um acidente.

Pode ser igual
Ou diferente.
O homem não é um animal:
É uma carne inteligente,
Embora às vezes doente.

ELEGIA NA SOMBRA

[1.109] 2-6-1935

Lenta, a raça esmorece, e a alegria
É como uma memória de outrem. Passa
Um vento frio na nossa nostalgia
E a nostalgia torna-se desgraça.

Pesa em nós o passado e o futuro.
Dorme em nós o presente. E a sonhar
A alma encontra sempre o mesmo muro,
E encontra o mesmo muro ao despertar.

Quem nos roubou a alma? Que bruxedo
De que magia incógnita e suprema
Nos enche as almas de dolência e medo
Nesta hora inútil, apagada e extrema?

Os heróis resplandecem a distância
Num passado impossível de se ver

Com os olhos da fé ou os da ânsia;
Lembramos névoas, sonhos a esquecer.

Que crime outrora feito, que pecado
Nos impôs esta estéril provação
Que é indistintamente nosso fado
Como o pressente nosso coração?

Que vitória maligna conseguimos —
Em que guerras, com que armas, com que armada? —
Que assim o seu castigo irreal sentimos
Colado aos ossos desta carne errada?

Terra tão linda com heróis tão grandes,
Bom sol universal localizado
Pelo melhor calor que aqui expandes,
Calor suave e azul só a nós dado —

Tanta beleza dada e glória ida!
Tanta esperança que, depois da glória,
Só conhecem que é fácil a descida
Das encostas anônimas da história!

Tanto, tanto! Que é feito de quem foi?
Ninguém volta? No mundo subterrâneo
Onde a sombria luz por nula dói,
Pesando sobre onde já esteve o crânio,

Não restitui Plutão [a ver?] o céu
Um herói ou o ânimo que o faz,
Como Eurídice dada à dor de Orfeu;
Ou restituiu e olhamos para trás?

Nada. Nem fé nem lei, nem mar nem porto.
Só a prolixa estagnação das mágoas,
Como nas tardes baças, no mar morto,

A dolorosa solidão das águas.

Povo sem nexo, raça sem suporte,
Que, agitada, indecisa, nem repare
Em que é raça e que aguarda a própria morte
Como a um comboio expresso que aqui pare.

Torvelinho de dúvidas, descrença
Da própria consciência de se a ter,
Nada há em nós que, firme e crente, vença
Nossa impossibilidade de querer.

Plagiários da sombra e do abandono,
Registramos, quietos e vazios,
Os sonhos que há antes que venha o sono
E o sono inútil que nos deixa frios.

Oh, que há de ser de nós? Raça que foi
Como que um novo sol ocidental
Que houve por tipo o aventureiro e o herói
E outrora teve nome Portugal…

(Fala mais baixo! Deixa a tarde ser
Ao menos uma extrema quietação
Que por ser fim faça menos doer
Nosso descompassado coração.

Fala mais baixo! Somos sem remédio,
Salvo se do ermo abismo onde Deus dorme
Nos venha despertar do nosso tédio
Qualquer obscuro sentimento informe.

Silêncio quase? Nada dizes! Cala
A esperança vazia em que te acho,
Pátria. Que doença de teu ser se exala?
Tu nem sabes dormir. Fala mais baixo!)

Ó incerta manhã de nevoeiro
Em que o rei morto vivo tornará
Ao povo ignóbil e o fará inteiro —
És qualquer coisa que Deus quer ou dá?

Quando é a tua Hora e o teu Exemplo?
Quando é que vens, do fundo do que é dado,
Cumprir teu rito, reabrir teu Templo
Vendando os olhos lúcidos do Fado?

Quando é que soa, no deserto de alma
Que Portugal é hoje, sem sentir,
Tua voz, como um balançar de palma
Ao pé do oásis de que possa vir?

Quando é que esta tristeza desconforme
Verá, desfeita a tua cerração,
Surgir um vulto, no nevoeiro informe,
Que nos faça sentir o coração?

Quando? Estagnamos. A melancolia
Das horas sucessivas que a alma tem
Enche de tédio a noite, e chega o dia
E o tédio aumenta porque o dia vem.

Pátria, quem te feriu e envenenou?
Quem, com suave e maligno fingimento
Teu coração suposto sossegou
Com abundante e inútil alimento?

Quem faz que durmas mais do que dormias?
Que faz que jazas mais que até aqui?
Aperto as tuas mãos: como estão frias!
Mão do meu ser que tu amas, que é de ti?

Vives, sim, vives porque não morreste…

Mas a vida que vives é um sono
Em que indistintamente o teu ser veste
Todos os sambenitos do abandono.

Dorme, ao menos, de vez. O Desejado
Talvez não seja mais que um sonho louco
De quem, por muito ter, Pátria, amado,
Acha que todo o amor por ti é pouco.

Dorme, que eu durmo, só de te saber
Presa da inquietação que não tem nome
E nem revolta ou ânsia sabes ter
Nem da esperança sentes sede ou fome.

Dorme, e a teus pés teus filhos, nós que o somos,
Colheremos, inúteis e cansados
O agasalho do amor que ainda pomos
Em ter teus pés gloriosos por amados.

Dorme, mãe Pátria, nula e postergada,
E, se um sonho de esperança te surgir,
Não creias nele, porque tudo é nada,
E nunca vem aquilo que há de vir.

Dorme, que a tarde é finda e a noite vem.
Dorme, que as pálpebras do mundo incerto
Baixam solenes, com a dor que têm,
Sobre o mortiço olhar inda desperto.

Dorme, que tudo cessa, e tu com tudo,
Quererias viver eternamente,
Ficção eterna ante este espaço mudo
Que é um vácuo azul? Dorme, que nada sente

Nem paira mais no ar, que fora almo
Se não fora a nossa alma erma e vazia,

Que o nosso fado, vento frio e calmo
E a tarde de nós mesmos, calma e fria

Como — longínquo sopro altivo e humano! —
Essa tarde monótona e serena
Em que, ao morrer, o imperador romano
Disse: *Fui tudo, nada vale a pena*.

[1.110] 2-9-1935

Desce a névoa da montanha,
Desce ou nasce ou não sei quê…
Minha alma é a tudo estranha,
Quando vê, vê que não vê.

Mais vale a névoa que a vida…
Desce, ou sobe: enfim, existe.
E eu não sei em que consiste
Ter a emoção por vivida,
E, sem querer, estou triste.

[1.111] 2-9-1935

Já não me importo
Até com o que amo ou creio amar.
Sou um navio que chegou a um porto
E cujo movimento é ali estar.

Nada me resta
Do que quis ou achei.
Cheguei da festa
Como fui para lá ou ainda irei.

Indiferente
A quem sou ou suponho que mal sou,

Fito a gente
Que me rodeia e sempre rodeou,

Com um olhar
Que, sem o poder ver,
Sei que é sem ar
De olhar a valer.

E só me não cansa
O que a brisa me traz
De súbita mudança
No que nada me faz.

[1.112] 17-9-1935

O véu das lágrimas não cega.
Vejo, a chorar,
O que essa música me entrega —
A mãe que eu tinha, o antigo lar,
A criança que fui,
O horror do tempo, porque flui,
O horror da vida, porque é só matar!
Vejo e adormeço,
Num torpor em que me esqueço

Que existo inda neste mundo que há…
Estou vendo minha mãe tocar.
E essas mãos brancas e pequenas,
Cuja carícia nunca mais me afagará —,
Tocam ao piano, cuidadosas e serenas,
(Meu Deus!)
Un soir à Lima.

Ah, vejo tudo claro!
Estou outra vez ali.

Afasto do luar externo e raro
Os olhos com que o vi.

Mas quê? Divago e a música acabou…
Divago como sempre divaguei
Sem ter na alma certeza de quem sou
Nem verdadeira fé ou firme lei.

Divago, crio eternidades minhas
Num ópio de memória e de abandono.
Entronizo fantásticas rainhas
Sem para elas ter o trono.

Sonho porque me banho
No rio irreal da música evocada.
Minha alma é uma criança esfarrapada
Que dorme num recanto obscuro.
De meu só tenho,
Na realidade certa e acordada,
Os trapos da minha alma abandonada,
E a cabeça que sonha contra o muro.

Mas, mãe, não haverá
Um Deus que me não torne tudo vão,
(ou) Um outro mundo em que isso agora está?
Divago ainda: tudo é ilusão.
Un soir à Lima

Quebra-te, coração…

[1.113] 3-10-1935

Ouvi os sábios todos discutir,
Podia a todos refutar a rir.
Mas preferi, bebendo na ampla sombra,

Indefinidamente só ouvir.

Manda quem manda porque manda, nem
Importa que mal mande ou mande bem.
Todos são grandes quando a hora é sua.
Por baixo cada um é o mesmo alguém.

Não invejo a pompa, e ao poder,
Visto que pode, sem razão nem ser.
Obedece, que a vida dura pouco
Nem há por isso muito que sofrer.

[1.114]

Ah, como o sono é a verdade, e a única
Hora suave é a de adormecer!
Amor ideal, tens chagas sob a túnica.
Esperança, és a ilusão a apodrecer.

Os deuses vão-se como forasteiros.
Como uma feira acaba a tradição.
Somos todos palhaços estrangeiros.
A nossa vida é palco e confusão.

Ah, dormir tudo! Pôr um sono à roda
Do esforço inútil e da sorte incerta!
Que a morte virtual da vida toda
Seja, sons, a janela que, entreaberta,

Só um crepúsculo do mundo deixe
Chegar à sonolência que se sente;
E a alma se desfaça como um peixe
Atado pelos dedos de um demente…

[1.115]

Aquilo que a gente lembra
Sem o querer lembrar,
E incerto se desmembra
Como um fumo no ar,
É a música que a alma tem,
É o perfume que vem,
Vago, inútil, trazido
Por uma brisa de agrado,
Do fundo do que é esquecido,
Dos jardins do passado.

Aquilo que a gente sonha
Sem saber de sonhar,
Aquela boca risonha
Que nunca nos quis beijar,
Aquela vaga ironia
Que uns olhos tiveram um dia
Para a nossa emoção —
Tudo isso nos dá o agrado,
Flores que flores são
Nos jardins do passado.

Não sei o que fiz da vida,
Nem o quero saber
Se a tenho por perdida,
Sei eu o que é perder?
Mas tudo é música se há
Alma onde a alma está,
E há um vago, suave, sono,
Um sonho morno de agrado,
Quando regresso, dono,
Aos jardins do passado.

[1.116]

Sou o Espírito da treva,
A Noite me traz e leva;

Moro à beira irreal da Vida,
Sua onda indefinida

Refresca-me a alma de espuma…
Pra além do mar há a bruma…

E pra aquém? há Coisa ou Fim?
Nunca olhei para trás de mim…

[1.117]

Um cansaço feliz, uma tristeza informe
O meu espírito intranquilamente dorme.
Combati, fui o gládio e o braço e a intenção
E dói-me a alma na alma e no gládio e na mão…
Meu gládio está caído aos meus pés… um torpor
Impregna de cansaço a minha própria dor…

[1.118]

Dormi, sonhei. No informe labirinto
Que há entre o mundo e o nada me perdi.
Em bosques de mim mesmo me embebi,
Misto indeciso do que vejo e sinto.

’Stagno incorpóreo. No infiel recinto
Leio o transtorno do que nunca li,
E o labirinto nunca ’stá em si,
Nem há mundo no incerto e abstrato plinto.

Minha alma é um ser que a verdade engana,
Memória da partida dos navios

Na praia que de espuma se engalana.

Não voltaram dos longes os sombrios
Barcos, e o luar mole deixa ver
A praia com a espuma a escurecer.

[1.119]

Meu pensamento, dito, já não é
Meu pensamento.
Flor morta, boia no meu sonho, até
Que a leve o vento,

Que a desvie a corrente, a externa sorte.
Se falo, sinto
Que a palavras esculpo a minha morte,
Que com toda a alma minto.

Assim, quanto mais digo, mais me engano,
Mais faço eu
Um novo ser postiço, que engalano
De ser o meu.

Já só pensando escuto-me e resido.
Já falo assim.
Meu próprio diálogo interior divide
Meu ser de mim.

Mas é quando dou forma e voz do ’spaço
Ao que medito
Que abro entre mim e mim, quebrado um laço,
Um abismo infinito.

Ah, quem dera a perfeita concordância
De mim comigo,
O silêncio interior sem a distância

Entre mim e o que eu digo!

SONO

[1.120]

Tenho tal sono que pensar é um mal.
Tenho sono. Dormir é ser igual,
No homem, ao despertar do animal.

É viver fundo nesse inconsciente
Com que à tona da vida o animal sente.
É ser meu ser profundo alheiamente.

Tenho sono talvez porque toquei
Onde sinto o animal que abandonei
E o sono é uma lembrança que encontrei.

Direção geral
Antônio Araújo

Direção editorial
Daniele Cajueiro

Editora responsável
Janaína Senna

Produção editorial
Adriana Torres
Mônica Surrage

Revisão
Aline Oliveira
Débora Castro
Eduardo Carneiro
Mariana Teixeira
Marianna Soares
Sabrina Primo

Projeto gráfico e diagramação
Futura

Capa
Maquinaria Studio

Imagem da capa
Jennifer Borton – iStockPhoto
Surasaki – iStockPhoto
Fernando Pessoa na Baixa, Lisboa. 1920-1935.
Círculo de Leitores, Fernando Pessoa
Obra Poética, Vol. I – Wikimedia Commons

Este livro foi impresso em 2016, pela RR Donnelley, para a Nova Fronteira.

OBRA POÉTICA de FERNANDO PESSOA

VOLUME 2

EDITORA
NOVA
FRONTEIRA

SUMÁRIO

NOTA DO EDITOR

OUTROS EUS

FICÇÕES DO INTERLÚDIO | POEMAS DE ALBERTO CAEIRO

O GUARDADOR DE REBANHOS (1911-1912)

Eu nunca guardei rebanhos; *O meu olhar é nítido como um girassol*; *Ao entardecer, debruçado pela janela*; *Esta tarde a trovoada caiu*; *Há metafísica bastante em não pensar em nada*; *Pensar em Deus é desobedecer a Deus*; *Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo…*; *Num meio-dia de fim de primavera*; *Sou um guardador de rebanhos*; *"Olá, guardador de rebanhos*; *Aquela senhora tem um piano*; *Os pastores de Virgílio tocavam avenas e outras coisas*; *Leve, leve, muito leve; Não me importo com as rimas. Raras vezes*; *As quatro canções que seguem*; *Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois*; *No meu prato que mistura de Natureza!*; *Quem me dera eu fosse o pó da estrada*; *O luar quando bate na relva*; *O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia*; *Se eu pudesse trincar a terra toda*; *Como quem num dia de Verão abre a porta de casa*; *O meu olhar azul como o céu*; *O que nós vemos das coisas são as coisas*; *As bolas de sabão que esta criança*; *Às vezes, em dias de luz perfeita e exata*; *Só a Natureza é divina, e ela não é divina…*; *Li hoje quase duas páginas*; *Nem sempre sou igual no que digo e escrevo*; *Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o*; *Se às vezes digo que as flores sorriem*; *Ontem à tarde um homem das cidades*; *Pobres das flores nos canteiros dos jardins regulares*; *Acho tão natural que não se pense*; *O luar através dos altos ramos*; *E há poetas que são artistas*; *Como um grande borrão de fogo sujo*; *Bendito seja o mesmo sol de outras terras*; *O mistério das coisas, onde está ele?*; *Passa uma borboleta por diante de mim*; *No entardecer dos dias de Verão, às vezes*; *Passou a diligência pela estrada, e foi-se*; *Antes o voo da ave, que passa e não deixa rasto*; *Acordo de noite subitamente*; *Um renque de árvores lá longe, lá para a encosta*; *Deste modo ou daquele modo*; *Num dia excessivamente nítido*; *Da mais alta janela da minha casa*; *Meto-me para dentro, e fecho a janela*.

O PASTOR AMOROSO

Quando eu não te tinha; *Vai alta no céu a lua da Primavera*; *O amor é uma companhia; O pastor amoroso perdeu o cajado; Passei toda a noite, sem dormir, vendo, sem espaço, a figura dela; Todos os dias agora acordo com alegria e pena*.

POEMAS INCONJUNTOS (1913-1915)

Não basta abrir a janela; *Falas de civilização, e de não dever ser; Entre o que vejo de um campo e o que vejo de outro campo*; *Criança desconhecida e suja brincando à minha porta; Verdade, mentira, certeza, incerteza…; Uma gargalhada de rapariga soa do ar da estrada; Noite de S. João para além do muro do meu quintal; Ontem o pregador de verdades dele*; *Tu, místico, vês uma significação em todas as coisas; Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas —*; *Dizes-me: tu és mais alguma coisa*; *A espantosa realidade das coisas*; *Quando tornar a vir a Primavera*; *Se eu morrer novo; Quando vier a Primavera; Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia; É noite. A noite é muito escura. Numa casa a uma grande distância*; *Nunca sei como é que se pode achar um poente triste; Um dia de chuva é tão belo como um dia de sol; Quando a erva crescer em cima da minha sepultura; Se o homem fosse, como deveria ser; O único mistério do Universo é o mais e não o menos; O Universo não é uma ideia minha; Assim como falham as palavras quando querem exprimir qualquer pensamento; O espelho reflete certo; não erra porque não pensa; Estas verdades não são perfeitas porque são ditas; A criança que pensa em fadas e acredita nas fadas*; *De longe vejo passar no rio um navio…; Creio que irei morrer; A noite desce, o calor soçobra um pouco; Estou doente. Meus pensamentos começam a estar confusos*; *Quando está frio no tempo do frio, para mim é como se estivesse agradável; Seja o que for que esteja no centro do Mundo; Pouco me importa; A guerra que aflige com seus esquadrões o Mundo; Todas as opiniões que há sobre a natureza*; *Navio que partes para longe; Pouco a pouco o campo se alarga e se doura; Última estrela a desaparecer antes do dia; A água chia no púcaro que elevo à boca; O que ouviu os meus versos disse-me: Que tem isso de novo?*; *Ah! Querem uma luz melhor que a do Sol!*; *Gozo os campos sem reparar para eles; Vive, dizes, no presente*; *Hoje de manhã saí muito cedo; Primeiro prenúncio de trovoada de depois de amanhã; Também sei fazer conjeturas; A neve pôs uma toalha calada sobre tudo; É talvez o último dia da minha vida*

FICÇÕES DO INTERLÚDIO | ODES DE RICARDO REIS

Mestre, são plácidas; *Os deuses desterrados; Coroai-me de rosas; O Deus Pã não morreu; De Apolo o carro rodou pra fora*; *Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio; Ao longe os montes têm neve ao sol; Só o ter flores pela vista fora*; *A palidez do dia é levemente dourada*; *Não tenhas nada nas mãos*; *Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo; As rosas amo dos jardins de Adônis*; *Cuidas, ínvio, que cumpres, apertando*; *Não consentem os deuses mais que a vida; Cada coisa a seu tempo tem seu tempo; Da nossa semelhança com os deuses*; *Só esta liberdade nos concedem*; *Aqui, Neera, longe*; *Da lâmpada noturna*; *O ritmo antigo que há em pés descalços; Vós que, crentes em Cristos e Marias*; *O mar jaz; gemem em segredo os ventos*; *Antes de nós nos mesmos arvoredos*; *Acima da verdade estão os deuses; Anjos ou deuses, sempre nós tivemos; Tirem-me os deuses*; *Bocas roxas de vinho; Ouvi contar que outrora, quando a Pérsia*; *Prefiro rosas, meu amor, à pátria; Felizes, cujos corpos sob as árvores*; *Segue o teu destino; Feliz aquele a quem a vida grata*; *Não a ti, Cristo, odeio ou te não quero; Não a ti, Cristo, odeio ou menos prezo*; *Sofro, Lídia, do medo do destino; Uma após uma as ondas apressadas*; *Seguro assento na coluna firme*; *Não quero as oferendas*; *Vossa formosa juventude leda; Não canto a noite porque no meu canto*; *Não quero recordar nem conhecer-me; A abelha que, voando, freme sobre*; *Dia após dia a mesma vida é a mesma*; *Flores que colho, ou deixo; A flor que és, não a que dás, eu quero*; *Melhor destino que o de conhecer-se*; *De novo traz as aparentes novas*; *Quão breve tempo é a mais longa vida*; *Tão cedo passa tudo quanto passa!*; *Prazer, mas devagar; Este, seu 'scasso campo ora lavrando; Como se cada beijo*; *Tuas, não minhas, teço estas grinaldas; Olho os campos, Neera; No ciclo eterno das mudáveis coisas*; *Já sobre a fronte vã se me acinzenta*; *Não só vinho, mas nele o olvido, deito*; *Quanta tristeza e amargura afoga*; *Frutos, dão-os as árvores que vivem; Gozo sonhado é gozo, ainda que em sonho; Solene passa sobre a fértil terra*; *Atrás não torna, nem, como Orfeu, volve*; *A nada imploram tuas mãos já coisas; Aqui, dizeis, na cova a que me abeiro; Lenta, descansa a onda que a maré deixa; O sono é bom pois despertamos dele*; *O rastro breve que das ervas moles*; *Pesa o decreto atroz do fim certeiro; Nos altos ramos de árvores frondosas*; *Inglória é a vida, e inglório o conhecê-la; Tudo que cessa é morte, e a morte é nossa*; *A cada qual, como a 'statura, é dada*; *Nem da erva humilde se o Destino esquece; Quem diz ao dia, dura! e à treva, acaba!*; *Negue-me tudo a sorte, menos vê-la; Se recordo quem fui, outrem me vejo; Quando, Lídia, vier o nosso outono*; *Tênue, como se de Éolo a esquecessem; No breve número de doze meses*; *Não sei de quem recordo meu passado*; *O que sentimos, não o que é sentido; Quer pouco: terás tudo; Não só quem nos odeia ou nos inveja*; *Não*

quero, Cloé, teu amor, que oprime; *Não sei se é amor que tens, ou amor que finges; Nunca a alheia vontade, inda que grata; No mundo, só comigo, me deixaram*; *Os deuses e os Messias que são deuses*; *Do que quero renego, se o querê-lo*; *Sim, sei bem*; *Breve o dia, breve o ano, breve tudo; Domina ou cala. Não te percas, dando*; *Tudo, desde ermos astros afastados*; *Ninguém, na vasta selva virgem*; *Se a cada coisa que há um deus compete; Quanto faças, supremamente faze; Rasteja mole pelos campos ermos*; *Azuis os montes que estão longe param; Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros*; *Severo narro. Quanto sinto, penso; Sereno aguarda o fim que pouco tarda; Ninguém a outro ama, senão que ama*; *Vive sem horas. Quanto mede pesa; Nada fica de nada. Nada somos; Para ser grande, sê inteiro: nada*; *Quero ignorado, e calmo*; *Cada dia sem gozo não foi teu*; *Pois que nada que dure, ou que, durando; Estás só. Ninguém o sabe. Cala e finge; Aqui, neste misérrimo desterro*; *Uns, com os olhos postos no passado; Súdito inútil de astros dominantes*; *Aguardo, equânime, o que não conheço —*; *Vivem em nós inúmeros*; *Ponho na altiva mente o fixo esforço*; *Temo, Lídia, o destino. Nada é certo; Não queiras, Lídia, edificar no 'spaço*; *Saudoso já deste verão que vejo; Deixemos, Lídia, a ciência que não põe*; *É tão suave a fuga deste dia; Para os deuses as coisas são mais coisas; No magno dia até os sons são claros; Quero dos deuses só que me não lembrem; Aos deuses peço só que me concedam*; *Cada um cumpre o destino que lhe cumpre; Meu gesto que destrói*; *Sob a leve tutela*

FICÇÕES DO INTERLÚDIO | POESIAS DE ÁLVARO DE CAMPOS

Quando olho para mim não me percebo; A Praça da Figueira de manhã; Opiário; Ode triunfal; Dois excertos de odes; Ode marítima; Saudação a Walt Whitman; A Fernando Pessoa; Passagem das horas; A Casa Branca Nau Preta; *No lugar dos palácios desertos e em ruínas*; *Não sei. Falta-me um sentido, um tato*; Soneto já antigo; Lisbon revisited; *Se te queres matar, por que não te queres matar?*; Lisbon revisited (1926); *Faróis distantes; O florir do encontro casual*; *Nas praças vindouras — talvez as mesmas que as nossas —*; Tabacaria; Escrito num livro abandonado em viagem; Apostila; Demogorgon; Adiamento; *Mestre, meu mestre querido!*; *Na noite terrível, substância natural de todas as noites; Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra*; Nuvens; *Ah a frescura na face de não cumprir um dever!*; The Times; Gazetilha; Insônia; Acaso; Reticências; Apontamento; De la musique; Aniversário; *Nunca, por mais que viaje, por mais que conheça*; Bicarbonato de soda; Trapo; *Chega através do dia de névoa alguma coisa do esquecimento; Grandes são os desertos, e tudo é deserto; Cruz na porta da tabacaria!*; *Tenho uma grande constipação; Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo*; Ah, um soneto…; Realidade; *E o esplendor dos mapas, caminho abstrato para a imaginação concreta*; Psiquetipia (ou Psicotipia); Magnificat; Pecado original; Datilografia; *Lisboa com suas casas*; *Esta velha angústia; Na casa defronte de mim e dos meus sonhos; Domingo irei para as hortas na pessoa dos outros; Começa a haver meia-noite, e a haver sossego; Depus a máscara e vi-me ao espelho —*; *Na véspera de não partir nunca*; *O que há em mim é sobretudo cansaço —*; *Às vezes tenho ideias felizes*; *Símbolos? Estou farto de símbolos…; Ali não havia eletricidade; Não: devagar; Os antigos invocavam as Musas; Há mais de meia hora*; *Eu, eu mesmo..*; *Estou cansado, é claro*; *Não estou pensando em nada*; *O sono que desce sobre mim; Estou tonto; Todas as cartas de amor são*; *Quero acabar entre rosas, porque as amei na infância; O frio especial das manhãs de viagem; No fim de tudo dormir; Gostava de gostar de gostar; Encostei-me para trás na cadeira de convés e fechei os olhos; O tumulto concentrado da minha imaginação intelectual…; Ah, perante esta única realidade, que é o mistério; Contudo, contudo; Acordar da cidade de Lisboa, mais tarde do que as outras; Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir; O binômio de Newton é tão belo como a Vênus de Milo; Não, não é cansaço..; Mas eu, em cuja alma se refletem*; *O descalabro a ócio e estrelas…; Ora até que enfim…, perfeitamente…; O mesmo* Teucro duce et auspice Teucro; *Ah, onde estou ou onde passo, ou onde não estou nem passo; Que lindos olhos de azul inocente os do pequenito do agiota!*; *Que noite serena!*; *O ter deveres, que prolixa coisa!*; *Começo a conhecer-me. Não existo; Vai pelo cais fora um bulício de chegada próxima; Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa*; *A plácida face anônima de um morto; Desfraldando ao conjunto fictício dos céus estrelados*; Marinetti, acadêmico; Ode marcial; Là-bas, je ne sais où…; Dobrada à moda do Porto; Poema em linha reta; Vilegiatura; Clearly non-Campos!; Barrow-on-Furness

OUTRAS LÍNGUAS

POEMAS INGLESES

35 SONNETS

Whether we write or speak or are but seen; *If that apparent part of life's delight*; *When I do think my meanest line shall be*; *I could not think of thee as piecèd rot; How can I think, or edge my thoughts to action; As a bad orator, badly o'er-book-skilled; Thy words are torture to me, that scarce grieve thee —*; *How many masks wear we, and undermasks; Oh to be idle loving idleness!; As to a child, I talked my heart asleep*; *Like to a ship that storms urge on its course; As the lone, frighted user of a night-road*; *When I should be asleep to mine own voice*; *We are born at sunset and we die ere morn; Like a bad suitor desperate and trembling*; *We never joy enjoy to that full point*; *My love, and not I, is the egoist; Indefinite space, which, by co-substance night; Beauty and love let no one separate; When in the widening circle of rebirth*; *Thought was born blind, but Thought knows what is seeing; My soul is a stiff pageant, man by man; Even as upon a low and cloud-domed day; Something in me was born before the stars*; *We are in Fate and Fate's and do but lack*; *The world is woven all of dream and error*; *How yesterday is long ago! The past*; *The edge of the green wave whitely doth hiss*; *My weary life, that lives unsatisfied*; *I do not know what truth the shown untruth*; *I am older than Nature and her Time*; *When I have sense of what to sense appears; He that goes back does, since he goes, advance; Happy the maimed, the halt, the mad, the blind —*; *Good. I have done. My heart weighs. I am sad*.

Antinous; Inscriptions

EPITHALAMIUM

Set ope ali shutters, that the day come in; *Part from the windows the small curtains set*; *Open the windows and the doors all wide*; *Let the wide light come through the whole house now*; *Now will her grave of untorn maidenhood*; *Sing at her window, ye heard early wings*; *Now is she risen. Look how she looks down; Look how over her seeing-them-not her maids*; *Now is she gowned completely, her face won*; *Now is she issued. List how all speech pines*; *Hang with festoons and wreaths and coronals*; *This is the month and this the day; No more, no more of church or feast, for these*; *The bridegroom aches for the end of this and lusts*; *Even ye, now old, that to this come as to*; *No matter now or past or future. Be*; *In a red bacchic surge of thoughts that beat*; *Io! Io! There runs a juice of pleasure's rage*; *Set the great Flemish hour aflame!*; *But these are thoughts or promises or but*; *And ye, that wed to-day, guess these instincts*

Separated from thee, treasure of my heart; Anamnesis

ALGUNS POEMAS DE " THE MAD FIDDLER" E OUTROS POEMAS DIVERSOS

The Abyss; The End; Meantime; Spell

POEMAS FRANCESES

Trois chansons mortes; *Aux volets clos de votre revê épanoui*; *Le sourire de tes yeux bleus*

POEMAS TRADUZIDOS PARA O PORTUGUÊS

O Corvo; Annabel Lee; Ulalume; Da antologia grega; Hino a Pã; Catarina a Camões; Godiva; Lucy

NOTA DO EDITOR

Neste segundo volume da obra poética de Fernando Pessoa, reunimos a produção de outros eus do poeta, os famosos heterônimos Alberto Caeiro, Ricardo Reis e Álvaro de Campos, além de uma amostragem de sua produção poética em língua estrangeira e de seu trabalho como tradutor.

Seguindo os mesmos critérios adotados no volume dedicado à poesia do ortônimo — ou Pessoa por ele mesmo —, publicamos os poemas já conhecidos do público, consultando a canônica edição organizada por Maria Aliete Galhoz, além das edições críticas preparadas pela Equipa Pessoa e dadas a público pela Imprensa Nacional-Casa da Moeda (INCM). Às traduções, acrescentamos dois poemas descobertos por José Luiz Garaldi numa antiga coleção denominada *A Biblioteca Internacional de Obras Célebres*.

Como forma de apresentar cada parte do livro, usamos apontamentos ou cartas dos vários Pessoas que elucidam seu processo criativo ou nos dão algumas pistas nesse sentido. Com relação à parte dedicada à poesia dos heterônimos, mantivemos o título proposto pelo poeta em carta a J. Gaspar Simões, datada de 28 de julho de 1932:

> Não sei se alguma vez lhe disse que os heterônimos (segundo a última intenção que formei a respeito deles) devem ser por mim publicados sob o meu próprio nome (já é tarde, e portanto absurdo, para o disfarce absoluto). Formarão uma série intitulada Ficções do Interlúdio, ou outra coisa qualquer que de melhor me ocorra. Assim, o título do primeiro volume seria, pouco mais ou menos: *Fernando Pessoa – Ficções do Interlúdio – I. Poemas Completos de Alberto Caeiro (1889-1915)*. E os seguintes do mesmo modo, incluindo um, curioso mas muito difícil de escrever, que contém o debate estético entre mim, o Ricardo Reis e o Álvaro de Campos, e talvez, ainda, outros heterônimos, pois ainda há um ou outro (incluindo um astrólogo) para aparecer.

OUTROS EUS

À GUISA DE PREFÁCIO

A atitude, que deveis tomar para com estes livros publicados, é a de quem não tivesse lido esta explicação, e os houvesse lido, tendo-os comprado, um a um, de cima das mesas de uma livraria. Outra não deve ser a condição mental de quem lê. Quando ledes *Hamlet*, não começais por estabelecer bem no vosso espírito que aquele enredo nunca foi real. Envenenaríeis com isso o vosso próprio prazer que nessa leitura buscais. Quem lê deixa de viver. Fazei agora porque o façais. Deixai de viver e lede. O que é a vida?

Mas aqui, mais intensamente que no caso da obra dramática de um poeta, tendes que contar com o relevo real do autor suposto. Não vos assiste o direito de acreditar na minha explicação. Deveis supor, logo ela lida, que menti; que ides ler obras de diversos poetas, ou de escritores diversos, e que através delas podeis colher emoções, ou ensinamentos, deles, em que eu, salvo como publicador, não estou nem colaboro. Quem vos diz que esta atitude não seja, no fim, a mais justamente conforme com a ignorada realidade das coisas?

Na minha obra pessoal coisas haverá que mostrem semelhança com o que há nestas obras. Não vos admireis. São legítimas influências literárias — ou minhas neles, ou deles em mim. Não há semelhança ou coexistência de personalidades.

Cada personalidade dessas — reparai — é perfeitamente una consigo própria, e, onde há uma obra disposta cronologicamente, como em Caeiro e Álvaro de Campos, a evolução da pessoa moral e intelectual do autor é perfeitamente definida.

Vede como isto se dá em Caeiro. Da limpidez primitiva (que nunca, eu, logrei compreender ou sentir) da impressão nativa, a evolução é directa, adentro de *O Guardador de Rebanhos*, para a aprofundação filosófica. O pequeno episódio — expressivo de qualquer realidade do autor, que ignoro — de *O Pastor Amoroso* intervém e diferencia. Depois, com a vinda da doença, a perfeita lucilação imaginativa ou sensível se apaga, e temos, nos poemas fragmentários

finais do livro, em certo ponto ainda a continuação do aprofundamento, pela evolução do espírito do poeta, em outros pontos uma turbação da obra, pela doença final, real como as minhas mãos, a que, com mágoa minha que chorei em lágrimas, o grande poeta sucumbiu.

Finjo? Não finjo. Se quisesse fingir, para que escreveria isto? Estas coisas passaram-se, garanto; onde se passaram não sei, mas foi tanto quanto neste mundo qualquer coisa se passa, em casas reais, cujas janelas abrem sobre paisagens realmente visíveis. Nunca lá estive — mas acaso sou em quem escreve?

Na vossa vida prática, cheia de coisas impossíveis, e que nunca podiam ter acontecido; na vossa vida de sentimento, doméstica ou própria, cheia de coisas de emoção que nunca se sentiram neste mundo, há acaso realidades tão presentes como estas, que talvez julgais indefinitivas? Ah, as sombras sois vós e as vossas sensações. A realidade, sendo verdadeira, é assim como ma escreveram estes, e como estes, que a escreveram, foram.

Não me digais que sou médium de espíritos estranhos à terra. Com a terra me quero, e com o seu âmbito azul. O horizonte inclui quanto eu incluo; o resto são os maus sonhos que cada um tem a sós consigo.

FERNANDO PESSOA
(apontamento sem data)

FICÇÕES DO INTERLÚDIO | POEMAS DE ALBERTO CAEIRO

NOTAS PARA A RECORDAÇÃO DO MEU MESTRE CAEIRO[1]

Conheci o meu mestre Caeiro em circunstâncias excepcionais — como todas as circunstâncias da vida, e sobretudo as que, não sendo nada em si mesmas, hão de vir a ser tudo nos resultados.

Deixei em quase três quartos o meu curso escocês de engenharia naval; partir numa viagem ao oriente; no regresso, desembarcando em Marselha, e sentindo um grande tédio de seguir, vir por terra até Lisboa. Um primo meu levou-me um dia de passeio ao Ribatejo; conhecia um primo de Caeiro, e tinha com ele negócios; encontrei-me com o que havia de ser meu mestre em casa desse seu primo. Não há mais o que contar, porque isso é pequeno, como toda a fecundação.

Vejo ainda, com claridade da alma, que as lágrimas da lembrança não empanam, porque a visão não é externa… Vejo-o diante de mim, e vê-lo-ei talvez eternamente como primeiro o vi. Primeiro, os olhos azuis de criança que não tem medo; depois, os malares já um pouco salientes, a cor um pouco pálida, e o estranho ar grego, que vinha de dentro e era uma calma, e não de fora, porque não era expressão nem feições. O cabelo, quase abundante, era louro, mas, se faltava luz, acastanhava-se. A estatura era média, tendendo para mais alta, mas curvada, sem ombros altos. O gesto era braço, o sorriso era como era, a voz era igual, lançada num tom de quem não procura senão dizer o que está dizendo — nem alta nem baixa, clara, livre de intenções, de hesitações, de timidezas. O olhar azul não sabia deixar de fitar. Se a nossa observação estranhava qualquer coisa, encontrava-a: a testa, sem ser alta, era poderosamente branca. Repito: era pela sua brancura que parecia maior que a da cara pálida, que tinha majestade. As mãos um pouco delgadas, mas não muito; a palma era larga. A expressão da boca, a última coisa em que se reparava — como se falar fosse, para este homem, menos que existir — era a de um sorriso como o que se atribui

em verso às coisas inanimadas belas, só porque nos agradam —, flores, campos largos, águas com sol — um sorriso de existir, e não de nos falar.

Meu mestre, meu mestre, perdido tão cedo! Revejo-o na sombra que sou em mim, na memória que conservo do que eu sou de morto…

Foi durante a nossa primeira conversa… Como foi não sei, e ele disse: "Está aqui um rapaz Ricardo Reis que há de gostar de conhecer: ele é muito diferente de si." E depois acrescentou, "tudo é diferente de nós, e por isso é que tudo existe".

Esta frase, dita como se fosse um axioma da terra, seduziu-me com um abalo, como o de todas as primeiras posses, que me entrou nos alicerces da alma. Mas, ao contrário da sedução material, o efeito em mim foi de receber de repente, em todas as minhas sensações, uma virgindade que não tinha tido.

Referindo-me, uma vez, ao conceito direto das coisas, que caracteriza a sensibilidade de Caeiro, citei-lhe, com perversidade amiga, que Wordsworth designa um sensível pela expressão:

A primrose by the river's brim
A yellow primrose was to him.
And it was nothing more

E traduzi (omitindo a tradução exata de *primrose*, pois não sei nomes de flores nem de plantas): "Uma flor à margem do rio para ele era uma flor amarela, e não era mais nada."

O meu mestre Caeiro riu. "Esse simples via bem: uma flor amarela não é realmente senão uma flor amarela."

Mas, de repente, pensou.

"Há uma diferença", acrescentou. "Depende se se considera a flor amarela como uma das várias flores amarelas, ou como aquela flor amarela só."

E depois disse:

"O que esse seu poeta inglês queria dizer é que para o tal homem essa flor amarela era uma experiência vulgar, ou coisa conhecida. Ora isso é que não está bem. Toda a coisa que vemos, devemos vê-la sempre pela primeira vez, porque realmente é a primeira vez que a vemos. E então cada flor amarela é uma nova flor amarela, ainda que seja o que se chama a mesma de ontem. A gente não é já o mesmo nem a flor a mesma. O próprio amarelo não pode ser já o mesmo. É pena a gente não ter exatamente os olhos para saber isso, porque então éramos todos felizes."

*

O meu mestre Caeiro não era pagão: era o paganismo. O Ricardo Reis é um pagão, o Antônio Mora é um pagão, eu sou um pagão, o próprio Fernando Pessoa seria um pagão, se não fosse um novelo embrulhado para o lado de dentro. Mas o Ricardo Reis é um pagão por caráter, o Antônio Mora é um pagão por inteligência, eu sou um pagão por revolta, isto é por temperamento. Em Caeiro não havia explicação para o paganismo; havia consubstanciação.

Vou definir isto da maneira em que se definem as coisas indefiníveis — pela cobardia do exemplo. Uma das coisas que mais nitidamente nos sacodem na comparação de nós com os gregos é a ausência de conceitos de infinito, a repugnância de infinito entre gregos. Ora o meu mestre Caeiro tinha lá mesmo esse inconceito. Vou contar, creio que com grande exatidão, a conversa assombrosa que mo revelou.

Referia-me ele, aliás desenvolvendo o que diz em um poema de "O guardador de Rebanhos", que não sei quem lhe tinha chamado em tempos "poeta materialista". Sem achar a frase justa, porque o meu mestre Caeiro não é definível com qualquer frase justa, disse-lhe, contudo, que não era absurdo de todo a atribuição. E expliquei-lhe, mais ou menos, bem, o que é o materialismo clássico. Caeiro ouviu-me com uma atenção de cara dolorosa, e depois disse-me bruscamente:

"Mas isso o que é é muito estúpido. Isso é uma coisa de padres sem religião, e portanto sem desculpa nenhuma."

Fiquei atônito, e apontei-lhe várias semelhanças entre o materialismo e a doutrina dele, salva a poesia desta última. Caeiro protestou.

"Mas isso a que V. chama poesia é que é tudo. Nem é poesia: é ver. Essa gente materialista é cega. V. diz que eles dizem que o espaço é infinito. Onde é que eles viram isso no espaço?"

E eu, desnorteado. "Mas V. não concebe o espaço como infinito? Você não pode conceber o espaço como infinito?"

"Não concebo nada como infinito. Como é que eu posso conceber qualquer coisa como infinito?"

"Homem", disse eu," suponha um espaço. Para além desse espaço há mais espaço, para além desse mais, e depois mais, e mais e mais… Não acaba…"

"Por quê?" disse meu mestre Caeiro.

Fiquei num terremoto mental. "Suponha que acaba", gritei. "O que há depois?"

"Se acaba, depois não há nada", respondeu.

Este gênero de argumentação, cumulativamente infantil e feminina, e portanto irrespondível, atou-me o cérebro durante uns momentos.

“Mas V. concebe isso?” deixei cair por fim.

“Se concebo o quê? Uma coisa ter limites? Pudera! O que não tem limites não existe. Existir é haver outra coisa qualquer, e portanto cada coisa ser limitada. O que custa conceber que uma coisa é uma coisa, e não está sempre a ser uma outra coisa que está mais adiante?”

Nessa altura senti carnalmente que estava discutindo, não com outro homem, mas com outro universo. Fiz uma última tentativa, um desvio que me obriguei a sentir legítimo.

“Olhe, Caeiro… Considere os números… Onde que acabam os números? Tomemos qualquer número — 34, por exemplo. Para além dele temos 35, 36, 37, 38, e assim sem poder parar. Não há número grande que não haja número maior…”

“Mas isso são só números”, protestou o meu mestre Caeiro.

E depois acrescentou, olhando-me com uma formidável infância:

“O que é o 34 na Realidade?”

*

Há frases repentinas, profundas porquê vêm do profundo, que definem um homem, ou, antes, com que um homem se define, sem definição. Não me esquece aquela em que Ricardo Reis uma vez se me definiu. Falava-se de mentir, e ele disse: “Abomino a mentira, porque é uma inexatidão.” Todo o Ricardo Reis — passado, presente e futuro — está nisto.

O meu mestre Caeiro, como não dizia senão o que era, pode ser definido por qualquer frase sua, escrita ou falada, sobretudo depois do período que começa do meio em diante de “O guardador de Rebanhos”. Mas, entre tantas frases que escreveu e se imprimem, entre tantas que me disse e relato ou não relato, a que o contém com maior simplicidade é aquela que uma vez me disse em Lisboa. Falava-se de não sei o que que tinha que ver com as relações de cada qual consigo mesmo. E eu perguntei de repente ao meu mestre Caeiro, “está contente consigo?”. E ele respondeu: “Não: estou contente.” Era como a voz da terra, que é tudo e ninguém.

*

Nunca vi triste o meu mestre Caeiro. Não sei se estava triste quando morreu, ou nos dias antes. Seria possível sabê-lo, mas a verdade é que nunca ousei

perguntar aos que assistiram à morte qualquer coisa da morte ou de como ele a teve.

Em todo caso, foi uma das angústias da minha vida — das angústias reais em meio de tantas que têm sido fictícias — que Caeiro morresse sem eu estar ao pé dele. Isso é estúpido mas humano, e é assim.

Eu estava em Inglaterra. O próprio Ricardo Reis não estava em Lisboa; estava de volta no Brasil. Estava o Fernando Pessoa, mas é como se não estivesse. O Fernando Pessoa sente as coisas mas não se mexe, nem mesmo por dentro.

Nada me consola de não ter estado em Lisboa nesse dia, a não ser aquela consolação que pensar no meu mestre Caeiro espontaneamente me dá. Ninguém é inconsolável ao pé da memória de Caeiro ou de seus versos; e a própria ideia do nada — a mais pavorosa de todas se se pensa com a sensibilidade — tem, na obra e na recordação do meu mestre querido, qualquer coisa de luminoso e de alto, como o sol sobre as neves de píncaros inatingíveis.

Álvaro de Campos

O GUARDADOR DE REBANHOS (1911-1912)

I

[1] 8-3-1914

Eu nunca guardei rebanhos,
Mas é como se os guardasse.
Minha alma é como um pastor,
Conhece o vento e o sol
E anda pela mão das Estações
A seguir e a olhar.
Toda a paz da Natureza sem gente
Vem sentar-se a meu lado.
Mas eu fico triste como um pôr de sol
Para a nossa imaginação,
Quando esfria no fundo da planície
E se sente a noite entrada
Como uma borboleta pela janela.

Mas a minha tristeza é sossego
Porque é natural e justa
E é o que deve estar na alma
Quando já pensa que existe
E as mãos colhem flores sem ela dar por isso.

Como um ruído de chocalhos
Para além da curva da estrada,
Os meus pensamentos são contentes.
Só tenho pena de saber que eles são contentes,
Porque, se o não soubesse,

Em vez de serem contentes e tristes,
Seriam alegres e contentes.

Pensar incomoda como andar à chuva
Quando o vento cresce e parece que chove mais.
Não tenho ambições nem desejos
Ser poeta não é uma ambição minha
É a minha maneira de estar sozinho.

E se desejo às vezes
Por imaginar, ser cordeirinho
(Ou ser o rebanho todo
Para andar espalhado por toda a encosta
A ser muita coisa feliz ao mesmo tempo),
É só porque sinto o que escrevo ao pôr do sol,
Ou quando uma nuvem passa a mão por cima da luz
E corre um silêncio pela erva fora.

Quando me sento a escrever versos
Ou, passeando pelos caminhos ou pelos atalhos,
Escrevo versos num papel que está no meu pensamento,
Sinto um cajado nas mãos
E vejo um recorte de mim
No cimo dum outeiro,
Olhando para o meu rebanho e vendo as minhas ideias,
Ou olhando para as minhas ideias e vendo o meu rebanho.
E sorrindo vagamente como quem não compreende o que se diz
E quer fingir que compreende.

Saúdo todos os que me lerem,
Tirando-lhes o chapéu largo
Quando me veem à minha porta
Mal a diligência levanta no cimo do outeiro.
Saúdo-os e desejo-lhes sol,
E chuva, quando a chuva é precisa,
E que as suas casas tenham

Ao pé duma janela aberta
Uma cadeira predileta
Onde se sentem, lendo os meus versos.
E ao lerem os meus versos pensem
Que sou qualquer coisa natural —
Por exemplo, a árvore antiga
À sombra da qual quando crianças

Se sentavam com um baque, cansados de brincar,
E limpavam o suor da testa quente
Com a manga do bibe riscado.

II

[2] 8-3-1914

O meu olhar é nítido como um girassol.
Tenho o costume de andar pelas estradas
Olhando para a direita e para a esquerda,
E de vez em quando olhando para trás…
E o que vejo a cada momento
É aquilo que nunca antes eu tinha visto,
E eu sei dar por isso muito bem…
Sei ter o pasmo essencial
Que tem uma criança se, ao nascer,
Reparasse que nascera deveras…
Sinto-me nascido a cada momento
Para a eterna novidade do mundo…

Creio no mundo como num malmequer,
Porque o vejo. Mas não penso nele
Porque pensar é não compreender…
O Mundo não se fez para pensarmos nele
(Pensar é estar doente dos olhos)
Mas para olharmos para ele e estarmos de acordo…

Eu não tenho filosofia: tenho sentidos…

Se falo na Natureza não é porque saiba o que ela é.
Mas porque a amo, e amo-a por isso,
Porque quem ama nunca sabe o que ama
Nem sabe por que ama, nem o que é amar…

Amar é a eterna inocência,
E a única inocência não pensar…

III

[3]

Ao entardecer, debruçado pela janela,
E sabendo de soslaio que há campos em frente,
Leio até me arderem os olhos
O livro de Cesário Verde.

Que pena que tenho dele! Ele era um camponês
Que andava preso em liberdade pela cidade.
Mas o modo como olhava para as casas,
E o modo como reparava nas ruas,
E a maneira como dava pelas coisas,
É o de quem olha para árvores,
E de quem desce os olhos pela estrada por onde vai andando
E anda a reparar nas flores que há pelos campos…

Por isso ele tinha aquela grande tristeza
Que ele nunca disse bem que tinha,
Mas andava na cidade como quem anda no campo
E triste como esmagar flores em livros
E pôr plantas em jarros…

IV

[4]

Esta tarde a trovoada caiu
Pelas encostas do céu abaixo

Como um pedregulho enorme…
Como alguém que duma janela alta
Sacode uma toalha de mesa,
E as migalhas, por caírem todas juntas,
Fazem algum barulho ao cair,
A chuva chovia do céu
E enegreceu os caminhos…

Quando os relâmpagos sacudiam o ar
E abanavam o espaço
Como uma grande cabeça que diz que não,
Não sei porquê — eu não tinha medo —
Pus-me a rezar a Santa Bárbara
Como se eu fosse a velha tia de alguém…

Ah! é que rezando a Santa Bárbara
Eu sentia-me ainda mais simples
Do que julgo que sou…
Sentia-me familiar e caseiro
E tendo passado a vida
Tranquilamente, como o muro do quintal;
Tendo ideias e sentimentos por os ter
Como uma flor tem perfume e cor…

Sentia-me alguém que possa acreditar em Santa Bárbara…
Ah, poder crer em Santa Bárbara!

(Quem crê que há Santa Bárbara,
Julgará que ela é gente e visível
Ou que julgará dela?)

(Que artifício! Que sabem
As flores, as árvores, os rebanhos,
De Santa Bárbara?…
Um ramo de árvore,
Se pensasse, nunca podia

Construir santos nem anjos…
Poderia julgar que o sol
É Deus, e que a trovoada
É uma quantidade de gente
Zangada por cima de nós…
Ah, como os mais simples dos homens
São doentes e confusos e estúpidos
Ao pé da clara simplicidade
E saúde em existir
Das árvores e das plantas!)

E eu, pensando em tudo isto,
Fiquei outra vez menos feliz…
Fiquei sombrio e adoecido e soturno
Como um dia em que todo o dia a trovoada ameaça
E nem sequer de noite chega…

V

[5]

Há metafísica bastante em não pensar em nada.

O que penso eu do mundo?
Sei lá o que penso do mundo!
Se eu adoecesse pensaria nisso.

Que ideia tenho eu das coisas?
Que opinião tenho sobre as causas e os efeitos?
Que tenho eu meditado sobre Deus e a alma
E sobre a criação do Mundo?
Não sei. Para mim pensar nisso é fechar os olhos
E não pensar. É correr as cortinas
Da minha janela (mas ela não tem cortinas).

O mistério das coisas? Sei lá o que é mistério!
O único mistério é haver quem pense no mistério.

Quem está ao sol e fecha os olhos,
Começa a não saber o que é o sol
E a pensar muitas coisas cheias de calor.
Mas abre os olhos e vê o sol,
E já não pode pensar em nada,
Porque a luz do sol vale mais que os pensamentos
De todos os filósofos e de todos os poetas.
A luz do sol não sabe o que faz
E por isso não erra e é comum e boa.

Metafísica? Que metafísica têm aquelas árvores?
A de serem verdes e copadas e de terem ramos

E a de dar fruto na sua hora, o que não nos faz pensar,
A nós, que não sabemos dar por elas.
Mas que melhor metafísica que a delas,
Que é a de não saber para que vivem
Nem saber que o não sabem?

"Constituição íntima das coisas"…
"Sentido íntimo do Universo"…
Tudo isto é falso, tudo isto não quer dizer nada.
É incrível que se possa pensar em coisas dessas.
É como pensar em razões e fins
Quando o começo da manhã está raiando, e pelos lados das árvores
Um vago ouro lustroso vai perdendo a escuridão.

Pensar no sentido íntimo das coisas
É acrescentado, como pensar na saúde
Ou levar um copo à água das fontes.

O único sentido íntimo das coisas
É elas não terem sentido íntimo nenhum.

Não acredito em Deus porque nunca o vi.
Se ele quisesse que eu acreditasse nele,

Sem dúvida que viria falar comigo
E entraria pela minha porta dentro
Dizendo-me, *Aqui estou!*

(Isto é talvez ridículo aos ouvidos
De quem, por não saber o que é olhar para as coisas,
Não compreende quem fala delas
Com o modo de falar que reparar para elas ensina.)

Mas se Deus é as flores e as árvores
E os montes e sol e o luar,
Então acredito nele,
Então acredito nele a toda a hora,
E a minha vida é toda uma oração e uma missa,
E uma comunhão com os olhos e pelos ouvidos.

Mas se Deus é as árvores e as flores
E os montes e o luar e o sol,
Para que lhe chamo eu Deus?
Chamo-lhe flores e árvores e montes e sol e luar;
Porque, se ele se fez, para eu o ver,
Sol e luar e flores e árvores e montes,
Se ele me aparece como sendo árvores e montes
E luar e sol e flores,
É que ele quer que eu o conheça
Como árvores e montes e flores e luar e sol.

E por isso eu obedeço-lhe,
(Que mais sei eu de Deus que Deus de si próprio?).
Obedeço-lhe a viver, espontaneamente,
Como quem abre os olhos e vê,
E chamo-lhe luar e sol e flores e árvores e montes,
E amo-o sem pensar nele,
E penso-o vendo e ouvindo,
E ando com ele a toda a hora.

VI

[6]

Pensar em Deus é desobedecer a Deus,
Porque Deus quis que o não conhecêssemos,
Por isso se nos não mostrou…

Sejamos simples e calmos,
Como os regatos e as árvores,
E Deus amar-nos-á fazendo de nós
Belos como as árvores e os regatos,
E dar-nos-á verdor na sua primavera,
E um rio aonde ir ter quando acabemos!…

VII

[7]

Da minha aldeia vejo quanto da terra se pode ver no Universo…
Por isso a minha aldeia é tão grande como outra terra qualquer
Porque eu sou do tamanho do que vejo
E não do tamanho da minha altura…

Nas cidades a vida é mais pequena
Que aqui na minha casa no cimo deste outeiro.
Na cidade as grandes casas fecham a vista à chave,
Escondem o horizonte, empurram o nosso olhar para longe de
[todo o céu,
Tornam-nos pequenos porque nos tiram o que os nossos olhos
[nos podem dar,
E tornam-nos pobres porque a nossa única riqueza é ver.

VIII

[8]

Num meio-dia de fim de primavera
Tive um sonho como uma fotografia.
Vi Jesus Cristo descer à terra.

Veio pela encosta de um monte
Tornado outra vez menino,
A correr e a rolar-se pela erva
E a arrancar flores para as deitar fora
E a rir de modo a ouvir-se de longe.

Tinha fugido do céu.
Era nosso demais para fingir
De segunda pessoa da Trindade.
No céu era tudo falso, tudo em desacordo
Com flores e árvores e pedras.
No céu tinha que estar sempre sério
E de vez em quando de se tornar outra vez homem

E subir para a cruz, e estar sempre a morrer
Com uma coroa toda à roda de espinhos
E os pés espetados por um prego com cabeça,
E até com um trapo à roda da cintura
Como os pretos nas ilustrações.
Nem sequer o deixavam ter pai e mãe
Como as outras crianças.
O seu pai era duas pessoas —
Um velho chamado José, que era carpinteiro,
E que não era pai dele;
E o outro pai era uma pomba estúpida,
A única pomba feia do mundo
Porque não era do mundo nem era pomba.
E a sua mãe não tinha amado antes de o ter.

Não era mulher: era uma mala
Em que ele tinha vindo do céu.
E queriam que ele, que só nascera da mãe,
E nunca tivera pai para amar com respeito,
Pregasse a bondade e a justiça!

Um dia que Deus estava a dormir

E o Espírito Santo andava a voar,
Ele foi à caixa dos milagres e roubou três.
Com o primeiro fez que ninguém soubesse que ele tinha fugido.
Com o segundo criou-se eternamente humano e menino.
Com o terceiro criou um Cristo eternamente na cruz
E deixou-o pregado na cruz que há no céu
E serve de modelo às outras.
Depois fugiu para o sol
E desceu pelo primeiro raio que apanhou.
Hoje vive na minha aldeia comigo.
É uma criança bonita de riso e natural.
Limpa o nariz ao braço direito,
Chapinha nas poças de água,
Colhe as flores e gosta delas e esquece-as.
Atira pedras aos burros,
Rouba a fruta dos pomares
E foge a chorar e a gritar dos cães.
E, porque sabe que elas não gostam
E que toda a gente acha graça,

Corre atrás das raparigas
Que vão em ranchos pelas estradas
Com as bilhas às cabeças
E levanta-lhes as saias.

A mim ensinou-me tudo.
Ensinou-me a olhar para as coisas.
Aponta-me todas as coisas que há nas flores.
Mostra-me como as pedras são engraçadas
Quando a gente as tem na mão
E olha devagar para elas.

Diz-me muito mal de Deus.
Diz que ele é um velho estúpido e doente,
Sempre a escarrar no chão
E a dizer indecências.

A Virgem Maria leva as tardes da eternidade a fazer meia.
E o Espírito Santo coça-se com o bico
E empoleira-se nas cadeiras e suja-as.
Tudo no céu é estúpido como a Igreja Católica.
Diz-me que Deus não percebe nada
Das coisas que criou —
“Se é que ele as criou, do que duvido” —
“Ele diz, por exemplo, que os seres cantam a sua glória,
Mas os seres não cantam nada.
Se cantassem seriam cantores.
Os seres existem e mais nada,
E por isso se chamam seres.”
E depois, cansado de dizer mal de Deus,
O Menino Jesus adormece nos meus braços
E eu levo-o ao colo para casa.

Ele mora comigo na minha casa a meio do outeiro.
Ele é a Eterna Criança, o deus que faltava.
Ele é o humano que é natural,
Ele é o divino que sorri e que brinca.
E por isso é que eu sei com toda a certeza

Que ele é o Menino Jesus verdadeiro.
E a criança tão humana que é divina
É esta minha quotidiana vida de poeta,
E é porque ele anda sempre comigo que eu sou poeta sempre,
E que o meu mínimo olhar
Me enche de sensação,
E o mais pequeno som, seja do que for,
Parece falar comigo.

A Criança Nova que habita onde vivo
Dá-me uma mão a mim
E a outra a tudo que existe
E assim vamos os três pelo caminho que houver,

Saltando e cantando e rindo
E gozando o nosso segredo comum
Que é o de saber por toda a parte
Que não há mistério no mundo
E que tudo vale a pena.

A Criança Eterna acompanha-me sempre.
A direção de meu olhar é o seu dedo apontando.
O meu ouvido atento alegremente a todos os sons
São as cócegas que ele me faz, brincando, nas orelhas.

Damo-nos tão bem um com o outro
Na companhia de tudo
Que nunca pensamos um no outro,
Mas vivemos juntos e dois
Com um acordo íntimo
Como a mão direita e a esquerda.

Ao anoitecer brincamos as cinco pedrinhas
No degrau da porta de casa,
Graves como convém a um deus e a um poeta,
E como se cada pedra
Fosse todo um universo
E fosse por isso um grande perigo para ela
Deixá-la cair no chão.

Depois eu conto-lhe histórias das coisas só dos homens
E ele sorri, porque tudo é incrível.
Ri dos reis e dos que não são reis,
E tem pena de ouvir falar das guerras,
E dos comércios, e dos navios
Que ficam fumo no ar dos altos-mares.
Porque ele sabe que tudo isso falta àquela verdade
Que uma flor tem ao florescer
E que anda com a luz do sol
A variar os montes e os vales

E a fazer doer aos olhos os muros caiados.

Depois ele adormece e eu deito-o.
Levo-o ao colo para dentro de casa
E deito-o, despindo-o lentamente
E como seguindo um ritual muito limpo
E todo materno até ele estar nu.

Ele dorme dentro da minha alma
E às vezes acorda de noite
E brinca com os meus sonhos.
Vira uns de pernas para o ar,
Põe uns em cima dos outros
E bate as palmas sozinho
Sorrindo para o meu sono.

Quando eu morrer, filhinho,
Seja eu a criança, o mais pequeno.
Pega-me tu ao colo
E leva-me para dentro da tua casa.
Despe o meu ser cansado e humano
E deita-me na tua cama.
E conta-me histórias, caso eu acorde,
Para eu tornar a adormecer.
E dá-me sonhos teus para eu brincar
Até que nasça qualquer dia
Que tu sabes qual é.

Esta é a história do meu Menino Jesus.
Por que razão que se perceba
Não há de ser ela mais verdadeira
Que tudo quanto os filósofos pensam
E tudo quanto as religiões ensinam?

IX

[9]

Sou um guardador de rebanhos.
O rebanho é os meus pensamentos
E os meus pensamentos são todos sensações.
Penso com os olhos e com os ouvidos
E com as mãos e os pés
E com o nariz e a boca.

Pensar uma flor é vê-la e cheirá-la
E comer um fruto é saber-lhe o sentido.

Por isso quando num dia de calor
Me sinto triste de gozá-lo tanto.
E me deito ao comprido na erva,
E fecho os olhos quentes,
Sinto todo o meu corpo deitado na realidade,
Sei a verdade e sou feliz.

X

[10]

"Olá, guardador de rebanhos,
Aí à beira da estrada,
Que te diz o vento que passa?"

"Que é vento, e que passa,
E que já passou antes,
E que passará depois.
E a ti o que te diz?"

"Muita coisa mais do que isso.
Fala-me de muitas outras coisas.
De memórias e de saudades
E de coisas que nunca foram."

“Nunca ouviste passar o vento.
O vento só fala do vento.
O que lhe ouviste foi mentira,
E a mentira está em ti.”

XI

[11]

Aquela senhora tem um piano
Que é agradável mas não é o correr dos rios

Nem o murmúrio que as árvores fazem…

Para que é preciso ter piano?
O melhor é ter ouvidos
E amar a Natureza.

XII

[12]

Os pastores de Virgílio tocavam avenas e outras coisas
E cantavam de amor literariamente.
(Depois — eu nunca li Virgílio.
Para que o havia eu de ler?)

Mas os pastores de Virgílio, coitados, são Virgílio,
E a Natureza é bela e antiga.

XIII

[13]

Leve, leve, muito leve,
Um vento muito leve passa,
E vai-se, sempre muito leve.
E eu não sei o que penso

Nem procuro sabê-lo.

XIV

[14]

Não me importo com as rimas. Raras vezes
Há duas árvores iguais, uma ao lado da outra.
Penso e escrevo como as flores têm cor
Mas com menos perfeição no meu modo de exprimir-me
Porque me falta a simplicidade divina
De ser todo só o meu exterior.

Olho e comovo-me,
Comovo-me como a água corre quando o chão é inclinado,
E a minha poesia é natural como o levantar-se vento…

XV

[15]

As quatro canções que seguem
Separam-se de tudo o que eu penso,
Mentem a tudo o que eu sinto,
São do contrário do que eu sou…

Escrevi-as estando doente
E por isso elas são naturais
E concordam com aquilo que sinto,
Concordam com aquilo com que não concordam…
Estando doente devo pensar o contrário
Do que penso quando estou são.
(Senão não estaria doente),
Devo sentir o contrário do que sinto
Quando sou eu na saúde,
Devo mentir à minha natureza
De criatura que sente de certa maneira…
Devo ser todo doente — ideias e tudo.

Quando estou doente, não estou doente para outra coisa.

Por isso essas canções que me renegam
Não são capazes de me renegar
E são a paisagem da minha alma de noite.
A mesma ao contrário…

XVI

[16]

Quem me dera que a minha vida fosse um carro de bois
Que vem a chiar, manhãzinha cedo, pela estrada,
E que para de onde veio volta depois
Quase à noitinha pela mesma estrada.

Eu não tinha que ter esperanças — tinha só que ter rodas…
A minha velhice não tinha rugas nem cabelo branco…
Quando eu já não servia, tiravam-me as rodas
E eu ficava virado e partido no fundo de um barranco.

XVII

[17]

No meu prato que mistura de Natureza!
As minhas irmãs as plantas,
As companheiras das fontes, as santas
A quem ninguém reza…

E cortam-as e vêm à nossa mesa
E nos hotéis os hóspedes ruidosos,
Que chegam com correias tendo mantas
Pedem “Salada”, descuidosos…
Sem pensar que exigem à Terra-Mãe
A sua frescura e os seus filhos primeiros,
As primeiras verdes palavras que ela tem,
As primeiras coisas vivas e irisantes

Que Noé viu
Quando as águas desceram e o cimo dos montes
Verde e alagado surgiu
E no ar por onde a pomba apareceu
O arco-íris se esbateu…

XVIII

[18]

Quem me dera eu fosse o pó da estrada
E que os pés dos pobres me estivessem pisando…

Quem me dera eu fosse os rios que correm
E que as lavadeiras estivessem à minha beira…

Quem me dera eu fosse os choupos à margem do rio
E tivesse só o céu por cima e a água por baixo…

Quem me dera que eu fosse o burro do moleiro
E que ele me batesse e me estimasse…

Antes isso que ser o que atravessa a vida
Olhando para trás de si e tendo pena…

XIX

[19]

O luar quando bate na relva
Não sei que coisa me lembra…
Lembra-me a voz da criada velha
Contando-me contos de fadas.
E de como Nossa Senhora vestida de mendiga
Andava à noite nas estradas
Socorrendo as crianças maltratadas…

Se eu já não posso crer que isso é verdade,

Para que bate o luar na relva?

XX

[20]

O Tejo é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia,
Mas o Tejo não é mais belo que o rio que corre pela minha aldeia
Porque o Tejo não é o rio que corre pela minha aldeia.

O Tejo tem grandes navios
E navega nele ainda,
Para aqueles que veem em tudo o que lá não está,
A memória das naus.

O Tejo desce de Espanha
E o Tejo entra no mar em Portugal.
Toda a gente sabe isso.
Mas poucos sabem qual é o rio da minha aldeia
E para onde ele vai
E donde ele vem.
E por isso, porque pertence a menos gente,
É mais livre e maior o rio da minha aldeia.

Pelo Tejo vai-se para o Mundo.
Para além do Tejo há a América
E a fortuna daqueles que a encontram.
Ninguém nunca pensou no que há para além
Do rio da minha aldeia.

O rio da minha aldeia não faz pensar em nada.
Quem está ao pé dele está só ao pé dele.

XXI

[21]

Se eu pudesse trincar a terra toda

E sentir-lhe um paladar,
Seria mais feliz um momento…
Mas eu nem sempre quero ser feliz.
É preciso ser de vez quando infeliz
Para se poder ser natural…

Nem tudo é dias de sol,
E a chuva, quando falta muito, pede-se.
Por isso tomo a infelicidade com a felicidade
Naturalmente, como quem não estranha
Que haja montanhas e planícies
E que haja rochedos e erva…

O que é preciso é ser-se natural e calmo
Na felicidade ou na infelicidade,
Sentir como quem olha,
Pensar como quem anda,
E quando se vai morrer, lembrar-se de que o dia morre,
E que o poente é belo e é bela a noite que fica…
Assim é e assim seja…

XXII

[22]

Como quem num dia de Verão abre a porta de casa
E espreita para o calor dos campos com a cara toda,
Às vezes, de repente, bate-me a Natureza de chapa
Na cara dos meus sentidos,
E eu fico confuso, perturbado, querendo perceber
Não sei bem como nem o quê…

Mas quem me mandou a mim querer perceber?
Quem me disse que havia que perceber?

Quando o Verão me passa pela cara
A mão leve e quente da sua brisa,

Só tenho que sentir agrado porque é brisa
Ou que sentir desagrado porque é quente,
E de qualquer maneira que eu o sinta,
Assim, porque assim o sinto, é que é meu dever senti-lo…

XXIII

[23]

O meu olhar azul como o céu
É calmo como a água ao sol.
É assim, azul e calmo,
Porque não interroga nem se espanta…

Se eu interrogasse e me espantasse
Não nasciam flores novas nos prados
Nem mudaria qualquer coisa no sol de modo a ele ficar mais belo…
(Mesmo se nascessem flores novas no prado
E se o sol mudasse para mais belo,
Eu sentiria menos flores no prado
E achava mais feio o sol…
Porque tudo é como é e assim é que é,
E eu aceito, e nem agradeço,
Para não parecer que penso nisso…)

XXIV

[24]

O que nós vemos das coisas são as coisas.
Por que veríamos nós uma coisa se houvesse outra?
Por que é que ver e ouvir seria iludirmo-nos
Se ver e ouvir são ver e ouvir?

O essencial é saber ver.
Saber ver sem estar a pensar,
Saber ver quando se vê,
E nem pensar quando se vê

Nem ver quando se pensa.

Mas isso (tristes de nós que trazemos a alma vestida!),
Isso exige um estudo profundo,
Uma aprendizagem de desaprender
E uma sequestração na liberdade daquele convento
De que os poetas dizem que as estrelas são as freiras eternas
E as flores as penitentes convictas de um só dia,
Mas onde afinal as estrelas não são senão estrelas
Nem as flores senão flores,
Sendo por isso que lhes chamamos estrelas e flores.

XXV

[25] 13-3-1914

As bolas de sabão que esta criança
Se entretém a largar de uma palhinha
São translucidamente uma filosofia toda.
Claras, inúteis e passageiras como a Natureza,
Amigas dos olhos como as coisas,
São aquilo que são
Com uma precisão redondinha e aérea,
E ninguém, nem mesmo a criança que as deixa,
Pretende que elas são mais do que parecem ser.

Algumas mal se veem no ar lúcido.
São como a brisa que passa e mal toca nas flores
E que só sabemos que passa
Porque qualquer coisa se aligeira em nós
E aceita tudo mais nitidamente.

XXVI

[26] 11-3-1914

Às vezes, em dias de luz perfeita e exata,

Em que as coisas têm toda a realidade que podem ter,
Pergunto a mim próprio devagar
Por que sequer atribuo eu
Beleza às coisas.

Uma flor acaso tem beleza?
Tem beleza acaso um fruto?
Não: têm cor e forma
E existência apenas.
A beleza é o nome de qualquer coisa que não existe
Que eu dou às coisas em troca do agrado que me dão.
Não significa nada.
Então por que digo eu das coisas: são belas?

Sim, mesmo a mim, que vivo só de viver,
Invisíveis, vêm ter comigo as mentiras dos homens
Perante as coisas,
Perante as coisas que simplesmente existem.

Que difícil ser próprio e não ver senão o visível!

XXVII

[27]

Só a Natureza é divina, e ela não é divina…

Se falo dela como de um ente
É que para falar dela preciso usar da linguagem dos homens
Que dá personalidade às coisas,
E impõe nome às coisas.

Mas as coisas não têm nome nem personalidade:
Existem, e o céu é grande e a terra larga,
E o nosso coração do tamanho de um punho fechado…

Bendito seja eu por tudo quanto sei.

Gozo tudo isso como quem sabe que há o sol.

XXVIII

[28]

Li hoje quase duas páginas
Do livro dum poeta místico,
E ri como quem tem chorado muito.

Os poetas místicos são filósofos doentes,
E os filósofos são homens doidos.

Porque os poetas místicos dizem que as flores sentem
E dizem que as pedras têm alma
E que os rios têm êxtases ao luar.

Mas flores, se sentissem, não eram flores,
Eram gente;
E se as pedras tivessem alma, eram coisas vivas, não eram pedras;
E se os rios tivessem êxtases ao luar,
Os rios seriam homens doentes.

É preciso não saber o que são flores e pedras e rios
Para falar dos sentimentos deles.
Falar da alma das pedras, das flores, dos rios,
É falar de si próprio e dos seus falsos pensamentos.
Graças a Deus que as pedras são só pedras.
E que os rios não são senão rios,
E que as flores são apenas flores.

Por mim, escrevo a prosa dos meus versos
E fico contente,
Porque sei que compreendo a Natureza por fora;
E não a compreendo por dentro
Porque a Natureza não tem dentro;

Senão não era a Natureza.

XXIX

[29]

Nem sempre sou igual no que digo e escrevo.
Mudo, mas não mudo muito.
A cor das flores não é a mesma ao sol
De que quando uma nuvem passa
Ou quando entra a noite
E as flores são cor da sombra.

Mas quem olha bem vê que são as mesmas flores.
Por isso quando pareço não concordar comigo,
Reparem bem para mim:
Se estava virado para a direita,
Voltei-me agora para a esquerda,
Mas sou sempre eu, assente sobre os mesmos pés —
O mesmo sempre, graças ao céu e à terra
E aos meus olhos e ouvidos atentos
E à minha clara simplicidade de alma…

XXX

[30]

Se quiserem que eu tenha um misticismo, está bem, tenho-o.
Sou místico, mas só com o corpo.
A minha alma é simples e não pensa.

O meu misticismo é não querer saber.
É viver e não pensar nisso.

Não sei o que é a Natureza: canto-a.
Vivo no cimo dum outeiro
Numa casa caiada e sozinha,
E essa é a minha definição.

XXXI

[31]

Se às vezes digo que as flores sorriem
E se eu disser que os rios cantam,
Não é porque eu julgue que há sorrisos nas flores
E cantos no correr dos rios…
É porque assim faço mais sentir aos homens falsos
A existência verdadeiramente real das flores e dos rios.

Porque escrevo para eles me lerem sacrifico-me às vezes
À sua estupidez de sentidos…
Não concordo comigo mas absolvo-me,
Porque só sou essa coisa séria, um intérprete da Natureza,
Porque há homens que não percebem a sua linguagem,
Por ela não ser linguagem nenhuma.

XXXII

[32]

Ontem à tarde um homem das cidades
Falava à porta da estalagem.
Falava comigo também.
Falava da justiça e da luta para haver justiça
E dos operários que sofrem,
E do trabalho constante, e dos que têm fome,
E dos ricos, que só têm costas para isso.

E, olhando para mim, viu-me lágrimas nos olhos
E sorriu com agrado, julgando que eu sentia
O ódio que ele sentia, e a compaixão
Que ele dizia que sentia.

(Mas eu mal o estava ouvindo.
Que me importam a mim os homens

E o que sofrem ou supõem que sofrem?
Sejam como eu — não sofrerão.
Todo o mal do mundo vem de nos importarmos uns com os outros,
Quer para fazer bem, quer para fazer mal.
A nossa alma e o céu e a terra bastam-nos.
Querer mais é perder isto, e ser infeliz.)

Eu no que estava pensando
Quando o amigo de gente falava
(E isso me comoveu até as lágrimas),
Era em como o murmúrio longínquo dos chocalhos
A esse entardecer
Não parecia os sinos duma capela pequenina
A que fossem à missa as flores e os regatos
E as almas simples como a minha.

(Louvado seja Deus que não sou bom,
E tenho o egoísmo natural das flores
E dos rios que seguem o seu caminho

Preocupados sem o saber
Só com florir e ir correndo.
É essa a única missão no Mundo,
Essa — existir claramente,
E saber fazê-lo sem pensar nisso.)

E o homem calara-se, olhando o poente.
Mas que tem com o poente quem odeia e ama?

XXXIII

[33]

Pobres das flores nos canteiros dos jardins regulares.
Parecem ter medo da polícia…
Mas tão boas que florescem do mesmo modo
E têm o mesmo sorriso antigo

Que tiveram para o primeiro olhar do primeiro homem
Que as viu aparecidas e lhes tocou levemente
Para ver se elas falavam…

XXXIV

[34]

Acho tão natural que não se pense
Que me ponho a rir às vezes, sozinho,
Não sei bem de quê, mas é de qualquer coisa
Que tem que ver com haver gente que pensa…

Que pensará o meu muro da minha sombra?
Pergunto-me às vezes isto até dar por mim
A perguntar-me coisas…
E então desagrado-me, e incomodo-me
Como se desse por mim com um pé dormente…

Que pensará isto de aquilo?
Nada pensa nada.
Terá a terra consciência das pedras e plantas que tem?
Se ela a tiver, que a tenha…
Que me importa isso a mim?
Se eu pensasse nessas coisas,
Deixaria de ver as árvores e as plantas
E deixava de ver a Terra,
Para ver só os meus pensamentos…
Entristecia e ficava às escuras.
E assim, sem pensar tenho a Terra e o Céu.

XXXV

[35]

O luar através dos altos ramos,
Dizem os poetas todos que ele é mais
Que o luar através dos altos ramos.

Mas para mim, que não sei o que penso,
O que o luar através dos altos ramos
É, além de ser
O luar através dos altos ramos,
É não ser mais
Que o luar através dos altos ramos.

XXXVI

[36]

E há poetas que são artistas
E trabalham nos seus versos
Como um carpinteiro nas tábuas!…

Que triste não saber florir!
Ter que pôr verso sobre verso, como quem constrói um muro

E ver se está bem, e tirar se não está!…
Quando a única casa artística é a Terra toda
Que varia e está sempre bem e é sempre a mesma.

Penso nisto, não como quem pensa, mas como quem respira,
E olho para as flores e sorrio…
Não sei se elas me compreendem
Nem se eu as compreendo a elas,
Mas sei que a verdade está nelas e em mim
E na nossa comum divindade
De nos deixarmos ir e viver pela Terra
E levar ao solo pelas Estações contentes
E deixar que o vento cante para adormecermos
E não termos sonhos no nosso sono.

XXXVII

[37]

Como um grande borrão de fogo sujo
O sol posto demora-se nas nuvens que ficam.
Vem um silvo vago de longe na tarde muito calma.
Deve ser dum comboio longínquo.

Neste momento vem-me uma vaga saudade
E um vago desejo plácido
Que aparece e desaparece.

Também às vezes, à flor dos ribeiros,
Formam-se bolhas na água
Que nascem e se desmancham
E não têm sentido nenhum
Salvo serem bolhas de água
Que nascem e se desmancham.

XXXVIII

[38]

Bendito seja o mesmo sol de outras terras
Que faz meus irmãos todos os homens
Porque todos os homens, um momento no dia, o olham como eu,
E nesse puro momento
Todo limpo e sensível
Regressam lacrimosamente
E com um suspiro que mal sentem
Ao homem verdadeiro e primitivo
Que via o Sol nascer e ainda o não adorava.
Porque isso é natural — mais natural
Que adorar o ouro e Deus
E a arte e a moral…

XXXIX

[39]

O mistério das coisas, onde está ele?

Onde está ele que não aparece
Pelo menos a mostrar-nos que é mistério?
Que sabe o rio disso e que sabe a árvore?
E eu, que não sou mais do que eles, que sei disso?
Sempre que olho para as coisas e penso no que os homens
[pensam delas,
Rio como um regato que soa fresco numa pedra.

Porque o único sentido oculto das coisas
É elas não terem sentido oculto nenhum,
É mais estranho do que todas as estranhezas
E do que os sonhos de todos os poetas
E os pensamentos de todos os filósofos,
Que as coisas sejam realmente o que parecem ser
E não haja nada que compreender.

Sim, eis o que os meus sentidos aprenderam sozinhos: —
As coisas não têm significação: têm existência.
As coisas são o único sentido oculto das coisas.

XL

[40] 7-5-1914

Passa uma borboleta por diante de mim
E pela primeira vez no Universo eu reparo
Que as borboletas não têm cor nem movimento,
Assim como as flores não têm perfume nem cor.
A cor é que tem cor nas asas da borboleta,
No movimento da borboleta o movimento é que se move,
O perfume é que tem perfume no perfume da flor.
A borboleta é apenas borboleta
E a flor é apenas flor.

XLI

[41] 7-5-1914

No entardecer dos dias de Verão, às vezes,
Ainda que não haja brisa nenhuma, parece
Que passa, um momento, uma leve brisa…
Mas as árvores permanecem imóveis
Em todas as folhas das suas folhas
E os nossos sentidos tiveram uma ilusão,
Tiveram a ilusão do que lhes agradaria…

Ah, os sentidos, os doentes que veem e ouvem!
Fôssemos nós como devíamos ser
E não haveria em nós necessidade de ilusão…
Bastar-nos-ia sentir com clareza e vida
E nem repararmos para que há sentidos…

Mas graças a Deus que há imperfeição no Mundo
Porque a imperfeição é uma coisa,
E haver gente que erra é original,
E haver gente doente torna o Mundo engraçado.
Se não houvesse imperfeição, havia uma coisa a menos,
E deve haver muita coisa
Para termos muito que ver e ouvir…

XLII

[42] 7-5-1914

Passou a diligência pela estrada, e foi-se;
E a estrada não ficou mais bela, nem sequer mais feia.
Assim é a ação humana pelo mundo fora.
Nada tiramos e nada pomos; passamos e esquecemos;
E o sol é sempre pontual todos os dias.

XLIII

[43] 7-5-1914

Antes o voo da ave, que passa e não deixa rasto,
Que a passagem do animal, que fica lembrada no chão.

A ave passa e esquece, e assim deve ser.
O animal, onde já não está e por isso de nada serve,
Mostra que já esteve, o que não serve para nada.
A recordação é uma traição à Natureza,
Porque a Natureza de ontem não é Natureza.
O que foi não é nada, e lembrar é não ver.

Passa, ave, passa, e ensina-me a passar!

XLIV

[44] 7-5-1914

Acordo de noite subitamente,
E o meu relógio ocupa a noite toda.
Não sinto a Natureza lá fora.
O meu quarto é uma coisa escura com paredes vagamente brancas.
Lá fora há um sossego como se nada existisse.
Só o relógio prossegue o seu ruído.
E esta pequena coisa de engrenagens que está em cima da minha
[mesa
Abafa toda a existência da terra e do céu…
Quase que me perco a pensar o que isto significa,
Mas estaco, e sinto-me sorrir na noite com os cantos da boca,
Porque a única coisa que o meu relógio simboliza ou significa
Enchendo com a sua pequenez a noite enorme
É a curiosa sensação de encher a noite enorme
Com a sua pequenez…

XLV

[45] 7-5-1914

Um renque de árvores lá longe, lá para a encosta.
Mas o que é um renque de árvores? Há árvores apenas.
Renque e o plural árvores não são coisas, são nomes.

Tristes das almas humanas, que põem tudo em ordem,
Que traçam linhas de coisa a coisa,
Que põem letreiros com nomes nas árvores absolutamente reais,
E desenham paralelos de latitude e longitude
Sobre a própria terra inocente e mais verde e florida do que isso!

XLVI

[46] 10-5-1914

Deste modo ou daquele modo,
Conforme calha ou não calha,
Podendo às vezes dizer o que penso,
E outras vezes dizendo-o mal e com misturas,
Vou escrevendo os meus versos sem querer,
Como se escrever não fosse uma coisa feita de gestos,
Como se escrever fosse uma coisa que me acontecesse
Como dar-me o sol de fora.

Procuro dizer o que sinto
Sem pensar em que o sinto.
Procuro encostar as palavras à ideia
E não precisar dum corredor
Do pensamento para as palavras.
Nem sempre consigo sentir o que sei que devo sentir.
O meu pensamento só muito devagar atravessa o rio a nado
Porque lhe pesa o fato que os homens o fizeram usar.

Procuro despir-me do que aprendi,
Procuro esquecer-me do modo de lembrar que me ensinaram,
E raspar a tinta com que me pintaram os sentidos,
Desencaixotar as minhas emoções verdadeiras,
Desembrulhar-me e ser eu, não Alberto Caeiro,
Mas um animal humano que a Natureza produziu.

E assim escrevo, querendo sentir a Natureza, nem sequer como
[um homem,

Mas como quem sente a Natureza, e mais nada.
E assim escrevo, ora bem, ora mal,
Ora acertando com o que quero dizer, ora errando,
Caindo aqui, levantando-me acolá,
Mas indo sempre no meu caminho como um cego teimoso.

Ainda assim, sou alguém.
Sou o Descobridor da Natureza.

Sou o Argonauta das sensações verdadeiras.
Trago ao Universo um novo Universo
Porque trago ao Universo ele próprio.

Isto sinto e isto escrevo
Perfeitamente sabedor e sem que não veja
Que são cinco horas do amanhecer
E que o sol, que ainda não mostrou a cabeça
Por cima do muro do horizonte,
Ainda assim já se lhe veem as pontas dos dedos
Agarrando o cimo do muro
Do horizonte cheio de montes baixos.

XLVII

[47]

Num dia excessivamente nítido,
Dia em que dava a vontade de ter trabalhado muito
Para nele não trabalhar nada,
Entrevi, como uma estrada por entre as árvores,
O que talvez seja o Grande Segredo,
Aquele Grande Mistério de que os poetas falsos falam.

Vi que não há Natureza,
Que Natureza não existe,
Que há montes, vales, planícies,
Que há árvores, flores, ervas,

Que há rios e pedras,
Mas que não há um todo a que isso pertença,
Que um conjunto real e verdadeiro
É uma doença das nossas ideias.
A Natureza é partes sem um todo.
Isto é talvez o tal mistério de que falam.

Foi isto o que sem pensar nem parar,
Acertei que devia ser a verdade
Que todos andam a achar e que não acham,
E que só eu, porque a não fui achar, achei.

XLVIII

[48]

Da mais alta janela da minha casa
Com um lenço branco digo adeus
Aos meus versos que partem para a humanidade.

E não estou alegre nem triste.
Esse é o destino dos versos.
Escrevi-os e devo mostrá-los a todos
Porque não posso fazer o contrário
Como a flor não pode esconder a cor,
Nem o rio esconder que corre,
Nem a árvore esconder que dá fruto.

Ei-los que vão já longe como que na diligência
E eu sem querer sinto pena
Como uma dor no corpo.

Quem sabe quem os lerá?
Quem sabe a que mãos irão?

Flor, colheu-me o meu destino para os olhos.
Árvore, arrancaram-me os frutos para as bocas.

Rio, o destino da minha água era não ficar em mim.
Submeto-me e sinto-me quase alegre,
Quase alegre como quem se cansa de estar triste.

Ide, ide de mim!
Passa a árvore e fica dispersa pela Natureza.
Murcha a flor e o seu pó dura sempre.
Corre o rio e entra no mar e a sua água é sempre a que foi sua.

Passo e fico, como o Universo.

XLIX

[49]

Meto-me para dentro, e fecho a janela.
Trazem o candeeiro e dão as boas noites,
E a minha voz contente dá as boas noites.
Oxalá a minha vida seja sempre isto:
O dia cheio de sol, ou suave de chuva,
Ou tempestuoso como se acabasse o Mundo,
A tarde suave e os ranchos que passam
Fitados com interesse da janela,
O último olhar amigo dado ao sossego das árvores,
E depois, fechada a janela, o candeeiro aceso,
Sem ler nada, nem pensar em nada, nem dormir,
Sentir a vida correr por mim como um rio por seu leito.
E lá fora um grande silêncio como um deus que dorme.

O PASTOR AMOROSO

[50] 6-7-1914

Quando eu não te tinha
Amava a Natureza como um monge calmo a Cristo…
Agora amo a Natureza
Como um monge calmo à Virgem Maria,
Religiosamente, a meu modo, como dantes,
Mas de outra maneira mais comovida e próxima…
Vejo melhor os rios quando vou
Pelos campos até a beira dos rios;
Sentado a teu lado reparando nas nuvens
Reparo nelas melhor —
Tu não me tiraste a Natureza…
Tu mudaste a Natureza…
Trouxeste-me a Natureza para o pé de mim,
Por tu existires vejo-a melhor, mas a mesma,
Por tu me amares, amo-a do mesmo modo, mas mais,
Por tu me escolheres para te ter e te amar,
Os meus olhos fitaram-na mais demoradamente
Sobre todas as coisas.
Não me arrependo do que fui outrora
Porque ainda o sou.

[51] 6-7-1914

Vai alta no céu a lua da Primavera
Penso em ti e dentro de mim estou completo.

Corre pelos vagos campos até mim uma brisa ligeira.

Penso em ti, murmuro o teu nome; e não sou eu: sou feliz.

Amanhã virás, andarás comigo a colher flores pelo campo,
E eu andarei contigo pelos campos ver-te colher flores.

Eu já te vejo amanhã a colher flores comigo pelos campos,
Pois quando vieres amanhã e andares comigo no campo a
[colher flores,
Isso será uma alegria e uma verdade para mim.

[52] 10-7-1930

O amor é uma companhia.
Já não sei andar só pelos caminhos,
Porque já não posso andar só.
Um pensamento visível faz-me andar mais depressa
E ver menos, e ao mesmo tempo gostar bem de ir vendo tudo.
Mesmo a ausência dela é uma coisa que está comigo.
E eu gosto tanto dela que não sei como a desejar.

Se a não vejo, imagino-a e sou forte como as árvores altas.
Mas se a vejo tremo, não sei o que é feito do que sinto na
[ausência dela.
Todo eu sou qualquer força que me abandona.
Toda a realidade olha para mim como um girassol com a cara
[dela no meio.

[53] 10-7-1930

O pastor amoroso perdeu o cajado,
E as ovelhas tresmalharam-se pela encosta,
E, de tanto pensar, nem tocou a flauta que trouxe para tocar.
Ninguém lhe apareceu ou desapareceu. Nunca mais encontrou
[o cajado.
Outros, praguejando contra ele, recolheram-lhe as ovelhas.
Ninguém o tinha amado, afinal.

Quando se ergueu da encosta e da verdade falsa, viu tudo:
Os grandes vales cheios dos mesmos verdes de sempre,
As grandes montanhas longe, mais reais que qualquer sentimento,

A realidade toda, com o céu e o ar e os campos que existem, estão
[presentes.
(E de novo o ar, que lhe faltara tanto tempo, lhe entrou fresco
[nos pulmões)
E sentiu que de novo o ar lhe abria, mas com dor, uma liberdade
[no peito.

[54] 10-7-1930

Passei toda a noite, sem dormir, vendo, sem espaço, a figura dela,
E vendo-a sempre de maneiras diferentes do que a encontro a ela.
Faço pensamentos com a recordação do que ela é quando me fala,
E em cada pensamento ela varia de acordo com a sua semelhança.
Amar é pensar.
E eu quase que me esqueço de sentir só de pensar nela.
Não sei bem o que quero, mesmo dela, e eu não penso senão nela.
Tenho uma grande distração animada.
Quando desejo encontrá-la
Quase que prefiro não a encontrar,
Para não ter que a deixar depois.
Não sei bem o que quero, nem quero saber o que quero. Quero só
Pensar nela.
Não peço nada a ninguém, nem a ela, senão pensar.

[55] 23-7-1930

Todos os dias agora acordo com alegria e pena.
Antigamente acordava sem sensação nenhuma; acordava.
Tenho alegria e pena porque perco o que sonho
E posso estar na realidade onde está o que sonho.
Não sei o que hei de fazer das minhas sensações.
Não sei o que hei de ser comigo sozinho.

Quero que ela me diga qualquer coisa para eu acordar de novo.

POEMAS INCONJUNTOS (1913-1915)

[56]

Não basta abrir a janela
Para ver os campos e o rio.
Não é bastante não ser cego
Para ver as árvores e as flores.
É preciso também não ter filosofia nenhuma.
Com filosofia não há árvores: há ideias apenas.
Há só cada um de nós, como uma cave.
Há só uma janela fechada, e todo o mundo lá fora;
E um sonho do que se poderia ver se a janela se abrisse,
Que nunca é o que se vê quando se abre a janela.

[57]

Falas de civilização, e de não dever ser,
Ou de não dever ser assim.
Dizes que todos sofrem, ou a maioria de todos,
Com as coisas humanas postas desta maneira.
Dizes que se fossem diferentes, sofreriam menos.
Dizes que se fossem como tu queres, seria melhor.
Escuto sem te ouvir.
Para que te quereria eu ouvir?
Ouvindo-te nada ficaria sabendo.
Se as coisas fossem diferentes, seriam diferentes: eis tudo.
Se as coisas fossem como tu queres, seriam só como tu queres.
Ai de ti e de todos que levam a vida
A querer inventar a máquina de fazer felicidade!

[58] 20-4-1919

Entre o que vejo de um campo e o que vejo de outro campo
Passa um momento uma figura de homem.
Os seus passos vão com “ele” na mesma realidade,
Mas eu reparo para ele e para eles, e são duas coisas:
O “homem” vai andando com as suas ideias falso e estrangeiro,
E os passos vão com o sistema antigo que faz pernas andar.
Olho-o de longe sem opinião nenhuma.
Que perfeito que é nele o que ele é — o seu corpo,
A sua verdadeira realidade que não tem desejos nem esperanças,
Mas músculos e a maneira certa e impessoal de os usar.

[59] 12-4-1919

Criança desconhecida e suja brincando à minha porta,
Não te pergunto se me trazes um recado dos símbolos.
Acho-te graça por nunca te ter visto antes,
E naturalmente se pudesses estar limpa eras outra criança,
Nem aqui vinhas.
Brinca na poeira, brinca!
Aprecio a tua presença só com os olhos.
Vale mais a pena ver uma coisa sempre pela primeira vez que
[conhecê-la,
Porque conhecer é como nunca ter visto pela primeira vez,
E nunca ter visto pela primeira vez é só ter ouvido contar.

O modo como esta criança está suja é diferente do modo como
[as outras estão sujas.
Brinca! pegando numa pedra que te cabe na mão,
Sabes que te cabe na mão.
Qual é a filosofia que chega a uma certeza maior?
Nenhuma, e nenhuma pode vir brincar nunca à minha porta.

[60] 12-4-1919

Verdade, mentira, certeza, incerteza…
Aquele cego ali na estrada também conhece estas palavras.
Estou sentado num degrau alto e tenho as mãos apertadas
Sobre o mais alto dos joelhos cruzados.
Bem: verdade, mentira, certeza, incerteza o que são?
O cego para na estrada,
Desliguei as mãos de cima do joelho.
Verdade, mentira, certeza, incerteza são as mesmas?
Qualquer coisa mudou numa parte da realidade — os meus
[joelhos e as minhas mãos.
Qual é a ciência que tem conhecimento para isto?
O cego continua o seu caminho e eu não faço mais gestos.
Já não é a mesma hora, nem a mesma gente, nem nada igual.
Ser real é isto.

[61] 12-4-1919

Uma gargalhada de rapariga soa do ar da estrada.
Riu do que disse quem não vejo.
Lembro-me já que ouvi.
Mas se me falarem agora de uma gargalhada de rapariga da estrada,
Direi: não, os montes, as terras ao sol, o sol, a casa aqui,
E eu que só oiço o ruído calado do sangue que há na minha
[vida dos dois lados da cabeça.

[62] 12-4-1919

Noite de S. João para além do muro do meu quintal.
Do lado de cá, eu sem noite de S. João.
Porque há S. João onde o festejam.
Para mim há uma sombra de luz de fogueiras na noite,
Um ruído de gargalhadas, os baques dos saltos.
E um grito casual de quem não sabe que eu existo.

[63]

Ontem o pregador de verdades dele
Falou outra vez comigo.
Falou do sofrimento das classes que trabalham
(Não do das pessoas que sofrem, que é afinal quem sofre).
Falou da injustiça de uns terem dinheiro,
E de outros terem fome, que não sei se é fome de comer.
Ou se é só fome da sobremesa alheia.
Falou de tudo quanto pudesse fazê-lo zangar-se.

Que feliz deve ser quem pode pensar na infelicidade dos outros!
Que estúpido se não sabe que a infelicidade dos outros é deles,
E não se cura de fora,
Porque sofrer não é ter falta de tinta
Ou o caixote não ter aros de ferro!

Haver injustiça é como haver morte.
Eu nunca daria um passo para alterar
Aquilo a que chamam a injustiça do mundo.
Mil passos que desse para isso
Eram só mil passos.
Aceito a injustiça como aceito uma pedra não ser redonda.
E um sobreiro não ter nascido pinheiro ou carvalho.

Cortei a laranja em duas, e as duas partes não podiam ficar iguais
Para qual fui injusto — eu, que as vou comer a ambas?

[64] 12-4-1919

Tu, místico, vês uma significação em todas as coisas.
Para ti tudo tem um sentido velado.
Há uma coisa oculta em cada coisa que vês.
O que vês, vê-lo sempre para veres outra coisa.

Para mim, graças a ter olhos só para ver,
Eu vejo ausência de significação em todas as coisas;
Vejo-o e amo-me, porque ser uma coisa é não significar nada.

Ser uma coisa é não ser susceptível de interpretação.

[65] 12-4-1919

Pastor do monte, tão longe de mim com as tuas ovelhas —
Que felicidade é essa que pareces ter — a tua ou a minha?
A paz que sinto quando te vejo, pertence-me, ou pertence-te?
Não, nem a ti nem a mim, pastor.
Pertence só à felicidade e à paz.
Nem tu a tens, porque não sabes que a tens.
Nem eu a tenho, porque sei que a tenho.
Ela é ela só, e cai sobre nós como o sol
Que te bate nas costas e te aquece, e tu pensas noutra coisa
[indiferentemente,
E me bate na cara e me ofusca, e eu só penso no sol.

[66]

Dizes-me: tu és mais alguma coisa
Que uma pedra ou uma planta.
Dizes-me: sentes, pensas e sabes
Que pensas e sentes.
Então as pedras escrevem versos?
Então as plantas têm ideias sobre o mundo?

Sim: há diferença.
Mas não é a diferença que encontras;
Porque o ter consciência não me obriga a ter teorias sobre as coisas:
Só me obriga a ser consciente.

Se sou mais que uma pedra ou uma planta? Não sei.
Sou diferente. Não sei o que é mais ou menos.

Ter consciência é mais que ter cor?
Pode ser e pode não ser.
Sei que é diferente apenas.

Ninguém pode provar que é mais que só diferente.

Sei que a pedra é a real, e que a planta existe.
Sei isto porque elas existem.

Sei isto porque os meus sentidos mo mostram.
Sei que sou real também.
Sei isto porque os meus sentidos mo mostram,
Embora com menos clareza que me mostram a pedra e a planta.
Não sei mais nada.

Sim, escrevo versos, e a pedra não escreve versos.
Sim, faço ideias sobre o mundo, e a planta nenhumas.
Mas é que as pedras não são poetas, são pedras;
E as plantas são plantas só, e não pensadores.
Tanto posso dizer que sou superior a elas por isto,
Como que sou inferior.
Mas não digo isso: digo da pedra, “é uma pedra”,
Digo da planta, “é uma planta”,
Digo de mim, “sou eu”.
E não digo mais nada. Que mais há a dizer?

[67] 7-11-1915

A espantosa realidade das coisas
É a minha descoberta de todos os dias.
Cada coisa é o que é,
E é difícil explicar a alguém quanto isso me alegra,
E quanto isso me basta.

Basta existir para se ser completo.

Tenho escrito bastantes poemas.
Hei de escrever muitos mais, naturalmente.
Cada poema meu diz isto,
E todos os meus poemas são diferentes,

Porque cada coisa que há é uma maneira de dizer isto.

Às vezes ponho-me a olhar para uma pedra.
Não me ponho a pensar se ela sente.
Não me perco a chamar-lhe minha irmã.

Mas gosto dela por ela ser uma pedra,
Gosto dela porque ela não sente nada.
Gosto dela porque ela não tem parentesco nenhum comigo.

Outras vezes oiço passar o vento,
E acho que só para ouvir passar o vento vale a pena ter nascido.

Eu não sei o que é que os outros pensarão lendo isto;
Mas acho que isto deve estar bem porque o penso sem estorvo,
Nem ideia de outras pessoas a ouvir-me pensar;
Porque o penso sem pensamentos
Porque o digo como as minhas palavras o dizem.

Uma vez chamaram-me poeta materialista,
E eu admirei-me, porque não julgava
Que se me pudesse chamar qualquer coisa.
Eu nem sequer sou poeta: vejo.
Se o que escrevo tem valor, não sou eu que o tenho:
O valor está ali, nos meus versos.
Tudo isso é absolutamente independente da minha vontade.

[68] 7-11-1915

Quando tornar a vir a Primavera
Talvez já não me encontre no mundo.
Gostava agora de poder julgar que a Primavera é gente
Para poder supor que ela choraria,
Vendo que perdera o seu único amigo.
Mas a Primavera nem sequer é uma coisa:
É uma maneira de dizer.

Nem mesmo as flores tornam, ou as folhas verdes.
Há novas flores, novas folhas verdes.
Há outros dias suaves.
Nada torna, nada se repete, porque tudo é real.

[69] 7-11-1915

Se eu morrer novo,
Sem poder publicar livro nenhum,
Sem ver a cara que têm os meus versos em letra impressa,
Peço que, se se quiserem ralar por minha causa,
Que não se ralem.
Se assim aconteceu, assim está certo.

Mesmo que os meus versos nunca sejam impressos,
Eles lá terão a sua beleza, se forem belos.
Mas eles não podem ser belos e ficar por imprimir,
Porque as raízes podem estar debaixo da terra
Mas as flores florescem ao ar livre e à vista.
Tem que ser assim por força. Nada o pode impedir.

Se eu morrer muito novo, oiçam isto:
Nunca fui senão uma criança que brincava.
Fui gentio como o sol e a água,
De uma religião universal que só os homens não têm.
Fui feliz porque não pedi coisa nenhuma,
Nem procurei achar nada,
Nem achei que houvesse mais explicação
Que a palavra explicação não ter sentido nenhum.

Não desejei senão estar ao sol ou à chuva —
Ao sol quando havia sol
E à chuva quando estava chovendo
(E nunca a outra coisa),
Sentir calor e frio e vento,
E não ir mais longe.

Uma vez amei, julguei que me amariam,
Mas não fui amado.
Não fui amado pela única grande razão —
Porque não tinha que ser.

Consolei-me voltando ao sol e à chuva,
E sentando-me outra vez à porta de casa.
Os campos, afinal, não são tão verdes para os que são amados
Como para os que o não são.
Sentir é estar distraído.

[70] 7-11-1915

Quando vier a Primavera,
Se eu já estiver morto,
As flores florirão da mesma maneira
E as árvores não serão menos verdes que na Primavera passada.
A realidade não precisa de mim.

Sinto uma alegria enorme
Ao pensar que a minha morte não tem importância nenhuma.

Se soubesse que amanhã morria
E a Primavera era depois de amanhã,
Morreria contente, porque ela era depois de amanhã.
Se esse é o seu tempo, quando havia ela de vir senão no seu tempo?
Gosto que tudo seja real e que tudo esteja certo;
E gosto porque assim seria, mesmo que eu não gostasse.
Por isso, se morrer agora, morro contente,
Porque tudo é real e tudo está certo.

Podem rezar latim sobre o meu caixão, se quiserem.
Se quiserem, podem dançar e cantar à roda dele.
Não tenho preferências para quando já não puder ter preferências.
O que for, quando for, é que será o que é.

[71]

Se depois de eu morrer, quiserem escrever a minha biografia,
Não há nada mais simples.
Tem só duas datas — a da minha nascença e a da minha morte.
Entre uma e outra coisa todos os dias são meus.

Sou fácil de definir.
Vi como um danado.
Amei as coisas sem sentimentalidade nenhuma.
Nunca tive um desejo que não pudesse realizar, porque nunca
[ceguei.
Mesmo ouvir nunca foi para mim senão um acompanhamento
[de ver.
Compreendi que as coisas são reais e todas diferentes umas
[das outras;
Compreendi isto com os olhos, nunca com o pensamento.
Compreender isto com o pensamento seria achá-las todas iguais.

Um dia deu-me o sono como a qualquer criança.
Fechei os olhos e dormi.
Além disso, fui o único poeta da Natureza.

[72] 8-11-1915

É noite. A noite é muito escura. Numa casa a uma grande distância
Brilha a luz duma janela.
Vejo-a, e sinto-me humano dos pés à cabeça.
É curioso que toda a vida do indivíduo que ali mora, e que
[não sei quem é,
Atrai-me só por essa luz vista de longe.
Sem dúvida que a vida dele é real e ele tem cara, gestos, família
[e profissão.
Mas agora só me importa a luz da janela dele.
Apesar de a luz estar ali por ele a ter acendido,
A luz é a realidade imediata para mim.

Eu nunca passo para além da realidade imediata.
Para além da realidade imediata não há nada.
Se eu, de onde estou, só vejo aquela luz,
Em relação à distância onde estou há só aquela luz.
O homem e a família dele são reais do lado de lá da janela.
Eu estou do lado de cá, a uma grande distância.
A luz apagou-se.
Que me importa que o homem continue a existir?

[73] 8-11-1915

Nunca sei como é que se pode achar um poente triste.
Só se é por um poente não ser uma madrugada.

Mas se ele é um poente, como é que ele havia de ser uma madrugada?

[74] 8-11-1915

Um dia de chuva é tão belo como um dia de sol.
Ambos existem; cada um como é.

[75] 8-11-1915

Quando a erva crescer em cima da minha sepultura,
Seja este o sinal para me esquecerem de todo.
A Natureza nunca se recorda, e por isso é bela.
E se tiverem a necessidade doentia de “interpretar” a erva verde
[sobre a minha sepultura,
Digam que eu continuo a verdecer e a ser natural.

[76] 1-10-1917

Se o homem fosse, como deveria ser,
Não um animal doente, mas o mais perfeito dos animais,
Animal direto e não indireto,
Devia ser outra a sua forma de encontrar um sentido às coisas,
Outra e verdadeira.

Devia haver adquirido um sentido do “conjunto”;
Um sentido como ver e ouvir do “total” das coisas
E não, como temos, um *pensamento* do “conjunto”;
E não, como temos, uma ideia, do “total” das coisas.
E assim — veríamos — não teríamos noção do “conjunto” ou
[do “total”,
Porque o sentido do “total” ou do “conjunto” não vem de um
[total ou de um conjunto
Mas da verdadeira Natureza talvez nem todo nem partes.

[77] 1-10-1917

O único mistério do Universo é o mais e não o menos.
Percebemos demais as coisas — eis o erro, a dúvida.
O que existe transcende para mim o que julgo que existe.
A Realidade é apenas real e não pensada.

[78] 1-10-1917

O Universo não é uma ideia minha.
A minha ideia do Universo é que é uma ideia minha.
A noite não anoitece pelos meus olhos,
A minha ideia da noite é que anoitece por meus olhos.
Fora de eu pensar e de haver quaisquer pensamentos
A noite anoitece concretamente
E o fulgor das estrelas existe como se tivesse peso.

[79] 1-10-1917

Assim como falham as palavras quando querem exprimir qualquer
[pensamento,
Assim falham os pensamentos quando querem exprimir
[qualquer realidade.
Mas, como a realidade pensada não é a dita mas a pensada,
Assim a mesma dita realidade existe, não o ser pensada.
Assim tudo o que existe, simplesmente existe.

O resto é uma espécie de sono que temos,
Uma velhice que nos acompanha desde a infância da doença.

[80] 1-10-1917

O espelho reflete certo; não erra porque não pensa.
Pensar é essencialmente errar.
Errar é essencialmente estar cego e surdo.

[81] 1-10-1917

Estas verdades não são perfeitas porque são ditas,
E antes de ditas pensadas.
Mas no fundo o que está certo é elas negarem-se a si próprias
Na negação oposta de afirmarem qualquer coisa.
A única afirmação é ser.
E ser o oposto é o que não queria de mim.

[82] 1-10-1917

A criança que pensa em fadas e acredita nas fadas
Age como um deus doente, mas como um deus.
Porque embora afirme que existe o que não existe
Sabe como é que as coisas existem, que é existindo,
Sabe que existir existe e não se explica,
Sabe que não há razão nenhuma para nada existir,
Sabe que ser é estar em um ponto
Só não sabe que o pensamento não é um ponto qualquer.

[83] 1-10-1917

De longe vejo passar no rio um navio…
Vai Tejo abaixo indiferentemente.
Mas não é indiferentemente por não se importar comigo
E eu não exprimo desolação com isto.
É indiferentemente por não ter sentido nenhum
Externo ao facto [ ] amente navio

De ir rio abaixo sem [ ] de metafísica
Rio abaixo até à realidade do mar.

[84] 1-10-1917

Creio que irei morrer.
Mas o sentido de morrer não me move,
Lembro-me que morrer não deve ter sentido.

Isto de viver e morrer são classificações como as das plantas.
Que folhas ou que flores têm uma classificação?
Que vida tem a vida ou que morte a morte?
Tudo são termos onde se define.

---

[85] 1-10-1917

A noite desce, o calor soçobra um pouco.
Estou lúcido como se nunca tivesse pensado
E tivesse raiz, ligação direta com a terra
Não esta espécie de ligação de sentido secundário observado
[à noite.
À noite quando me separo das coisas,
E m'aproximo das estrelas ou constelações distantes —
Erro: porque o distante não é o próximo,
E aproximá-lo é enganar-me.

[86] 1-10-1917

Estou doente. Meus pensamentos começam a estar confusos
Mas o meu corpo, tirado às coisas, entra nelas.
Sinto-me parte das coisas com [ ]
E uma grande libertação começa a fazer-se em mim,
Uma grande alegria solene como a de eu estar vem

---

[87] 24-10-1917

Quando está frio no tempo do frio, para mim é como se estivesse
[agradável,
Porque para o meu ser adequado à existência das coisas
O natural é o agradável só por ser natural.

Aceito as dificuldades da vida porque são o destino,
Como aceito o frio excessivo no alto do Inverno —

Calmamente, sem me queixar, como quem meramente aceita,
E encontra uma alegria no fato de aceitar —
No fato sublimemente científico e difícil de aceitar o natural inevitável.

Que são para mim as doenças que tenho e o mal que me acontece
Senão o Inverno da minha pessoa e da minha vida?
O Inverno irregular, cujas leis de aparecimento desconheço,
Mas que existe para mim em virtude da mesma fatalidade
[sublime.
Da mesma inevitável exterioridade a mim,
Que o calor da terra no alto do Verão
E o frio da terra no cimo do Inverno.

Aceito por personalidade.
Nasci sujeito como os outros a erros e a defeitos,
Mas nunca ao erro de querer compreender demais,
Nunca ao erro de querer compreender só com a inteligência,
Nunca ao defeito de exigir do Mundo
Que fosse qualquer coisa que não fosse o Mundo.

[88] 24-10-1917

Seja o que for que esteja no centro do Mundo,
Deu-me o mundo exterior por exemplo de Realidade,
E quando digo “isto é real”, mesmo de um sentimento,
Vejo-o sem querer em um espaço qualquer exterior.
Vejo-o com uma visão qualquer fora e alheio a mim.

Ser real quer dizer não estar dentro de mim.
Da minha pessoa de dentro não tenho noção de realidade.
Sei que o mundo existe, mas não sei se existo.
Estou mais certo da existência da minha casa branca
Do que da existência interior do dono da casa branca.
Creio mais no meu corpo do que na minha alma,
Porque o meu corpo apresenta-se no meio da realidade.
Podendo ser visto por outros,

Podendo tocar em outros,
Podendo sentar-se e estar de pé,
Mas a minha alma só pode ser definida por termos de fora.
Existe para mim — nos momentos em que julgo que efetivamente
[existe —
Por um empréstimo da realidade exterior do Mundo.

Se a alma é mais real
Que o mundo exterior, como tu, filósofos, dizes,
Para que é que o mundo exterior me foi dado como tipo da
[realidade?
Se é mais certo eu sentir
Do que existir a coisa que sinto —
Para que sinto
E para que surge essa coisa independentemente de mim
Sem precisar de mim para existir,
E eu sempre ligado a mim próprio, sempre pessoal e intransmissível?
Para que me movo com os outros
Em um mundo em que nos entendemos e onde coincidimos
Se por acaso esse mundo é o erro e eu é que estou certo?
Se o Mundo é um erro, é um erro de toda a gente.
E cada um de nós é o erro de cada um de nós apenas.
Coisa por coisa, o Mundo é mais certo.

Mas por que me interrogo, senão porque estou doente?

Nos dias certos, nos dias exteriores da minha vida,

Nos meus dias de perfeita lucidez natural,
Sinto sem sentir que sinto,
Vejo sem saber que vejo,
E nunca o Universo é tão real como então,
Nunca o Universo está (não é perto ou longe de mim.
Mas) tão sublimemente não meu.

Quando digo “é evidente”, quero acaso dizer “só eu é que o vejo”?
Quando digo “é verdade”, quero acaso dizer “é minha opinião”?
Quando digo “ali está”, quero acaso dizer “não está ali”?
E se isto é assim na vida, por que será diferente na filosofia?

Vivemos antes de filosofar, existimos antes de o sabermos,
E o primeiro fato merece ao menos a precedência e o culto.
Sim, antes de sermos interior somos exterior.
Por isso somos exterior essencialmente.

Dizes, filósofo doente, filósofo enfim, que isto é materialismo.
Mas isto como pode ser materialismo, se materialismo é uma
[filosofia,
Se uma filosofia seria, pelo menos sendo minha, uma filosofia minha,
E isto nem sequer é meu, nem sequer sou eu?

[89] 24-10-1917

Pouco me importa.
Pouco me importa o quê? Não sei: pouco me importa.

[90] 24-10-1917

A guerra que aflige com seus esquadrões o Mundo,
É o tipo perfeito do erro da filosofia.

A guerra, como tudo humano, quer alterar.
Mas a guerra, mais do que tudo, quer alterar e alterar muito
E alterar depressa.

Mas a guerra inflige a morte.
E a morte é o desprezo do Universo por nós.
Tendo por consequência a morte, a guerra prova que é falsa.
Sendo falsa, prova que é falso todo o querer-alterar.

Deixemos o universo exterior e os outros homens onde a
[Natureza os pôs.
Tudo é orgulho e inconsciência.
Tudo é querer mexer-se, fazer coisas, deixar rasto.
Para o coração e o comandante dos esquadrões
Regressa aos bocados o universo exterior.

A química direta da Natureza
Não deixa lugar vago para o pensamento.

A humanidade é uma revolta de escravos.
A humanidade é um governo usurpado pelo povo.
Existe porque usurpou, mas erra porque usurpar é não ter direito.

Deixai existir o mundo exterior e a humanidade natural!
Paz a todas as coisas pré-humanas, mesmo no homem!
Paz à essência inteiramente exterior do Universo!

[91] 29-5-1918

Todas as opiniões que há sobre a natureza
Nunca fizeram crescer uma erva ou nascer uma flor.
Toda a sabedoria a respeito das coisas
Nunca foi coisa em que pudesse pegar, como nas coisas;
Se a ciência quer ser verdadeira,
Que ciência mais verdadeira que a das coisas sem ciência?
Fecho os olhos e a terra dura sobre que me deito
Tem uma realidade tão real que até as minhas costas a sentem.
Não preciso de raciocínio onde tenho espáduas.

[92] 29-5-1918

Navio que partes para longe,
Por que é que, ao contrário dos outros,
Não fico, depois de desapareceres, com saudades de ti?
Porque quando te não vejo, deixaste de existir,
E se se tem saudades do que não existe,
Sinto-a em relação a coisa nenhuma;
Não é do navio, é de nós que sentimos saudade.

[93] 29-5-1918

Pouco a pouco o campo se alarga e se doura.
A manhã extravia-se pelos irregulares da planície.
Sou alheio ao espetáculo que vejo: vejo-o,
É exterior a mim. Nenhum sentimento me liga a ele
E é esse sentimento que me liga à manhã que aparece.

[94] 29-5-1918

Última estrela a desaparecer antes do dia,
Pouso no teu trêmulo azular branco os meus olhos calmos,
E vejo-te independente de mim;
Alegre pelo critério que tenho em poder ver-te
Sem "estado de alma" nenhum, sonho ver-te.
A tua beleza para mim está em existires
A tua grandeza está em existires inteiramente fora de mim.

[95] 29-5-1918

A água chia no púcaro que elevo à boca.
"É um som fresco" diz-me quem não está a bebê-la.
Sorrio. O som é só de chiar.
Bebo a água sem ouvir nada com a minha garganta.

[96] 29-5-1918

O que ouviu os meus versos disse-me: Que tem isso de novo?
Todos sabem que uma flor é uma flor e uma árvore é uma árvore.

Mas eu respondi, nem todos, [ ]
Porque todos amam as flores por serem belas, e eu sou diferente.
E todos amam as árvores por serem verdes e darem sombra,
[mas eu não.
Eu amo as flores por serem flores, diretamente.
Eu amo as árvores por serem árvores, sem o meu pensamento.

[97] 12-4-1919

Ah! Querem uma luz melhor que a do Sol!
Querem prados mais verdes do que estes!
Querem flores mais belas do que estas que vejo!
A mim este Sol, estes prados, estas flores contentam-me.

Mas, se acaso me descontentam,
O que quero é um sol mais sol que o sol,
O que quero é prados mais prados que esses prados,
O que quero é flores mais estas flores que estas flores —
Tudo mais ideal do que é do mesmo modo e da mesma maneira!

[98] 20-4-1919

Gozo os campos sem reparar para eles.
Pergunta-me por que os gozo.
Porque os gozo, respondo.
Gozar uma flor é estar ao pé dela inconscientemente
E ter uma noção do seu perfume nas nossas ideias mais apagadas.
Quando reparo não gozo: vejo.
Fecho os olhos, e o meu corpo, que está entre a erva,
Pertence inteiramente ao exterior de quem fecha os olhos —
À dureza fresca da terra cheirosa e irregular;
E alguma coisa dos ruídos indistintos das coisas a existir,
E só uma sombra encarnada de luz me carrega levemente nas
[órbitas,
E só um resto de vida ouve.

[99] 20-4-1919

Vive, dizes, no presente;
Vive só no presente.

Mas não quero o presente, quero a realidade;
Quero as coisas que existe, não o tempo que as mede.

O que é o presente?
É uma coisa relativa ao passado e ao futuro.
É uma coisa que existe em virtude de outras coisas existirem.
Eu quero só a realidade, as coisas sem presente.

Não quero incluir o tempo no meu esquema.
Não quero pensar nas coisas como presentes; quero pensar
[nelas como coisas.
Não quero separá-las de si próprias, tratando-as por presentes.

Eu nem por reais as devia tratar.
Eu não as devia tratar por nada.

Eu devia vê-las, apenas vê-las;
Vê-las até não poder pensar nelas,
Vê-las sem tempo, nem espaço,
Ver podendo dispensar tudo menos o que se vê.
É esta a de ver, que não é nenhuma.

[100] 13-6-1930

Hoje de manhã saí muito cedo,
Por não ter acordado ainda mais cedo
E não ter nada que quisesse fazer…

Não sabia por caminho tomar
Mas o vento soprava forte, varria para um lado,
E segui o caminho para onde o vento me soprava nas costas.

Assim tem sido sempre a minha vida, e
assim quero que possa ser sempre —
Vou onde o vento me leva e não me
Sinto pensar.

[101] 10-7-1930

Primeiro prenúncio de trovoada de depois de amanhã.
As primeiras nuvens, brancas, pairam baixas no céu mortiço,
Tenho a certeza, mas a certeza é mentira.
Ter certeza é não estar vendo.
Depois de amanhã não há.
O que há é isto:
Um céu de azul, um pouco de baço, umas nuvens brancas no
[horizonte,
Com um retoque de sujo embaixo como se viesse negro depois.
Isto é o que hoje é,
E, como hoje por enquanto é tudo, isto é tudo,
Quem sabe se eu estarei morto depois de amanhã?
Se eu estiver morto depois de amanhã, a trovoada de depois
[de amanhã
Será outra trovoada do que seria se eu não tivesse morrido.
Bem sei que a trovoada não cai da minha vista,
Mas se eu não estiver no mundo,
O mundo será diferente —
Haverá eu a menos —
E a trovoada cairá num mundo diferente e não será a mesma
[trovoada.

[102]

Também sei fazer conjeturas.
Há em cada coisa aquilo que ela é que a anima.
Na planta está por fora e é uma ninfa pequena.
No animal é um ser interior longínquo.
No homem é a alma que vive com ele e já é ele.

Nos deuses tem o mesmo tamanho
E o mesmo espaço que o corpo
E é a mesma coisa que o corpo.
Por isso se diz que os deuses nunca morrem.
Por isso os deuses não têm corpo e alma

Mas só corpo e são perfeitos.
O corpo é que lhes é alma
E têm consciência na própria carne divina.

[103]

A neve pôs uma toalha calada sobre tudo.
Não se sente senão o que se passa dentro de casa.
Embrulho-me num cobertor e não penso sequer em pensar.
Sinto um gozo de animal e vagamente penso,
E adormeço sem menos utilidade que todas as ações do mundo.

[104]

É talvez o último dia da minha vida.
Saudei o sol, levantando a mão direita,
Mas não o saudei, dizendo-lhe adeus,
Fiz sinal de gostar de o ver antes: mais nada.

FICÇÕES DO INTERLÚDIO | ODES DE RICARDO REIS

SOBRE RICARDO REIS

O nosso Ricardo Reis teve uma inspiração feliz se é que ele usa inspiração, pelo menos por fora das explicações, quando reduziu a seis linhas a sua arte poética:

Não a arte poética, mas a *sua*. Que ele ponha na mente ativa o esforço só da "altura" (seja isso o que for), concedo, se bem que me pareça estreita uma poesia limitada ao pouco espaço que é próprio dos píncaros. Mas a relação entre a altura e os versos de um certo número de sílabas é-me mais velada. E, é curioso, o poema, salvo a história da altura, que é pessoal, e por isso fica com o Reis, que aliás a guarda para si, é cheio de verdade:

Que, quando é alto e régio o pensamento,
Súbita a frase o busca
E o escravo ritmo o serve.

Ressalvando que pensamento deve ser emoção, e, outra vez, a tal altura, é certo que, concebida fortemente a emoção, a frase que a define espontaneíza-se, e o ritmo que a traduz surge pela frase fora. Não concebo, porém, que as emoções, nem mesmo as do Reis, sejam universalmente obrigadas a odes sáficas ou alcaicas, e que o Reis, quer diga a um rapaz que lhe não fuja, quer diga que tem pena de ter que morrer, o tenha forçosamente que fazer em frases súbitas que por duas vezes são mais compridas e por duas vezes mais curtas, e em ritmos escravos que não podem acompanhar as frases súbitas senão em dez sílabas para as duas primeiras, e em seis sílabas as duas segundas, num graduar de passo desconcertante para a emoção.

Não censuro o Reis mais que a outro qualquer poeta. Aprecio-o, realmente, e para falar verdade, acima de muitos, de muitíssimos. A sua inspiração é estreita e

densa, o seu pensamento compactamente sóbrio, a sua emoção real se bem que demasiadamente virada para o ponto cardeal chamado Ricardo Reis. Mas é um grande poeta — aqui o admito —, se é que há grandes poetas neste mundo fora do silêncio de seus próprios corações.

ÁLVARO DE CAMPOS
(apontamento sem data e não assinado)

[105] 12-6-1914

Mestre, são plácidas
Todas as horas
Que nós perdemos,
Se no perdê-las,
Qual numa jarra,
Nós pomos flores.

Não há tristezas
Nem alegrias
Na nossa vida.
Assim saibamos,
Sábios incautos,
Não a viver,

Mas decorrê-la,
Tranquilos, plácidos,
Tendo as crianças
Por nossas mestras,
E os olhos cheios,
De Natureza…

À beira-rio
À beira-estrada,
Conforme calha,
Sempre no mesmo
Leve descanso
De estar vivendo.

O tempo passa,
Não nos diz nada.
Envelhecemos.
Saibamos, quase

Maliciosos,
Sentir-nos ir.

Não vale a pena
Fazer um gesto.
Não se resiste
Ao deus atroz
Que os próprios filhos
Devora sempre.

Colhamos flores.
Molhemos leves
As nossas mãos
Nos rios calmos,
Para aprendermos
Calma também.

Girassóis sempre
Fitando o sol,
Da vida iremos
Tranquilos, tendo
Nem o remorso
De ter vivido.

[106] 12-6-1914

Os deuses desterrados,
Os irmãos de Saturno
Às vezes, no crepúsculo
Vêm espreitar a vida.

Vêm então ter conosco
Remorsos e saudades
E sentimentos falsos.
É a presença deles,
Deuses que o destrona-los
Tornou espirituais,

De matéria vencida,
Longínqua e inativa.

Vêm, inúteis forças,
Solicitar em nós
As dores e os cansaços,
Que nos tiram da mão,

Como um bêbado mole,
A taça da alegria.

Vêm fazer-nos crer,
Despeitadas ruínas
De primitivas forças,
Que o mundo é mais extenso
Que o que se vê e palpa,
Para que ofendamos
A Júpiter e a Apolo.

Assim até à beira
Terrena do horizonte
Hiperion no crepúsculo
Vem chorar pelo carro
Que Apolo lhe roubou.

E o poente tem cores
Da dor dum deus longínquo,
E ouve-se soluçar
Para além das esferas…
Assim choram os deuses.

[107] 12-6-1914

Coroai-me de rosas,
Coroai-me em verdade
    De rosas —

Rosas que se apagam
Em fronte a apagar-se
    Tão cedo!
Coroai-me de rosas
E de folhas breves.
    E basta.

[108] 12-6-1914

O Deus Pã não morreu,
Cada campo que mostra

Aos sorrisos de Apolo.
Os peitos nus de Ceres —
Cedo ou tarde vereis
Por lá aparecer
O deus Pã, o imortal.

Não matou outros deuses
O triste deus cristão.
Cristo é um deus a mais,
Talvez um que faltava.
Pã continua a dar
Os sons da sua flauta
Aos ouvidos de Ceres
Recumbente nos campos.

Os deuses são os mesmos,
Sempre claros e calmos,
Cheios de eternidade
E desprezo por nós,
Trazendo o dia e a noite
E as colheitas douradas
Sem ser para nos dar
O dia e a noite e o trigo
Mas por outro e divino

Propósito casual.

[109] 12-6-1914

De Apolo o carro rodou pra fora
Da vista. A poeira que levantara
Ficou enchendo de leve névoa
O horizonte;

A flauta calma de Pã, descendo
Seu tom agudo no ar pausado,
Deu mais tristezas ao moribundo
Dia suave.

Cálida e loura, núbil e triste,
Tu, mondadeira dos prados quentes,
Ficas ouvindo, com os teus passos
Mais arrastados,

A flauta antiga do deus durando
Com o ar que cresce pra vento leve,
E sei que pensas na deusa clara,
Nada dos mares,

E que vão ondas lá muito adentro
Do que o teu seio sente cansado
Enquanto a flauta sorrindo chora
Palidamente.

[110] 12-6-1914

Vem sentar-te comigo, Lídia, à beira do rio.
Sossegadamente fitemos o seu curso e aprendamos
Que a vida passa, e não estamos de mãos enlaçadas.
(Enlacemos as mãos.)

Depois pensemos, crianças adultas, que a vida

Passa e não fica, nada deixa e nunca regressa,
Vai para um mar muito longe, para ao pé do Fado,
        Mais longe que os deuses.

Desenlacemos as mãos, porque não vale a pena cansarmo-nos.
Quer gozemos, quer não gozemos, passamos como o rio.
Mais vale saber passar silenciosamente
        E sem desassossegos grandes.

Sem amores, nem ódios, nem paixões que levantam a voz,
Nem invejas que dão movimento demais aos olhos,
Nem cuidados, porque se os tivesse o rio sempre correria.
        E sempre iria ter ao mar.

Amemo-nos tranquilamente, pensando que podíamos,
Se quiséssemos, trocar beijos e abraços e carícias,
Mas que mais vale estarmos sentados ao pé um do outro
        Ouvindo correr o rio e vendo-o.

Colhamos flores, pega tu nelas e deixa-as
No colo, e que o seu perfume suavize o momento —
Este momento em que sossegadamente não cremos em nada,
        Pagãos inocentes da decadência.

Ao menos, se for sombra antes, lembrar-te-ás de mim depois
Sem que a minha lembrança te arda ou te fira ou te mova,
Porque nunca enlaçamos as mãos, nem nos beijamos
        Nem fomos mais do que crianças.

E se antes do que eu levares o óbolo ao barqueiro sombrio,
Eu nada terei que sofrer ao lembrar-me de ti.
Ser-me-ás suave à memória lembrando-te assim — à beira-rio,
        Pagã triste e com flores no regaço.

[111] 16-6-1914

Ao longe os montes têm neve ao sol,

Mas é suave já o frio calmo
Que alisa e agudece
Os dardos do sol alto.

Hoje, Neera, não nos escondamos,
Nada nos falta, porque nada somos.
Não esperamos nada
E temos frio ao sol.

Mas tal como é, gozemos o momento,
Solenes na alegria levemente,
E aguardando a morte
Como quem a conhece.

[112] 16-6-1914

Só o ter flores pela vista fora
Nas áleas largas dos jardins exatos
Basta para podermos
Achar a vida leve.

De todo o esforço seguremos quedas
As mãos, brincando, pra que nos não tome
Do pulso, e nos arraste.
E vivamos assim,

Buscando o mínimo de dor ou gozo,
Bebendo a goles os instantes frescos,
Translúcidos como água
Em taças detalhadas,

Da vida pálida levando apenas
As rosas breves, os sorrisos vagos,
E as rápidas carícias
Dos instantes volúveis.

Pouco tão pouco pesará nos braços

Com que, exilados das supernas luzes,
’Scolhermos do que fomos
O melhor pra lembrar

Quando, acabados pelas Parcas, formos,
vultos solenes de repente antigos,
E cada vez mais sombras,
Ao encontro fatal

Do barco escuro no soturno rio,
E os nove abraços do horror estígio,
E o regaço insaciável
Da pátria de Plutão.

[113] 19-6-1914

A palidez do dia é levemente dourada.
O sol de inverno faz luzir como orvalho as curvas
Dos troncos de ramos secos.
O frio leve treme.

Desterrado da pátria antiquíssima da minha
Crença, consolado só por pensar nos deuses,
Aqueço-me trêmulo
A outro sol do que este.

O sol que havia sobre o Partenon e a Acrópole
O que alumiava os passos lentos e graves
De Aristóteles falando.
Mas Epicuro melhor

Me fala, com a sua cariciosa voz terrestre
Tendo para os deuses uma atitude também de deus,
Sereno e vendo a vida
À distância a que está.

[114] 19-6-1914

Não tenhas nada nas mãos
Nem uma memória na alma,

Que quando te puserem
Nas mãos o óbolo último,

Ao abrirem-te as mãos
Nada te cairá.

Que trono te querem dar
Que Átropos to não tire?

Que louros que não fanem
Nos arbítrios de Minos?

Que horas que te não tornem
Da estatura da sombra

Que serás quando fores
Na noite e ao fim da estrada.

Colhe as flores mas larga-as,
Das mãos mal as olhaste.

Senta-te ao sol. Abdica
E sê rei de ti próprio.

[115] 19-6-1914

Sábio é o que se contenta com o espetáculo do mundo,
    E ao beber nem recorda
    Que já bebeu na vida,
    Para quem tudo é novo
    E imarcescível sempre.

Coroem-no pâmpanos, ou heras, ou rosas volúteis,
    Ele sabe que a vida

Passa por ele e tanto
Corta à flor como a ele
De Átropos a tesoura.

Mas ele sabe fazer que a cor do vinho esconda isto,
Que o seu sabor orgíaco
Apague o gosto às horas,
Como a uma voz chorando
O passar das bacantes.

E ele espera, contente quase e bebedor tranquilo,
E apenas desejando
Num desejo mal tido
Que a abominável onda
O não molhe tão cedo.

[116] 11-7-1914

As rosas amo dos jardins de Adônis,
Essas volucres amo, Lídia, rosas,
Que em o dia em que nascem,
Em esse dia morrem.

A luz para elas é eterna, porque
Nascem nascido já o sol, e acabam
Antes que Apolo deixe
O seu curso visível.
Assim façamos nossa vida *um dia*,
Inscientes, Lídia, voluntariamente
Que há noite antes e após
O pouco que duramos.

[117] 11-7-1914

Cuidas, ínvio, que cumpres, apertando
Teus infecundos, trabalhosos dias

Em feixes de hirta lenha,
Sem ilusão a vida.
A tua lenha é só peso que levas
Para onde não tens fogo que te aqueça,
Nem sofrem peso aos ombros
As sombras que seremos.
Para folgar não folgas; e, se legas,
Antes legues o exemplo, que riquezas,
De como a vida basta
Curta, nem também dura.
Pouco usamos do pouco que mal temos.
A obra cansa, o ouro não é nosso.
De nós a mesma fama
Ri-se, que a não veremos
Quando, acabados pelas Parcas, formos,
Vultos solenes, de repente antigos,
E cada vez mais sombras,
Ao encontro fatal —

O barco escuro no soturno rio,
E os novos abraços da frieza estígia
E o regaço insaciável
Da pátria de Plutão.

[118] 17-7-1914

Não consentem os deuses mais que a vida.
Tudo pois refusemos, que nos alce
A irrespiráveis píncaros,
Perenes sem ter flores.
Só de aceitar tenhamos a ciência,
E, enquanto bate o sangue em nossas fontes,
Nem se engelha conosco
O mesmo amor, duremos,
Como vidros, às luzes transparentes
E deixando escorrer a chuva triste,

Só mornos ao sol quente,
E refletindo um pouco.

[119] 30-7-1914

Cada coisa a seu tempo tem seu tempo.
Não florescem no inverno os arvoredos,
Nem pela primavera
Têm branco frio os campos.

À noite, que entra, não pertence, Lídia,
O mesmo ardor que o dia nos pedia.
Com mais sossego amemos
A nossa incerta vida.

À lareira, cansados não da obra
Mas porque a hora é a hora dos cansaços,
Não puxemos a voz
Acima de um segredo,

E casuais, interrompidas sejam
Nossas palavras de reminiscência
(Não para mais nos serve
A negra ida do sol).

Pouco a pouco o passado recordemos
E as histórias contadas no passado
Agora duas vezes
Histórias, que nos falem

Das flores que na nossa infância ida
Com outra consciência nós colhíamos
E sob uma outra espécie
De olhar lançado ao mundo.

E assim, Lídia, à lareira, como estando,
Deuses lares, ali na eternidade,

Como quem compõe roupas
O outrora compúnhamos

Nesse desassossego que o descanso
Nos traz às vidas quando só pensamos
Naquilo que já fomos,
E há só noite lá fora.

[120] 30-7-1914

Da nossa semelhança com os deuses
Por nosso bem tiremos
Julgarmo-nos deidades exiladas
E possuindo a Vida
Por uma autoridade primitiva
E coeva de Jove.

Altivamente donos de nós mesmos,
Usemos a existência
Como a vila que os deuses nos concedem
Para esquecer o estio.

Não de outra forma mais apoquentada
Nos vale o esforço usarmos
A existência indecisa e afluente
Fatal do rio escuro.

Como acima dos deuses o Destino
É calmo e inexorável,
Acima de nós mesmos construamos
Um fado voluntário
Que quando nos oprima nós sejamos

Esse que nos oprime,
E quando entremos pela noite dentro
Por nosso pé entremos.

[121] 30-7-1914

Só esta liberdade nos concedem
Os deuses: submetermo-nos
Ao seu domínio por vontade nossa.
Mais vale assim fazermos
Porque só na ilusão da liberdade
A liberdade existe.

Nem outro jeito os deuses, sobre quem
O eterno fado pesa,
Usam para seu calmo e possuído
Convencimento antigo
De que é divina e livre a sua vida.

Nós, imitando os deuses,
Tão pouco livres como eles no Olimpo,
Como quem pela areia
Ergue castelos para encher os olhos,
Ergamos nossa vida
E os deuses saberão agradecer-nos
O sermos tão como eles.

[122] 2-8-1914

Aqui, Neera, longe
De homens e de cidades,
Por ninguém nos tolher
O passo, nem vedarem
A nossa vista as casas,
Podemos crer-nos livres.

Bem sei, ó flava, que inda
Nos tolhe a vida o corpo,
E não temos a mão

Onde temos a alma;
Bem sei que mesmo aqui
Se nos gasta esta carne
Que os deuses concederam
Ao estado antes de Averno.

Mas aqui não nos prendem
Mais coisas do que a vida,
Mãos alheias não tomam
Do nosso braço, ou passos
Humanos se atravessam
Pelo nosso caminho.

Não nos sentimos presos
Senão com pensarmos nisso,
Por isso não pensemos
E deixemo-nos crer
Na inteira liberdade
Que é a ilusão que agora
Nos torna iguais dos deuses.

[123] 2-8-1914

Da lâmpada noturna
A chama estremece
E o quarto alto ondeia.

Os deuses concedem
Aos seus calmos crentes
Que nunca lhes trema
A chama da vida
Perturbando o aspecto
Do que está em roda,
Mas firme e esguiada
Como preciosa
E antiga pedra,

Guarde a sua calma
Beleza contínua.

[124] 9-8-1914

O ritmo antigo que há em pés descalços,
Esse ritmo das ninfas repetido,
Quando sob o arvoredo
Batem o som da dança,
Vós na alva praia relembrai, fazendo,
Que ’scura a ’spuma deixa; vós, infantes,
Que inda não tendes cura
De ter cura, responde
Ruidosa a roda, enquanto arqueia Apolo,
Como um ramo alto, a curva azul que doura,
E a perene maré
Flui, enchente ou vazante.

[125] 9-8-1914

Vós que, crentes em Cristos e Marias
Turvais da minha fonte as claras águas
Só para me dizerdes
Que há águas de outra espécie

Banhando prados com melhores horas—
Dessas outras regiões pra que falar-me
Se estas águas e prados
São de aqui e me agradam?

Esta realidade os deuses deram
E para bem real a deram externa.
Que serão os meus sonhos
Mais que a obra dos deuses?

Deixai-me a Realidade do momento

E os meus deuses tranquilos e imediatos
    Que não moram no Vago
    Mas nos campos e rios.

Deixai-me a vida ir-se pagãmente
Acompanhada p'las avenas tênues
    Com que os juncos das margens
    Se confessam de Pã.

Vivei nos vossos sonhos e deixai-me
O altar imortal onde é meu culto
    E a visível presença
    Dos meus próximos deuses.

Inúteis procos do melhor que a vida,
Deixai a vida aos crentes mais antigos
    Que a Cristo e a sua cruz
    E Maria chorando.

Ceres, dona dos campos, me console
E Apolo e Vênus, e Urano antigo
    E os trovões, com o interesse
    De irem da mão de Jove.

[126] 6-10-1914

O mar jaz; gemem em segredo os ventos
    Em Éolo cativos;
Só com as pontas do tridente as vastas
    Águas franze Netuno;
E a praia é alva e cheia de pequenos
    Brilhos sob o sol claro.
Inutilmente parecemos grandes.
    Nada, no alheio mundo,
Nossa vista grandeza reconhece
    Ou com razão nos serve.

Se aqui de um manso mar meu fundo indício
    Três ondas o apagam,
Que me fará o mar que na atra praia
    Ecoa de Saturno?

[127] 8-10-1914

Antes de nós nos mesmos arvoredos
Passou o vento, quando havia vento,
E as folhas não falavam
De outro modo do que hoje.

Passamos e agitamo-nos debalde.
Não fazemos mais ruído no que existe
Do que as folhas das árvores
Ou os passos do vento.

Tentemos pois com abandono assíduo
Entregar nosso esforço à Natureza
E não querer mais vida
Que a das árvores verdes.

Inutilmente parecemos grandes.
Salvo nós nada pelo mundo fora
Nos saúda a grandeza
Nem sem querer nos serve.

Se aqui, à beira-mar, o meu indício
Na areia o mar com ondas três o apaga.
Que fará na alta praia
Em que o mar é o Tempo?

[128] 16-10-1914

Acima da verdade estão os deuses.
A nossa ciência é uma falhada cópia
Da certeza com que eles

Sabem que há o Universo.

Tudo é tudo, e mais alto estão os deuses,
Não pertence à ciência conhecê-los,
Mas adorar devemos
Seus vultos como às flores,

Porque visíveis à nossa alta vista,
São tão reais como reais as flores
E no seu calmo Olimpo
São outra Natureza.

[129] 16-10-1914

Anjos ou deuses, sempre nós tivemos,
A visão perturbada de que acima
De nós e compelindo-nos
Agem outras presenças.

Como acima dos gados que há nos campos
O nosso esforço, que eles não compreendem.
Os coage e obriga
E eles não nos percebem,

Nossa vontade e o nosso pensamento
São as mãos pelas quais outros nos guiam
Para onde eles querem
E nós não desejamos.

[130] 6-6-1915

Tirem-me os deuses
Em seu arbítrio
Superior e urdido às escondidas
O Amor, glória e riqueza.

Tirem, mas deixem-me,

Deixem-me apenas
A consciência lúcida e solene
Das coisas e dos seres.

Pouco me importa
Amor ou glória.
A riqueza é um metal, a glória é um eco
E o amor uma sombra.

Mas a concisa
Atenção dada
Às formas e às maneiras dos objetos
Tem abrigo seguro.

Seus fundamentos
São todo o mundo,
Seu amor é o plácido Universo,
Sua riqueza a vida.

A sua glória
É a suprema
Certeza da solene e clara posse
Das formas dos objetos.

O resto passa,
E teme a morte.
Só nada teme ou sofre a visão clara
E inútil do Universo.

Essa a si basta,
Nada deseja
Salvo o orgulho de ver sempre claro
Até deixar de ver.

[131] 29-8-1915

Bocas roxas de vinho,

Testas brancas sob rosas,
Nus, brancos antebraços
Deixados sobre a mesa;

Tal seja, Lídia, o quadro
Em que fiquemos, mudos,
Eternamente inscritos
Na consciência dos deuses.

Antes isto que a vida
Como os homens a vivem,
Cheia da negra poeira
Que erguem das estradas.

Só os deuses socorrem
Com seu exemplo aqueles
Que nada mais pretendem
Que ir no rio das coisas.

[132] 1-6-1916

Ouvi contar que outrora, quando a Pérsia
Tinha não sei qual guerra,
Quando a invasão ardia na Cidade
E as mulheres gritavam,
Dois jogadores de xadrez jogavam
O seu jogo contínuo.

À sombra de ampla árvore fitavam
O tabuleiro antigo,
E, ao lado de cada um, esperando os seus
Momentos mais folgados,
Quando havia movido a pedra, e agora
Esperava o adversário,
Um púcaro com vinho refrescava
Sobriamente a sua sede.

Ardiam casas, saqueadas eram
As arcas e as paredes,
Violadas, as mulheres eram postas
Contra os muros caídos,
Traspassadas de lanças, as crianças
Eram sangue nas ruas…
Mas onde estavam, perto da cidade,
E longe do seu ruído,
Os jogadores de xadrez jogavam
O jogo do xadrez.

Inda que nas mensagens do ermo vento
Lhes viessem os gritos,
E, ao refletir, soubessem desde a alma
Que por certo as mulheres

E as tenras filhas violadas eram
Nessa distância próxima,
Inda que, no momento que o pensavam,
Uma sombra ligeira
Lhes passasse na fronte alheada e vaga,
Breve seus olhos calmos
Volviam sua atenta confiança
Ao tabuleiro velho.

Quando o rei de marfim está em perigo,
Que importa a carne e o osso
Das irmãs e das mães e das crianças?
Quando a torre não cobre
A retirada da rainha branca,
O saque pouco importa.
E quando a mão confiada leva o xeque
Ao rei do adversário,
Pouco pesa na alma que lá longe
Estejam morrendo filhos.

Mesmo que, de repente, sobre o muro
Surja a sanhuda face
Dum guerreiro invasor, e breve deva
Em sangue ali cair
O jogador solene de xadrez,
O momento antes desse
(É ainda dado ao cálculo dum lance
Pra efeito horas depois)
É ainda entregue ao jogo predilecto
Dos grandes indif’rentes.

Caiam cidades, sofram povos, cesse
A liberdade e a vida,
Os haveres tranquilos e avitos
Ardem e que se arranquem,
Mas quando a guerra os jogos interrompa,
Esteja o rei sem xeque,
E o de marfim peão mais avançado
Pronto a comprar a torre.

Meus irmãos em amarmos Epicuro
E o entendermos mais
De acordo com nós próprios que com ele,
Aprendamos na história
Dos calmos jogadores de xadrez
Como passar a vida.

Tudo o que é sério pouco nos importe,
O grave pouco pese,
O natural impulsa dos instintos
Que ceda ao inútil gozo
(Sob a sombra tranquila do arvoredo)
De jogar um bom jogo.

O que levamos desta vida inútil
Tanto vale se é

A glória, a fama, o amor, a ciência, a vida,
Como se fosse apenas
A memória de um jogo bem jogado
E uma partida ganha
A um jogador melhor.

A glória pesa como um fardo rico,
A fama como a febre,
O amor cansa, porque é a sério e busca,
A ciência nunca encontra,
E a vida passa e dói porque o conhece…
O jogo do xadrez
Prende a alma toda, mas, perdido, pouco
Pesa, pois não é nada.

Ah! sob as sombras que sem qu'rer nos amam,
Com um púcaro de vinho
Ao lado, e atentos só à inútil faina
Do jogo do xadrez,
Mesmo que o jogo seja apenas sonho
E não haja parceiro,
Imitemos os persas desta história,
E, enquanto lá por fora,
Ou perto ou longe, a guerra e a pátria e a vida

Chamam por nós, deixemos
Que em vão nos chamem, cada um de nós
Sob as sombras amigas
Sonhando, ele os parceiros, e o xadrez
A sua indiferença.

[133] 1-6-1916

Prefiro rosas, meu amor, à pátria,
E antes magnólias amo
Que a glória e a virtude.

Logo que a vida me não canse, deixo
Que a vida por mim passe
Logo que eu fique o mesmo.

Que importa àquele a quem já nada importa
Que um perca e outro vença,
Se a aurora raia sempre,

Se cada ano com a primavera
As folhas aparecem
E com o outono cessam?

E o resto, as outras coisas que os humanos
Acrescentam à vida,
Que me aumentam na alma?

Nada, salvo o desejo de indif’rença
E a confiança mole
Na hora fugitiva.

[134] 1-6-1916

Felizes, cujos corpos sob as árvores
Jazem na úmida terra,
Que nunca mais sofrem o sol, ou sabem
Das doenças da lua.

Verta Éolo a caverna inteira sobre
O orbe esfarrapado,
Lance Netuno, em cheias mãos, ao alto
As ondas estourando.

Tudo lhe é nada, e o próprio pegureiro
Que passa, finda a tarde,
Sob a árvore onde jaz quem foi a sombra
Imperfeita de um deus,

Não sabe que os seus passos vão cobrindo
O que podia ser,
Se a vida fosse sempre vida, a glória
De uma beleza eterna.

[135] 1-7-1916

Segue o teu destino,
Rega as tuas plantas,
Ama as tuas rosas.
O resto é a sombra
De árvores alheias.

A realidade
Sempre é mais ou menos
Do que nós queremos.
Só nós somos sempre
Iguais a nós próprios.

Suave é viver só.
Grande e nobre é sempre
Viver simplesmente.
Deixa a dor nas aras
Como ex-voto aos deuses.

Vê de longe a vida.
Nunca a interrogues.
Ela nada pode

Dizer-te. A resposta
Está além dos deuses.

Mas serenamente
Imita o Olimpo
No teu coração.
Os deuses são deuses

Porque não se pensam.

[136] 11/12-9-1916

Feliz aquele a quem a vida grata
Concedeu que dos deuses se lembrasse
E visse como eles
Estas terrenas coisas onde mora
Um reflexo mortal da imortal vida.
Feliz, que quando a hora tributária
Transpor seu átrio por que a Parca corte
O fio fiado até ao fim,
Gozar poderá o alto prêmio
De errar no Averno grato abrigo
Da convivência.
Mas aquele que quer Cristo antepor
Aos mais antigos Deuses que no Olimpo
Seguiram a Saturno —
O seu blasfemo ser abandonado
Na fria expiação — até que os Deuses
De quem se esqueceu deles se recordem —
Erra, sombra inquieta, incertamente,
Nem a viúva lhe põe na boca
O óbolo a Caronte grato,
E sobre o seu corpo insepulto
Não deita terra o viandante.

[137] 9-10-1916

Não a ti, Cristo, odeio ou te não quero.
Em ti como nos outros creio deuses mais velhos.
Só te tenho por não mais nem menos
Do que eles, mas mais novo apenas.

Odeio-os sim, e a esses com calma aborreço,
Que te querem acima dos outros teus iguais deuses.

Quero-te onde tu ’stás, nem mais alto
Nem mais baixo que eles, tu apenas.

Deus triste, preciso talvez porque nenhum havia
Como tu, um a mais no Panteão e no culto,
Nada mais, nem mais alto nem mais puro
Porque para tudo havia deuses, menos tu.

Cura tu, idólatra exclusivo de Cristo, que a vida
É múltipla e todos os dias são diferentes dos outros,
E só sendo múltiplos como eles
’Staremos com a verdade e sós.

[138] 9-10-1916

Não a ti, Cristo, odeio ou menos prezo
Que aos outros deuses que te precederam
Na memória dos homens.
Nem mais nem menos és, mas outro deus.

No Panteão faltavas. Pois que vieste
No Panteão o teu lugar ocupa,
Mas cuida não procures
Usurpar o que aos outros é devido.

Teu vulto triste e comovido sobre
A ’stéril dor da humanidade antiga
Sim, nova pulcritude
Trouxe ao antigo Panteão incerto.

Mas que os teus crentes te não ergam sobre
Outros, antigos deuses que dataram
Por filhos de Saturno
De mais perto da origem igual das coisas.

E melhores memórias recolheram
Do primitivo caos e da Noite

Onde os deuses não são
Mais que as estrelas súbitas do Fado.

Não a ti, mas aos teus, odeio, Cristo.
Tu não és mais que um deus a mais no eterno
Panteão que preside
À nossa vida incerta.

Nem maior nem menor que os novos deuses,
Tua sombria forma dolorida
Trouxe algo que faltava
Ao número dos divos.

Por isso reina a par de outros no Olimpo,
Ou pela triste terra se quiseres
Vai enxugar o pranto
Dos humanos que sofrem.

Não venham, porém, ’stultos teus cultores
Em teu nome vedar o eterno culto
Das presenças maiores
Ou parceiras da tua.

A esses, sim, do âmago eu odeio
Do crente peito, e a esses eu não sigo,
Supersticiosos leigos
Na ciência dos deuses.

Ah, aumentai, não combatendo nunca.
Enriquecei o Olimpo, aos deuses dando
Cada vez maior força
P’lo número maior.

Basta os males que o Fado as Parcas fez
Por seu intuito natural fazerem.
Nós homens nos façamos

Unidos pelos deuses.

[139] 26-5-1917

Sofro, Lídia, do medo do destino.
A leve pedra que um momento ergue
As lisas rodas do meu carro, aterra
Meu coração.

Tudo quanto me ameace de mudar-me
Para melhor que seja, odeio e fujo.
Deixem-me os deuses minha vida sempre
Sem renovar

Meus dias, mas que um passe e outro passe
Ficando eu sempre quase o mesmo, indo
Para a velhice como um dia entra
No anoitecer.

[140] 23-11-1918

Uma após uma as ondas apressadas
Enrolam o seu verde movimento
E chiam a alva ’spuma
No moreno das praias.
Uma após uma as nuvens vagarosas
Rasgam o seu redondo movimento
E o sol aquece o ’spaço
Do ar entre as nuvens ’scassas.
Indiferente a mim e eu a ela,
A natureza deste dia calmo
Furta pouco ao meu senso
De se esvair o tempo.
Só uma vaga pena inconsequente
Para um momento à porta da minha alma
E após fitar-me um pouco

Passa, a sorrir de nada.

[141] 29-1-1921

Seguro assento na coluna firme
        Dos versos em que fico,
Nem temo o influxo inúmero futuro
        Dos tempos e do olvido;
Que a mente, quando, fixa, em si contempla
        Os reflexos do mundo,
Deles se plasma torna, e à arte o mundo
        Cria, que não a mente.
Assim na placa o externo instante grava
        Seu ser, durando nela.

[142] 2-9-1923

Não quero as oferendas
Com que fingis, sinceros,
Dar-me os dons que me dais.
Dais-me o que perderei,
Chorando-o, duas vezes,
Por vosso e meu, perdido.

Antes mo prometais
Sem mo dardes, que a perda
Será mais na ’sperança
Que na recordação.

Não terei mais desgosto
Que o contínuo da vida,
Vendo que com os dias
Tarda o que ’spera, e é nada.

[143] 2-9-1923

Vossa formosa juventude leda,

Vossa felicidade pensativa,
Vosso modo de olhar a quem vos olha,
    Vosso não conhecer-vos —

Tudo quanto vós sois, que vos semelha
À vida universal que vos esquece
Dá carinho de amor a quem vos ama
    Por serdes não lembrando

Quanta igual mocidade a eterna praia
De Cronos, pai injusto da justiça,
Ondas, quebrou, deixando à só memória
    Um branco som de ’spuma.

[144] 2-9-1923

Não canto a noite porque no meu canto
O sol que canto acabará em noite.
    Não ignoro o que esqueço.
    Canto por esquecê-lo.

Pudesse eu suspender, inda que em sonho,
O Apolíneo curso, e conhecer-me,
    Inda que louco, gêmeo
    De uma hora imperecível!

[145] 2-9-1923

Não quero recordar nem conhecer-me.
Somos demais se olhamos em quem somos.
    Ignorar que vivemos
    Cumpre bastante a vida.

Tanto quanto vivemos, vive a hora
Em que vivemos, igualmente morta
    Quando passa conosco,
    Que passamos com ela.

Se sabê-lo não serve de sabê-lo
(Pois sem poder que vale conhecermos?)
Melhor vida é a vida
Que dura sem medir-se.

[146] 2-9-1923

A abelha que, voando, freme sobre
A colorida flor, e pousa, quase
Sem diferença dela
À vista que não olha,

Não mudou desde Cecrops. Só quem vive
Uma vida com ser que se conhece
Envelhece, distinto
Da espécie de que vive.

Ela é a mesma que outra que não ela.
Só nós — ó tempo, ó alma, ó vida, ó morte! —
Mortalmente compramos
Ter mais vida que a vida.

[147] 2-9-1923

Dia após dia a mesma vida é a mesma.
O que decorre, Lídia,
No que nós somos como em que não somos
Igualmente decorre.
Colhido, o fruto deperece; e cai
Nunca sendo colhido.
Igual é o fado, quer o procuremos,
Quer o ’speremos. Sorte
Hoje, Destino sempre, e nesta ou nessa
Forma alheio e invencível.

[148] 2-9-1923

Flores que colho, ou deixo,
Vosso destino é o mesmo.

Via que sigo, chegas
Não só aonde eu chego.

Nada somos que valha
Somo-lo mais que em vão.

[149] 21-10-1923

A flor que és, não a que dás, eu quero.
Porque me negas o que te não peço.
Tempo há para negares
Depois de teres dado.
Flor, sê-me flor! Se te colher avaro
A mão da infausta esfinge, tu perene
Sombra errarás absurda,
Buscando o que não deste.

[150] 21-10-1923

Melhor destino que o de conhecer-se
Não frui quem mente frui. Antes, sabendo
Ser nada, que ignorando:
Nada dentro de nada.
Se não houver em mim poder que vença
As Parcas três e as moles do futuro.
Já me deem os deuses
O poder de sabê-lo;
E a beleza, incriável por meu sestro,
Eu goze externa e dada, repetida
Em meus passivos olhos,
Lagos que a morte seca.

[151] 20-10-1923

De novo traz as aparentes novas
Flores o Verão novo, e novamente
Verdesce a cor antiga
Das folhas redivivas.
Não mais, não mais dele o infecundo abismo,

Que mudo sorve o que mal somos, torna
À clara luz superna
A presença vivida.
Não mais; e a prole a que, pensando, dera
A vida da razão, em vão o chama,
Que as nove chaves fecham
Da Estige irreversível.
O que foi como um deus entre os que cantam,
O que do Olimpo as vozes, que chamavam,
’Scutando ouviu, e, ouvindo,
Entendeu, hoje é nada.
Tecei embora as, que teceis, grinaldas.
Quem coroais, não coroando a ele?
Votivas as deponde,
Fúnebres sem ter culto.
Fique, porém, livre da leiva e do Orco,
A fama; e tu, que Ulisses erigira,
Tu, em teus sete montes,
Orgulha-te materna,
Igual, desde ele, às sete que contendem
Cidades por Homero, ou alcaica Lesbos,
Ou heptápila Tebas,
Ogígia mãe de Píndaro.

[152] 24-10-1923

Quão breve tempo é a mais longa vida
E a juventude nela! Ah! Cloé, Cloé,
Se não amo, nem bebo,
Nem sem querer não penso,

Pesa-me a lei inimplorável, dói-me
A hora invita, o tempo que não cessa,
    E aos ouvidos me sobe
    Dos juncos o ruído
Na oculta margem onde os lírios frios
Da ínfera leiva crescem, e a corrente
    Não sabe onde é o dia,
    Sussurro gemebundo.

[153] 3-11-1923

Tão cedo passa tudo quanto passa!
Morre tão jovem ante os deuses quanto
    Morre! Tudo é tão pouco!
Nada se sabe, tudo se imagina.
Circunda-te de rosas, ama, bebe
    E cala. O mais é nada.

[154] 3-11-1923

    Prazer, mas devagar,
Lídia, que a sorte àqueles não é grata
    Que lhe das mãos arrancam.
Furtivos retiremos do horto mundo
    Os depredandos pomos.
Não despertemos, onde dorme, a Erínis
    Que cada gozo trava.
Como um regato, mudos passageiros,
    Gozemos escondidos.
A sorte inveja, Lídia. Emudeçamos.

[155] 16-11-1923

Este, seu ’scasso campo ora lavrando,
Ora, solene, olhando-o com a vista
De quem a um filho olha, goza incerto

A não pensada vida.
Das fingidas fronteiras a mudança
O arado lhe não tolhe, nem o empece
Per que concílios se o destino rege
Dos povos pacientes.
Pouco mais no presente do futuro
Que as ervas que arrancou, seguro vive
A antiga vida que não torna, e fica,
Filhos, diversa e sua.

[156] 17-11-1923

Como se cada beijo
Fora de despedida,
Minha Cloé, beijemo-nos, amando.
Talvez que já nos toque
No ombro a mão, que chama
À barca que não vem senão vazia;
E que no mesmo feixe
Ata o que mútuos fomos
E a alheia soma universal da vida.

[157] 17-11-1923

Tuas, não minhas, teço estas grinaldas,
Que em minha fronte renovadas ponho.
Para mim tece as tuas,
Que as minhas eu não vejo.
Se não pesar na vida melhor gozo
Que o vermo-nos, vejamo-nos, e, vendo,
Surdos conciliemos
O insubsistente surdo.
Coroemo-nos pois uns para os outros,
E brindemos uníssonos à sorte
Que houver, até que chegue
A hora do barqueiro.

[158] 25-12-1923

Olho os campos, Neera,
Campos, campos, e sofro
Já o frio da sombra
Em que não terei olhos.
A caveira antessinto
Que serei não sentindo,
Ou só quanto o que ignoro
Me incógnito ministre.

E menos ao instante
Choro, que a mim futuro.
Súbito ausente e nulo
Do universal destino.

[159] 24-11-1925

No ciclo eterno das mudáveis coisas
Novo inverno após novo outono volve
    À diferente terra
    Com a mesma maneira.
Porém a mim nem me acha diferente
Nem diferente deixa-me, fechado
    Na clausura maligna
    Da índole indecisa.
Presa da pálida fatalidade
De não mudar-me, me infiel renovo
    Aos propósitos mudos
    Morituros e infindos.

[160] 13-6-1926

Já sobre a fronte vã se me acinzenta
O cabelo do jovem que perdi.
    Meus olhos brilham menos,

Já não tem jus a beijos minha boca.
Se me ainda amas, por amor não ames:
Traíras-me comigo.

[161] 13-6-1926

Não só vinho, mas nele o olvido, deito
Na taça: serei ledo, porque a dita
É ignara. Quem, lembrando
Ou prevendo, sorrira?
Dos brutos, não a vida, senão a alma,

Consigamos, pensando; recolhidos
No impalpável destino
Que não ’spera nem lembra.
Com mão mortal elevo à mortal boca
Em frágil taça o passageiro vinho,
Baços os olhos feitos
Para deixar de ver.

[162] 13-6-1926

Quanta tristeza e amargura afoga
Em confusão a ’streita vida! Quanto
Infortúnio mesquinho
Nos oprime supremo!
Feliz ou o bruto que nos verdes campos
Pasce, para si mesmo anônimo, e entra
Na morte como em casa;
Ou o sábio que, perdido
Na ciência, a fútil vida austera eleva
Além da nossa, como o fumo que ergue
Braços que se desfazem
A um céu inexistente.

[163] 6-12-1926

Frutos, dão-os as árvores que vivem,
Não a iludida mente, que só se orna
Das flores lívidas
Do íntimo abismo.
Quantos reinos nos seres e nas coisas
Te não talhaste imaginário! Quantos,
Com a charrua,
Sonhos, cidades!
Ah, não consegues contra o adverso muito
Criar mais que propósitos frustrados!
Abdica e sê
Rei de ti mesmo.

[164] 30-1-1927

Gozo sonhado é gozo, ainda que em sonho.
Nós o que nos supomos nos fazemos,
  Se com atenta mente
  Resistirmos em crê-lo.
Não, pois, meu modo de pensar nas coisas,
Nos seres e no fado me consumo.
  Para mim crio tanto
  Quanto para mim crio.
Fora de mim, alheio ao em que penso,
O Fado cumpre-se. Porém eu me cumpro
  Segundo o âmbito breve
  Do que de meu me é dado.

[165] 31-5-1927

Solene passa sobre a fértil terra
A branca, inútil nuvem fugidia,
Que um negro instante de entre os campos ergue
Um sopro arrefecido.

Tal me alta na alma a lenta ideia voa

E me enegrece a mente, mas já torno,
Como a si mesmo o mesmo campo, ao dia
Da imperfeita vida.

[166] 31-5-1927

Atrás não torna, nem, como Orfeu, volve
Sua face, Saturno.
Sua severa fronte reconhece
Só o lugar do futuro.
Não temos mais decerto que o instante
Em que o pensamos certo.
Não o pensemos, pois, mas o façamos
Certo sem pensamento.

[167] 5-1927

A nada imploram tuas mãos já coisas,
Nem convencem teus lábios já parados,
    No abafo subterrâneo
    Da úmida imposta terra.
Só talvez o sorriso com que amavas
Te embalsama remota, e nas memórias
    Te ergue qual eras, hoje
    Cortiço apodrecido.
E o nome inútil que teu corpo morto
Usou, vivo, na terra, como uma alma,
    Não lembra. A ode grava,
    Anônimo, um sorriso.

[168] 6-7-1927

Aqui, dizeis, na cova a que me abeiro,
Não ’stá quem eu amei. Olhar nem riso
    Se escondem nesta leira.
Ah, mas olhos e boca aqui se escondem!

Mãos apertei, na alma, e aqui jazem.
Homem, um corpo choro!

[169] 6-7-1927

Lenta, descansa a onda que a maré deixa.
Pesada cede. Tudo é sossegado.
Só o que é de homem se ouve.
Cresce a vinda da lua.
Nesta hora, Lídia ou Neera ou Cloé,
Qualquer de vós me é estranha, que me inclino
Para o segredo dito
Pelo silêncio incerto.
Tomo nas mãos, como caveira, ou chave,
De supérfluo sepulcro, o meu destino,
E ignaro o aborreço
Sem coração que o sinta.

[170] 19-11-1927

O sono é bom pois despertamos dele
Para saber que é bom. Se a morte é sono
Despertaremos dela;
Se não, e não é sono,

Conquanto em nós é nosso a refusemos
Enquanto em nossos corpos condenados
Dura, do carcereiro,
A licença indecisa

Lídia, a vida mais vil antes que a morte,
Que desconheço, quero; e as flores colho
Que te entrego, votivas
De um pequeno destino.

[171] 25-1-1928

O rastro breve que das ervas moles
Ergue o pé findo, o eco que oco coa,
A sombra que se adumbra,
O branco que a nau larga —
Nem maior nem melhor deixa a alma às almas,
O ido aos indos. A lembrança esquece,
Mortos, inda morremos.
Lídia, somos só nossos.

[172] 20-2-1928

Pesa o decreto atroz do fim certeiro.
Pesa a sentença igual do juiz ignoto
Em cada cerviz néscia. É entrudo e riem.
Felizes, porque neles pensa e sente
A vida, que não eles!
Se a ciência é vida, sábio é só o néscio.
Quão pouca diferença a mente interna

Do homem da dos brutos! Sus! Deixai
Brincar os moribundos!

De rosas, inda que de falsas teçam
Capelas veras. Breve e vão é o tempo
Que lhes é dado, e por misericórdia
Breve nem vão sentido.

[173] 26-4-1928

Nos altos ramos de árvores frondosas
O vento faz um rumor frio e alto.
Nesta floresta, em este som me perco
E sozinho medito.

Assim no mundo, acima do que sinto,
Um vento faz a vida, e a deixa, e a toma,

E nada tem sentido — nem a alma
    Com que penso sozinho.

[174] 26-4-1928

Inglória é a vida, e inglório o conhecê-la.
Quantos, se pensam, não se reconhecem
    Os que se conheceram!
A cada hora se muda não só a hora
Mas o que se crê nela, e a vida passa
    Entre viver e ser.

[175] 7-6-1928

Tudo que cessa é morte, e a morte é nossa
Se é para nós que cessa. Aquele arbusto
    Fenece, e vai com ele
    Parte da minha vida.
Em tudo quanto olhei fiquei em parte.

Com tudo quanto vi, se passa, passo,
    Nem distingue a memória
    Do que vi do que fui.

[176] 20-11-1928

A cada qual, como a 'statura, é dada
    A justiça: uns faz altos
    O fado, outros felizes.
Nada é prêmio: sucede o que acontece.
    Nada, Lídia, devemos
    Ao fado, senão tê-lo.

[177] 20-11-1928

Nem da erva humilde se o Destino esquece.
    Saiba a lei o que vive.

De sua natureza murcham rosas
E prazeres se acabam.
Quem nos conhece, amigo, tais quais fomos?
Nem nós os conhecemos.

[178] 21-11-1928

Quem diz ao dia, dura! e à treva, acaba!
E a si não diz, não digas!
Sentinelas absurdas, vigilamos,
Ínscios dos contendentes.
Uns sob o frio, outros no ar brando, guardam
O posto e a insciência sua.

[179] 21-11-1928

Negue-me tudo a sorte, menos vê-la,
Que eu, ’stóico sem dureza,
Na sentença gravada do Destino
Quero gozar as letras.

[180] 26-5-1930

Se recordo quem fui, outrem me vejo,
E o passado é o presente na lembrança.
Quem fui é alguém que amo
Porém somente em sonho.
E a saudade que me aflige a mente
Não é de mim nem do passado visto,
Senão de quem habito
Por trás dos olhos cegos.
Nada, senão o instante, me conhece.
Minha mesma lembrança é nada, e sinto
Que quem sou e quem fui
São sonhos diferentes.

[181] 13-6-1930

Quando, Lídia, vier o nosso outono
Com o inverno que há nele, reservemos
Um pensamento, não para a futura
  Primavera, que é de outrem,
Nem para o estio, de quem somos mortos,
Senão para o que fica do que passa —
O amarelo atual que as folhas vivem
  E as torna diferentes.

[182] 13-6-1930

Tênue, como se de Éolo a esquecessem,
A brisa da manhã titila o campo,
  E há começo do sol.
Não desejemos, Lídia, nesta hora
Mais sol do que ela, nem mais alta brisa
  Que a que é pequena e existe

[183] 18-6-1930

No breve número de doze meses
O ano passa, e breves são os anos,
    Poucos a vida dura.
Que são doze ou sessenta na floresta
Dos números, e quanto pouco falta
    Para o fim do futuro!
Dois terços já, tão rápido, do curso
Que me é imposto correr descendo, passo.
    Apresso, e breve acabo.
Dado em declive deixo, e invito apresso
    O moribundo passo.

[184] 6-7-1930

Não sei de quem recordo meu passado
Que outrem fui quando o fui, nem me conheço
Como sentindo com minha alma aquela
Alma que a sentir lembro.
De dia a outro nos desamparamos.
Nada de verdadeiro a nós nos une —
Somos quem somos, e quem fomos foi
Coisa vista por dentro.

[185] 8-7-1930

O que sentimos, não o que é sentido,
É o que temos. Claro, o inverno triste
Como à sorte o acolhamos.
Haja inverno na terra, não na mente.
E, amor a amor, ou livro a livro, amemos
        Nossa caveira breve.

[186] 1-11-1930

Quer pouco: terás tudo.
Quer nada: serás livre.
O mesmo amor que tenham
Por nós, quer-nos, oprime-nos.

[187] 1-11-1930

Não só quem nos odeia ou nos inveja
Nos limita e oprime; quem nos ama
        Não menos nos limita.
Que os deuses me concedam que, despido
De afetos, tenha a fria liberdade
        Dos píncaros sem nada.
Quem quer pouco, tem tudo; quem quer nada
É livre; quem não tem, e não deseja,
        Homem, é igual aos deuses.

[188] 1-11-1930

Não quero, Cloé, teu amor, que oprime
Porque me exige o amor. Quero ser livre.
A ’sperança é um dever do sentimento.

[189] 12-6-1930

Não sei se é amor que tens, ou amor que finges,
O que me dás. Dás-mo. Tanto me basta.
Já que o não sou por tempo,
Seja eu jovem por erro.
Pouco os deuses nos dão, e o pouco é falso.
Porém, se o dão, falso que seja, a dádiva
É verdadeira. Aceito,
Cerro olhos: é bastante.
Que mais quero?

[190] 19-1-1930

Nunca a alheia vontade, inda que grata,
Cumpras por própria. Manda no que fazes,
Nem de ti mesmo servo.
Ninguém te dá quem és. Nada te mude.
Teu íntimo destino involuntário
Cumpre alto. Sê teu filho.

[191] 19-11-1930

No mundo, só comigo, me deixaram
Os deuses que dispõem.
Não posso contra eles: o que deram
Aceito sem mais nada.
Assim o trigo baixa ao vento, e, quando
O vento cessa, ergue-se.

[192] 8-2-1931

Os deuses e os Messias que são deuses
Passam, e os sonhos vãos que são Messias.
    A terra muda dura.
Nem deuses, nem Messias, nem ideias
Que trazem rosas. Minhas são se as tenho.
    Se as tenho, que mais quero?

[193] 14-3-1931

Do que quero renego, se o querê-lo
Me pesa na vontade. Nada que haja
    Vale que lhe concedamos
    Uma atenção que doa.
Meu balde exponho à chuva, por ter água.
Minha vontade, assim, ao mundo exponho.

Recebo o que me é dado,
E o que falta não quero.

O que me é dado quero
Depois de dado, grato.

Nem quero mais que o dado
Ou que o tido desejo.

[194] 8-7-1931

Sim, sei bem
Que nunca serei alguém.
  Sei de sobra
Que nunca terei uma obra.
  Sei, enfim,
Que nunca saberei de mim.
  Sim, mas agora,
Enquanto dura esta hora,
  Este luar, estes ramos,

Esta paz em que estamos,
Deixem-me me crer
O que nunca poderei ser.

[195] 27-9-1931

Breve o dia, breve o ano, breve tudo.
Não tarda nada sermos.
Isto, pensando, me de a mente absorve
Todos mais pensamentos.
O mesmo breve ser da mágoa pesa-me,
Que, inda que magoa, é vida.

[196] 27-9-1931

Domina ou cala. Não te percas, dando
Aquilo que não tens.
Que vale o César que serias? Goza

Bastar-te o pouco que és.
Melhor te acolhe a vil choupana dada
Que o palácio devido.

[197] 10-12-1931

Tudo, desde ermos astros afastados
A nós, nos dá o mundo.
E a tudo, alheios, nos acrescentamos,
Pensando e interpretando.
A próxima erva a que não chega basta,
O que há é o melhor.

[198] 10-12-1931

Ninguém, na vasta selva virgem
Do mundo inumerável, finalmente
Vê o Deus que conhece.

Só o que a brisa traz se ouve na brisa
O que pensamos, seja amor ou deuses,
    Passa, porque passamos.

[199] 12-1931

Se a cada coisa que há um deus compete,
Por que não haverá de mim um deus?
Por que o não serei eu?
É em mim que o Deus anima
Porque eu sinto.
O mundo externo claramente vejo —
Coisas, homens, sem alma.

[200] 27-2-1932

Quanto faças, supremamente faze.
Mais vale, se a memória é quanto temos,

Lembrar muito que pouco.
E se o muito no pouco te é possível,
Mais ampla liberdade de lembrança
Te tornará teu dono.

[201] 27-2-1932

Rasteja mole pelos campos ermos
O vento sossegado.
Mais parece tremer de um tremor próprio,
Que do vento, o que é erva.
E se as nuvens no céu, brancas e altas,
Se movem, mais parecem
Que gira a terra rápida e elas passam,
Por muito altas, lentas.
Aqui neste sossego dilatado
Me esquecerei de tudo,

Nem hóspede será do que conheço
A vida que deslembro.
Assim meus dias seu decurso falso
Gozarão verdadeiro.

[202] 31-3-1932

Azuis os montes que estão longe param.
De eles a mim o vário campo ao vento, à brisa,
Ou verde ou amarelo ou variegado,
Ondula incertamente.
Débil como uma haste de papoula
Me suporta o momento. Nada quero.
Que pesa o escrúpulo do pensamento
Na balança da vida?
Como os campos, e vário, e como eles,
Exterior a mim, me entrego, filho
Ignorado do Caos e da Noite
Às férias em que existo.

[203] 9-6-1932

Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros
Onde que quer que estejamos.

Lídia, ignoramos. Somos estrangeiros
Onde quer que moremos. Tudo é alheio
Nem fala língua nossa.
Façamos de nós mesmos o retiro
Onde esconder-nos, tímidos do insulto
Do tumulto do mundo.
Que quer o amor mais que não ser dos outros?
Como um segredo dito nos mistérios,
Seja sacro por nosso.

[204] 16-6-1932

Severo narro. Quanto sinto, penso.
Palavras são ideias.
Múrmuro, o rio passa, e o que não passa,
Que é nosso, não do rio.
Assim quisesse o verso: meu e alheio
E por mim mesmo lido.

[205] 31-7-1930

Sereno aguarda o fim que pouco tarda.
Que é qualquer vida? Breves sóis e sono.
  Quanto pensas emprega
  Em não muito pensares.
Ao nauta o mar obscuro é a rota clara.
Tu, na confusa solidão da vida,
  A ti mesmo te elege
  (Não sabes de outro) o porto.

[206] 10-8-1932

Ninguém a outro ama, senão que ama
O que de si há nele, ou é suposto.
Nada te pese que não te amem. Sentem-te
  Quem és, e és estrangeiro.
Cura de ser quem és, amam-te ou nunca.
Firme contigo, sofrerás avaro
  De penas.

[207] 8-9-1932

Vive sem horas. Quanto mede pesa,
  E quanto pensas mede.
Num fluido incerto nexo, como o rio
  Cujas ondas são ele,
Assim teus dias vê, e se te vires
Passar, como a outrem, cala.

[208] 28-9-1932

Nada fica de nada. Nada somos.
Um pouco ao sol e ao ar nos atrasamos
Da irrespirável treva que nos pesa
    Da húmida terra imposta.
Leis feitas, estátuas altas, odes findas —
Tudo tem cova sua. Se nós, carnes
A que um íntimo sol dá sangue, temos
    Poente, porque não elas?
O que fazemos é o que somos. Nada
Nos cria, nos governa e nos acaba.
Somos contos contando contos, cadáveres
    Adiados que procriam.

[209] 14-2-1933

Para ser grande, sê inteiro: nada
    Teu exagera ou exclui.
Sê todo em cada coisa. Põe quanto és
    No mínimo que fazes.
Assim em cada lago a lua toda
    Brilha, porque alta vive.

[210] 2-3-1933

Quero ignorado, e calmo
Por ignorado, e próprio
Por calmo, encher meus dias
De não querer mais deles.

Aos que a riqueza toca
O ouro irrita a pele.
Aos que a fama bafeja
Embacia-se a vida.

Aos que a felicidade
É sol, virá a noite.
Mas ao que nada ’spera
Tudo que vem é grato.

[211] 14-3-1933

Cada dia sem gozo não foi teu:
Foi só durares nele. Quanto vivas
Sem que o gozes, não vives.

Não pesa que amas, bebas ou sorrias:
Basta o reflexo do sol ido na água
De um charco, se te é grato.

Feliz o a quem, por ter em coisas mínimas
Seu prazer posto, nenhum dia nega
A natural ventura!

[212] 16-3-1933

Pois que nada que dure, ou que, durando,
Valha, neste confuso mundo obramos,
E o mesmo útil para nós perdemos
Conosco, cedo, cedo,

O prazer do momento anteponhamos
À absurda cura do futuro, cuja
Certeza única é o mal presente
Com que o seu bem compramos.

Amanhã não existe. Meu somente
É o momento, eu só quem existe
Neste instante, que pode o derradeiro
Ser de quem finjo ser?

[213] 6-4-1933

Estás só. Ninguém o sabe. Cala e finge.
Mas finge sem fingimento.
Nada ’speres que em ti já não exista,
Cada um consigo é triste.
Tens sol se há sol, ramos se ramos buscas,
Sorte se a sorte é dada.

[214] 6-4-1933

Aqui, neste misérrimo desterro
Onde nem desterrado estou, habito,
Fiel, sem que queira, àquele antigo erro
Pelo qual sou proscrito.
O erro de querer ser igual a alguém
Feliz, em suma — quanto a sorte deu

A cada coração o único bem
De ele poder ser seu.

[215] 28-8-1933

Uns, com os olhos postos no passado,
Veem o que não veem; outros, fitos
Os mesmos olhos no futuro, veem
O que não pode ver-se.

Porque tão longe ir pôr o que está perto —
A segurança nossa? Este é o dia,
Esta é a hora, este o momento, isto
É quem somos, e é tudo.

Perene flui a interminável hora
Que nos confessa nulos. No mesmo hausto
Em que vivemos, morreremos. Colhe
O dia, porque és ele.

[216] 19-11-1933

Súbito inútil de astros dominantes,
Passageiros como eu, vivo uma vida
Que não quero nem amo,
Minha porque sou ela,

No ergástulo de ser quem sou, contudo,
De em mim pensar me livro, olhando no alto
Os astros que dominam
Submissos de os ver brilhar.

Vastidão vã que finge de infinito
(Como se o infinito se pudesse ver!) —
Dá-me ela a liberdade?
Como, se ela a não tem?

[217] 13-12-1933

Aguardo, equânime, o que não conheço —
Meu futuro e o de tudo.
No fim tudo será silêncio, salvo
Onde o mar banhar nada.

[218] 13-11-1935

Vivem em nós inúmeros;
Se penso ou sinto, ignoro
Quem é que pensa ou sente.
Sou somente o lugar
Onde se sente ou pensa.

Tenho mais almas que uma.
Há mais eus do que eu mesmo.
Existo todavia
Indiferente a todos.
Faço-os calar: eu falo.

Os impulsos cruzados

Do que sinto ou não sinto
Disputam em quem sou.
Ignoro-os. Nada ditam
A quem me sei: eu ’screvo.

[219]

Ponho na altiva mente o fixo esforço
    Da altura, e à sorte deixo,
    E às suas leis, o verso;
Que, quando é alto e régio o pensamento,
    Súdita a frase o busca
    E o ’scravo ritmo o serve.

[220]

Temo, Lídia, o destino. Nada é certo.
Em qualquer hora pode suceder-nos
    O que nos tudo mude.
Fora do conhecido é estranho o passo
Que próprio damos. Graves numes guardam
    As lindas do que é uso.
Não somos deuses; cegos, receemos,
E a parca dada vida anteponhamos
    À novidade, abismo.

[221]

Não queiras, Lídia, edificar no ’spaço
Que figuras futuro, ou prometer-te
Amanhã. Cumpre-te hoje, não ’sperando.
    Tu mesma és tua vida.
Não te destines, que não és futura.
Quem sabe se, entre a taça que esvazias,
E ela de novo enchida, não te a sorte
    Interpõe o abismo?

[222]

Saudoso já deste verão que vejo,
Lágrimas para as flores dele emprego
  Na lembrança invertida
  De quando hei de perdê-las.
Transpostos os portais irreparáveis
De cada ano, me antecipo a sombra
  Em que hei de errar, sem flores,
  No abismo rumoroso.
E colho a rosa porque a sorte manda.
Marcenda, guardo-a; murche-se comigo
  Antes que com a curva
  Diurna da ampla terra.

[223]

Deixemos, Lídia, a ciência que não põe
Mais flores do que Flora pelos campos,
  Nem dá de Apolo ao carro
  Outro curso que Apolo.

Contemplação estéril e longínqua
Das coisas próximas, deixemos que ela
  Olhe até não ver nada
  Com seus cansados olhos.

Vê como Ceres e a mesma sempre
E como os louros campos entumece
  E os cala pras avenas
  Dos agrados de Pã.

Vê como com seu jeito sempre antigo
Aprendido no orige azul dos deuses,
  As ninfas não sossegam
  Na sua dança eterna.

E como as hemadríades constantes
Murmuram pelos rumos das florestas
    E atrasam o deus Pã
    Na atenção à sua flauta.

Não de outro modo mais divino ou menos
Deve aprazer-nos conduzir a vida,
    Quer sob o ouro de Apolo
    Ou a prata de Diana.

Quer troe Júpiter nos céus toldados,
Quer apedreje com as suas ondas
    Netuno as planas praias
    E os erguidos rochedos.

Do mesmo modo a vida é sempre a mesma.
Nós não vemos as Parcas acabarem-nos.
    Por isso as esqueçamos
    Como se não houvessem.

Colhendo flores ou ouvindo as fontes
A vida passa como se temêssemos.
    Não nos vale pensarmos
    No futuro sabido

Que aos nossos olhos tirará Apolo
E nos porá longe de Ceres e onde
    Nenhum Pã cace à flauta
    Nenhuma branca ninfa.

Só as horas serenas reservando
Por nossas, companheiros na malícia
    De ir imitando os deuses
    Até sentir-lhe a calma.

Venha depois com as suas cãs caídas

A velhice, que os deuses concederam
Que esta hora por ser sua
Não sofra de Saturno

Mas seja o templo onde sejamos deuses
Inda que apenas, Lídia, pra nós próprios
Nem precisam de crentes
Os que de si o foram.

[224]

É tão suave a fuga deste dia,
Lídia, que não parece que vivemos.
Sem dúvida que os deuses
Nos são gratos esta hora,

Em paga nobre desta fé que temos
Na exilada verdade dos seus corpos
Nos dão o alto prêmio
De nos deixarem ser

Convivas lúcidos da sua calma,
Herdeiros um momento do seu jeito
De viver toda a vida
Dentro dum só momento,

Dum só momento, Lídia, em que afastados
Das terrenas angústias recebemos
Olímpicas delícias
Dentro das nossas almas.

E um só momento nos sentimos deuses
Imortais pela calma que vestimos
E a altiva indiferença
Às coisas passageiras

Como quem guarda a c’roa da vitória

Estes fanados louros de um só dia
Guardemos para termos,
No futuro enrugado,

Perene à nossa vista a certa prova
De que um momento os deuses nos amaram
E nos deram uma hora
Não nossa, mas do Olimpo.

[225]

Para os deuses as coisas são mais coisas.
Não mais longe eles veem, mas mais claro
Na certa Natureza
E a contornada vida…

Não no vago que mal veem [ ]
Orla misteriosamente os seres,

Mas nos detalhes claros
[ ] estão seus olhos.

A Natureza é só uma superfície.
Na sua superfície ela é profunda
E tudo contém muito
Se os olhos bem olharem.

Aprende pois, tu, das cristãs angústias,
O traidor à multíplice presença
Dos deuses, a não teres
Véus nos olhos nem na alma.

[226]

No magno dia até os sons são claros.
Pelo repouso do amplo campo tardam.
Múrmura, a brisa cala.

Quisera, como os sons, viver das coisas
Mas não ser delas, consequência alada
Em que o real vai longe.

[227]

Quero dos deuses só que me não lembrem.
Serei livre — sem dita nem desdita,
Como o vento que é a vida
Do ar que não é nada.
O ódio e o amor iguais nos buscam; ambos,
Cada um com seu modo, nos oprimem.
A quem deuses concedem
Nada, tem liberdade.

[228]

Aos deuses peço só que me concedam
O nada lhes pedir. A dita é um jugo
E o ser feliz oprime
Porque é um certo estado.
Não quieto nem inquieto meu ser calmo
Quero erguer alto acima de onde os homens
Têm prazer ou dores.

[229]

Cada um cumpre o destino que lhe cumpre.
E deseja o destino que deseja;
Nem cumpre o que deseja,
Nem deseja o que cumpre.

Como as pedras na orla dos canteiros
O Fado nos dispõe, e ali ficamos;
Que a Sorte nos fez postos
Onde houvemos de sê-lo.

Não tenhamos melhor conhecimento

Do que nos coube que de que nos coube.
Cumpramos o que somos.
Nada mais nos é dado.

[230]

Meu gesto que destrói
A mole das formigas,
Tomá-lo-ão elas por de um ser divino;
Mas eu não sou divino para mim.

Assim talvez os deuses
Para si o não sejam,
E só de serem do que nós maiores
Tirem o serem deuses para nós.

Seja qual for o certo,
Mesmo para com esses
Que cremos serem deuses, não sejamos
Inteiros numa fé talvez sem causa.

[231]

Sob a leve tutela
De deuses descuidosos,
Quero gastar as concedidas horas
Desta fadada vida.

Nada podendo contra
O ser que me fizeram,
Desejo ao menos que me haja o Fado
Dado a paz por destino.

Da verdade não quero
Mais que a vida; que os deuses
Dão vida e não verdade, nem talvez
Saibam qual a verdade.

FICÇÕES DO INTERLÚDIO | POESIAS DE ÁLVARO DE CAMPOS

À GUISA DE PREFÁCIO

Um poema é a projeção de uma ideia em palavras através da emoção. A emoção não é a base da poesia: é tão somente o meio de que a ideia se serve para se reduzir a palavras.

Não vejo, entre a poesia e a prosa, a diferença fundamental, peculiar da própria disposição da mente, que Campos estabelece. Desde que se usa de palavras, usa-se de um instrumento ao mesmo tempo emotivo e intensa, nem a mais rigidamente científica, que não ressume qualquer suco emotivo. Por isso não há exclamação, nem a mais abstratamente emotiva, que não implique, ao menos, o esboço de uma ideia.

Poderá alegar-se, por exemplo, que a exclamação pura — "Ah", digamos — não contém elemento algum intelectual. Mas não existe um "ah", assim escrito isoladamente, sem relação com qualquer coisa de anterior. Ou consideremos o "ah" como falado e no tom da voz vai o sentido; ou o "ah" responde a qualquer frase, ou por ela se forma, e manifesta uma ideia que essa frase provocou.

Em tudo que se diz — poesia ou prosa — há ideia e emoção. A poesia difere da prosa apenas em que escolhe um novo meio exterior, além da palavra, para projetar a ideia em palavras através da emoção. Esse meio é o ritmo, a rima, a estrofe; ou todas, ou duas, ou uma só. Porém menos que uma só não creio que possa ser.

A ideia, ao servir-se da emoção para se exprimir em palavras, contorna e define essa emoção, e o ritmo, ou rima, ou a estrofe, são a projeção desse contorno, a afirmação da ideia através de uma emoção, que, se a ideia a não contornasse, se extravasaria e perderia a própria capacidade de expressão.

É o que, em meu entender, sucede nos poemas de Campos. São um extravasar de emoção. A ideia serve a emoção, não a domina. E o homem — poeta ou não poeta — em que a emoção domina a inteligência recua a feição do seu ser a estádios anteriores da evolução, em que as faculdades de inibição

dormiam ainda no embrião da mente. Não pode ser que a arte, que é um produto da cultura, ou seja do desenvolvimento supremo da consciência que o homem tem de si mesmo, seja tanto mais superior, quanto maior for a sua semelhança com as manifestações mentais que distinguem os estados inferiores da evolução cerebral.

A poesia é superior à prosa porque exprime, não um grau superior de emoção, mas, por contra, um grau superior de domínio dela, a subordinação do tumulto em que a emoção naturalmente se exprimiria (como verdadeiramente diz Campos) ao ritmo, à rima, à estrofe.

Como o estado mental, em que a poesia se forma, é, deveras, mais emotivo que aquele em que naturalmente se forma a prosa, há mister que ao estado poético se aplique uma disciplina mais dura que aquela [que] se emprega no estado prosaico da mente. E esses artifícios — o ritmo, a rima, a estrofe — são instrumentos de tal disciplina.

No sentido em que Campos diz que são artifícios o ritmo, a rima e a estrofe, se pode dizer que são artifícios: a vontade de corrigir defeitos, a ordem que policia sociedades, a civilização que reduz os egoísmos à forma sociável.

Na prosa mais propriamente prosa — a prosa científica ou filosófica —, a que exprime diretamente ideias e só ideias, não há mister de grande disciplina, pois na própria circunstância de ser só de ideias vai disciplina bastante. Na prosa mais largamente emotiva, como a que distingue a oratória, ou tem feição descritiva, há que atender mais ao ritmo, à disposição, à organização das ideias, pois essas são ali em menor número, nem formam o fundamento da matéria. Na prosa amplamente emotiva — aquela cujos sentimentos poderiam com igual facilidade ser expostos em poesia — há que atender mais que nunca à disposição da matéria, e ao ritmo que acompanhe a exposição. Esse ritmo não é definido, como o é no verso, porque prosa não é verso. O que verdadeiramente Campos faz, quando escreve em verso, é escrever prosa ritmada com pausas maiores, marcadas em certos pontos, para fins rítmicos, e esses pontos de pausa maior, determina-os ele pelos fins dos versos. Campos é um grande prosador, um prosador com uma grande ciência do ritmo; mas o ritmo de que tem ciência, é o ritmo da prosa, e a prosa de que se serve é aquela em que se introduziu, além dos vulgares sinais de pontuação, uma pausa maior e especial, que Campos, como os seus pares anteriores e semelhantes, determinou representar graficamente pela linha quebrada no fim, pela linha disposta como o que se chama um verso. Se Campos, em vez de fazer tal, inventasse um sinal novo de pontuação — digamos o traço vertical (|) — para determinar esta ordem de pausa, ficando nós sabendo que ali se pausava com o mesmo gênero de pausa com que se pausa no fim de

um verso, não faria obra diferente, nem estabeleceria a confusão que estabeleceu.

A disciplina é natural ou artificial, espontânea ou refletida. O que distingue a arte clássica, propriamente dita, a dos gregos e até dos romanos, da arte pseudoclássica, como a dos franceses em seus séculos de fixação, é que a disciplina de uma está nas mesmas emoções, com uma harmonia natural da alma, que naturalmente repele o excessivo, ainda ao senti-lo; e a disciplina da outra está em deliberação da mente de não se deixar sentir para cima de certo nível. A arte pseudoclássica é fria porque é uma regra; a clássica tem emoção porque é uma harmonia.

Quase se conclui do que diz Campos, de que o poeta vulgar sente espontaneamente com a largueza que naturalmente projetaria em versos como os que ele escreve; e depois, refletindo, sujeita essa emoção a cortes e retoques e outras mutilações ou alterações, em obediência a uma regra exterior. Nenhum homem foi alguma vez poeta assim. A disciplina do ritmo é aprendida até ficar sendo parte da alma: o verso que a emoção produz nasce já subordinado a essa disciplina. Uma emoção naturalmente harmônica é uma emoção naturalmente ordenada; uma emoção naturalmente ordenada é uma emoção naturalmente traduzida num ritmo ordenado, pois a emoção dá o ritmo e a ordem que há nela, a ordem que no ritmo há.

Na palavra, a inteligência dá a frase, a emoção o ritmo. Quando o pensamento do poeta é alto, isto é, formado de uma ideia que produz uma emoção, esse pensamento, já de si harmônico pela junção equilibrada de ideia e emoção, e pela nobreza de ambas, transmite esse equilíbrio de emoção e de sentimento à frase e ao ritmo, e assim, como disse, a frase, súdita do pensamento que a define, busca-o, e o ritmo, escravo da emoção que esse pensamento agregou a si, o serve.

RICARDO REIS
(apontamento sem data)

[232] 8-1913

Quando olho para mim não me percebo.
Tenho tanto a mania de sentir
Que me extravio às vezes ao sair
Das próprias sensações que eu recebo.

O ar que respiro, este licor que bebo,
Pertencem ao meu modo de existir,
E eu nunca sei como hei de concluir
As sensações que a meu pesar concebo.

Nem nunca, propriamente, reparei,
Se na verdade sinto o que sinto. Eu
Serei tal qual pareço em mim? Serei

Tal qual me julgo verdadeiramente?
Mesmo ante as sensações sou um pouco ateu,
Nem sei bem se sou eu quem em mim sente.

Lisboa (uns seis a sete meses antes do *Opiário*) Agosto 1913.

[233] 10-1913

A Praça da Figueira de manhã,
Quando o dia é de sol (como acontece
Sempre em Lisboa), nunca em mim esquece,
Embora seja uma memória vã.

Há tanta coisa mais interessante
Que aquele lugar lógico e plebeu!
Mas amo aquilo, mesmo assim… Sei eu
Por que o amo? Não importa nada… Adiante!

Isto de sensações só vale a pena
Se a gente se não põe a olhar para elas.
Nenhuma delas em mim é serena…

De resto, nada em mim é certo e está
De acordo consigo próprio… As horas belas
São as dos outros, ou as que não há.

Londres (uns cinco meses antes do *Opiário*) Outubro 1913.

OPIÁRIO

Ao Senhor Mário de Sá-Carneiro

[234] 3-1914

É antes do ópio que a minh'alma é doente.
Sentir a vida convalesce e estiola
E eu vou buscar ao ópio que consola
Um Oriente ao oriente do Oriente.

Esta vida de bordo há de matar-me.
São dias só de febre na cabeça
E, por mais que procure até que adoeça,
Já não encontro a mola pra adaptar-me.

Em paradoxo e incompetência astral
Eu vivo a vincos d'ouro a minha vida,
Onda onde o pundonor é uma descida
E os próprios gozos gânglios do meu mal.

É por um mecanismo de desastres,
Uma engrenagem com volantes falsos,
Que passo entre visões de cadafalsos
Num jardim onde há flores no ar, sem hastes.

Vou cambaleando através do lavor
Duma vida-interior de renda e laca.
Tenho a impressão de ter em casa a faca
Com que foi degolado o Precursor.

Ando expiando um crime numa mala,
Que um avô meu cometeu por requinte.
Tenho os nervos na forca, vinte a vinte,
E caí no ópio como numa vala.

Ao toque adormecido da morfina
Perco-me em transparências latejantes
E numa noite cheia de brilhantes

Ergue-se a lua como a minha Sina.

Eu, que fui sempre um mau estudante, agora
Não faço mais que ver o navio ir
Pelo canal de Suez a conduzir
A minha vida, cânfora na aurora.

Perdi os dias que já aproveitara.
Trabalhei para ter só o cansaço
Que é hoje em mim uma espécie de braço
Que ao meu pescoço me sufoca e ampara.

E fui criança como toda a gente.
Nasci numa província portuguesa
E tenho conhecido gente inglesa
Que diz que eu sei inglês perfeitamente.

Gostava de ter poemas e novelas
Publicados por Plon e no *Mercure*,
Mas é impossível que esta vida dure.
Se nesta viagem nem houve procelas!

A vida a bordo é uma coisa triste,
Embora a gente se divirta às vezes.
Falo com alemães, suecos e ingleses
E a minha mágoa de viver persiste.

Eu acho que não vale a pena ter
Ido ao Oriente e visto a Índia e a China.
A terra é semelhante e pequenina
E há só uma maneira de viver.

Por isso eu tomo ópio. É um remédio.
Sou um convalescente do Momento.
Moro no rés do chão do pensamento
E ver passar a Vida faz-me tédio.

Fumo. Canso. Ah uma terra aonde, enfim,
Muito a leste não fosse o oeste já!
Pra que fui visitar a Índia que há
Se não há Índia senão a alma em mim?

Sou desgraçado por meu morgadio.
Os ciganos roubaram minha Sorte.
Talvez nem mesmo encontre ao pé da morte
Um lugar que me abrigue do meu frio.

Eu fingi que estudei engenharia.
Vivi na Escócia. Visitei a Irlanda.
Meu coração é uma avozinha que anda
Pedindo esmola às portas da Alegria.

Não chegues a Port-Said, navio de ferro!
Volta à direita, nem eu sei para onde.
Passo os dias no *smoking-room* com o conde —
Um *escroc* francês, conde de fim de enterro.

Volto à Europa descontente, e em sortes
De vir a ser um poeta sonambólico.
Eu sou monárquico mas não católico
E gostava de ser as coisas fortes.

Gostava de ter crenças e dinheiro,
Ser vária gente insípida que vi.
Hoje, afinal, não sou senão, aqui,
Num navio qualquer um passageiro.

Não tenho personalidade alguma.
É mais notado que eu esse criado
De bordo que tem um belo modo alçado
De *laird* escocês há dias em jejum.

Não posso estar em parte alguma. A minha

Pátria é onde não estou. Sou doente e fraco.
O comissário de bordo é velhaco.
Viu-me co’a sueca… e o resto ele adivinha.

Um dia faço escândalo cá a bordo,
Só para dar que falar de mim aos mais.
Não posso com a vida, e acho fatais
As iras com que às vezes me debordo.

Levo o dia a fumar, a beber coisas,
Drogas americanas que entontecem,
E eu já tão bêbado sem nada! Dessem
Melhor cérebro aos meus nervos como rosas.

Escrevo estas linhas. Parece impossível
Que mesmo ao ter talento eu mal o sinta!
O fato é que esta vida é uma quinta
Onde se aborrece uma alma sensível.

Os ingleses são feitos pra existir.
Não há gente como esta pra estar feita
Com a Tranquilidade. A gente deita
Um vintém e sai um deles a sorrir.

Pertenço a um gênero de portugueses
Que depois de estar a Índia descoberta
Ficaram sem trabalho. A morte é certa.
Tenho pensado nisto muitas vezes.

Leve o diabo a vida e a gente tê-la!
Nem leio o livro à minha cabeceira.
Enoja-me o Oriente. É uma esteira
Que a gente enrola e deixa de ser bela.

Caio no ópio por força. Lá querer
Que eu leve a limpo uma vida destas

Não se pode exigir. Almas honestas
Com horas pra dormir e pra comer,

Que um raio as parta! E isto afinal é inveja.
Porque estes nervos são a minha morte.
Não haver um navio que me transporte
Para onde eu nada queira que o não veja!

Ora! Eu cansava-me do mesmo modo.
Qu'ria outro ópio mais forte pra ir de ali
Para sonhos que dessem cabo de mim
E pregassem comigo nalgum lodo.

Febre! Se isto que tenho não é febre,
Não sei como é que se tem febre e sente.
O fato essencial é que estou doente.
Está corrida, amigos, esta lebre.

Veio a noite. Tocou já a primeira
Corneta, pra vestir para o jantar.
Vida social por cima! Isso! E marchar
Até que a gente saia pla coleira!

Porque isto acaba mal e há de haver
(Olá!) sangue e um revólver lá pro fim
Deste desassossego que há em mim
E não há forma de se resolver.

E quem me olhar, há de me achar banal,
A mim e à minha vida… Ora! um rapaz…
O meu próprio monóculo me faz
Pertencer a um tipo universal.

Ah quanta alma haverá, que ande metida
Assim como eu na Linha, e como eu mística!
Quantos sob a casaca característica

Não terão como eu o horror à vida?

Se ao menos eu por fora fosse tão
Interessante como sou por dentro!
Vou no Maelstrom, cada vez mais pro centro.
Não fazer nada é a minha perdição.

Um inútil. Mas é tão justo sê-lo!
Pudesse a gente desprezar os outros
E, ainda que co’os cotovelos rotos,
Ser herói, doido, amaldiçoado ou belo!

Tenho vontade de levar as mãos
À boca e morder nelas fundo e a mal.
Era uma ocupação original
E distraía os outros, os tais sãos.

O absurdo como uma flor da tal Índia
Que não vim encontrar na Índia, nasce
No meu cérebro farto de cansar-se.
A minha vida mude-a Deus ou finde-a…

Deixe-me estar aqui, nesta cadeira,
Até virem meter-me no caixão.
Nasci pra mandarim de condição,
Mas faltam-me o sossego, o chá e a esteira.

Ah que bom que era ir daqui de caída
Pra cova por um alçapão de estouro!
A vida sabe-me a tabaco louro.
Nunca fiz mais do que fumar a vida.

E afinal o que quero é fé, é calma,
E não ter estas sensações confusas.
Deus que acabe com isto! Abra as eclusas —
E basta de comédias na minh’alma!

1914, Março.
No canal de Suez, a bordo.

ODE TRIUNFAL

[235] 6-1914

À dolorosa luz das grandes lâmpadas elétricas da fábrica
Tenho febre e escrevo.
Escrevo rangendo os dentes, fera para a beleza disto,
Para a beleza disto totalmente desconhecida dos antigos.

Ó rodas, ó engrenagens, *r-r-r-r-r-r-r* eterno!
Forte espasmo retido dos maquinismos em fúria!
Em fúria fora e dentro de mim,
Por todos os meus nervos dissecados fora,
Por todas as papilas fora de tudo com que eu sinto!
Tenho os lábios secos, ó grandes ruídos modernos,
De vos ouvir demasiadamente de perto,
E arde-me a cabeça de vos querer cantar com um excesso
De expressão de todas as minhas sensações,
Com um excesso contemporâneo de vós, ó máquinas!

Em febre e olhando os motores como a uma Natureza tropical —
Grandes trópicos humanos de ferro e fogo e força —
Canto, e canto o presente, e também o passado e o futuro,
Porque o presente é todo o passado e todo o futuro
E há Platão e Virgílio dentro das máquinas e das luzes elétricas
Só porque houve outrora e foram humanos Virgílio e Platão,
E pedaços do Alexandre Magno do século talvez cinquenta,
Átomos que hão de ir ter febre para o cérebro do Ésquilo do
[século cem,
Andam por estas correias de transmissão e por estes êmbolos
[e por estes volantes,
Rugindo, rangendo, ciciando, estrugindo, ferreando,
Fazendo-me um excesso de carícias ao corpo numa só carícia
[à alma.

Ah, poder exprimir-me todo como um motor se exprime!
Ser completo como uma máquina!

Poder ir na vida triunfante como um automóvel último-modelo!
Poder ao menos penetrar-me fisicamente de tudo isto,
Rasgar-me todo, abrir-me completamente, tornar-me passento
A todos os perfumes de óleos e calores e carvões
Desta flora estupenda, negra, artificial e insaciável!

Fraternidade com todas as dinâmicas!
Promíscua fúria de ser parte-agente
Do rodar férreo e cosmopolita
Dos comboios estrênuos,
Da faina transportadora-de-cargas dos navios,
Do giro lúbrico e lento dos guindastes,
Do tumulto disciplinado das fábricas,
E do quase-silêncio ciciante e monótono das correias de transmissão!

Horas europeias, produtoras, entaladas
Entre maquinismos e afazeres úteis!
Grandes cidades paradas nos cafés,
Nos cafés — oásis de inutilidades ruidosas
Onde se cristalizam e se precipitam
Os rumores e os gestos do Útil
E as rodas, e as rodas-dentadas e as chumaceiras do Progressivo!

Nova Minerva sem-alma dos cais e das gares!
Novos entusiasmos de estatura do Momento!
Quilhas de chapas de ferro sorrindo encostadas às docas,
Ou a seco, erguidas, nos planos-inclinados dos portos!
Atividade internacional, transatlântica, *Canadian-Pacific*!
Luzes e febris perdas de tempo nos bares, nos hotéis,
Nos Longchamps e nos Derbies e nos Ascots,
E Piccadillies e Avenues de l’Opéra que entram
Pela minh’alma dentro!

Hé-lá as ruas, hé-lá as praças, hé-lá-hô la *foule*!
Tudo o que passa, tudo o que para às montras!
Comerciantes; vadios; *escrocs* exageradamente bem-vestidos;
Membros evidentes de *clubs* aristocráticos;
Esquálidas figuras dúbias; chefes de família vagamente felizes

E paternais até na corrente de ouro que atravessa o colete
De algibeira a algibeira!
Tudo o que passa, tudo o que passa e nunca passa!
Presença demasiadamente acentuada das *cocottes*;
Banalidade interessante (e quem sabe o quê por dentro?)
Das burguesinhas, mãe e filha geralmente,
Que andam na rua com um fim qualquer;
A graça feminil e falsa dos pederastas que passam, lentos;
E toda a gente simplesmente elegante que passeia e se mostra
E afinal tem alma lá dentro!

(Ah, como eu desejaria ser o *souteneur* disto tudo!)

A maravilhosa beleza das corrupções políticas,
Deliciosos escândalos financeiros e diplomáticos,
Agressões políticas nas ruas,
E de vez em quando o cometa dum regicídio
Que ilumina de Prodígio e Fanfarra os céus
Usuais e lúcidos da Civilização quotidiana!

Notícias desmentidas dos jornais,
Artigos políticos insinceramente sinceros,
Notícias *passez à-la-caisse*, grandes crimes —
Duas colunas deles passando para a segunda página!
O cheiro fresco a tinta de tipografia!
Os cartazes postos há pouco, molhados!
Vients-de-paraître amarelos com uma cinta branca!
Como eu vos amo a todos, a todos, a todos,
Como eu vos amo de todas as maneiras,
Com os olhos e com os ouvidos e com o olfato

E com o tacto (o que palpar-vos representa para mim!)
E com a inteligência como uma antena que fazeis vibrar!
Ah, como todos os meus sentidos têm cio de vós!

Adubos, debulhadoras a vapor, progressos da agricultura!
Química agrícola, e o comércio quase uma ciência!
Ó mostruários dos caixeiros-viajantes,
Dos caixeiros-viajantes, cavaleiros-andantes da Indústria,
Prolongamentos humanos das fábricas e dos calmos escritórios!

Ó fazendas nas montras! ó manequins! ó últimos figurinos!
Ó artigos inúteis que toda a gente quer comprar!
Olá grandes armazéns com várias seções!
Olá anúncios elétricos que vêm e estão e desaparecem!
Olá tudo com que hoje se constrói, com que hoje se é diferente
[de ontem!
Eh, cimento armado, *béton* de cimento, novos processos!
Progressos dos armamentos gloriosamente mortíferos!
Couraças, canhões, metralhadoras, submarinos, aeroplanos!

Amo-vos a todos, a tudo, como uma fera.
Amo-vos carnivoramente,
Pervertidamente e enroscando a minha vista
Em vós, ó coisas grandes, banais, úteis, inúteis,
Ó coisas todas modernas,
Ó minhas contemporâneas, forma atual e próxima
Do sistema imediato do Universo!
Nova Revelação metálica e dinâmica de Deus!

Ó fábricas, ó laboratórios, ó *music-halls*, ó Luna-Parks,
Ó couraçados, ó pontes, ó docas flutuantes —
Na minha mente turbulenta e incandescida
Possuo-vos como a uma mulher bela,
Completamente vos possuo como a uma mulher bela que não
[se ama,
Que se encontra casualmente e se acha interessantíssima.

Eh-lá-hô fachadas das grandes lojas!
Eh-lá-hô elevadores dos grandes edifícios!
Eh-lá-hô recomposições ministeriais!
Parlamentos, políticas, relatores de orçamentos,
Orçamentos falsificados!
(Um orçamento é tão natural como uma árvore
E um parlamento tão belo como uma borboleta).

Eh lá o interesse por tudo na vida,
Porque tudo é a vida, desde os brilhantes nas montras
Até à noite ponte misteriosa entre os astros
E o mar antigo e solene, lavando as costas

E sendo misericordiosamente o mesmo
Que era quando Platão era realmente Platão
Na sua presença real e na sua carne com a alma dentro,
E falava com Aristóteles, que havia de não ser discípulo dele.

Eu podia morrer triturado por um motor
Com o sentimento de deliciosa entrega duma mulher possuída.

Atirem-me para dentro das fornalhas!
Metam-me debaixo dos comboios!
Espanquem-me a bordo de navios!
Masoquismo através de maquinismos!
Sadismo de não sei quê moderno e eu e barulho!

Up-lá hô jóquei que ganhaste o Derby,
Morder entre dentes o teu *cap* de duas cores!

(Ser tão alto que não pudesse entrar por nenhuma porta!
Ah, olhar é em mim uma perversão sexual!)

Eh-lá, eh-lá, eh-lá, catedrais!
Deixai-me partir a cabeça de encontro às vossas esquinas,
E ser levantado da rua cheio de sangue

Sem ninguém saber quem eu sou!

Ó *tramways*, funiculares, metropolitanos,
Roçai-vos por mim até ao espasmo!
Hilla! hilla! hilla-hô!
Dai-me gargalhadas em plena cara,
Ó automóveis apinhados de pândegos e de putas,
Ó multidões quotidianas nem alegres nem tristes das ruas,
Rio multicolor anônimo e onde eu não me posso banhar como
[quereria!
Ah, que vidas complexas, que coisas lá pelas casas de tudo isto!
Ah, saber-lhes as vidas a todos, as dificuldades de dinheiro,
As dissensões domésticas, os deboches que não se suspeitam,
Os pensamentos que cada um tem a sós consigo no seu quarto
E os gestos que faz quando ninguém o pode ver!

Não saber tudo isto é ignorar tudo, ó raiva,
Ó raiva que como uma febre e um cio e uma fome
Me põe a magro o rosto e me agita às vezes as mãos
Em crispações absurdas em pleno meio das turbas
Nas ruas cheias de encontrões!

Ah, e a gente ordinária e suja, que parece sempre a mesma,
Que emprega palavrões como palavras usuais,
Cujos filhos roubam às portas das mercearias
E cujas filhas aos oito anos — e eu acho isto belo e amo-o! —
Masturbam homens de aspecto decente nos vãos de escada.
A gentalha que anda pelos andaimes e que vai para casa
Por vielas quase irreais de estreiteza e podridão.
Maravilhosa gente humana que vive como os cães,
Que está abaixo de todos os sistemas morais,
Para quem nenhuma religião foi feita,
Nenhuma arte criada,
Nenhuma política destinada para eles!
Como eu vos amo a todos, porque sois assim,
Nem imorais de tão baixos que sois, nem bons nem maus,

Inatingíveis por todos os progressos,
Fauna maravilhosa do fundo do mar da vida!

(Na nora do quintal da minha casa
O burro anda à roda, anda à roda,
E o mistério do mundo é do tamanho disto.
Limpa o suor com o braço, trabalhador descontente.
A luz do sol abafa o silêncio das esferas
E havemos todos de morrer,
Ó pinheirais sombrios ao crepúsculo,
Pinheirais onde a minha infância era outra coisa
Do que eu sou hoje…)

Mas, ah outra vez a raiva mecânica constante!
Outra vez a obsessão movimentada dos ônibus.
E outra vez a fúria de estar indo ao mesmo tempo dentro de
[todos os comboios
De todas as partes do mundo,

De estar dizendo adeus de bordo de todos os navios,
Que a estas horas estão levantando ferro ou afastando-se das
[docas.
Ó ferro, ó aço, ó alumínio, ó chapas de ferro ondulado!
Ó cais, ó portos, ó comboios, ó guindastes, ó rebocadores!

Eh-lá grandes desastres de comboios!
Eh-lá desabamentos de galerias de minas!
Eh-lá naufrágios deliciosos dos grandes transatlânticos!
Eh-lá-hô revoluções aqui, ali, acolá,
Alterações de constituições, guerras, tratados, invasões,
Ruído, injustiças, violências, e talvez para breve o fim,
A grande invasão dos bárbaros amarelos pela Europa,
E outro Sol no novo Horizonte!

Que importa tudo isto, mas que importa tudo isto
Ao fúlgido e rubro ruído contemporâneo,

Ao ruído cruel e delicioso da civilização de hoje?
Tudo isso apaga tudo, salvo o Momento,
O Momento de tronco nu e quente como um fogueiro,
O momento estridentemente ruidoso e mecânico,
O Momento dinâmico passagem de todas as bacantes
Do ferro e do bronze e da bebedeira dos metais.

Eia comboios, eia pontes, eia hotéis à hora do jantar,
Eia aparelhos de todas as espécies, férreos, brutos, mínimos,
Instrumentos de precisão, aparelhos de triturar, de cavar,
Engenhos, brocas, máquinas rotativas!
Eia! eia! eia!
Eia eletricidade, nervos doentes da Matéria!
Eia telegrafia-sem-fios, simpatia metálica do Inconsciente!
Eia túneis, eia canais, Panamá, Kiel, Suez!
Eia todo o passado dentro do presente!
Eia todo o futuro já dentro de nós! eia!
Eia! eia! eia!
Frutos de ferro e útil da árvore-fábrica cosmopolita!
Eia! eia! eia! eia-hô-ô-ô!
Nem sei que existo para dentro. Giro, rodeio, engenho-me.
Engatam-me em todos os comboios.

Içam-me em todos os cais.
Giro dentro das hélices de todos os navios.
Eia! eia-hô! eia!
Eia! sou o calor mecânico e a eletricidade!
Eia! e os *rails* e as casas de máquinas e a Europa!
Eia e hurrah por mim-tudo e tudo, máquinas a trabalhar, eia!

Galgar com tudo por cima de tudo! Hup-lá!

Hup-lá, hup-lá, hup-lá-hô, hup-lá!
Hé-há! Hé-hô! Ho-o-o-o-o!
Z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z-z!

Ah não ser eu toda a gente e toda a parte!

Londres, 1914 — Junho.
Dum livro chamado Arco do Triunfo, *a publicar*.

DOIS EXCERTOS DE ODES
(FINS DE DUAS ODES, NATURALMENTE)

[236] 30-6-1914

I

Vem, Noite antiquíssima e idêntica,
Noite Rainha nascida destronada,
Noite igual por dentro ao silêncio, Noite
Com as estrelas lantejoulas rápidas
No teu vestido franjado de Infinito.

Vem, vagamente,
Vem, levemente,
Vem sozinha, solene, com as mãos caídas
Ao teu lado, vem
E traz os montes longínquos para ao pé das árvores próximas,
Funde num campo teu todos os campos que vejo,

Faze da montanha um bloco só do teu corpo,
Apaga-lhe todas as diferenças que de longe vejo de dia,
Todas as estradas que a sobem,
Todas as várias árvores que a fazem verde-escuro ao longe,
Todas as casas brancas e com fumo entre as árvores,
E deixa só uma luz e outra luz e mais outra,
Na distância imprecisa e vagamente perturbadora,
Na distância subitamente impossível de percorrer.
Nossa Senhora
Das coisas impossíveis que procuramos em vão,
Dos sonhos que vêm ter conosco ao crepúsculo, à janela,
Dos propósitos que nos acariciam

Nos grandes terraços dos hotéis cosmopolitas sobre o mar,
Ao som europeu das músicas e das vozes longe e perto,
E que doem por sabermos que nunca os realizaremos.

Vem e embala-nos,
Vem e afaga-nos,
Beija-nos silenciosamente na fronte,
Tão levemente na fronte que não saibamos que nos beijam
Senão por uma diferença na alma
E um vago soluço partindo misericordiosamente
Do antiquíssimo de nós
Onde têm raiz todas essas árvores de maravilha
Cujos frutos são os sonhos que afagamos e amamos
Porque os sabemos fora de relação com o que pode haver na vida.

Vem soleníssima,
Soleníssima e cheia
De uma oculta vontade de soluçar,
Talvez porque a alma é grande e a vida pequena,
E todos os gestos não saem do nosso corpo,
E só alcançamos onde o nosso braço chega
E só vemos até onde chega o nosso olhar.

Vem, dolorosa,
Mater-Dolorosa das Angústias dos Tímidos,
Turris-Eburnea das Tristezas dos Desprezados,
Mão fresca sobre a testa-em-febre dos humildes,

Sabor de água da fonte sobre os lábios secos dos Cansados.
Vem, lá do fundo
Do horizonte lívido,
Vem e arranca-me
Do solo da angústia onde vicejo,
Do solo de inquietação e vida-de-mais e falsas-sensações
Donde naturalmente nasci.
Apanha-me do meu solo, malmequer esquecido,

E entre ervas altas malmequer ensombrado,
Folha a folha lê em mim não sei que sina,
E desfolha-me para teu agrado,
Para teu agrado silencioso e fresco.
Uma folha de mim lança para o Norte,
Onde estão as cidades de Hoje cujo ruído amei como a um corpo.

Outra folha de mim lança para o Sul
Onde estão os mares e as aventuras que se sonham.
Outra folha minha atira ao Ocidente,
Onde arde ao rubro tudo o que talvez seja o futuro,
E há ruídos de grandes máquinas e grandes desertos rochosos
Onde as almas se tornam selvagens e a moral não chega.
E a outra, as outras, todas as outras folhas —
Ó oculto tocar-a-rebate dentro em minha alma! —
Atira ao Oriente,
Ao Oriente, donde vem tudo, o dia e a fé,
Ao Oriente pomposo e fanático e quente,
Ao Oriente excessivo que eu nunca verei,
Ao Oriente budista, bramanista, xintoísta,
Ao Oriente que é tudo o que nós não temos,
Que é tudo o que nós não somos,
Ao Oriente onde — quem sabe? — Cristo talvez ainda hoje viva,
Onde Deus talvez exista com corpo e mandando tudo…

Vem sobre os mares,
Sobre os mares maiores,
Sobre o mar sem horizontes precisos,
Vem e passa a mão sobre o seu dorso de fera,
E acalma-o misteriosamente,
Ó domadora hipnótica das coisas que se agitam muito!

Vem cuidadosa,
Vem maternal,
Pé ante pé enfermeira antiquíssima, que te sentaste
À cabeceira dos deuses das fés já perdidas,

E que viste nascer Jeová e Júpiter,
E sorriste, porque tudo te é falso, salvo a treva e o silêncio,
E o grande Espaço Misterioso para além deles…

Vem, Noite silenciosa e extática,
Vem envolver no teu manto leve
O meu coração…
Serenamente como uma brisa na tarde lenta,
Tranquilamente como um gesto materno afagando,
Com as estrelas luzindo (ó Mascarada do Além!)
Pó de ouro no teu cabelo negro,
E o quarto minguante máscara misteriosa sobre a tua face.

Todos os sons soam de outra maneira
Quando tu vens.
Quando tu entras baixam todas as vozes.
Ninguém te vê entrar.
Ninguém sabe quando entraste,
Senão de repente, vendo que tudo se fecha,
Que tudo perde as arestas e as cores,
E que no alto céu ainda claramente azul e branco no horizonte,
Já crescente nítido, ou círculo amarelento, ou mera esparsa
[brancura,

A lua começa o seu dia.

II

Ah o crepúsculo, o cair da noite, o acender das luzes nas grandes
[cidades,
E a mão de mistério que abafa o bulício,
E o cansaço de tudo em nós que nos corrompe
Para uma sensação exata e ativa da Vida!

Cada rua é um canal de uma Veneza de tédios
E que misterioso o fundo unânime das ruas,

Das ruas ao cair da noite, ó Cesário Verde, ó Mestre,
Ó do “Sentimento de um Ocidental”!

Que inquietação profunda, que desejo de outras coisas,
Que nem são países, nem momentos, nem vidas,
Que desejo talvez de outros modos de estados de alma
Umedece interiormente o instante lento e longínquo!

Um horror sonâmbulo entre luzes que se acendem,
Um pavor terno e líquido, encostado às esquinas
Como um mendigo de sensações impossíveis
Que não sabe quem lhas possa dar…

Quando eu morrer,
Quando me for, hirto e diferente como toda a gente,
Ignóbil por fora, e por dentro quem sabe que outro-ser,
Por aquele caminho cuja ideia se não pode encarar de frente,
Por aquela porta a que, se pudéssemos assomar, não assomaríamos,
Para aquele porto que o capitão do Navio não conhece —
Seja por esta hora condigna dos tédios que tive,
Por esta hora mística e espiritual e antiquíssima,
Por esta hora em que talvez, há muito mais tempo do que parece,
Platão, sonhando, viu a ideia de Deus
Esculpir corpo e existência nitidamente plausível
Dentro do seu pensamento exteriorizado como um campo.

Seja por esta hora que me leveis a enterrar,
Por esta hora que eu não sei como viver,
Em que não sei que sensações ter ou fingir que tenho,
Por esta hora cuja misericórdia é torturada e excessiva,
Cujas sombras vêm de qualquer coisa que não as coisas,
Cuja passagem não roça vestes no chão da Vida Sensível
Nem deixa perfume nos caminhos do Olhar.

Cruza as mãos sobre o joelho, ó companheira que não tenho nem
[quero ter,

Cruza as mãos sobre o joelho e olha-me em silêncio,
A esta hora em que eu não posso ver que tu me olhas,
Olha-me em silêncio e em segredo e pergunta a ti própria
— Tu que me conheces — quem eu sou…

ODE MARÍTIMA

[237] 1915?

Sozinho, no cais deserto, a esta manhã de verão,
Olho pro lado da barra, olho pro Indefinido,
Olho e contenta-me ver,
Pequeno, negro e claro, um paquete entrando.
Vem muito longe, nítido, clássico à sua maneira.
Deixa no ar distante atrás de si a orla vã do seu fumo.
Vem entrando, e a manhã entra com ele, e no rio,
Aqui, acolá, acorda a vida marítima,
Erguem-se velas, avançam rebocadores,
Surgem barcos pequenos de trás dos navios que estão no porto.
Há uma vaga brisa.
Mas a minh'alma está com o que vejo menos,
Com o paquete que entra,
Porque ele está com a Distância, com a Manhã,
Com o sentido marítimo desta Hora,
Com a doçura dolorosa que sobe em mim como uma náusea,
Como um começar a enjoar, mas no espírito.
Olho de longe o paquete, com uma grande independência de alma,
E dentro de mim um volante começa a girar, lentamente.

Os paquetes que entram de manhã na barra
Trazem aos meus olhos consigo
O mistério alegre e triste de quem chega e parte.
Trazem memórias de cais afastados e doutros momentos
Doutro modo da mesma humanidade noutros portos.
Todo o atracar, todo o largar de navio,

É — sinto-o em mim como o meu sangue —

Inconscientemente simbólico, terrivelmente
Ameaçador de significações metafísicas
Que perturbam em mim quem eu fui…

Ah, todo o cais é uma saudade de pedra!
E quando o navio larga do cais
E se repara de repente que se abriu um espaço
Entre o cais e o navio,
Vem-me, não sei por quê, uma angústia recente,
Uma névoa de sentimentos de tristeza
Que brilha ao sol das minhas angústias relvadas
Como a primeira janela onde a madrugada bate,
E me envolve como uma recordação duma outra pessoa
Que fosse misteriosamente minha.

Ah, quem sabe, quem sabe,
Se não parti outrora, antes de mim,
Dum cais; se não deixei, navio ao sol
Oblíquo da madrugada,
Uma outra espécie de porto?
Quem sabe se não deixei, antes de a hora
Do mundo exterior como eu o vejo
Raiar-se para mim,
Um grande cais cheio de pouca gente,
Duma grande cidade meio-desperta,
Duma enorme cidade comercial, crescida, apoplética,
Tanto quanto isso pode ser fora do Espaço e do Tempo?

Sim, dum cais, dum cais dalgum modo material,
Real, visível como cais, cais realmente,
O Cais Absoluto por cujo modelo inconscientemente imitado,
Insensivelmente evocado,
Nós os homens construímos
Os nossos cais nos nossos portos,
Os nossos cais de pedra atual sobre água verdadeira,
Que depois de construídos se anunciam de repente

Coisas-Reais, Espíritos-Coisas, Entidades em Pedra-Almas,
A certos momentos nossos de sentimento-raiz

Quando no mundo-exterior como que se abre uma porta
E, sem que nada se altere,
Tudo se revela diverso.

Ah o Grande Cais donde partimos em Navios-Nações!
O Grande Cais Anterior, eterno e divino!
De que porto? Em que águas? E por que penso eu isto?
Grande Cais como os outros cais, mas o Único.
Cheio como eles de silêncios rumorosos nas antemanhãs,
E desabrochando com as manhãs num ruído de guindastes
E chegadas de comboios de mercadorias,
E sob a nuvem negra e ocasional e leve
Do fumo das chaminés das fábricas próximas
Que lhe sombreia o chão preto de carvão pequenino que brilha,
Como se fosse a sombra duma nuvem que passasse sobre água
[sombria.

Ah, que essencialidade de mistério e sentidos parados
Em divino êxtase revelador
Às horas cor de silêncios e angústias
Não é ponte entre qualquer cais e o Cais!

Cais negramente refletido nas águas paradas,
Bulício a bordo dos navios,
Ó alma errante e instável da gente que anda embarcada,
Da gente simbólica que passa e com quem nada dura,
Que quando o navio volta ao porto
Há sempre qualquer alteração a bordo!

Ó fugas contínuas, idas, ebriedade do Diverso!
Alma eterna dos navegadores e das navegações!
Cascos refletidos devagar nas águas,
Quando o navio larga do porto!

Flutuar como alma da vida, partir como voz,
Viver o momento tremulamente sobre águas eternas.
Acordar para dias mais diretos que os dias da Europa,
Ver portos misteriosos sobre a solidão do mar,
Virar cabos longínquos para súbitas vastas paisagens
Por inumeráveis encostas atônitas…

Ah, as praias longínquas, os cais vistos de longe,
E depois as praias próximas, os cais vistos de perto.
O mistério de cada ida e de cada chegada,
A dolorosa instabilidade e incompreensibilidade
Deste impossível universo
A cada hora marítima mais na própria pele sentido!
O soluço absurdo que as nossas almas derramam
Sobre as extensões de mares diferentes com ilhas ao longe,
Sobre as ilhas longínquas das costas deixadas passar,
Sobre o crescer nítido dos portos, com as suas casas e a sua gente,
Para o navio que se aproxima.
Ah, a frescura das manhãs em que se chega,
E a palidez das manhãs em que se parte,
Quando as nossas entranhas se arrepanham
E uma vaga sensação parecida com um medo
— O medo ancestral de se afastar e partir,
O misterioso receio ancestral à Chegada e ao Novo —
Encolhe-nos a pele e agonia-nos,
E todo o nosso corpo angustiado sente,
Como se fosse a nossa alma,
Uma inexplicável vontade de poder sentir isto doutra maneira:
Uma saudade a qualquer coisa,
Uma perturbação de afeições a que vaga pátria?
A que costa? a que navio? a que cais?
Que se adoece em nós o pensamento,
E só fica um grande vácuo dentro de nós,
Uma oca saciedade de minutos marítimos,
E uma ansiedade vaga que seria tédio ou dor
Se soubesse como sê-lo…

A manhã de verão está, ainda assim, um pouco fresca.
Um leve torpor de noite anda ainda no ar sacudido.
Acelera-se ligeiramente o volante dentro de mim.
E o paquete vem entrando, porque deve vir entrando sem dúvida,
E não porque eu o veja mover-se na sua distância excessiva.

Na minha imaginação ele está já perto e é visível
Em toda a extensão das linhas das suas vigias,

E treme em mim tudo, toda a carne e toda a pele,
Por causa daquela criatura que nunca chega em nenhum barco
E eu vim esperar hoje ao cais, por um mandado oblíquo.

Os navios que entram a barra,
Os navios que saem dos portos,
Os navios que passam ao longe
(Suponho-me vendo-os duma praia deserta) —
Todos estes navios abstratos quase na sua ida,
Todos estes navios assim comovem-me como se fossem outra
[coisa
E não apenas navios, navios indo e vindo.

E os navios vistos de perto, mesmo que se não vá embarcar neles,
Vistos de baixo, dos botes, muralhas altas de chapas,
Vistos dentro, através das câmaras, das salas, das dispensas,
Olhando de perto os mastros, afilando-se lá pro alto,
Roçando pelas cordas, descendo as escadas incômodas,
Cheirando a untada mistura metálica e marítima de tudo aquilo —
Os navios vistos de perto são outra coisa e a mesma coisa,
Dão a mesma saudade e a mesma ânsia doutra maneira.

Toda a vida marítima! tudo na vida marítima!
Insinua-se no meu sangue toda essa sedução fina
E eu cismo indeterminadamente as viagens.
Ah, as linhas das costas distantes, achatadas pelo horizonte!
Ah, os cabos, as ilhas, as praias areentas!

As solidões marítimas, como certos momentos no Pacífico
Em que não sei por que sugestão aprendida na escola
Se sente pesar sobre os nervos o fato de que aquele é o maior
[dos oceanos
E o mundo e o sabor das coisas tornam-se um deserto dentro
[de nós!
A extensão mais humana, mais salpicada, do Atlântico!
O Índico, o mais misterioso dos oceanos todos!
O Mediterrâneo, doce, sem mistério nenhum, clássico, um mar
[pra bater
De encontro a esplanadas olhadas de jardins próximos por
[estátuas brancas!

Todos os mares, todos os estreitos, todas as baías, todos os golfos,
Queria apertá-los ao peito, senti-los bem e morrer!

E vós, ó coisas navais, meus velhos brinquedos de sonho!
Componde fora de mim a minha vida interior!
Quilhas, mastros e velas, rodas do leme, cordagens,
Chaminés de vapores, hélices, gáveas, flâmulas,
Galdropes, escotilhas, caldeiras, coletores, válvulas,
Caí por mim dentro em montão, em monte,
Como o conteúdo confuso de uma gaveta despejada no chão!
Sede vós o tesouro da minha avareza febril,
Sede vós os frutos da árvore da minha imaginação,
Tema de cantos meus, sangue nas veias da minha inteligência,
Vosso seja o laço que me une ao exterior pela estética,
Fornecei-me metáforas, imagens, literatura,
Porque em real verdade, a sério, literalmente,
Minhas sensações são um barco de quilha pro ar,
Minha imaginação uma âncora meio submersa,
Minha ânsia um remo partido,
E a tessitura dos meus nervos uma rede a secar na praia!

Soa no acaso do rio um apito, só um.
Treme já todo o chão do meu psiquismo.

Acelera-se cada vez mais o volante dentro de mim.

Ah, os paquetes, as viagens, o não-se-saber-o-paradeiro
De Fulano-de-tal, marítimo, nosso conhecido!
Ah, a glória de se saber que um homem que andava conosco
Morreu afogado ao pé duma ilha do Pacífico!
Nós que andamos com ele vamos falar nisso a todos,
Com um orgulho legítimo, com uma confiança invisível
Em que tudo isso tenha um sentido mais belo e mais vasto
Que apenas o ter-se perdido o barco onde ele ia
E ele ter ido ao fundo por lhe ter entrado água pros pulmões!

Ah, os paquetes, os navios-carvoeiros, os navios de vela!
Vão rareando — ai de mim! — os navios de vela nos mares!
E eu, que amo a civilização moderna, eu que beijo com a alma
[as máquinas,

Eu o engenheiro, eu o civilizado, eu o educado no estrangeiro,
Gostaria de ter outra vez ao pé da minha vista só veleiros e
[barcos de madeira,
De não saber doutra vida marítima que a antiga vida dos mares!
Porque os mares antigos são a Distância Absoluta,
O Puro Longe, liberto do peso do Atual…
E ah, como aqui tudo me lembra essa vida melhor,
Esses mares, maiores, porque se navegava mais devagar.
Esses mares, misteriosos, porque se sabia menos deles.

Todo o vapor ao longe é um barco de vela perto,
Todo o navio distante visto agora é um navio no passado visto
[próximo.
Todos os marinheiros invisíveis a bordo dos navios no horizonte
São os marinheiros visíveis do tempo dos velhos navios,
Da época lenta e veleira das navegações perigosas,
Da época de madeira e lona das viagens que duravam meses.

Toma-me pouco a pouco o delírio das coisas marítimas,

Penetram-me fisicamente o cais e a sua atmosfera,
O marulho do Tejo galga-me por cima dos sentidos,
E começo a sonhar, começo a envolver-me do sonho das águas,
Começam a pegar bem as correias-de-transmissão na minh’alma
E a aceleração do volante sacode-me nitidamente.

Chamam por mim as águas,
Chamam por mim os mares.
Chamam por mim, levantando uma voz corpórea, os longes,
As épocas marítimas todas sentidas no passado, a chamar.

Tu, marinheiro inglês, Jim Barns meu amigo, foste tu
Que me ensinaste esse grito antiquíssimo, inglês,
Que tão venenosamente resume
Para as almas complexas como a minha
O chamamento confuso das águas,
A voz inédita e implícita de todas as coisas do mar,
Dos naufrágios, das viagens longínquas, das travessias perigosas.
Esse teu grito inglês, tornado universal no meu sangue,
Sem feitio de grito, sem forma humana nem voz,

Esse grito tremendo que parece soar
De dentro duma caverna cuja abóbada é o céu
E parece narrar todas as sinistras coisas
Que podem acontecer no Longe, no Mar, pela Noite…
(Fingias sempre que era por uma escuna que chamavas,
E dizias assim, pondo uma mão de cada lado da boca,
Fazendo porta-voz das grandes mãos curtidas e escuras:

Ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò----yyyy…
Schooner ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò----yyyy…)

Escuto-te de aqui, agora, e desperto a qualquer coisa.
Estremece o vento. Sobe a manhã. O calor abre.
Sinto corarem-me as faces.
Meus olhos conscientes dilatam-se.

O êxtase em mim levanta-se, cresce, avança,
E com um ruído cego de arruaça acentua-se
O giro vivo do volante.

Ó clamoroso chamamento
A cujo calor, a cuja fúria fervem em mim
Numa unidade explosiva todas as minhas ânsias,
Meus próprios tédios tornados dinâmicos, todos!…
Apelo lançado ao meu sangue
Dum amor passado, não sei onde, que volve
E ainda tem força para me atrair e puxar,
Que ainda tem força para me fazer odiar esta vida
Que passo entre a impenetrabilidade física e psíquica
Da gente real com que vivo!

Ah, seja como for, seja para onde for, partir!
Largar por aí fora, pelas ondas, pelo perigo, pelo mar,
Ir para Longe, ir para Fora, para a Distância Abstrata,
Indefinidamente, pelas noites misteriosas e fundas,
Levado, como a poeira, plos ventos, plos vendavais!
Ir, ir, ir, ir de vez!
Todo o meu sangue raiva por asas!
Todo o meu corpo atira-se pra frente!
Galgo pla minha imaginação fora em torrentes!

Atropelo-me, rujo, precipito-me!…
Estouram em espuma as minhas ânsias
E a minha carne é uma onda dando de encontro a rochedos!

Pensando nisto — ó raiva! pensando nisto — ó fúria!
Pensando nesta estreiteza da minha vida cheia de ânsias,
Subitamente, tremulamente, extraorbitadamente,
Com uma oscilação viciosa, vasta, violenta,
Do volante vivo da minha imaginação,
Rompe, por mim, assobiando, silvando, vertiginando,
O cio sombrio e sádico da estrídula vida marítima.

Eh marinheiros, gajeiros! eh tripulantes, pilotos!
Navegadores, mareantes, marujos, aventureiros!
Eh capitães de navios! homens ao leme e em mastros!
Homens que dormem em beliches rudes!
Homens que dormem co'o Perigo a espreitar plas vigias!
Homens que dormem co'a Morte por travesseiro!
Homens que têm tombadilhos, que têm pontes donde olhar
A imensidade imensa do mar imenso!
Eh manipuladores dos guindastes de carga!
Eh amainadores de velas, fogueiros, criados de bordo!
Homens que metem a carga nos porões!
Homens que enrolam cabos no convés!
Homens que limpam os metais das escotilhas!
Homens do leme! homens das máquinas! homens dos mastros!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Gente de *bonnet* de pala! Gente de camisola de malha!
Gente de âncoras e bandeiras cruzadas bordadas no peito!
Gente tatuada! gente de cachimbo! gente de amurada!
Gente escura de tanto sol, crestada de tanta chuva,
Limpa de olhos de tanta imensidade diante deles,
Audaz de rosto de tantos ventos que lhes bateram a valer!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Homens que vistes a Patagônia!
Homens que passastes pela Austrália!
Que enchestes o vosso olhar de costas que nunca verei!
Que fostes a terra em terras onde nunca descerei!

Que comprastes artigos toscos em colônias à proa de sertões!
E fizestes tudo isso como se não fosse nada,
Como se isso fosse natural,
Como se a vida fosse isso,
Como nem sequer cumprindo um destino!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Homens do mar atual! homens do mar passado!
Comissários de bordo! escravos das galés! combatentes de

[Lepanto!
Piratas do tempo de Roma! Navegadores da Grécia!
Fenícios! Cartagineses! Portugueses atirados de Sagres
Para a aventura indefinida, para o Mar Absoluto, para realizar
[o Impossível!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Homens que erguestes padrões, que destes nomes a cabos!
Homens que negociastes pela primeira vez com pretos!
Que primeiro vendestes escravos de novas terras!
Que destes o primeiro espasmo europeu às negras atônitas!
Que trouxestes ouro, missanga, madeiras cheirosas, setas,
De encostas explodindo em verde vegetação!
Homens que saqueastes tranquilas povoações africanas,
Que fizestes fugir com o ruído de canhões essas raças,
Que matastes, roubastes, torturastes, ganhastes
Os prêmios de Novidade de quem, de cabeça baixa,
Arremete contra o mistério de novos mares! Eh-eh-eh-eh-eh!
A vós todos num, a vós todos em vós todos como um,
A vós todos misturados, entrecruzados,
A vós todos sangrentos, violentos, odiados, temidos, sagrados,
Eu vos saúdo, eu vos saúdo, eu vos saúdo!
Eh-eh-eh-eh-eh! Eh-eh-eh-eh-eh! Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Eh-lahô-lahô-laHO-lahá-á-á-à-à!

Quero ir convosco, quero ir convosco,
Ao mesmo tempo com vós todos
Pra toda a parte pr’onde fostes!
Quero encontrar vossos perigos frente a frente,
Sentir na minha cara os ventos que engelharam as vossas,
Cuspir dos lábios o sal dos mares que beijaram os vossos,
Ter braços na vossa faina, partilhar das vossas tormentas,

Chegar como vós, enfim, a extraordinários portos!
Fugir convosco à civilização!
Perder convosco a noção da moral!
Sentir mudar-se no longe a minha humanidade!

Beber convosco em mares do sul
Novas selvagerias, novas balbúrdias da alma,
Novos fogos centrais no meu vulcânico espírito!
Ir convosco, despir de mim — ah! põe-te daqui pra fora! —
O meu traje de civilizado, a minha brandura de ações,
Meu medo inato das cadeias,
Minha pacífica vida,
A minha vida sentada, estática, regrada e revista!

No mar, no mar, no mar, no mar,
Eh! pôr no mar, ao vento, às vagas,
A minha vida!
Salgar de espuma arremessada pelos ventos
Meu paladar das grandes viagens.
Fustigar de água chicoteante as carnes da minha aventura,
Repassar de frios oceânicos os ossos da minha existência,
Flagelar, cortar, engelhar de ventos, de espumas, de sóis,
Meu ser ciclônico e atlântico,
Meus nervos postos como enxárcias,
Lira nas mãos dos ventos!

Sim, sim, sim… Crucificai-me nas navegações
E as minhas espáduas gozarão a minha cruz!
Atai-me às viagens como a postes
E a sensação dos postes entrará pela minha espinha
E eu passarei a senti-los num vasto espasmo passivo!
Fazei o que quiserdes de mim, logo que seja nos mares,
Sobre conveses, ao som de vagas,
Que me rasgueis, mateis, firais!
O que quero é levar pra Morte
Uma alma a transbordar de Mar.
Ébria a cair das coisas marítimas,
Tanto dos marujos como das âncoras, dos cabos,
Tanto das costas longínquas como do ruído dos ventos,
Tanto do Longe como do Cais, tanto dos naufrágios

Como dos tranquilos comércios,
Tanto dos mastros como das vagas,
Levar pra Morte com dor, voluptuosamente,
Um corpo cheio de sanguessugas, a sugar, a sugar,
De estranhas verdes absurdas sanguessugas marítimas!

Façam enxárcias das minhas veias!
Amarras dos meus músculos!
Arranquem-me a pele, preguem-a às quilhas.
E possa eu sentir a dor dos pregos e nunca deixar de sentir!
Façam do meu coração uma flâmula de almirante
Na hora de guerra dos velhos navios!
Calquem aos pés nos conveses meus olhos arrancados!
Quebrem-me os ossos de encontro às amuradas!
Fustiguem-me atado aos mastros, fustiguem-me!
A todos os ventos de todas as latitudes e longitudes
Derramem meu sangue sobre as águas arremessadas
Que atravessam o navio, o tombadilho, de lado a lado,
Nas vascas bravas das tormentas!

Ter a audácia ao vento dos panos das velas!
Ser, como as gáveas altas, o assobio dos ventos!
A velha guitarra do Fado dos mares cheios de perigos,
Canção para os navegadores ouvirem e não repetirem!

Os marinheiros que se sublevaram
Enforcaram o capitão numa verga.
Desembarcaram um outro numa ilha deserta.
Marooned!
O sol dos trópicos pôs a febre da pirataria antiga
Nas minhas veias intensivas.
Os ventos da Patagônia tatuaram a minha imaginação
De imagens trágicas e obscenas.
Fogo, fogo, fogo, dentro de mim!
Sangue! sangue! sangue! sangue!
Explode todo o meu cérebro!

Parte-se-me o mundo em vermelho!
Estouram-me com o som de amarras as veias!
E estala em mim, feroz, voraz,

A canção do Grande Pirata,
A morte berrada do Grande Pirata a cantar
Até meter pavor plas espinhas dos seus homens abaixo.
Lá da ré a morrer, e a berrar, a cantar:

Fifteen men on the Dead Man’s Chest.
Yo-ho-ho and a bottle of rum!

E depois a gritar, numa voz já irreal, a estourar no ar:

Darby M’Graw-aw-aw-aw-aw!
Darby M’Graw-aw-aw-aw-aw-aw-aw-aw!
Fetch a-a-aft the ru-u-u-u-u-u-u-u-u-um, Darby!

Eia, que vida essa! essa era a vida, eia!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Eh-lahô-lahô-laHO-lahá-á-á-à-à!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!

Quilhas partidas, navios ao fundo, sangue nos mares!
Conveses cheios de sangue, fragmentos de corpos!
Dedos decepados sobre amuradas!
Cabeças de crianças, aqui, acolá!
Gente de olhos fora, a gritar, a uivar!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
Embrulho-me em tudo isto como numa capa no frio!
Roço-me por tudo isto como uma gata com cio por um muro!
Rujo como um leão faminto para tudo isto!
Arremeto como um touro louco sobre tudo isto!
Cravo unhas, parto garras, sangro dos dentes sobre isto!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!

De repente estala-me sobre os ouvidos
Como um clarim a meu lado,
O velho grito, mas agora irado, metálico,
Chamando a presa que se avista,
A escuna que vai ser tomada:

Ahó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó----yyyy…
Schooner ahó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó-ó----yyyy…

O mundo inteiro não existe para mim! Ardo vermelho!
Rujo na fúria da abordagem!
Pirata-mor! César-Pirata!
Pilho, mato, esfacelo, rasgo!
Só sinto o mar, a presa, o saque!
Só sinto em mim bater, baterem-me
As veias das minhas fontes!
Escorre sangue quente a minha sensação dos meus olhos!
Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!

Ah piratas, piratas, piratas!
Piratas, amai-me e odiai-me!
Misturai-me convosco, piratas!

Vossa fúria, vossa crueldade como falam ao sangue
Dum corpo de mulher que foi meu outrora e cujo cio sobrevive!

Eu queria ser um bicho representativo de todos os vossos gestos,
Um bicho que cravasse dentes nas amuradas, nas quilhas,
Que comesse mastros, bebesse sangue e alcatrão nos conveses,
Trincasse velas, remos, cordame e poleame,
Serpente do mar feminina e monstruosa cevando-se nos crimes!

E há uma sinfonia de sensações incompatíveis e análogas,
Há uma orquestração no meu sangue de balbúrdias de crimes,
De estrépitos espasmados de orgias de sangue nos mares,
Furibundamente, como um vendaval de calor pelo espírito,

Nuvem de poeira quente anuviando a minha lucidez
E fazendo-me ver e sonhar isto tudo só com a pele e as veias!

Os piratas, a pirataria, os barcos, a hora,
Aquela hora marítima em que as presas são assaltadas,
E o terror dos apresados foge pra loucura — essa hora,
No seu total de crimes, terror, barcos, gente, mar, céu, nuvens,
Brisa, latitude, longitude, vozearia,

Queria eu que fosse em seu Todo meu corpo em seu Todo,
[sofrendo,
Que fosse meu corpo e meu sangue, compusesse meu ser em
[vermelho,
Florescesse como uma ferida comichando na carne irreal da
[minha alma!

Ah, ser tudo nos crimes! ser todos os elementos componentes
Dos assaltos aos barcos e das chacinas e das violações!
Ser quanto foi no lugar dos saques!
Ser quanto viveu ou jazeu no local das tragédias de sangue!
Ser o pirata-resumo de toda a pirataria no seu auge,
E a vítima-síntese, mas de carne e osso, de todos os piratas do
[mundo!

Ser no meu corpo passivo a mulher-todas-as-mulheres
Que foram violadas, mortas, feridas, rasgadas plos piratas!
Ser no meu ser subjugado a fêmea que tem de ser deles!
E sentir tudo isso — todas estas coisas duma só vez — pela
[espinha!

Ó meus peludos e rudes heróis da aventura e do crime!
Minhas marítimas feras, maridos da minha imaginação!
Amantes casuais da obliquidade das minhas sensações!
Queria ser Aquela que vos esperasse nos portos,
A vós, odiados amados do seu sangue de pirata nos sonhos!

Porque ela teria convosco, mas só em espírito, raivado
Sobre os cadáveres nus das vítimas que fazeis no mar!
Porque ela teria acompanhado vosso crime, e na orgia oceânica
Seu espírito de bruxa dançaria invisível em volta dos gestos
Dos vossos corpos, dos vossos cutelos, das vossas mãos estranguladoras!
E ela em terra, esperando-vos, quando viésseis, se acaso viésseis,
Iria beber nos rugidos do vosso amor todo o vasto,
Todo o nevoento e sinistro perfume das vossas vitórias,
E através dos vossos espasmos silvaria um *sabbat* de vermelho
[e amarelo!

A carne rasgada, a carne aberta e estripada, o sangue correndo!
Agora, no auge conciso de sonhar o que vós fazíeis,
Perco-me todo de mim, já não vos pertenço, sou vós,
A minha feminilidade que vos acompanha é ser as vossas almas!
Estar por dentro de toda a vossa ferocidade, quando a praticáveis!
Sugar por dentro a vossa consciência das vossas sensações
Quando tingíeis de sangue os mares altos,
Quando de vez em quando atiráveis aos tubarões
Os corpos vivos ainda dos feridos, a carne rosada das crianças
E leváveis as mães às amuradas para verem o que lhes acontecia!

Estar convosco na carnagem, na pilhagem!
Estar orquestrado convosco na sinfonia dos saques!
Ah, não sei quê, não sei quanto queria eu ser de vós!
Não era só ser-vos a fêmea, ser-vos as fêmeas, ser-vos as vítimas,
Ser-vos as vítimas — homens, mulheres, crianças, navios —,
Não era só ser a hora e os barcos e as ondas,
Não era só ser vossas almas, vossos corpos, vossa fúria, vossa
[posse,
Não era só ser concretamente vosso ato abstrato de orgia,
Não era só isto que eu queria ser — era mais que isto, o Deus-isto!
Era preciso ser Deus, o Deus dum culto ao contrário,
Um Deus monstruoso e satânico, um Deus dum panteísmo
[de sangue,
Para poder encher toda a medida da minha fúria imaginativa,

Para poder nunca esgotar os meus desejos de identidade
Com o cada, e o tudo, e o mais-que-tudo das vossas vitórias!

Ah, torturai-me para me curardes!
Minha carne — fazei dela o ar que os vossos cutelos atravessam
Antes de caírem sobre as cabeças e os ombros!
Minhas veias sejam os fatos que as facas trespassam!
Minha imaginação o corpo das mulheres que violais!
Minha inteligência o convés onde estais de pé matando!
Minha vida toda, no seu conjunto nervoso, histérico, absurdo,
O grande organismo de que cada ato de pirataria que se cometeu
Fosse uma célula consciente — e todo eu turbilhonasse
Como uma imensa podridão ondeando, e fosse aquilo tudo!

Com tal velocidade desmedida, pavorosa,
A máquina de febre das minhas visões transbordantes
Gira agora que a minha consciência, volante,
É apenas um nevoento círculo assobiando no ar.

> *Fifteen men on the Dead Man's Chest.*
> Yo-ho-ho and a bottle of rum!

Eh-lahô-lahô-laHO — lahá-á-ááá — ààà…

Ah! a selvageria desta selvageria! Merda
Pra toda a vida como a nossa, que não é nada disto!
Eu pr'aqui engenheiro, prático à força, sensível a tudo,
Pr'aqui parado, em relação a vós, mesmo quando ando;
Mesmo quando ajo, inerte; mesmo quando me imponho, débil;
Estático, quebrado, dissidente covarde da vossa Glória,
Da vossa grande dinâmica estridente, quente e sangrenta!

Arre! por não poder agir d'acordo com o meu delírio!
Arre! por andar sempre agarrado às saias da civilização!
Por andar com a *douceur des moeurs* às costas, como um fardo
[de rendas!

Moços de esquina — todos nós o somos — do humanitarismo
[moderno!
Estupores de tísicos, de neurastênicos, de linfáticos,
Sem coragem para ser gente com violência e audácia,
Com a alma como uma galinha presa por uma perna!

Ah, os piratas! os piratas!
A ânsia do ilegal unido ao feroz,
A ânsia das coisas absolutamente cruéis e abomináveis,
Que rói como um cio abstrato os nossos corpos franzinos,
Os nossos nervos femininos e delicados,
E põe grandes febres loucas nos nossos olhares vazios!

Obrigai-me a ajoelhar diante de vós!
Humilhai-me e batei-me!
Fazei de mim o vosso escravo e a vossa coisa!
E que o vosso desprezo por mim nunca me abandone,
Ó meus senhores! ó meus senhores!

Tomar sempre gloriosamente a parte submissa
Nos acontecimentos de sangue e nas sensualidades estiradas!
Desabai sobre mim, como grandes muros pesados,
Ó bárbaros do antigo mar!
Rasgai-me e feri-me!
De leste a oeste do meu corpo
Riscai de sangue a minha carne!
Beijai com cutelos de bordo e açoites e raiva
O meu alegre terror carnal de vos pertencer,
A minha ânsia masoquista em me dar à vossa fúria,
Em ser objeto inerte e sentiente da vossa onívora crueldade,
Dominadores, senhores, imperadores, corcéis!
Ah, torturai-me,
Rasgai-me e abri-me!
Desfeito em pedaços conscientes
Entornai-me sobre os conveses,
Espalhai-me nos mares, deixai-me

Nas praias ávidas das ilhas!

Cevai sobre mim todo o meu misticismo de vós!
Cinzelai a sangue a minh'alma!
Cortai, riscai!
Ó tatuadores da minha imaginação corpórea!
Esfoladores amados da minha carnal submissão!
Submetei-me como quem mata um cão a pontapés!
Fazei de mim o poço para o vosso desprezo de domínio!

Fazei de mim as vossas vítimas todas!
Como Cristo sofreu por todos os homens, quero sofrer
Por todas as vossas vítimas às vossas mãos,
Às vossas mãos calosas, sangrentas e de dedos decepados
Nos assaltos bruscos de amuradas!

Fazei de mim qualquer coisa como se eu fosse
Arrastado — ó prazer, ó beijada dor! —
Arrastado à cauda de cavalos chicoteados por vós…
Mas isto no mar, isto no ma-a-a-ar, isto no MA-A-A-AR!

Eh-eh-eh-eh-eh! Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh! EH-EH-EH-EH-EH
[EH-EH! No MA-A-A-A-AR!
Yeh-eh-eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-
[eh-eh-eh-eh!
Grita tudo! tudo a gritar! ventos, vagas, barcos,
Mares, gáveas, piratas, a minha alma, o sangue, e o ar, e o ar!
Eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh! Yeh-eh-eh-eh-eh-eh! Tudo
[canta a gritar!

FIFTEEN MEN ON THE DEAD MAN'S CHEST.
YO-HO-HO AND A BOTTLE OF RUM!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh! Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh! Eh-eh-eh-eh-
[eh-eh-eh!
Hé-lahô-lahô-laHO-O-O-ôô-lahá-á-á — ààà!

AHÓ-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó — yyy!…
SCHOONER AHÓ-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó-Ó — yyyy!…

Darby M'Graw-aw-aw-aw-aw-aw!
DARBY M'GRAW-AW-AW-AW-AW-AW-AW!
FETCH A-A-AFT TE RU-U-U-U-U-UM, DARBY!

Eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh-eh!
EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH!
EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH!
EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH!

EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH-EH!

Parte-se em mim qualquer coisa. O vermelho anoiteceu.
Senti de mais para poder continuar a sentir.
Esgotou-se-me a alma, ficou só um eco dentro de mim.
Decresce sensivelmente a velocidade do volante.
Tiram-me um pouco as mãos dos olhos os meus sonhos.
Dentro de mim há só um vácuo, um deserto, um mar noturno.
E logo que sinto que há um mar noturno dentro de mim,
Sobe dos longes dele, nasce do seu silêncio,
Outra vez, outra vez, o vasto grito antiquíssimo.

De repente, como um relâmpago de som, que não faz barulho
[mas ternura,
Subitamente abrangendo todo o horizonte marítimo
Úmido e sombrio marulho humano noturno,
Voz de sereia longínqua chorando, chamando,
Vem do fundo do Longe, do fundo do Mar, da alma dos Abismos,
E à tona dele, como algas, boiam meus sonhos desfeitos…

Ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò----yy…
Schooner ahò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò-ò----yy…..

Ah, o orvalho sobre a minha excitação!

O frescor noturno no meu oceano interior!
Eis tudo em mim de repente ante uma noite no mar
Cheia do enorme mistério humaníssimo das ondas noturnas.
A lua sobe no horizonte
E a minha infância feliz acorda, como uma lágrima, em mim.
O meu passado ressurge, como se esse grito marítimo
Fosse um aroma, uma voz, o eco duma canção
Que fosse chamar ao meu passado
Por aquela felicidade que nunca mais tornarei a ter.

Era na velha casa sossegada, ao pé do rio…
(As janelas do meu quarto, e as da casa de jantar também,
Davam, por sobre umas casas baixas, para o rio próximo,
Para o Tejo, este mesmo Tejo, mas noutro ponto, mais abaixo…
Se eu agora chegasse às mesmas janelas não chegava às mesmas
[janelas.
Aquele tempo passou como o fumo dum vapor no mar alto…)

Uma inexplicável ternura,
Um remorso comovido e lacrimoso,
Por todas aquelas vítimas — principalmente as crianças —
Que sonhei fazendo ao sonhar-me pirata antigo,
Emoção comovida, porque elas foram minhas vítimas;
Terna e suave, porque não o foram realmente;
Uma ternura confusa, como um vidro embaciado, azulada,
Canta velhas canções na minha pobre alma dolorida.

Ah, como pude eu pensar, sonhar aquelas coisas?
Que longe estou do que fui há uns momentos!
Histeria das sensações — ora estas, ora as opostas!
Na loura manhã que se ergue, como o meu ouvido só escolhe
As coisas de acordo com esta emoção — o marulho das águas,
O marulho leve das águas do rio de encontro ao cais…,
A vela passando perto do outro lado do rio,
Os montes longínquos, dum azul japonês,
As casas de Almada,

E o que há de suavidade e de infância na hora matutina!…

Uma gaivota que passa,
E a minha ternura é maior.

Mas todo este tempo não estive a reparar para nada.
Tudo isto foi uma impressão só da pele, como uma carícia.
Todo este tempo não tirei os olhos do meu sonho longínquo,
Da minha casa ao pé do rio,
Da minha infância ao pé do rio,
Das janelas do meu quarto dando para o rio de noite,
E a paz do luar esparso nas águas!…
Minha velha tia, que me amava por causa do filho que perdeu…
Minha velha tia costumava adormecer-me cantando-me
(Se bem que eu fosse já crescido de mais para isso)…
Lembro-me e as lágrimas caem sobre o meu coração e lavam-o [da vida,
E ergue-se uma leve brisa marítima dentro de mim.
Às vezes ela cantava a “Nau Catrineta”:

Lá vai a Nau Catrineta
Por sobre as águas do mar…

E outras vezes, numa melodia muito saudosa e tão medieval,
Era a “Bela Infanta”… Relembro, e a pobre velha voz ergue-se [dentro de mim
E lembra-me que pouco me lembrei dela depois, e ela amava-me [tanto!
Como fui ingrato para ela — e afinal que fiz eu da vida?
Era a “Bela Infanta”… Eu fechava os olhos, e ela cantava:

Estando a Bela Infanta
No seu jardim assentada…

Eu abria um pouco os olhos e via a janela cheia de luar
E depois fechava os olhos outra vez, e em tudo isto era feliz.

Estando a Bela Infanta
No seu jardim assentada,
Seu pente de ouro na mão,
Seus cabelos penteava…

Ó meu passado de infância, boneco que me partiram!

Não poder viajar pra o passado, para aquela casa e aquela afeição,
E ficar lá sempre, sempre criança e sempre contente!

Mas tudo isto foi o Passado, lanterna a uma esquina de rua velha.
Pensar nisto faz frio, faz fome duma coisa que se não pode obter.
Dá-me não sei que remorso absurdo pensar nisto.
Oh turbilhão lento de sensações desencontradas!
Vertigem tênue de confusas coisas na alma!
Fúrias partidas, ternuras como carrinhos de linha com que as [crianças brincam,
Grandes desabamentos de imaginação sobre os olhos dos sentidos,
Lágrimas, lágrimas inúteis,
Leves brisas de contradição roçando pela face a alma…

Evoco, por um esforço voluntário, para sair desta emoção,
Evoco, com um esforço desesperado, seco, nulo,
A canção do Grande Pirata, quando estava a morrer:

Fifteen men on the Dead Man's Chest.
Yo-ho-ho and a bottle of rum!

Mas a canção é uma linha reta mal traçada dentro de mim…

Esforço-me e consigo chamar outra vez ante os meus olhos [na alma,
Outra vez, mas através duma imaginação quase literária,

A fúria da pirataria, da chacina, o apetite, quase do paladar, [do saque,
Da chacina inútil de mulheres e de crianças,

Da tortura fútil, e só para nos distrairmos, dos passageiros pobres,
E a sensualidade de escangalhar e partir as coisas mais queridas
[dos outros,
Mas sonho isto tudo com um medo de qualquer coisa a respirar-me
[sobre a nuca.

Lembro-me de que seria interessante
Enforcar os filhos à vista das mães
(Mas sinto-me sem querer as mães deles),
Enterrar vivas nas ilhas desertas as crianças de quatro anos
Levando os pais em barcos até lá para verem
(Mas estremeço, lembrando-me dum filho que não tenho e está
[dormindo tranquilo em casa).

Aguilhoo uma ânsia fria dos crimes marítimos,
Duma inquisição sem a desculpa da Fé,
Crimes nem sequer com razão de ser de maldade e de fúria,
Feitos a frio, nem sequer para ferir, nem sequer para fazer mal,
Nem sequer para nos divertirmos, mas apenas para passar o tempo,
Como quem faz paciências a uma mesa de jantar de província
[com a toalha atirada pra o outro lado da mesa depois de jantar,
Só pelo suave gosto de cometer crimes abomináveis e não os
[achar grande coisa,
De ver sofrer até ao ponto da loucura e da morte-pela-dor mas
[nunca deixar chegar lá…
Mas a minha imaginação recusa-se a acompanhar-me.
Um calafrio arrepia-me.
E de repente, mais de repente do que da outra vez, de mais longe,
[de mais fundo,
De repente — oh pavor por todas as minhas veias! —,
Oh frio repentino da porta para o Mistério que se abriu dentro
[de mim e deixou entrar uma corrente de ar!
Lembro-me de Deus, do Transcendental da vida, e de repente
A velha voz do marinheiro inglês Jim Barns, com quem eu falava,

Tornada voz das ternuras misteriosas dentro de mim, das pequenas

[coisas de regaço de mãe e de fita de cabelo de irmã,
Mas estupendamente vinda de além da aparência das coisas,
A Voz surda e remota tornada A Voz Absoluta, a Voz Sem Boca,
Vinda de sobre e de dentro da solidão noturna dos mares,
Chama por mim, chama por mim, chama por mim…

Vem surdamente, como se fosse suprimida e se ouvisse,
Longinquamente, como se estivesse soando noutro lugar e aqui
[não se pudesse ouvir,
Como um soluço abafado, uma luz que se apaga, um hálito
[silencioso,
De nenhum lado do espaço, de nenhum local no tempo,
O grito eterno e noturno, o sopro fundo e confuso:

Ahô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô — yyy……
Ahô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô — — yyy……
Schooner ahô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô — — — yy………

Tremo com um frio da alma repassando-me o corpo
E abro de repente os olhos, que não tinha fechado.
Ah, que alegria a de sair dos sonhos de vez!
Eis outra vez o mundo real, tão bondoso para os nervos!
Ei-lo a esta hora matutina em que entram os paquetes que
[chegam cedo.

Já não me importa o paquete que entrava. Ainda está longe.
Só o que está perto agora me lava a alma.
A minha imaginação higiênica, forte, prática,
Preocupa-se agora apenas com as coisas modernas e úteis,
Com os navios de carga, com os paquetes e os passageiros,
Com as fortes coisas imediatas, modernas, comerciais, verdadeiras.
Abranda o seu giro dentro de mim o volante.

Maravilhosa vida marítima moderna,
Toda limpeza, máquinas e saúde!
Tudo tão bem-arranjado, tão espontaneamente ajustado,

Todas as peças das máquinas, todos os navios pelos mares,

Todos os elementos da atividade comercial de exportação e
[importação
Tão maravilhosamente combinando-se
Que corre tudo como se fosse por leis naturais,
Nenhuma coisa esbarrando com outra!

Nada perdeu a poesia. E agora há a mais as máquinas
Com a sua poesia também, e todo o novo gênero de vida
Comercial, mundana, intelectual, sentimental,
Que a era das máquinas veio trazer para as almas.
As viagens agora são tão belas como eram dantes
E um navio será sempre belo, só porque é um navio.
Viajar ainda é viajar e o longe está sempre onde esteve —
Em parte nenhuma, graças a Deus!

Os portos cheios de vapores de muitas espécies!
Pequenos, grandes, de várias cores, com várias disposições de
[vigias,
De tão deliciosamente tantas companhias de navegação!
Vapores nos portos, tão individuais na separação destacada dos
[ancoramentos!
Tão prazenteiro o seu garbo quieto de coisas comerciais que
[andam no mar,
No velho mar sempre o homérico, ó Ulisses!

O olhar humanitário dos faróis na distância da noite,
Ou o súbito farol próximo na noite muito escura
("Que perto da terra que estávamos passando!" E o som da
[água canta-nos ao ouvido)!…

Tudo isto hoje é como sempre foi, mas há o comércio;
E o destino comercial dos grandes vapores
Envaidece-me da minha época!
A mistura de gente a bordo dos navios de passageiros

Dá-me o orgulho moderno de viver numa época onde é tão fácil
Misturarem-se as raças, transporem-se os espaços, ver com facilidade
[todas as coisas,
E gozar a vida realizando um grande número de sonhos.

Limpos, regulares, modernos como um escritório com *guichets*
[em redes de arame amarelo,
Meus sentimentos agora, naturais e comedidos como *gentlemen*,
São práticos, longe de desvairamentos, enchem de ar marítimo
[os pulmões,
Como gente perfeitamente consciente de como é higiênico respirar
[o ar do mar.

O dia é perfeitamente já de horas de trabalho.
Começa tudo a movimentar-se, a regularizar-se.

Com um grande prazer natural e direto percorro com a alma
Todas as operações comerciais necessárias a um embarque de
[mercadorias.
A minha época é o carimbo que levam todas as faturas,
E sinto que todas as cartas de todos os escritórios
Deviam ser endereçadas a mim.

Um conhecimento de bordo tem tanta individualidade,
E uma assinatura de comandante de navio é tão bela e moderna!
Rigor comercial do princípio e do fim das cartas:
Dear Sirs — *Messieurs* — Amigos e Snrs.,
Yours faithfully — … *nos salutations empressées*…
Tudo isto é não só humano e limpo, mas também belo,
E tem ao fim um destino marítimo, um vapor onde embarquem
As mercadorias de que as cartas e as faturas tratam.

Complexidade da vida! As faturas são feitas por gente
Que tem amores, ódios, paixões políticas, às vezes crimes —
E são tão bem escritas, tão alinhadas, tão independentes de
[tudo isso!

Há quem olhe para uma fatura e não sinta isto.
Com certeza que tu, Cesário Verde, o sentias.
Eu é até às lágrimas que o sinto humanissimamente.
Venham dizer-me que não há poesia no comércio, nos escritórios!
Ora, ela entra por todos os poros… Neste ar marítimo respiro-a,
Porque tudo isto vem a propósito dos vapores, da navegação moderna,
Porque as faturas e as cartas comerciais são o princípio da história
E os navios que levam as mercadorias pelo mar eterno são o fim.

Ah, e as viagens, as viagens de recreio, e as outras,
As viagens por mar, onde todos somos companheiros dos outros
Duma maneira especial, como se um mistério marítimo
Nos aproximasse as almas e nos tornasse um momento
Patriotas transitórios duma mesma pátria incerta,
Eternamente deslocando-se sobre a imensidade das águas!
Grandes hotéis do Infinito, oh transatlânticos meus!
Com o cosmopolitismo perfeito e total de nunca pararem num
[ponto
E conterem todas as espécies de trajes, de caras, de raças!

As viagens, os viajantes — tantas espécies deles!
Tanta nacionalidade sobre o mundo! tanta profissão! tanta gente!
Tanto destino diverso que se pode dar à vida,
À vida, afinal, no fundo sempre, sempre a mesma!
Tantas caras curiosas! Todas as caras são curiosas
E nada traz tanta religiosidade como olhar muito para gente.
A fraternidade afinal não é uma ideia revolucionária.
É uma coisa que a gente aprende pela vida fora, onde tem que
[tolerar tudo,
E passa a achar graça ao que tem que tolerar,
E acaba quase a chorar de ternura sobre o que tolerou!

Ah, tudo isto é belo, tudo isto é humano e anda ligado
Aos sentimentos humanos, tão conviventes e burgueses,
Tão complicadamente simples, tão metafisicamente tristes!
A vida flutuante, diversa, acaba por nos educar no humano.

Pobre gente! pobre gente toda a gente!

Despeço-me desta hora no corpo deste outro navio
Que vai agora saindo. É um *tramp-steamer* inglês,
Muito sujo, como se fosse um navio francês,
Com um ar simpático de proletário dos mares,
E sem dúvida anunciado ontem na última página das gazetas.

Enternece-me o pobre vapor, tão humilde vai ele e tão natural.
Parece ter um certo escrúpulo não sei em quê, ser pessoa honesta,

Cumpridora duma qualquer espécie de deveres.
Lá vai ele deixando o lugar defronte do cais onde estou.
Lá vai ele tranquilamente, passando por onde as naus estiveram
Outrora, outrora…
Para Cardiff? Para Liverpool? Para Londres? Não tem importância.
Ele faz o seu dever. Assim façamos nós o nosso. Bela vida!
Boa viagem! Boa viagem!
Boa viagem, meu pobre amigo casual, que me fizeste o favor
De levar contigo a febre e a tristeza dos meus sonhos,
E restituir-me à vida para olhar para ti e te ver passar.
Boa viagem! Boa viagem! A vida é isto…
Que aprumo tão natural, tão inevitavelmente matutino
Na tua saída do porto de Lisboa, hoje!
Tenho-te uma afeição curiosa e grata por isso…
Por isso quê? Sei lá o que é!… Vai… Passa…
Com um ligeiro estremecimento,
(T-t--t---t----t-----t…)
O volante dentro de mim para.

Passa, lento vapor, passa e não fiques…
Passa de mim, passa da minha vista,
Vai-te de dentro do meu coração,
Perde-te no Longe, no Longe, bruma de Deus,
Perde-te, segue o teu destino e deixa-me…
Eu quem sou para que chore e interrogue?

Eu quem sou para que te fale e te ame?
Eu quem sou para que me perturbe ver-te?
Larga do cais, cresce o sol, ergue-se ouro,
Luzem os telhados dos edifícios do cais,
Todo o lado de cá da cidade brilha…
Parte, deixa-me, torna-te
Primeiro o navio a meio do rio, destacado e nítido,
Depois o navio a caminho da barra, pequeno e preto,
Depois ponto vago no horizonte (ó minha angústia!),
Ponto cada vez mais vago no horizonte…,
Nada depois, e só eu e a minha tristeza,
E a grande cidade agora cheia de sol
E a hora real e nua como um cais já sem navios,
E o giro lento do guindaste que como um compasso que gira,

Traça um semicírculo de não sei que emoção
No silêncio comovido da minh'alma…

Álvaro de Campos
Engenheiro

SAUDAÇÃO A WALT WHITMAN

[238] 11-6-1915

Portugal-Infinito, onze de junho de mil novecentos e quinze…
Hé-lá-á-á-á-á-á-á!

De aqui de Portugal, todas as épocas no meu cérebro,
Saúdo-te, Walt, saúdo-te, meu irmão em Universo,
Eu, de monóculo e casaco exageradamente cintado,
Não sou indigno de ti, bem o sabes, Walt,
Não sou indigno de ti, basta saudar-te para o não ser…
Eu tão contíguo à inércia, tão facilmente cheio de tédio,
Sou dos teus, tu bem sabes, e compreendo-te e amo-te,
E embora te não conhecesse, nascido pelo ano em que morrias,
Sei que me amaste também, que me conheceste, e estou
[contente.

Sei que me conheceste, que me contemplaste e me explicaste,
Sei que é isso que eu sou, quer em Brooklyn Ferry dez anos
[antes de eu nascer,
Quer pela rua do Ouro acima pensando em tudo que não é a
[Rua do Ouro,
E conforme tu sentiste tudo, sinto tudo, e cá estamos de mãos dadas,
De mãos dadas, Walt, de mãos dadas, dançando o universo na alma.

Ó sempre moderno e eterno, cantor dos concretos absolutos,
Concubina fogosa do universo disperso,
Grande pederasta roçando-te contra a diversidade das coisas,

Sexualizado sobre as pedras, pelas árvores, pelas pessoas, pelas
[profissões,
Cio das passagens, dos encontros casuais, das meras observações,
Meu entusiasta pelo conteúdo de tudo,
Meu grande herói entrando pela Morte dentro aos pinotes,
E aos urros, e aos guinchos, e aos berros saudando Deus!

Cantor da fraternidade feroz e terna com tudo,
Grande democrata epidérmico, contíguo a tudo em corpo e alma,
Carnaval de todas as ações, bacanal de todos os propósitos,
Irmão gêmeo de todos os arrancos,
Jean-Jacques Rousseau do mundo que havia de produzir máquinas,
Homero do *insaisissable* do flutuante carnal,
Shakespeare da sensação que começa a andar a vapor,
Milton-Shelley do horizonte da Eletricidade futura!
Íncubo de todos os gestos,
Espasmo pra dentro de todos os objetos-força,
Souteneur de todo o Universo,
Rameira de todos os sistemas solares…

Quantas vezes eu beijo o teu retrato!
Lá onde estás agora (não sei onde é mas é Deus)
Sentes isto, sei que o sentes, e os meus beijos são mais quentes
[(em gente)

E tu assim é que os queres, meu velho, e agradeces de lá —
Sei-o bem, qualquer coisa mo diz, um agrado no meu espírito

Uma ereção abstrata e indireta no fundo da minha alma.

Nada do *engageant* em ti, mas ciclópico e musculoso,
Mas perante o universo a tua atitude era de mulher,
E cada erva, cada pedra, cada homem era para ti o Universo.

Meu velho Walt, meu grande Camarada, evohé!
Pertenço à tua orgia báquica de sensações-em-liberdade,
Sou dos teus, desde a sensação dos meus pés até à náusea em
[meus sonhos,
Sou dos teus, olha pra mim, de aí desde Deus vês-me ao contrário:

De dentro para fora… Meu corpo é o que adivinhas, vês a minha
[alma —
Essa vês tu propriamente e através dos olhos dela o meu corpo —
Olha pra mim: tu sabes que eu, Álvaro de Campos, engenheiro,
Poeta sensacionista,
Não sou teu discípulo, não sou teu amante, não sou teu cantor,
Tu sabes que eu sou Tu e estás contente com isso!

Nunca posso ler os teus versos a fio… há ali sentir demais…
Atravesso os teus versos como a uma multidão aos encontrões
[a mim,
E cheira-me a suor, a óleos, a atividade humana e mecânica.
Nos teus versos, a certa altura não sei se leio ou se vivo,
Não sei se o meu lugar real é no mundo ou nos teus versos,

Não sei se estou aqui, de pé sobre a terra natural,
Ou de cabeça pra baixo, pendurado numa espécie de
[estabelecimento,
No teto natural da tua inspiração de tropel,
No centro do teto da tua intensidade inacessível.

Abram-me todas as portas!
Por força que hei de passar!
Minha senha? Walt Whitman!
Mas não dou senha nenhuma…
Passo sem explicações…
Se for preciso meto dentro as portas…
Sim — eu franzino e civilizado, meto dentro as portas,
Porque neste momento não sou franzino nem civilizado,
Sou EU, um universo pensante de carne e osso, querendo passar,
E que há de passar por força, porque quando quero passar sou
[Deus!

Tirem esse lixo da minha frente!
Metam-me em gavetas essas emoções!
Daqui pra fora, políticos, literatos,
Comerciantes pacatos, polícia, meretrizes, *souteneurs*,
Tudo isso é a letra que mata, não o espírito que dá a vida.
O espírito que dá a vida neste momento sou EU!

Que nenhum filho da… se me atravesse no caminho!
O meu caminho é pelo infinito fora até chegar ao fim!
Se sou capaz de chegar ao fim ou não, não é contigo,
É comigo, com Deus, com o sentido-eu da palavra Infinito…
Pra frente!
Meto esporas!
Sinto as esporas, sou o próprio cavalo em que monto,
Porque eu, por minha vontade de me consubstanciar com Deus,
Posso ser tudo, ou posso ser nada, ou qualquer coisa,
Conforme me der na gana… Ninguém tem nada com isso…
Loucura furiosa! Vontade de ganir, de saltar,
De urrar, zurrar, dar pulos, pinotes, gritos com o corpo,
De me *cramponner* às rodas dos veículos e ficar por baixo,
De me meter adiante do giro do chicote que vai bater,
De ser a cadela de todos os cães e eles não bastam,
De ser o volante de todas as máquinas e a velocidade tem limite,
De ser o esmagado, o deixado, o deslocado, o acabado,

Dança comigo, Walt, lá do outro mundo esta fúria,
Salta comigo neste batuque que esbarra com os astros,
Cai comigo sem forças no chão,
Esbarra comigo tonto nas paredes,
Parte-te e esfrangalha-te comigo
Em tudo, por tudo, à roda de tudo, sem tudo,
Raiva abstrata do corpo fazendo *maelstroms* na alma…

Arre! Vamos lá pra frente!
Se o próprio Deus impede, vamos lá pra frente… Não faz diferença…
Vamos lá pra frente sem ser para parte nenhuma…
Infinito! Universo! Meta sem meta! Que importa?

(Deixa-me tirar a gravata e desabotoar o colarinho.
Não se pode ter muita energia com a civilização à roda do
[pescoço…)
Agora, sim, partamos, vá lá pra frente.

Numa grande *marche aux flambeaux*-todas-as-cidades-da-Europa,
Numa grande marcha guerreira a indústria, o comércio e ócio,
Numa grande corrida, numa grande subida, numa grande descida

Estrondeando, pulando, e tudo pulando comigo,
Salto a saudar-te,
Berro a saudar-te,
Desencadeio-me a saudar-te, aos pinotes, aos pinos, aos guinos!

Por isso é a ti que endereço
Meus versos saltos, meus versos pulos, meus versos espasmos
Os meus versos-ataques-histéricos,
Os meus versos que arrastam o carro dos meus nervos.

Aos trambolhões me inspiro,
Mal podendo respirar, ter-me de pé me exalto,
E os meus versos são eu não poder estourar de viver.

Abram-me todas as janelas!
Arranquem-me todas as portas!
Puxem a casa toda para cima de mim!
Quero viver em liberdade no ar,
Quero ter gestos fora do meu corpo,
Quero correr como a chuva pelas paredes abaixo,
Quero ser pisado nas estradas largas como as pedras,
Quero ir, como as coisas pesadas, para o fundo dos mares,
Com uma voluptuosidade que já está longe de mim!

Não quero fechos nas portas!
Não quero fechaduras nos cofres!
Quero intercalar-me, imiscuir-me, ser levado,
Quero que me façam pertença doída de qualquer outro,
Que me despejem dos caixotes,
Que me atirem aos mares,
Que me vão buscar a casa com fins obscenos,
Só para não estar sempre aqui sentado e quieto,
Só para não estar simplesmente escrevendo estes versos!

Não quero intervalos no mundo!
Quero a contiguidade penetrada e material dos objetos!
Quero que os corpos físicos sejam uns dos outros como as almas,
Não só dinamicamente, mas estaticamente também!

Quero voar e cair de muito alto!
Ser arremessado como uma granada!
Ir parar a… Ser levado até…
Abstrato auge no fim de mim e de tudo!

Clímax a ferro e motores!
Escadaria pela velocidade acima, sem degraus!
Bomba hidráulica desancorando-me as entranhas sentidas!

Ponham-me grilhetas só para eu as partir!
Só para eu as partir com os dentes, e que os dentes sangrem

Gozo masoquista, espasmódico a sangue, da vida!

Os marinheiros levaram-me preso,
As mãos apertaram-me no escuro.
Morri temporariamente de senti-lo.
Seguiu-se a minh’alma a lamber o chão do cárcere-privado,
E a cega-rega das impossibilidades contornando o meu acinte.

Pula, salta, toma o freio nos dentes,
Pégaso-ferro-em-brasa das minhas ânsias inquietas,
Paradeiro indeciso do meu destino a motores!

He calls Walt:

Porta pra tudo!
Ponte pra tudo!
Estrada pra tudo!
Tua alma omnívora,
Tua alma ave, peixe, fera, homem, mulher,
Tua alma os dois onde estão dois,
Tua alma o um que são dois quando dois são um,
Tua alma seta, raio, espaço,
Amplexo, nexo, sexo, Texas, Carolina, New York,
Brooklyn Ferry à tarde,
Brooklyn Ferry das idas e dos regressos,
Libertad! Democracy! Século vinte ao longe!
Pum! pum! pum! pum! pum!
PUM!

Tu, o que eras, tu o que vias, tu o que ouvias,
O sujeito e o objeto, o ativo e o passivo,
Aqui e ali, em toda a parte tu,
Círculo fechando todas as possibilidades de sentir,
Marco miliário de todas as coisas que podem ser,
Deus Termo de todos os objetos que se imaginem e és tu!
Tu Hora,

Tu Minuto,
Tu Segundo!
Tu intercalado, liberto, desfraldado, ido,
Intercalamento, libertação, ida, desfraldamento,
Intercalador, libertador, desfraldador, remetente,
Carimbo em todas as cartas,
Nome em todos os endereços,
Mercadoria entregue, devolvida, seguindo…
Comboio de sensações a alma-quilômetros à hora,
À hora, ao minuto, ao segundo, PUM!

Agora que estou quase na morte e vejo tudo já claro,
Grande Libertador, volto submisso a ti.

Sem dúvida teve um fim a minha personalidade.
Sem dúvida porque se exprimiu, quis dizer qualquer coisa
Mas hoje, olhando para trás, só uma ânsia me fica —
Não ter tido a tua calma superior a ti próprio,
A tua libertação constelada de Noite Infinita.

Não tive talvez missão alguma na terra.

Heia que eu vou chamar
Ao privilégio ruidoso e ensurdecedor de saudar-te
Todo o formilhamento humano do Universo,
Todos os modos de todas as emoções,
Todos os feitios de todos os pensamentos,
Todas as rodas, todos os volantes, todos os êmbolos da alma.
Heia que eu grito
E num cortejo de Mim até ti estardalhaçam
Com uma algaravia metafísica e real,
Com um chinfrim de coisas passado por dentro sem nexo.

Ave, salve, viva, ó grande bastardo de Apolo,
Amante impotente e fogoso das nove musas e das graças,
Funicular do Olimpo até nós e de nós ao Olimpo.

A FERNANDO PESSOA
DEPOIS DE LER O SEU DRAMA ESTÁTICO "O MARINHEIRO" EM *ORPHEU I*

[239] 1915

Depois de doze minutos
Do seu drama *O Marinheiro*,
Em que os mais ágeis e astutos
Se sentem com sono e brutos,
E de sentido nem cheiro,
Diz uma das veladoras
Com langorosa magia

De eterno e belo há apenas o sonho. Por que estamos nós falando
[ainda?

Ora isso mesmo é que eu ia
Perguntar a essas senhoras…

PASSAGEM DAS HORAS

[240] 22-5-1916

Trago dentro do meu coração,
Como num cofre que se não pode fechar de cheio,
Todos os lugares onde estive,
Todos os portos a que cheguei,
Todas as paisagens que vi através de janelas ou vigias,
Ou de tombadilhos, sonhando,
E tudo isso, que é tanto, é pouco para o que eu quero.

A entrada de Singapura, manhã subindo, cor verde,
O coral das Maldivas em passagem cálida,
Macau à uma hora da noite… Acordo de repente…
Yat-lô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô-ô… Ghi —…
E aquilo soa-me do fundo de uma outra realidade…
A estatura norte-africana quase de Zanzibar ao sol…
Dar-es-Salaam (a saída é difícil)…

Majunga, Nossi-Bé, verduras de Madagascar…
Tempestades em torno ao Guardaful…
E o Cabo da Boa Esperança nítido ao sol da madrugada…
E a Cidade do Cabo com a Montanha da Mesa ao fundo…

Viajei por mais terras do que aquelas em que toquei…
Vi mais paisagens do que aquelas em que pus os olhos…
Experimentei mais sensações do que todas as sensações que senti,
Porque, por mais que sentisse, sempre me faltou que sentir
E a vida sempre me doeu, sempre foi pouco, e eu infeliz.

A certos momentos do dia recordo tudo isto e apavoro-me,
Penso em que é que me ficará desta vida aos bocados, deste auge,
Desta estrada às curvas, deste automóvel à beira da estrada,
[deste aviso,
Desta turbulência tranquila de sensações desencontradas,
Desta transfusão, desta insubsistência, desta convergência iriada,
Deste desassossego no fundo de todos os cálices,
Desta angústia no fundo de todos os prazeres,
Desta saciedade antecipada na asa de todas as chávenas,
Deste jogo de cartas fastiento entre o Cabo da Boa Esperança
[e as Canárias.

Não sei se a vida é pouco ou demais para mim,
Não sei se sinto de mais ou de menos, não sei
Se me falta escrúpulo espiritual, ponto-de-apoio na inteligência,
Consanguinidade com o mistério das coisas, choque
Aos contatos, sangue sob golpes, estremeção aos ruídos,
Ou se há outra significação para isto mais cômoda e feliz.

Seja o que for, era melhor não ter nascido,
Porque, de tão interessante que é a todos os momentos,
A vida chega a doer, a enjoar, a cortar, a roçar, a ranger,
A dar vontade de dar gritos, de dar pulos, de ficar no chão, de sair
Para fora de todas as casas, de todas as lógicas e de todas as sacadas,
E ir ser selvagem para a morte entre árvores e esquecimentos,

Entre tombos, e perigos e ausência de amanhãs,
E tudo isto devia ser qualquer outra coisa mais parecida com
[o que eu penso,
Com o que eu penso ou sinto, que eu nem sei qual é, ó vida.

Cruzo os braços sobre a mesa, ponho a cabeça sobre os braços,
E preciso querer chorar, mas não sei ir buscar as lágrimas…
Por mais que me esforce por ter uma grande pena de mim,
[não choro,
Tenho a alma rachada sob o indicador curvo que lhe toca…
Que há de ser de mim? Que há de ser de mim?

Correram o bobo a chicote do palácio, sem razão,
Fizeram o mendigo levantar-se do degrau onde caíra.
Bateram na criança abandonada e tiraram-lhe o pão das mãos.
Oh mágoa imensa do mundo, o que falta é agir…
Tão decadente, tão decadente, tão decadente…
Só estou bem quando ouço música, e nem então.
Jardins do século dezoito antes de 89,
Onde estais vós, que eu quero chorar de qualquer maneira?

Como um bálsamo que não consola senão pela ideia de que
[é um bálsamo,
A tarde de hoje e de todos os dias pouco a pouco, monótona, cai.

Acenderam as luzes, cai a noite, a vida substitui-se.
Seja de que maneira for, é preciso continuar a viver.
Arde-me a alma como se fosse uma mão, fisicamente.
Estou no caminho de todos e esbarram comigo.
Minha quinta na província,
Haver menos que um comboio, uma diligência e a decisão de
[partir entre mim e ti.
Assim fico, fico… Eu sou o que sempre quer partir,

E fica sempre, fica sempre, fica sempre,
Até à morte fica, mesmo que parta, fica, fica, fica…

Torna-me humano, ó noite, torna-me fraterno e solícito.
Só humanitariamente é que se pode viver.
Só amando os homens, as ações, a banalidade dos trabalhos,
Só assim — ai de mim! —, só assim se pode viver.
Só assim, ó noite, e eu nunca poderei ser assim!

Vi todas as coisas, e maravilhei-me de tudo,
Mas tudo ou sobrou ou foi pouco — não sei qual — e eu sofri.
Vivi todas as emoções, todos os pensamentos, todos os gestos,
E fiquei tão triste como se tivesse querido vivê-los e não conseguisse.

Amei e odiei como toda a gente,
Mas para toda a gente isso foi normal e instintivo,
E para mim foi sempre a exceção, o choque, a válvula, o espasmo.

Vem, ó noite, e apaga-me, vem e afoga-me em ti.
Ó carinhosa do Além, senhora do luto infinito,
Mágoa externa da Terra, choro silencioso do Mundo,
Mãe suave e antiga das emoções sem gesto,
Irmã mais velha, virgem e triste, das ideias sem nexo,
Noiva esperando sempre os nossos propósitos incompletos,
A direção constantemente abandonada do nosso destino,
A nossa incerteza pagã sem alegria,
A nossa fraqueza cristã sem fé,
O nosso budismo inerte, sem amor pelas coisas nem êxtases,
A nossa febre, a nossa palidez, a nossa impaciência de fracos,
A nossa vida, ó mãe, a nossa perdida vida…

Não sei sentir, não sei ser humano, conviver
De dentro da alma triste com os homens meus irmãos na terra.
Não sei ser útil mesmo sentindo, ser prático, ser quotidiano, nítido,
Ter um lugar na vida, ter um destino entre os homens,
Ter uma obra, uma força, uma vontade, uma horta,
Uma razão para descansar, uma necessidade de me distrair,
Uma coisa vinda diretamente da natureza para mim.

Por isso sê para mim materna, ó noite tranquila…
Tu, que tiras o mundo ao mundo, tu que és a paz,
Tu que não existes, que és só a ausência da luz,
Tu que não és uma coisa, um lugar, uma essência, uma vida,
Penélope da teia, amanhã desfeita, da tua escuridão,
Circe irreal dos febris, dos angustiados sem causa,
Vem para mim, ó noite, estende para mim as mãos,
E sê frescor e alívio, ó noite, sobre a minha fronte…

Tu, cuja vinda é tão suave que parece um afastamento,
Cujo fluxo e refluxo de treva, quando a lua bafeja,
Tem ondas de carinho morto, frio de mares de sonho,
Brisas de paisagens supostas para a nossa angústia excessiva…
Tu, palidamente, tu, flébil, tu, liquidamente,
Aroma de morte entre flores, hálito de febre sobre margens,
Tu, rainha, tu, castelã, tu, dona pálida, vem…

Sentir tudo de todas as maneiras,
Viver tudo de todos os lados,
Ser a mesma coisa de todos os modos possíveis ao mesmo
[tempo,
Realizar em si toda a humanidade de todos os momentos
Num só momento difuso, profuso, completo e longínquo.

Eu quero ser sempre aquilo com quem simpatizo,
Eu torno-me sempre, mais tarde ou mais cedo,
Aquilo com quem simpatizo, seja uma pedra ou uma ânsia,
Seja uma flor ou uma ideia abstrata,
Seja uma multidão ou um modo de compreender Deus.
E eu simpatizo com tudo, vivo de tudo em tudo.
São-me simpáticos os homens superiores porque são superiores,
E são-me simpáticos os homens inferiores porque são superiores
[também,
Porque ser inferior é diferente de ser superior,
E por isso é uma superioridade a certos momentos de visão.
Simpatizo com alguns homens pelas suas qualidades de caráter,

E simpatizo com outros pela sua falta dessas qualidades,
E com outros ainda simpatizo por simpatizar com eles,

E há momentos absolutamente orgânicos em que esses são
[todos os homens.
Sim, como sou rei absoluto na minha simpatia,
Basta que ela exista para que tenha razão de ser.
Estreito ao meu peito arfante num abraço comovido
(No mesmo abraço comovido)
O homem que dá a camisa ao pobre que desconhece,
O soldado que morre pela pátria sem saber o que é pátria,
E o matricida, o fratricida, o incestuoso, o violador de crianças,
O ladrão de estradas, o salteador dos mares,
O gatuno de carteiras, a sombra que espera nas vielas —
Todos são a minha amante predileta pelo menos um momento
[na vida.

Beijo na boca todas as prostitutas,
Beijo sobre os olhos todos os *souteneurs*,
A minha passividade jaz aos pés de todos os assassinos,
E a minha capa à espanhola esconde a retirada a todos os ladrões.
Tudo é a razão de ser da minha vida.

Cometi todos os crimes,
Vivi dentro de todos os crimes
(Eu próprio fui, não um nem o outro no vício,
Mas o próprio vício-pessoa praticado entre eles,
E dessas são as horas mais arco-de-triunfo da minha vida).

Multipliquei-me, para me sentir,
Para me sentir, precisei sentir tudo,
Transbordei, não fiz senão extravasar-me,
Despi-me, entreguei-me,
E há em cada canto da minha alma um altar a um deus diferente.

Os braços de todos os atletas apertaram-me subitamente

[feminino,
E eu só de pensar nisso desmaiei entre músculos supostos.

Foram dados na minha boca os beijos de todos os encontros,
Acenaram no meu coração os lenços de todas as despedidas,
Todos os chamamentos obscenos de gesto e olhares

Batem-me em cheio em todo o corpo com sede nos centros sexuais.
Fui todos os ascetas, todos os postos-de-parte, todos os como
[que esquecidos,
E todos os pederastas — absolutamente todos (não faltou
[nenhum).
Rendez-vous a vermelho e negro no fundo-inferno da minha alma!

(Freddie, eu chamava-te Baby, porque tu eras louro, branco e
[eu amava-te,
Quantas imperatrizes por reinar e princesas destronadas tu
[foste para mim!)
Mary, com quem eu lia Burns em dias tristes como sentir-se viver,
Mary, mal tu sabes quantos casais honestos, quantas famílias
[felizes,
Viveram em ti os meus olhos e o meu braço cingindo e a minha
[consciência incerta,
A sua vida pacata, as suas casas suburbanas com jardim, os seus
[*half-holidays* inesperados…
Mary, eu sou infeliz…
Freddie, eu sou infeliz…
Oh, vós todos, todos vós, casuais, demorados,
Quantas vezes tereis pensado em pensar em mim, sem que o
[fizésseis,
Ah, quão pouco eu fui no que sois, quão pouco, quão pouco —
Sim, e o que tenho eu sido, ó meu subjetivo universo,
Ó meu sol, meu luar, minhas estrelas, meu momento,
Ó parte externa de mim perdida em labirintos de Deus!

Passa tudo, todas as coisas num desfile por mim dentro,

E todas as cidades do mundo rumorejam-se dentro de mim…

Meu coração tribunal, meu coração mercado, meu coração sala
[da Bolsa, meu coração balcão de Banco,
Meu coração *rendez-vous* de toda a humanidade,
Meu coração banco de jardim público, hospedaria, estalagem,
[calabouço número qualquer coisa
(*Aquí estuvo el Manolo en vísperas de ir al patíbulo*)
Meu coração *club*, sala, plateia, capacho, *guichet*, portaló,

Ponte, cancela, excursão, marcha, viagem, leilão, feira, arraial,
Meu coração postigo,
Meu coração encomenda,
Meu coração carta, bagagem, satisfação, entrega,
Meu coração a margem, o limite, a súmula, o índice,
Eh-lá, eh-lá, eh-lá, bazar o meu coração.

Todos os amantes beijaram-se na minh'alma,
Todos os vadios dormiram um momento em cima de mim,
Todos os desprezados encostaram-se um momento ao meu
[ombro,
Atravessaram a rua, ao meu braço, todos os velhos e os doentes,
E houve um segredo que me disseram todos os assassinos.

(Aquela cujo sorriso sugere a paz que eu não tenho,
Em cujo baixar-de-olhos há uma paisagem da Holanda,
Com as cabeças femininas *coiffées de lin*
E todo o esforço quotidiano de um povo pacífico e limpo…
Aquela que é o anel deixado em cima da cômoda,
E a fita entalada com o fechar da gaveta,
Fita cor-de-rosa, não gosto da cor mas da fita entalada,
Assim como não gosto da vida, mas gosto de senti-la…

Dormir como um cão corrido no caminho, ao sol,
Definitivamente para todo o resto do Universo,
E que os carros me passem por cima.)

Fui para a cama com todos os sentimentos,
Fui *souteneur* de todas as emoções,
Pagaram-me bebidas todos os acasos das sensações,
Troquei olhares com todos os motivos de agir,
Estive mão em mão com todos os impulsos para partir,
Febre imensa das horas!
Angústia da forja das emoções!
Raiva, espuma, a imensidão que não cabe no meu lenço,
A cadela a uivar de noite,
O tanque da quinta a passear à roda da minha insônia,
O bosque como foi à tarde, quando lá passeamos, a rosa,

A madeixa indiferente, o musgo, os pinheiros,
Toda a raiva de não conter isto tudo, de não deter isto tudo,
Ó fome abstrata das coisas, cio impotente dos momentos,
Orgia intelectual de sentir a vida!

Obter tudo por suficiência divina —
As vésperas, os consentimentos, os avisos,
As coisas belas da vida —
O talento, a virtude, a impunidade,
A tendência para acompanhar os outros a casa,
A situação de passageiro,
A conveniência em embarcar já para ter lugar,
E falta sempre uma coisa, um copo, uma brisa, uma frase,
E a vida dói quanto mais se goza e quanto mais se inventa.

Poder rir, rir, rir despejadamente,
Rir como um copo entornado,
Absolutamente doido só por sentir,
Absolutamente roto por me roçar contra coisas,
Ferido na boca por morder coisas,
Com as unhas em sangue por me agarrar a coisas,
E depois deem-me a cela que quiserem que eu me lembrarei
[da vida.

Sentir tudo de todas as maneiras,
Ter todas as opiniões,
Ser sincero contradizendo-se a cada minuto,
Desagradar a si próprio pela plena liberalidade de espírito,
E amar as coisas como Deus.

Eu, que sou mais irmão de uma árvore que de um operário,
Eu, que sinto mais a dor suposta do mar ao bater na praia
Que a dor real das crianças em quem batem
(Ah, como isto deve ser falso, pobres crianças em quem batem —
E porque é que as minhas sensações se revezam tão depressa?)
Eu, enfim, que sou um diálogo contínuo,
Um falar-alto incompreensível, alta-noite na torre,
Quando os sinos oscilam vagamente sem que mão lhes toque

E faz pena saber que há vida que viver amanhã.
Eu, enfim, literalmente eu,
E eu metaforicamente também,
Eu, o poeta sensacionista, enviado do Acaso
Às leis irrepreensíveis da Vida,
Eu, o fumador de cigarros por profissão adequada,
O indivíduo que fuma ópio, que toma absinto, mas que, enfim,
Prefere pensar em fumar ópio a fumá-lo
E acha mais seu olhar para o absinto a beber que bebê-lo…
Eu, este degenerado superior sem arquivos na alma,
Sem personalidade com valor declarado,
Eu, o investigador solene das coisas fúteis,
Que era capaz de ir viver na Sibéria só por embirrar com isso,
E que acho que não faz mal não ligar importância à pátria
Porque não tenho raiz, como uma árvore, e portanto não tenho
[raiz…
Eu, que tantas vezes me sinto tão real como uma metáfora,
Como uma frase escrita por um doente no livro da rapariga
[que encontrou no terraço,
Ou uma partida de xadrez no convés dum transatlântico,
Eu, a ama que empurra os *perambulators* em todos os jardins

[públicos,
Eu, o polícia que a olha, parado para trás na álea,
Eu, a criança no carro, que acena à sua inconsciência lúcida com
[um colar com guizos,
Eu, a paisagem por detrás disto tudo, a paz citadina
Coada através das árvores do jardim público,
Eu, o que os espera a todos em casa,
Eu, o que eles encontram na rua,
Eu, o que eles não sabem de si próprios,
Eu, aquela coisa em que estás pensando e te marca esse sorriso,
Eu, o contraditório, o fictício, o aranzel, a espuma,
O cartaz posto agora, as ancas da francesa, o olhar do padre,
O largo onde se encontram as duas ruas e os *chauffeurs* dormem
[contra os carros,
A cicatriz do sargento mal-encarado,
O sebo na gola do explicador doente que volta para casa,
A chávena que era por onde o pequenito que morreu bebia
[sempre,
E tem uma falha na asa (e tudo isto cabe num coração de mãe
[e enche-o)…
Eu, o ditado de francês da pequenita que mexe nas ligas,
Eu, os pés que se tocam por baixo do *bridge* sob o lustre,
Eu, a carta escondida, o calor do lenço, a sacada com a janela
[entreaberta,
O portão de serviço onde a criada fala com os desejos do primo,
O sacana do José que prometeu vir e não veio
E a gente tinha uma partida para lhe fazer…
Eu, tudo isto, e além disto o resto do mundo…
Tanta coisa, as portas que se abrem, e a razão por que elas se
[abrem,
E as coisas que já fizeram as mãos que abrem as portas…
Eu, a infelicidade-nata de todas as expressões,
A impossibilidade de exprimir todos os sentimentos,
Sem que haja uma lápide no cemitério para o irmão de tudo isto,
E o que parece não querer dizer nada sempre quer dizer qualquer
[coisa…

Sim, eu, o engenheiro naval que sou supersticioso como uma
[camponesa madrinha,
E uso monóculo para não parecer igual à ideia real que faço
[de mim,
Que levo às vezes três horas a vestir-me e nem por isso acho
[isso natural,
Mas acho-o metafísico e se me batem à porta zango-me,
Não tanto por me interromperem a gravata como por ficar
[sabendo que há a vida…
Sim, enfim, eu o destinatário das cartas lacradas,
O baú das iniciais gastas,
A intonação das vozes que nunca ouviremos mais —
Deus guarda isso tudo no Mistério, e às vezes sentimo-lo
E a vida pesa de repente e faz muito frio mais perto que o corpo.
A Brígida prima da minha tia,
O general em que elas falavam — general quando elas eram
[pequenas,
E a vida era guerra civil a todas as esquinas…
Vive le mélodrame où Margot a pleuré!
Caem folhas secas no chão irregularmente,
Mas o fato é que sempre é outono no outono,

E o inverno vem depois fatalmente,
E há só um caminho para a vida, que é a vida…

Esse velho insignificante, mas que ainda conheceu os românticos,
Esse opúsculo político do tempo das revoluções constitucionais,
E a dor que tudo isso deixa, sem que se saiba a razão
Nem haja para chorar tudo mais razão que senti-lo.

Viro todos os dias todas as esquinas de todas as ruas,
E sempre que estou pensando numa coisa, estou pensando noutra.
Não me subordino senão por atavismo,
E há sempre razões para emigrar para quem não está de cama.

Das *terrasses* de todos os cafés de todas as cidades

Acessíveis à imaginação
Reparo para a vida que passa, sigo-a sem me mexer,
Pertenço-lhe sem tirar um gesto da algibeira,
Nem tomar nota do que vi para depois fingir que o vi.

No automóvel amarelo a mulher definitiva de alguém passa,
Vou ao lado dela sem ela saber.
No *trottoir* imediato eles encontram-se por um acaso combinado,
Mas antes do encontro deles lá estar já eu estava com eles lá.
Não há maneira de se esquivarem a encontrar-me, não há modo
[de eu não estar em toda a parte.
O meu privilégio é tudo
(*Brevetée, Sans Garantie de Dieu*, a minh'Alma).

Assisto a tudo e definitivamente.
Não há joia para mulher que não seja comprada por mim e
[para mim,
Não há intenção de estar esperando que não seja minha de
[qualquer maneira,
Não há resultado de conversa que não seja meu por acaso,
Não há toque de sino em Lisboa há trinta anos, noite de
[S. Carlos há cinquenta
Que não seja para mim por uma galanteria deposta.

Fui educado pela Imaginação,
Viajei pela mão dela sempre,
Amei, odiei, falei, pensei sempre por isso,
E todos os dias têm essa janela por diante,
E todas as horas parecem minhas dessa maneira.

Cavalgada explosiva, explodida, como uma bomba que rebenta,
Cavalgada rebentando para todos os lados ao mesmo tempo,
Cavalgada por cima do espaço, salto por cima do tempo,
Galga, cavalo eléctron-íon, sistema solar resumido
Por dentro da ação dos êmbolos, por fora do giro dos volantes.
Dentro dos êmbolos, tornado velocidade abstrata e louca,

Ajo a ferro e velocidade, vaivém, loucura, raiva contida,
Atado ao rasto de todos os volantes giro assombrosas horas,
E todo o universo range, estraleja e estropia-se em mim.

Ho-ho-ho-ho-ho!…
Cada vez mais depressa, cada vez mais com o espírito adiante
[do corpo
Adiante da própria ideia veloz do corpo projetado,
Com o espírito atrás adiante do corpo, sombra, chispa,
He-la-ho-ho… Helahoho…

Toda a energia é a mesma e toda a natureza é o mesmo…
A seiva da seiva das árvores é a mesma energia que mexe
As rodas da locomotiva, as rodas do elétrico, os volantes dos
[Diesel,
E um carro puxado a mulas ou a gasolina é puxado pela mesma
[coisa.

Raiva panteísta de sentir em mim formidandamente,
Com todos os meus sentidos em ebulição, com todos os meus
[poros em fumo,
Que tudo é uma só velocidade, uma só energia, uma só divina
[linha
De si para si, parada a ciciar violências de velocidade louca…
Ho----

Ave, salve, viva a unidade veloz de tudo!
Ave, salve, viva a igualdade de tudo em seta!

Ave, salve, viva a grande máquina universo!
Ave, que sois o mesmo, árvores, máquinas, leis!
Ave, que sois o mesmo, vermes, êmbolos, ideias abstratas,
A mesma seiva vos enche, a mesma seiva vos torna,
A mesma coisa sois, e o resto é por fora e falso,
O resto, o estático resto que fica nos olhos que param,
Mas não nos meus nervos motor de explosão a óleos pesados

[ou leves,
Não nos meus nervos todas as máquinas, todos os sistemas de
[engrenagem,
Nos meus nervos locomotiva, carro-elétrico, automóvel, debulhadora
[a vapor,
Nos meus nervos máquina marítima, Diesel, semi-Diesel, Campbell,
Nos meus nervos instalação absoluta a vapor, a gás, a óleo e a
[eletricidade,
Máquina universal movida por correias de todos os momentos!

Todas as madrugadas são a madrugada e a vida.
Todas as auroras raiam no mesmo lugar:
Infinito…
Todas as alegrias de ave vêm da mesma garganta,
Todos os estremecimentos de folhas são da mesma árvore,
E todos os que se levantam cedo para ir trabalhar
Vão da mesma casa para a mesma fábrica por o mesmo caminho…

Rola, bola grande, formigueiro de consciências, terra,
Rola, auroreada, entardecida, a prumo sob sóis, noturna,
Rola no espaço abstrato, na noite mal iluminada realmente
Rola…

Sinto na minha cabeça a velocidade de giro da terra,
E todos os países e todas as pessoas giram dentro de mim,
Centrífuga ânsia, raiva de ir por os ares até aos astros
Bate pancadas de encontro ao interior do meu crânio,
Põe-me alfinetes vendados por toda a consciência do meu corpo,
Faz-me levantar-me mil vezes e dirigir-me para Abstrato,
Para inencontrável, Ali sem restrições nenhumas,
A Meta invisível — todos os pontos onde eu não estou — e
[ao mesmo tempo…

Ah, não estar parado nem a andar,
Não estar deitado nem de pé,
Nem acordado nem a dormir,

Nem aqui nem noutro ponto qualquer,
Resolver a equação desta inquietação prolixa,
Saber onde estar para poder estar em toda a parte,
Saber onde deitar-me para estar passeando por todas as ruas…

Ho-ho-ho-ho-ho-ho-ho

Cavalgada alada de mim por cima de todas as coisas,
Cavalgada estalada de mim por baixo de todas as coisas,
Cavalgada alada e estalada de mim por causa de todas as coisas…

Hup-la por cima das árvores, hup-la por baixo dos tanques,
Hup-la contra as paredes, hup-la raspando nos troncos,
Hup-la no ar, hup-la no vento, hup-la, hup-la nas praias,
Numa velocidade crescente, insistente, violenta,
Hup-la hup-la hup-la hup-la…

Cavalgada panteísta de mim por dentro de todas as coisas,
Cavalgada energética por dentro de todas as energias,
Cavalgada de mim por dentro do carvão que se queima, da
[lâmpada que arde,
Clarim claro da manhã ao fundo
Do semicírculo frio do horizonte,
Ténue clarim longínquo como bandeiras incertas
Desfraldadas para além de onde as cores são visíveis…

Clarim trêmulo, poeira parada, onde a noite cessa,
Poeira de ouro parada no fundo da visibilidade…

Carro que chia limpidamente, vapor que apita,
Guindaste que começa a girar no meu ouvido,
Tosse seca, nova do que sai de casa,
Leve arrepio matutino na alegria de viver,
Gargalhada súbita velada pela bruma exterior não sei como,
Costureira fadada para pior que a manhã que sente,
Operário tísico desfeito para feliz nesta hora

Inevitavelmente vital,
Em que o relevo das coisas é suave, certo e simpático,
Em que os muros são frescos ao contato da mão, e as casas
Abrem aqui e ali os olhos cortinados a branco…

Toda a madrugada é uma cortina que oscila,
———————————————————————
………………………… e caminha tudo

Para a hora cheia de luz em que as lojas baixam as pálpebras
E rumor tráfego carroça comboio eu sinto sol estruge

Vertigem do meio-dia emoldurada a vertigens —
Sol nos vértices e nos… da minha visão estriada,
Do rodopio parado da minha retentiva seca,
Do abrumado clarão fixo da minha consciência de viver.

Rumor tráfego carroça comboio carros eu sinto sol rua,
Aros caixotes *trolley* loja rua *vitrines* saia olhos
Rapidamente calhas carroças caixotes rua atravessar rua
Passeio lojistas “perdão” rua
Rua a passear por mim a passear pela rua por mim
Tudo espelhos as lojas de cá dentro das lojas de lá
A velocidade dos carros ao contrário nos espelhos oblíquos
[das montras,
O chão no ar o sol por baixo dos pés rua regas flores no cesto rua
O meu passado rua estremece *camion* rua não me recordo rua

Eu de cabeça pra baixo no centro da minha consciência de mim
Rua sem poder encontrar uma sensação só de cada vez rua
Rua pra trás e pra diante debaixo dos meus pés
Rua em X em Y em Z por dentro dos meus braços
Rua pelo meu monóculo em círculos de cinematógrafo pequeno,
Caleidoscópio em curvas iriadas nítidas rua.
Bebedeira da rua e de sentir ver ouvir tudo ao mesmo tempo.
Bater das fontes de estar vindo para cá ao mesmo tempo que
[vou para lá,

Comboio parte-te de encontro ao resguardo da linha de desvio!
Vapor navega direito ao cais e racha-te contra ele!

Automóvel guiado pela loucura de todo o universo precipita-te
Por todos os precipícios abaixo
E choca-te, trz!, esfrangalha-te no fundo do meu coração!

À moi, todos os objetos projéteis!
À moi, todos os objetos direções!
À moi, todos os objetos invisíveis de velozes!
Batam-me, trespassem-me, ultrapassem-me!
Sou eu que me bato, que me trespasso, que me ultrapasso!
A raiva de todos os ímpetos fecha em círculo-mim!

Hela-hoho comboio, automóvel, aeroplano minhas ânsias,
Velocidade entra por todas as ideias dentro,
Choca de encontro a todos os sonhos e parte-os,
Chamusca todos os ideais humanitários e úteis,
Atropela todos os sentimentos normais, decentes, concordantes,
Colhe no giro do teu volante vertiginoso e pesado
Os corpos de todas as filosofias, os tropos de todos os poemas,
Esfrangalha-os e fica só tu, volante abstrato nos ares,
Senhor supremo da hora europeia, metálico a cio.
Vamos, que a cavalgada não tenha fim nem em Deus!

Dói-me a imaginação não sei como, mas é ela que dói,
Declina dentro de mim o sol no alto do céu.
Começa a tender a entardecer no azul e nos meus nervos.
Vamos ó cavalgada, quem mais me consegues tornar?
Eu que, veloz, voraz, comilão da energia abstrata,
Queria comer, beber, esfolar e arranhar o mundo,

Eu, que só me contentaria com calcar o universo aos pés,
Calcar, calcar, calcar até não sentir.
Eu, sinto que ficou fora do que imaginei tudo o que quis,
Que embora eu quisesse tudo, tudo me faltou.

Cavalgada desmantelada por cima de todos os cimos,
Cavalgada desarticulada por baixo de todos os poços,
Cavalgada voo, cavalgada seta, cavalgada pensamento-relâmpago,
Cavalgada eu, cavalgada eu, cavalgada o universo — eu.
Helahoho-o-o-o-o-o-o-o…

Meu ser elástico, mola, agulha, trepidação…

A CASA BRANCA NAU PRETA

[241] 11-10-1916

Estou reclinado na poltrona, é tarde, o Verão apagou-se…
Nem sonho, nem cismo, um torpor alastra em meu cérebro…
Não existe amanhã para o meu torpor nesta hora…
Ontem foi um mau sonho que alguém teve por mim…
Há uma interrupção lateral na minha consciência…
Continuam encostadas as portas da janela desta tarde
Apesar de as janelas estarem abertas de par em par…
Sigo sem atenção as minhas sensações sem nexo
E a personalidade que tenho está entre o corpo e a alma…

Quem dera que houvesse
Um terceiro estado pra alma, se ela tiver só dois…
Um quarto estado pra alma, se são três os que ela tem…
A impossibilidade de tudo quanto eu não chego a sonhar
Dói-me por detrás das costas da minha consciência de sentir…

As naus seguiram,
Seguiram viagem não sei em que dia escondido,
E a rota que deviam seguir estava escrita nos ritmos,
Os ritmos perdidos das canções mortas do marinheiro de sonho…

Árvores paradas da quinta, vistas através da janela,
Árvores estranhas a mim a um ponto inconcebível à consciência
[de as estar vendo,
Árvores iguais todas a não serem mais que eu vê-las,
Não poder eu fazer qualquer coisa gênero haver árvores que
[deixasse de doer,

Não poder eu coexistir para o lado de lá com estar-vos vendo
[do lado de cá,
E poder levantar-me desta poltrona deixando os sonhos no chão…

Que sonhos?… Eu não sei se sonhei… Que naus partiram, para
[onde?
Tive essa impressão sem nexo porque no quadro fronteiro
Naus partem… Naus, não: barcos, mas as naus estão em mim,
E é sempre melhor o impreciso que embala do que o certo
[que basta,
Porque o que basta acaba onde basta, e onde acaba não basta,
E nada que se pareça com isto devia ser o sentido da vida…

Quem pôs as formas das árvores dentro da existência das árvores?
Quem deu frondoso a arvoredos e me deixou por verdecer?
Onde tenho o meu pensamento, que me dói estar sem ele,
Sentir sem auxílio de poder parar quando quiser, e o mar alto
E a última viagem, sempre para lá, das naus a subir…

Não há substância de pensamento na matéria de alma com
[que penso…
Há só janelas abertas de par em par encostadas por causa do
[calor que já não faz,
E o quintal cheio de luz sem luz agora ainda-agora, e eu.

Na vidraça aberta, fronteira ao ângulo com que o meu olhar
[a colhe
A casa branca distante onde mora… Fecho o olhar…
E os meus olhos fitos na casa branca sem a ver

São outros olhos vendo sem estar fitos nela a nau que se afasta.
E eu parado, mole, adormecido,
Tenho o mar embalando-me e sofro…

Aos próprios palácios distantes a nau que penso não leva.
Às escadas dando sobre o mar inatingível ela não alberga.
Aos jardins maravilhosos nas ilhas inexplícitas não deixa.
Tudo perde o sentido com que o abrigo em meu pórtico
E o mar entra por os meus olhos o pórtico cessando.

Caia a noite, não caia a noite, que importa a candeia
Por acender nas casas que não vejo na encosta e eu lá?

Úmida sombra nos sons do tanque noturno sem lua, as rãs
[rangem,
Coaxar tarde no vale, porque tudo é vale onde o som dói.

Milagre do aparecimento da Senhora das Angústias aos loucos,
Maravilha do enegrecimento do punhal tirado para os atos,
Os olhos fechados, a cabeça pendida contra a coluna certa,
E o mundo para além dos vitrais paisagem sem ruínas…

A casa branca nau preta…
Felicidade na Austrália…

[242] 1-3-1917

No lugar dos palácios desertos e em ruínas
À beira do mar,
Leiamos, sorrindo, os segredos das sinas
De quem sabe amar.

Qualquer que ele seja, o destino daqueles
Que o amor levou
Para a sombra, ou na luz se fez a sombra deles,
Qualquer fosse o voo.

Por certo eles foram mais reais e felizes.

[243] 1-3-1917

Não sei. Falta-me um sentido, um tato
Para a vida, para o amor, para a glória…
Para que serve qualquer história,
Ou qualquer fato?

Estou só, só como ninguém ainda esteve,
Oco dentro de mim, sem depois nem antes.
Parece que passam sem ver-me os instantes,
Mas passam sem que o seu passo seja leve.

Começo a ler, mas cansa-me o que inda não li.
Quero pensar, mas dói-me o que irei concluir.
O sonho pesa-me antes de o ter. Sentir
É tudo uma coisa como qualquer coisa que já vi.

Não ser nada, ser uma figura de romance,
Sem vida, sem morte material, uma ideia,
Qualquer coisa que nada tornasse útil ou feia,
Uma sombra num chão irreal, um sonho num transe.

SONETO JÁ ANTIGO

[244] 12-1922

Olha, Daisy: quando eu morrer tu hás de
dizer aos meus amigos aí de Londres,
embora não o sintas, que tu escondes
a grande dor da minha morte. Irás de

Londres pra York, onde nasceste (dizes…
que eu nada que tu digas acredito),
contar àquele pobre rapazito
que me deu tantas horas tão felizes,

Embora não o saibas, que morri…
mesmo ele, a quem eu tanto julguei amar,
nada se importará… Depois vai dar

a notícia a essa estranha Cecily
que acreditava que eu seria grande…
Raios partam a vida e quem lá ande!

LISBON REVISITED

[245] 1923

Não: não quero nada.
Já disse que não quero nada.

Não me venham com conclusões!
A única conclusão é morrer.

Não me tragam estéticas!
Não me falem em moral!
Tirem-me daqui a metafísica!
Não me apregoem sistemas completos, não me enfileirem conquistas
Das ciências (das ciências, Deus meu, das ciências!) —
Das ciências, das artes, da civilização moderna!

Que mal fiz eu aos deuses todos?

Se têm a verdade, guardem-a!

Sou um técnico, mas tenho técnica só dentro da técnica.
Fora disso sou doido, com todo o direito a sê-lo.
Com todo o direito a sê-lo, ouviram?

Não me macem, por amor de Deus!

Queriam-me casado, fútil, quotidiano e tributável?
Queriam-me o contrário disto, o contrário de qualquer coisa?

Se eu fosse outra pessoa, fazia-lhes, a todos, a vontade.
Assim, como sou, tenham paciência!
Vão para o diabo sem mim,
Ou deixem-me ir sozinho para o diabo!
Para que havermos de ir juntos?

Não me peguem no braço!
Não gosto que me peguem no braço. Quero ser sozinho,
Já disse que sou só sozinho!
Ah, que maçada quererem que eu seja de companhia!

Ó céu azul — o mesmo da minha infância —,
Eterna verdade vazia e perfeita!
Ó macio Tejo ancestral e mudo,
Pequena verdade onde o céu se reflete!
Ó mágoa revisitada, Lisboa de outrora de hoje!
Nada me dais, nada me tirais, nada sois que eu me sinta.

Deixem-me em paz! Não tardo, que eu nunca tardo…
E enquanto tarda o Abismo e o Silêncio quero estar sozinho!

[246] 26-4-1926

Se te queres matar, por que não te queres matar?
Ah, aproveita! que eu, que tanto amo a morte e a vida,
Se ousasse matar-me, também me mataria…
Ah, se ousares, ousa!
De que te serve o quadro sucessivo das imagens externas
A que chamamos o mundo?
A cinematografia das horas representadas
Por atores de convenções e poses determinadas,
O circo policromo do nosso dinamismo sem fim?
De que te serve o teu mundo interior que desconheces?
Talvez, matando-te, o conheças finalmente…
Talvez, acabando, comeces…
E, de qualquer forma, se te cansa seres,

Ah, cansa-te nobremente,
E não cantes, como eu, a vida por bebedeira,
Não saúdes como eu a morte em literatura!

Fazes falta? Ó sombra fútil chamada gente!
Ninguém faz falta; não fazes falta a ninguém…
Sem ti correrá tudo sem ti.
Talvez seja pior para outros existires que matares-te…
Talvez peses mais durando, que deixando de durar…

A mágoa dos outros?… Tens remorso adiantado
De que te chorem?
Descansa: pouco te chorarão…

O impulso vital apaga as lágrimas pouco a pouco,
Quando não são de coisas nossas,
Quando são do que acontece aos outros, sobretudo a morte,
Porque é a coisa depois da qual nada acontece aos outros…

Primeiro é a angústia, a surpresa da vinda
Do mistério e da falta da tua vida falada…
Depois o horror do caixão visível e material,
E os homens de preto que exercem a profissão de estar ali.
Depois a família a velar, inconsolável e contando anedotas,
Lamentando a pena de teres morrido,
E tu mera causa ocasional daquela carpidação,
Tu verdadeiramente morto, muito mais morto que calculas…
Muito mais morto aqui que calculas,
Mesmo que estejas muito mais vivo além…
Depois a trágica retirada para o jazigo ou a cova,
E depois o princípio da morte da tua memória.
Há primeiro em todos um alívio
Da tragédia um pouco maçadora de teres morrido…
Depois a conversa aligeira-se quotidianamente,
E a vida de todos os dias retoma o seu dia…

Depois, lentamente, esqueceste.
Só és lembrado em duas datas, aniversariamente:
Quando faz anos que nasceste, quando faz anos que morreste.
Mais nada, mais nada, absolutamente mais nada.
Duas vezes no ano pensam em ti.
Duas vezes no ano suspiram por ti os que te amaram,
E uma ou outra vez suspiram se por acaso se fala em ti.

Encara-te a frio, e encara a frio o que somos…
Se queres matar-te, mata-te…
Não tenhas escrúpulos morais, receios de inteligência!…
Que escrúpulos ou receios tem a mecânica da vida?

Que escrúpulos químicos tem o impulso que gera
As seivas, e a circulação do sangue, e o amor?
Que memória dos outros tem o ritmo alegre da vida?
Ah, pobre vaidade de carne e osso chamada homem,

Não vês que não tens importância absolutamente nenhuma?

És importante para ti, porque é a ti que te sentes.
És tudo para ti, porque para ti és o universo,
E o próprio universo e os outros
Satélites da tua subjetividade objetiva.
És importante para ti porque só tu és importante para ti.
E se és assim, ó mito, não serão os outros assim?

Tens, como Hamlet, o pavor do desconhecido?
Mas o que é conhecido? O que é que tu conheces,
Para que chames desconhecido a qualquer coisa em especial?

Tens, como Falstaff, o amor gorduroso da vida?
Se assim a amas materialmente, ama-a ainda mais materialmente:
Torna-te parte carnal da terra e das coisas!
Dispersa-te, sistema físico-químico
De células noturnamente conscientes

Pela noturna consciência da inconsciência dos corpos,
Pelo grande cobertor não-cobrindo-nada das aparências,
Pela relva e a erva da proliferação dos seres,
Pela névoa atômica das coisas,
Pelas paredes turbilhonantes
Do vácuo dinâmico do mundo…

LISBON REVISITED
(1926)

[247] 26-4-1926

Nada me prende a nada.
Quero cinquenta coisas ao mesmo tempo.
Anseio com uma angústia de fome de carne
O que não sei que seja —
Definidamente pelo indefinido…
Durmo irrequieto, e vivo num sonhar irrequieto
De quem dorme irrequieto, metade a sonhar.

Fecharam-me todas as portas abstratas e necessárias.
Correram cortinas por dentro de todas as hipóteses que eu
[poderia ver da rua.
Não há na travessa achada o número de porta que me deram.

Acordei para a mesma vida para que tinha adormecido.
Até os meus exércitos sonhados sofreram derrota.
Até os meus sonhos se sentiram falsos ao serem sonhados.
Até a vida só desejada me farta — até essa vida…

Compreendo a intervalos desconexos;
Escrevo por lapsos de cansaço;
E um tédio que é até do tédio arroja-me à praia.

Não sei que destino ou futuro compete à minha angústia sem
[leme;
Não sei que ilhas do Sul impossível aguardam-me náufrago;

Ou que palmares de literatura me darão ao menos um verso.

Não, não sei isto, nem outra coisa, nem coisa nenhuma…
E, no fundo do meu espírito, onde sonho o que sonhei,
Nos campos últimos da alma, onde memoro sem causa
(E o passado é uma névoa natural de lágrimas falsas),
Nas estradas e atalhos das florestas longínquas
Onde supus o meu ser,
Fogem desmantelados, últimos restos
Da ilusão final,
Os meus exércitos sonhados, derrotados sem ter sido,
As minhas coortes por existir, esfaceladas em Deus.

Outra vez te revejo,
Cidade da minha infância pavorosamente perdida…
Cidade triste e alegre, outra vez sonho aqui…
Eu? Mas sou eu o mesmo que aqui vivi, e aqui voltei,
E aqui tornei a voltar, e a voltar,
E aqui de novo tornei a voltar?
Ou somos, todos os Eu que estive aqui ou estiveram,
Uma série de contas-entes ligadas por um fio-memória,
Uma série de sonhos de mim de alguém de fora de mim?

Outra vez te revejo,
Com o coração mais longínquo, a alma menos minha.

Outra vez te revejo — Lisboa e Tejo e tudo —,
Transeunte inútil de ti e de mim,
Estrangeiro aqui como em toda a parte,
Casual na vida como na alma,
Fantasma a errar em salas de recordações,
Ao ruído dos ratos e das tábuas que rangem
No castelo maldito de ter que viver…

Outra vez te revejo,
Sombra que passa através de sombras, e brilha

Um momento a uma luz fúnebre desconhecida,
E entra na noite como um rastro de barco se perde
Na água que deixa de se ouvir…

Outra vez te revejo,
Mas, ai, a mim não me revejo!
Partiu-se o espelho mágico em que me revia idêntico,
E em cada fragmento fatídico vejo só um bocado de mim —

Um bocado de ti e de mim!…

[248] 30-4-1926

Faróis distantes,
De luz subitamente tão acesa,
De noite e ausência tão rapidamente volvida,
Na noite, no convés, que consequências aflitas!
Mágoa última dos despedidos,
Ficção de pensar…

Faróis distantes…
Incerteza da vida…
Voltou crescendo a luz acesa avançadamente,
No acaso do olhar perdido…
Faróis distantes…
A vida de nada serve…

Pensar na vida de nada serve…
Pensar de pensar na vida de nada serve…

Vamos para longe e a luz que vem grande vem menos grande,
Faróis distantes…

[249] 30-4-1926

O florir do encontro casual
Dos que hão sempre de ficar estranhos…

O único olhar sem interesse recebido no acaso
Da estrangeira rápida…

O olhar de interesse da criança trazida pela mão
Da mãe distraída…

As palavras de episódio trocadas
Com o viajante episódico

Na episódica viagem…

Grandes mágoas de todas as coisas serem bocados…
Caminho sem fim…

[250] 3-2-1927

Nas praças vindouras — talvez as mesmas que as nossas —
Que elixires serão apregoados?
Com rótulos diferentes, os mesmos do Egito dos Faraós;
Com outros processos de os fazer comprar, os que já são nossos.

E as metafísicas perdidas nos cantos dos cafés de toda a parte,
As filosofias solitárias de tanta trapeira de falhado,
As ideias casuais de tanto casual, as intuições de tanto ninguém —
Um dia talvez, em fluido abstrato, e substância implausível,
Formem um Deus, e ocupem o mundo.
Mas a mim, hoje, a mim

Não há sossego de pensar nas propriedades das coisas,
Nos destinos que não desvendo,
Na minha própria metafísica, que tenho porque penso e sinto.

Não há sossego,
E os grandes montes ao sol têm-no tão nitidamente!

Têm-no? Os montes ao sol não têm coisa nenhuma do espírito.
Não seriam montes, não estariam ao sol, se o tivessem.

O cansaço de pensar, indo até ao fundo de existir,
Faz-me velho desde antes de ontem com um frio até no corpo.

O que é feito dos propósitos perdidos, e dos sonhos impossíveis?
E porque é que há propósitos mortos e sonhos sem razão?
Nos dias de chuva lenta, contínua, monótona, uma,
Custa-me levantar-me da cadeira onde não dei por me ter
[sentado,

E o universo é absolutamente oco em torno de mim.

O tédio que chega a constituir nossos ossos encharcou-me o ser,
E a memória de qualquer coisa de que me não lembro esfria-me
[a alma.
Sem dúvida que as ilhas dos mares do sul têm possibilidades
[para o sonho,
E que os areais dos desertos todos compensam um pouco a
[imaginação;
Mas no meu coração sem mares nem desertos nem ilhas sinto eu,
Na minha alma vazia estou,
E narro-me prolixamente sem sentido, como se um parvo
[estivesse com febre.
Fúria fria do destino,
Interseção de tudo,
Confusão das coisas com as suas causas e os seus efeitos,
Consequência de ter corpo e alma,
E o som da chuva chega até eu ser, e é escuro.

TABACARIA

[251] 15-1-1928

Não sou nada.
Nunca serei nada.
Não posso querer ser nada.
À parte isso, tenho em mim todos os sonhos do mundo.

Janelas do meu quarto,
Do meu quarto de um dos milhões do mundo que ninguém
[sabe quem é
(E se soubessem quem é, o que saberiam?),
Dais para o mistério de uma rua cruzada constantemente por
[gente,
Para uma rua inacessível a todos os pensamentos,
Real, impossivelmente real, certa, desconhecidamente certa,
Com o mistério das coisas por baixo das pedras e dos seres,

Com a morte a pôr umidade nas paredes e cabelos brancos
[nos homens,
Com o Destino a conduzir a carroça de tudo pela estrada de nada.

Estou hoje vencido, como se soubesse a verdade.
Estou hoje lúcido, como se estivesse para morrer,
E não tivesse mais irmandade com as coisas
Senão uma despedida, tornando-se esta casa e este lado da rua
A fileira de carruagens de um comboio, e uma partida apitada
De dentro da minha cabeça,
E uma sacudidela dos meus nervos e um ranger de ossos na ida.

Estou hoje perplexo, como quem pensou e achou e esqueceu.
Estou hoje dividido entre a lealdade que devo
À Tabacaria do outro lado da rua, como coisa real por fora,
E à sensação de que tudo é sonho, como coisa real por dentro.

Falhei em tudo.
Como não fiz propósito nenhum, talvez tudo fosse nada.
A aprendizagem que me deram,
Desci dela pela janela das traseiras da casa.

Fui até ao campo com grandes propósitos,
Mas lá encontrei só ervas e árvores,
E quando havia gente era igual à outra.
Saio da janela, sento-me numa cadeira. Em que hei de pensar?

Que sei eu do que serei, eu que não sei o que sou?
Ser o que penso? Mas penso ser tanta coisa!
E há tantos que pensam ser a mesma coisa que não pode haver
[tantos!
Gênio? Neste momento
Cem mil cérebros se concebem em sonho gênios como eu,
E a história não marcará, quem sabe?, nem um,
Nem haverá senão estrume de tantas conquistas futuras.
Não, não creio em mim.

Em todos os manicômios há doidos malucos com tantas certezas!
Eu, que não tenho nenhuma certeza, sou mais certo ou menos
[certo?
Não, nem em mim…
Em quantas mansardas e não mansardas do mundo
Não estão nesta hora gênios-para-si-mesmos sonhando?
Quantas aspirações altas e nobres e lúcidas —
Sim, verdadeiramente altas e nobres e lúcidas —,
E quem sabe se realizáveis,
Nunca verão a luz do sol real nem acharão ouvidos de gente?
O mundo é para quem nasce para o conquistar
E não para quem sonha que pode conquistá-lo, ainda que
[tenha razão.
Tenho sonhado mais que o que Napoleão fez.
Tenho apertado ao peito hipotético mais humanidades do que
[Cristo.
Tenho feito filosofias em segredo que nenhum Kant escreveu.
Mas sou, e talvez serei sempre, o da mansarda,
Ainda que não more nela;
Serei sempre *o que não nasceu para isso*;
Serei sempre só *o que tinha qualidades*;
Serei sempre o que esperou que lhe abrissem a porta ao pé de
[uma parede sem porta,
E cantou a cantiga do Infinito numa capoeira,
E ouviu a voz de Deus num poço tapado.

Crer em mim? Não, nem em nada.
Derrame-me a Natureza sobre a cabeça ardente
O seu sol, a sua chuva, o vento que me acha o cabelo,
E o resto que venha se vier, ou tiver que vir, ou não venha.
Escravos cardíacos das estrelas,
Conquistamos todo o mundo antes de nos levantar da cama;
Mas acordamos e ele é opaco,
Levantamo-nos e ele é alheio,
Saímos de casa e ele é a terra inteira,
Mais o sistema solar e a Via Láctea e o Indefinido.

(Come chocolates, pequena;
Come chocolates!
Olha que não há mais metafísica no mundo senão chocolates.
Olha que as religiões todas não ensinam mais que a confeitaria.
Come, pequena suja, come!
Pudesse eu comer chocolates com a mesma verdade com que [comes!
Mas eu penso e, ao tirar o papel de prata, que é de folha de [estanho,
Deito tudo para o chão, como tenho deitado a vida.)

Mas ao menos fica da amargura do que nunca serei
A caligrafia rápida destes versos,
Pórtico partido para o Impossível.
Mas ao menos consagro a mim mesmo um desprezo sem [lágrimas,
Nobre ao menos no gesto largo com que atiro
A roupa suja que sou, sem rol, pra o decurso das coisas,
E fico em casa sem camisa.

(Tu, que consolas, que não existes e por isso consolas,
Ou deusa grega, concebida como estátua que fosse viva,
Ou patrícia romana, impossivelmente nobre e nefasta,
Ou princesa de trovadores, gentilíssima e colorida,
Ou marquesa do século dezoito, decotada e longínqua,
Ou cocote célebre do tempo dos nossos pais,
Ou não sei quê moderno — não concebo bem o quê —,
Tudo isso, seja o que for, que sejas, se pode inspirar que inspire!

Meu coração é um balde despejado.
Como os que invocam espíritos invocam espíritos invoco
A mim mesmo e não encontro nada.
Chego à janela e vejo a rua com uma nitidez absoluta.
Vejo as lojas, vejo os passeios, vejo os carros que passam,
Vejo os entes vivos vestidos que se cruzam,
Vejo os cães que também existem,

E tudo isto me pesa como uma condenação ao degredo,
E tudo isto é estrangeiro, como tudo.)

Vivi, estudei, amei, e até cri,
E hoje não há mendigo que eu não inveje só por não ser eu.
Olho a cada um os andrajos e as chagas e a mentira,
E penso: talvez nunca vivesses nem estudasses nem amasses
[nem cresses
(Porque é possível fazer a realidade de tudo isso sem fazer
[nada disso);
Talvez tenhas existido apenas, como um lagarto a quem cortam
[o rabo
E que é rabo para aquém do lagarto remexidamente.

Fiz de mim o que não soube,
E o que podia fazer de mim não o fiz.
O dominó que vesti era errado.
Conheceram-me logo por quem não era e não desmenti, e
[perdi-me.
Quando quis tirar a máscara,
Estava pegada à cara.
Quando a tirei e me vi ao espelho,
Já tinha envelhecido.
Estava bêbado, já não sabia vestir o dominó que não tinha tirado.
Deitei fora a máscara e dormi no vestiário
Como um cão tolerado pela gerência
Por ser inofensivo
E vou escrever esta história para provar que sou sublime.

Essência musical dos meus versos inúteis,
Quem me dera encontrar-te como coisa que eu fizesse,
E não ficasse sempre defronte da Tabacaria de defronte,

Calcando aos pés a consciência de estar existindo,
Como um tapete em que um bêbado tropeça
Ou um capacho que os ciganos roubaram e não valia nada.

Mas o Dono da Tabacaria chegou à porta e ficou à porta.
Olho-o com o desconforto da cabeça mal voltada
E com o desconforto da alma mal-entendendo.
Ele morrerá e eu morrerei.
Ele deixará a tabuleta, eu deixarei versos.
A certa altura morrerá a tabuleta também, e os versos também.
Depois de certa altura morrerá a rua onde esteve a tabuleta,
E a língua em que foram escritos os versos.
Morrerá depois o planeta girante em que tudo isto se deu.
Em outros satélites de outros sistemas qualquer coisa como gente
Continuará fazendo coisas como versos e vivendo por baixo
[de coisas como tabuletas,
Sempre uma coisa defronte da outra,
Sempre uma coisa tão inútil como a outra,
Sempre o impossível tão estúpido como o real,
Sempre o mistério do fundo tão certo como o sono de mistério
[da superfície,
Sempre isto ou sempre outra coisa ou nem uma coisa nem outra.
Mas um homem entrou na Tabacaria (para comprar tabaco?),
E a realidade plausível cai de repente em cima de mim.
Semiergo-me enérgico, convencido, humano,
E vou tencionar escrever estes versos em que digo o contrário.

Acendo um cigarro ao pensar em escrevê-los
E saboreio no cigarro a libertação de todos os pensamentos.
Sigo o fumo como a uma rota própria,
E gozo, num momento sensitivo e competente,
A libertação de todas as especulações
E a consciência de que a metafísica é uma consequência de
[estar mal disposto.

Depois deito-me para trás na cadeira
E continuo fumando.
Enquanto o Destino mo conceder, continuarei fumando.

(Se eu casasse com a filha da minha lavadeira

Talvez fosse feliz.)
Visto isto, levanto-me da cadeira. Vou à janela.

O homem saiu da Tabacaria (metendo troco na algibeira das
[calças?).

Ah, conheço-o: é o Esteves sem metafísica.
(O Dono da Tabacaria chegou à porta.)
Como por um instinto divino o Esteves voltou-se e viu-me.
Acenou-me adeus, gritei-lhe *Adeus ó Esteves!*, e o universo
Reconstruiu-se-me sem ideal nem esperança, e o Dono da
[Tabacaria sorriu.

ESCRITO NUM LIVRO ABANDONADO EM VIAGEM

[252] 1928?

Venho dos lados de Beja.
Vou para o meio de Lisboa.
Não trago nada e não acharei nada.
Tenho o cansaço antecipado do que não acharei,
E a saudade que sinto não é nem no passado nem do futuro.
Deixo escrita neste livro a imagem do meu desígnio morto:
Fui, como ervas, e não me arrancaram.

APOSTILA

[253] 11-4-1928

Aproveitar o tempo!
Mas o que é o tempo, para que eu o aproveite?
Aproveitar o tempo!
Nenhum dia sem linha…
O trabalho honesto e superior…
O trabalho à Virgílio, à Milton…
Mas é tão difícil ser honesto ou ser superior!
É tão pouco provável ser Milton ou ser Virgílio!

Aproveitar o tempo!
Tirar da alma os bocados precisos — nem mais nem menos —
Para com eles juntar os cubos ajustados
Que fazem gravuras certas na história
(E estão certas também do lado de baixo, que se não vê)…
Pôr as sensações em castelo de cartas, pobre China dos serões,
E os pensamentos em dominó, igual contra igual,
E a vontade em carambola difícil…
Imagens de jogos ou de paciências ou de passatempos —
Imagens da vida, imagens das vidas, Imagem da Vida…

Verbalismo…
Sim, verbalismo…
Aproveitar o tempo!
Não ter um minuto que o exame de consciência desconheça…
Não ter um ato indefinido nem factício…
Não ter um movimento desconforme com propósitos…
Boas maneiras da alma…
Elegância de persistir…

Aproveitar o tempo!
Meu coração está cansado como um mendigo verdadeiro.
Meu cérebro está pronto como um fardo posto ao canto.
Meu canto (verbalismo!) está tal como está e é triste.
Aproveitar o tempo!
Desde que comecei a escrever passaram cinco minutos.
Aproveitei-os ou não?
Se não sei se os aproveitei, que saberei de outros minutos?!

(Passageira que viajavas tantas vezes no mesmo compartimento
[comigo

No comboio suburbano,
Chegaste a interessar-te por mim?
Aproveitei o tempo olhando para ti?
Qual foi o ritmo do nosso sossego no comboio andante?

Qual foi o entendimento que não chegamos a ter?
Qual foi a vida que houve nisto? Que foi isto à vida?)

Aproveitar o tempo!…
Ah, deixem-me não aproveitar nada!
Nem tempo, nem ser, nem memórias de tempo ou de ser!
Deixem-me ser uma folha de árvore, titilada por brisas,
A poeira de uma estrada, involuntária e sozinha,
O regato casual das chuvas que vão acabando,
O vinco deixado na estrada pelas rodas enquanto não vêm outras,
O peão do garoto, que vai a parar,
E oscila, no mesmo movimento que o da terra,
E estremece, no mesmo movimento que o da alma,
E cai, como caem os deuses, no chão do Destino.

DEMOGORGON

[254] 12-4-1928

Na rua cheia de sol vago há casas paradas e gente que anda.
Uma tristeza cheia de pavor esfria-me.
Pressinto um acontecimento do lado de lá das frontarias e dos
[movimentos.

Não, não, isso não!
Tudo menos saber o que é o Mistério!
Superfície do Universo, ó Pálpebras Descidas,
Não vos ergais nunca!
O olhar da Verdade Final não deve poder suportar-se!

Deixai-me viver sem saber nada, e morrer sem ir saber nada!
A razão de haver ser, a razão de haver seres, de haver tudo,
Deve trazer uma loucura maior que os espaços
Entre as almas e entre as estrelas.

Não, não, a verdade não! Deixai-me estas casas e esta gente;
Assim mesmo, sem mais nada, estas casas e esta gente…

Que bafo horrível e frio me toca em olhos fechados?
Não os quero abrir de viver! Ó Verdade, esquece-te de mim!

ADIAMENTO

[255] 14-4-1928

Depois de amanhã, sim, só depois de amanhã…
Levarei amanhã a pensar em depois de amanhã,
E assim será possível; mas hoje não…
Não, hoje nada; hoje não posso.
A persistência confusa da minha subjetividade objetiva,
O sono da minha vida real, intercalado,
O cansaço antecipado e infinito,
Um cansaço de mundos para apanhar um elétrico…
Esta espécie de alma…
Só depois de amanhã…
Hoje quero preparar-me,
Quero preparar-me para pensar amanhã no dia seguinte…
Ele é que é decisivo.
Tenho já o plano traçado; mas não, hoje não traço planos…
Amanhã é o dia dos planos.
Amanhã sentar-me-ei à secretária para conquistar o mundo;
Mas só conquistarei o mundo depois de amanhã…
Tenho vontade de chorar,
Tenho vontade de chorar muito de repente, de dentro…

Não, não queiram saber mais nada, é segredo, não digo.
Só depois de amanhã…
Quando era criança o circo de domingo divertia-me toda a
[semana.
Hoje só me diverte o circo de domingo de toda a semana da
[minha infância…

Depois de amanhã serei outro,
A minha vida triunfar-se-á,
Todas as minhas qualidades reais de inteligente, lido e prático

Serão convocadas por um edital…
Mas por um edital de amanhã…
Hoje quero dormir, redigirei amanhã…
Por hoje, qual é o espetáculo que me repetiria a infância?
Mesmo para eu comprar os bilhetes amanhã,
Que depois de amanhã é que está bem o espetáculo…

Antes, não…
Depois de amanhã terei a pose pública que amanhã estudarei.
Depois de amanhã serei finalmente o que hoje não posso nunca ser.
Só depois de amanhã…
Tenho sono como o frio de um cão vadio.
Tenho muito sono.
Amanhã te direi as palavras, ou depois de amanhã…
Sim, talvez só depois de amanhã…

O porvir…
Sim, o porvir…

[256] 15-4-1928

Mestre, meu mestre querido!
Coração do meu corpo intelectual e inteiro!
Vida da origem da minha inspiração!
Mestre, que é feito de ti nesta forma de vida?

Não cuidaste se morrerias, se viverias, nem de ti nem de nada,
Alma abstrata e visual até aos ossos,
Atenção maravilhosa ao mundo exterior sempre múltiplo,
Refúgio das saudades de todos os deuses antigos,
Espírito humano da terra materna,
Flor acima do dilúvio da inteligência subjetiva…

Mestre, meu mestre!
Na angústia sensacionista de todos os dias sentidos,
Na mágoa quotidiana das matemáticas de ser,

Eu, escravo de tudo como um pó de todos os ventos,
Ergo as mãos para ti, que estás longe, tão longe de mim!

Meu mestre e meu guia!
A quem nenhuma coisa feriu, nem doeu, nem perturbou,
Seguro como um sol fazendo o seu dia involuntariamente,
Natural como um dia mostrando tudo,
Meu mestre, meu coração não aprendeu a tua serenidade.
Meu coração não aprendeu nada.

Meu coração não é nada.
Meu coração está perdido.

Mestre, só seria como tu se tivesse sido tu.
Que triste a grande hora alegre em que primeiro te ouvi!
Depois tudo é cansaço neste mundo subjetivado,
Tudo é esforço neste mundo onde se querem coisas,
Tudo é mentira neste mundo onde se pensam coisas,
Tudo é outra coisa neste mundo onde tudo se sente.
Depois, tenho sido como um mendigo deixado ao relento
Pela indiferença de toda a vila.
Depois, tenho sido como as ervas arrancadas,
Deixadas aos molhos em alinhamentos sem sentido.
Depois, tenho sido eu, sim eu, por minha desgraça,
E eu, por minha desgraça, não sou eu nem outro nem ninguém.
Depois, mas porque é que ensinaste a clareza da vista,
Se não me podias ensinar a ter a alma com que a ver clara?
Por que é que me chamaste para o alto dos montes
Se eu, criança das cidades do vale, não sabia respirar?
Por que é que me deste a tua alma se eu não sabia que fazer dela
Como quem está carregado de ouro num deserto,
Ou canta com voz divina entre ruínas?
Por que é que me acordaste para a sensação e a nova alma,
Se eu não saberei sentir, se a minha alma é de sempre a minha?

Prouvera ao Deus ignoto que eu ficasse sempre aquele

Poeta decadente, estupidamente pretensioso,
Que poderia ao menos vir a agradar,
E não surgisse em mim a pavorosa ciência de ver.
Para que me tornaste eu? Deixasses-me ser humano!

Feliz o homem marçano,
Que tem a sua tarefa quotidiana normal, tão leve ainda que pesada,
Que tem a sua vida usual,
Para quem o prazer é prazer e o recreio é recreio,
Que dorme sono,
Que come comida,
Que bebe bebida, e por isso tem alegria.

A calma que tinhas, deste-ma, e foi-me inquietação.
Libertaste-me, mas o destino humano é ser escravo.
Acordaste-me, mas o sentido de ser humano é dormir.

[257] 11-5-1928

Na noite terrível, substância natural de todas as noites,
Na noite de insônia, substância natural de todas as minhas noites,
Relembro, velando em modorra incômoda,
Relembro o que fiz e o que podia ter feito na vida.
Relembro, e uma angústia
Espalha-se por mim todo como um frio do corpo ou um medo.
O irreparável do meu passado — esse é que é o cadáver!
Todos os outros cadáveres pode ser que sejam ilusão.
Todos os mortos pode ser que sejam vivos noutra parte.
Todos os meus próprios momentos passados pode ser que
[existam algures,
Na ilusão do espaço e do tempo,
Na falsidade do decorrer.

Mas o que eu não fui, o que eu não fiz, o que nem sequer sonhei;
O que só agora vejo que deveria ter feito,
O que só agora claramente vejo que deveria ter sido —

Isso é que é morto para além de todos os Deuses,
Isso — e foi afinal o melhor de mim — é que nem os Deuses
[fazem viver…

Se em certa altura
Tivesse voltado para a esquerda em vez de para a direita;
Se em certo momento
Tivesse dito sim em vez de não, ou não em vez de sim;
Se em certa conversa
Tivesse tido as frases que só agora, no meio-sono, elaboro —
Se tudo isso tivesse sido assim,
Seria outro hoje, e talvez o universo inteiro
Seria insensivelmente levado a ser outro também.

Mas não virei para o lado irreparavelmente perdido,
Não virei nem pensei em virar, e só agora o percebo;
Mas não disse não ou não disse sim, e só agora vejo o que não disse;
Mas as frases que faltou dizer nesse momento surgem-me todas,
Claras, inevitáveis, naturais,
A conversa fechada concludentemente,
A matéria toda resolvida…
Mas só agora o que nunca foi, nem será para trás, me dói.

O que falhei deveras não tem 'sperança nenhuma,
Em sistema metafísico nenhum.
Pode ser que para outro mundo eu possa levar o que sonhei,
Mas poderei eu levar para outro mundo o que me esqueci de
[sonhar?
Esses sim, os sonhos por haver, é que são o cadáver.
Enterro-o no meu coração para sempre, para todo o tempo, para
[todos os universos,

Nesta noite em que não durmo, e o sossego me cerca
Como uma verdade de que não partilho,
E lá fora o luar, como a esperança que não tenho, é invisível
[pra mim.

[258] 11-5-1928

Ao volante do Chevrolet pela estrada de Sintra,
Ao luar e ao sonho, na estrada deserta,
Sozinho guio, guio quase devagar, e um pouco
Me parece, ou me forço um pouco para que me pareça,
Que sigo por outra estrada, por outro sonho, por outro mundo,
Que sigo sem haver Lisboa deixada ou Sintra a que ir ter,
Que sigo, e que mais haverá em seguir senão não parar mas seguir?

Vou passar a noite a Sintra por não poder passá-la em Lisboa,
Mas, quando chegar a Sintra, terei pena de não ter ficado em Lisboa.
Sempre esta inquietação sem propósito, sem nexo, sem consequência,
Sempre, sempre, sempre,

Esta angústia excessiva do espírito por coisa nenhuma,
Na estrada de Sintra, ou na estrada do sonho, ou na estrada
[da vida…

Maleável aos meus movimentos subconscientes no volante,
Galga sob mim comigo o automóvel que me emprestaram.
Sorrio do símbolo, ao pensar nele, e ao virar à direita.
Em quantas coisas que me emprestaram eu sigo no mundo!
Quantas coisas que me emprestaram guio como minhas!
Quanto que me emprestaram, ai de mim!, eu próprio sou!

À esquerda o casebre — sim, o casebre — à beira da estrada.
À direita o campo aberto, com a lua ao longe.
O automóvel, que parecia há pouco dar-me liberdade,
É agora uma coisa onde estou fechado,
Que só posso conduzir se nele estiver fechado,
Que só domino se me incluir nele, se ele me incluir a mim.

À esquerda lá para trás o casebre modesto, mais que modesto.
A vida ali deve ser feliz, só porque não é a minha.
Se alguém me viu da janela do casebre, sonhará: Aquele é que

[é feliz.
Talvez à criança espreitando pelos vidros da janela do andar
[que está em cima
Fiquei (com o automóvel emprestado) como um sonho, uma
[fada real.
Talvez à rapariga que olhou, ouvindo o motor, pela janela da cozinha
No pavimento térreo,
Sou qualquer coisa do príncipe de todo o coração de rapariga,
E ela me olhará de esguelha, pelos vidros, até à curva em que
[me perdi.
Deixarei sonhos atrás de mim, ou é o automóvel que os deixa?

Eu, guiador do automóvel emprestado, ou o automóvel
[emprestado que eu guio?

Na estrada de Sintra ao luar, na tristeza, ante os campos e a noite,
Guiando o Chevrolet emprestado desconsoladamente,
Perco-me na estrada futura, sumo-me na distância que alcanço,

E, num desejo terrível, súbito, violento, inconcebível,
Acelero…
Mas o meu coração ficou no monte de pedras, de que me desviei
[ao vê-lo sem vê-lo,
À porta do casebre,
O meu coração vazio,
O meu coração insatisfeito,
O meu coração mais humano do que eu, mais exato que a vida.

Na estrada de Sintra, perto da meia-noite, ao luar, ao volante,
Na estrada de Sintra, que cansaço da própria imaginação,
Na estrada de Sintra, cada vez mais perto de Sintra,
Na estrada de Sintra, cada vez menos perto de mim…

NUVENS

[259] 13-5-1928

No dia triste o meu coração mais triste que o dia…
Obrigações morais e civis?
Complexidade de deveres, de consequências?
Não, nada…
O dia triste, a pouca vontade para tudo…
Nada…

Outros viajam (também viajei), outros estão ao sol
(Também estive ao sol, ou supus que estive),
Todos têm razão, ou vida, ou ignorância simétrica,
Vaidade, alegria e sociabilidade,
E emigram para voltar, ou para não voltar,
Em navios que os transportam simplesmente.
Não sentem o que há de morte em toda a partida,
De mistério em toda a chegada,
De horrível em todo o novo…

Não sentem: por isso são deputados e financeiros,
Dançam e são empregados no comércio,
Vão a todos os teatros e conhecem gente…
Não sentem: para que haveriam de sentir?

Gado vestido dos currais dos Deuses,
Deixá-lo passar engrinaldado para o sacrifício
Sob o sol, álacre, vivo, contente de sentir-se…
Deixai-o passar, mas ai, vou com ele sem grinalda
Para o mesmo destino!
Vou com ele sem o sol que sinto, sem a vida que tenho,
Vou com ele sem desconhecer…

No dia triste o meu coração mais triste que o dia…
No dia triste todos os dias…
No dia tão triste…

[260] 17-6-1929

Ah a frescura na face de não cumprir um dever!
Faltar é positivamente estar no campo!
Que refúgio o não se poder ter confiança em nós!
Respiro melhor agora que passaram as horas dos encontros.
Faltei a todos, com uma deliberação do desleixo,
Fiquei esperando a vontade de ir para lá, que eu saberia que
[não vinha.
Sou livre, contra a sociedade organizada e vestida.
Estou nu, e mergulho na água da minha imaginação.
É tarde para eu estar em qualquer dos dois pontos onde estaria
[à mesma hora,
Deliberadamente à mesma hora…
Está bem, ficarei aqui sonhando versos e sorrindo em itálico.
É tão engraçada esta parte assistente da vida!
Até não consigo acender o cigarro seguinte… Se é um gesto,
Fique com os outros, que me esperam, no desencontro que é
[a vida.

THE TIMES

[261] 16-8-1928

Sentou-se bêbado à mesa e escreveu um fundo
Do *Times*, claro, inclassificável, lido,
Supondo (coitado!) que ia ter influência no mundo…

Santo Deus!… E talvez a tenha tido!

GAZETILHA

[262] 1928?-1929?

Dos Lloyd Georges da Babilônia
Não reza a história nada.
Dos Briands da Assíria ou do Egito,
Dos Trotskys de qualquer colônia
Grega ou romana já passada,
O nome é morto, inda que escrito.

Só o parvo dum poeta, ou um louco
Que fazia filosofia,
Ou um geômetra maduro,
Sobrevive a esse tanto pouco
Que está lá para trás no escuro
E nem a história já historia.

Ó grandes homens do Momento!
Ó grandes glórias a ferver
De quem a obscuridade foge!
Aproveitem sem pensamento!
Tratem da fama e do comer,
Que amanhã é dos loucos de hoje!

INSÔNIA

[263] 27-3-1929

Não durmo, nem espero dormir.
Nem na morte espero dormir.

Espera-me uma insônia da largura dos astros,
E um bocejo inútil do comprimento do mundo.

Não durmo; não posso ler quando acordo de noite,
Não posso escrever quando acordo de noite,
Não posso pensar quando acordo de noite —
Meu Deus, nem posso sonhar quando acordo de noite!

Ah, o ópio de ser outra pessoa qualquer!

Não durmo, jazo, cadáver acordado, sentindo,
E o meu sentimento é um pensamento vazio.
Passam por mim, transtornadas, coisas que me sucederam
— Todas aquelas de que me arrependo e me culpo;
Passam por mim, transtornadas, coisas que me não sucederam
— Todas aquelas de que me arrependo e me culpo;

Passam por mim, transtornadas, coisas que não são nada,
E até dessas me arrependo, me culpo, e não durmo.

Não tenho força para ter energia para acender um cigarro.
Fito a parede fronteira do quarto como se fosse o universo.
Lá fora há o silêncio dessa coisa toda.
Um grande silêncio apavorante noutra ocasião qualquer,
Noutra ocasião qualquer em que eu pudesse sentir.

Estou escrevendo versos realmente simpáticos —
Versos a dizer que não tenho nada que dizer,
Versos a teimar em dizer isso,
Versos, versos, versos, versos, versos…
Tantos versos…
E a verdade toda, e a vida toda fora deles e de mim!

Tenho sono, não durmo, sinto e não sei em que sentir.
Sou uma sensação sem pessoa correspondente,
Uma abstração de autoconsciência sem de quê,
Salvo o necessário para sentir consciência,
Salvo — sei lá salvo o quê…

Não durmo. Não durmo. Não durmo.
Que grande sono em toda a cabeça e em cima dos olhos e na alma!
Que grande sono em tudo exceto no poder dormir!

Ó madrugada, tardas tanto… Vem…
Vem, inutilmente,
Trazer-me outro dia igual a este, a ser seguido por outra noite igual
[a esta…
Vem trazer-me a alegria dessa esperança triste,
Porque sempre és alegre, e sempre trazes esperança,
Segundo a velha literatura das sensações.

Vem, traz a esperança, vem, traz a esperança.
O meu cansaço entra pelo colchão dentro.

Doem-me as costas de não estar deitado de lado.
Se estivesse deitado de lado doíam-me as costas de estar deitado
[de lado.

Vem, madrugada, chega!

Que horas são? Não sei.
Não tenho energia para estender uma mão para o relógio,
Não tenho energia para nada, nem para mais nada…
Só para estes versos, escritos no dia seguinte.
Sim, escritos no dia seguinte.
Todos os versos são sempre escritos no dia seguinte.

Noite absoluta, sossego absoluto, lá fora.
Paz em toda a Natureza.
A humanidade repousa e esquece as suas amarguras.
Exatamente.
A humanidade esquece as suas alegrias e amarguras.
Costuma dizer-se isto.
A humanidade esquece, sim, a humanidade esquece,
Mas mesmo acordada a humanidade esquece.
Exatamente. Mas não durmo.

ACASO

[264] 27-3-1929

No acaso da rua o acaso da rapariga loura.
Mas não, não é aquela.

A outra era noutra rua, noutra cidade, e eu era outro.

Perco-me subitamente da visão imediata,
Estou outra vez na outra cidade, na outra rua,
E a outra rapariga passa.

Que grande vantagem o recordar intransigentemente!

Agora tenho pena de nunca mais ter visto a outra rapariga,
E tenho pena de afinal nem sequer ter olhado para esta.

Que grande vantagem trazer a alma virada do avesso!
Ao menos escrevem-se versos.
Escrevem-se versos, passa-se por doido, e depois por gênio, se calhar,
Se calhar, ou até sem calhar,
Maravilha das celebridades!

Ia eu dizendo que ao menos escrevem-se versos…
Mas isto era a respeito de uma rapariga,
De uma rapariga loura,
Mas qual delas?
Havia uma que vi há muito tempo numa outra cidade,
Numa outra espécie de rua;
E houve esta que vi há muito tempo numa outra cidade
Numa outra espécie de rua;
Porque todas as recordações são a mesma recordação,
Tudo que foi é a mesma morte,
Ontem, hoje, quem sabe se até amanhã?

Um transeunte olha para mim com uma estranheza ocasional.
Estaria eu a fazer versos em gestos e caretas?
Pode ser… A rapariga loura?
É a mesma afinal…
Tudo é o mesmo afinal…

Só eu, de qualquer modo não sou o mesmo, e isso é o mesmo
[também afinal.

RETICÊNCIAS

[265] 15-5-1929

Arrumar a vida, pôr prateleiras na vontade e na ação…
Quero fazer isto agora, como sempre quis, com o mesmo resultado;
Mas que bom ter o propósito claro, firme só na clareza, de

[fazer qualquer coisa!

Vou fazer as malas para o Definitivo,
Organizar Álvaro de Campos,
E amanhã ficar na mesma coisa que antes de ontem — um
[antes de ontem que é sempre…
Sorrio do conhecimento antecipado da coisa-nenhuma que serei.
Sorrio ao menos; sempre é alguma coisa o sorrir…
Produtos românticos, nós todos…
E se não fôssemos produtos românticos, se calhar não seríamos nada.
Assim se faz a literatura…
Santos Deuses, assim até se faz a vida!

Os outros também são românticos,
Os outros também não realizam nada, e são ricos e pobres,
Os outros também levam a vida a olhar para as malas a arrumar,
Os outros também dormem ao lado dos papéis meio compostos,
Os outros também são eu.

Vendedeira da rua cantando o teu pregão como um hino
[inconsciente,
Rodinha dentada na relojoaria da economia política,
Mãe, presente ou futura, de mortos no descascar dos Impérios,
A tua voz chega-me como uma chamada a parte nenhuma,
[como o silêncio da vida…
Olho dos papéis que estou pensando em arrumar para a janela
[por onde não vi a vendedeira que ouvi por ela,
E o meu sorriso, que ainda não acabara, acaba no meu cérebro
[em metafísica.
Descri de todos os deuses diante de uma secretária por arrumar,
Fitei de frente todos os destinos pela distração do ouvir
[apregoando,
E o meu cansaço é um barco velho que apodrece na praia deserta,
E com esta imagem de qualquer outro poeta fecho a secretária
[e o poema…
Como um deus, não arrumei nem uma coisa nem outra…

APONTAMENTO

[266] 1929

A minha alma partiu-se como um vaso vazio.
Caiu pela escada excessivamente abaixo.
Caiu das mãos da criada descuidada.
Caiu, fez-se em mais pedaços do que havia louça no vaso.

Asneira? Impossível? Sei lá!
Tenho mais sensações do que tinha quando me sentia eu.
Sou um espalhamento de cacos sobre um capacho por sacudir.

Fiz barulho na queda como um vaso que se partia.
Os deuses que há debruçam-se do parapeito da escada.
E fitam os cacos que a criada deles fez de mim.

Não se zangam com ela.
São tolerantes com ela.
O que era eu um vaso vazio?

Olham os cacos absurdamente conscientes,
Mas conscientes de si mesmos, não conscientes deles.

Olham e sorriem.
Sorriem tolerantes à criada involuntária.

Alastra a grande escadaria atapetada de estrelas.
Um caco brilha, virado do exterior lustroso, entre os astros.
A minha obra? A minha alma principal? A minha vida?
Um caco.
E os deuses olham-o especialmente, pois não sabem por que
[ficou ali.

DE LA MUSIQUE

[267] 17-9-1929

Ah, pouco a pouco, entre as árvores antigas,
A figura dela emerge, e eu deixo de pensar…

Pouco a pouco da angústia de mim vou eu mesmo emergindo…

As duas figuras encontram-se na clareira ao pé do lago…

… As duas figuras sonhadas,
Porque isto foi só um raio de luar e uma tristeza minha,
E uma suposição de outra coisa,
E o resultado de existir…

Verdadeiramente, ter-se-iam encontrado as duas figuras
Na clareira ao pé do lago?
(…Mas se não existem?…)

… Na clareira ao pé do lago……

ANIVERSÁRIO

[268] 15-10-1929

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu era feliz e ninguém estava morto.
Na casa antiga, até eu fazer anos era uma tradição de há séculos,
E a alegria de todos, e a minha, estava certa com uma religião
[qualquer.

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos,
Eu tinha a grande saúde de não perceber coisa nenhuma,
De ser inteligente para entre a família,
E de não ter as esperanças que os outros tinham por mim.
Quando vim a ter esperanças, já não sabia ter esperanças.
Quando vim a olhar para a vida, perdera o sentido da vida.

Sim, o que fui de suposto a mim mesmo,
O que fui de coração e parentesco,

O que fui de serões de meia-província,
O que fui de amarem-me e eu ser menino,
O que fui, ai, meu Deus!, o que só hoje sei que fui…
A que distância!…
(Nem o acho…)
O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!

O que eu sou hoje é como a umidade no corredor do fim da casa,
Pondo grelado nas paredes…
O que eu sou hoje (e a casa dos que me amaram treme através
[das minhas lágrimas),
O que eu sou hoje é terem vendido a casa,
É terem morrido todos,
É estar eu sobrevivente a mim mesmo como um fósforo frio…

No tempo em que festejavam o dia dos meus anos…
Que meu amor, como uma pessoa, esse tempo!
Desejo físico da alma de se encontrar ali outra vez,
Por uma viagem metafísica e carnal,

Com uma dualidade de eu para mim…
Comer o passado como pão de fome, sem tempo de manteiga
[nos dentes!

Vejo tudo outra vez com uma nitidez que me cega para o que
[há aqui…
A mesa posta com mais lugares, com melhores desenhos na
[louça, com mais copos,
O aparador com muitas coisas — doces, frutas, o resto na sombra
[debaixo do alçado —,
As tias velhas, os primos diferentes, e tudo era por minha causa,
No tempo em que festejavam o dia dos meus anos…

Para, meu coração!
Não penses! Deixa o pensar na cabeça!
Ó meu Deus, meu Deus, meu Deus!

Hoje já não faço anos.
Duro.
Somam-se-me dias.
Serei velho quando o for.
Mais nada.
Raiva de não ter trazido o passado roubado na algibeira!

O tempo em que festejavam o dia dos meus anos!…

[269] 31-12-1929

Nunca, por mais que viaje, por mais que conheça
O sair de um lugar, o chegar a um lugar, conhecido ou desconhecido,
Perco, ao partir, ao chegar, e na linha móbil que os une,
A sensação de arrepio, o medo do novo, a náusea —
Aquela náusea que é o sentimento que sabe que o corpo tem a alma.
Trinta dias de viagem, três dias de viagem, três horas de viagem —
Sempre a opressão se infiltra no fundo do meu coração.

BICARBONATO DE SODA

[270] 20-6-1930

Súbita, uma angústia…
Ah, que angústia, que náusea do estômago à alma!
Que amigos que tenho tido!
Que vazias de tudo as cidades que tenho percorrido!
Que esterco metafísico os meus propósitos todos!

Uma angústia,
Uma desconsolação da epiderme da alma,
Um deixar cair os braços ao sol-pôr do esforço…
Renego.
Renego tudo.
Renego mais do que tudo.
Renego a gládio e fim todos os Deuses e a negação deles.
Mas o que é que me falta, que o sinto faltar-me no estômago

[e na circulação do sangue?
Que atordoamento vazio me esfalfa no cérebro?

Devo tomar qualquer coisa ou suicidar-me?
Não: vou existir. Arre! Vou existir.
E-xis-tir…
E--xis--tir…

Meu Deus! Que budismo me esfria no sangue!
Renunciar de portas todas abertas,
Perante a paisagem todas as paisagens,
Sem esperança, em liberdade,
Sem nexo,
Acidente da inconsequência da superfície das coisas,
Monótono mas dorminhoco,
E que brisas quando as portas e as janelas estão todas abertas!
Que verão agradável dos outros!

Deem-me de beber, que não tenho sede!

TRAPO

[271] 10-9-1930

O dia deu em chuvoso.
A manhã, contudo, estava bastante azul.
O dia deu em chuvoso.
Desde manhã eu estava um pouco triste.

Antecipação? tristeza? coisa nenhuma?
Não sei: já ao acordar estava triste.
O dia deu em chuvoso.

Bem sei: a penumbra da chuva é elegante.
Bem sei: o sol oprime, por ser tão ordinário, um elegante.
Bem sei: ser suscetível às mudanças de luz não é elegante.
Mas quem disse ao sol ou aos outros que eu quero ser elegante?

Deem-me o céu azul e o sol visível.
Névoa, chuvas, escuros — isso tenho eu em mim.

Hoje quero só sossego.
Até amaria o lar, desde que o não tivesse.
Chego a ter sono de vontade de ter sossego.
Não exageremos!
Tenho efetivamente sono, sem explicação.
O dia deu em chuvoso.

Carinhos? Afetos? São memórias…
É preciso ser-se criança para os ter…
Minha madrugada perdida, meu céu azul verdadeiro!
O dia deu em chuvoso.

Boca bonita da filha do caseiro,
Polpa de fruta de um coração por comer…
Quando foi isso? Não sei…
No azul da manhã…

O dia deu em chuvoso.

[272] 21-9-1930

Chega através do dia de névoa alguma coisa do esquecimento.
Vem brandamente com a tarde a oportunidade da perda.
Adormeço sem dormir, ao relento da vida.

É inútil dizer-me que as ações têm consequências.
É inútil eu saber que as ações usam consequências.
É inútil tudo, é inútil tudo, é inútil tudo.

Através do dia de névoa não chega coisa nenhuma.

Tinha agora vontade
De ir esperar ao comboio da Europa o viajante anunciado,
De ir ao cais ver entrar o navio e ter pena de tudo.

Não vem com a tarde oportunidade nenhuma.

[273] 4-9-1930

Grandes são os desertos, e tudo é deserto.
Não são algumas toneladas de pedras ou tijolos ao alto
Que disfarçam o solo, o tal solo que é tudo.
Grandes são os desertos e as almas desertas e grandes —
Desertas porque não passa por elas senão elas mesmas,
Grandes porque de ali se vê tudo, e tudo morreu.

Grandes são os desertos, minha alma!
Grandes são os desertos.

Não tirei bilhete para a vida,
Errei a porta do sentimento,
Não houve vontade ou ocasião que eu não perdesse.
Hoje não me resta, em vésperas de viagem,
Com a mala aberta esperando a arrumação adiada,
Sentado na cadeira em companhia com as camisas que não cabem,
Hoje não me resta (à parte o incômodo de estar assim sentado)

Senão saber isto:
Grandes são os desertos, e tudo é deserto.
Grande é a vida, e não vale a pena haver vida.

Arrumo melhor a mala com os olhos de pensar em arrumar
Que com arrumação das mãos factícias (e creio que digo bem).
Acendo um cigarro para adiar a viagem,
Para adiar todas as viagens,
Para adiar o universo inteiro.

Volta amanhã, realidade!
Basta por hoje, gentes!
Adia-te, presente absoluto!
Mais vale não ser que ser assim.

Comprem chocolates à criança a quem sucedi por erro,
E tirem a tabuleta porque amanhã é infinito.

Mas tenho que arrumar a mala,
Tenho por força que arrumar a mala,
A mala.

Não posso levar as camisas na hipótese e a mala na razão.
Sim, toda a vida tenho tido que arrumar a mala.
Mas também, toda a vida, tenho ficado sentado sobre o canto
[das camisas empilhadas,
A ruminar, como um boi que não chegou a Ápis, destino.

Tenho que arrumar a mala de ser.
Tenho que existir a arrumar malas.
A cinza do cigarro cai sobre a camisa de cima do monte.
Olho para o lado, verifico que estou a dormir.
Sei só que tenho que arrumar a mala,
E que os desertos são grandes e tudo é deserto,
E qualquer parábola a respeito disto, mas dessa é que já me esqueci.

Ergo-me de repente todos os Césares.
Vou definitivamente arrumar a mala.
Arre, hei de arrumá-la e fechá-la;

Hei de vê-la levar de aqui,
Hei de existir independentemente dela.

Grandes são os desertos e tudo é deserto,
Salvo erro, naturalmente.
Pobre da alma humana com oásis só no deserto ao lado!

Mais vale arrumar a mala.
Fim.

[274] 14-10-1930

Cruz na porta da tabacaria!
Quem morreu? O próprio Alves? Dou
Ao diabo o bem-star que trazia.
Desde ontem a cidade mudou.

Quem era? Ora, era quem eu via.
Todos os dias o via. Estou
Agora sem essa monotonia.
Desde ontem a cidade mudou.

Ele era o dono da tabacaria.
Um ponto de referência de quem sou.
Eu passava ali de noite e de dia.
Desde ontem a cidade mudou.

Meu coração tem pouca alegria,
E isto diz que é morte aquilo onde estou.
Horror fechado da tabacaria!
Desde ontem a cidade mudou.

Mas ao menos a ele alguém o via,
Ele era fixo, eu, o que vou,
Se morrer, não falto, e ninguém diria:
Desde ontem a cidade mudou.

[275] 14-3-1931

Tenho uma grande constipação,
E toda a gente sabe como as grandes constipações
Alteram todo o sistema do universo,
Zangam-nos contra a vida,
E fazem espirrar até à metafísica.
Tenho o dia perdido cheio de me assoar.
Dói-me a cabeça indistintamente.
Triste condição para um poeta menor!
Hoje sou verdadeiramente um poeta menor.

O que fui outrora foi um desejo; partiu-se.

Adeus para sempre, rainha das fadas!
As tuas asas eram de sol, e eu cá vou andando.
Não estarei bem se não me deitar na cama.
Nunca estive bem senão deitando-me no universo.

Excusez du peu… Que grande constipação física!
Preciso de verdade e de aspirina.

[276] 6-8-1931

Sim, sou eu, eu mesmo, tal qual resultei de tudo,
Espécie de acessório ou sobresselente próprio,
Arredores irregulares da minha emoção sincera,
Sou eu aqui em mim, sou eu.

Quanto fui, quanto não fui, tudo isso sou.
Quanto quis, quanto não quis, tudo isso me forma.
Quanto amei ou deixei de amar é a mesma saudade em mim.

E, ao mesmo tempo, a impressão, um pouco inconsequente,
Como de um sonho formado sobre realidades mistas,
De me ter deixado, a mim, num banco de carro elétrico,
Para ser encontrado pelo acaso de quem se lhe ia sentar em cima.

E, ao mesmo tempo, a impressão, um pouco longínqua,
Como de um sonho que se quer lembrar na penumbra a que
[se acorda,
De haver melhor em mim do que eu.

Sim, ao mesmo tempo, a impressão um pouco dolorosa,
Como de um acordar sem sonhos para um dia de muitos credores,
De haver falhado tudo como tropeçar no capacho,
De haver embrulhado tudo como a mala sem as escovas,
De haver substituído qualquer coisa a mim algures na vida.

Baste! É a impressão um tanto ou quanto metafísica,
Como o sol pela última vez sobre a janela da casa a abandonar,
De que mais vale ser criança que querer compreender o mundo —
A impressão de pão com manteiga e brinquedos
De um grande sossego sem Jardins de Prosérpina,
De uma boa vontade para com a vida encostada de testa à janela,
Num ver chover com som lá fora
E não as lágrimas adultas de custar a engolir.

Baste, sim baste! Sou eu mesmo, o trocado,
O emissário sem carta nem credenciais,
O palhaço sem riso, o bobo com o grande fato de outro,
A quem tinem as campainhas da cabeça
Como chocalhos pequenos de uma servidão em cima.

Sou eu mesmo, a charada sincopada
Que ninguém da roda decifra nos serões de província.

Sou eu mesmo, que remédio!…

AH, UM SONETO…

[277] 12-10-1931

Meu coração é um almirante louco
Que abandonou a profissão do mar

E que a vai relembrando pouco a pouco
Em casa a passear, a passear…

No movimento (eu mesmo me desloco
Nesta cadeira, só de o imaginar)
O mar abandonado fica em foco
Nos músculos cansados de parar.

Há saudades nas pernas e nos braços.
Há saudades no cérebro por fora.

Há grandes raivas feitas de cansaços.

Mas — esta é boa! — era do coração
Que eu falava… e onde diabo estou agora
Com almirante em vez de sensação?…

REALIDADE

[278] 15-12-1932

Sim, passava aqui frequentemente há vinte anos…
Nada está mudado — ou, pelo menos, não dou por isso —
Nesta localidade da cidade…

Há vinte anos!…
O que eu era então! Ora, era outro…
Há vinte anos, e as casas não sabem de nada…

Vinte anos inúteis (e sei lá se o foram!
Sei eu o que é útil ou inútil?)…
Vinte anos perdidos (mas o que seria ganhá-los?)

Tento reconstruir na minha imaginação
Quem eu era e como era quando por aqui passava
Há vinte anos…
Não me lembro, não me posso lembrar.

O outro que aqui passava então,
Se existisse hoje, talvez se lembrasse…
Há tanta personagem de romance que conheço melhor por dentro
Do que esse eu mesmo que há vinte anos passava aqui!

Sim, o mistério do tempo.
Sim, o não se saber nada,
Sim, o termos todos nascido a bordo.
Sim, sim, tudo isso, ou outra forma de o dizer…

Daquela janela do segundo andar, ainda idêntica a si mesma,

Debruçava-se então uma rapariga mais velha que eu, mais lembra-
[damente de azul.

Hoje, se calhar, está o quê?
Podemos imaginar tudo do que nada sabemos.
Estou parado física e moralmente: não quero imaginar nada…

Houve um dia em que subi esta rua pensando alegremente
[no futuro,
Pois Deus dá licença que o que não existe seja fortemente
[iluminado.
Hoje, descendo esta rua nem no passado penso alegremente.
Quando muito, nem penso…
Tenho a impressão que as duas figuras se cruzaram na rua, nem
[então nem agora,
Mas aqui mesmo, sem tempo a perturbar o cruzamento.

Olhamos indiferentemente um para o outro.
E eu o antigo lá subi a rua imaginando um futuro girassol.
E eu o moderno lá desci a rua não imaginando nada.

Talvez isto realmente se desse…
Verdadeiramente se desse…
Sim, carnalmente se desse…

Sim, talvez…

[279] 17-1-1933

E o esplendor dos mapas, caminho abstrato para a imaginação
[concreta,
Letras e riscos irregulares abrindo para a maravilha.

O que de sonho jaz nas encadernações vetustas,
Nas assinaturas complicadas (ou tão simples e esguias) dos

[velhos livros.

(Tinta remota e desbotada aqui presente para além da morte,
O que de negado à nossa vida quotidiana vem nas ilustrações,
O que certas gravuras de anúncios sem querer anunciam.

Tudo quanto sugere, ou exprime o que não exprime,
Tudo o que diz o que não diz,
E a alma sonha, diferente e distraída.

Ó enigma visível do tempo, o nada vivo em que estamos!)

PSIQUETIPIA (OU PSICOTIPIA)

[280] 7-11-1933

Símbolos. Tudo símbolos…
Se calhar, tudo é símbolos…
Serás tu um símbolo também?

Olho, desterrado de ti, as tuas mãos brancas
Postas, com boas maneiras inglesas, sobre a toalha da mesa,
Pessoas independentes de ti…
Olho-as: também serão símbolos?
Então todo o mundo é símbolo e magia?
Se calhar é…
E porque não há de ser?

Símbolos…
Estou cansado de pensar…

Ergo finalmente os olhos para os teus olhos que me olham.
Sorris, sabendo bem em que eu estava pensando…

Meu Deus! e não sabes…
Eu pensava nos símbolos…
Respondo fielmente à tua conversa por cima da mesa…

“*It was very strange, wasn’t it?*”
“*Awfully strange. And how did it end?*”
“*Well, it didn’t end. It never does, you know*.”
Sim, *you know*… Eu sei…
Sim, eu sei…
É o mal dos símbolos, *you know*.
Yes, I know.
Conversa perfeitamente natural… Mas os símbolos?
Não tiro os olhos de tuas mãos… Quem são elas?
Meu Deus! Os símbolos… Os símbolos…

MAGNIFICAT

[281] 7-11-1933

Quando é que passará esta noite interna, o universo,
E eu, a minha alma, terei o meu dia?
Quando é que despertarei de estar acordado?
Não sei. O sol brilha alto,
Impossível de fitar.
As estrelas pestanejam frio,
Impossíveis de contar.
O coração pulsa alheio,
Impossível de escutar.
Quando é que passará este drama sem teatro,
Ou este teatro sem drama,
E recolherei a casa?
Onde? Como? Quando?
Gato que me fitas com olhos de vida, quem tens lá no fundo?
É esse! É esse!
Esse mandará como Josué parar o sol e eu acordarei;
E então será dia.

Sorri, dormindo, minha alma!
Sorri, minha alma, será dia!

PECADO ORIGINAL

[282] 7-12-1933

Ah, quem escreverá a história do que poderia ter sido?
Será essa, se também a escrever,
A verdadeira história da humanidade.

O que há é só o mundo verdadeiro, não é nós, só o mundo;
O que não há somos nós, e a verdade está aí.

Sou quem falhei ser.
Somos todos quem nos supusemos.
A nossa realidade é o que não conseguimos nunca.

Que é daquela nossa verdade — o sonho à janela da infância?
Que é daquela nossa certeza — o propósito à mesa de depois?

Medito, a cabeça curvada contra as mãos sobrepostas
Sobre o parapeito alto da janela de sacada,
Sentado de lado numa cadeira, depois de jantar.

Que é da minha realidade, que só tenho a vida?
Que é de mim, que sou só quem existo?

Quantos Césares fui!

Na alma, e com alguma verdade;
Na imaginação, e com alguma justiça;
Na inteligência, e com alguma razão —
Meu Deus! meu Deus! meu Deus! —
Quantos Césares fui!
Quantos Césares fui!
Quantos Césares fui!

DATILOGRAFIA

[283] 19-12-1933

Traço, sozinho, no meu cubículo de engenheiro, o plano,
Formo o projeto, aqui isolado,
Remoto até de quem eu sou.

Ao lado, acompanhamento banalmente sinistro,
O tique-taque estalado das máquinas de escrever.
Que náusea da vida!
Que abjeção esta regularidade!
Que sono este ser assim!

Outrora, quando fui outro, eram castelos e cavaleiros
(Ilustrações, talvez, de qualquer livro de infância),
Outrora, quando fui verdadeiro ao meu sonho,
Eram grandes paisagens do Norte, explícitas de neve,
Eram grandes palmares do sul, opulentos de verdes.

Outrora.

Ao lado, acompanhamento banalmente sinistro,
O tique-taque estalado das máquinas de escrever.

Temos todos duas vidas:
A verdadeira, que é a que sonhamos na infância,
E que continuamos sonhando, adultos, num substrato de névoa;
A falsa, que é a que vivemos em convivência com outros,
Que é a prática, a útil,
Aquela em que acabam por nos meter num caixão.

Na outra não há caixões, nem mortes.
Há só ilustrações de infância:
Grandes livros coloridos, para ver mas não ler;
Grandes páginas de cores para recordar mais tarde.
Na outra somos nós,
Na outra vivemos;

Nesta morremos, que é o que viver quer dizer;

Neste momento, pela náusea, vivo só na outra…

Mas ao lado, acompanhamento banalmente sinistro,
Ergue a voz o tique-taque estalado das máquinas de escrever.

[284] 11-5-1934

Lisboa com suas casas
De várias cores,
Lisboa com suas casas
De várias cores,
Lisboa com suas casas
De várias cores…

À força de diferente, isto é monótono,
Como à força de sentir, fico só a pensar.

Se, de noite, deitado mas desperto
Na lucidez inútil de não poder dormir,
Quero imaginar qualquer coisa
E surge sempre outra (porque há sono,
E, porque há sono, um bocado de sonho),
Quero alongar a vista com que imagino
Por grandes palmares fantásticos,
Mas não vejo mais,
Contra uma espécie de lado de dentro de pálpebras,
Que Lisboa com suas casas
De várias cores.

Sorrio, porque, aqui, deitado, é outra coisa.
À força de monótono, é diferente.
E, à força de ser eu, durmo e esqueço que existo.

Fica só, sem mim, que esqueci porque durmo,
Lisboa com suas casas
De várias cores.

[285] 16-6-1934

Esta velha angústia,
Esta angústia que trago há séculos em mim,
Transbordou da vasilha,
Em lágrimas, em grandes imaginações,
Em sonhos em estilo de pesadelo sem terror,
Em grandes emoções súbitas sem sentido nenhum.

Transbordou.
Mal sei como conduzir-me na vida
Com este mal estar a fazer-me pregas na alma!
Se ao menos endoidecesse deveras!
Mas não: é este estar entre,
Este quase,
Este poder ser que…,
Isto.

Um internado num manicômio é, ao menos, alguém.
Eu sou um internado num manicômio sem manicômio.
Estou doido a frio,
Estou lúcido e louco,
Estou alheio a tudo e igual a todos:
Estou dormindo desperto com sonhos que são loucura
Porque não são sonhos.
Estou assim…

Pobre velha casa da minha infância perdida!
Quem te diria que eu me desacolhesse tanto!
Que é do teu menino? Está maluco.
Que é de quem dormia sossegado sob o teu teto provinciano?
Está maluco.
Que de quem fui? Está maluco. Hoje é quem eu sou.

Se ao menos eu tivesse uma religião qualquer!
Por exemplo, a por aquele manipanso

Que havia em casa, lá nessa, trazido de África.
Era feiíssimo, era grotesco,

Mas havia nele a divindade de tudo em que se crê.
Se eu pudesse crer num manipanso qualquer —
Júpiter, Jeová, a Humanidade —
Qualquer serviria,
Pois o que é tudo senão o que pensamos de tudo?

Estala, coração de vidro pintado!

[286] 16-6-1934

Na casa defronte de mim e dos meus sonhos,
Que felicidade há sempre!

Moram ali pessoas que desconheço, que já vi mas não vi.
São felizes, porque não são eu.

As crianças, que brincam às sacadas altas,
Vivem entre vasos de flores,
Sem dúvida, eternamente.

As vozes, que sobem do interior do doméstico,
Cantam sempre, sem dúvida.
Sim, devem cantar.

Quando há festa cá fora, há festa lá dentro.
Assim tem que ser onde tudo se ajusta —
O homem à Natureza, porque a cidade é Natureza.

Que grande felicidade não ser eu!

Mas os outros não sentirão assim também?
Quais outros? Não há outros.
O que os outros sentem é uma casa com a janela fechada,
Ou, quando se abre,

É para as crianças brincarem na varanda de grades,
Entre os vasos de flores que nunca vi quais eram.
Os outros nunca sentem.

Quem sente somos nós,
Sim, todos nós,
Até eu, que neste momento já não estou sentindo nada.

Nada? Não sei…
Um nada que dói…

[287] 9-8-1934

Domingo irei para as hortas na pessoa dos outros,
Contente da minha anonimidade.
Domingo serei feliz — eles, eles…
Domingo…
Hoje é a quinta-feira da semana que não tem domingo…
Nenhum domingo. —
Nunca domingo. —
Mas sempre haverá alguém nas hortas no domingo que vem.
Assim passa a vida,
Sutil para quem sente,
Mais ou menos para quem pensa:
Haverá sempre alguém nas hortas ao domingo,
Não no nosso domingo,
Não no meu domingo,
Não no domingo…
Mas sempre haverá outrem nas hortas e ao domingo!

[288] 9-8-1934

Começa a haver meia-noite, e a haver sossego,
Por toda a parte das casas sobrepostas,
Os andares vários da acumulação da vida…
Calaram o piano no terceiro andar…

Não ouço já passos no segundo andar…
No rés do chão o rádio está em silêncio…

Vai tudo dormir…

Fico sozinho com o universo inteiro.
Nem quero ir à janela:

Se eu olhar, que de estrelas!
Que grandes silêncios maiores há no alto!
Que céu anticitadino! —
Antes, recluso
Num desejo de não ser recluso,
Escuto ansiosamente os ruídos da rua…
Um automóvel — demasiado rápido! —
Os duplos passos em conversa falam-me…
O som de um portão que se fecha brusco dói-me…

Vai tudo dormir…

Só eu velo, sonolentamente escutando,
Esperando
Qualquer coisa antes que durma…
Qualquer coisa…

[289] 11-8-1934

Depus a máscara e vi-me ao espelho —
Era a criança de há quantos anos.
Não tinha mudado nada…
É essa a vantagem de saber tirar a máscara.
É-se sempre a criança,
O passado que foi
A criança.
Depus a máscara, e tornei a pô-la.
Assim é melhor.

Assim sem a máscara.
E volto à normalidade como a um términus de linha.

[290] 27-9-1934

Na véspera de não partir nunca
Ao menos não há que arrumar malas
Nem que fazer planos em papel,
Com acompanhamento involuntário de esquecimentos,
Para a parte ainda livre do dia seguinte.

Não há que fazer nada
Na véspera de não partir nunca.
Grande sossego de já não haver sequer de que ter sossego!
Grande tranquilidade a que nem sabe encolher ombros
Por isto tudo, ter pensado o tudo
E ter chegado deliberadamente a nada.
Grande alegria de não ter precisão de ser alegre,
Como uma oportunidade virada do avesso.
Há quantos meses vivo
A vida vegetativa do pensamento!
Todos os dias *sine linea*
Sossego, sim, sossego…
Grande tranquilidade…
Que repouso, depois de tantas viagens, físicas e psíquicas!
Que poder olhar para as malas fechadas como para nada!
Dormita, alma, dormita!
Aproveita, dormita!
Dormita!
É pouco o tempo que tens! Dormita.
É a véspera de não partir nunca…

[291] 9-10-1934

O que há em mim é sobretudo cansaço —
Não disto nem daquilo,

Nem sequer de tudo ou de nada:
Cansaço assim mesmo, ele mesmo,
Cansaço.

A sutileza das sensações inúteis,
As paixões violentas por coisa nenhuma,
Os amores intensos por o suposto em alguém,
Essas coisas todas —
Essas e o que falta nelas eternamente —;
Tudo isso faz um cansaço,
Este cansaço,
Cansaço.

Há sem dúvida quem ame o infinito,
Há sem dúvida quem deseje o impossível,
Há sem dúvida quem não queira nada —
Três tipos de idealistas, e eu nenhum deles:
Porque eu amo infinitamente o finito,
Porque eu desejo impossivelmente o possível,
Porque quero tudo, ou um pouco mais, se puder ser,
Ou até se não puder ser…

E o resultado?
Para eles a vida vivida ou sonhada,
Para eles o sonho sonhado ou vivido,
Para eles a média entre tudo e nada, isto é, a vida…
Para mim só um grande, um profundo,
E, ah com que felicidade infecundo, cansaço,
Um supremíssimo cansaço,
Íssimo, íssimo, íssimo,
Cansaço…

[292] 18-12-1934

Às vezes tenho ideias felizes,
Ideias subitamente felizes, em ideias

E nas palavras em que naturalmente se despegam…

Depois de escrever, leio…
Porque escrevi isto?
Onde fui buscar isto?
De onde me veio isto? Isto é melhor do que eu…
Seremos nós neste mundo apenas canetas com tinta
Com que alguém escreve a valer o que nós aqui traçamos?…

[293] 18-12-1934

Símbolos? Estou farto de símbolos…
Uns dizem-me que tudo é símbolo.
Todos me dizem nada.

Quais símbolos! Sonhos. —
Que o sol seja um símbolo, está bem…
Que a lua seja um símbolo, está bem…
Que a terra seja um símbolo, está bem…
Mas quem repara no sol senão quando a chuva cessa
E ele rompe das nuvens e aponta para trás das costas,
Para o azul do céu?
Mas quem repara na lua senão para achar
Nela a luz que ela espalha, e não bem ela?
Mas quem repara na terra, que é o que pisa?
Chama terra aos campos, às árvores, aos montes
Por uma diminuição instintiva,
Porque o mar também é terra…
Bem, vá, que tudo isso seja símbolo…
Mas que símbolo é, não o sol, não a lua, não a terra,
Mas neste poente precoce e azulando-se
O sol entre farrapos finos de nuvens,
Enquanto a lua é já vista, mística, no outro lado,
E o que fica da luz do dia
Doura a cabeça da costureira que para vagamente à esquina
Onde se demorava outrora (mora perto) com o namorado que

[a deixou?
Símbolos?… Não quero símbolos…
Queria só — pobre figura de magreza e desamparo! —
Que o namorado voltasse para a costureira.

[294] 20-12-1934

Ali não havia eletricidade.
Por isso foi à luz de uma vela mortiça
Que li, inserto na cama,
O que estava à mão para ler —
A Bíblia, em português, porque (coisa curiosa!) eram protestantes.
E reli a "Primeira Epístola aos Coríntios".
Em torno de mim o sossego excessivo das noites de província
Fazia um grande barulho ao contrário,
Dava-me uma tendência do choro para a desolação.
A Primeira Epístola aos Coríntios…

Reli-a à luz de uma vela subitamente antiquíssima,
E um grande mar de emoção chorava dentro de mim…
Sou nada…
Sou uma ficção…
Que ando eu a querer de mim ou de tudo neste mundo?
"Se eu não tivesse a caridade."
E a soberana voz manda, do alto dos séculos,
A grande mensagem com que a alma fica livre…
"Se eu não tivesse a caridade…"
Meu Deus, e eu que não tenho a caridade!…

[295] 30-12-1934

Não: devagar.
Devagar, porque não sei
Onde quero ir.
Há entre mim e os meus passos
Uma divergência instintiva.

Há entre quem sou e estou
Uma diferença de verbo
Que corresponde à realidade.

Devagar…
Sim, devagar…
Quero pensar no que quer dizer
Este devagar…
Talvez o mundo exterior tenha pressa de mais.
Talvez a alma vulgar queira chegar mais cedo.
Talvez a impressão dos momentos seja muito próxima…

Talvez isso tudo…
Mas o que me preocupa é esta palavra: devagar…
O que é que tem que ser devagar?
Se calhar é o universo…
A verdade manda Deus que se diga.
Mas ouviu alguém isso a Deus?

[296] 3-1-1935

Os antigos invocavam as Musas.
Nós invocamo-nos a nós mesmos.
Não sei se as Musas apareciam —
Seria sem dúvida conforme o invocado e a invocação —

Mas sei que nós não aparecemos.
Quantas vezes me tenho debruçado
Sobre o poço que me suponho
E balido “Ah!” pra ouvir um eco,
E não tenho ouvido mais que o visto —
O vago alvor escuro com que a água resplandece
Lá na inutilidade do fundo.
Nenhum eco para mim…
Só vagamente uma cara, que deve ser a minha porque não
[pode ser de outro,

É uma coisa quase invisível,
Exceto como luminosamente vejo
Lá no fundo…
No silêncio e na luz falsa do fundo…

Que Musa!…

[297] 3-1-1935

Há mais de meia hora
Que estou sentado à secretária
Com o único intuito
De olhar para ela.
(Estes versos estão fora do meu ritmo.
Eu também estou fora do meu ritmo).
Tinteiro grande à frente.
Canetas com aparos novos à frente.
Mais para cá papel muito limpo.
Ao lado esquerdo um volume da “Enciclopédia Britânica”,
Ao lado direito —

Ah, ao lado direito
A faca de papel com que ontem
Não tive paciência para abrir completamente
O livro que me interessa e não lerei.

Quem pudesse sintonizar tudo isto!

[298] 4-1-1935

Eu, eu mesmo…
Eu, cheio de todos os cansaços
Quantos o mundo pode dar. —
Eu…
Afinal tudo, porque tudo é eu,
E até as estrelas, ao que parece,

Me saíram da algibeira para deslumbrar crianças…
Que crianças não sei…
Eu…
Imperfeito? Incógnito? Divino?
Não sei.
Eu…
Tive um passado? Sem dúvida…
Tenho um presente? Sem dúvida…
Terei um futuro? Sem dúvida,
Ainda que pare de aqui a pouco…
Mas eu, eu…
Eu sou eu,
Eu fico eu,
Eu…

[299] 24-6-1935

Estou cansado, é claro,
Porque, a certa altura, a gente tem que estar cansado.
De que estou cansado não sei:
De nada me serviria sabê-lo

Pois o cansaço fica na mesma.
A ferida dói como dói
E não em função da causa que a produziu.
Sim, estou cansado,
E um pouco sorridente
De o cansaço ser só isto —
Uma vontade de sono no corpo,
Um desejo de não pensar na alma,
E por cima de tudo uma tranquilidade lúcida
Do entendimento retrospectivo…
E a luxúria muda de não ter já esperanças?
Sou inteligente; eis tudo.
Tenho visto muito e entendido muito o que tenho visto,
E há um certo prazer até no cansaço que isto me dá,

Que afinal a cabeça sempre serve para qualquer coisa.

[300] 6-7-1935

Não estou pensando em nada
E essa coisa central, que é coisa nenhuma,
É-me agradável como o ar da noite,
Fresco em contraste com o verão quente do dia.

Não estou pensando em nada, e que bom!

Pensar em nada
É ter a alma própria e inteira.
Pensar em nada
É viver intimamente
O fluxo e refluxo da vida…
Não estou pensando em nada.
Só, como se me tivesse encostado mal.
Uma dor nas costas, ou num lado das costas,
Há um amargo de boca na minha alma:
É que, no fim de contas,
Não estou pensando em nada,
Mas realmente em nada,
Em nada…

[301] 22-8-1935

O sono que desce sobre mim,
O sono mental que desce fisicamente sobre mim,
O sono universal que desce individualmente sobre mim —
Esse sono
Parecerá aos outros o sono de dormir,
O sono da vontade de dormir,
O sono de ser sono.

Mas é mais, mais de dentro, mais de cima:

É o sono da soma de todas as desilusões,
É o sono da síntese de todas as desesperanças,
É o sono de haver mundo comigo lá dentro
Sem que eu houvesse contribuído em nada para isso.

O sono que desce sobre mim
É contudo como todos os sonos.
O cansaço tem ao menos brandura,
O abatimento tem ao menos sossego,
A rendição é ao menos o fim do esforço,
O fim é ao menos o já não haver que esperar.

Há um som de abrir uma janela,
Viro indiferente a cabeça para a esquerda
Por sobre o ombro que a sente,
Olho pela janela entreaberta:
A rapariga do segundo andar de defronte
Debruça-se com os olhos azuis à procura de alguém.
De quem?,
Pergunta a minha indiferença.
E tudo isso é sono.

Meu Deus, tanto sono!…

[302] 12-9-1935

Estou tonto,
Tonto de tanto dormir ou de tanto pensar,
Ou de ambas as coisas.
O que sei é que estou tonto
E não sei bem se me devo levantar da cadeira
Ou como me levantaria dela.
Fiquemos nisto: estou tonto.

Afinal
Que vida fiz eu da vida?

Nada.
Tudo interstícios,
Tudo aproximações,
Tudo função do irregular e do absurdo,
Tudo nada…
É por isso que estou tonto…

Agora
Todas as manhãs me levanto
Tonto…

Sim, verdadeiramente tonto…
Sem saber em mim o meu nome,
Sem saber onde estou,
Sem saber o que fui,
Sem saber nada.

Mas se isto é assim, é assim.
Deixo-me estar na cadeira.
Estou tonto.
Bem, estou tonto.
Fico sentado
E tonto,
Sim, tonto,
Tonto…
Tonto.

[303] 21-10-1935

Todas as cartas de amor são
Ridículas.
Não seriam cartas de amor se não fossem
Ridículas.

Também escrevi em meu tempo cartas de amor,
Como as outras,

Ridículas.

As cartas de amor, se há amor,
Têm de ser
Ridículas.

Mas, afinal,
Só as criaturas que nunca escreveram
Cartas de amor
É que são
Ridículas.

Quem me dera no tempo em que escrevia
Sem dar por isso
Cartas de amor
Ridículas.

A verdade é que hoje
As minhas memórias
Dessas cartas de amor
É que são
Ridículas.

(Todas as palavras esdrúxulas,
Como os sentimentos esdrúxulos,
São naturalmente
Ridículas.)

[304]

Quero acabar entre rosas, porque as amei na infância.
Os crisântemos de depois, desfolhei-os a frio.
Falem pouco, devagar.
Que eu não ouça, sobretudo com o pensamento.
O que quis? Tenho as mãos vazias,
Crispadas flebilmente sobre a colcha longínqua.

O que pensei? Tenho a boca seca, abstrata.
O que vivi? Era tão bom dormir!

[305]

O frio especial das manhãs de viagem,
A angústia da partida, carnal no arrepanhar
Que vai do coração à pele,
Que chora virtualmente embora alegre.

[306]

No fim de tudo dormir.
No fim de quê?
No fim do que tudo parece ser…,
Este pequeno universo provinciano entre os astros,
Esta aldeola do espaço,
E não só do espaço visível, mas até do espaço total.

[307]

Gostava de gostar de gostar.
Um momento… Dá-me de ali um cigarro,
Do maço em cima da mesa de cabeceira.
Continua… Dizias
Que no desenvolvimento da metafísica
De Kant a Hegel
Alguma coisa se perdeu.
Concordo em absoluto.

Estive realmente a ouvir.
Nondum amabam et amare amabam (Santo Agostinho).
Que coisa curiosa estas associações de ideias!
Estou fatigado de estar pensando em sentir outra coisa.
Obrigado. Deixa-me acender. Continua. Hegel…

[308]

Encostei-me para trás na cadeira de convés e fechei os olhos,
E o meu destino apareceu-me na alma como um precipício.
A minha vida passada misturou-se com a futura,
E houve no meio um ruído do salão de fumo,
Onde, aos meus ouvidos, acabara a partida de xadrez.

Ah, balouçado
Na sensação das ondas,
Ah, embalado
Na ideia tão confortável de hoje ainda não ser amanhã,
De pelo menos neste momento não ter responsabilidades
[nenhumas,
De não ter personalidade propriamente, mas sentir-me ali,
Em cima da cadeira como um livro que a sueca ali deixasse.

Ah, afundado
Num torpor da imaginação, sem dúvida um pouco sono,
Irrequieto tão sossegadamente,
Tão análogo de repente à criança que fui outrora
Quando brincava na quinta e não sabia álgebra,
Nem as outras álgebras com x e y's de sentimento.

Ah, todo eu anseio
Por esse momento sem importância nenhuma
Na minha vida,
Ah, todo eu anseio por esse momento, como por outros análogos —
Aqueles momentos em que não tive importância nenhuma,
Aqueles em que compreendi todo o vácuo da existência sem
[inteligência para o compreender
E havia luar e mar e a solidão, ó Álvaro.

[309]

O tumulto concentrado da minha imaginação intelectual…

Fazer filhos à razão prática, como os crentes enérgicos…

Minha juventude perpétua
De viver as coisas pelo lado das sensações e não das responsabilidades,

(Álvaro de Campos, nascido no Algarve, educado por um tio-avô,
padre, que lhe instilou um certo amor às coisas clássicas…)
(Veio para Lisboa muito novo…)

A capacidade de pensar o que sinto, que me distingue do homem
[vulgar
Mais do que ele se distingue do macaco.
(Sim, amanhã o homem vulgar talvez me leia e compreenda
[a substância do meu ser,
Sim, admito-o,
Mas o macaco já hoje sabe ler o homem vulgar e lhe compreende
[a substância do ser.)

Se alguma coisa foi por que é que não é?
Ser não é ser?

As flores do campo da minha infância, não as terei eternamente,
Em outra maneira de ser?
Perderei para sempre os afetos que tive, e até os afetos que
[pensei ter?
Há algum que tenha a chave da porta do ser, que não tem porta,
E me possa abrir com razões a inteligência do mundo?

[310]

Ah, perante esta única realidade, que é o mistério,
Perante esta única realidade terrível — a de haver uma realidade,
Perante este horrível ser que é haver ser,
Perante este abismo de existir um abismo,
Este abismo de a existência de tudo ser um abismo,
Ser um abismo por simplesmente ser,
Por poder ser,
Por haver ser!

— Perante isto tudo como tudo o que os homens fazem,
Tudo o que os homens dizem,
Tudo quanto constroem, desfazem ou se constrói ou desfaz
[através deles,
Se empequena!
Não, não se empequena… se transforma em outra coisa —
Numa só coisa tremenda e negra e impossível,
Uma coisa que está para além dos deuses, de Deus, do Destino —
Aquilo que faz que haja deuses e Deus e Destino,
Aquilo que faz que haja ser para que possa haver seres,
Aquilo que subsiste através de todas as formas
De todas as vidas, abstratas ou concretas,
Eternas ou contingentes,
Verdadeiras ou falsas!
Aquilo que, quando se abrangeu tudo, ainda ficou fora,
Porque quando se abrangeu tudo não se abrangeu explicar
[porque é um tudo,
Por que há qualquer coisa, por que há qualquer coisa, por que
[há qualquer coisa!

Minha inteligência tornou-se um coração cheio de pavor,
E é com minhas ideias que tremo, com a minha consciência
[de mim,
Com a substância essencial do meu ser abstrato
Que sufoco de incompreensível,
Que me esmago de ultratranscendente,
E deste medo, desta angústia, deste perigo do ultra-ser,
Não se pode fugir, não se pode fugir, não se pode fugir!

Cárcere do Ser, não há libertação de ti?
Cárcere de pensar, não há libertação de ti?

Ah, não, nenhuma — nem morte, nem vida, nem Deus!
Nós, irmãos gêmeos do Destino em ambos existirmos,
Nós, irmãos gêmeos dos Deuses todos, de toda a espécie,
Em sermos o mesmo abismo, em sermos a mesma sombra,

Sombra sejamos, ou sejamos luz, sempre a mesma noite.
Ah, se afronto confiado a vida, a incerteza da sorte,
Sorridente, impensando, a possibilidade quotidiana de todos
[os males,
Inconsciente, o mistério de todas as coisas e de todos os gestos,
Por que não afrontarei sorridente, inconsciente, a Morte?
Ignoro-a? Mas que é que eu não ignoro?
A pena em que pego, a letra que escrevo, o papel em que escrevo,
São mistérios menores que a Morte? Como se tudo é o mesmo
[mistério?
E eu escrevo, estou escrevendo, por uma necessidade sem nada.
Ah, afronte eu como um bicho a morte que ele não sabe que existe!
Tenho eu a inconsciência profunda de todas as coisas naturais,
Pois, por mais consciência que tenha, tudo é inconsciência
Salvo o ter criado tudo, e o ter criado tudo ainda é inconsciência,
Porque é preciso existir para se criar tudo,
E existir é ser inconsciente, porque existir é ser possível haver ser,
E ser possível haver ser é maior que todos os Deuses.

[311]

Contudo, contudo,
Também houve gládios e flâmulas de cores
Na primavera do que sonhei de mim.
Também a esperança
Orvalhou os campos da minha visão involuntária,
Também tive quem também me sorrisse.

Hoje estou como se esse tivesse sido outro.
Quem fui não me lembra senão como uma história apensa.
Quem serei não me interessa, como o futuro do mundo.

Caí pela escada abaixo subitamente,
E até o som de cair era a gargalhada da queda.
Cada degrau era a testemunha importuna e dura
Do ridículo que fiz de mim.

Pobre do que perdeu o lugar oferecido por não ter casaco limpo
[com que aparecesse,
Mas pobre também do que, sendo rico e nobre,
Perdeu o lugar do amor por não ter casaco bom dentro das
[simpatias.
Sou imparcial como a neve.
Nunca preferi o pobre ao rico,
Como, em mim, nunca preferi nada a nada.

Vi sempre o mundo independentemente de mim.
Por trás disso estavam as minhas sensações vivíssimas,
Mas isso era outro mundo.
Contudo a minha mágoa nunca me fez ver negro o que era
[cor de laranja.
Acima de tudo o mundo externo!
Eu que me aguente comigo e com os comigos de mim.

[312]

Acordar da cidade de Lisboa, mais tarde do que as outras,
Acordar da rua do Ouro,
Acordar do Rossio, às portas dos cafés,
Acordar
E no meio de tudo a gare, que nunca dorme,
Como um coração que tem que pulsar através da vigília e do sono.

Toda a manhã que raia, raia sempre no mesmo lugar,
Não há manhãs sobre cidades, ou manhãs sobre o campo.
À hora em que o dia raia, em que a luz estremece a erguer-se,
Todos os lugares são o mesmo lugar, todas as terras são a mesma,
E é eterna e de todos os lugares a frescura que sobe por tudo.

Uma espiritualidade feita com a nossa própria carne,
Um alívio de viver de que o nosso corpo partilha,
Um entusiasmo por o dia que vai vir, uma alegria por o que
[pode acontecer de bom,

São os sentimentos que nascem de estar olhando para a
[madrugada,
Seja ela a leve senhora dos cumes dos montes,
Seja ela a invasora lenta das ruas das cidades que vão leste-oeste,
Seja

A mulher que chora baixinho
Entre o ruído da multidão em vivas…
O vendedor de ruas, que tem um pregão esquisito,
Cheio de individualidade para quem repara…
O arcanjo isolado, escultura numa catedral,
Siringe fugindo aos braços estendidos de Pã,
Tudo isto tende para o mesmo centro,
Busca encontrar-se e fundir-se
Na minha alma.

Eu adoro todas as coisas
E o meu coração é um albergue aberto toda a noite.
Tenho pela vida um interesse ávido
Que busca compreendê-la sentindo-a muito.
Amo tudo, animo tudo, empresto humanidade a tudo,
Aos homens e às pedras, às almas e às máquinas,
Para aumentar com isso a minha personalidade.

Pertenço a tudo para pertencer cada vez mais a mim próprio
E a minha ambição era trazer o universo ao colo
Como uma criança a quem a ama beija.
Eu amo todas as coisas, umas mais do que as outras —
Não nenhuma mais do que outra, mas sempre mais as que
[estou vendo
Do que as que vi ou verei.
Nada para mim é tão belo como o movimento e as sensações.
A vida é uma grande feira e tudo são barracas e saltimbancos.
Penso nisto, enterneço-me mas não sossego nunca.

Dá-me lírios, lírios

E rosas também.
Dá-me rosas, rosas,
E lírios também,
Crisântemos, dálias,
Violetas, e os girassóis
Acima de todas as flores…

Deita-me as mancheias,
Por cima da alma,
Dá-me rosas, rosas,
E lírios também…

Meu coração chora
Na sombra dos parques,
Não tem quem o console
Verdadeiramente,
Exceto a própria sombra dos parques
Entrando-me na alma,
Através do pranto.
Dá-me rosas, rosas…
E lírios também…

Minha dor é velha
Como um frasco de essência cheio de pó.
Minha dor é inútil
Como uma gaiola numa terra onde não há aves,
E minha dor é silenciosa e triste
Como a parte da praia onde o mar não chega.
Chego às janelas
Dos palácios arruinados
E cismo de dentro para fora
Para me consolar do presente.
Dá-me rosas, rosas,
E lírios também…

Mas por mais rosas e lírios que me dês,

Eu nunca acharei que a vida é bastante.
Faltar-me-á sempre qualquer coisa,

Sobrar-me-á sempre de que desejar,
Como um palco deserto.

Por isso, não te importes com o que eu penso,
E muito embora o que eu te peça
Te pareça que não quer dizer nada,
Minha pobre criança tísica,
Dá-me das tuas rosas e dos teus lírios,
Dá-me rosas, rosas,
E lírios também…

[313]

Afinal, a melhor maneira de viajar é sentir.
Sentir tudo de todas as maneiras.
Sentir tudo excessivamente,
Porque todas as coisas são, em verdade, excessivas
E toda a realidade é um excesso, uma violência,
Uma alucinação extraordinariamente nítida
Que vivemos todos em comum com a fúria das almas,
O centro para onde tendem as estranhas forças centrífugas
Que são as psiques humanas no seu acordo de sentidos.

Quanto mais eu sinta, quanto mais eu sinta como várias pessoas,
Quanto mais personalidades eu tiver,
Quanto mais intensamente, estridentemente as tiver,
Quanto mais simultaneamente sentir com todas elas,
Quanto mais unificadamente diverso, dispersadamente atento,
Estiver, sentir, viver, for,
Mais possuirei a existência total do universo,
Mais completo serei pelo espaço inteiro fora,
Mais análogo serei a Deus, seja ele quem for,
Porque, seja ele quem for, com certeza que é Tudo,

E fora d’Ele há só Ele, e Tudo para Ele é pouco.

Cada alma é uma escada para Deus,
Cada alma é um corredor-Universo para Deus,

Cada alma é um rio correndo por margens de Externo
Para Deus e em Deus com um sussurro soturno.

Sursum corda! Erguei as almas! Toda a Matéria é Espírito,

Porque Matéria e Espírito são apenas nomes confusos
Dados à grande sombra que ensopa o Exterior em sonho
E funde em Noite e Mistério o Universo Excessivo!
Sursum corda! Na noite acordo, o silêncio é grande,
As coisas, de braços cruzados sobre o peito, reparam

Com uma tristeza nobre para os meus olhos abertos
Que as vê como vagos vultos noturnos na noite negra.
Sursum corda! Acordo na noite e sinto-me diverso.
Todo o Mundo com a sua forma visível do costume,
Jaz no fundo dum poço e faz um ruído confuso,

Escuto-o, e no meu coração um grande pasmo soluça.

Sursum corda! Ó Terra, jardim suspenso, berço
Que embala a Alma dispersa da humanidade sucessiva!
Mãe verde e florida todos os anos recente,
Todos os anos vernal, estival, outonal, hiemal,
Todos os anos celebrando às mancheias as festas de Adônis
Num rito anterior a todas as significações,
Num grande culto em tumulto pelas montanhas e os vales!
Grande coração pulsando no peito nu dos vulcões,
Grande voz acordando em cataratas e mares,
Grande bacante ébria do Movimento e da Mudança,
Em cio de vegetação e florescência rompendo
Teu próprio corpo de terra e rochas, teu corpo submisso

À tua própria vontade transtornadora e eterna!
Mãe carinhosa e unânime dos ventos, dos mares, dos prados,
Vertiginosa mãe dos vendavais e ciclones,
Mãe caprichosa que faz vegetar e secar,
Que perturba as próprias estações e confunde
Num beijo imaterial os sóis e as chuvas e os ventos!

Sursum corda! Reparo para ti e todo eu sou um hino!
Tudo em mim como um satélite da tua dinâmica íntima
Volteia serpenteando, ficando como um anel
Nevoento, de sensações reminescidas e vagas,
Em torno ao teu vulto interno túrgido e fervoroso.
Ocupa de toda a tua força e de todo o teu poder quente
Meu coração a ti aberto!
Como uma espada traspassando meu ser erguido e extático,
Intersecciona com o meu sangue, com a minha pele e os meus
[nervos,
Teu movimento contínuo, contíguo a ti própria sempre.

Sou um monte confuso de forças cheias de infinito
Tendendo em todas as direções para todos os lados do espaço,
A Vida, essa coisa enorme, é que prende tudo e tudo une
E faz com que todas as forças que raivam dentro de mim
Não passem de mim, não quebrem meu ser, não partam meu corpo,
Não me arremessem, como uma bomba de Espírito que estoura
Em sangue e carne e alma espiritualizados para entre as estrelas,
Para além dos sóis de outros sistemas e dos astros remotos.

Tudo o que há dentro de mim tende a voltar a ser tudo.
Tudo o que há dentro de mim tende a despejar-me no chão,
No vasto chão supremo que não está em cima nem em baixo
Mas sob as estrelas e os sóis, sob as almas e os corpos
Por uma oblíqua posse dos nossos sentidos intelectuais.

Sou uma chama ascendendo, mas ascendo para baixo e para cima,
Ascendo para todos os lados ao mesmo tempo, sou um globo

De chamas explosivas buscando Deus e queimando
A crosta dos meus sentidos, o muro da minha lógica,
A minha inteligência limitadora e gelada.

Sou uma grande máquina movida por grandes correias
De que só vejo a parte que pega nos meus tambores,
O resto vai para além dos astros, passa para além dos sóis,
E nunca parece chegar ao tambor donde parte…

Meu corpo é um centro dum volante estupendo e infinito
Em marcha sempre vertiginosamente em torno de si,
Cruzando-se em todas as direções com outros volantes,
Que se entrepenetram e misturam, porque isto não é no espaço
Mas não sei onde espacial de uma outra maneira-Deus.

Dentro de mim estão presos e atados ao chão
Todos os movimentos que compõem o universo,
A fúria minuciosa e dos átomos,
A fúria de todas as chamas, a raiva de todos os ventos,
A espuma furiosa de todos os rios, que se precipitam,

E a chuva como pedras atiradas de catapultas
De enormes exércitos de anões escondidos no céu.

Sou um formidável dinamismo obrigado ao equilíbrio
De estar dentro do meu corpo, de não transbordar da minh’alma.
Ruge, estoura, vence, quebra, estrondeia, sacode,
Freme, treme, espuma, venta, viola, explode,
Perde-te, transcende-te, circunda-te, vive-te, rompe e foge,
Sê com todo o meu corpo todo o universo e a vida,
Arde com todo o meu ser todos os lumes e luzes,
Risca com toda a minha alma todos os relâmpagos e fogos,
Sobrevive-me em minha vida em todas as direções!

O binômio de Newton é tão belo como a Vênus de Milo.
O que há é pouca gente para dar por isso.

óóóó---óóóóóóóóó---óóóóóóóóóóóóóóó

(O vento lá fora.)

[315]

Não, não é cansaço…
É uma quantidade de desilusão
Que se me entranha na espécie de pensar,
É um domingo às avessas
Do sentimento,
Um feriado passado no abismo…

Não, cansaço não é…
É eu estar existindo
E também o mundo,
Com tudo aquilo que contém,
Com tudo aquilo que nele se desdobra
E afinal é a mesma coisa variada em cópias iguais.

Não. Cansaço por quê?
É uma sensação abstrata
Da vida concreta —
Qualquer coisa como um grito
Por dar,
Qualquer coisa como uma angústia
Por sofrer,
Ou por sofrer completamente,
Ou por sofrer como…
Sim, ou por sofrer como…
Isso mesmo, como…

Como quê?…

Se soubesse, não haveria em mim este falso cansaço.

(Ai, cegos que cantam na rua,
Que formidável realejo
Que é a guitarra de um, e a viola do outro, e a voz dela!)
Porque ouço, vejo.
Confesso: é cansaço!…

[316]

Mas eu, em cuja alma se refletem
As forças todas do universo,
Em cuja reflexão emotiva e sacudida
Minuto a minuto, emoção a emoção,
Coisas antagônicas e absurdas se sucedem —
Eu o foco inútil de todas as realidades,
Eu o fantasma nascido de todas as sensações,
Eu o abstrato, eu o projetado no *écran*,
Eu a mulher legítima e triste do Conjunto,
Eu sofro ser eu através disto tudo como ter sede sem ser de água.

[317]

O descalabro a ócio e estrelas…
Nada mais…
Farto…
Arre…
Todo o mistério do mundo entrou para a minha vida econômica.
Basta!…
O que eu queria ser, e nunca serei, estraga-me as ruas.
Mas então isto não acaba?
É destino?
Sim, é o meu destino
Distribuído pelos meus conseguimentos no lixo
E os meus propósitos à beira da estrada —
Os meus conseguimentos rasgados por crianças,
Os meus propósitos mijados por mendigos,

E toda a minha alma uma toalha suja que escorregou para o chão.

O horror do som do relógio à noite na sala de jantar de uma
[casa de província —
Toda a monotonia e a fatalidade do tempo…
O horror súbito do enterro que passa
E tira a máscara a todas as esperanças.
Ali…

Ali vai a conclusão.
Ali, fechado e selado,
Ali, debaixo do chumbo lacrado e com cal na cara
Vai que pena como nós,
Vai o que sentiu como nós,
Vai o nós!
Ali, sob um pano cru acro é horroroso como uma abóbada de
[cárcere
Ali, ali, ali… E eu?

[318]

Ora até que enfim…, perfeitamente…
Cá está ela!
Tenho a loucura exatamente na cabeça.
Meu coração estourou como uma bomba de pataco,
E a minha cabeça teve o sobressalto pela espinha acima…

Graças a Deus que estou doido!
Que tudo quanto dei me voltou em lixo,
E, como cuspo atirado ao vento,
Me dispersou pela cara livre!
Que tudo quanto fui se me atou aos pés,
Como a sarapilheira para embrulhar coisa nenhuma!
Que tudo quanto pensei me faz cócegas na garganta
E me quere fazer vomitar sem eu ter comido nada!

Graças a Deus, porque, como na bebedeira,

Isto é uma solução.
Arre, encontrei uma solução, e foi preciso o estômago!
Encontrei uma verdade, senti-a com os intestinos!

Poesia transcendental, já a fiz também!
Grandes raptos líricos, também já por cá passaram!
A organização de poemas relativos à vastidão de cada assunto
[resolvido em vários —
Também não é novidade.
Tenho vontade de vomitar, e de me vomitar a mim…

Tenho uma náusea que, se pudesse comer o universo para o
[despejar na pia, comia-o.
Com esforço, mas era para bom fim.
Ao menos era para um fim.
E assim como sou não tenho nem fim nem vida…

[319]

O mesmo *Teucro duce et auspice Teucro*
É sempre *cras* — amanhã — que nos faremos ao mar.

Sossega, coração inútil, sossega!
Sossega, porque nada há que esperar,
E por isso nada que desesperar também…
Sossega… Por cima do muro da quinta
Sobe longínquo o olival alheio.
Assim na infância vi outro que não era este:
Não sei se foram os mesmos olhos da mesma alma que o viram.
Adiamos tudo, até que a morte chegue.
Adiamos tudo e o entendimento de tudo,
Com um cansaço antecipado de tudo,
Com uma saudade prognóstica e vazia.

[320]

Ah, onde estou ou onde passo, ou onde não estou nem passo,
A banalidade devorante das caras de toda a gente!
Ah, a angústia insuportável de gente!
O cansaço inconvertível de ver e ouvir!

(Murmúrio outrora de regatos próprios, de arvoredo meu.)

Queria vomitar o que vi, só da náusea de o ter visto,
Estômago da alma alvorotado de eu ser…

[321]

Que lindos olhos de azul inocente os do pequenito do agiota!

Santo Deus, que entroncamento esta vida!

Tive sempre, feliz ou infelizmente, a sensibilidade humanizada,
E toda a morte me doeu sempre pessoalmente,
Sim, não só pelo mistério de ficar inexpressivo o orgânico,
Mas de maneira direta, cá do coração.

Como o sol doura as casas dos réprobos!
Poderei odiá-los sem desfazer no sol?

Afinal que coisa a pensar com o sentimento distraído
Por causa dos olhos de criança de uma criança…

[322]

Que noite serena!
Que lindo luar!
Que linda barquinha
Bailando no mar!

Suave, todo o passado — o que foi aqui de Lisboa — me surge…
O terceiro andar das tias, o sossego de outrora,
Sossego de várias espécies,

A infância sem futuro pensado,
O ruído aparentemente contínuo da máquina de costura delas,
E tudo bom e a horas,
De um bem e de um a-horas próprio, hoje morto.

Meu Deus, que fiz eu da vida?

Que noite serena, etc.

Quem é que cantava isso?
Isso estava lá.

Lembro-me mas esqueço.
E dói, dói, dói…

Por amor de Deus, parem com isso dentro da minha cabeça.

[323]

O ter deveres, que prolixa coisa!
Agora tenho eu que estar à uma menos cinco
Na Estação do Rossio, tabuleiro superior — despedida
Do amigo que vai no “Sud Express” de toda a gente
Para onde toda a gente vai, o Paris…

Tenho que lá estar
E acreditem, o cansaço antecipado é tão grande
Que, se o “Sud Express” soubesse, descarrilava…

Brincadeira de crianças?
Não, descarrilava a valer…
Que leve a minha vida dentro, arre, quando descarrile!…

Tenho desejo forte,
E o meu desejo, porque é forte, entra na substância do mundo.

[324]

Começo a conhecer-me. Não existo.
Sou o intervalo entre o que desejo ser e os outros me fizeram,
Ou metade desse intervalo, porque também há vida…
Sou isso, enfim…
Apague a luz, feche a porta e deixe de ter barulhos de chinelos
[no corredor.
Fique eu no quarto só com o grande sossego de mim mesmo.
É um universo barato.

[325]

Vai pelo cais fora um bulício de chegada próxima,
Começam chegando os primitivos da espera,
Já ao longe o paquete de África se avoluma e esclarece.
Vim aqui para não esperar ninguém,
Para ver os outros esperar,
Para ser os outros todos a esperar,
Para ser a esperança de todos os outros.

Trago um grande cansaço de ser tanta coisa.
Chegam os retardatários do princípio,
E de repente impaciento-me de esperar, de existir, de ser,
Vou-me embora brusco e notável ao porteiro que me fita muito
[mas rapidamente.

Regresso à cidade como à liberdade.

Vale a pena sentir para ao menos deixar de sentir.

[326]

Cruzou por mim, veio ter comigo, numa rua da Baixa
Aquele homem malvestido, pedinte por profissão que se lhe
[vê na cara,
Que simpatiza comigo e eu simpatizo com ele;
E reciprocamente, num gesto largo, transbordante, dei-lhe tudo

[quanto tinha
(Exceto, naturalmente, o que estava na algibeira onde trago
[mais dinheiro:
Não sou parvo nem romancista russo, aplicado,
E romantismo, sim, mas devagar…),

Sinto uma simpatia por essa gente toda,
Sobretudo quando não merece simpatia.
Sim, eu sou também vadio e pedinte,
E sou-o também por minha culpa.
Ser vadio e pedinte não é ser vadio e pedinte:

É estar ao lado da escala social,
É não ser adaptável às normas da vida,
Às normas reais ou sentimentais da vida —
Não ser Juiz do Supremo, empregado certo, prostituta,
Não ser pobre a valer, operário explorado,
Não ser doente de uma doença incurável,
Não ser sedento de justiça, ou capitão de cavalaria,
Não ser, enfim, aquelas pessoas sociais dos novelistas
Que se fartam de letras porque têm razão para chorar lágrimas,
E se revoltam contra a vida social porque têm razão para isso supor.

Não: tudo menos ter razão!
Tudo menos importar-me com a humanidade!
Tudo menos ceder ao humanitarismo!
De que serve uma sensação se há uma razão exterior para ela?

Sim, ser vadio e pedinte, como eu sou,
Não é ser vadio e pedinte, o que é corrente:
É ser isolado na alma, e isso é que é ser vadio,
É ter pedir aos dias que passem, e nos deixem, e isso é que é
[ser pedinte.

Tudo mais é estúpido como um Dostoiévski ou um Gorki.
Tudo mais é ter fome ou não ter que vestir.

E, mesmo que isso aconteça, isso acontece a tanta gente
Que nem vale a pena ter pena da gente a quem isso acontece.

Sou vadio e pedinte a valer, isto é, no sentido translato,
E estou-me rebolando numa grande caridade por mim.

Coitado do Álvaro de Campos!
Tão isolado na vida! Tão deprimido nas sensações!
Coitado dele, enfiado na poltrona da sua melancolia!
Coitado dele, que com lágrimas (autênticas) nos olhos,
Deu hoje, num gesto largo, liberal e moscovita,
Tudo quanto tinha, na algibeira em que tinha pouco, àquele
Pobre que não era pobre, que tinha olhos tristes por profissão.

Coitado do Álvaro de Campos, com quem ninguém se importa!
Coitado dele que tem tanta pena de si mesmo!

E, sim, coitado dele!
Mais coitado dele que de muitos que são vadios e vadiam,
Que são pedintes e pedem,
Porque a alma humana é um abismo.

Eu é que sei. Coitado dele!

Que bom poder-me revoltar num comício dentro da minha
[alma!
Mas até nem parvo sou!
Nem tenho a defesa de poder ter opiniões sociais.
Não tenho, mesmo, defesa nenhuma: sou lúcido.

Não me queiram converter a convicção: sou lúcido.

Já disse: sou lúcido.
Nada de estéticas com coração: sou lúcido.
Merda! Sou lúcido.

A plácida face anônima de um morto.

Assim os antigos marinheiros portugueses,
Que temeram, seguindo contudo, o mar grande do Fim,
Viram, afinal, não monstros nem grandes abismos,
Mas praias maravilhosas e estrelas a ver ainda.

O que é que os taipais do mundo ocultam nas montras de Deus?

[328]

Desfraldando ao conjunto fictício dos céus estrelados
O esplendor do sentido nenhum da vida…

Toquem num arraial a marcha fúnebre minha!
Quero cessar sem consequências…
Quero ir para a morte como para uma festa ao crepúsculo.

MARINETTI, ACADÊMICO

[329]

Lá chegam todos, lá chegam todos…
Qualquer dia, salvo venda, chego eu também…
Se nascem, afinal, todos para isso…

Não tenho remédio senão morrer antes,
Não tenho remédio senão escalar o Grande Muro…
Se fico cá, prendem-me para ser social…

Lá chegam todos, porque nasceram para Isso,
E só se chega ao Isso para que se nasceu…

Lá chegam todos…
Marinetti, acadêmico…

As Musas vingaram-se com focos elétricos, meu velho,
Puseram-te por fim na ribalta da cave velha,

E a tua dinâmica, sempre um bocado italiana, f-f-f-f-f-f-f-f…

ODE MARCIAL

[330]

Inúmero rio sem água — só gente e coisas,
Pavorosamente sem água!

Soam tambores longínquos no meu ouvido,
E eu não sei se vejo o rio se ouço os tambores,
Como se não pudesse ouvir e ver ao mesmo tempo!

Helahoho! helahoho!

A máquina de costura da pobre viúva morta à baioneta…
Ela cosia à tarde indeterminadamente…
A mesa onde jogavam os velhos,

Tudo misturado, tudo misturado com corpos, com sangues,
Tudo um só rio, uma só onda, um só arrastado horror.

Helahoho! helahoho!

Desenterrei o comboio de lata da criança calcado no meio da
[estrada,
E chorei como todas as mães do mundo sobre o horror da vida.
Os meus pés panteístas tropeçaram na máquina de costura da
[viúva que mataram à baioneta
E esse pobre instrumento de paz meteu uma lança no meu coração.

Sim, fui eu o culpado de tudo, fui eu o soldado todos eles
Que matou, violou, queimou e quebrou,
Fui eu e a minha vergonha e o meu remorso como uma sombra
[disforme
Passeiam por todo o mundo como Ashavero,
Mas atrás dos meus passos soam passos do tamanho do infinito

E um pavor físico de prestar contas a Deus faz-me fechar os
[olhos de repente.

Cristo absurdo da expiação de todos os crimes e de todas as
[violências,
A minha cruz está dentro de mim, hirta, a escaldar, a quebrar
E tudo dói na minha alma extensa como um Universo.

Arranquei o pobre brinquedo das mãos da criança e bati-lhe,
Os seus olhos assustados do meu filho que talvez terei e que
[matarão também
Pediram-me sem saber como toda a piedade por todos.

Do quarto da velha arranquei o retrato do filho e rasguei-o,
Ela, cheia de medo, chorou e não fez nada…
Senti de repente que ela era minha mãe e pela espinha abaixo
[passou-me o sopro de Deus.
Quebrei a máquina de costura da viúva pobre.
Ela chorava a um canto sem pensar na máquina de costura.
Haverá outro mundo onde eu tenha que ter uma filha que
[enviúve e a quem aconteça isto?

Mandei, capitão, fuzilar os camponeses trêmulos,
Deixei violar as filhas de todos os pais atados a árvores,
Agora vi que foi dentro de meu coração que tudo isso se passou,
E tudo escalda e sufoca e eu não me posso mexer sem que
[tudo seja o mesmo.
Deus tenha piedade de mim que a não tive de ninguém!

LÀ-BAS, JE NE SAIS OÙ…

[331]

Véspera de viagem, campainha…
Não me sobreavisem estridentemente!

Quero gozar o repouso da *gare* da alma que tenho

Antes de ver avançar para mim a chegada de ferro
Do comboio definitivo,
Antes de sentir a partida verdadeira nas goelas do estômago,
Antes de pôr no estribo um pé
Que nunca aprendeu a não ter emoção sempre que teve que partir.

Quero, neste momento, fumando no apeadeiro de hoje,
Estar ainda um bocado agarrado à velha vida.
Vida inútil, que era melhor deixar, que é uma cela?
Que importa? Todo o universo é uma cela, e o estar preso não
[tem que ver com o tamanho da cela.

Sabe-me a náusea próxima o cigarro. O comboio já partiu da
[outra estação…

Adeus, adeus, adeus, toda a gente que não veio despedir-se de mim,
Minha família abstrata e impossível…
Adeus dia de hoje, adeus apeadeiro de hoje, adeus vida, adeus vida!
Ficar como um volume rotulado esquecido,
Ao canto do resguardo de passageiros do outro lado da linha.
Ser encontrado pelo guarda casual depois da partida —
“E esta? Então não houve um tipo que deixou isto aqui?” —

Ficar só a pensar em partir,
Ficar e ter razão,
Ficar e morrer menos…

Vou para o futuro como para um exame difícil.
Se o comboio nunca chegasse e Deus tivesse pena de mim?

Já me vejo na estação até aqui simples metáfora.
Sou uma pessoa perfeitamente apresentável.
Vê-se — dizem — que tenho vivido no estrangeiro.
Os meus modos são de homem educado, evidentemente.
Pego na mala, rejeitando o moço, como a um vício vil.
E a mão com que pego na mala treme-me e a ela.

Partir!
Nunca voltarei,
Nunca voltarei porque nunca se volta.
O lugar a que se volta é sempre outro,
A *gare* a que se volta é outra.
Já não está a mesma gente, nem a mesma luz, nem a mesma [filosofia.

Partir! Meu Deus, partir! Tenho medo de partir!…

DOBRADA À MODA DO PORTO

[332]

Um dia, num restaurante, fora do espaço e do tempo,
Serviram-me o amor como dobrada fria.

Disse delicadamente ao missionário da cozinha
Que a preferia quente,
Que a dobrada (e era à moda do Porto) nunca se come fria.

Impacientaram-se comigo.
Nunca se pode ter razão, nem num restaurante.

Não comi, não pedi outra coisa, paguei a conta,
E vim passear para toda a rua.

Quem sabe o que isto quer dizer?
Eu não sei, e foi comigo…

(Sei muito bem que na infância de toda a gente houve um jardim,
Particular ou público, ou do vizinho.
Sei muito bem que brincarmos era o dono dele.
E que a tristeza é de hoje.)

Sei isso muitas vezes,
Mas, se eu pedi amor, porque é que me trouxeram

Dobrada à moda do Porto fria?
Não é prato que se possa comer frio,
Mas trouxeram-mo frio.
Não me queixei, mas estava frio,
Nunca se pode comer frio, mas veio frio.

POEMA EM LINHA RETA

[333]

Nunca conheci quem tivesse levado porrada.
Todos os meus conhecidos têm sido campeões em tudo.

E eu, tantas vezes reles, tantas vezes porco, tantas vezes vil,
Eu tantas vezes irrespondivelmente parasita,
Indesculpavelmente sujo,
Eu, que tantas vezes não tenho tido paciência para tomar banho,
Eu, que tantas vezes tenho sido ridículo, absurdo,

Que tenho enrolado os pés publicamente nos tapetes das
[etiquetas,
Que tenho sido grotesco, mesquinho, submisso e arrogante,
Que tenho sofrido enxovalhos e calado,
Que quando não tenho calado, tenho sido mais ridículo ainda;
Eu, que tenho sido cômico às criadas de hotel,
Eu, que tenho sentido o piscar de olhos dos moços de fretes,
Eu, que tenho feito vergonhas financeiras, pedido emprestado
[sem pagar,
Eu, que, quando a hora do soco surgiu, me tenho agachado
Para fora da possibilidade do soco;
Eu, que tenho sofrido a angústia das pequenas coisas ridículas,
Eu verifico que não tenho par nisto tudo neste mundo.

Toda a gente que eu conheço e que fala comigo
Nunca teve um ato ridículo, nunca sofreu enxovalho,
Nunca foi senão príncipe — todos eles príncipes — na vida…

Quem me dera ouvir de alguém a voz humana
Que confessasse não um pecado, mas uma infâmia;
Que contasse, não uma violência, mas uma cobardia!
Não, são todos o Ideal, se os ouço e me falam.
Quem há neste largo mundo que me confesse que uma vez
[foi vil?
Ó príncipes, meus irmãos,

Arre, estou farto de semideuses!
Onde é que há gente no mundo?

Então sou só eu que é vil e errôneo nesta terra?

Poderão as mulheres não os terem amado,
Podem ter sido traídos — mas ridículos nunca!
E eu, que tenho sido ridículo sem ter sido traído,
Como posso eu falar com os meus superiores sem titubear?
Eu, que tenho sido vil, literalmente vil,
Vil no sentido mesquinho e infame da vileza.

VILEGIATURA

[334]

O sossego da noite, na vilegiatura no alto;
O sossego, que mais aprofunda
O ladrar esparso dos cães de guarda na noite;
O silêncio, que mais se acentua,
Porque zumbe ou murmura uma coisa nenhuma no escuro…
Ah, a opressão de tudo isto!
Oprime como ser feliz!
Que vida idílica, se fosse outra pessoa que a tivesse
Com o zumbido ou murmúrio monótono de nada
Sob o céu sardento de estrelas,
Com o ladrar dos cães polvilhando o sossego de tudo!

Vim para aqui repousar,

Mas esqueci-me de me deixar lá em casa.
Trouxe comigo o espinho essencial de ser consciente,
A vaga náusea, a doença incerta, de me sentir.

Sempre esta inquietação mordida aos bocados
Como pão ralo escuro, que se esfarela caindo.
Sempre este mal-estar tomado aos maus haustos
Como um vinho de bêbado quando nem a náusea obsta.
Sempre, sempre, sempre
Este defeito da circulação na própria alma,
Esta lipotimia das sensações,
Isto…

(Tuas mãos esguias, um pouco pálidas, um pouco minhas,
Estavam naquele dia quietas pelo teu regaço de sentada,
Como e onde a tesoura e o dedal de uma outra.
Cismavas, olhando-me, como se eu fosse o espaço.
Recordo para ter em que pensar, sem pensar.
De repente, num meio suspiro, interrompeste o que estavas sendo.
Olhaste conscientemente para mim, e disseste:
"Tenho pena que todos os dias não sejam assim" —

Assim, como aquele dia que não fora nada…

Ah, não sabias,
Felizmente não sabias,
Que a pena é todos os dias serem assim, assim;
Que o mal é que, feliz ou infeliz,
A alma goza ou sofre o íntimo tédio de tudo,
Consciente ou inconscientemente,
Pensando ou por pensar —
Que a pena é essa…

Lembro fotograficamente as tuas mãos paradas,
Molemente estendidas.
Lembro-me, neste momento, mais delas do que de ti.

Que será feito de ti?
Sei que, no formidável algures da vida,
Casaste. Creio que és mãe. Deves ser feliz.
Por que o não haverias de ser?

Só por maldade…
Sim, seria injusto…
Injusto?

(Era um dia de sol pelos campos e eu dormitava, sorrindo.)

A vida…
Branco ou tinto, é o mesmo: é para vomitar.

CLEARLY NON-CAMPOS!

[335]

Não sei qual é o sentimento, ainda inexpresso,
Que subitamente, como uma sufocação, me aflige
O coração que, de repente,
Entre o que vive, se esquece.
Não sei qual é o sentimento

Que me desvia do caminho,
Que me dá de repente
Um nojo daquilo que seguia,
Uma vontade de nunca chegar a casa,
Um desejo de indefinido,
Um desejo lúcido de indefinido.

Quatro vezes mudou a ’stação falsa
No falso ano, no imutável curso
Do tempo consequente;
Ao verde segue o seco, e ao seco o verde,
E não sabe ninguém qual é o primeiro,
Nem o último, e acabam.

[336]

I

Sou vil, sou reles, como toda a gente,
Não tenho ideais, mas não os tem ninguém.
Quem diz que os tem é como eu, mas mente.
Quem diz que busca é porque não os tem.

É com a imaginação que eu amo o bem.
Meu baixo ser porém não mo consente.
Passo, fantasma do meu ser presente,
Ébrio, por intervalos, de um Além.

Como todos não creio no que creio.
Talvez possa morrer por esse ideal.
Mas, enquanto não morro, falo e leio.

Justificar-me? Sou quem todos são…
Modificar-me? Para meu igual?…
— Acaba lá com isso, ó coração!

II

Deuses, forças, almas de ciência ou fé,
Eh! Tanta explicação que nada explica!
Estou sentado no cais, numa barrica,
E não compreendo mais do que de pé.

Porque o havia de compreender?
Pois sim, mas também por que o não havia?
Água do rio, correndo suja e fria,
Eu passo como tu, sem mais valer…

Ó universo, novelo emaranhado,
Que paciência de dedos de quem pensa

Em outra coisa te põe separado?

Deixa de ser novelo o que nos fica…
A que brincar? Ao amor?, à indif’rença?
Por mim, só me levanto da barrica.

III

Corre, raio de rio, e leva ao mar
A minha indiferença subjetiva!
Qual “leva ao mar”! Tua presença esquiva
Que tem comigo e com o meu pensar?

Lesma de sorte! Vivo a cavalgar
A sombra de um jumento. A vida viva
Vive a dar nomes ao que não se ativa,
Morre a pôr etiquetas ao grande ar…

Escancarado Furness, mais três dias
Te aturarei, pobre engenheiro preso
A sucessibilíssimas vistorias…

Depois, ir-me-ei embora, eu e o desprezo
(E tu irás do mesmo modo que ias),
Qualquer, na *gare*, de cigarro aceso…

IV

Conclusão a sucata!… Fiz o cálculo,
Saiu-me certo, fui elogiado…
Meu coração é um enorme estrado
Onde se expõe um pequeno animálculo…

A microscópio de desilusões
Findei, prolixo nas minúcias fúteis…
Minhas conclusões práticas, inúteis…
Minhas conclusões teóricas, confusões…

Que teorias há para quem sente
O cérebro quebrar-se, como um dente
Dum pente de mendigo que emigrou?

Fecho o caderno dos apontamentos
E faço riscos moles e cinzentos
Nas costas do envelope do que sou…

V

Há quanto tempo, Portugal, há quanto
Vivemos separados! Ah, mas a alma,
Esta alma incerta, nunca forte ou calma,
Não se distrai de ti, nem bem nem tanto.

Sonho, histérico oculto, um vão recanto…
O rio Furness, que é o que aqui banha,
Só ironicamente me acompanha,
Que estou parado e ele correndo tanto…

Tanto? Sim, tanto relativamente…
Arre, acabemos com as distinções,
As sutilezas, o interstício, o entre,

A metafísica das sensações —
Acabemos com isto e tudo mais…
Ah, que ânsia humana de ser rio ou cais!

OUTRAS LÍNGUAS

À GUISA DE PREFÁCIO[2]

Apartado 147.
Lisboa, 18 de Novembro de 1930.

Meu querido Gaspar Simões:

Desculpe não ter respondido ainda à sua carta de 7: não queria responder sem lhe enviar os meus folhetos de versos em inglês, e só hoje é que consegui desencantar o embrulho onde estavam. Envio-lhos por este correio, sob invólucro separado.

São os *English Poems* I-II *(Antinous e Inscriptions)* e III *(Epithalamium)*, e os *35 Sonnets*; não lhe envio a primeira edição do *Antinous* (1918, folheto igual aos *35 Sonnets)*, porque esse poema foi reconstruído e aperfeiçoado, dando aquele que abre os *English Poems* posteriormente publicados. Se, porém, tem qualquer interesse, de ordem bibliofílica, em ter também esse proto -*Antinous*, tenho exemplares, e posso enviar-lhe um. Diga.

Não sei, realmente, quais são os seus conhecimentos da língua inglesa; mas devo advertir que é preciso conhecê-la realmente para compreender o texto complexo e compacto desses poemas, e particularmente dos *Sonetos*. Pode ser, porém, que a sua intuição e cultura artísticas, assim como o seu conhecimento de outros escritos meus, em português, supram o que me diz ser – não sei se com modéstia sublinhada – a sua débil ciência da língua inglesa.

Uma explicação. *Antinous* e *Epithalamium* são os únicos poemas (ou, até, composições) que eu tenho escrito que são nitidamente o que se pode chamar obscenos. Há em cada um de nós, por pouco que especialize instintivamente na obscenidade, um certo elemento desta ordem, cuja quantidade, evidentemente, varia de homem para homem. Como esses elementos, por pequeno que seja o grau em que existem, são um certo estorvo para alguns processos mentais superiores, decidi, por duas vezes, eliminálos pelo processo simples de os

exprimir intensamente. É nisto que se baseia o que será para v. a violência inteiramente inesperada de obscenidade que naqueles dois poemas – e sobretudo no*Epithalamium*, que é direto e bestial – se revela. Não sei porque escrevi qualquer dos poemas em inglês.

Outra explicação, esta desnecessária. Os dois poemas citados formam, com mais três, um pequeno livro que percorre o círculo do fenômeno amoroso. E percorre-o num ciclo, a que poderei chamar imperial. Assim, temos: (1) Grécia, *Antinous*; (2) Roma, *Epithalamium*; (3) Cristianidade, *Prayer to aWoman's Body*; (4) Império Moderno, *Pan-Eros*; (5) Quinto Império, *Anteros*. Estes três últimos poemas estão inéditos.

Explicarei isto melhor, omitindo, porém, por não ser ainda a ocasião de a dar, a explicação da sucessão dos impérios e o seu íntimo sentido. O conteúdo dos poemas não é o que define os «impérios» a que eles se reportam. Assim, *Antinous*, que é grego quanto ao sentimento, é romano quanto à colocação histórica. *Epitlhalamium*, que é romano quanto ao sentimento, que é a bestialidade romana, é, quanto ao assunto, um simples casamento em qualquer país cristão; e o mesmo sucede com os outros três poemas, ou, antes, sucede indiretamente, pois nenhum deles tem colocação precisa no tempo, mas só no sentimento. Quando digo que os dois primeiros são os únicos poemas nitidamente obscenos que tenho escrito, não digo mal; os outros três poemas, exceto uma ou outra frase casual no terceiro, nada têm que se possa qualificar de obsceno.

Estou com muito interesse em ver o seu estudo na *Presença*. Basta que o veja aí; não é preciso, como numa outra carta me disse, mandar-mo antes de o publicar. O título não me alarma nada, sendo certo, porém, que, de per si, não o compreendo definidamente. O estudo, contudo, mo explicará. Noto, aliás, que não dá o título como definitivo, mas como provável. Se ele define bem as conclusões do estudo, deve mantê-lo. Tem, com certeza, o dom de interessar.

Outra coisa muito diferente. Recebi, no dia 13, na minha caixa postal, uma carta sua (pelo envelope e letra nele) para o António Botto. Contra todos os precedentes, extraviei essa carta. Peço-lhe desculpa disso, e aviso-o, para que possa ter a maçada de escrever de novo. Não expliquei o caso ao António porque há uns quinze dias que o não vejo; a correspondência que vem para ele, para a minha caixa postal – e que pode sempre para ali ir, pois não costumo extraviar as cartas –, deixolha logo no Café Arcada, onde ele vai frequentemente, mas a horas a que eu raras vezes posso ir.

Um grande abraço do seu amigo certo, admirador e obrigado,

FERNANDO PESSOA.

POEMAS INGLESES

35 SONNETS

[337]

I

Whether we write or speak are but seen
We are ever unapparent. What we are
Cannot be transfused into word or mien.
Our soul from us is infinitely far.
However much we give our thoughts the will
To make our soul with arts of self-show stored,
Our hearts are incommunicable still.
In what we show ourselves we are ignored.
The abyss from soul to soul cannot be bridged
By any skill of thought or trick of seeming.
Unto our very selves we are abridged
When we would utter to our thought our being.
    We are our dreams of ourselves, souls by gleams,
    And each to each other dreams of others' dreams.

[338]

II

If that apparent part of life's delight
Our tingled flesh-sense circumscribes were seen
By aught save reflex and co-carnal sight,
Joy, flesh and life might prove but a gross screen.
Haply Truth's body is no eyable being,

Appearance even as appearance lies,
Haply our close, dark, vague, warm sense of seeing

Is the choked vision of blindfolded eyes.
Wherefrom what comes to thought's sense of life? Nought.
All is either the irrational world we see
Or some aught-else whose being-unknown doth rot
Its use for our thought's use. Whence taketh me
    A qualm-like ache of life, a body-deep
    Soul-hate of what we seek and what we weep.

[339]

III

When I do think my meanest line shall be
More in Time's use than my creating whole,
That future eyes more clearly shall feel me
In this inked page than in my direct soul;
When I conjecture put to make me seeing
Good readers of me in some aftertime,
Thankful to some idea of my being
That doth not even my with gone true soul rime;
An anger at the essence of the world,
That makes this thus, or thinkable this-wise,
Takes my soul by the throat and makes it hurled
In nightly horrors of despaired surmise,
    And I become the mere sense of a rage
    That lacks the very words whose waste might ‘suage.

[340]

IV

I could not think of thee as piecèd rot,
Yet such thou wert, for thou hadst been long dead;
Yet thou liv'dst entire in my seeing thought

And what thou wert in me had never fled.
Nay, I had fixed the moments of thy beauty —
Thy ebbing smile, thy kiss’s readiness,

And memory had taught my heart the duty
To know thee ever at that deathlessness.
But when I came where thou wert laid, and saw
The natural flowers ignoring thee sans blame,
And the encroaching grass, with casual flaw,
Framing the stone to age where was thy name,
I knew not how to feel, nor what to be
Towards thy fate’s material secrecy.

[341]

V

How can I think, or edge my thoughts to action,
When the miserly press of each day’s need
Aches to a narrowness of spilled distraction
My soul appalled at the world’s work’s time-greed?
How can I pause my thoughts upon the task
My soul was born to think that it must do
When every moment has a thought to ask
To fit the immediate craving of its cue?
The coin I’d heap for marrying my Muse
And build our home i’th’ greater Time-to-be
Becomes dissolved by needs of each day’s use
And I feel beggared of infinity,
Like a true-Christian sinner, each day flesh-driven
By his own act to forfeit his wished heaven.

[342]

VI

As a bad orator, badly o’er-book-skilled,

Doth overflow his purpose with made heat,
And, like a clock, winds with withoutness willed
What should have been an inner instinct's feat;
Or as a prose-wit, harshly poet turned,

Lacking the subtler music in his measure,
With useless care labours but to be spurned,
Courting in alien speech the Muse's pleasure;
I study how to love or how to hate,
Estranged by consciousness from sentiment,
With a thought feeling forced to be sedate
Even when the feeling's nature is violent;
As who would learn to swim without the river,
When nearest to the trick, as far as ever.

[343]

VII

Thy words are torture to me, that scarce grieve thee —
That entire death shall null my entire thought;
And I feel torture, not that I believe thee,
But that I cannot disbelieve thee not.
Shall that of me that now contains the stars
Be by the very contained stars survived?
Thus were Fate all unjust. Yet what truth bars
An all unjust Fate's truth from being believed?
Conjecture cannot fit to the seen world
A garment of its thought untorn or covering,
Or with its stuffed garb forge an otherworld
Without itself its dead deceit discovering;
So, all being possible, an idle thought may
Less idle thoughts, self-known no truer, dismay.

[344]

VIII

How many masks wear we, and undermasks,
Upon our countenance of soul, and when,
If for self-sport the soul itself unmasks,
Knows it the last mask off and the face plain?

The true mask feels no inside to the mask
But looks out of the mask by co-masked eyes.
Whatever consciousness begins the task
The task's accepted use to dulness ties.
Like a child frighted by its mirrored faces,
Our souls, that children are, being thought-losing,
Foist otherness upon their seen grimaces
And get a whole world on their forgot causing;
    And, when a thought would unmask our soul's masking,
    Itself goes not unmasked to the unmasking.

[345]

IX

Oh to be idle loving idleness!
But I am idle all in hate of me;
Ever in action's dream, in the false stress
Of purposed action never act to be.
Like a fierce beast self-penned in a bait-lair,
My will to act binds with excess my action,
Not-acting coils the thought with raged despair,
And acting rage doth paint despair distraction.
Like someone sinking in a treacherous sand,
Each gesture to deliver sinks the more;
The struggle avails not, and to raise no hand,
Though hut more slowly useless, we've no power.
    Hence live I the dead life each day doth bring,
    Repurposed for next day's repurposing.

[346]

X

As to a child, I talked my heart asleep
With empty promise of the coming day,
And it slept rather for my words made sleep

Than from a thought of what their sense did say.
For did it care for sense, would it not wake
And question closer to the morrow's pleasure?
Would it not edge nearer my words, to take
The promise in the meting of its measure?
So, if it slept, 'twas that it cared but for
The present sleepy use of promised joy,
Thanking the fruit but for the forecome flower
Which the less active senses best enjoy.
Thus with deceit I detain the heart
Of which deceit's self knows itself a part.

[347]

XI

Like to a ship that storms urge on its course,
By its own trials our soul is swifter made.
The very things that make the voyage worse
Do make it better; its peril is its aid.
And, as the storm drives from the storm, our heart
Within the peril disimperilled grows;
A port is near the more from port we part —
The port whereto our driven direction goes.
If we reap knowledge to cross-profit, this
From storms we learn, when the storm's height doth drive —
That the black presence of its violence is
The pushing promise of near far blue skies.
Learn we but how to have the pilot-skill,
And the storm's very might shall mate our will.

[348]

XII

As the lone, frighted user of a night-road
Suddenly turns round, nothing to detect,

Yet on his fear’s sense keepeth still the load
Of that brink-nothing he doth but suspect;
And the cold terror moves to him more near
Of something that from nothing casts a spell,
That, when he moves, to fright more is not there,
And’s only visible when invisible:
So I upon the world turn round in thought,
And nothing viewing do no courage take,
But my more terror, from no seen cause got,
To that felt corporate emptiness forsake,
    And draw my sense of mystery’s horror from
    Seeing no mystery’s mystery alone.

[349]

XIII

When I should be asleep to mine own voice
In telling thee how much thy love’s my dream,
I find me listening to myself, the noise
Of my words othered in my hearing them.
Yet wonder not: this is the poet’s soul.
I could not tell thee well of how I love,
Loved I not less by knowing it, were all
My self my love and no thought love to prove.
What consciousness makes more by consciousness,
It makes less, for it makes it less itself.
My sense of love could not my love rich-dress
Did it not for it spend love’s own love-pelf.
    Poet’s love’s this (as in these works I prove thee):

I love my love for thee more than I love thee.

[350]

XIV

We are born at sunset and we die ere morn,
And the whole darkness of the world we know,
How can we guess its truth, to darkness born,
The obscure consequence of absent glow?
Only the stars do teach us light. We task
Their scattered smallnesses with thoughts that stray,
And, though their eyes look through night's complete mask,
Yet they speak not the features of the day.
Why should these small denials of the whole
More than the black whole the pleased eyes attract?
Why what it calls «worth» does the captive soul
Add to the small and from the large detract?
So, out of light's love wishing it night's stretch,
A nightly thought of day we darkly reach.

[351]

XV

Like a bad suitor desperate and trembling
From the mixed sense of being not loved and loving,
Who with feared longing half would know, dissembling
With what he'd wish proved what he fears soon proving,
I look with inner eyes afraid to look,
Yet perplexed into looking, at the worth
This verse may have and wonder, of my book,
To what thoughts shall't in alien hearts give birth.
But, as he who doth love, and, loving, hopes,
Yet, hoping, fears, fears to put proof to proof,
And in his mind for possible proofs gropes,
Delaying the true proof, lest the real thing scoff,

I daily live, i'th' fame I dream to see,
But by my thought of others' thought of me.

[352]

XVI

We never joy enjoy to that full point
Regret doth wish joy had enjoyèd been,
Nor have the strength regret to disappoint
Recalling not past joy's thought, but its mien.
Yet joy was joy when it enjoyèd was
And after-enjoyed when as joy recalled,
It must have been joy ere its joy did pass
And, recalled, joy still, since its being-past galled.
Alas! All this is useless, for joy's in
Enjoying, not in thinking of enjoying.
Its mere thought-mirroring gainst itself doth sin,
By mere reflecting solid life destroying.
Yet the more thought we take to thought to prove
It must not think, doth further from joy move.

[353]

XVII

My love, and not I, is the egoist.
My love for thee loves itself more than thee;
Ay, more than me, in whom it doth exist,
And makes me live that it may feed on me.
In the country of bridges the bridge is
More real than the shores it doth unsever;
So in our world, all of Relation, this
Is true — that truer is Love than either lover.
This thought therefore comes lightly to Doubt's door —
If we, seeing substance of this world, are not
Mere Intervals, God's Absence and no more,

Hollows in real Consciousness and Thought.
And if ‘tis possible to Thought to bear this fruit,
Why should it not be possible to Truth?

[354]

XVIII

Indefinite space, which, by co-substance night,
In one black mystery two void mysteries blends;
The stray stars, whose innumerable light
Repeats one mystery till conjecture ends;
The stream of time, known by birth-bursting bubbles;
The gulf of silence, empty even of nought;
Thought’s high-walled maze, which the outed owner troubles
Because the string’s lost and the plan forgot:
When I think on this and that here I stand,
The thinker of these thoughts, emptily wise,
Holding up to my thinking my thing-hand
And looking at it with thought-alien eyes,
My wonder at my wonder looketh past
The universal darkness lone and vast.

[355]

XIX

Beauty and love let no one separate,
Whom exact Nature did to each ocher fit,
Giving to Beauty love as finishing fate
And to Love beauty as true colour of it.
Let he but friend be who the soul finds fair,
And none dare love outside the body’s thought,
So the seen couple’s togetherness shall bear
Truth to the beauty each in the other sought.
I could but love thee out of mockery
Of love and thee and mine own ugliness;

Therefore thy beauty I sing and wish not thee,
Thanking the Gods I long not out of place
    Lest, like a slave that for kings' robes doth long,
    Obtained, shall with mere wearing do them wrong.

[356]

XX

When in the widening circle of rebirth
To a new flesh my travelled soul shall come,
And try again the unremembered earth
With the old sadness for the immortal home,
Shall I revisit these same differing fields
And cull the old new flowers with the same sense,
That some small breath of foiled remembrance yields.
Of more age than my days in this pretence?
Shall I again regret strange faces lost
Of which the present memory is forgot
And but in unseen bulks of vagueness tossed
Out of the closed sea and black night of Thought?
    Were thy face one, what sweetness will't not be.
    Though by blind feeling, to remember thee!

[357]

XXI

Thought was born blind, but Thought knows what is seeing.
Its careful touch, deciphering forms from shapes,
Still suggests form as aught whose proper being
Mere finding touch with erring darkness drapes.
Yet whence, except from guessed sight, does touch teach
That touch is but a close and empty sense?
How does more touch, self-uncontented, reach
For some truer sense's whole intelligence?
The thing once touched, if touch be now omitted,

Stands yet in memory real and outward known,
So the untouching memory of touch is fitted
With sense of a sense whereby far things are shown
    So, by touch of untouching, wrongly aright,
    Touch' thought of seeing sees not things but Sight.

[358]

XXII

My soul is a stiff pageant, man by man,
Of some Egyptian art than Egypt older,
Found in some tomb whose rite no guess can scan,
Where all things else to coloured dust did moulder.
Whate'er its sense may mean, its age is twin
To that of priesthoods whose feet stood near God,
When knowledge was so great that 'twas a sin
And man's mere soul too man for its abode.
But when I ask what means that pageant I
And would look at it suddenly, I lose
The sense I had of seeing it, nor can try
Again to look, nor hath my memory a use
    That seems recalling, save that it recalls
    An emptiness of having seen those walls.

[359]

XXIII

Even as upon a low and cloud-domed day,
When clouds are one cloud till the horizon.
Our thinking senses deem the sun away
And say «'tis sunless» and «there is no sun»;
And yet the very day they wrong truth by
Is of the unseen sun's effluent essence,
The very words do give themselves the lie,
The very thought of absence comes from presence:

Even so deem we through Good of what is evil.
He speaks of light that speaks of absent light,
And absent god, becoming present devil,
Is still the absent god by essence’ right.
 The withdrawn cause by being withdrawn doth get
 (Being thereby cause still) the denied effect.

[360]

XXIV

Something in me was born before the stars
And saw the sun begin from far away.
Our yellow, local day on its wont jars,
For it hath communed with an absolute day.
Through my Thought’s night, as a worn robe’s heard trail
That I have never seen, I drag this past
That saw the Possible like a dawn grow pale
On the lost night before it, mute and vast.
It dates remoter than God’s birth can reach,
That had no birth but the world’s coming after.
So the world’s to me as, after whispered speech,
The cause-ignored sudden echoing of laughter.
 That ‘t has a meaning my conjecture knows,
 But that ‘t has meaning’s all its meaning shows.

[361]

XXV

We are in Fate and Fate’s and do but lack
Outness from soul to know ourselves its dwelling,
And do but compel Fate aside or back
By Fate’s own immanence in the compelling.
We are too far in us from outward truth
To know how much we are not what we are,
And live but in the heat of error’s youth,

Yet young enough its acting youth to ignore.
The doubleness of mind fails us, to glance
At our exterior presence amid things,
Sizing from otherness our countenance
And seeing our puppet will's act-acting strings.
   An unknown language speaks in us, which we
   Are at the words of, fronted from reality.

[362]

XXVI

The world is woven all of dream and error
And but one sureness in our truth may lie —
That when we hold to aught our thinking's mirror
We know it not by knowing it thereby.
For but one side of things the mirror knows,
And knows it colded from its solidness.
A double lie its truth is; what it shows
By true show's false and nowhere by true place.
Thought clouds our life's day-sense with strangeness, yet
Never from strangeness more than that it's strange
Doth buy our perplexed thinking, for we get
But the words' sense from words — knowledge, truth, change.
   We know the world is false, not what is true.
   Yet we think on, knowing we ne'er shall know.

[363]

XXVII

How yesterday is long ago! The past
Is a fixed infinite distance from to-day,
And bygone things, the first-lived as the last,
In irreparable sameness far away.
How the to-be is infinitely ever
Out of the place wherein it will be Now,

Like the seen wave yet far up in the river,
Which reaches not us, but the new-waved flow!
This thing Time is, whose being is having none,
The equable tyrant of our different fates,
Who could not be bought off by a shattered sun
Or tricked by new use of our careful dates.
    This thing Time is, that to the grave will bear
    My heart, sure but of it and of my fear.

[364]

XXVIII

The edge of the green wave whitely doth hiss
Upon the wetted sand. I look, yet dream.
Sure reality cannot be this!
Somehow, somewhere this surely doth but seem!
The sky, the sea, this great extent disclosed
Of outward joy, this bulk of life we feel,
Is not something, but something interposed.
Only what in this is not this is true.
If this be to have sense, if to be awake
Be but to see this bright, great sleep of things
For the rarer potion mine own dreams I'll take
And for truth commune with imaginings,
    Holding a dream too bitter, a too fair curse,
    This common sleep of men, the universe.

[365]

XXIX

My weary life, that lives unsatisfied
On the foiled off-brink of being e'er but this,
To whom the power to will hath been denied
And the will to renounce doth also miss;
My sated life, with having nothing sated,

In the motion of moving poisèd aye,
Within its dreams from its own dreams abated —
This life let the Gods change or Lake away.
For this endless succession of empty hours,
Like deserts after deserts, voidly one,
Doth undermine the very dreaming powers
And dull even thought's active inaction,
Tainting with fore-unwilled will the dreamed act
Twice thus removed from the unobtained fact.

[366]

XXX

I do not know what truth the shown untruth
Of this sad sense of the seen world may own,
Or if this flowered plant bears also a fruit
Unto the true reality unknown.
But as the rainbow, neither earth's nor sky's,
Stands in the dripping freshness of lulled rain,
A hope, note real yet not fancy's lies
Athwart the moment of our ceasing pain.
Somehow, since pain is felt yet felt as ill,
Hope hath a better warrant than being hoped;
Since pain is felt as aught we should not feel
Man hath a Nature's reason for having groped,
Since Time was Time and age and grief his measures,
Towards a better shelter than Time's pleasures.

[367]

XXXI

I am older than Nature and her Time
By all the timeless age of Consciousness,
And my adult oblivion of the clime
Where I was born makes me not countryless.

An exile's yearnings through my thoughts escape
For daylight of that land where once I dreamed,
Which I cannot recall in colour or shape
But haunts my hours like something that hath gleamed
And yet is not as light rememberèd,
Nor to the left or to the right conceived;
And all round me tastes as if life were dead
And the world made but to be disbelieved.
Thus I my hope on unknown truth lay; yet
How but by hope do I the unknown truth get?

[368]

XXXII

When I have sense of what to sense appears,
Sense is sense ere 'tis mine or mine in me is.
When I hear, Hearing, ere I do hear, hears.
When I see, before me abstract Seeing sees.
I am part Soul part I in all I touch —
Soul by that part I hold in common with all,
And I the spoiled part, that doth make sense such
As I can err by it and my sense mine call.
The rest is wondering what these thoughts may mean,
That come to explain and suddenly are gone,
Like messengers that mock the message' mien,
Explaining all but the explanation;
As if we a ciphered letter's cipher hit
And find it in an unknown language writ.

[369]

XXXIII

He that goes back does, since he goes, advance,
Though he doth not advance who goeth back,
And he that seeks, though he on nothing chance

May still by words be said to find a lack.
This paradox of having, that is nought
In the world’s meaning of the things it screens,
Is yet true of the substance of pure thought
And there means something by the nought it means.
For thinking nought does on nought being confer,
As giving not is acting not to give,
And, to the same unbribed true thought, to err
Is to find truth, though by its negative.
    So why call this world false, if falsility
    Be aught, and being aught Being to be?

[370]

XXXIV

Happy the maimed, the halt, the mad, the blind —
All who, stamped separate by curtailing birth,
Owe no duty’s allegiance to mankind
Nor stand a valuing in their scheme of worth!
But I, whom Fate, not Nature, did curtail,
By no exterior voidness being exempt,
Must bear accusing glances where I fail,
Fixed in the general orbit of contempt.
Fate, less than Nature in being kind to lacking,
Giving the ill, shows not as outer cause,
Making our mock-free will the mirror’s backing
Which Fate’s own acts as if in itself shows;
    And men, like children, seeing the image there,
    Take place for cause and make our will Fate bear.

[371]

XXXV

Good. I have done. My heart weighs. I am sad.
The outer day, void statue of lit blue,

Is altogether outward, other, glad
At mere being not-I (so my aches construe).
I, that have failed in everything, bewail
Nothing this hour but that I have bewailed,
For in the general fate what is't to fail?
Why, fate being past for Fate, 'tis but to have failed.
Whatever hap or stop, what matters it,
Sith to the mattering our will bringeth nought?
With the higher trifling let us world our wit,
Conscious that, if we do't, that was the lot
    The regular stars bound us to, when they stood
    Godfathers to our birth and to our blood.

Lisbon, 1918.

ANTINOUS

[372]

The rain outside was cold in Hadrian's soul.

The boy lay dead
On the low couch, on whose denuded whole,
To Hadrian's eyes, whose sorrow was a dread,
The shadowy light of Death's eclipse was shed.

The boy lay dead, and te day seemed a night
Outside. The rain fell like a sick affright
Of Nature at her work in killing him.
Memory of what he was gave no delight,
Delight at what he was was dead and dim.

O hands that once had clasped Hadrian's warm hands,
Whose cold now found them cold!
O hair bound erstwhile with the pressing bands!
O eyes half-diffidently bold!
O bare female male-body such

As a god’s likeness to humanity!
O lips whose opening redness erst could touch
Lust’s seats with a live art’s variety!

O fingers skilled in things not to be told!
O tongue which, counter-tongued, made the blood bold!
O complete regency of lust throned on
Raged consciousness’s spilled suspension!
These things are things that now must be no more.
The rain is silent, and the Emperor
Sinks by te couch. His grief is like a rage,
For the gods take away the life they give
And spoil te beauty they made live.
He weeps and knows that every future age
Is looking on him out of the to-be;
His love is on a universal stage;
A thousand unborn eyes weep with his misery.

Antinous is dead, is dead for ever,
Is dead for ever and all loves lament.
Venus herself, that was Adonis’ lover,
Seeing him, that newly lived, now dead again,
Lends her old grief’s renewal to be blent
With Hadrian’s pain.

Now is Apollo sad because te stealer
Of his white body is for ever cold.
No careful kisses on that nippled point
Covering his heart-beats’ silent place restore
His life again to ope his eyes and feel her
Presence along his veins Love’s fortress hold.
No warmth of his another’s warmth demands.
Now will his hands behind his head no more
Linked, in that posture giving all but hands,
On the projected body hands implore.

The rain falls, and he lies like one who hath
Forgotten all the gestures of his love
And lies awake waiting their hot return.
But all his arts and toys are now with Death.
This human ice no way of heat can move;
These ashes of a fire no flame can burn.

O Hadrian, what will now thy cold life be?
What boots it to be lord of men and might?
His absence o’ er thy visible empery
Comes like a night,
Nor is there morn in hopes of new delight.
Now are thy nights widowed of love and kisses;
Now are thy days robbed of the night’s awaiting;
Now have thy lips no purpose for thy blisses,
Left but to speak the name that Death is mating
With solitude and sorrow and affright.

Thy vague hands grope, as if they had dropped joy.
To hear that the rain ceases lift thy head,
And thy raised glance take to the lovely boy.

Naked he lies upon that memoried bed;
By thine own hand he lies uncoverèd.
There was he wont thy dangling sense to cloy,
Ande uncloy with more cloying, and annoy
With newer uncloying till thy senses bled.

His hand and mouth knew games to reinstal
Desire that thy worn spine was hurt to follow.
Sometimes it seemed to thee that all was hollow
In sense in each new straining of sucked lust.
Then still new turns of toying would he call
To thy nerves’ flesh, and thou wouldst tremble and fall
Back on thy cushions with thy mind’s sense hushed.

“Beautiful was my love, yet melancholy.
He had that art, that makes love captive wholly,
Of being slowly sad among lust’s rages.
Now the Nile gave him up, the eternal Nile.
Under his wet locks Death’s blue paleness wages
Now war upon our wishing with sad smile.”

Even as he thinks, the lust that is no more
Than a memory of lust revives and takes
His senses by the hand, his felt flesh wakes,
And all becomes again what ‘twas before.
The dead body on the bed starts up and lives
And comes to lie with him, close, closer, and
A creeping love-wise and invisible hand
At every body-entrance to his lust
Whispers caresses which flit off yet just
Remain enough to bleed his last nerve’s strand,
O sweet and cruel Parthian fugitives!

So he half rises, looking on his lover,
That now can love nothing but what none know.
Vaguely half-seeing what he doth behold,
He runs his cold lips all the body over.
And so ice-senseless are his lips that, lo!,
He scarce tastes death from the dead body’s cold,

But it seems both are dead or living both
And love is still the presence and the mover.
Then his lips cease on the other lips’ cold sloth.

Ah, there the wanting breath reminds his lips
That from beyond the gods hath moved a mist
Between him and this boy. His finger-tips,
Still idly searching o’er the body, list
For some flesh-response to their waking mood.
But their love-question is not understood:

The god is dead whose cult was to be kissed!

He lifts his hand up to where heaven should be
And cries on the mute gods to know his pain.
Let your calm faces turn aside to his plea,
O granting powers! He will yield up his reign.
In the still deserts he will parchèd live,
In the far barbarous roads beggar or slave,
But to his arms again the warm boy give!
Forego that space ye meant to be his grave!

Take all the female loveliness of earth
And in one mound of death its remnant spill!
But, by sweet Ganymede, that Jove found worth
And above Hebe did elect to fill
His cup at his high feasting, and instil
The friendlier love that fills the other’s dearth,
The clod of female embraces resolve

To dust, O father of the gods, but spare
This boy and his white body and golden hair!
Maybe thy better Ganymede thou feel’st
That he should be, and out of jealous care
From Hadrian’s arms to thine his beauty steal’st.

He was a kitten playing with lust, playing
With his own and with Hadrian’s, sometimes one
And sometimes two, now linking, now undone;
Now Ieaving lust, now lust’s high lusts delaying;

Now eyeing lust not wide, but from askance
Jumping round on lust’s half-unexpectance;
Now softly gripping, then with fury holding,
Now playfully playing, now seriously, now lying
By th’ side of lust looking at it, now spying
Which way to take lust in his lust’s withholding.

Thus did the hours slide from their tangled hands
And from their mixèd limbs the moments slip.
Now were his arms dead leaves, now iron bands;
Now were his lips cups, now the things that sip;
Now were his eyes too closed and now too looking;
Now were his uncontinuings frenzy working;
Now were his arts a feather and now a whip.

That love they lived as a religion
Offered to gods that come themselves to men.
Sometimes he was adorned or made to don
Half-vestures, then in statued nudity
Did imitate some god that seems to be
By marble's accurate virtue men's again.
Now was he Venus, white out of the seas;

And now was he Apollo, young and golden;
Now as Jove sate he in mock judgment over
The presence at his feet of his slaved lover;
Now was he an acted rite, by one beholden,
In ever-repositioned mysteries.

Now he is something anyone can be.
O stark negation of the thing it is!
O golden-haired moon-cold loveliness!
Too cold! too cold! and love as cold as he!
Love through the memories of his love doth roam
As through a labyrinth, in sad madness glad,
And now calls on his name and bids him come,
And now is smiling at his imaged coming
That is i'th' heart like faces in the gloaming —
Mere shining shadows of the forms they had.

The rain again like a vague pain arose
And put the sense of wetness in the air.
Suddenly did the Emperor suppose

He saw this room and all in it from far.
He saw the couch, the boy, and his own frame
Cast down against the couch, and he became
A clearer presence to himself, and said
These words unuttered, save to his soul's dread:
"I shall build thee a statue that will be
To the continued future evidence
Of my love and thy beauty and the sense
That beauty giveth ot divinity.
Though death with subtle uncovering hands remove
The apparel of life and empire from our love,
Yet its nude statue, that thou dost inspirit,
All future times, whether they will't or not,
Shall, like a gift a forcing god hath brought,
Inevitably inherit.

"Ay, this thy statue shall I build, and set
Upon the pinnacle of being thine, that Time
By its subtle dim crime
Will fear to eat it from life, or to fret
With war's or envy's rage from bulk and stone.
Fate cannot be that! Gods themselves, that make
Things change, Fate's own hand, that doth overtake
The gods themselves with darkness, will draw back
From marring thus thy statue and my boon,
Leaving the wide world hollow with thy lack.

"This picture of our love will bridge the ages.
It will loom white out of the past and be
Eternal, like a Roman victory,

In every heart, the future will give rages
Of not being our love's contemporary.

"Yet oh that this were needed not, and thou
Wert the red flower perfuming my life,

The garland on the brows of my delight,
The living flame on altars of my soul!
Would all this were a thing thou mightest now
Smile at from under thy death-mocking lids
And wonder that I should so put a strife
Twixt me and gods for thy lost presence bright;
Were there nought in this but my empty dole
And thy awakening smile half to condole
With what my dreaming pain to hope forbids."

Thus went he, like a lover who is waiting,
From place to place in his dim doubting mind.
Now was his hope a great intention fating
Its wish to being, now felt he he was blind
In some point of his seen wish undefined.

When love meets death we know not what to feel.
When death foils love we know not what to know.
Now did his doubt hope, now did his hope doubt;
Now what his wish dreamed the dream's sense did flout
And to a sullen emptiness congeal.
Thcn again the gods fanned love's darkening glow.

"Thy death has given me a higher lust —
A flesh-lust raging for eternity.
On mine imperial fate I set my trust
That the high gods,that made me emperor be,
Will not annul from a more real life
My wish that thou should'st live for e'er and stand
A fleshly presence on their better land,
More lovely yet not lovelier, for there
No things impossible our wishes mar
Nor pain our hearts with change and time and strife.

"Love, love, my love! thou art already a god.
This thought of mine, which I a wish believe,

Is no wish, but a sight, to me allowed
By the great gods, that love love and can give
To mortal hearts, under the shape of wishes —
Of wishes having undiscovered reaches —,
A vision of the real things beyond
Our life-imprisoned life, our sense-bound sense.
Ay, what I wish thee to be thou art now
Already. Already on Olympic ground
Thou walkest and art perfect, yet art thou,
For thou needst no excess of thee to don
Perfect to be, being perfection.

“My heart is singing like a morning bird.
A great hope from the gods comes down to me
And bids my heart to subtler sense be stirred
And think not that strange evil of thee
That to think thee mortal would be.

“My love, my love, my god-love! Let me kiss
On thy cold lips thy hot lips now immortal,
Greeting thee at Death’s portal’s happiness,
For to the gods Death’s portal is Life’s portal.

“Were no Olympus yet for thee, my love
Would make thee one, where thou sole god mightst prove,
And I thy sole adorer, glad to be
Thy sole adorer through infinity.
That were a universe divine enough
For love and me and what to me thou art.
To have thee is a thing made of gods’ stuff
And to look on thee eternity’s best part.

“But this is true and mine own art: the god
Thou art now is a body made by me,
For, if thou art now flesh reality
Beyond where men age and night cometh still,

‘Tis to my love’s great making power thou owest
‘I’hat life thou on thy memory bestowest

And mak’st it carnal. Had my love not held
An empire of my mighty legioned will,
Thou to gods’ consort hadst not been compelled.

“My love that found thee, when it found thee did
But find its own true body and exact look.
Therefore when now thy memory I bid
Become a god where gods are, I but move
To death’s high column’s top the shape it took
And set it there for vision of all love.

“O love, my love, put up with my strong will
Of loving to Olympus, be thou there
The latest god, whose honey-coloured hair
Takes divine eyes! As thou wert on earthe, still
In heaven bodifully be and roam,
A prisoner of that happiness of home,
With elder gods, while I on earth do make
A statue for thy deathlessness’ seen sake.

“Yet thy true deathless statue I shall build
Will be no stone thing, but that same regret
By which our love’s eternity is willed.
One side of that is thou, as gods see thee
Now, and the other, here, thy memory.
My sorrow will make that men’s god, and set
Thy naked memory on the parapet
That looks upon the seas of future times.
Some will say all our love was but our crimes;
Others against our names the knives will whet
Of their glad hate of beauty’s beauty, and make
Our names a base of heap whereon to rake
The names of all our brothers with quick scorn.

Yet will our presence, like eternal Morn,
Ever return at Beauty’s hour, and shine

Out of the East of Love, in light to enshrine
New gods to come, the lacking world to adorn.

“All that thou art now is thyself and I.
Our dual presence has its unity
In that perfection of body which my love
By loving it, became, and did from life
Raise into godness, calm above the strife
Of times, and changing passions far above.

“But since men see more with the eyes than soul,
Still I in stone shall utter this great dole;
Still, eager that men hunger by thy presence,
I shall to marble carry this regret
That in my heart like a great star is set.
Thus, even in stone, our love shall stand so great
In thy statue of us, like a god’s fate,
Our love’s incarnate and discarnate essence,
That, like a trumpet reaching over seas
And going from continent to continent,
Our love shall speak its joy and woe, death-blent,
Over infinities and eternities.

“And here, memory or statue, we shall stand,
Still the same one, as we were hand in hand
Nor felt each other’s hand for feeling feeling.
Men still will see me when thy sense they take.
The entire gods might pass, in the vast wheeling
Of the globed ages. If but for thy sake,
That, being theirs, hadst gone with their gone band,
They would return, as they had slept to wake.

“Then the end of days when Jove were born again

And Ganymede again pour at his feast
Would see our dual soul from death released
And recreated unto joy, fear, pain —
All that love doth contain;
Life — all the beauty that doth make a lust

Of love's own true love, at the spell amazed;
And, if our very memory wore to dust,
By some god's race of the end of ages must
Our dual unity again be raised."

It rained still. But slow-treading night came in,
Closing the weary eyelids of each sense.
The very consciousness of self and soul
Grew, like a landscape through dim raining, dim.
The Emperor lay still, so still that now
He half forgot where now he lay, or whence
The sorrow that was still salt on his lips.
All had been something very far, a scroll

Rolled up. The things he felt were like the rim
That haloes round the moon when the night weeps.

His head was bowed into his arms, and they
On the low couch, foreign to his sense, lay.
His closed eyes seemed open to him, and seeing
The naked floor, dark, cold, sad and unmeaning.
His hurting breath was all his sense could know.
Out of the falling darkness the wind rose
And fell; a voice swooned in the courts below;
And the Emperor slept.

The gods came now
And bore something away, no sense knows how,
On unseen arms of power and repose.

Lisbon, 1915

[373]

I

We pass and dream. Earth smiles. Virtue is rare.
Age, duty, gods weigh on our conscious bliss.
Hope for the best and for the worst prepare.
The sum of purposed wisdom speaks in this.

II

Me, Chloe, a maid, the mighty fates have given,
Who was nought to them, to the peopled shades.
Thus the gods will. My years were but twice seven.
I am forgotten in my distant glades.

III

From my villa on the hill I long looked down
Upon the muttering town;
Then one day drew (life sight-sick, dull hope shed)
My toga o’er my head
(The simplest gesture being the greatest thing)
Like a raised wing.

IV

Not Cecrops kept my bees. My olives bore
Oil like the sun. My several herd lowed far.
The breathing traveller rested by my door.
The wet earth smells still; dead my nostrils are.

V

I conquered. Far barbarians hear my name.
Men were dice in my game,

But to my throw myself did lesser come:

I threw dice, Fate the sum.

VI

Some were as loved loved, some as prizes prized.
A natural wife to the fed man my mate,
I was sufficient to whom I sufficed.
I moved, slept, bore and aged without a fate.

VII

I put by pleasure Iike an alien bowl.
Stern, separate, mine, I looked towards where gods seem.
From behind me the common shadow stole.
Dreaming that I slept not, I slept my dream.

VIII

Scarce five years passed ere I passed too.
Death came and took the child he found.
No god spared, or fate smiled at, so
Small hands, clutching so little round.

IX

There is a silence where the town was old.
Grass grows where not a memory lies below.
We that dined loud are sand. The tale is told.
The far hoofs hush. The inn’s last light doth go.

X

We, that both lie here, loved. This denies us.
My lost hand crumbles where her breasts’ lack is.
Love’s known, each lover is anonymous.
We both felt fair. Kiss, for that was our kiss.

XI

I for my city’s want fought far and fell.

I could not tell
What she did want, that knew she wanted me.
Her walls be free,
Her speech keep such as I spoke, and men die,
That she die not, as I.

XII

Life lived us, not we life. We, as bees sip,
Looked, talked and had. Trees grow as we did last.
We loved the gods but as we see a ship.
Never aware of being aware, we passed.

XIII

The work is done. The hammer is laid down.
The artisans, that built the slow-grown town,
Have been succeeded by those who still built.
All this is something lack-of-something screening.
The thought whole has no meaning
But lies by Time's wall like a pitcher spilt.

XIV

This covers me, that erst had the blue sky.
This soil treads me, that once I trod. My hand
Put these inscriptions here, half knowing why;
Last, and hence seeing all, of the passing band.

Lisbon, 1920

EPITHALAMIUM

I

Set ope ali shutters, that the day come in
Like a sea or a din!
Let not a nook of useless shade compel
Thoughts of the night, or tell
The mind’s comparing that some things are sad,
For this day all are glad!
‘Tis morn, ‘tis open morn, the full sun is
Risen from out the abyss
Where last night lay beyond the unseeu rim
Of the horizon dim.
Now is the bride awaking. Lo! she starts
To feel the ‘day is home
Whose too-near night will put two different hearts
To beat as near as flesh can let them come.
Guess how she joys in her feared going, nor opes
Her eyes for fear of fearing at her joy.
Now is the pained arrival of all hopes.
With the half-thought she scarce knows how to toy.
Oh, let her wait a moment or a day
And prepare for the fray
For which her thoughts not ever quite prepare!
With the real day’s arrival she’s half wroth.
Though she wish what she wants, she yet doth stay

Her dreams yet mergèd are
In the slow verge of sleep, which idly doth
The accurate hope of things remotely mar.

[375]

II

Part from the windows the small curtains set
Sight more than light to omit!
Look on the general fields, how bright they lie

Under the broad blue sky,
Cloudless, and the beginning of t1e heat
Does the sight half iil-treat!
The bride hath wakened. Lo! she feels her shaking
Heart better all her waking!
Her breasts are with fear’s coldness inward clutched
And more felt on her grown,
That will by hands other than hers be touched
And will find lips sucking their budded crown.
Lo! the thought of the bridegroom’s hands already
Feels her about where even her hands are shy,
And her thoughts shrink till they become unready.
She gathers up her body and still doth lie.
She vaguely lets her eyes feel opening.
In a fringed mist each thing
Looms, and the present day is truly clear
But to her sense of fear.
Like a hue, light lies on her lidded sight,
And she half hates the inevitable light.

[376]

III

Open the windows and the doors all wide
Lest aught of night abide,

Or, like a ship’s trail in the sea, survive
What made it there to live!
She lies in bed half waiting that her wish
Grow bolder or more rich
To make her rise, or poorer, to oust fear,
And she rise as a common day were here.
That she would be a bride in bed with man
The parts where she is woman do insist
And send up messages that shame doth ban
From being dreamed but in a shapeless mist.

She opes her eyes, the ceiling sees above
Shutting the small alcove,
And thinks, till she must shut her eyes again.
Another ceiling she this night will know,
Another house, another bed, she lain
In a way she half guesses; so
She shuts her eyes to see not the room she
Soon will no longer see.

[377]

IV

Let the wide light come through the whole house now
Like a herald with brow
Garlanded round with roses and those leaves
That love for its love weaves!
Between her and the ceiling this day's ending
A man's weight will be bending.
Lo! with the thought her legs she twines, well knowing
A hand will part them then;
Fearing that entering in her, that allowing
That will make softness begin rude at pain.
If ye, glad sunbeams, are inhabitèd
By sprites or gnomes that dally with the day,
Whisper her, if she shrink that she'll be bled,
That love's large bower is doored in this small way.

[378]

V

Now will her grave of untorn maidenhood
Be dug in her small blood.
Assemble ye at that glad funeral
And weave her scarlet pall,
O pinings for the flesh of man that often

Did her secret hours soften
And take her willing and unwilling hand
Where pleasure starteth up.
Come forth, ye moted gnomes, unruly band,
That come so quick ye spill your brimming cup;
Ye that make youth young and flesh nice
And the glad spring and summer sun arise;
Ye by whose secret presence the trees grow
Green, and the flowers bud, and birds sing free,
When with the fury of a trembling glow
The bull climbs on the heifer mightily!

[379]

VI

Sing at her window, ye heard early wings
In whose song joy’s self sings!
Buzz in her room along her loss of sleep,
O small flies, tumble and creep
Along the counterpane and on her fingers
In mating pairs. She lingers.
Along her joined-felt legs a prophecy
Creeps like an inward hand.
Look how she tarries! Tell her: fear not glee!
Come up! Awake! Dress for undressing! Stand!
Look how the sun is altogether all!
Life hums around her senses petalled dose.
Come up! Come Up! Pleasure must thee befall!
Joy to be plucked, O yet ungathered rose!

[380]

VII

Now is she risen. Look how she looks down,
After her slow down-slid night-gown,

On her unspotted while of nakedness
Save where the beast’s difference from her white frame
Hairily triangling black below doth shame
Her to-day’s sight of it, till the caress
Of the chemise cover her body. Dress!
Stop not, sitting upon the bed’s hard edge,
Stop not to wonder at by-and-bye, nor guess!
List to the rapid birds i’th’ window ledge!
Up, up and washed! Lo! she is up half-gowned,
For she lacks hands to have power to button fit
The white symbolic wearing, and she’s found
By her maids thus, that come to perfect it.

[381]

VIII

Look how over her seeing-them-not her maids
Smile at each other their same thought of her!
Already is she deflowered in others’ thoughts.
With curious carefulness of inlocked braids,
With hands that in the sun minutely stir,
One works her hair into concerted knots.
Another buttons tight the gown; her hand,
Touching the body’s warmth of life, doth band
Her thoughts with the rude bridegroom’s hand to be.
The first then, on the veil placed mistily,
Lays on her head, her own head sideways leaning,
The garland soon to have no meaning.
The first then, on the veil placed mistily,
Fit close the trembling feet, and her eyes see
The stockinged leg, road upwards to that boon
Where all this day centres its revelry.

[382]

IX

Now is she gowned completely, her face won
To a flush. Look how the sun
Shines hot and how the creeper, loosed, doth strain
To hit the heated pane!
She is all white, all she’s awaiting him.
Her eyes are bright and dim.
Her hands are cold, her lips are dry, her heart
Pants like a pursued hart.

[383]

X

Now is she issued. List how all speech pines
Then bursts into a wave of speech again!
Now is she issued out to where the guests
Look on her daring not to look at them.
The hot sun outside shines.
A sweaty oiliness of hot life rests
On the day’s face this hour.
A mad joy’s pent in each warm thing’s hushed power.

[384]

XI

Hang with festoons and wreaths and coronals
The corridors and halls!
Be there all round the sound of gay bells ringing!
Let there be echoing singing!
Pour out like a libation all your joy!
Shout, even ye children, little maid and boy
Whose belly yet unfurred yet whitely decks
A sexless thing of sex!

Shout out as if ye knew what joy this is
You clap at in such bliss!

[385]

XII

This is the month and this the day.
Ye must not stay.
Sally ye out and in warm clusters move
To where beyond the trees the belfry’s height
Does in the blue wide heaven a message prove,
Somewhat calm, of delight.
Now flushed and whispering loud sally ye out
To church! The sun pours on the ordered rout,
And all their following eyes clasp round the bride:
They feel like hands her bosom and her side;
Like the inside of the vestment next her skin,
They round her round and fold each crevice in;
They lift her skirts up, as to tease or woo
The cleft hid thing below;
And this they think at her peeps in their ways
And in their glances plays.

[386]

XIII

No more, no more of church or feast, for these
Are outward to the day, like the green trees
That flank the road to church and the same road
Back from the church, under a higher sun trod.
These have no more part than a floor or wall
In the great day’s true ceremonial.
The guests themselves, no less than they that wed,
Hold these as nought but corridors to bed.
So are all things, that between this and dark

Will be passed, a dim work
Of minutes, hours seen in a sleep and dreamed

Untimed and wrongly deemed.
The bridal and the walk back and the feast
Are all for each a mist
Where he sees others through a blurred hot notion
Of drunk and veined emotion,
And a red race runs through his seeing and hearing,
A great carouse of dreams seen each on each,
Till their importunate careering
A stopped, half-hurting point of mad joy reach.

[387]

XIV

The bridegroom aches for the end of this and lusts
To know those paps in sucking gusts,
To put his first hand on that belly’s hair
And feel for the lipped lair,
The fortress made but to be taken, for which
He feels the battering ram grow large and itch.
The trembling glad bride feels all the day hot
On that still cloistered spot
Where only her nightly maiden hand did feign
A pleasure’s empty gain.
And, of the others, most will whisper at this,
Knowing the spurt it is;
And children yet, that watch with looking eyes,
Will now thrill to be wise
In flesh, and with big men and women act
The liquid tickling fact
For whose taste they’1l in secret corners try
They scarce know what still dry

[388]

XV

Even ye, now old, that to this come as to
Your past, your own joy throw
Into the cup, and with the younger drink
That which now makes you think
Of what love was when love was. (For not now
Your winter thoughts allow).
Drink with the hot day, the bride’s sad joy and
The bridegroom’s haste inreined,
The memory of that day when ye were young
And, with great paeans sung
Along the surface of the depths of you,
You paired and the night saw
The day come in and you did still pant close,
And still the half-fallen flesh distending rose.

[389]

XVI

No matter now or past or future. Be
Lovers’ age in your glee!
Give all your thoughts to this great muscled day
That like a courser tears
The bit of Time, to make night come and say
The maiden mount now her first rider bears!
Flesh pinched, flesh bit, flesh sucked, flesh girt around.
Flesh crushed and ground,
These things inflame your thoughts and make ye dim
In what ye say or seem!
Rage out in naked glances till ye fright
Your ague of delight,
In glances seeming clothes and thoughts to hate
That fleshes separate;
Stretch out your limbs to the warm day outside,

To feel it while it bide!
For the strong sun, the hot ground, the green grass,

Each far lake's dazzling glass,
And each one's flushed thought of the night to be
Are all one joy-hot unity.

[390]

XVII

In a red bacchic surge of thoughts that beat
On the mad temples like an ire's amaze,
In a fury that hurts the eyes, and yet
Doth make all things clear with a blur around,
The whole group's soul like a glad drunkard sways
And bounds up from the ground!
Ay, though all these be common people heaping
To church, from church, the bridal keeping,
Yet all the satyrs and big pagan haunches
That in taut flesh delight and teats and paunches,
And whose course, trailing through the foliage, nears
The crouched nymph that half fears,
In invisible rush, behind, before
This decent group move, and with hot thoughts store
The passive souls round which their mesh they wind,
The while their rout, loud stumbling as if blind,
Makes the hilled earth wake echoing from her sleep
To the lust in their leap.

[391]

XVIII

Io! Io! There runs a juice of pleasure's rage
Through these frames' mesh,
That now do really ache to strip and wage
Upon each others' flesh
The war that fills the womb and puts milk in

The teats a man did win,
The battle fought with rage to join and fit
And not to hurt or hit!
Io! Io! Be drunken like the day and hour!
Shout, laugh and overpower
With clamour your own thoughts, lest they a breath
Utter of age or death!
Now is all absolute youth, and the small pains
That thrill the filléd veins
Themselves are edged in a great tickling joy
That halts ever ere it cloy.
Put out of mind all things save flesh and giving
The male milk that makes living!
Rake out great peals of joy like grass from ground
In your o'ergrown soul found!
Make your great rut dispersedly rejoice
With laugh or voice,
As if all earth, hot sky and tremulous air
A mighty cymbal were!

[392]

XIX

Set the great Flemish hour aflame!
Your senses of all leisure maim!
Cast down with blows that joy even where they hurt
The hands that mock to avert!
Al things pick up to bed that lead ye to
Be naked that ye woo!
Tear up, pluck up, like earth who treasure seek,
When the chest's ring doth peep,
The thoughts that cover thoughts of the acts of heat
This great day does intreat!
Now seem all hands pressing the paps as if
They meant them juice to give!

Now seem all things pairing on one another,
Hard flesh soft flesh to smother,

And hairy legs and buttocks balled to split
White legs mid which they shift.
Yet these mixed mere thoughts in each mind but speak
The day’s push love to wreak,
The man’s ache to have felt possession.
The woman’s man to have on,
The abstract surge of life clearly to reach
The bodies’ concrete beach.
Yet some work of this doth the real day don.
Now are skirts lifted in the servants’ hall,
And the whored belly’s stall
Ope to the horse that enters in a rush,
Half late, too near the gush.
And even now doth an elder guest emmesh
A flushed young girl in a dark nook apart,
And leads her slow to move his produced flesh.
Look how she likes with something in her heart
To feel her hand work the protruded dart!

[393]

XX

But these are thoughts or promises or but
Half the purpose of rut,
And this is lust thought-of or futureless
Or used but lust to ease.
Do ye the circle true of love pretend,
And, what Nature, intend!
Do ye actually ache
The horse of lust by reins of life to bend
And pair in love for love’s creating sake!
Bellow! Roar! Stallions be or bulls that fret
On their seed’s hole to get!

Surge for that carnal complement that will
Your flesh’s young juice thrill
To the wet mortised joints at which you meet
The coming life to greet,
In the tilled womb that will bulge till it do
The plenteous curve of spheric earth renew!

[394]

XXI

And ye, that wed to-day, guess these instincts
Of the concerted group in hints
Yourselves from Nature naturally have,
And your good future brave!
Close lips, nude arms, felt breasts and organ mighty,
Do your joy’s night work rightly!
Teach them these things, O day of pomp of heat!
Leave them in thoughts suvh as must make the feat
Of flesh inevitable and natural as
Pissing when wish doth press!
Let them cling, kiss and fit
Together with natural wit,
And let the night, coming, teach them that use
For youth is in abuse!
Let them repeat the link, and pour and pour
Their pleasure till they can no more!
Ay let the night watch over their repeated
Coupling in darkness, till thought’s self, o’erheated,
Do fret and trouble, and sleep come on hurt frames,
And, mouthing each one’s names,
They in each other’s arms dream still of love
And something of it prove!
And, if they wake, teach them to recommence,
For an hour was far hence;
Till their contacted flesh, in heat o’erblent

With joy, sleep sick, while, spent
The stars, the sky pale in the East and shiver
Where light the night doth sever,
And with clamour of joy and life’s young din
The warm new day come in.

Lisbon, 1913

[395]

Separated from thee, treasure of my heart,
By earth despised, from sympathy free,
Yet winds may quaver and hearts may waver,
I’ll never forget thee.
Soft seem the chimes of boyhood sweet
To one who is no more free,
But let winds quaver and men’s hearts waver,
I’ll never forget thee.
In a dim vision, from school hailing
Myself a boyish form, I see,
And winds have quavered and men’s hearts wavered.
But I’ll [have] not forgotten thee.
Since first thy form divine I saw,
While from school I came with glee,
Winds have quavered and men’s hearts wavered,
But I’ve [not] forgotten thee.
Since a simple boyish passion
I entertained for thee [,]
Though winds have quavered and men’s hearts wavered,
I’ve [not] forgotten thee.
The stars shine bright, the moon looks love,
From over the moonlit sea,
Winds have quavered and men’s hearts wavered
And thou hast forgotten me.
Separated from thee, treasure of my heart,
By earth despised, from sympathy free,

Yet [winds] may quaver and hearts may waver,
But I'll never forget thee.

May[th] 12 1901

ANAMNESIS

[396]

Somewhere where I shall never live
    A palace garden bowers
Such beauty that dreams of it grieve.
There, lining walks immemorial,
    Great antenatal flowers
My lost life before God recall.
There I was happy and the child
    That had cool shadows
Wherein to feel sweetly exiled.
They took all these true things away.
    O my lost meadows!
My childhood before Night and Day!

ALGUNS POEMAS DE " THE MAD FIDDLER" E OUTROS POEMAS DIVERSOS

THE ABYSS

[397]

Between me and my consciousness
Is an abyss
At whose invisible bottom runs
The noise of a stream far from suns,

Whose very sound is dark and cold -
    Ay, on some skin of our soul's deeming,
Cold and dark and terribly old,
    Itself, and not in its told seeming.

My hearing has become my seeing
    Of that placelessly sunken stream.
Its noiseless noise is ever freeing
    My thought from my tought's power to dream.
Some dread reality belongs

To that stream of mute, abstract songs
That speak of no reality
But of its going to no sea.

Lo! with the eyes of my dreamed hearing
I hear the unseen river bearing
Along to where it goes not to
    All things my thought is made of — Thought
Itself, and the World, and God, who
    On that impossible stream float.

Ay, the ideas of God, of World,
    Of Myself and of Mystery,
As from some unknown rampart, hurled,
    Go down with that stream to that sea
It has not and shall never reach
    And belong to its nightbound motion.
Yet oh for that sun on the beach
Of that unattainable ocean!

THE END

[398]

God knows. Lie we to sleep
    Contentedly somehow,

Smiling that we did weep,
    As at an overthrow
Of kingdoms the stars, deep
    In silence, smile nor know.

God knows. And an He knew not
    And were not, what of it?
No matter that we do not
    Our life with living fit.
Glad to have sleep and tears,
    Lullaby to our fears!

MEANTIME

[399]

Far away, far away.
    Far away from here…
There's no running after joy
    Or away from fear,
    Far away from here.
Her lips were not very red
    Nor her hair quite gold.
Her hands played with rings.
    She did not let me hold.
    Her hands playing with gold.
She is somewhere past,
    Far away from pain.
Joy can touch her not, nor hope
    Enter her domain,
    Neither love in vain.
Perhaps at some day beyond
    Shadows and light,
She will think of me and make
    All me a delight,
    Far away from sight.

SPELL

[400]

From the moonlit brink of dreams
    I stretch foiled hands to thee,
O borne down other streams
    Than eye can think to see!
O crowned with spirit beams!
    O veiled spirituality!

My dreams and thoughts abate
    Their pennons at thy feet.

O angel born too late
    For fallen man to meet!
In what new sensual state
    Could our twined lives fell sweet?

What new emotion must
    I dream to think thee mine?
What purity of lust?
    O tendrilled as a vine
Around my caressed trust!
    O dreampressed spiritwine!

POEMAS FRANCESES

TROIS CHANSONS MORTES

[401]

I

Vous êtes belle: on vous adore.
Vous êtes jeune: on vous sourit.
Si un amour pourrait éclore
Dans ce Coeur oùrien ne luit.

Ce sourire de ma tristesse
Se tournerait, reflet lointain,
Vers l'or cendré de votre tresse,
Vers Le Blanc mât de votre main.

Mais je n'en fais que ce sourire
Qui sommeille au fond de mês yeux —
Lac froid qui, em vous voyant rire,
S'oublie em um reflet joyeux.

II

J'eus um revê. L'aube
N'a pu soulever
Du frais de as robe
Mon sommeil léger.
En vain toute l'ombre
Jettait sa noirceur.
Mon coeur est plus sombre.
C'était dans mon coeur.

Il est mort. J'existe
Par ce qui m'en vint.
Quoi? J'en suis plus triste…

Ah, ce rêve éteint

Faisait l’heure brève
Et mon coeur moins las…
Quel était ce rêve?
Je ne le sais pas.

III

Si vous m’aimiez un peu?… Par rêve,
Non par amour…
Un rien… L’amour que l’on achève
Est lourd.

Faites de moi un qui vous aime,
Pas qui je suis…
Quand le rêve est beau, le jour même
Sourit.

Que je sois triste ou laid — c’est l’ombre…
Pour que le jour
Vous soit frais, je vous fais ce sombre
Séjour.

[402] 18-6-1915

Aux volets clos de votre revê épanoui
Laisse mon ame avoir son regret vers lês nuits

Le crépuscule est tiède au coeur de nos regrets,
Oisif, comme un jet d’eau incliné dans le vent,
Il se fait dans mon coeur un soir fictif et lent
Fait de l’octroi courbé sur les plus noirs reflets.

Ta voix occupe, peu à peu, les somnolences,
Espaces inconnus entre les atomes de l’heure,
Et sans que nous sachions de quel côté l’on pleure

Le feuillage en torpeur rumine des démences.
Tout être est clos ainsi qu’un coffret de ivoire [sic],
Tout moment tombe comme feuille morte,
Bientôt je n’aurai plus de rivières où boire
L’ivresse dont l’idée comme une brise m’emporte.

Par saccades un souffle attiédi met
Des bas-reliefs de rêve aux attentes de l’heure.
Nous aurons bientôt fait de nos pleurs. Mes regrets
Comme un son finissant dans l’air éteint meurent.

Ma soeur, il est trop tard. Il est toujours trop tard.
Le vent a soulevé les blés parmi mes rêves.
Portez vos mains sur mon coeur las. Il bat et l’art
De se plaindre s’affaiblit à mon attente brève.

Souriez de vos pieds nus posés un moment lucide
Sur les pierres du quai. Ce sera l’épithète
Que Dieu aura trouvé pour votre corps acide
Au palais de notre heure éprise de défaite.

Je me souviens. C’était au bord du fleuve noir.
Les cygnes avaient fui vers des regards des autres.
Notre attitude était celle, triste, d’apôtres
Qui ont perdu leur foi dans les rêves du soir.

Vous étiez toute mise à l’ombre.
Un orgue las Pleurait derrière le paysage interrompu.
Nous nous regardions dans l’ombre où Dieu s’est tu.
Et il n’y avait de bruit qu’une fuite de pas

Vers la mort, et dans l’ombre sonnant toujours plus bas.

[403] 22-11-1935

Le sourire de tes yeux bleus,
Ma blonde.

Je rêve, absent de ce baiser
Où fonde
Mon coeur, un espoir si léger
Qu'il n'ose rien espérer,
Ma blonde.

Peut-être dans un autre tour
Ou ronde
Tu m'aimeras, et rien qu'un jour,
Qu'un baiser, fera tout l'amour,
Ma blonde.

Je n'ai que faire de ces cieux
Du monde
Que parce que les cieux sont bleus

Et font rêver de tes beaux yeux,
Ma blonde.

La lumière, dont l'or riant
M'inonde,
Ne sert qu'à me faire constant
A l'or de tes cheveux absents,
Ma blonde.

Oh, je sais bien que tout destin
Me gronde.
Mais qu'y faire? Je t'aime bien
De mon amour toujours lointain.
Laisse-moi te le dire en vain,
Ma blonde.

POEMAS TRADUZIDOS PARA O PORTUGUÊS

O CORVO
(de Edgar Allan Poe)

[404]

Numa meia-noite agreste, quando eu lia, lento e triste,
Vagos, curiosos tomos de ciências ancestrais,
E já quase adormecia, ouvi o que parecia O som de alguém
[que batia levemente a meus umbrais.
“Uma visita”, eu me disse, “está batendo a meus umbrais. É só
[isto, e nada mais.”

Ah, que bem disso me lembro! Era no frio Dezembro,
E o fogo, morrendo negro, urdia sombras desiguais.
Como eu qu’ria a madrugada, toda a noite aos livros dada
Pra esquecer (em vão!) a amada, hoje entre hostes celestiais —
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais, Mas sem nome aqui
[jamais!

Como, a tremer frio e frouxo, cada reposteiro roxo
Me incutia, urdia estranhos terrores nunca antes tais!
Mas, a mim mesmo infundido força, eu ia repetindo,
“É uma visita pedindo entrada aqui em meus umbrais;
Uma visita tardia pede entrada em meus umbrais. É só isto, e
[nada mais”.

E, mais forte num instante, já nem tardo ou hesitante,
“Senhor”, eu disse, “ou senhora, decerto me desculpais;
Mas eu ia adormecendo, quando viestes batendo,
Tão levemente batendo, batendo por meus umbrais,
Que mal ouvi…”

E abri largos, franqueando-os, meus umbrais. Noite, noite e
[nada mais.

A treva enorme fitando, fiquei perdido receando,
Dúbio e tais sonhos sonhando que os ninguém sonhou iguais.
Mas a noite era infinita, a paz profunda e maldita,
E a única palavra dita foi um nome cheio de ais —
Eu o disse, o nome dela, e o eco disse aos meus ais. Isso só e
[nada mais.

Para dentro estão volvendo, toda a alma em mim ardendo,
Não tardou que ouvisse novo som batendo mais e mais.
“Por certo”, disse eu, “aquela bulha é na minha janela.
Vamos ver o que está nela, e o que são estes sinais.”
Meu coração se distraía pesquisando estes sinais. “É o vento, e
[nada mais.”

Abri então a vidraça, e eis que, com muita negaça,
Entrou grave e nobre um corvo dos bons tempos ancestrais.
Não fez nenhum cumprimento, não parou nem um momento,
Mas com ar solene e lento pousou sobre os meus umbrais,
Num alvo busto de Atena que há por sobre meus umbrais,
Foi, pousou, e nada mais.

E esta ave estranha e escura fez sorrir minha amargura
Com o solene decoro de seus ares rituais.
“Tens o aspecto tosquiado”, disse eu, “mas de nobre e ousado,
Ó velho corvo emigrado lá das trevas infernais!
Dize-me qual o teu nome lá nas trevas infernais.” Disse o corvo,
[“Nunca mais”.

Pasmei de ouvir este raro pássaro falar tão claro,
Inda que pouco sentido tivessem palavras tais.
Mas deve ser concedido que ninguém terá havido
Que uma ave tenha tido pousada nos meus umbrais,
Ave ou bicho sobre o busto que há por sobre seus umbrais,
Com o nome “Nunca mais”.

Mas o corvo, sobre o busto, nada mais dissera, augusto,

Que essa frase, qual se nela a alma lhe ficasse em ais.
Nem mais voz nem movimento fez, e eu, em meu pensamento
Perdido, murmurei lento, “Amigo, sonhos — mortais
Todos — todos já se foram. Amanhã também te vais”. Disse o
[corvo, “Nunca mais”.

A alma súbito movida por frase tão bem cabida,
“Por certo”, disse eu, “são estas vozes usuais,
Aprendeu-as de algum dono, que a desgraça e o abandono
Seguiram até que o entono da alma se quebrou em ais,
E o bordão de desesp’rança de seu canto cheio de ais Era este
[“Nunca mais”.

Mas, fazendo inda a ave escura sorrir a minha amargura,
Sentei-me defronte dela, do alvo busto e meus umbrais;
E, enterrado na cadeira, pensei de muita maneira
Que qu’ria esta ave agoureira dos maus tempos ancestrais,
Esta ave negra e agoureira dos maus tempos ancestrais, Com
[aquele “Nunca mais”.

Comigo isto discorrendo, mas nem sílaba dizendo
À ave que na minha alma cravava os olhos fatais,
Isto e mais ia cismando, a cabeça reclinando
No veludo onde a luz punha vagas sobras desiguais,
Naquele veludo onde ela, entre as sobras desiguais, Reclinar-se-á
[nunca mais!

Fez-se então o ar mais denso, como cheio dum incenso
Que anjos dessem, cujos leves passos soam musicais.
“Maldito!”, a mim disse, “deu-te Deus, por anjos concedeu-te
O esquecimento; valeu-te. Toma-o, esquece, com teus ais,
O nome da que não esqueces, e que faz esses teus ais!” Disse
[o corvo, “Nunca mais”.

“Profeta”, disse eu, “profeta — ou demônio ou ave preta!
Fosse diabo ou tempestade quem te trouxe a meus umbrais,

A este luto e este degredo, a esta noite e este segredo,
A esta casa de ânsia e medo, dize a esta alma a quem atrais

Se há um bálsamo longínquo para esta alma a quem atrais!
[Disse o corvo, “Nunca mais”.

“Profeta”, disse eu, “profeta — ou demônio ou ave preta!
Pelo Deus ante quem ambos somos fracos e mortais.
Dize a esta alma entristecida se no Éden de outra vida
Verá essa hoje perdida entre hostes celestiais,
Essa cujo nome sabem as hostes celestiais!” Disse o corvo,
[“Nunca mais”.

“Que esse grito nos aparte, ave ou diabo!”, eu disse. “Parte!
Torna à noite e à tempestade! Torna às trevas infernais!
Não deixes pena que ateste a mentira que disseste!
Minha solidão me reste!
Tira-te de meus umbrais! Tira o vulto de meu peito e a sombra
[de meus umbrais!” Disse o corvo, “Nunca mais”.

E o corvo, na noite infinda, está ainda, está ainda
No alvo busto de Atena que há por sobre os meus umbrais.
Seu olhar tem a medonha cor de um demônio que sonha,
E a luz lança-lhe a tristonha sombra no chão há mais e mais,
E a minh’alma dessa sombra, que no chão há mais e mais,
[Libertar-se-á… nunca mais!

ANNABEL LEE
(de Edgar Allan Poe)

[405]

Foi há muitos e muitos anos já,
Num reino de ao pé do mar.
Como sabeis todos, vivia lá
Aquela que eu soube amar;
E vivia sem outro pensamento

Que amar-me e eu a adorar.

Eu era criança e ela era criança,
Neste reino ao pé do mar;

Mas o nosso amor era mais que amor —
O meu e o dela a amar;
Um amor que os anjos do céu vieram
a ambos nós invejar.

E foi esta a razão por que, há muitos anos,
Neste reino ao pé do mar,
Um vento saiu duma nuvem, gelando
A linda que eu soube amar;
E o seu parente fidalgo veio
De longe a me a tirar,
Para a fechar num sepulcro
Neste reino ao pé do mar.

E os anjos, menos felizes no céu,
Ainda a nos invejar…
Sim, foi essa a razão (como sabem todos,
Neste reino ao pé do mar)
Que o vento saiu da nuvem de noite
Gelando e matando a que eu soube amar.

Mas o nosso amor era mais que o amor
De muitos mais velhos a amar,
De muitos de mais meditar,
E nem os anjos do céu lá em cima,
Nem demônios debaixo do mar
Poderão separar a minha alma da alma
Da linda que eu soube amar.

Porque os luares tristonhos só me trazem sonhos
Da linda que eu soube amar;

E as estrelas nos ares só me lembram olhares
Da linda que eu soube amar;
E assim ’stou deitado toda a noite ao lado
Do meu anjo, meu anjo, meu sonho e meu fado,
No sepulcro ao pé do mar,
Ao pé do murmúrio do mar.

ULALUME
(de Edgar Allan Poe)

[406]

O céu era lívido e frio,
As folhas de um louro mortal,
As folhas de um seco mortal;
Era noite no outubro vazio
No fim do meu ano fatal;
Era ao pé desse lago sombrio
Na média região ’spectral —
Era perto do pego sombrio
Na fria floresta ’spectral.

Aqui, por uma álea titânica,
Cipréstea, errei com minha alma —
Cipréstea, com Psiquê, minha alma.
Eram dias de mente vulcânica
Como o rio que quente se espalma —
Como a lava que em rio se espalma,
Em fúria sulfúrea e vesânica
Nas últimas terras sem calma —
Que geme com mágoa vesânica
Nas terras extremas sem calma.

Cada um no falar fora frio,
Mas na alma de um gelo mortal —
Na alma dum dolo mortal,
Pois não demos p’lo outubro vazio

Nem p’la noite do ano fatal —
(Ah noite entre todas fatal!),
Nem notamos o lado sombrio
(Que outrora já viramos tal!),
Nem lembramos o pego sombrio
Nem a fria floresta ’spectral.

Mas a noite era já senescente
E os astros sonhavam com dia —
E os astros mostravam o dia,
Quando um baço luzir liquescente
Ao fim do caminho surgia,
E da luz se formou um crescente
Que com pontas distintas luzia —
O de Astarte subido crescente
Com as pontas agudas luzia.

E eu disse, “Ela é a lua em verão,
Num éter de ardor a boiar;
Vai num éter de ardor a boiar.
Viu que as lágrimas não poderão
Nestas faces comidas secar,
E as estrelas passou do Leão
O caminho do céu a mostrar —
A paz que há nos céus a mostrar;
Veio aqui apesar do Leão
Nos trazer o amor no olhar —
Através da caverna do Leão
Com amor no seu lúcido olhar”.
Mas Psiqué, erguendo seu dedo,
Disse, “Nada a esta estrela me dou —
A seu pálido ser me não dou.
Não tardeis! Não tardeis! Vinde cedo
Para longe, onde a alma está só”.
Falou pálida e triste, e, com medo

Suas plumas roçaram no pó,
Tristemente roçaram no pó.
Respondi: “Isto é sonho somente.
Que nos guie esta trêmula luz!
Que nos banhe esta nítida luz!
Seu sibílio ’splendor é fulgente
De beleza e ’speranças a flux —
Ah, no ar e na noite ’sta a flux!
Confiemos em sua luzente
Visão que nos certos conduz!

Poderemos confiar na luzente
Visão que nos certos conduz,
Que na noite e no ar ’sta a flux”.

E a Psiqué eu afago e a beijo,
E a tiro da dor que a consume —
Da dúvida e da dor que a consume,
E no fim do caminho nos vejo
Que um sepulcro com porta resume…
Um sepulcro lendário resume.
Perguntei, “Que legenda é que vejo
Que esta lúgubre porta resume?”
E ela disse, “Ulalume! Ulalume!
‘Sta aqui a tua amada Ulalume!”

E o meu ser ficou lívido e frio
Como as folhas de um louro mortal
E exclamei, “Era o outubro vazio,
E *esta* noite do ano fatal,
Que aqui vim, aqui vim afinal,
Que aqui trouxe este fardo final!
Nesta noite de todas fatal

Que demônio me trouxe afinal?
Ah, conheço este lago sombrio,

Esta média região ’spectral!
Bem conheço este pego sombrio
E esta fria floresta ’spectral!”

DA ANTOLOGIA GREGA
(da versão inglesa de W. R. Pation)

[407] 1922

VI.1

Eu, cuja beleza altiva sorriu-se da Grécia,
Laís, a cuja porta eram enxame os amantes,
O espelho em que me via, hoje a Afrodite dedico
Não quero ver-me qual sou, não posso ver-me qual fui.

Platão

VII. 20

Apagaste, velho Sófocles, flor dos poetas, cuja
Fronte vós, purpúreos cachos de Baco, orlais.

Anônimo

V. 81

Tu, que trazer rosas, é rosas o encanto que trazes.
O que é que vendes? a ti? às rosas? ou às rosas a ti?

Dionísio, o Sofista

VII. 16

O túmulo contém os ossos e o nome mudo
De Safo, suas palavras hábeis são imortais.

Pinito

V. 80

Maçã sou. Quem te ama atira-me a ti.
Xantipe, consente. Ambas feneceremos.

Platão

VII. 441

Tu as altas de Naxos, Megátimo e Aristofone
Colunas, ó grande terra, tens por debaixo de ti.

Arquíloco

VII. 469

Anaxágoras a Eubolo gerou, excedido por todos
Em destino, e que a todos em boa fama excedeu.

Queremão

V.34

Zeus comprou Dânea com ouro; com o ouro te compro.
Queres tu que te dê mais do que Júpiter deu?

Parmenião

HINO A PÃ
(de Mestre Therion)

[408]

Vibra do cio sutil da luz,
Meu homem e afã!
Vem turbulento da noite a flux
De Pã! Iô Pã!
Iô Pã! Iô Pã! Do mar de além
Vem da Sicília e da Arcádia vem!
Vem como Baco, com fauno e fera
E ninfa e sátiro à tua beira,
Num asno lácteo, do mar sem fim

A mim, a mim!
Vem com Apolo, nupcial na brisa
(Pegureira e pitonisa),
Vem com Ártemis, leve e estranha,
E a coxa branca, Deus lindo, banha
Ao luar do bosque, em marmóreo monte,

Manhã malhada da âmbrea fonte!
Mergulha o roxo da prece ardente
No ádito rubro, no laço quente,
A alma que aterra em olhos de azul
O ver errar teu capricho exul
No bosque enredo, nos nós que espalma
A árvore viva que é espírito e alma
E corpo e mente — do mar sem fim
(Iô Pã! Iô Pã!),
Diabo ou deus, vem a mim, a mim!
Meu homem e afã!
Vem com trombeta estridente e fina
Pela colina!
Vem com tambor a rufar à beira
Da primavera!
Com frautas e avenas vem sem conto!
Não estou eu pronto?
Eu, que espero e me estorço e luto
Com ar sem ramos onde não nutro
Meu corpo, lasso do abraço em vão,
Áspide aguda, forte leão —
Vem, está vazia
Minha carne, fria
Do cio sozinho da demônia.
À espada corta o que ata e dói,
Ó Tudo-Cria, Tudo-Destrói!
Dá-me o sinal do Olho Aberto,
E da coxa áspera o toque erecto,
E a palavra do Louco e do Secreto,
Ó Pã! Iô Pã!
Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã Pã! Pã,
Sou homem e afã:
Faze o teu querer sem vontade vã,

Deus grande! Meu Pã!
Iô Pã! Iô Pã! Despertei na dobra

Do aperto da cobra.
A águia rasga com garra e fauce;
Os deuses vão-se;
As feras vêm. Iô Pã! A matado,
Vou no corno levado
Do Unicornado.
Sou Pã! Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã!
Sou teu, teu homem e teu afã,
Cabra das tuas, ouro, deus, clara
Carne em teu osso, flor na tua vara.
Com patas de aço os rochedos roço
De solstício severo a equinócio.
E raivo, e rasgo, e roussando fremo,
Sempiterno, mundo sem termo,
Homem, homúnculo, ménade, afã,
Na força de Pã.
Iô Pã! Iô Pã Pã! Pã! Iô Pã!

CATARINA A CAMÕES
(de Elizabeth Barret Browning)

[409]

I

Pra a porta onde não surges nem me vês
Há muito tempo que olho já em vão.
A esperança retira o seu talvez;
Aproxima-se a morte, mas tu não.
Amor, vem
Fechar bem
Estes olhos de que dissestes ao vê-los:
O lindo ser dos vossos olhos belos.

II

Quando te ouvi cantar esse bordão
Nos meus de primavera alegres dias;

Todo alheio louvar tendo por vão
Só dava ouvidos ao que tu dizias
— Dentro em mim
Dizendo assim:
“Ditosos olhos de que disse ao vê-los:
O lindo ser dos vossos olhos belos.”

III

Mas tudo muda. Nesta tarde fria
O sol bate na porta sem calor.
Se estivesse aí murmuraria
Como dantes tua voz — “amo-te, amor”;
A morte chega
E já cega
Os olhos que ontem eram teus desvelo
O lindo ser dos vossos olhos belos.

IV

Sim. Creio que se a vê-los te encontrasses
Agora, ao pé do leito em que me fino,
Ainda que a beleza lhes negasses,
Só pelo amor que neles eu defino

Com verdade
E ansiedade
Repetirias, meu amor, ao vê-los:
O lindo ser dos vossos olhos belos.

V

E se neles pusesse teu olhar
E eles pusessem seu olhar no teu,
Toda a luz que começa a lhes faltar
Voltaria de pronto ao lugar seu.

Com verdade

E ansiedade
Dir-se-ia como tu disseste ao vê-los:
O lindo ser dos vossos olhos belos.

VI

Mas — ai de mim! — tu não me vês senão
Nos pensamentos teus de amante ausente,
E sorrindo talvez, sonhando em vão,
Trás o abanar do leque levemente;
E, sem pensar,
Em teu sonhar
Iras talvez dizendo sempre ao vê-los:
O lindo ser dos vossos olhos belos,

VII

Enquanto o meu espírito se debruça
Do meu pálido corpo sucumbido,
Ansioso de saber que falas usa
Teu amor pra meu espírito ferido,
Poeta, vem
Mostrar bem
Que amor trazem aos olhos teus desvelos
— *O lindo ser dos vossos olhos belos*.

VIII

Ó meu poeta, ó meu profeta, quando
Destes olhos louvaste o lindo ser,
Pensaste acaso, enquanto ias cantando,
Que isso já estava prestes de morrer?
Seus olhares
Deram-te ares
De que breve podias não mais vê-los,
O lindo ser dos vossos olhos belos.

IX

Ninguém responde. Só suave, defronte,
No pátio a fonte canta em solidão,
E como água no mármore da fonte,
Do amor pra a morte cai meu coração.
E é da sorte
Que seja a morte
E não o amor, que ganhe os teus desvelos
— *O lindo ser dos vossos olhos belos!*

X

E tu nunca virás? Quando eu me for
Onde as doçuras estão escondidas,
E onde a tua voz, ó meu amor,
Não me abrirá as pálpebras descidas,
Dize, amo meu,
“O amor, morreu!”
Sob o cipreste chora os teus desvelos
— *O lindo ser dos vossos olhos belos*.

XI

Quando o angelus toca à oração,
Não passarás ao pé deste convento,
Lembrando-te, a chorar, do cantochão
Que anjos nos traziam do firmamento?
No ardor meu
Eu via o céu
E tu: “O mundo é vil, ó meus desvelos,
Ao lindo ser dos vossos olhos belos?”

XII

Devagar quando, do palácio ao pé,
Cavalgares, como antes, suave e rente,
E ali vires um rosto que não é
O que vias ali antigamente,

Dirás talvez
“Tanta vez
Me esperaste aqui, ó meus desvelos
Ó lindo ser dos vossos olhos belos!”

XIII

Quando as damas da corte, arfando os peitos,
Te disserem, olhando o gesto teu,
“Canta-nos, poeta, aqueles versos feitos
Àquela linda dama que morreu”,
Tremerás?
Calar-te-ás?
Ou cantarás, chorando, os teus desvelos
— *O lindo ser dos vossos olhos belos?*

XIV

“Lindo ser de olhos belos!” Suaves frases
E deliciosas quando eu as repito!
Cem poesias outras que cantasses,
Sempre nesta a melhor terias dito.
Sinto-a calma
Entre a minha alma
E os rumores da terra? pesadelos:
— *O lindo ser dos vossos olhos belos*.

XV

Mas reza o padre junto à minha face,
E o coro está de joelhos todo em prece,
E é forçoso que a alma minha passe
Entre cantos de dor, e não como esse.
Miserere
P’los que fere
O mundo, e pra Natércia, os teus desvelos
— *O lindo ser dos vossos olhos belos*.

XVI

Guarda esta fita que te mando
(Tirei-a dos cabelos para ti).
Sentir-te-ás, quando o teu choro arda,
Acompanhado na tua dor por mi;
Pois com pura
Alma imperjura
Sempre do céu te olharão teus desvelos
— *O lindo ser dos vossos olhos belos*.

XVII

Mas agora, esta terra inda os prendendo,
Desses olhos o brilho é inda alado…
Amor, tu poderás encher, querendo,
Teu futuro de todo o meu passado,
E tornar
A cantar
A outra dama ideal dos teus desvelos:
O lindo ser dos vossos olhos belos.

XVIII

Mas que fazeis, meus olhos, ó perjuros!
Perjuros ao louvor que ele vos deu,
Se esta hora mesmo vos não mostrais puros
De lágrima que acaso vos encheu?
Será forte
Choro ou morte
Se indignos os tornar de teus desvelos
— *O lindo ser dos vossos olhos belos*.

XIX

Seu futuro encherá meu ’spírito alado
No céu, e abençoá-lo-ei dos céus.
Se ele vier a ser enamorado

De olhos mais belos do que os olhos meus,
O céu os proteja,
Suave lhes seja
E possa ele dizer, sincero, ao vê-los:
— *O lindo ser dos vossos olhos belos*.

GODIVA
(de Alfred Tennyson)

[410]

Esperando o comboio em Coventry,
Entre guardas e *grooms* olhei, da ponte,
Os campanários três, e aí dei forma
À antiga lenda da cidade assim:
Não só nós, frutos últimos do tempo
Que, num girar da roda, do passado
Rimos, e que falamos de injustiças
E direitos, amamos bem o povo
E odiamos vê-lo sobretributado.
Mais fez e suportou e dominou
Essa mulher de há anos mil, Godiva,
Esposa desse duro conde que era
Senhor de Coventry: porque, quando ele
Lançou impostos na cidade, e as mães
Com os filhos vieram e clamaram
“Se pagamos, há fome” procurou-o
Onde entre cães sozinho passeava
No salão, com a barba ondeando vasta
E mais vasto o cabelo, e aí falou-lhe
Das lágrimas do povo —“se eles pagam
Há fome”; e ele fitou-a entrepasmado,
E respondeu — “não sacrificarias
À causa destes uma dor de dedos
Decerto?” E ela disse “morreria.”
Ele riu e jurou por Pedro e Paulo,
Brincou com o brinco de brilhantes,

Depois — “sim, sim, sim, falas”. “Ai”, disse ela;
“Mas provai-me o que há que eu não faria.”
De um peito comigo a mão de Esaú rude
Disse ele então —“se queres que retire
O imposto que lancei, cavalga nua
Através da cidade” e, desdenhoso,
Com largos passos entre os cães saiu.
Só, então, as paixões de sua alma,
Como ventos que mudam e se opõem
Até que venceu a compaixão. Mandou
Um arauto anunciar, trombeteando,
A dura condição, mas que ela iria
Para isentar o povo; e pelo amor

Que lhe tivessem, até ao meio-dia
Ninguém pisasse a rua, nem olhasse,
Passando ela, ninguém saísse,
Fechadas todas as portas e janelas.
Então no seu mais íntimo aposento,
As águias presas desligou do cinto,
Dom do conde, parando a cada instante,
Qual lua no verão meio-encoberta :
Ondeando até o joelho desprendeu
O cabelo; depois, despiu-se à pressa,
E, deslizando pela escadaria,
Como um raio de sol furtivo, foi
De coluna a coluna até chegar
Ao portão, e ao cavalo ajaezado
Em púrpura com o ouro dos brasões.
Vestida de pureza foi, e ao ar
Parecia escutar em torno de ela,
E o vento mal soprava, de receio.
As pequenas cabeças de repuxo
Tinham para ela olhos, o rafeiro
Ladrando enrubescia-a, o trotear
Do cavalo pulsava-lhe em horror

Nas veias; a cegueira das paredes
Era cheia de fendas, e de cima
Apinhadas, as telhas espreitavam;
Mas ela tudo suportou, até
Que por fim viu nos campos, através
Das góticas arcadas na parede
O branquear da flor no sabugueiro.
Voltou então, vestida de pureza:
E um vilão lama desagradecida
Proverbio ignóbil e vindouros anos
A medo verrumando a porta, olhou
Mas os seus olhos, inda sem ter visto
Murcharam-lhe nas órbitas, caindo
Ante ele. Assim quem guarda os nobres d’alma,
Apagou um sentido mal-usado,
E ela seguiu, insciente: então, a um tempo,
Com doze badaladas sonorosas,
De cem torres voo o meio-dia
Lentamente, e ela só então entrou
No quarto, d’onde, de coroa e vestes

Nobres saindo em bem, e ao encontro
Indo do seu Senhor, tirou o imposto
E ganhou para si um nome eterno.

LUCY
(de William Wordsworth)

[411]

De ínvias fontes ao pé vivia ela,
E de escusos caminhos;
Ninguém dava louvores à donzela,
Muito poucos, carinhos;

Uma violeta de uma pedra ao pé,
Meio oculta ao olhar!

— Bela como uma estrela quando é
A única a brilhar!

Viveu só. Pouca gente saberia
Quando foi seu fim;
Mas está morta, morta, e — oh agonia! —
A diferença pra mim!…

Três anos, noite e dia, cresceu ela,
E a natureza disse: “Flor mais bela
Nunca a terra antes tinha”;
Tomarei para mim esta criança,
E farei dela, com sutil mudança
Uma senhora minha.

“À minha predileta impulso e lei
Saberei ser, e ao pé de mim farei
Que ela possa sentir
Em céu e terra, na floresta ou mar,
Um Supremo Poder para a animar
Ou para dirigir.

“Ela alegre será como a donzela
Que corre louca pelo prado, ou pela
Fria montanha aérea;
Dela será a fresca e simples alma,

Cheia de grave e silenciosa calma
Das coisas da matéria.
“Às nuvens dar-lhe-ão a sua graça,
E o vime a sua, quando o venta passa;
Nem lhe será escuro
Na própria tempestade o ritmo informe
Que em beleza o seu corpo vigem forme
Por um influxo obscuro.

“As estrelas da noite ser-lhe-ão caras,
O ouvido inclinará para as fontes claras,
    E onde a aragem passe
E os cantos dos rivais riachos misture-os;
E a beleza nascida dos murmúrios
    Passar-lhe-á para a face.

“E vitais sentimentos de alegria
Dar-lhe-ão a graça desenvolta e esguia,
    E à tez suave matiz;
Darei a Lucy estes pensamentos,
E viveremos límpidos momentos
    Nesta estância feliz.”

E a natureza fez como falou. —
Mas ah! quão cedo Lucy nos deixou!
    Morreu, deixou-me cá
Este prado, esta calma que me dói,
A memória de tudo quanto foi
    E nunca mais será.

Um sono o meu espírito fechava
Pra receios humanos;
Ela parecia coisa já não escrava
Do contato dos anos.

Já não ouve nem vê, nem força nua
    Ou movimento encerra;
Arrastada com a rocha e a erva sua
    Na rotação da terra.

FERNANDO PESSOA.

Nome completo: Fernando Antonio Nogueira Pessoa.

Edade e naturalidade: Nasceu em Lisboa, freguezia dos Martyres, no predio nº 4 do Largo de S. Carlos (hoje do Directorio) em 13 de Junho de 1888.

Filiação: Filho legitimo de Joaquim de Seabra Pessoa e de D. Maria Magdalena Pinheiro Nogueira. Neto paterno do General Joaquim Antonio de Araujo Pessoa, combatente das campanhas liberaes, e de Dª Dionysia Seabra; neto materno do Conselheiro Luiz Antonio Nogueira, jurisconsulto e que foi Director Geral do Ministerio do Reino, e de D. Magdalena Xavier Pinheiro. Ascendencia geral - mixto de fidalgos e de judeus.

Estado: Solteiro.

Profissão: A designação mais propria será "traductor", a mais exacta a de "correspondente estrangeiro em casas commerciaes". O ser poeta e escriptor não constitue profissão, mas vocação.

Morada: Rua Coelho da Rocha, 16, 1º, dto., Lisboa. (Endereço postal - Caixa Postal 147, Lisboa).

Funcções sociaes que tem desempenhado: Se por isso se entende cargos publicos, ou funcções de destaque, nenhumas.

Obras que tem publicado: A obra está essencialmente dispersa, por emquanto, por varias revistas e publicações occasionaes. O que, de livros ou folhetos, considera como válido, é o seguinte: "35 Sonnets" (em inglez), 1918; "English Poems I-II" e "English Poems III" (em inglez tambem), 1922, e o livro "Mensagem", 1934, premiado pelo Secretariado de Propaganda Nacional, na categoria "Poema". O folheto "O Interregno", publicado em 1928, e constituindo uma defesa da Dictadura Militar em Portugal, deve ser considerado como não existente. Ha que rever tudo isso e talvez que repudiar muito.

---

*Nota biográfica datada de 30 de março de 1935. Reprodução do original datiloscrito por Fernando Pessoa.

Educação: Em virtude de, fallecido seu pae em 1893, sua mãe ter casado, em 1895, em segundas nupcias, com o Commandante João Miguel Rosa, Consul de Portugal em Durban, Natal, foi allá educado. Ganhou o prémio Rainha Victoria de estylo inglez na Universidade do Cabo da Boa Esperança em 1903, no exame de admissão, aos 15 annos.

Ideologia politica: Considera que o systema monarchico seria o mais proprio para uma nação organicamente imperial como é Portugal. Considera, ao mesmo tempo, a Monarchia completamente inviavel em Portugal. Por isso, a haver um plebiscito entre regimens, votaria, embora com pena, pela Republica. Conservador do estylo inglez, isto é, liberal dentro do conservantismo, e absolutamente anti-reaccionario.

Posição religiosa: Christão gnostico, e portanto inteiramente opposto a todas as Egrejas organizadas, e sobretudo á Egreja de Roma. Fiel, por motivos que mais adeante estão implicitos, á Tradição Secreta do Christianismo, que tem intimas relações com a Tradição Secreta em Israel (a Santa Kabbalah) e com a essencia occulta da Maçonaria.

Posição iniciatica: Iniciado, por communicação directa de Mestre a Discipulo, nos tres graus menores da (apparentemente extincta) Ordem Templaria de Portugal.

Posição patriotica: Partidario de um nacionalismo mystico, de onde seja abolida toda infiltração catholica-romana, creando-se, se possivel fôr, um sebastianismo novo, que a substitua espiritualmente, se é que no catholicismo portuguez houve alguma vez espiritualidade. Nacionalista que se guia por este lemma: "Tudo pela Humanidade; nada contra a Nação".

Posição social: Anti-communista e anti-socialista. O mais deduz-se do que vae dito acima.

Resumo de estas ultimas considerações: Ter sempre na memoria o martyr Jacques de Molay, Grão Mestre dos Templarios, e combater, sempre e em toda a parte, os seus tres assassinos - a Ignorancia, o Fanatismo e a Tyrannia.

Lisboa, 30 de Março de 1935. Fernando Pessoa

Direção geral
Antônio Araújo

Direção editorial
Daniele Cajueiro

Editora responsável
Janaína Senna

Produção editorial
Adriana Torres
Mônica Surrage

Revisão
Aline Oliveira
Débora Castro
Eduardo Carneiro
Mariana Teixeira
Marianna Soares
Sabrina Primo

Projeto gráfico e diagramação
Futura

Capa
Maquinaria Studio

Imagens da capa
Jennifer Borton – iStockPhoto
Surasaki – iStockPhoto
Fernando Pessoa na Baixa, Lisboa. 1920-1935.
Círculo de Leitores, Fernando Pessoa
Obra Poética, Vol. I – Wikimedia Commons

Este livro foi impresso em 2016 para a Nova Fronteira.

Direção geral
Antônio Araújo

Direção editorial
Daniele Cajueiro

Editora responsável
Janaína Senna

Produção editorial
Adriana Torres
Mônica Surrage

Revisão
Aline Oliveira
Débora Castro
Eduardo Carneiro
Mariana Teixeira
Marianna Soares
Sabrina Primo

Projeto gráfico e diagramação
Futura

Capa
Maquinaria Studio

Imagem da capa
Jennifer Borton – iStockPhoto
Surasaki – iStockPhoto
Fernando Pessoa na Baixa, Lisboa. 1920-1935.
Círculo de Leitores, Fernando Pessoa
Obra Poética, Vol. I – Wikimedia Commons

Este livro foi impresso em 2016, pela RR Donnelley, para a Nova Fronteira.

[1] Publicado em Presença, n.° 30, Lisboa, jan-fev. 1931.
[2] Carta endereçada a João Gaspar Simões no dia 18 de novembro de 1930.